

Le Ciel
et l'Enfer

OBRA ORIGINAL

**O CÉU E
O INFERNO**

*A Justiça Divina Segundo
o Espiritismo*

Le Ciel et l'Enfer

O CÉU E O INFERNO

*A justiça divina segundo o
Espiritismo*

• CONFORME O TEXTO ORIGINAL DA PRIMEIRA EDIÇÃO DE 1865 •

Contendo

O exame comparativo das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, as penas e recompensas futuras, os anjos e demônios, as penas eternas etc., seguido de numerosos exemplos da situação real da alma durante e após a morte

por Allan Kardec

 **feal**
Fundação Espírita André Luiz

São Paulo, 2021

© 1865, Allan Kardec

Fundação Espírita André Luiz (Feal)
Rua Duarte de Azevedo, 728 – Santana
02036-022 – São Paulo – SP
(11) 4964-4700 – editorial@feal.com.br

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio ou processo eletrônico, digital, somente será permitida com a autorização por escrito da editora. (Lei nº 9.610, de 19.02.1998.)

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da FEAL.

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo.

Diretoria editorial: José Antonio Lombardo, Eliana Miranda Ivano e Vanilson Aguiar
Gerente editorial: Karen Pereira
Pesquisa: CDOR, Conde Fouá e Cristina Sarraf
Preparação: Tullio Kawata
Revisão:
Produção Editorial: Johannes Christian Bergmann
Projeto gráfico: Leonardo Lopes
Capa e imagens de capa: Matheus Rocha

*Eu juro por mim mesmo, diz o Senhor Deus,
que não quero a morte do ímpio,
mas que o ímpio se converta,
que deixe o mau caminho e que viva.
(Ezequiel, 33: 11)*

Sumário

Apresentação	4
Prefácio do Tradutor	5
Prefácio.	9

Primeira Parte: Doutrina

Capítulo I. O futuro e o nada	20
Capítulo II. O medo da morte	33
Capítulo III. O Céu	44
Capítulo IV. O Inferno.	65
Capítulo V. Quadro comparativo do Inferno pagão e do Inferno cristão.	76
1° Inferno pagão	76
2° Inferno cristão.	87
Capítulo VI. O Purgatório	101
Capítulo VII. Doutrina das penas eternas	111
I.	111
II	120
III.	127
IV.	129
V	133
Capítulo VIII. As penas futuras segundo o Espiritismo	138
Capítulo IX. Os anjos	156

Capítulo X. Os demônios	175
Capítulo XI. Intervenção dos demônios nas manifestações modernas	206
Capítulo XII. Da proibição de evocar os mortos	237

Segunda Parte: Exemplos

Capítulo I. O passamento	255
Capítulo II. Espíritos felizes	268
Sr. Sanson.	268
Sr. Jobard	285
Samuel Philippe	293
Sr. Van Durst	300
Sixdeniers.	303
Dr. Demeure	309
Sra. viúva Foulon (nascida Wollis)	318
Um médico russo	331
Bernardin	336
A condessa Paula	338
Jean Reynaud	344
Antoine Costeau	350
Senhorita Emma	355
Dr. Vignal.	358
Victor Lebufle	362
Sra. Anaïs Gourdon.	366
Maurice Gontran	368
Capítulo III. Espíritos em condição mediana	374
Joseph Bré	374
Sra. Hélène Michel	377
O marquês de Saint-Paul	379
Sr. Cardon, médico	383
Éric Stanislas	391
Sra. Anna Belleville	394
Capítulo IV: Espíritos sofredores	403
O castigo	403
Novel	406

Auguste Michel	408
Lamentos de um boêmio	412
Lisbeth	415
Príncipe Ouran	421
Pascal Lavic	425
Ferdinand Bertin	428
François Riquier	435
Claire	437
Capítulo V: Suicidas	452
O Suicida da Samaritana	452
O pai do alistado	457
François-Simon Louvet	461
Uma mãe e seu filho	463
Suicídio duplo, por amor e dever	468
Louis e a costureira de calçados	474
Um ateu	479
Sr. Félicien	489
Antoine Bell	495
Capítulo VI. Criminosos arrependidos	501
Verger	501
Lemaire	507
Benoist	512
Um espírito confinado	517
Jacques Latour	529
Capítulo VII. Espíritos endurecidos	552
O castigo pela luz	552
Angèle, nulidade sobre a Terra	560
Um espírito entediado	565
Uma ex-rainha da Índia	569
Xumène	573
Capítulo VIII. Expições terrestres	578
Marcel, o menino do nº 4	578
Szymel Slizgol	583
Julienne-Marie, a mendiga	591
Max, o mendigo	598

História de um criado602
A pena de talião606
Sr. Letil.612
Um médico ambicioso617
Um deficiente mental620
Adélaïde-Marguerite Gosse627
Clara Rivier630
Françoise Vernhes635
Anna Bitter.638
Um espírito cego643

Apresentação

O lançamento desta inédita tradução da 1ª edição original de *O Céu e o Inferno, ou a justiça divina segundo o Espiritismo* pela editora FEAL (Fundação Espírita André Luiz) é a mais importante etapa no processo de restabelecimento do Espiritismo e de sua proposta original resultante do avanço historiográfico que atualmente vivenciamos. Foi nessa obra que Allan Kardec apresentou a elaboração final da teoria moral espírita. Essa doutrina está demonstrada em forma de tese em sua primeira parte, resumida no capítulo VIII, sendo validada pelos exemplos da segunda parte.

Em *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec apresenta as diferenças entre a metafísica do velho mundo, que era dogmática, a metafísica elaborada pelos filósofos e pensadores e, por fim, a metafísica experimental do Espiritismo, quando as leis gerais da moral são deduzidas dos milhares de comunicações dos espíritos nas mais diversas fases evolutivas. Em seguida, apresenta sua moral da liberdade, moral da autonomia, lei universal do mundo espiritual.

Pouco após o lançamento do livro, Kardec realizou um trabalho mediúnico privativo, no dia 8 de outubro de 1865, quando registrou as falas do sonâmbulo lúcido Sr. Morin, que serviu de instrumento para a comunicação:

Pergunta: – Vejamos, agora que já passou algum tempo desde a publicação do meu último livro *O Céu e o Inferno*, conte-me um pouco qual impressão foi produzida no público?

R. – Do número total de vendas, há bem um terço e ainda mais nas mãos dos jesuítas. Não se sabe por onde atacá-lo; eles estão muito confusos. São pegos e chicoteados com seu próprio chicote. [Eles pensam:] “É apenas o texto do nosso ensino [que Kardec cita], não podemos dizer nada”. Com a pena à mão, atacam a segunda parte da obra [Exemplos], mas quando se trata de falar da primeira [Doutrina], dizem: impossível! É muito difícil refutá-la; é tão difícil que roem as unhas e as dos jesuítas estão tão mordidas que, de tigres, transformaram-se em gatinhos acuados. Há um grande sentimento de medo manifestado pelo silêncio geral. Eles temem, mas não saberiam renunciar a um domínio que é sua ruína, a todas essas reverências dadas a todos esses [que se consideram] reverendos, a seu orgulho e suas riquezas. E, no entanto, fazem concessões duras e, ainda sem ver todo o perigo, pressentem a catástrofe. Cada uma das suas palavras, [Kardec], cada um dos escritos que saem da sua pena são firmes demais e expressam uma convicção profunda demais para se supor! [O que fizeram os jesuítas?] Apenas, eles o examinaram bem, o estudaram profundamente, introduziram pessoas próximas a você que os informaram sobre tudo. (Extrato de manuscrito pertencente a Allan Kardec, CDOR Kempf n. 1865_10_08)

DOCUMENTOS E FATOS DAS ADULTERAÇÕES

Em 2017, com o lançamento de *El legado de Allan Kardec*, a diplomata brasileira Simoni Privato demonstrou documentalmente, após exaustivas pesquisas e confirmando antiga denúncia de Henri Sausse, que a obra *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, de autoria de Allan Kardec, foi adulterada¹ em sua 5ª edição. Isso ocorreu devido ao fato de que esta versão, com novo conteúdo, teve seu depósito legal realizado em

1. Adulteração significa alterar as propriedades originais de algo. Neste caso, a expressão tem o sentido de *contrafação*, que é o desrespeito aos direitos morais do autor pela reprodução de uma obra com alteração não autorizada expressamente por ele.

23/12/1872², mais de três anos após a desencarnação do professor Rivail, em 31/03/1869.

De acordo com o Direito Autoral no mundo inteiro³ e desde a época de Kardec, apenas o autor tem o direito de modificar sua própria obra, razão pela qual o novo conteúdo, surgido e depositado após sua morte, é considerado apócrifo e deve ser descartado. Em vista disso, diversas instituições espíritas internacionais abandonaram a edição falseada de *A Gênese* e passaram a adotar a edição original.

No Brasil, coube à FEAL a tarefa de lançar a edição restaurada da obra, o que ocorreu no histórico dia 26 de maio de 2018⁴, quando, ao mesmo tempo, foi anunciada a abertura do acervo do historiador espírita Canuto Abreu (1892-1980) contendo centenas de manuscritos originais e inéditos de Allan Kardec, que foram confiados ao Centro de Documentação e Obras Raras (CDOR) da FEAL e aos poucos estão sendo divulgados no portal do Projeto Allan Kardec, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Paralelamente, realizaram-se outros esforços para a recuperação histórica em torno do Espiritismo. Em 2016, havia sido lançada a obra *Revolução Espírita: a teoria esquecida de Allan Kardec*, de autoria de Paulo Henrique de Figueiredo, revelando o contexto cultural do surgimento do Espiritismo, quando o conhecimento científico oficial na França e em vários países era espiritualista racional, tratando o ser humano enquanto alma encarnada, por meio da psicologia experimental, sem misticismos ou dogmas. O estabelecimento das ciências filosóficas na universidade e em todo o sistema de en-

2. Conforme documento n. F/18(III)/135, p. 98, de 23/12/1872, sendo o pedido de impressão realizado em 19/12/187, conforme documento n. F/18(II)/141, p. 98. Fonte: Arquivos Nacionais da França.

3. O direito moral do autor é protegido por lei. 172 países são signatários da Convenção de Berna, criada em 9 de setembro de 1886, em Berna, Suíça, sendo esse o diploma internacional de direito autoral mais antigo e adotado no mundo. No Brasil, essa convenção foi promulgada através do Decreto 75.699/75.

4. Contribuindo para o estudo da obra de Allan Kardec, mas sem a informação de que a quinta edição foi adulterada, a Editora do Centro Espírita Léon Denis (CELD), do Rio de Janeiro, lançou a obra *A Gênese*, em julho de 2008, feita com base na 4ª edição. Como da 1ª à 4ª edições Kardec publicou-as com conteúdo idêntico, todas são originais.

sino francês criou condições extremamente favoráveis para o surgimento do Espiritismo. Foi a reação espiritualista. Essa obra também apresenta a tese segundo a qual a teoria moral espírita original era a da autonomia, tema de enormes repercussões doutrinárias e sociais que foi aprofundado em 2019 no livro *Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo*, do mesmo autor.

Tendo surgido a suspeita de adulteração da obra *O Céu e o Inferno ou a justiça divina segundo o Espiritismo*, tomamos a iniciativa de realizar pesquisa *in loco*, o que foi feito por Lucas Sampaio, na cidade de Paris, durante o mês de setembro de 2019, após obter orientações de Simoni Privato, que havia feito a pesquisa anterior e desta vez não poderia viajar. Nos Arquivos Nacionais da França, após longa pesquisa sobre os livros de declarações de impressor e de depósitos legais, ficou provado que a 4ª edição de *O Céu e o Inferno*, contendo profundas alterações doutrinárias, teve sua impressão solicitada em 09/07/1869⁵ e seu depósito legal realizado em 19/07/1869⁶, quase quatro meses após a desencarnação do professor Rivail, o que configurava evidente adulteração.

Felizmente, apenas as duas obras finais, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*, foram adulteradas, e o conteúdo correto e original é o de suas primeiras edições. Todas as outras obras da Codificação, *O Livro dos Espíritos*, *O que é o Espiritismo*, *O Livro dos Médiuns* e *O Evangelho segundo o Espiritismo*, estão absolutamente intactas em suas edições francesas, conforme atestaram os registros oficiais e a comparação dos textos.

O PLANO DE ALLAN KARDEC E O GOLPE NO ESPIRITISMO

Manuscritos inéditos digitalizados em Paris demonstram também que as adulterações nas obras derradeiras somente foram possíveis por conta de um golpe praticado contra o Espiritismo e Amélie Boudet (Madame Allan Kardec), logo após a morte de seu marido.

5. Conforme documento F/18(II)/128, pág. 294, de 09/07/1869, Arquivos Nacionais da França.

6. Conforme documento F/18(III)/124, pág. 117, de 19/07/1869, Arquivos Nacionais da França.

No período final de sua vida, depois da fundação da doutrina espírita, Kardec estava diante de seu conclusivo e não menos importante desafio: estabelecer um projeto para, levando em conta as fraquezas da natureza humana de nosso tempo, perpetuar a organização do Espiritismo numa nova fase, a da direção coletiva. Além disso, necessitava defender a doutrina dos ataques dos inimigos, que se opunham, a maior parte deles, preocupados com a perda de seus privilégios. Era imprescindível impedir os cismas.

O primeiro passo seria estabelecer como condição indispensável uma declaração explícita de cada integrante de que conhece e aceita os conceitos fundamentais da doutrina espírita contidos nas obras de Kardec por meio da universalidade do ensino dos espíritos, para manter a unidade de princípios. Depois, organizar um *comitê central* com autoridade compartilhada em grupo, de modo que os defeitos e equívocos de uns deveriam ser superados pelos valores de outros, e fazendo valer as vantagens das decisões tomadas em grupo, pela sua maioria. Esse grupo menor diretivo seria controlado por outro maior, com representantes dos mais diversos grupos espíritas, reunidos em *assembleia*, com autoridade para resolver questões, determinar diretrizes e conduzir novas pesquisas.

Por fim, enquanto ciência de observação, toda a atividade do movimento espírita deveria dar continuidade às comunicações amplas e variadas com os espíritos, pois essa é a condição estrutural de sua teoria científica, enquanto observação dos fatos que a constituem. A manutenção do diálogo com os espíritos superiores não só preservaria a sua integridade como permitiria o seu desenvolvimento progressivo, como requer todo conhecimento científico. Era necessária a diversidade de grupos, com todos adotando a mesma doutrina, integrando médiuns capacitados e cientes da necessidade de abrir mão de sua personalidade para servir modestamente. Só assim seria possível manter uma rede disponível para a universalidade do ensino dos bons espíritos.

Enfim, pretendia Kardec que cada grupo também tivesse seu comitê, assim como os países, que também teriam suas assembleias regionais e nacionais, que comandariam os comitês centrais, atuando como observatórios, grupos de pesquisa científica, organizados à semelhança de academias científicas, para o desenvolvimento e hegemonia da ciência espírita e sua teoria basilar. Essa era, em linhas gerais, a conclusão do legado de Allan Kardec, para a

conservação e perpetuidade da doutrina espírita, até que fosse compreendida pela humanidade como teoria baseada em leis naturais da psicologia humana.

Ocorre, que, pouco após a desencarnação de seu marido, Amélie Boudet foi convencida a participar da criação de uma empresa puramente comercial, a Sociedade Anônima da caixa geral e central do Espiritismo, e transferir-lhe todos os direitos sobre as obras e o legado de Allan Kardec, como a Livraria Espírita, a *Revista Espírita* e sua lista de assinantes, o que ocorreu no mês de julho de 1869. Acreditava ela que assim seria possível a publicação das obras de seu marido a preços populares.

Todavia, apesar de aportar o equivalente a 62,5% do capital da empresa, Amélie não teria mais qualquer poder sobre esse patrimônio. A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos foi completamente afastada da gestão do Espiritismo. Somente dois proprietários administradores (Armand Desliens e Édouard-Mathieu Bittard) passaram a gerir essa empresa com poderes absolutos. Mais tarde renunciaram para deixar Pierre-Gaëtan Leymarie como único gestor. Agiram praticamente como donos do Espiritismo, de forma autocrática, mercantilista e abandonando o plano de Kardec, o que permitiu a edição e o lançamento das edições adulteradas das duas últimas obras da Codificação, além da divulgação de doutrinas estranhas ao Espiritismo⁷.

OS INIMIGOS INVISÍVEIS E OS REFRATÁRIOS

A quem interessaria adulterar as obras conclusivas de Allan Kardec? Qual o objetivo de tão infame ato? Os espíritos não poderiam prever esse perigo para o estabelecimento do Espiritismo?

Desde 1861, quando de sua viagem para Bordeaux, Kardec vinha sendo prevenido pelos espíritos superiores de que haveria tentativas de causar cisão e desvios no movimento espírita em formação. Ele tornou público esse aviso, lendo ao final da reunião uma mensagem de Erasto alertando:

7. A descrição dos fatos e a apresentação dos documentos originais relativos ao golpe sofrido pelo Espiritismo e por Amélie, após a morte de Kardec, estão relatados no capítulo 4 da 1ª parte do livro *Nem Céu nem inferno: as leis da alma segundo o Espiritismo* (ed. FEAL).

“Não ignoro, e não deveis ignorar não mais, que se empregará de tudo para semear a divisão entre vós; que se procurará armar-vos emboscadas; que se semeará, sobre o vosso caminho, armadilhas de toda sorte; que vos oporão uns aos outros, a fim de fomentar uma divisão e levar a uma ruptura sob todos os aspectos lamentáveis” (*Revista Espírita*, novembro de 1861).

De quem seria a iniciativa prejudicial? Erasto denuncia os inimigos invisíveis como mentores desse ataque, fazendo uso, inclusive, de falsos ensinamentos, contrários à teoria espírita, para desvirtuá-la:

“tereis de lutar (...) sobretudo, contra a turba dos Espíritos enganadores que, encontrando no vosso meio uma rara reunião de médiuns, porque sois melhor aquinhoados sob esse aspecto, virão logo vos atacar: uns com dissertações sabiamente combinadas onde, à custa de algumas piedosas tiradas, insinuarão a heresia ou algum princípio dissolvente; os outros com comunicações abertamente hostis aos ensinamentos dados pelos verdadeiros missionários do Espírito de Verdade”. (*Ibidem*)

Seria preciso manter a união e até mesmo denunciar os causadores de cismas, encarnados ou desencarnados, como lobos entre ovelhas, para preservar a todos. Sobre isso, Erasto recomenda: “não temais nunca então em desmascarar os patifes que, novos Tartufos, se introduzirão entre vós sob a máscara da religião; sede igualmente sem piedade para com os lobos devoradores que se escondem sob peles de ovelhas”. (*Ibidem*)

Aqui estava surgindo, sob o alerta dos espíritos iniciadores do Espiritismo, o desvio da moral autônoma, proposta por Jesus e retomada pela doutrina espírita em seus estudos psicológicos. Era preciso unir todos os esforços para manter a unidade dos princípios espíritas fundamentais, entre eles a caridade desinteressada, a liberdade de pensamento e consciência, a compreensão da lei da escolha das provas, as diferenças entre sofrimento físico e moral, o entendimento de que Deus não premia nem castiga, a reencarnação como meio educativo do espírito, entre tantos outros. Pois os falsos profetas da erraticidade desejavam impor falsos ensinamentos, como as ideias de queda, carma, sofrimento físico como castigo divino.

Os inimigos invisíveis iriam encontrar os indivíduos partidários de seus ideais retrógrados entre os inimigos das ideias de renovação social que o Espiritismo apoia. Kardec os qualificou, num trecho retirado na versão adulterada de *A Gênese*:

“Há, entretanto, os que são essencialmente refratários a essas ideias, mesmo entre os mais inteligentes, e que certamente não as aceitarão, pelo menos nesta existência; em alguns casos, de boa-fé, por convicção; outros por interesse. São aqueles cujos interesses materiais estão ligados à atual conjuntura e que não estão adiantados o suficiente para deles abrir mão, pois o bem geral importa menos que seu bem pessoal – ficam apreensivos ao menor movimento reformador. A verdade é para eles uma questão secundária, ou, melhor dizendo, a verdade para certas pessoas está inteiramente naquilo que não lhes causa nenhum transtorno. Todas as ideias progressivas são, de seu ponto de vista, ideias subversivas, e por isso dedicam a elas um ódio implacável e lhes fazem uma guerra obstinada. São inteligentes o suficiente para ver no Espiritismo um auxiliar das ideias progressistas e dos elementos da transformação que temem e, por não se sentirem à sua altura, eles se esforçam por destruí-lo.” (edição original, p. 407)

Desde a desencarnação do professor Rivail e com a constituição da Sociedade Anônima da caixa geral e central do Espiritismo, desfez-se a estrutura de pesquisa e comunicações entre a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos e os grupos que com ele se comunicavam, tanto por cartas quanto pela *Revista Espírita*. Sem a organização coletiva planejada por Kardec, ruiu também a possibilidade de se utilizar o método da universalidade do ensino dos espíritos superiores, instrumento basilar para um contínuo estabelecimento dos conceitos fundamentais. Enfim, quanto à unidade de princípios, os textos alterados demonstram que esse foi o principal alvo dos adulteradores de suas obras, sobretudo no que toca à moral e à psicologia. Isso porque a teoria moral espírita é autônoma, oposta ao dogmatismo heterônomo das religiões ancestrais e do materialismo.

O melhor entendimento dos fatos ocorridos antes, durante e após a edição de *O Céu e o Inferno*, que explicam os desvios sofridos pelo movimento espírita, exige uma longa exposição que aqui não caberia. Para mais amplos

esclarecimentos, remetemos o leitor à obra *Nem Céu nem inferno – as leis da alma segundo o Espiritismo* (ed. FEAL), de nossa autoria (Paulo Henrique de Figueiredo e Lucas Sampaio).

DA HETERONOMIA À AUTONOMIA

O mundo convive, desde o início da civilização, com a ideia de castigo enquanto instrumento expiatório para oprimir o indivíduo culpado, exaurindo suas resistências, até que, cansado pelo medo, dor e desalento, ele se submeta à vontade alheia, segundo a determinação das leis, caracterizando a regeneração completa do condenado. Dessa forma, a expiação pela pena purgaria sua culpa, purificando-o.

Entre os hebreus, a expiação estava representada pelo sacrifício animal, com a remissão dos pecados pelo sangue. No dogma da Igreja, interpreta-se que Jesus, sacrificado como o cordeiro de Deus, fez expiação pelos pecados da humanidade, reconciliando-a com a divindade.

Assim compreendida a expiação, todo tipo de tortura foi justificada pelo direito canônico durante a Idade Média, culminando com os terríveis suplícios da Inquisição. Os mesmos procedimentos bárbaros foram fundamentados nesse entendimento quando empregados nos castigos, torturas e humilhações aplicadas aos escravos, fossem negros, índios ou de outras etnias, com o objetivo de subjugar-los aos trabalhos forçados e à servidão.

O mesmo princípio foi aplicado em prisões, monastérios, orfanatos, por toda a antiguidade, e mesmo, atenuado ou escondido, em nosso tempo. Nesses casos extremos, quando os acusados eram quase sempre inocentes e vítimas, não havia motivo para remorso, e o resultado do castigo era o endurecimento, a frieza, alienação ou profunda revolta contida no íntimo desses indivíduos pelo pavor diante do castigo interminável.

Nos dogmas de todas as religiões ancestrais, as almas foram criadas perfeitas em sabedoria e virtude, mas, quando desobedeceram a Deus, sofreram a queda, para sofrer no mundo a expiação do pecado. O corpo físico seria a fonte de todo sofrimento, dor, doença, ignorância e tendência ao mal. Também as calamidades do mundo. Por fim, a incitação ao mal pelos demônios. Tudo concorrendo para que, sem o arrependimento e a submissão, a alma

encontre a condenação eterna no Inferno. No Céu, reservado aos escolhidos, as almas recuperariam a pureza original, desfrutando dos prazeres e alegrias por toda a eternidade.

Em toda essa tradição, dor e prazer são os fundamentos do castigo e da recompensa, seja nesta vida ou na vida eterna. Esse é o princípio do bem e do mal. Na sociedade, foi utilizada como instrumento de poder para subjugar as massas, como explica Kardec: “A religião era, nesse tempo, um freio poderoso para governar. (...) era necessário apresentá-la como absoluta, infalível e imutável (...). Disso resultou o princípio da fé cega e da obediência passiva”.

O materialismo, por sua vez, também se fundamenta na heteronomia. Os hábitos, decorrentes das impressões dos sentidos, regidos pelas forças fisiológicas do prazer e da dor, determinam as personalidades. Os castigos seriam instrumentos para corrigir as más tendências, enquanto prazeres e alegrias serviriam para recompensar o comportamento adequado. Desse modo se fundamentam as regras sociais.

Nos tempos do professor Rivail, porém, havia surgido na França uma terceira via quanto ao entendimento da moral, alternativa às heteronomias dogmática e descrente das religiões e do materialismo. Trata-se da psicologia experimental espiritualista, criada a partir do pensamento de Maine de Biran. Segundo suas ideias, dor e prazer seriam fundamentos da vida animal, mas, em sendo o ser humano uma “alma encarnada”, o fato psicológico primordial não seria a sensação causada pelos sentidos (como concebiam os materialistas pós-Revolução Francesa), mas a escolha, o ato da vontade. Ou seja, o ser humano existe quando se manifesta por meio das faculdades da alma (razão, vontade, imaginação). Pelo exercício da razão é que se produz conhecimento. Pela vontade livre, seguindo as diretrizes da consciência, o indivíduo age moralmente, escolhendo seus atos e criando os hábitos adquiridos. Pela imaginação, torna-se criativo.

A partir dessa teoria psicológica inovadora, baseada na autonomia moral, os discípulos de Biran – Royer-Collard, Victor Cousin, depois Jouffroy, Paul Janet, criaram, após 1830, a filosofia oficial do Espiritualismo Racional. Em Sorbonne, estabeleceram as disciplinas das ciências filosóficas em dois grupos: as ciências psicológicas (psicologia experimental, lógica, moral teórica e prática, estética) e as ciências metafísicas (teodiceia, cosmologia racional, psicologia racional). Depois, essas disciplinas foram ensinadas aos jovens

nos liceus, como também a autonomia intelecto-moral, como proposta por Rousseau, era ensinada às crianças. A moral proposta pelo Espiritualismo Racional (moral da liberdade), pesquisada na universidade e ensinada aos jovens, é oposta tanto à adotada pelas igrejas e religiões ancestrais (moral da submissão) quanto à do materialismo (moral do utilitarismo). A moral autônoma opõe-se à ideia de que ela seja regida pela dor e prazer, pois isso seria comparar a alma humana aos animais. Somos diferentes, pois, pela liberdade de escolha. A beleza da caridade está justamente em sua liberdade, afirmava Victor Cousin. Paul Janet (1823-1899), por sua vez, esclarece o sentido do bem moral, segundo o Espiritualismo Racional:

“Nosso princípio fundamental é que o bem moral supõe o bem natural que lhe é anterior e serve de fundamento. [...] O bem moral consiste em preferir em nós o que há de melhor ao que há de inferior, os bens de alma aos bens do corpo, a dignidade da natureza humana à servidão das paixões animais, as nobres afeições do coração às inclinações de um vil egoísmo.” (JANET, 1886)

Agir pelo bem moral é uma escolha racional, tornando-se uma lei moral por ser a melhor escolha, e não por obediência a Deus, ou medo do castigo, seja ele divino ou imposto pela sociedade. Seu fundamento primordial é a livre escolha. A lei moral está presente na natureza do ser em sua consciência. Continua Janet:

“Esta lei, que permite a evolução moral, não pode, todavia, obrigar nenhum agente, sem que lhe seja conhecida, sem que ele seja presente, isto é, sem que ele a aceite como verdadeira e lhe reconheça a aplicação necessária em cada caso particular. Essa faculdade de reconhecer a lei e aplicá-la a todas as circunstâncias que se apresentam é o que se chama consciência. A consciência é, pois, o ato do espírito pelo qual aplicamos a um caso particular, a uma ação por praticar-se, ou já praticada, as regras gerais dadas pela moral.” (*Ibidem*)

Essa reação espiritualista, ocorrida na França, abriu caminho para o Espiritismo, como explica Kardec: “Foi nessas circunstâncias, extremamente

favoráveis, que chegou o Espiritismo; mais cedo, ter-se-ia chocado contra o materialismo todo-poderoso; em tempo mais recuado, teria sido abafado pelo fanatismo cego”. E então continua:

“Ele se apresenta no momento em que o fanatismo, morto pela incredulidade que ele mesmo provocou, não mais lhe pode impor uma barreira séria e em que se está fatigado do vazio deixado pelo materialismo; no momento em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apodera de todos os Espíritos, quando se está à procura das grandes soluções que interessam ao futuro da Humanidade”. (KARDEC, [RE] 1863, p. 196).

UNIDADE DE PRINCÍPIOS, ORGANIZAÇÃO E MÉTODO EM O CÉU E O INFERNO

Desde *O Livro dos Espíritos*, e em suas obras seguintes, Kardec deixa evidente o quanto a teoria moral espírita fundamenta-se na moral autônoma, como o Espiritualismo Racional, ampliando o entendimento da caridade desinteressada, as leis de Deus presentes na consciência e a moral como ato do dever. O progresso das investigações pelos ensinamentos dos espíritos e a pesquisa dos espíritas eram publicados na *Revista Espírita*, justamente denominada por Kardec como *Jornal de estudos psicológicos*.

Todavia, os ensinamentos dos espíritos complementavam de forma extraordinária as teorias morais e psicológicas do Espiritualismo Racional, pois eles podem nos transmitir suas descobertas sobre o mundo espiritual, a existência do perispírito, da matéria mental e os fatos relativos à vida futura, que iriam causar uma completa revolução no entendimento dos princípios da moral humana, apresentando as leis universais que regem o mundo espiritual. Foi na obra *O Céu e o Inferno* que Allan Kardec apresentou ao mundo os resultados de sua pesquisa científica mais inovadora. Apresentando uma teoria baseada em leis naturais, comprovada por fatos, tratou do tema da vida futura a ponto de servir como alavanca para uma revolução moral sem precedentes na humanidade, que dividirá em dois a história de nosso planeta: mundo velho e mundo novo.

Até a chegada do Espiritismo, a vida futura foi concebida pelo homem somente por meio de opiniões pessoais ou conjecturas, pois antes não havia como se observar o mundo espiritual para se produzir um conhecimento científico, como explica Kardec:

“Na ausência de fatos apropriados para definir sua concepção acerca da vida futura, os homens deram curso à sua imaginação e criaram essa diversidade de sistemas de que compartilharam, e compartilham ainda, as crenças.” (*O Céu e o Inferno*, trecho suprimido, introdução, cap. VIII, p. XX).

A concepção espírita, por sua vez, é o resultado da observação metodológica dos fatos materiais, estabelecendo uma teoria unificada, baseada não em hipóteses, mas em evidências. O método adotado por Kardec e aplicado em *O Céu e o Inferno* tem três fases. (1) Primeiramente, as hipóteses para uma determinada questão são levantadas e debatidas entre os pesquisadores, tendo a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e a *Revista Espírita* como laboratórios. (2) Quando consideram que o entendimento para a hipótese está adequado, os espíritos superiores responsáveis pela elaboração da doutrina espírita transmitem o resultado de seu ensinamento sobre o tema, por meio de diversas mensagens coerentes entre si, por médiuns de vários grupos independentes uns dos outros. É a universalidade do ensino dos espíritos superiores. (3) Enfim, por meio de milhares de comunicações com espíritos de toda a escala evolutiva, Kardec e demais pesquisadores confirmam os conceitos pelos depoimentos daqueles que estão vivenciando as circunstâncias reais do mundo espiritual.

Allan Kardec dedicou-se muitos anos até formar um entendimento amplo sobre as leis naturais que regem o passamento e as condições diversas dos espíritos após a morte. Foi em 1865 que essa compreensão estava pronta para ser apresentada. Alguns artigos foram antecipados na *Revista Espírita*, até a publicação de *O Céu e o Inferno*.

A RESSIGNIFICAÇÃO DOS TERMOS NA TEORIA ESPÍRITA

A teoria moral das religiões ancestrais, criada pela imaginação dos homens, é a da heteronomia, pois elas pressupõem o castigo e a recompensa como

sendo a forma pela qual Deus age para constranger as criaturas à sua vontade. Assim criaram os dogmas do pecado original, queda, castigo, expiação, arrependimento, penas eternas, Purgatório, Inferno, Céu, entre outros. A doutrina espírita não nega simplesmente, mas ressignifica esses termos, dando-lhes definições coerentes e em acordo com os fatos observados. Explica Kardec:

“Anotai bem, senhor, que alguns dos pontos divergentes, dos quais acabais de falar, o Espiritismo não os contesta, em princípio. Se tivésseis lido tudo o que escrevi sobre esse assunto, teríeis visto que ele se limita a lhes dar uma explicação mais lógica e mais racional que aquela que lhes dão vulgarmente. É assim, por exemplo, que ele não nega o purgatório, mas lhe demonstra, ao contrário, a necessidade e a justiça, indo mais além ao defini-lo. O inferno foi descrito como uma imensa fornalha; mas é assim que o entende a alta teologia? Evidentemente não; ela diz muito bem que é uma figura e que o fogo no qual se queima é um fogo moral, símbolo das dores maiores” (*O que é o Espiritismo*, terceiro diálogo – o padre).

As doutrinas religiosas e também o pensamento materialista são heterônomos pois partem do princípio de que a moral estaria fundamentada na dor e no prazer, que são impulsos inatos e ligadas ao instinto e sobrevivência, são sensações que surgem de alterações fisiológicas, próprias do corpo biológico. A falsa ideia do castigo divino para a criatura culpada aponta dogmaticamente a existência da dor física após a morte, causada pelo ambiente do inferno, por toda a eternidade. Por outro lado, prazeres e eterna contemplação para os eleitos no Céu. Já o Espiritismo vai demonstrar, pela primeira vez, em sua moral autônoma, a existência de sensações íntimas próprias do espírito, que são a felicidade e a infelicidade, dando a esses termos definições específicas.

Na vida animal, dor e prazer, como também as emoções básicas (alegria, tristeza, medo, surpresa, desprezo, nojo e raiva) são estímulos para as determinações do instinto e da sobrevivência. Essas emoções são expressões universais, presentes nos seres humanos e em várias espécies de animais. Dependem da rede formada pelo sistema límbico, no cérebro. Os animais, desprovidos da inteligência racional, obedecem passivamente a esse mecanismo que condiciona os hábitos. O ser humano participa da vida animal pelo corpo. Porém, por meio das faculdades da alma (razão, vontade, imaginação), vi-

vem também a vida humana e a espiritual, resultante dos atos psicológicos (conhecimento, escolha, criatividade, senso moral, livre-arbítrio), próprios do espírito humano. Essas explicações estavam esboçadas na psicologia experimental espiritualista, nas disciplinas das ciências filosóficas da escola do espiritualismo racional, presentes na universidade francesa desde 1830. Todavia, como explicar as diferenças entre os indivíduos desde o nascimento, que vão do simples ao virtuoso, do ignorante ao sábio? O que ocorre após a morte? O Espiritismo, complementando as ciências filosóficas, daria as respostas pela sua teoria. Vejamos.

Para animar um cachorro, ele precisa ser estimulado e recompensado pelos sentidos, por algo que ocorre fora dele e provoca as sensações em seu organismo, Mostra-se o petisco, ele vê, o cérebro promove o desejo de comer, ele pula e come, tendo ao mesmo tempo uma sensação de prazer e de recompensa. Um estímulo material causa uma reação fisiológica. O condicionamento está entre as leis da biologia. Tudo isso pertence à vida animal, ao mundo material.

Já na lei que rege o espírito humano, que tem no mundo espiritual sua vida principal, o aperfeiçoamento das faculdades por seu esforço é a sua meta, fazendo uso das reencarnações como meio de progresso. A felicidade não é como a sensação fisiológica do prazer; é um estado ou sensação íntima do espírito, inerente ao seu aperfeiçoamento intelecto-moral. A todo ato do bem corresponde uma sensação de felicidade, e o desenvolvimento das virtudes, conhecimento e habilidades torna essa condição progressiva, até a felicidade plena dos espíritos puros. Por outro lado, a condição de imperfeição é inerente ao sofrimento moral, que vai durar até que o espírito supere a imperfeição por seu esforço. Trata-se de estados e sentimentos íntimos do espírito, em nada dependentes de algo que lhes seja exterior. Essas são as leis da alma, que regem o mundo moral. Assim Kardec se expressou, no item 2º, do Capítulo VIII:

“Sendo todos os espíritos perfectíveis, em virtude da lei do progresso, trazem em si os elementos de sua felicidade ou de sua infelicidade futura e os meios de adquirir uma e de evitar a outra trabalhando em seu próprio adiantamento”. (p. xx)

Os elementos da sua felicidade ou da infelicidade estão no próprio espírito; depende dele proporcionar-se um ou outro. Desse modo, a felicidade

não é uma concessão ou graça divina, mas uma conquista do próprio ser. Também a infelicidade não é um castigo, mas uma condição criada quando o espírito desenvolve uma imperfeição, e termina quando ele próprio a desfaz. Desse modo, Allan Kardec vai iniciar o item 4º com uma frase de importância crucial: “4º A punição é sempre a consequência natural da falta cometida”, sendo que a punição é o sofrimento moral, um estado do espírito imperfeito, e nunca um ato material. As vicissitudes do mundo material não são jamais castigos, mas sim oportunidades para o desenvolvimento do espírito. Este mundo, portanto, não é uma prisão, mas sim uma escola de aplicação.

Allan Kardec, ressignificando os termos *arrepentimento*, *expição* e *reparação*, vai alterar completamente o rumo da compreensão da vida após a morte, por uma teoria singular. Toda imperfeição é fruto da livre escolha do espírito, que, por apego à matéria, usa as faculdades da alma para agir de forma a conquistar prazer (sensação) e alegria (emoção). Esse ato de abuso, transformado em hábito, é a *imperfeição*, que tem como consequência inerente o sofrimento moral, ou infelicidade (sensação do espírito). Essa condição é transitória, pois, superando as imperfeições, o espírito retorna ao caminho do bem e liberta-se da infelicidade.

Todavia, o arrependimento não é consequência do constrangimento causado pelas vicissitudes e embaraços, mas uma conscientização de sua responsabilidade e dos mecanismos da lei natural que rege o mundo moral. Explicam os espíritos:

“O arrependimento é inútil quando é apenas consequência do sofrimento. O arrependimento proveitoso é aquele que tem por base o desgosto de haver ofendido a Deus, e o ardente desejo de reparação. Não cheguei a esse ponto ainda, infelizmente. Recomendai-me às preces de todos aqueles que se dedicam aos sofredores, porque delas tenho necessidade”. (p. xx)

O *arrepentimento* sincero é um ato da livre vontade do espírito, predispondo-o a libertar-se da condição de infelicidade por seu esforço. Assim, o arrependimento da alma não é o medo de continuar sofrendo, que o constrange, submetendo-o a uma vontade externa (heteronomia). Em verdade, ele representa a conscientização das leis divinas, que o faz compreender a capacidade própria de conquistar a felicidade pelo aprimoramento (autono-

mia). Essa condição o faz reconhecer a força de sua vontade e desperta sua autoestima, reconduzindo-o ao caminho do bem.

Em seguida, Kardec ressignifica o termo *expição*, não como imposição divina de sofrimentos e torturas físicas como instrumento para arrancar a submissão da criatura oprimida; isso é um dogma e surgiu da imaginação dos homens. Na teoria espírita, a expiação ocorre depois do arrependimento, pois, consciente de sua imperfeição e da *lei da escolha das provas*, o espírito vai escolher os desafios que enfrentará nas vidas seguintes, com o objetivo de conquistar, por seu esforço, um aperfeiçoamento sério e efetivo. Só então verá cessar, naturalmente, o castigo, que era sua condição de infelicidade:

“8ª) A duração do castigo está subordinada ao aperfeiçoamento do espírito culpado. Nenhuma condenação por um tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige para pôr fim aos sofrimentos é o arrependimento, a expiação e a reparação – em resumo: um aperfeiçoamento sério, efetivo, assim como um retorno sincero ao bem”. (p. xx)

Ou seja, a expiação deixa de ser um instrumento impositivo para se tornar o esforço consciente e voluntário com o fim de superar as imperfeições.

A *reparação*, enfim, é uma consequência natural do aperfeiçoamento efetivo, pois o espírito em sua nova posição conquistada, passa a agir no bem, e sua condição será a de sua relativa e progressiva felicidade.

Todo esse processo de superação da imperfeição só é necessário para os espíritos que desenvolveram imperfeições proeminentes (vícios, maus hábitos, orgulho e egoísmo). A maioria dos espíritos vão adquirindo paulatinamente suas faculdades, elaborando assim a inteligência, o senso moral, habilidades úteis; vida após vida. Nesse trabalho de aperfeiçoamento, cada ato corresponde à sensação de felicidade proporcional, que se acumula e amplia, na proporção das qualidades boas conquistadas, sendo que “a felicidade perfeita está ligada à perfeição, ou seja, à depuração completa do espírito” (cap. VIII, item 3º, p. xx).

A CORRESPONDÊNCIA ENTRE A DOCTRINA (PRIMEIRA PARTE), O RESUMO (CAPÍTULO VIII) E OS EXEMPLOS (SEGUNDA PARTE)

A pesquisa elaborada por Allan Kardec durante muitos anos, fazendo uso de milhares de diálogos com espíritos nas diversas fases do processo evolutivo, permitiu a adoção de conceitos fundamentais, ensinados pelos espíritos superiores por meio do método da universalidade. *O Céu e o Inferno* seguiu esse critério, pois, assim como as demais obras, é um desdobramento de *O Livro dos Espíritos*:

“*O Livro dos Espíritos* contém as bases fundamentais do Espiritismo; é a pedra angular do edifício. Todos os princípios da doutrina estão ali expostos, até os que devem constituir seu coroamento. Era preciso, no entanto, mostrar-lhes os desdobramentos, deduzir-lhes todas as consequências e todas as aplicações, à medida que tais bases emergissem do ensino complementar dos Espíritos e de novas observações. Foi o que fizemos em *O Livro dos Médiuns* e em *O Evangelho segundo o Espiritismo* a partir de pontos de vista específicos. É o que fazemos nesta obra, desde um outro ponto de vista”. (p. xx)

Foi nesta obra, preparada em 1865, que os estudos estavam avançados o suficiente para tratar propriamente da teoria moral autônoma espírita, por completo. Diante disso, Kardec elabora neste livro uma tese que, da forma como foi construída, apresenta uma conexão sólida e coordenada entre a teoria, seu resumo e exemplos que a justificam.

O resumo das leis naturais da justiça divina, que regem o mundo moral, estão resumidos em 25 proposições elencadas no capítulo VIII, *As penas futuras segundo o Espiritismo*. Cada um desses princípios tem desenvolvimentos e explicações elaboradas em trechos que expõem a teoria ou *doutrina*. Os fatos que justificam esses conceitos fundamentais estão na segunda parte do livro, cumprindo sua meta, pois esse método diferencia o Espiritismo das crenças imaginadas pelos homens:

“Qualquer teoria não é mais que uma hipótese que só tem o valor de uma opinião pessoal e, por isso mesmo, pode ser mais ou menos engenhosa,

racional, bizarra ou ridícula. Somente a sanção dos fatos pode conferir-lhe autoridade, fazendo-a passar à condição de princípio”. (pág. xx)

Caracteriza o conhecimento científico a possibilidade de confirmação dos fenômenos a qualquer tempo, em qualquer lugar. Os exemplos apresentados por Allan Kardec na segunda parte poderiam ser multiplicados sem exaustão, pois o critério da seleção deles foi pelo potencial de esclarecimento sobre sua condição após a morte, sua posição na escala evolutiva e as explicações dadas:

“Os exemplos que citaremos mostram os espíritos nas diferentes fases de felicidade e de infelicidade da vida espiritual. (...) Tomamos esses exemplos das circunstâncias mais ordinárias da vida contemporânea, porque são aquelas com que cada um pode melhor se identificar, e de onde, por comparação, podem-se tirar as instruções mais proveitosas. Quanto mais a existência terrestre dos espíritos se aproxima da nossa – pela posição social, pelas relações ou pelos laços de parentesco –, mais nos interessamos por eles, e mais fácil torna-se a confirmação de sua identidade. As situações comuns são as mais numerosas, e por isso cada um pode tomá-las mais facilmente como exemplo” (2ª parte, cap. I, p. xx).

Entre as *notas do editor* desta edição, exemplificamos a correspondência entre todos os 25 conceitos fundamentais do resumo presente no capítulo VIII e as explicações teóricas da doutrina desenvolvida por Allan Kardec no decorrer do livro:

Item **1º** (nota 67), **2º** (nota 39), **3º** (nota 36), **4º** (notas 131, 211, 213), **5º** (notas 82, 74), **6º** (nota 204), **7º** (nota 53), **8º** (notas 111, 132), **9º** (nota 50), **10º** (nota 198), **11º** (notas 137, 188), **12º** (nota 121), **13º** (nota 81), **14º** (nota 134), **15º** (nota 205), **16º** (nota 49), **17º** (nota 153), **18º** (nota 156), **19º** (nota 206), **20º** (nota 214), **21º** (notas 138, 218), **22º** (nota 200), **23º** (nota 216), **24º** (nota 120), **25º** (nota 52).

A estratégia desesperada dos adversários das ideias progressistas do Espiritismo era mesmo impedir sua divulgação e não deixar que as novas ideias de autonomia e liberdade fossem compreendidas pelas massas, pois essa revolução seria o fim de seus privilégios e poder. E então algo ainda mais terrível ocorreu nas sombras: como vimos, as obras conclusivas do legado de Allan

Kardec, *O Céu e o Inferno* e também *A Gênese*, foram adulteradas. Trechos de grande importância foram retirados. Ideias que não pertencem aos princípios fundamentais da doutrina espírita foram acrescentadas. Textos lúcidos e esclarecedores de Kardec, escritos segundo os ensinamentos dos espíritos superiores, foram embaralhados e dilacerados até que o sentido original de suas mensagens consoladoras se perdesse.

OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS ORIGINAIS SUPRIMIDOS E OS FALSOS DOGMAS IMPLANTADOS NA EDIÇÃO ADULTERADA

Na edição adulterada de *O Céu e o Inferno*, o Prefácio foi retirado, o que representa uma adulteração. Como se pode constatar com uma simples leitura, o Prefácio cumpre diversas funções. Esclarece os adeptos e afasta qualquer dúvida ventilada pelas críticas. Nesse texto, é como se Kardec estivesse esclarecendo amplamente o leitor, para limpar a mesa e começar a apresentar sua tese, com a teoria na primeira parte e os fatos na segunda. Tirar o Prefácio da obra seria como amordaçar o autor justamente quando ele apresenta as importantes questões prévias necessárias para qualificar o valor e justificar a autoridade da teoria moral espírita que será apresentada no decorrer desta obra.

Os 25 itens da lei da justiça divina presentes no capítulo VIII viraram 33 itens no capítulo VII, desde a quarta edição adulterada, tendo sido acrescentado, como vimos anteriormente, o equivocado título de “Código penal da vida futura”, que deve ser desconsiderado. Não faz o menor sentido essa legenda, pois o significado de código penal é um conjunto de normas sistemáticas destinadas a regulamentar o comportamento, impondo punições determinadas, uniformes e com tempo fixado, o que é próprio da moral heterônoma. Quando Kardec estudou milhares de comunicações de espíritos em todos os níveis da escala evolutiva, encontrou exatamente o oposto da definição de um código penal: “ela não está condenada a uma penalidade absoluta, uniforme e por um tempo determinado”. Ou seja, não havendo uma regularidade no fenômeno do sofrimento moral, fica impossível estabelecer um código penal. Todo castigo é relativo, dependendo de inúmeras variáveis, tão variadas quanto a infinita pluralidade do princípio espiritual.

Todavia, o mundo moral é regido por leis que regem as escolhas, atos, pensamentos e intenções. Trata-se de princípios fundamentais que foram o objeto dos estudos de Kardec. E então ele define que a alma “sofre as consequências naturais de todas as suas ações más até que tenha melhorado com os esforços de sua vontade”. Enquanto a lei que rege a matéria é determinista, a que regula as ações dos espíritos está subordinada à vontade, que é um atributo da alma. A vontade permite as escolhas livres, independentes, sem qualquer determinismo do ambiente externo. E a punição, em verdade, é um sentimento íntimo da alma: o sofrimento moral. Como explica Kardec: “Ela carrega em si mesma seu próprio castigo, e isso onde quer se encontre, para o que não há necessidade de um lugar circunscrito”. Vejamos esse importante parágrafo, que foi suprimido na versão adulterada da obra, na íntegra:

“Pelos exemplos que o Espiritismo coloca diante de nossos olhos, ensina-nos que a alma no mundo invisível sofre por todo o mal que fez, assim como por todo o bem que poderia ter feito e não fez durante sua vida terrestre. Que a alma não é condenada a uma penalidade absoluta, uniforme e por um tempo determinado, mas que sofre as consequências naturais de todas as suas más ações, até que se tenha melhorado pelos esforços da sua própria vontade. Ela carrega em si mesma seu próprio castigo, e isso onde quer se encontre, para o que não há necessidade de um lugar circunscrito. O inferno, então, está onde quer que existam almas sofredoras, como o céu está em toda parte onde existam almas felizes, o que não impede que umas e outras se agrupem, por afinidade de posição, ao redor de certos pontos. (*O Céu e o Inferno*, Cap IV, item 6, parágrafo suprimido na adulteração, p. xx)

Portanto, os 25 itens do Capítulo “As penas futuras segundo o Espiritismo” devem ser chamados, conforme Allan Kardec, de lei da justiça divina ou leis naturais da alma. Todo o universo é regido por leis naturais em três categorias: (1) as leis que regem a matéria, como a gravidade; (2) as que regem o fenômeno da vida, como os instintos, emoções, dor e prazer. Enfim, nesse conjunto de itens, Kardec apresenta de forma organizada, uma completa teoria sobre (3) as leis naturais que regem a alma. Todo o conjunto forma uma tese composta por uma estrutura lógica perfeita.

A teoria moral proposta por Allan Kardec permaneceu desconhecida desde 1869. Está no Apêndice I a tradução do texto original do Capítulo VIII: “As penas futuras segundo o Espiritismo”, de *O Céu e o Inferno*, com notas explicativas. É um texto primordial, que precisa ser estudado de forma dedicada e minuciosa.

Todavia, para quem deseje fazer um estudo comparativo das duas edições, entre a original e a adulterada, vamos empreender uma análise pormenorizada a seguir.

Dentre os 25 itens originais, dez foram adulterados por uma supressão integral ou parcial que lhes alterou o sentido – **conforme a numeração desta 1ª edição**: • Itens: 2º (suprimido integralmente), 4º, 6º, 8º e nota, 9º, 13º, 14º, nota do item 15º (suprimido integralmente), 16º (suprimido integralmente), 21º, 22º.

Outros dois itens foram adulterados por troca de palavras ou frases, tendo assim seu significado modificado – **conforme a numeração desta 1ª edição**: • Itens: 3º e 5º.

Dois itens foram adulterados por acréscimo de trechos ou palavras que não foram escritos por Allan Kardec na edição original – **conforme a numeração desta 1ª edição**: • Itens: 23º, 25º.

Por fim, na edição adulterada de *O Céu e o Inferno* (com 33 itens), foram acrescentados onze itens que não estavam presentes neste capítulo da edição original – **conforme a numeração da 4ª edição adulterada**: • Itens: 3º, 4º, 5º, 6º, 9º, 10º, 16º, 17º e nota de rodapé, 18º, 31º, 33º. (Observação: entre os itens citados, os seguintes trechos da versão adulterada contém textos de outra parte do livro original, tiradas do contexto, transferidas para o capítulo VIII, e modificadas na 4ª edição adulterada – **conforme a numeração dessa 4ª edição**: 3º, 4º, 5º e 18º).

Para exemplificar o quanto a adulteração da edição quarta desta obra inverteu o sentido original da teoria moral proposta por Allan Kardec, veja que, no item 8º do capítulo VIII, ele define *expição* como sendo a única maneira de superar o sofrimento moral ou infelicidade. Essa expiação, em sendo uma escolha enquanto ato consciente, está representada por um aperfeiçoamento sério e efetivo: quando o espírito já se arrependeu por compreender as leis divinas: “*O que Deus exige para pôr fim aos sofrimentos é o arrependimento, a expiação e a reparação – em resumo: um aperfeiçoamento sério, efetivo, assim como um retorno sincero ao bem*”.

Já na quarta edição adulterada, onde o trecho acima foi suprimido, um texto jamais escrito por Allan Kardec foi deliberadamente acrescentado, alterando o sentido de expiação exatamente no do direito canônico, presente nos dogmas das religiões ancestrais. Essas crenças são heterônomas, pois imaginam um deus vingativo, que castiga para oprimir suas criaturas pelo medo da dor e da tristeza, sendo que, para os que não se tornassem submissos, o castigo continuaria na vida após a morte. Veja o trecho falso, acrescentado na quarta edição adulterada: “10º) As misérias, as vicissitudes padecidas na vida corpórea são expiações de faltas cometidas na presente ou em precedentes existências. (...) 31º) Às penas que o Espírito experimenta na vida espiritual ajuntam-se as da vida corpórea”.

Segundo a teoria moral espírita, a expiação não é um castigo, mas a condição de aperfeiçoamento do espírito que se arrependeu. O castigo é a infelicidade ou sofrimento moral do espírito que desenvolveu imperfeições. Nesse estado, as vicissitudes da vida são para ele um tormento, pois não compreende que essas dificuldades, próprias da fase evolutiva de nosso planeta (expiações e provas), são oportunidades ou desafios para o progresso da alma. Quando o espírito culpado se revolta, passa a acreditar que esse sofrimento não é de sua responsabilidade, mas um castigo impositivo de um deus vingativo. Essa é a origem dos dogmas e falsos entendimentos da lei.

As dificuldades que enfrentamos neste mundo, e particularmente em nossas vidas, quando vistas como oportunidades para o efetivo aperfeiçoamento, são enfrentadas com bravura, dedicação e confiança. Pois o resultado desse esforço será a compartilhada felicidade do mundo novo. Nesses tempos futuros, o planeta alcançará paz, harmonia e felicidade:

“A vida nos mundos superiores já é uma recompensa, porquanto neles estamos isentos dos males e das vicissitudes a que estamos submetidos na Terra. Os corpos, menos materiais, quase fluídicos, ali não estão sujeitos às doenças, às enfermidades, ou às mesmas necessidades. Lá reina a verdadeira fraternidade, porque não há egoísmo. A verdadeira igualdade, porque não há orgulho. A verdadeira liberdade, porque não há desordens a reprimir, nem ambiciosos buscando oprimir o fraco. Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos; são as etapas da estrada do progresso que conduz ao estado definitivo” (p. xx).

Portanto, com a revolução moral secundada pelo Espiritismo, a expiação deixa de ser um instrumento impositivo para se tornar o esforço consciente e voluntário para superar as imperfeições. Pois, no dogma, a imposição da expiação visa o arrependimento pelo medo; na moral autônoma espírita, o arrependimento consciente permite a expiação como meio efetivo de aperfeiçoamento. No primeiro significado, falsamente compreendido pela heteronomia, a expiação mantém a fé cega e a obediência passiva; no segundo, representa o fim do sofrimento moral por um aperfeiçoamento sério e efetivo.

A FELICIDADE NÃO É PESSOAL, ELA É COMPARTILHADA

Enfim, é hora de restabelecer a verdade. Recuperar as ideias originais. Pois é tempo de o Espiritismo participar da renovação moral que transformará a humanidade, pela força da liberdade, da responsabilidade pessoal, da fraternidade e da solidariedade nascidas da base inabalável do dever e da caridade. Num dos trechos adulterados, suprimidos certamente pela profundidade consoladora de suas palavras, Kardec afirmou:

Por esse outro princípio: Não há fé inquebrantável senão aquela que pode olhar a razão face a face em todas as épocas da humanidade. Ele destrói o império da fé cega que aniquila a razão, a obediência passiva que embrutece; emancipa a inteligência do homem e ergue sua moral. (*A Gênese*, p. 406)

Essa é a bandeira original do Espiritismo: campeão absoluto da liberdade de pensamento e de consciência. O progresso da humanidade deve conceder a todos os indivíduos as condições necessárias para compreender a sua própria crença, pelo esforço pessoal de sua razão, destruindo assim “o império da fé cega”. Por outro lado, as ideias progressistas, baseadas na humanização, dando oportunidades para todos, destruirão também “a obediência passiva que embrutece”, que por milênios fez das massas máquinas de crer e de servir passivamente a uns poucos privilegiados.

O Espiritismo, segundo Kardec, não cria essa revolução moral, mas participa dela, pois os tempos de mudança estão chegados. As ideias heterônomas

do velho mundo vão ceder o lugar a princípios transformadores da autonomia intelecto-moral, que coloca cada um como protagonista de sua própria evolução, pelas escolhas livres de suas provas, vida após vida.

O Espiritismo colabora propondo uma educação para a liberdade. Nas escolas e famílias, o egoísmo deve dar lugar à solidariedade nascida da compreensão das leis naturais que regem o mundo moral. Crianças e jovens devem aprender o verdadeiro significado de felicidade e infelicidade enquanto sensações do espírito relativas ao seu aperfeiçoamento, distinguindo-as das sensações fisiológicas (dor e prazer, alegria e tristeza) que são deste mundo, devendo lidar com elas com desprendimento e moderação.

Mudar o indivíduo para que ele transforme o mundo. Aprendendo a produzir o conhecimento pela pesquisa, a fé cega será superada pelo entendimento que deixa plena responsabilidade pela escolha dos atos. A cooperação, substituindo a competição, poderá então instaurar a paz entre todos. Pois a felicidade, enquanto conquista da alma, não é uma sensação isolada do espírito (como é o prazer e a alegria para o encarnado), mas coletiva, compartilhada.

Explica Kardec que “a felicidade, entretanto, não é pessoal. Se não a possuíssemos senão em nós mesmos, se não a pudéssemos compartilhar com os outros, ela seria egoísta e triste. A felicidade está também na comunhão de pensamento que une os seres que se simpatizam”. E conclui: “essas são as leis da justiça divina segundo o Espiritismo: a cada um segundo suas obras, tanto no Céu quanto na Terra!”

São Paulo (SP) e Salvador (BA), fevereiro de 2021

Paulo Henrique de Figueiredo
Lucas Sampaio

Prefácio do tradutor

A incumbência de traduzir para o português a primeira edição francesa de *O Céu e o Inferno* foi motivo de grande honra e igualmente de grande cuidado, pela responsabilidade que encerra o trabalho de verter um texto de Allan Kardec para a nossa língua. Assim, para conveniência dos leitores, cabe aqui tecer algumas breves considerações sobre o processo de tradução e escolhas metodológicas.

Buscamos manter um registro uniforme ao longo de todo o texto. As obras de Kardec têm uma linguagem eminentemente formal, que evidencia a erudição do codificador, sobretudo quando discorre sobre algum tema específico em seus textos ensaísticos. Mesmo nos diálogos originais com espíritos menos evoluídos, nunca o linguajar toma um caráter coloquial ou vulgar. Para manter tal coerência, é forçoso utilizar um leque vocabular amplo, conquanto tenhamos evitado as palavras que tenham caído em desuso, como vemos ainda em traduções mais antigas. Usamos como crivo a análise de frequência do corpus da Universidade de Brigham Young, que incorpora majoritariamente textos em português dos últimos vinte anos. Procuramos igualmente evitar, tanto possível, as formas verbais menos usuais, como o pretérito-mais-que perfeito sintético e colocações mesoclíticas.

Com relação aos substantivos próprios, foram traduzidos apenas os toponímicos de uso mais frequente, como *Bruxelas*, *Baviera* etc. Alguns nomes foram mantidos nas formas originais, ainda que tivessem equivalentes em português, quando pudessem causar certa estranheza (rio *Loire*, e não rio

Líger, Bordeaux, em vez de *Bordéus* etc.). Exceto pelas figuras históricas, ha-
giográficas ou mitológicas com formas portuguesas de uso corrente, os antro-
ponímicos não foram traduzidos.

Ao contrário do francês, não se utiliza em português o pronome *vós* (e
outras formas pronominais e verbais correspondentes) como registro de for-
malidade no tratamento da segunda pessoa do singular, exceto pelo plural
majestático referente a Deus, como se vê na Oração Dominical: “Pai nosso,
que *estais* nos Céus [...]”. Apesar disso, constatamos que a ampla maioria das
traduções existentes opta por fazer uma transposição literal do texto francês,
usando o pronome *vós*, quando no original o pronome *vous* refere-se clara-
mente a um interlocutor único, o que não encontra abonação em nossa lín-
gua, como dito antes. O registro de formalidade em português é estabelecido
pela escolha de pronome de tratamento correspondente, como *o senhor* e *a*
senhora, formas que utilizamos preferencialmente, sobretudo na tradução dos
diálogos de Kardec com os espíritos, na segunda parte do livro.

Da mesma forma, evitamos a tradução literal dos idiomatismos franceses
que frequentemente confundem o leitor brasileiro. Nesta lista incluem-se a
palavra *positif* (que Kardec geralmente usa no sentido de *objetivo, concreto,*
certo, inquestionável, e não no sentido de *bom* ou *auspicioso*) e a expressão *res-*
pect humain (que significa *escrúpulo ou receio*, e não *respeito humano*), para ci-
tarmos apenas dois exemplos.

A adequação às regras de estilo do português também nos levou a outras
abordagens específicas, como o uso de maiúsculas após interjeições pontuadas
com exclamação, ponto ou reticências (ao contrário das traduções antigas,
que seguem o original em francês), o uso consistente de abreviaturas con-
forme a padronização brasileira etc.

Sem a pretensão de termos produzido um texto irretocável, o objetivo de
nosso esforço foi o de trazer as palavras luminosas do mestre lionês ao alcance
do leitor de nossos dias.

Finalmente, agradecemos a ajuda incessante dos amigos encarnados e
desencarnados que trabalham no projeto de restabelecimento da proposta
original de Allan Kardec.

E. G. Dutra

PARIS

1865

LE
CIEL ET L'ENFER

OU
LA JUSTICE DIVINE

SELON LE SPIRITISME

CONTENANT

L'EXAMEN COMPARÉ DES DOCTRINES
SUR LE PASSAGE DE LA VIE CORPORELLE A LA VIE SPIRITUELLE
LES PEINES ET LES RÉCOMPENSES FUTURES, LES ANGES ET LES DÉMONS, LES
PEINES ÉTERNELLES, ETC.
SUIVI DE NOMBREUX EXEMPLES
SUR LA SITUATION RÉELLE DE L'ÂME PENDANT ET APRÈS LA MORT

PAR ALLAN KARDEC

Auteur du *Livre des Esprits*.

Je jure par moi-même, dit le Seigneur Dieu,
que je ne veux point la mort de l'impie, mais
que je veux que l'impie se convertisse, qu'il
quitte sa mauvaise voie, et qu'il vive.

(ÉZÉCHIEL, ch. XXXIII, v. 11.)

PARIS

LES ÉDITEURS DU LIVRE DES ESPRITS

35, QUAI DES AUGUSTINS

LEDOYEN, DENTU, FRÉD. HENRI, libraires au Palais-Royal
Et au Bureau de la REVUE SPIRITUE, 59, rue et passage Sainte-Anne.

—
1865

Réserve de tous droits

Reprodução fac-símile do frontispício da primeira edição de *Ciel et L'Enfer: La justice divine selon le spiritisme*, de Allan Kardec. Exemplar da Biblioteca Nacional da França.

Prefácio¹

O título desta obra indica claramente seu objeto. Nela reunimos todos os elementos pertinentes para o esclarecimento do homem acerca de seu destino. Como em nossos outros escritos sobre a Doutrina Espírita, nada inserimos que seja o produto de um sistema preconcebido ou de uma concepção pessoal, o que não teria nenhuma autoridade: tudo na obra é deduzido da observação e da concordância dos fatos.

O Livro dos Espíritos contém as bases fundamentais do Espiritismo; é a pedra angular do edifício. Todos os princípios da doutrina estão ali expostos, até os que devem constituir seu coroamento. Era preciso, no entanto, mostrar-lhes os desdobramentos, deduzir-lhes todas as consequências e todas as aplicações, à medida que tais bases emergissem do ensino complementar dos Espíritos e de novas observações. Foi o que fizemos em *O Livro dos Médiuns* e em *O Evangelho segundo o Espiritismo* a partir de pontos de vista específicos. É o que fazemos nesta obra, desde um outro ponto de vista, e é o que faremos sucessivamente nas que nos restam publicar e que virão a seu tempo.

As ideias novas só frutificam quando a terra está preparada para recebê-las. Ora, por *terra preparada* não se devem entender algumas inteligências

1. Este Prefácio da edição original de *O Céu e o Inferno*, de 1865, foi integralmente suprimido na edição adulterada de 1869. Como se pode constatar, este texto inicial por Allan Kardec é uma apresentação de grande importância para qualificar a obra, o método utilizado, a estrutura de seu legado, o momento adequado de seu surgimento e os fundamentos do critério da universalidade, basilar para a doutrina espírita. (N. do E.)

precoces – que só dariam frutos isolados –, mas um certo conjunto na predisposição geral, a fim de que não somente dê frutos mais abundantes, mas que a ideia, achando um maior número de pontos de apoio, encontre menos oposição e esteja mais forte para resistir a seus antagonistas. *O Evangelho segundo o Espiritismo* já foi um passo adiante; *O Céu e o Inferno* é um passo a mais, cujo alcance será facilmente compreendido, pois ele toca no ponto nevrálgico de certas questões, conquanto não devesse vir mais cedo.

Se considerarmos a época em que surgiu o Espiritismo, reconheceremos sem dificuldade que ele veio no momento oportuno, nem muito cedo, nem muito tarde. Mais cedo, teria malgrado, uma vez que – não sendo tão numerosas as simpatias – ele teria sucumbido aos ataques de seus adversários. Mais tarde, teria perdido a ocasião favorável para desabrochar; as ideias poderiam tomar outro rumo, do qual seria difícil desviá-las. Era preciso deixar às velhas ideias o tempo de desgastarem-se, provando sua insuficiência, antes de se apresentarem as novas².

As ideias prematuras fracassam porque não se tem maturidade para compreendê-las e porque não se faz sentir ainda a necessidade de uma mudança de posição. Hoje é evidente para todo o mundo que um imenso movimento se manifesta na opinião pública; uma reação formidável se opera progressivamente contra o espírito estacionário ou retrógrado da rotina; os satisfeitos da véspera são os impacientes do amanhã. A humanidade testemunha um processo de gestação; existe algo no ar, um poder irresistível que a impele para a frente. Ela é como um jovem saído da adolescência que entrevê novos

2. No artigo *Reação das ideias espiritualistas*, Kardec afirma que no período em torno da revolução francesa a sociedade estava tomada pelas ideias materialistas, negava-se tudo, até a existência de Deus. Mas foi reconhecido que faltava às instituições sociais um apoio sólido. Diante de ampla necessidade de se compreender racionalmente o que é a alma, sua origem e seu destino, teve início “uma reação inevitável para as ideias espiritualistas”, explica Kardec. O Espiritualismo Racional enquanto filosofia oficial da França após 1830, visava à regeneração da humanidade pelo desenvolvimento das faculdades da alma (razão, vontade, imaginação) e pela moral da liberdade. Conclui o professor: “Foi nessas circunstâncias, eminentemente favoráveis, que o Espiritismo chegou. Anteriormente, teria se deparado com o materialismo que tudo permeava; anteriormente, seria sufocado por um fanatismo cego. Apresenta-se no momento (...) em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apodera de todas as mentes, quando estamos em busca das grandes soluções que dizem respeito ao futuro da humanidade.” (*Revista Espírita* de 1863, outubro). (N. do E.)

horizontes, sem conseguir defini-los, e que se desfaz dos traços da infância. Desejamos algo melhor, alimentos mais sólidos para a razão, mas esse melhor ainda é indefinido: procuramo-lo. Todos trabalham por ele, desde o crente até o incrédulo, desde o operário até o sábio. O Universo assemelha-se a um vasto canteiro de obras; uns demolem, outros reconstroem; cada um lapida uma pedra para o novo edifício cujo plano definitivo somente o Grande Arquiteto possui, e cuja estrutura somente será compreendida quando suas formas começarem a se delinear sobre a superfície do solo. É o momento que a soberana sabedoria escolheu para a chegada do Espiritismo.

Os Espíritos que presidem o grande movimento regenerador agem então com mais sabedoria e previdência do que o fariam os homens, porque a visão daqueles engloba a marcha geral dos acontecimentos, enquanto nós outros somente vemos o círculo limitado de nosso horizonte³. Tendo chegado os tempos da renovação, conforme os decretos divinos, era necessário que, em meio às ruínas do velho edifício, o homem entreviesse, para não esmorecer, as bases da nova ordem das coisas. Era preciso que o marinheiro pudesse distinguir a estrela polar que deve guiá-lo ao porto⁴.

A sabedoria dos Espíritos – demonstrada pelo aparecimento do Espiritismo e revelada quase instantaneamente por toda a Terra na época mais propícia

3. A observação dos fenômenos está entre os passos do método científico. Na ciência espírita, a teoria se estabelece por dois processos: 1) Os espíritos superiores estudam os fatos do espírito humano diretamente em seu meio, pelos sentidos do perispírito e amplitude de consciência (os homens, enquanto encarnados, não podem fazer essa ampla observação direta). Pesquisam as fases da evolução espiritual, deduzem suas leis e constituem sua teoria; 2) Rivail e a comunidade dos pesquisadores espíritas, por meio de milhares de comunicações com espíritos nas diversas fases evolutivas, em centenas de grupos pelo mundo, puderam confirmar racionalmente os conceitos pelos depoimentos. Por meio dessa observação indireta, constituem assim a doutrina espírita, que amplia o círculo limitado de nosso horizonte, prevendo a regeneração da humanidade. (N. do E.)

4. A ideia da heteronomia, ou a obediência passiva do indivíduo a regras externas que ele não compreende racionalmente, servindo aos interesses alheios, é o fundamento das desigualdades e privilégios do mundo velho. O Espiritismo prevê uma nova fase, a da regeneração da humanidade pela fé racional e pela caridade desinteressada. A teoria espírita serve como bússola para indicar esse caminho, pois serão as ideias de autonomia que vão alavancar uma revolução moral e as renovações sociais que caracterizam o mundo novo. (N. do E.)

– não é menos evidente na ordem e na gradação lógica das revelações complementares sucessivas⁵. Não é preciso que ninguém constranja a vontade dos Espíritos nesse sentido, pois eles não regulam seus ensinamentos de acordo com a impaciência dos homens. Não nos basta dizer: “Gostaríamos de ter tal coisa” para que ela nos seja dada; e menos ainda nos convém dizer a Deus: “Julgamos que é chegada a hora de nos dardes tal coisa; nós mesmos nos julgamos muito avançados para recebê-la”, pois equivaleria a dizer-Lhe: “Sabemos melhor que Vós o que convém fazer”. Aos impacientes, os Espíritos respondem: “Começai primeiro por saber bem, compreender bem e, sobretudo, praticar bem o que sabeis, a fim de que Deus vos julgue dignos de aprender mais. Depois, quando o momento chegar, saberemos agir e escolheremos nossos instrumentos”.

A primeira parte desta obra, intitulada *Doutrina*, contém o exame comparado das diversas crenças sobre o Céu e o Inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras. O dogma das penas eternas é tratado aí de maneira especial, sendo refutado por argumentos colhidos das próprias leis da Natureza e que demonstram não somente o lado ilógico centenas de vezes já assinalado, como sua impossibilidade material. Com as penas eternas, caem naturalmente as consequências que se acreditava delas poder tirar.

A segunda parte encerra numerosos exemplos que apoiam a teoria, ou melhor, que serviram para estabelecer a teoria⁶. A autoridade desses exemplos

5. Os conceitos fundamentais da doutrina espíritas foram dados progressivamente pelos espíritos superiores. Para dar um novo conceito, eles aguardavam o amadurecimento das ideias, promovendo o movimento de enviar as mensagens, por diferentes médiuns, em diferentes grupos, por todo o mundo. Algumas questões levaram anos para receber uma resposta. “Com admirável prudência se conduzem os espíritos, ao darem suas instruções”, comentou Kardec ao apontar que eles “só gradual e sucessivamente consideraram as diversas partes já conhecidas da doutrina, deixando as outras partes para serem reveladas à medida que se for tornando oportuno fazê-las sair da obscuridade” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXIV, item 7). Se os espíritos não dizem tudo ostensivamente, “é porque cada coisa tem de vir no momento oportuno”. Eles esperam cada ideia amadurecer e “se propagar, antes que apresentem outra, e aos acontecimentos o de preparar a aceitação dessa outra” (*Ibidem*). São somente os espíritos superiores que conduzem a gradual elaboração da doutrina espírita, pela universalidade de seu ensino. (N. do E.)

6. Nesta obra, Allan Kardec consagra o método fundamental da ciência espírita, o da universalidade do ensino dos espíritos superiores. Toda comunicação, seja de

baseia-se na diversidade dos tempos e dos lugares em que foram obtidos, porquanto, se emanassem de uma única fonte, podiam ser considerados como o produto de uma mesma influência. Baseia-se essa autoridade, além disso, na sua concordância com o que se obtém todos os dias, em todos os lugares onde alguém se ocupe das manifestações espíritas sob um ponto de vista sério e filosófico. Tais exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito, pois não há centro espírita que deles não possa fornecer uma notável quantidade; para evitar repetições cansativas, tivemos que escolher entre os mais instrutivos. Cada um desses exemplos é um estudo em que todas as palavras têm seu valor para quem quer que reflita com atenção sobre elas, visto que de cada ponto jorra uma luz sobre a situação da alma após a morte, assim como sobre a passagem – até agora tão obscura e tão temida – da vida corpórea à vida espiritual. É o guia do viajante antes de entrar num país novo. A vida de além-túmulo aí se desdobra em todos os seus aspectos, como um vasto panorama. Todos poderão nele haurir novos motivos de esperança e de consolação, assim como novas bases para fortalecer sua fé no futuro e na justiça de Deus⁷.

homens ou espíritos, é, individualmente, uma opinião pessoal, parcial e circunscrita ao seu grau evolutivo. Foi pelo estudo de milhares de comunicações que foi possível, destacando os padrões, deduzir as leis fundamentais que regem o mundo moral. Os espíritos confirmam essas leis pelos conceitos fundamentais que ensinam. Kardec estabeleceu assim os dois critérios do método da ciência espírita: coletividade concordante do ensino dos Espíritos superiores e o exame da lógica, estabelecendo a força e a perpetuidade da doutrina espírita. Este livro representa, assim, a superação do pensamento dogmático do velho mundo, pelo paradigma científico das leis naturais da justiça divina, definindo a autonomia intelecto-moral como fundamento da evolução do espírito pelo seu próprio esforço e dedicação, sendo a felicidade inerente a essa conquista progressiva. (N. do E.)

7. Por milênios os sistemas imaginados pelos homens ofereceram guias ilusórios quanto à vida além-túmulo. Ou a total negação materialista quanto a Deus, alma e vida futura. A teoria moral e as leis naturais que regem a vida após a morte, apresentadas de forma racional nesta obra, fundamentam uma mensagem de esperança, consolação e otimismo, destinando-se a toda a humanidade, independente da crença religiosa de cada um. Explica Kardec: “Esse conhecimento certamente levará, quando amplamente divulgado, profunda modificação nos costumes, no caráter, nos hábitos, e nas crenças que tão grande influência exercem sobre as relações sociais. É uma revolução total que se opera nas ideias; revolução maior e mais poderosa porquanto não se restringe a um povo nem a uma casta, pois alcança simultaneamente, pelo coração,

Nesses exemplos, escolhidos em sua maioria entre casos contemporâneos, ocultamos os nomes próprios todas as vezes que julgamos útil fazê-lo, por motivos de conveniência facilmente apreciáveis. Quem por eles se interessar há de reconhecê-los prontamente. Para o público, nomes mais ou menos conhecidos, e algumas vezes totalmente desconhecidos, nada teriam acrescentado à instrução que se pode tirar desses exemplos.

As mesmas razões que nos levaram a omitir os nomes dos médiuns em *O Evangelho segundo o Espiritismo* fizeram com que os omitíssemos também nesta obra, feita mais para o futuro do que para o presente. Os médiuns têm ainda menos interesse nisso, porque não poderiam atribuir a si o mérito de algo em que seu próprio espírito não teve qualquer participação. Além disso, a mediunidade não é prerrogativa de tal ou qual indivíduo, mas uma faculdade fugidia, subordinada à vontade dos espíritos que querem se comunicar; faculdade que possuímos hoje e pode amanhã faltar, e que nunca é aplicável a todos os espíritos indistintamente, não constituindo, por isso mesmo, um mérito pessoal como o seria um talento adquirido pelo trabalho e pelos esforços da inteligência. Os médiuns sinceros, aqueles que compreendem a importância de sua missão, consideram-se instrumentos que a vontade de Deus pode incapacitar quando Lhe aprouver, caso não atuem segundo seus desígnios. Eles são felizes por possuírem uma faculdade que lhes permite ser úteis, porém disso não se envaidecem de modo algum. De resto, cingimo-nos nesse ponto aos conselhos dos nossos guias espirituais⁸.

Quis a Providência que a nova revelação não fosse o privilégio de ninguém, mas que tivesse seus mensageiros por toda a Terra, em todas as famílias, entre os grandes como entre os pequenos, conforme estas palavras de que os médiuns de nossos dias são o cumprimento: “Nos últimos tempos, diz o

todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos” (*A Gênese*, cap. I, item 20). (N. do E.)

8. O mais absoluto desinteresse material e de qualquer interesse próprio é uma característica fundamental e indispensável para o médium espírita, afirma Kardec: “A mediunidade não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. (...) Explorar alguém a mediunidade é, por consequência, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXVI, item 9). (N. do E.)

Senhor, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. Nesses dias, derramarei do meu Espírito sobre os meus servos e servas, e eles profetizarão” (At, 2:17-18)⁹.

Mas também foi dito: “Haverá falsos Cristos e falsos profetas” (V. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXI)¹⁰.

Ora, esses últimos tempos são chegados. Não é o fim do mundo material, como se acreditou, mas o fim do mundo moral, em outras palavras, a era da regeneração¹¹.

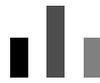
9. Condizente com a racionalidade de seu tempo, o Espiritismo, conforme o pensamento de Allan Kardec, deve necessariamente se organizar de forma a impor uma barreira às ambições pessoais, divergências na maneira de interpretar os conceitos fundamentais da doutrina, e por meio de um método que supere as opiniões pessoais pela universalidade do ensino dos espíritos. Por isso, para perpetuar a doutrina espírita, Kardec idealizou as unidades da teoria, organização e método da doutrina espírita. Veja mais sobre isso na obra *Nem Céu nem inferno – as leis da alma segundo o Espiritismo*, no capítulo 4, A história do golpe, no subtítulo “A força do Espiritismo está em sua unidade”. (N. do E.)

10. A universalidade do ensino dos espíritos superiores é a única garantia de se estabelecer uma comunicação segura entre os dois mundos. Pois os espíritos mal-intencionados, falsos profetas, só conseguem exercer sua ação contando com o isolamento em torno de um só grupo, um só médium, um só local. Onde podem formar seu feudo, seu castelo de falsidades. Jamais conseguiriam agir em meio à diversidade de centros, todos estudando, atentos aos bons espíritos que os assistem, fazendo uso da razão para analisar as mensagens que recebem, trocando as informações entre si, para garantir a unidade em meio à diversidade, que é a base da doutrina espírita. (N. do E.)

11. No século 19, o movimento liberal promovido pelo Espiritualismo Racional propunha uma regeneração da humanidade, pelo desenvolvimento autônomo das faculdades da alma. A doutrina espírita, demonstrando as leis que regem o mundo espiritual, segundo Kardec, surgiu no momento ideal, apontando caminhos para a regeneração, de tal forma que o “Espiritismo não criou a renovação social, pois a maturidade da humanidade faz dessa renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela elevação de seus propósitos, pela generalidade das questões que ela abraça, o Espiritismo está, mais que todas as outras doutrinas, apto a secundar o movimento regenerador. Por isso que é contemporâneo. Surgiu no momento em que podia ser útil, pois para ele também os tempos são chegados.” (*A Gênese*, cap. XVIII, item 23). (N. do E.)

I

première partie



Doutrina

primeira parte

CAPÍTULO I:

O futuro e o nada

Vivemos, pensamos e agimos: eis o que é concreto. E morremos, o que não é menos certo. Mas, deixando a Terra, para onde vamos? Em que nos transformaremos? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? *Ser ou não ser*: tal é a alternativa, para sempre ou para nunca mais. É tudo ou nada: ou viveremos eternamente ou tudo estará acabado, sem volta. Vale bem a pena pensar sobre isso.

Todo homem sente a necessidade de viver, de aproveitar a vida, de amar, de ser feliz. A uma pessoa que sabe que está para morrer diga-se que ela ainda viverá, ou que sua hora foi postergada. Diga-se, sobretudo, que ela será mais feliz do que nunca, e seu coração vibrará de alegria. Mas de que serviriam tais aspirações de felicidade se um leve sopro pudesse desfazê-las? Poderia Deus – cuja bondade se revela por uma solicitude tão constante, até mesmo com o menor dos insetos – lançar à Terra a criatura de sua predileção unicamente para fazê-la sofrer sem possibilidade de compensação, sem nem mesmo lhe dar o tempo de desfrutar, ainda que fosse por algumas horas? Não seria um engodo dotar o homem de desejos que jamais devessem se materializar, um absurdo fazê-lo nascer para a dor e lançá-lo em seguida no nada?

Há algo mais desesperador do que a ideia da destruição absoluta? As afeições sagradas, a inteligência, o progresso, o conhecimento laboriosamente adquirido, tudo seria desfeito, tudo estaria perdido! Qual a necessidade do esforço para nos tornarmos melhores, para reprimirmos as paixões, para enriquecermos nosso espírito, se daí não devemos colher fruto algum, sobretudo

ante a ideia de que amanhã, talvez, isso não nos servirá mais para nada? Se assim fosse, a sorte do homem seria cem vezes pior do que a do selvagem, que vive inteiramente no presente, na satisfação de seus apetites materiais, sem aspirações com relação ao futuro. Uma secreta intuição nos diz que isso não é possível.

Pela crença no nada, o homem inevitavelmente concentra seu pensamento na vida presente. Não haveria, com efeito, por que se preocupar com um futuro do qual nada se espera. Essa preocupação exclusiva com o presente o leva naturalmente a pensar em si antes de tudo; é, portanto, o mais poderoso estímulo ao egoísmo. O incrédulo é coerente quando chega à conclusão: “Desfrutemos enquanto aqui estamos, desfrutemos o máximo possível, pois, depois de nós, tudo estará acabado; gozemos depressa, porque não sabemos quanto tempo durará”, assim como a esta outra, bem mais grave aliás para a sociedade: “Desfrutemos, não importa à custa de quem; cada um por si; a felicidade, cá embaixo, é do mais astuto”. Se o escrúpulo religioso restringe a ação de alguns, que freio terão aqueles que em nada creem? Para estes, a lei humana somente alcança os tolos, e por isso dedicam seu talento a maneiras de dela se esquivarem. Se há uma doutrina *nociva e antissocial* é certamente a do *neantismo*¹², porque rompe os verdadeiros laços de solidariedade e de fraternidade, alicerce das relações sociais.

Suponhamos que, por alguma razão qualquer, todo um povo tenha a certeza de que em oito dias, em um mês, ou mesmo em um ano, ele será aniquilado e dele nenhum vestígio restará depois de seu fim, que nenhum indivíduo sobreviverá. O que fará esse povo durante o tempo que lhe resta? Trabalhará por sua melhora, por sua instrução? Esforçar-se-á para viver? Respeitará os direitos, os bens e a vida de seu semelhante? Submeter-se-á às leis, a uma autoridade qualquer, mesmo a mais legítima: a autoridade paterna? Haverá para ele um dever qualquer? Seguramente não. Pois bem, o que não acontece em larga escala a doutrina do neantismo realiza individualmente a cada dia.

12. Neantismo (*néantisme*). Segundo essa ideia metafísica do nada, não haveria lei moral ou direito natural, nem existência após a morte, portanto nada a temer ou esperar. A escolha estaria ligada ao resultado e não à intenção de uma ação, consagrando a postura egoísta. Na época de Allan Kardec havia poucos partidários, mas desde o século 20, a comunidade científica e a cultural em geral adotaram esse relativismo moral ou incredulidade enquanto senso comum, sendo que as instituições sociais se estruturaram pelo individualismo. (N. do E.)

Se as consequências não são tão desastrosas quanto poderiam ser, é porque, primeiro, na maior parte dos incrédulos há mais fanfarronice do que incredulidade verdadeira, mais dúvida do que convicção, e porque têm mais medo do nada do que desejam fazer parecer. O título de livres-pensadores alimenta seu amor-próprio. Em segundo lugar, porque os completamente incrédulos são ínfima minoria; eles sofrem a contragosto o efeito da opinião contrária e são detidos por uma força objetiva; porém, se a incredulidade completa representar um dia a condição da maioria, a sociedade entrará em dissolução. É ao que tende a propagação dessa doutrina.¹³

Quaisquer que sejam as suas consequências, se a doutrina do neantismo fosse verdadeira, seria necessário aceitá-la, e não seriam nem teorias contrárias, nem a ideia do mal que dela adviria, que poderiam impedi-la de existir. Ora, não há como esconder que o ceticismo, a dúvida e a indiferença ganham mais terreno a cada dia, apesar dos esforços da religião. Isto é um fato. Se a religião é impotente contra a incredulidade, é porque falta àquela alguma coisa para combater esta última, de tal maneira que, se a religião permanecer inerte, após um tempo estará inexoravelmente ultrapassada. O que falta à religião neste século de positivismo¹⁴, em que se quer compreender antes de crer, é a sanção de suas ideias por fatos concretos; é também a concordância de certas concepções com os dados positivos da Ciência. Se ela diz *branco* e os fatos dizem *preto*, é preciso optar entre a evidência e a fé cega.

É neste estado de coisas que o Espiritismo vem opor uma barreira à invasão da incredulidade, não somente pela visão dos perigos que ela engendra, mas pelos fatos materiais que tornam tangíveis e visíveis a alma e a vida futura.

13. Um jovem de dezoito anos sofria de uma doença cardíaca tida como incurável. A medicina havia dito que ele poderia morrer em oito dias ou em dois anos, mas que além disso não viveria. O jovem, ao receber a notícia, largou prontamente os estudos e se entregou aos excessos de todos os tipos. Quando alguém lhe falava do perigo de uma vida desregrada em sua situação, ele respondia: “De que me importa, pois só tenho dois anos para viver! De que adiantaria esforçar-me para aprender? Eu quero desfrutar do tempo que me resta, divertindo-me até o fim”. Eis a consequência lógica do neantismo. (N. do A.)

14. Não se trata aqui do sistema filosófico de Augusto Comte, mas da postura moderna de se adotar o conhecimento racional obtido pelo método científico, deduzindo as hipóteses dos fatos e não do princípio de autoridade. (N. do E.)

Sem dúvida, cada um é livre para acreditar em alguma coisa ou não acreditar em nada. Mas aqueles que procuram fazer prevalecer no espírito do povo – sobretudo entre a juventude – a ideia da negação do futuro, apoiando-se em sua posição superior e em seu conhecimento, plantam as sementes da perturbação e da destruição da sociedade, incorrendo numa grande responsabilidade¹⁵.

Há outra doutrina que nega ser materialista porque admite a existência de um princípio inteligente, fora da matéria, que é a doutrina da *absorção no Todo Universal*. Segundo essa doutrina, cada indivíduo absorve em si ao nascer uma parcela desse princípio, que é sua alma e que lhe dá a vida, a inteligência e o sentimento. Quando morre, essa alma volta ao ponto de origem, perdendo-se no infinito, como uma gota d'água no oceano. Essa doutrina é, sem dúvida, um passo adiante com relação ao materialismo puro, já que ela admite algo além da matéria, enquanto o outro nada admite, mas as consequências de ambas são as mesmas. Ser o homem mergulhado no nada ou num reservatório comum, é para ele a mesma coisa. Se no primeiro caso ele é aniquilado, no segundo ele perde sua individualidade e é como se não existisse, e suas relações sociais estarão igualmente extintas para sempre. O essencial para o homem é a preservação de seu *eu*, sem o que não importa ser ou não ser! O futuro para ele é igualmente nulo, e o presente é a única coisa que lhe importa e o preocupa. Do ponto de vista das consequências morais, essa doutrina é igualmente prejudicial, igualmente desesperadora, incitando ao egoísmo tanto quanto o materialismo propriamente dito.

Pode-se igualmente fazer a seguinte objeção a essa doutrina: todas as gotas tiradas do oceano se assemelham e têm propriedades idênticas, como partes de um mesmo todo. Por que as almas extraídas do grande oceano da inteligência universal se assemelham tão pouco? Por que o gênio ao lado da estupidez? As virtudes mais sublimes, ao lado dos vícios mais ignóbeis? A

15. No período de elaboração do Espiritismo por Kardec, o pensamento cultural predominante na sociedade francesa era o do Espiritualismo Racional, quando a psicologia considerava o ser humano enquanto alma encarnada. O materialismo crescia em interesse entre os mais jovens, influenciados por pensadores da Alemanha. Desde o século 20, a crença na descrença tornou-se um dogma do mundo contemporâneo, desestruturando a sociedade pela negação do futuro. Veja o artigo *Uma profissão de fé materialista*, *Revista Espírita*, outubro de 1868. (N. do E.)

bondade, a doçura e a mansidão ao lado da maldade, da crueldade e da barbárie? Como podem as partes de um todo homogêneo ser tão diferentes umas das outras? Alegar-se-á que a educação as modifica? Mas de onde vêm então as inteligências precoces, os instintos bons e os maus, independente de toda a educação, e frequentemente tão pouco em consonância com o meio em que se desenvolvem?

A educação, sem dúvida alguma, modifica as qualidades intelectuais e morais da alma. Mas aqui se apresenta outro problema: quem dá à alma a educação que a faz progredir? Outras almas que, por sua origem em comum, não estariam mais adiantadas que ela. E depois, aliás, para que essa melhora, para que tantos esforços para adquirir talentos e virtudes, para que trabalhar pelo progresso da humanidade, se tudo isso deverá ser engolido e perdido no oceano do infinito, sem proveito para o futuro de cada um? Valeria tanto quanto permanecermos o que somos – selvagens ou não –, beber, comer, dormir tranquilamente sem torturarmos o espírito. Por outro lado, a alma, reentrando no todo universal de onde havia saído, após haver progredido durante a vida, ali coloca um elemento mais perfeito; donde se conclui que esse todo deve, ao longo do tempo, achar-se profundamente modificado e melhorado. Como é possível então que dali saiam incessantemente almas ignorantes e perversas?

Nessa doutrina, a fonte universal de inteligência que fornece as almas humanas é independente da Divindade, ser superior e distinto que tudo anima por sua vontade. Não é exatamente o *panteísmo*. O *panteísmo* propriamente dito dela difere na medida em que, segundo ele, o princípio universal de vida e de inteligência é o próprio Deus. Deus é ao mesmo tempo espírito e matéria; todos os seres, todos os corpos da Natureza compõem a Divindade, de que são as moléculas e os elementos constitutivos; em outras palavras: Deus está em tudo e tudo é Deus, Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas. Cada indivíduo, sendo uma parte do todo, é ele mesmo Deus. Nenhum ser superior e independente comanda o conjunto; o Universo é uma imensa república sem chefe, ou antes, onde cada um é chefe com poder absoluto.

A esse sistema podemos opor numerosas objeções, das quais são estas as principais: a Divindade não podendo ser concebida sem o infinito das perfeições, perguntamo-nos como um todo perfeito pode ser formado de partes tão imperfeitas e tendo a necessidade de progredir? Cada parte estando sub-

metida à lei do progresso, daí resulta que o próprio Deus deve progredir; se Ele progride incessantemente, deve ter sido, na origem dos tempos, muito imperfeito. Como um ser imperfeito, formado de vontades e de ideias tão divergentes, pôde conceber as leis tão harmoniosas, tão admiráveis de unidade, de sabedoria e de providência que regem o Universo? Se todas as almas são porções da Divindade, todas concorreram para as leis da natureza; como pode ser então que elas murmurem sem cessar contra essas leis, que são obras suas? Uma teoria não pode ser aceita como verdadeira, senão com a condição de satisfazer a razão e dar conta de todos os fatos que abrange. Se um só fato a desmente, é porque ela não encerra a verdade absoluta.

Do ponto de vista moral, as consequências dessa concepção são igualmente ilógicas. Primeiramente para as almas, porquanto, como no sistema precedente, representaria a absorção num todo e a perda da individualidade. Se admitirmos, segundo a opinião de alguns panteístas, que elas conservam sua individualidade, Deus não teria mais vontade única; é um aglomerado de incontáveis vontades divergentes. Além disso, sendo cada alma parte integrante da Divindade, nenhuma é dominada por um poder superior; ela não incorre, por conseguinte, em nenhuma responsabilidade por seus atos bons ou maus; ela não tem nenhum interesse em fazer o bem e pode fazer o mal impunemente, uma vez que é senhora soberana.

Além do fato de que tais sistemas não satisfazem nem à razão nem às aspirações do homem, deparamo-nos, como se vê, com dificuldades intransponíveis, porque tais sistemas são incapazes de resolver todas as questões que levantam. O homem tem, portanto, três alternativas: o nada, a absorção ou a individualidade da alma antes e depois da morte. É para essa última crença que a lógica nos conduz inevitavelmente. É aquela também que tem estabelecido a base de todas as religiões desde que o mundo existe. Se a lógica nos conduz à individualidade da alma, ela nos conduz também à consequência de que o destino de cada alma depende de suas qualidades pessoais, porquanto seria irracional admitir que a alma atrasada do selvagem e a do homem perverso estivessem no mesmo nível que a alma do sábio e a do homem de bem. Segundo a justiça, cada alma deve ter a responsabilidade de seus atos; mas, para que sejam responsáveis, é necessário que sejam livres para escolher entre o bem e o mal. Sem o livre-arbítrio, teríamos o fatalismo, e com o fatalismo não pode haver responsabilidade.

Todas as religiões têm igualmente admitido o princípio do estado feliz ou infeliz das almas após a morte, em outras palavras, dos castigos e dos gozos futuros que se resumem na doutrina do Céu e do Inferno, que encontramos em toda a parte. Aquilo em que diferem essencialmente, no entanto, é sobre a natureza desses castigos e desses gozos, e *principalmente* sobre as condições que podem determinar uns e outros. Daí os pontos de fé contraditórios que deram origem aos diferentes cultos e os deveres particulares impostos por cada um deles para honrar a Deus e, por esse meio, alcançar o Céu e evitar o Inferno.

Todas as religiões precisaram, em sua origem, alinhar-se com o grau de adiantamento moral e intelectual dos homens. Esses, ainda muito ligados às coisas materiais para entender o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram com que a maior parte dos deveres religiosos consistisse no cumprimento de ritos exteriores. Durante um tempo, tais ritos bastaram à sua razão. Mais tarde, em se iluminando seus espíritos, sentiram o vazio que seguia no rastro desses ritos, de tal modo que, caso a religião não o preenchesse, abandonavam-na, tornando-se filósofos.

Se a religião – apropriada no começo aos conhecimentos limitados dos homens¹⁶ – tivesse sempre acompanhado o movimento evolutivo do espírito humano, não haveria incrédulos, porque a necessidade de crer faz parte da natureza do homem, e ele crerá, se lhe for dado um alimento espiritual em harmonia com suas necessidades intelectuais. Ele quer saber de onde vem e para onde vai. Se lhe é mostrado um objetivo que não responde nem às suas aspirações nem à ideia que ele faz de Deus, nem aos dados concretos que lhe fornece a Ciência, e se ainda lhe são impostas, para atingir tais objetivos, condições que sua razão indica ser inúteis, ele repudiará o todo. O materialismo e o panteísmo ainda vão-lhe parecer mais racionais porque neles se discute e

16. Em *A Gênese*, Kardec afirma que a religião, na origem dos povos, era um freio para governar, subjugando-os: “Para dar mais força à religião, era necessário apresentá-la como absoluta, infalível e imutável, sem os quais ela teria perdido a ascendência sobre esses seres quase primitivos, apenas iniciados para a racionalidade. Ela não poderia ser discutida, assim como as ordens de um soberano. Disso resultou o princípio da fé cega e da obediência passiva, que tinha, na origem, sua razão de ser e sua utilidade” (Cap. IV, item 2). Sem meios seguros para a observação da realidade espiritual, essas teorias primitivas estavam repletas de erros. (N. do E.)

se raciocina. Raciocina-se em falso, é verdade, mas ele prefere antes raciocinar em falso a não raciocinar de modo algum.

Que se apresente ao homem, porém, um futuro em condições lógicas, digno em todos os pontos da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, e ele abandonará o materialismo e o panteísmo, cujo vazio ele pressente em seu foro íntimo, e que somente havia aceitado por falta de algo melhor. O Espiritismo oferece mais, pois que é acolhido com presteza por todos aqueles que a incerteza aflitiva da dúvida atormenta e que não encontram o que procuram nem nas crenças, nem nas filosofias comuns. O Espiritismo tem a seu favor a lógica do raciocínio e a confirmação dos fatos, e é por isso que tem sido combatido inutilmente.

O homem tem instintivamente a crença no futuro; porém, não possuindo até hoje nenhuma base incontroversa para defini-lo, sua imaginação concebeu os sistemas que têm dado margem à diversidade nas crenças. A concepção espírita acerca do futuro não sendo uma obra da imaginação concebida mais ou menos engenhosamente, mas o resultado da observação de fatos materiais que hoje ocorrem sob nossas vistas, reunirá, como já o faz hoje, as opiniões divergentes ou vacilantes, promovendo aos poucos, e pela força dos fatos, a unidade de crença nesse ponto, crença não mais baseada numa hipótese, mas numa certeza. A unificação no que diz respeito ao destino futuro das almas será o ponto inicial de aproximação entre os diferentes cultos, um passo imenso, de início em direção à tolerância religiosa, e mais tarde em direção à fusão¹⁷.

17. As religiões ancestrais, baseadas em dogmas sobre a vida futura, são exclusivistas, prometendo a salvação para os seus adeptos e a condenação para os outros. Assim promovem o fanatismo. O Espiritismo, enquanto ciência filosófica, sustenta princípios, não em abstrações, mas em novas leis da natureza, demonstrando verdades fundamentais sobre o futuro. Assim, explica Kardec, essa teoria será o da universalidade da cultura humana, promovendo uma ampla solidariedade, pois “Longe de substituir um exclusivismo por outro, o Espiritismo se apresenta como campeão absoluto da liberdade de consciência. Combate o fanatismo sob todas as formas, cortando-o pela raiz, anunciando a salvação para todos os homens de bem, assim como a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegar, por seus esforços, pela expiação e reparação, à perfeição única, que leva à suprema felicidade”. (*A Gênese*, cap. XVIII, item 20). Será nesse sentido, pela unidade teórica, que ocorrerá a futura aproximação e fusão dos cultos mencionada por Kardec. (N. do E.)

CAPÍTULO II

O medo da morte

O homem, qualquer que seja o grau da escala a que ele pertença, desde o estado de selvageria, possui o sentimento inato do futuro. Sua intuição lhe diz que a morte não é a última etapa da existência, e que aqueles de quem temos saudades não terão partido para sempre. A crença no futuro é intuitiva, e infinitamente mais generalizada que a crença no nada. Então, como pode ser que, entre os que creem na imortalidade da alma, ainda se encontre tanto apego às coisas terrestres e um medo tão grande da morte?

O medo da morte é um efeito da sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de sobrevivência comum a todos os seres vivos. Ele é necessário enquanto o homem não está bastante esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso à tendência que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrestre e a negligenciar o trabalho que cá embaixo deve-lhe servir para o próprio adiantamento.

É por isso que, entre os povos primitivos, o futuro representa apenas uma vaga intuição, depois uma simples esperança, e mais tarde enfim uma certeza, ainda limitada, no entanto, por um secreto apego à vida corporal.

O receio da morte diminui à medida que o homem compreende melhor a vida futura, mas, ao mesmo tempo que compreende melhor sua missão sobre a Terra, ele aguarda seu fim com mais calma, mais resignação e sem medo. A certeza acerca da vida futura dá um outro curso às suas ideias, um outro objetivo aos seus esforços. Antes de ter essa certeza, ele trabalha somente em função da vida atual; com essa certeza, trabalha tendo em vista o futuro sem

negligenciar o presente, porque sabe que seu futuro depende da direção mais ou menos boa que ele dá ao presente. A certeza de reencontrar seus amigos após a morte, de continuar as relações que ele teve sobre a Terra, *de não perder o fruto de trabalho algum* e de crescer continuamente em inteligência e em perfeição lhe dá a paciência de aguardar e a coragem de suportar os labores transitórios da vida terrestre. A solidariedade que o homem vê se estabelecer entre os mortos e os vivos o faz compreender a que deve existir entre os vivos. A fraternidade tem, portanto, sua razão de ser, e a caridade, um propósito no presente e no futuro.

Para libertar-se da apreensão da morte, é necessário poder enxergá-la sob seu verdadeiro ponto de vista, ou seja, haver penetrado, pelo pensamento, no mundo espiritual e dele fazer uma ideia tão exata quanto possível, o que denota no espírito encarnado um certo desenvolvimento e uma certa capacidade para se desprender da matéria. Entre aqueles que não estão adiantados o suficiente, a vida material prevalece ainda sobre a vida espiritual.

Apegando-se ao exterior, o homem só vê a vida do corpo, ao passo que a vida real está na alma. Privado o corpo da vida, aos seus olhos tudo está perdido, e ele se desespera. Se, em lugar de concentrar seu pensamento sobre a vestimenta exterior, o homem o fizesse sobre a verdadeira fonte da vida – a alma, que é o ser real que sobrevive a tudo –, ele lastimaria menos o corpo, fonte de tantas misérias e de dores¹⁸. Mas para isso é necessário ter uma força que o espírito só adquire com a maturidade.

O medo da morte resulta, portanto, da insuficiência de conhecimentos sobre a vida futura; mas conduz à necessidade de viver e ao medo de que a destruição do corpo seja o fim de tudo. Ele é, assim, provocado pelo secreto anseio pela sobrevivência da alma, ainda cercada pela incerteza.

A apreensão se enfraquece à medida que a certeza se forma, desaparecendo quando a certeza é completa.

18. Na psicologia espiritualista, na qual o Espiritismo se baseia, o ser humano encarnado vive, conjuntamente, a vida animal (instintos, emoções, dor, prazer) e a vida da alma (razão, vontade, imaginação). Não sendo ele o corpo, a verdadeira vida é a do espírito, que, após a morte, não tem sensações de dor e de sofrimento físico, e o instinto de sobrevivência se faz desnecessário. Com a evolução da alma, progressivamente prevalece a vida espiritual e a condição de felicidade. Dessa forma, libertar-se do medo da morte é um processo natural. (N. do E.)

Eis o lado providencial da questão. É prudente não ofuscar o homem cuja razão não está ainda sólida o bastante para suportar a visão demasiado segura e atraente de um futuro que o faria negligenciar o presente, que é necessário ao seu adiantamento material e intelectual.

Tal situação é mantida e prorrogada por causas puramente humanas que desaparecerão com o progresso. A primeira é o aspecto sob o qual a vida futura é apresentada, aspecto que pode ser suficiente para inteligências pouco avançadas, mas que não satisfaz as exigências da razão dos homens que refletem. Consequentemente, dizem eles, se nos são apresentadas, como verdades absolutas, ideias contestadas pela lógica e pelos dados concretos da Ciência, é porque elas não são verdadeiras. Daí, entre alguns há a incredulidade, e, entre muitos outros, uma crença mesclada com a dúvida. A vida futura é para eles uma ideia vaga, antes uma probabilidade do que uma certeza absoluta; acreditam nela, gostariam que assim fosse, mas exclamam, a contragosto: “Se não for assim, no entanto! O presente é garantido, dediquemo-nos primeiramente a ele; o futuro virá por acréscimo”.

E depois, dizem ainda, o que é a alma, afinal? É um ponto, um átomo, uma centelha, uma chama? Como ela sente? Como ela vê e percebe? A alma não é para eles uma realidade efetiva: é uma abstração¹⁹. Os seres que lhes são queridos, reduzidos em seu pensamento ao estado de átomos, estão extintos para eles, por assim dizer, e não mais têm aos seus olhos as qualidades que os faziam amá-los. Eles não compreendem o amor de uma centelha, nem aquele que se pode ter por ela, e eles mesmos ficam mediocrementemente satisfeitos por serem transformados em mônadas. Daí resulta o retorno ao positivismo da vida terrestre, que tem qualquer coisa de mais concreto. O número daqueles que são dominados por essas ideias é considerável.

Uma outra razão que prende às coisas da Terra até aqueles que creem mais firmemente na vida futura está relacionada à impressão que conservam do ensino que lhes foi dado sobre ela desde a infância.

19. Por meio da psicologia, os espiritualistas estudavam experimentalmente a alma encarnada, mas as questões metafísicas permaneciam na condição de hipóteses. Não se concebia como a alma, sendo imaterial, após a morte, poderia ter localização no espaço e no tempo sem um corpo. Somente com o complemento do Espiritismo, que apresenta a realidade do perispírito e da matéria perispiritual, também a metafísica tornou-se experimental, baseada na observação dos fatos. (N. do E.)

O quadro que a religião apresenta da vida futura, é preciso admitir, não é muito sedutor nem muito consolador. De um lado, veem-se nele as contorções dos condenados a expiar em torturas e chamas sem fim os erros de um momento, sucedendo-se os séculos sem que haja esperança de alívio ou piedade. E o que é ainda mais cruel, sem que haja para os condenados qualquer proveito advindo do arrependimento. De outro lado, as almas debilitadas e sofredoras do Purgatório a esperar sua libertação que depende da boa vontade dos vivos – que rezarão ou farão rezar por elas – e não de seus esforços para progredir. Essas duas categorias compõem a imensa maioria da população do outro mundo. Acima dessas almas está o restritíssimo grupo dos eleitos, que desfruta, por toda a eternidade, de uma beatitude contemplativa. Essa eterna inutilidade – preferível, sem dúvida, ao nada – não deixa de ser uma fastidiosa monotonia. Assim se vê, nas pinturas que retratam os bem-aventurados, as figuras angélicas que exprimem, entretanto, mais o tédio do que a verdadeira felicidade.

Essa situação não satisfaz nem as aspirações nem a ideia instintiva do progresso que só parece compatível com a felicidade absoluta. É difícil conceber que, somente por ter recebido o batismo, esteja o selvagem inculto, de senso moral limitado, no mesmo nível que aquele que atingiu o mais alto grau de ciência e de moralidade prática após longos anos de trabalho. É menos concebível ainda que a criança morta em tenra idade, antes de ter consciência de si mesma ou de seus atos, desfrute dos mesmos privilégios simplesmente pela realização de uma cerimônia na qual sua vontade não teve nenhuma participação.

Tais pensamentos não deixam de preocupar os crentes mais fervorosos, por menos que reflitam. A ideia de que o trabalho progressivo que se realiza na Terra nada conta para a felicidade futura, e a facilidade com que se acredita adquirir essa felicidade por meio de algumas práticas exteriores – e até mesmo a possibilidade de se comprá-la por dinheiro, sem uma séria reforma de caráter e de hábitos – realçam o valor dos prazeres terrenos. Mais de um crente diz intimamente que, já que seu futuro está assegurado pela realização de certos ritos ou por dádivas póstumas que não o privam de nada, seria inútil impor a si sacrifícios ou um incômodo qualquer em proveito do próximo, uma vez que se pode obter a salvação trabalhando cada um por si²⁰.

20. Os dogmas religiosos estabelecem o princípio de heteronomia ou sujeição a uma lei exterior com vistas à recompensa, sob pena do castigo se não for submisso. Real-

Seguramente não é esse o pensamento de todos, porquanto existem grandes e belas exceções, mas, sem dúvida, representa o pensamento da maioria, principalmente das massas pouco esclarecidas, e a ideia que se faz das condições para ser feliz no outro mundo alimenta o apego aos bens terrestre e, por conseguinte, o egoísmo.

Acrescentemos, ademais, o fato de que tudo nos costumes concorre para que se lamente a perda da vida terrestre e se receie a passagem da Terra para o Céu. A morte é cercada de cerimônias lúgubres que aterrorizam mais do que despertam a esperança. Quando é retratada, é sempre com um aspecto repugnante e nunca como um sono de transição. Todos esses símbolos lembram a destruição do corpo, mostrando-o monstruoso e descarnado; nenhum simboliza a alma se desprendendo radiosa de seus laços terrestres. A partida para esse mundo mais feliz é acompanhada apenas pelas lamentações dos que ficam, como se acontecesse a maior tragédia àqueles que se vão. Damos-lhes um adeus eterno, como se jamais fôssemos revê-los. O que se lamenta por eles são os gozos deste mundo, como se não devessem encontrar outros maiores. “Que infelicidade” – é comum que se diga – “morrer quando se é jovem, rico, feliz, tendo diante de si um futuro brilhante!” A ideia de uma situação mais feliz custosamente surge no pensamento, porque nele tal ideia não encontra raízes. Tudo concorre, portanto, para inspirar o temor da morte, em vez de fazer nascer a esperança. Sem dúvida, o homem precisará de muito tempo para se desfazer desses preconceitos, mas isso acontecerá à medida que sua fé se fortalecer, quando então ele terá uma ideia mais sensata da vida espiritual²¹.

A Doutrina Espírita muda inteiramente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade. O estado das almas

mente, os animais progridem pelo condicionamento (prazer e dor), mas cabe ao espírito humano a evolução pelo esforço da vontade, sendo a felicidade proporcional ao mérito das conquistas intelecto-morais de forma autônoma. (N. do E.)

21. A crença no nada mantém o individualismo na sociedade contemporânea. Quando a compreensão das relações entre os dois mundos tornar-se um fato natural compreendido e amplamente divulgado, uma nova ordem social se estabelecerá. Afirmo Kardec: “vê-se que a só constatação da existência do mundo espiritual conduz, forçosamente, a uma revolução nas ideias. Ora, uma revolução nas ideias leva, forçosamente, a uma revolução na ordem das coisas, e é essa revolução que o Espiritismo prepara” (*O que é o Espiritismo?*, Cap II, nº 101). (N. do E.)

após a morte não é mais uma teoria, mas o resultado da observação. O véu se levantou: o mundo espiritual nos aparece em toda a sua realidade prática. Não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever sua situação. Nós ali os vemos em todos os níveis da hierarquia espiritual, em todas as fases da felicidade e do infortúnio, assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Aí está, para os espíritas, a razão da calma com que encaram a morte, da serenidade de seus últimos instantes sobre a Terra. O que os sustenta não é somente a esperança, mas a certeza. Eles sabem que a vida futura não é mais que a continuação da vida presente em melhores condições, e a esperam com a mesma confiança com que aguardam o alvorecer após uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança estão nos fatos que testemunham e na concordância desses fatos com a lógica, com a justiça, com a bondade de Deus e com os anseios íntimos do homem.

Além disso, a crença comum situa as almas em regiões acessíveis apenas escassamente ao pensamento, onde se tornam, de alguma sorte, alheias aos vivos. A própria Igreja coloca entre as almas e os vivos uma barreira intransponível, declarando que todas as relações estão desfeitas, que qualquer comunicação é impossível. Se as almas estão no Inferno, toda a esperança de revê-las está perdida para sempre, a menos que se vá para lá. Se as almas estão entre os eleitos, encontram-se completamente absorvas em sua beatitude contemplativa. Tudo isso coloca entre os vivos e os mortos uma tal distância que se enxerga tal separação como eterna; eis por que muitos preferem ter perto de si aqui na Terra os seres que amam, ainda que estes estejam sofrendo, do que vê-los partir, mesmo que seja para o Céu. Ademais, a alma que está no Céu é realmente feliz ao ver, por exemplo, *seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos* arder eternamente?

Para os espíritas, a alma não é mais uma abstração: ela tem um corpo etéreo que faz dela um ser definido que o pensamento abrange e concebe, o que é já o bastante para fixar as ideias acerca de sua individualidade, suas aptidões e suas percepções. A lembrança daqueles que nos são caros fundamenta-se em algo real. Não os representamos mais como chamas fugidias que nada falam ao pensamento, mas sob uma forma definida que a nós os mostra mais claramente como criaturas vivas. Além disso, em lugar de estarem perdidos nas profundezas do Espaço, eles estão à nossa volta. O mundo corporal e o

mundo espiritual estão em perpétua conexão, e se assistem mutuamente. Não sendo mais permitida a dúvida sobre o futuro, o medo da morte não tem mais razão de ser: enfrenta-se a morte a sangue-frio, como uma libertação, como a porta da vida, e não como a do nada²².

22. No mundo novo, quando a compreensão do mundo espiritual e da moral autônoma tornarem-se parte do conhecimento compreendido e aceito, e a regeneração da humanidade estiver em curso, a morte vai ganhar novo significado: o instante de passagem de um mundo a outro, do mesmo modo que o nascimento. Não haverá sentido para medo, desespero ou insegurança pela separação. Enfim, encarnados e desencarnados são dois estados de uma só sociedade humana. (N. do E.)

CAPÍTULO III

O Céu

A palavra *céu* designa em geral o espaço indefinido que cerca a Terra, e mais particularmente a parte acima do nosso horizonte; ela vem do latim *caelum*, que vem do grego *κοίλος*, significando *oco* ou *côncavo*, uma vez que o céu parece, aos nossos olhos, uma imensa concavidade. Os antigos acreditavam na existência de vários céus superpostos, compostos de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas cujo centro era a Terra. Tais esferas, girando ao redor da Terra, arrastavam consigo os astros que se encontravam em seu circuito.

Essa ideia, resultante da insuficiência dos conhecimentos astronômicos, foi aquela de todas as teogonias que fizeram dos céus, assim escalonados, os vários graus da bem-aventurança; o último deles era a morada da felicidade suprema. Segundo a opinião mais comum, havia sete deles, daí a expressão *estar no sétimo Céu* para designar a felicidade perfeita. Os muçulmanos admitem nove, em cada um dos quais aumenta a felicidade dos crentes. O astrônomo Ptolomeu²³ contava onze, dos quais o último chamava-se *Empíreo*²⁴ por conta da brilhante luz que nele reinaria. Ainda hoje é o nome poético dado ao lugar da glória eterna. A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo é o espaço onde se movem os astros; o terceiro, além da região dos astros, é a morada do Mais Alto, o lar

23. Ptolomeu viveu na Alexandria, no Egito, no segundo século da Era Cristã. (N. do A.)

24. Empíreo: do grego *pur* ou *pyr*, fogo. (N. do A.)

dos eleitos que contemplam Deus face a face. É de acordo com essa crença que se diz que São Paulo foi alçado ao terceiro Céu.

As diversas doutrinas que se referem à morada dos bem-aventurados baseiam-se todas no erro duplo de que a Terra é o centro do Universo, e de que a região dos astros é limitada. É para além desse limite imaginário que todas colocaram essa estância afortunada e a morada do Todo-Poderoso. Singular anomalia que situa o autor de todas as coisas, aquele que as governa todas, nos confins da criação, em lugar de colocá-lo no centro de onde a irradiação do seu pensamento podia se estender a tudo!

A Ciência, com a lógica inexorável dos fatos e da observação, levou sua luz até as profundezas do espaço e mostrou o vazio de todas essas teorias. A Terra não é mais o centro do Universo, mas um dos mais diminutos astros girando na imensidão. O próprio Sol é apenas o centro de um turbilhão planetário; as estrelas são inumeráveis sóis em torno dos quais circulam mundos incontáveis, separados por distâncias que o pensamento custosamente apreende, ainda que, para nós, eles pareçam se tocar. Nesse conjunto, regido por leis eternas em que se revelam a sabedoria e a onipotência do Criador, a Terra aparece apenas como um ponto imperceptível, e um dos menos hospitaleiros. Perguntamo-nos, portanto, por que Deus faria da Terra a única sede da vida e a ela teria relegado as criaturas de sua predileção? Tudo, ao contrário, pressagia que a vida está por toda a parte, que a humanidade é infinita tal qual o Universo. Com a Ciência revelando-nos mundos semelhantes à Terra, Deus não os pode ter criado sem objetivo. Ele deve tê-los povoado com seres capazes de governá-los.

As ideias do homem estão na razão do que ele sabe. Como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos deu um outro curso às suas ideias. Sob o influxo desses novos conhecimentos, modificaram-se as crenças: o Céu foi deslocado; a região das estrelas, sendo ilimitada, não lhe pode mais servir. Onde está o Céu? Diante dessa questão, todas as religiões emudecem.

O Espiritismo vem resolvê-la demonstrando o verdadeiro destino do homem. Tomando como ponto de partida a natureza deste último, assim como os atributos de Deus, chega-se à conclusão.

O homem é composto pelo corpo e pelo espírito. O espírito é o ser principal, o ser da razão, o ser inteligente. O corpo é o invólucro material que reveste temporariamente o espírito para a realização da sua missão sobre a Terra e a execução do trabalho necessário ao seu avanço. Usado, o corpo se

destrói, mas o espírito sobrevive à sua destruição. Sem o espírito, o corpo é apenas uma matéria inerte, como um instrumento privado da força que o faz agir. Sem o corpo, o espírito é tudo: a vida e a inteligência. Deixando o corpo, ele retorna ao mundo espiritual de onde havia saído para se encarnar.

Há, portanto, *o mundo corporal*, composto pelos espíritos encarnados, e *o mundo espiritual*, formado pelos espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, por conta de seu invólucro material, estão ligados à Terra ou a um planeta qualquer. O mundo espiritual está por toda a parte, em torno de nós e no espaço, sem nenhum limite estabelecido²⁵. Em razão da natureza fluídica do seu invólucro, os seres que o compõem, em vez de se arrastarem penosamente sobre o solo, vencem as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo é a ruptura dos laços que os mantinham cativos.

Os espíritos são criados simples e ignorantes, mas com aptidão para tudo conquistar e para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso, eles adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções, e, por conseguinte, novos gozos desconhecidos aos espíritos inferiores; eles veem, ouvem, sentem e compreendem o que os espíritos mais atrasados não podem ver, ouvir, sentir ou compreender. Sua felicidade²⁶ está na razão do progresso realizado, de sorte que, de dois espíritos, um pode não ser tão feliz

25. No pensamento dogmático, o sofrimento após a morte é a dor física, causada pelas impressões de um ambiente tomado pelo fogo e demais torturas. Já o céu estaria representado por prazeres e alegrias, causado pelo ambiente benfazejo. Segundo o Espiritismo, o mundo espiritual não causa impressões físicas, e a condição de felicidade ou infelicidade do espírito é determinada por sua condição evolutiva. Os relatos de sofrimentos físicos são de espíritos imperfeitos, que vivenciam ilusões criadas pela sua imaginação e pela lembrança das sensações do mundo corporal. (N. do E.)

26. O Espiritismo dá um novo significado ao termo felicidade, próprio de sua teoria, que é uma sensação íntima do espírito, inerente ao desenvolvimento de suas faculdades (razão, vontade, imaginação) e qualidades, por seu livre esforço, no decorrer das encarnações. Já a infelicidade é inerente à condição de imperfeição criada pelas más escolhas e hábitos equivocados, até que o espírito se conscientize e, arrependido, decida se libertar do sofrimento moral pelo seu aperfeiçoamento. Pertencem ao mundo corporal o prazer (sensação), relacionado à condição fisiológica, e a alegria (emoção) relacionada às impressões externas. A felicidade, por sua vez, é uma condição adquirida pelo espírito em fases progressivas, não decorrendo, portanto, de localização, circunstâncias ou impressões exteriores. (N. do E.)

quanto o outro unicamente por não ser avançado intelectual e moralmente, sem que eles tenham necessidade de estar cada um em lugar diferente. Ainda que estejam ao lado um do outro, um pode estar nas trevas, ao passo que tudo é resplandecente em torno do outro, precisamente como quando um cego e uma pessoa que enxerga se dão as mãos: uma percebe a luz que não causa impressão alguma em seu vizinho. Sendo a felicidade dos espíritos inerente às qualidades que possuem, alcançam-na onde quer que se encontrem, seja na superfície da Terra, entre os encarnados ou no Espaço.

Uma comparação simples ilustra ainda melhor essa situação. Em um concerto se encontram dois homens, sendo um deles um bom músico, com ouvido afinado, e o outro sem conhecimento de música e o sentido auditivo pouco delicado. O primeiro experimenta uma sensação de aprazimento, enquanto o segundo permanece insensível, porque um compreende e percebe o que não causa impressão alguma no outro. Assim é com todos os gozos dos espíritos, gozos que estão na razão da aptidão destes últimos para senti-los. O mundo espiritual tem por toda a parte esplendores, harmonias e sensações que não são acessíveis senão aos espíritos purificados, e que os espíritos inferiores, ainda submetidos à influência da matéria, nem mesmo entreveem²⁷.

O progresso dos espíritos é fruto do seu próprio trabalho. Como são livres, no entanto, trabalham para o seu adiantamento com mais ou menos afínco ou negligência, conforme sua vontade²⁸, assim apressando ou retardando seu progresso e, por consequência, sua felicidade. Enquanto uns avançam rapidamente, outros permanecem estagnados longos séculos nas feiras inferiores. Eles são, portanto,

27. Veja mais detalhes sobre percepções, sensações e sofrimentos dos espíritos nas questões 237 a 257 de *O Livro dos Espíritos*. A alma não tem percepção da dor, no mundo espiritual, nenhuma impressão física é causada no perispírito. Desse modo, “A dor que sentem não é, pois, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque a dor não se acha localizada e porque não a produzem agentes exteriores”. O espírito, em verdade, tem sofrimento moral quando tem imperfeições que lhe são inerentes. Todo sofrimento físico que relatam são ilusões que o atormentam enquanto não as supera pelo aperfeiçoamento. (N. do E.)

28. A liberdade de agir é uma conquista do espírito por meio das faculdades da razão e da vontade. E é por meio da livre escolha, iluminada pelo conhecimento das leis universais presentes em sua consciência, que o espírito conquista gradualmente a felicidade. (N. do E.)

artífices da própria situação, feliz ou infeliz, segundo as palavras de Cristo: “A cada um conforme suas obras!”. Todo espírito que fica para trás não pode culpar senão a si mesmo. Da mesma forma, aquele que se adianta, daí extrai todo o mérito; a felicidade conquistada tem, assim, maior valor aos seus olhos.

A felicidade suprema só é partilhada pelos espíritos perfeitos, ou seja, pelos puros espíritos. Eles somente a atingem após haverem progredido em inteligência e moral. Raramente o progresso intelectual e o progresso moral caminham lado a lado; mas o que o espírito não faz numa época, ele o fará numa outra, de maneira que os dois progressos chegam a atingir o mesmo nível. Eis por que frequentemente se veem homens inteligentes e instruídos muito pouco avançados moralmente, e vice-versa²⁹.

A encarnação é necessária a ambos os tipos de progresso do espírito, o moral e o intelectual³⁰. Ao progresso intelectual, por conta da atividade que é obrigado a desenvolver no trabalho, e ao progresso moral, pela necessidade que os homens têm uns dos outros. A vida em sociedade é a pedra de toque das boas e das más qualidades. A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia – numa palavra, tudo o que caracteriza o homem bom ou o homem mau – têm como motivação, objetivo e sustento as relações do homem com seus semelhantes. Para o homem que vivesse isolado, não haveria nem vícios nem virtudes; se, pelo isolamento, ele se preserva do mal, ele anula o bem.

29. O espírito é inicialmente simples e ignorante, ou seja, sem o desenvolvimento das faculdades da vontade e da razão. Naturalmente, buscando melhor conforto, o ser humano primitivo conquista a inteligência racional no decorrer das reencarnações. Depois, sua mente se abre para o mundo social, e ele faz escolhas morais. Só então desenvolve o senso moral e o livre-arbítrio. Todavia, por interesse pessoal, o espírito pode fazer uso da inteligência para abusar das necessidades corporais. Surge assim o mal moral, inerente à condição de infelicidade. Este será superado quando o espírito arrependido, dedicar-se ao equilíbrio dos *dois progressos* (moral e intelectual), superando essa imperfeição. (N. do E.)

30. Nas religiões ancestrais, a encarnação é um efeito do pecado ou do carma, sendo necessariamente um castigo imposto ao espírito culpado. A teoria espírita supera essa ilusão, demonstrando as reencarnações como necessárias aos progressos intelectual e moral do espírito pelo próprio esforço. Esse conceito, amplamente desenvolvido nesta obra, altera completamente o entendimento da justiça divina. (N. do E.)

Uma só existência corporal é evidentemente insuficiente para que o espírito possa adquirir todo o bem que lhe falta e desfazer-se de tudo o que há de mau em si. O selvagem, por exemplo, numa só encarnação poderia atingir o nível moral e intelectual do europeu mais avançado? Seria na prática impossível. Deve ele, então, ficar eternamente na ignorância e na barbárie, privado dos gozos que apenas o desenvolvimento das faculdades pode proporcionar? O simples bom senso recusa uma tal suposição, que representaria a negação simultânea da justiça e da bondade de Deus, assim como a da lei de progresso da Natureza. Eis por que Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao espírito do homem tantas existências quantas forem necessárias para que ele chegue ao objetivo, que é a perfeição.

Em cada nova existência, o espírito traz o que adquiriu nas anteriores, sob a forma de aptidões, de conhecimentos intuitivos, de inteligência e de moral. Do que ele adquiriu nada é perdido, tudo lhe é proveitoso; todo progresso realizado, todo conhecimento adquirido, *mesmo na última hora da existência*, são outras tantas conquistas para o futuro, tantas provas adicionais de que se poupa, tantos elementos para acrescer à felicidade futura.³¹ O espírito que pressente sua morte próxima não dirá que é inútil trabalhar pela própria instrução por conta do pouco tempo que lhe resta para viver; compreendendo a solidariedade entre o presente e o futuro, via lei do progresso, ele pensará o contrário: “Aproveitemos estes últimos momentos para avançar o mais possível, porque o trabalho feito está feito”³².

Cada existência é, assim, um passo adiante na estrada do progresso, a menos que, por sua preguiça, indiferença ou obstinação no mal, ele não a aproveite, caso em que terá que recomeçar. Dele portanto depende aumentar ou diminuir o número de encarnações, sempre mais ou menos penosas e trabalhosas³³.

31. V. Primeira Parte, capítulo I, nota de rodapé [1]. (N. do A.)

32. Segundo o Espiritismo, a finalidade da vida, no atual estágio evolutivo de nosso planeta, está no progresso íntelecto-moral do espírito, para o qual as experiências e vicissitudes são oportunidades. Assim, cada momento da vida importa, o contato com a natureza, as relações sociais, e até mesmo estar em coma numa cama de hospital. Todo instante bem aproveitado pode ser instrumento para o aperfeiçoamento. (N. do E.)

33. O número de encarnações necessárias para a evolução do espírito é inversamente proporcional ao esforço empregado, ao bom uso dos desafios enfrentados. As encarnações tornam-se penosas quando o espírito não aproveita as oportunidades para o seu progresso, tornando-as repetitivas por sua própria responsabilidade. (N. do E.)

No intervalo entre existências corporais, o espírito ingressa por um tempo mais ou menos longo no mundo espiritual, onde é feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal que haja feito. O estado espiritual é o estado normal do espírito, porquanto esse deve ser seu estado definitivo, e porque o corpo espiritual não morre. A estada no corpo é apenas transitória e passageira. É principalmente no estado espiritual que o espírito colhe os frutos do progresso realizado pelo seu trabalho durante a encarnação; é também nesse estado que ele se prepara para novas lutas e toma as resoluções que se esforçará por colocar em prática em seu retorno à humanidade³⁴.

A reencarnação pode acontecer na Terra ou em outros mundos. Entre os mundos, existem uns mais avançados que outros, onde a existência se dá em condições menos penosas, física e moralmente, do que sobre a Terra, mas em que somente são admitidos espíritos que tenham chegado a um grau de perfeição que esteja em consonância com o nível desses mundos.

A vida nos mundos superiores já é uma recompensa, porquanto neles estamos isentos dos males e das vicissitudes a que estamos submetidos na Terra. Os corpos, menos materiais, quase fluídicos, ali não estão sujeitos às doenças, às enfermidades, ou às mesmas necessidades. Estando os maus espíritos excluídos desses mundos, os homens ali vivem em paz, sem outra preocupação que a do seu adiantamento pelo trabalho do intelecto. Lá reina a verdadeira fraternidade, porque não há egoísmo. A verdadeira igualdade, porque não há orgulho. A verdadeira liberdade, porque não há desordens a reprimir, nem ambiciosos buscando oprimir o fraco. Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos; são as etapas da estrada do progresso que conduz ao estado definitivo. Sendo a Terra um mundo inferior destinado à purificação dos espíritos imperfeitos, está aí a razão pela qual o mal aqui predomina, até que Deus queira nela fazer a morada dos espíritos mais adiantados³⁵.

34. A doutrina espírita estabelece o princípio da livre *escolha das provas* da vida. Na erradicidade, o espírito consciente estuda a sua condição e escolhe provas mais apropriadas para conquistar as virtudes e entendimentos que deseja. Ou escolhe, quando é o caso, circunstâncias como expiação para a superação de suas imperfeições. Assim, as vicissitudes da vida em nosso mundo não são castigos divinos, ideia falsa, mas sim oportunidades necessárias para o aperfeiçoamento do espírito. (N. do E.)

35. O mal sobressai num mundo de expiações e provas, mas, após a revolução científica, segue-se a revolução moral, e o orbe entra na fase de regeneração, que culminará com

É assim que o espírito, progredindo gradualmente à medida que se desenvolve, chega ao apogeu da felicidade. Antes, porém, de haver alcançado o ponto culminante da perfeição, ele desfruta de uma felicidade proporcional ao seu adiantamento³⁶. Assim como a criança frui as alegrias da primeira infância, mais tarde as da juventude, e finalmente as mais sólidas da idade adulta.

A felicidade dos espíritos bem-aventurados não está na ociosidade contemplativa, que seria, como frequentemente se tem dito, uma eterna e fastidiosa inutilidade. A vida espiritual, em todos os níveis, é, ao contrário, uma incessante atividade, conquanto seja uma atividade sem fadigas. A suprema felicidade consiste em desfrutar todos os esplendores da criação que nenhuma linguagem humana poderia descrever, que a imaginação mais fecunda não conseguiria conceber; consiste no conhecimento e compreensão de todas as coisas; na ausência de todo sofrimento físico e moral; numa satisfação íntima, uma serenidade na alma que nada pode abalar; no amor puro que une todos os seres, por não haver o desgaste do contato com os maus; e, acima de tudo, na visão de Deus e na compreensão de seus mistérios, revelados aos mais dignos. Entre os espíritos puros, também se encontra a suprema felicidade nas tarefas de que se alegram por delas serem encarregados. Eles são os messias ou mensageiros de Deus para a transmissão e execução de suas vontades; eles realizam as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo, tarefa gloriosa a que só se chega pela perfeição. Os espíritos da ordem mais elevada são os únicos que comungam dos segredos de Deus, inspirando-se no seu pensamento, de que são os representantes diretos³⁷.

a condição de planeta feliz. Para compreender a realidade moral da sociedade é preciso considerar duas classes de processos evolutivos: geral e individual. Ou seja, aquela realizada pelo esforço de cada espírito, que lhe traz a gradativa felicidade, e o progresso natural das humanidades em cada planeta (como ocorre no ser humano, nas fases de bebê, criança, adolescente e adulto). Desse modo, todos os espíritos chegarão à condição de espíritos puros, e todos os planetas atingirão a condição de felizes. Veja mais sobre a evolução dos mundos em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III. (N. do E.)

36. Essa explicação corresponde ao item 3º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “A felicidade perfeita está ligada à perfeição, ou seja, à depuração completa do Espírito (...)”. (N. do E.)

37. Assim, a evolução do princípio inteligente na criação compreende três fases (anímica, humana e cocriadora). Na fase anímica, os seres do mineral ao animal desen-

As atribuições dos espíritos são proporcionais ao seu adiantamento, aos conhecimentos que possuem, às suas habilidades, experiência e grau de confiança que inspiram ao Mestre soberano. Não há aí privilégios ou favores que não sejam o prêmio do mérito: tudo é apreciado sob o critério da mais estrita justiça. As missões mais importantes são confiadas apenas àqueles que Deus sabe estar aptos a cumpri-las e cuja realização são incapazes de frustrar ou de comprometer. Enquanto, sob as próprias vistas de Deus, os mais dignos compõem o conselho supremo, aos chefes superiores é conferida a direção dos turbilhões planetários e a outros é conferida a direção de mundos especiais. Vêm a seguir, na ordem de adiantamento e de subordinação hierárquica, as atribuições mais restritas daqueles que são encarregados do desenvolvimento dos povos, da proteção das famílias e dos indivíduos, do impulso de cada ramo do progresso, das diversas operações da natureza até os mais ínfimos detalhes da criação. Nesse vasto e harmonioso conjunto, existem ocupações para todas as capacidades, aptidões e disposições, ocupações que são aceitas com alegria e solicitadas com ardor, porquanto representam um meio de adiantamento para os espíritos que aspiram a se elevar.

A encarnação é inerente à inferioridade dos espíritos; ela não mais é necessária àqueles que lhe ultrapassaram os limites e que progredem no estado espiritual, ou nas existências corporais de mundos superiores que nada mais têm da materialidade terrestre³⁸. No caso destes últimos, a encarnação é vo-

volem-se somente na vida corpórea. Os animais aprendem pelo condicionamento (castigo e recompensa), por meio dos hábitos, determinados pelos instintos, emoções e impressões externas, desenvolvendo assim as faculdades animais. Na fase humana, o ser vai dominar, por seu livre esforço (autonomia intelecto-moral), desde simples e ignorante, as faculdades do espírito (razão, vontade, imaginação, senso moral, livre-arbítrio), ganhando desenvoltura e compreendendo o mundo espiritual no decorrer das reencarnações. Na terceira fase, atuando no mundo espiritual, participam da criação, conquistando a felicidade, serenidade e as qualidades e habilidades para contribuir para a harmonia do universo, e assumem as missões concedidas por Deus, desde atuar como protetor dos seres em evolução, das famílias, das humanidades. Atingem, quando puros, a culminância de gerir a formação e desenvolvimento dos princípios inteligentes, dos mundos, sistemas solares, galáxias e universos. (N. do E.)

38. Na evolução do princípio espiritual, na vida animal, a transmigração é contínua, o ser percebe e age somente enquanto ligado ao corpo físico. Na fase humana, a vida espiritual passa a ser a principal, e progressivamente o espírito vai se libertando da

luntária, de modo a exercer uma ação mais direta sobre os encarnados, para que se cumpra a missão da qual estão encarregados entre os mesmos. Aceitam, os espíritos superiores, as vicissitudes e os sofrimentos da encarnação por devotamento.

Ao lado das grandes missões confiadas aos espíritos superiores, existem outras de todos os graus de importância, consignadas aos espíritos de todos os níveis, donde se pode afirmar que cada encarnado tem a sua, ou seja, tem deveres a cumprir para o bem de seus semelhantes, desde o pai de família a quem cabe o cuidado de fazer progredir seus filhos, até o gênio que difunde novas sementes de progresso na sociedade. É nessas missões secundárias que se encontram frequentemente as falhas, erros e deserções, mas que prejudicam apenas o indivíduo e não o todo.

Todas as inteligências concorrem, portanto, para a obra geral, em qualquer grau a que tenham chegado, e cada uma na medida de suas forças. Uma encarnada, outras no estado de espírito. Por toda parte a atividade, desde a base até o alto da escala, todos se instruindo, ajudando-se, apoiando-se mutuamente, dando-se as mãos para alcançar a plenitude.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corporal, ou seja, entre os homens e os espíritos, entre os espíritos livres e os espíritos cativos. Assim se perpetuam e se consolidam, pelo aprimoramento e continuidade das relações, as simpatias verdadeiras, as afeições santas.

Por toda parte, portanto, vida e movimento. Nenhum canto do infinito que não seja povoado, nenhuma região que não seja incessantemente percorrida por inumeráveis legiões de seres radiantes, invisíveis para os sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja visão deslumbra de admiração e de alegria as almas libertas da matéria. Em todo lugar, enfim, existe uma felicidade atinente a todo avanço, a todos os deveres cumpridos; cada um traz consigo os elementos de sua felicidade, pela categoria em que o posiciona seu grau de adiantamento.

A felicidade está ligada às qualidades próprias dos indivíduos e não ao estado material do meio em que se encontram. Está, portanto, em toda parte onde existam espíritos capazes de ser felizes, sem que lhe seja assinalado ne-

encarnação. Por fim, os espíritos superiores encarnam voluntariamente, quando desejam cumprir missões. (N. do E.)

num lugar circunscrito no Universo. Em qualquer lugar que se encontrem, os espíritos puros podem contemplar a majestade divina, porque Deus está em toda parte³⁹.

A felicidade, entretanto, não é pessoal⁴⁰. Se não a possuíssemos senão em nós mesmos, se não a pudéssemos compartilhar com os outros, ela seria egoísta e triste. A felicidade está também na comunhão de pensamento que une os seres que se simpatizam. Os espíritos felizes, atraindo-se mutuamente pela identidade de ideias, de gostos e de sentimentos, formam vastos grupos, ou famílias homogêneas, no meio das quais cada individualidade irradia suas próprias qualidades e é impregnada pelos eflúvios serenos e benfazejos que emanam do conjunto, cujos membros, ora se dispersam para se ocupar de suas missões, ora se reúnem num ponto qualquer do Espaço para se inteirar do resultado de seus trabalhos, ora se reúnem em torno de um espírito de ordem mais elevada para receber deste seus anúncios e instruções.

Ainda que os espíritos estejam por toda parte, os mundos são os centros em que eles se reúnem preferencialmente, por conta da afinidade que existe entre eles e aqueles que os habitam. Em torno dos mundos adiantados existem, em grande quantidade, espíritos superiores; em torno dos mundos atrasados pululam os espíritos inferiores. A Terra ainda é um destes últimos. Cada planeta tem então, de alguma forma, sua população própria de espíritos encarnados e desencarnados, que se recicla principalmente pela encarnação e desencarnação dos mesmos espíritos. Essa população é mais estável nos

39. Essa explicação corresponde ao item 2º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “Sendo todos os espíritos perfectíveis, em virtude da lei do progresso, trazem em si os elementos de sua felicidade (...) futura, e os meios de adquirir (...) trabalhando em seu próprio adiantamento (...)”. Portanto, a lei que rege a evolução do espírito humano é a da autonomia, e não a da heteronomia presente nas religiões ancestrais e no materialismo, que colocam o ser humano sujeito a leis externas, por meio de castigos e recompensas. (N. do E.)

40. O espírito conquista gradualmente a felicidade pelo melhoramento pessoal, mas esse processo ocorre por meio das relações de empatia que se estabelece com os outros seres, na medida de sua capacidade. Com os mais simples, ensinando pelo exemplo e persuasão, respeitando a liberdade e auxiliando pela caridade desinteressada. Com os da mesma ordem, pela união solidária pela atuação no bem, formando famílias espirituais. Com os mais evoluídos, ouvindo os conselhos e inspirações, cooperando para a harmonia universal. (N. do E.)

mundos inferiores – onde os espíritos são mais apegados à matéria – e mais variável nos mundos superiores. Mas, destes mundos, focos de luz e de felicidade, os espíritos se deslocam em direção aos mundos inferiores para neles plantar as sementes do progresso, levar a consolação e a esperança e levantar os ânimos abatidos pelas provas da vida, neles encarnando-se, por vezes, de modo a realizar sua missão com mais eficácia.

Nessa vastidão sem fronteiras, onde está, então, o Céu? Ele está por toda parte: nenhuma muralha serve-lhe de limite. Os mundos felizes são as últimas estações que levam a ele. As virtudes descerram-lhe o caminho, ao passo que os vícios interditam-lhe o acesso.

Diante desse quadro grandioso – que preenche todos os cantos do Universo, dando a todos os objetos da criação um propósito e uma razão de ser –, como é pequena e mesquinha a teoria que circunscreve a humanidade a um imperceptível ponto do Espaço, que nos mostra essa humanidade começando num dado momento para igualmente acabar um dia, junto do planeta que a transporta, não abrangendo, dessa forma, senão um minuto na eternidade! Como essa teoria é triste, fria, glacial, quando nos mostra o resto do Universo – antes, durante e após a humanidade terrestre – sem vida, sem movimento, como um imenso deserto mergulhado no silêncio! Como é desesperadora, por conta do quadro que descreve do pequeno número de eleitos votados à contemplação perpétua, enquanto a maioria das criaturas se encontra condenada a sofrimentos sem fim! Como é angustiante para os corações que amam, pela barreira que coloca entre os mortos e os vivos! As almas felizes, dizem, só pensam na sua felicidade; as infelizes, nas suas dores. Surpreende que o egoísmo reine sobre a Terra quando ele é mostrado no Céu? Quão mesquinha, nesse caso, é a ideia transmitida da grandeza, do poder e da bondade de Deus!

Quão sublime, em contrapartida, é a ideia que o Espiritismo nos dá! Como seu ensinamento enriquece as ideias e amplia o pensamento! Mas quem diz que ela é verdadeira? Primeiramente, a razão; a seguir, a revelação; e, por fim, sua concordância com o progresso da Ciência. Entre essas duas teorias – umas das quais deprecia e a outra amplia os atributos de Deus, uma está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso, uma fica para trás enquanto a outra marcha adiante –, o bom senso diz de qual lado se encontra a verdade. Ao confrontar as duas, que cada um consulte, em seu íntimo, suas

aspirações, e uma voz interior vai responder-lhe. Tais aspirações são a voz de Deus, que não pode enganar os homens⁴¹.

Mas, então, por que Deus não lhes revelou toda a verdade desde o princípio? Pela mesma razão pela qual não se ensina à infância o que se ensina aos adultos. A revelação restrita foi suficiente durante um dado período da humanidade: Deus a ajusta à capacidade do espírito. Aqueles que hoje recebem uma revelação mais completa *são os mesmos espíritos* que dela já receberam uma parcela anteriormente, mas que cresceram em inteligência desde então. Antes que a Ciência houvesse revelado a esses espíritos as forças vivas da natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel e a formação da Terra, teriam eles compreendido a imensidão do Espaço e a pluralidade dos mundos? Antes que a geologia provasse a formação da Terra, teriam podido desalojar o Inferno de seu seio, compreendendo o sentido alegórico dos seis dias da criação? Antes que a astronomia descobrisse as leis que regem o Universo, teriam compreendido que não existe nem alto, nem baixo no Espaço, que o Céu não está acima das nuvens, nem tampouco limitado pelas estrelas? Antes dos progressos da ciência psicológica, teriam condições de se identificar com a vida espiritual? Conceber que após a morte houvesse uma vida –feliz ou infeliz – que não em um lugar circunscrito e material?⁴² Não, pois, compreendendo mais através dos sentidos do que através do pensamento, o

41. Desde a antiguidade, o conhecimento do mundo moral manteve-se ou nos limites teológicos, que impõem dogmas, ou nos do senso comum, que não o questiona. A teoria espírita faz compreender a vida espiritual pelo conhecimento científico, uma compreensão progressiva da verdade apoiada no método da observação dos fatos do espírito humano. (N. do E.)

42. A psicologia experimental do século 19, iniciada na França por Maine de Biran, que revolucionou o empirismo, afirmando a realidade espiritual junto às conquistas da metodologia científica, tornando-se disciplina em Sorbonne após 1830, por Royer-Collard, Victor Cousin, depois Jouffroy e Paul Janet (veja mais em *Tratado elementar de filosofia*, volumes 1 e 2), entre outros. Considerava o ser humano enquanto “alma encarnada”, vivenciando pelo corpo (instintos, emoções, dor, prazer) a vida animal, e pelas faculdades da alma (razão, vontade, imaginação, consciência, livre-arbítrio, senso moral) a vida moral ou psicológica. Os dogmas religiosos foram concebidos qualificando ambientes, após a morte, que causariam sensações físicas, dor no inferno, prazer e alegria no céu. A ciência psicológica abriu caminhos para uma concepção científica da vida após a morte, pela teoria espírita. (N. do E.)

Universo era muito vasto para o intelecto dos espíritos de outrora. Era preciso reduzir a concepção do Universo a proporções menores, de modo a conformá-la à perspectiva deles, para eventualmente expandi-la mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade, era apropriada naquele momento, mas hoje é insuficiente. O erro está naqueles que, não levando em conta o progresso das ideias, creem poder governar homens maduros como se estivessem estes ainda na infância⁴³.

43. Segundo Kardec, o uso da fé racional para compreender o elemento espiritual “destrói o império da fé cega que aniquila a razão, a obediência passiva que embrutece; emancipa a inteligência do homem e ergue sua moral”. Dessa forma, o Espiritismo combate o fanatismo do mundo velho, cujas seitas promovem o exclusivismo que será superado pela liberdade de consciência do mundo novo, “anunciando a salvação para todos os homens de bem, assim como a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegar, por seus esforços, pela expiação e reparação, à perfeição única, que leva à suprema felicidade. Em lugar de desencorajar o fraco, encoraja-o, mostrando-lhe o porto que pode chegar” (*A Gênese*, cap. XVIII, item 20). Desse modo, todos os espíritos chegarão ao caminho do bem, sem exceção. (N. do E.)

CAPÍTULO IV:

O Inferno

O homem sempre acreditou intuitivamente que a vida futura deveria ser mais ou menos feliz na razão do bem e do mal praticado neste mundo. A ideia, porém, que ele faz dessa vida futura está na proporção do desenvolvimento de seu senso moral e da noção mais ou menos justa que ele tem do bem e do mal. As penas e as recompensas são o reflexo dos instintos que nele predominam. É assim que os povos guerreiros colocam a sua suprema felicidade nas honras prestadas à bravura, os povos caçadores, na abundância da caça, e os povos sensuais, nas delícias da volúpia. Enquanto dominado pela matéria, somente imperfeitamente pode o homem compreender a espiritualidade, eis por que ele faz das penas e dos gozos futuros um quadro mais material que espiritual. Imagina que se deve beber e comer no outro mundo, porém mais e melhor do na Terra.⁴⁴ Tendo-se chegado a um certo nível, encontra-se, nas crenças acerca da vida futura, uma mistura de espiritualidade e de materialidade; é assim que, ao lado da beatitude contemplativa, é colocado um Inferno com torturas físicas.

O homem primitivo, não podendo conceber senão o que via, moldou naturalmente sua ideia sobre futuro de acordo com seu presente. Para compreender outras coisas além daquelas que via diante de si, faltava ao homem primitivo o desenvolvimento intelectual que só com o tempo deveria alcançar.

44. Um jovem do cantão da Savoia, ao ouvir a descrição do quadro sedutor que seu vigário fazia sobre a vida futura, perguntou-lhe se nela todos comiam pão branco, como em Paris. (N. do A.)

Assim, o quadro que ele fez dos sofrimentos da vida futura é apenas o reflexo dos males da humanidade, mas em maior proporção. Reuniu nesse quadro todas as torturas, suplícios e aflições que encontrou sobre a Terra. Sem ter ainda desenvolvido o sentido que o levaria mais tarde a compreender o mundo espiritual, o homem só podia conceber penas materiais, razão por que, salvo algumas diferenças de forma, o Inferno de todas as religiões se assemelha. O Inferno dos pagãos, descrito e dramatizado pelos poetas, foi o mais grandioso modelo do gênero, perpetuando-se no Inferno dos cristãos, que, também ele, teve seus poéticos intérpretes. Comparando-os, neles se encontra, exceto pelos nomes e algumas variações de detalhes, numerosas analogias: em ambos o fogo material é a base dos tormentos, porque é o símbolo dos mais cruéis sofrimentos. Mas, estranhamente, os cristãos ultrapassaram em muitos pontos o Inferno dos pagãos. Se estes últimos tinham em seu Inferno o tonel das Danaides, a roda de Íxion e a pedra de Sísifo, esses eram suplícios individuais, enquanto o Inferno cristão tem para todos as suas caldeiras ferventes, cujas tampas os anjos levantam para observar os condenados contorcendo-se. Deus ouve, sem piedade, os gemidos destes últimos durante a eternidade.⁴⁵ Jamais os pagãos descreveram os moradores dos Campos Elísios fazendo a apreciação dos suplícios do Tártaro. Como os pagãos, os cristãos têm o seu rei dos Infernos, Satã, com a diferença de que Plutão limitava-se a governar o sombrio império que lhe coubera em partilha, mas ele não era mau. Ele apenas aprisionava em seu império aqueles que haviam praticado o mal, porque essa era a sua missão, mas não procurava induzir os homens ao mal para se dar o prazer de fazê-los sofrer, enquanto Satã recruta vítimas por toda a parte, comprazendo-se em atormentá-las através de suas legiões de demônios armados de forcados, a revirá-las no fogo. Tem-se, de fato, discutido seriamente sobre a natureza desse fogo que queima incessantemente os condenados sem jamais consumi-los, se seria um fogo de betume ou breu ardente – pendeu-se para o betume.⁴⁶ O Inferno cristão, portanto, em nada fica a dever ao Inferno pagão.

As mesmas considerações usadas pelos antigos para estabelecer a morada da felicidade levaram-nos também a posicionar o local dos suplícios. Tendo os homens colocado a primeira nas regiões superiores, era natural que colo-

45. Sermão feito em Montpellier em 1860. (N. do A.)

46. Sermão feito em Paris em 1861. (N. do A.)

cassem o segundo nas regiões inferiores – ou seja, no centro da Terra –, servindo-lhe de entrada algumas cavidades sombrias e de terrível aspecto. Foi ali também que os cristãos por muito tempo situaram a morada dos condenados. Reparemos também aí uma outra semelhança.

O Inferno dos pagãos incluía, de um lado, os Campos Elíseos e, do outro, o Tártaro. O Olimpo, morada dos deuses e dos homens divinizados, estava localizado nas regiões superiores. Segundo *a letra* do Evangelho, Jesus desceu aos Infernos, ou seja, *aos lugares baixos*, para dali resgatar as almas dos justos que aguardavam sua vinda. Os Infernos não eram, portanto, um lugar unicamente de suplício, da mesma forma que entre os pagãos, situavam-se também nos *lugares baixos*. E a morada dos anjos e santos, assim como o Olimpo, fixava-se nos lugares elevados, posicionada do outro lado do céu das estrelas, que se acreditava limitado.

Essa mescla de ideias pagãs e de ideias cristãs não tem nada que deva surpreender. Jesus não podia de súbito destruir as crenças enraizadas – se tivesse descrito as penas e gozos futuros em sua realidade espiritual, não teria sido compreendido. Faltavam aos homens os conhecimentos necessários para conceber o infinito do espaço e o infinito número de mundos. A Terra era para eles o centro do Universo, não conheciam a sua forma nem sua estrutura interna. Tudo estava, para eles, limitado ao seu ponto de vista, e suas noções do futuro não poderiam ir além de seus conhecimentos. Achava-se Jesus, portanto, impossibilitado de instruí-los acerca do verdadeiro estado das coisas. Por outro lado, no entanto, não querendo sancionar com a sua autoridade os preconceitos vigentes, absteve-se, deixando ao tempo a tarefa de corrigir as ideias. Jesus limitou-se a falar vagamente da vida abençoada e dos sofrimentos que esperam os culpados. Mas em parte alguma de seus ensinamentos encontra-se o quadro de suplícios corporais dos quais os cristãos fizeram um artigo de fé.

Eis aí como as ideias do Inferno pagão se perpetuaram até os nossos dias. É verdade que, de tempos em tempos, homens mais adiantados que a média analisaram as penas futuras sob uma ótica mais racional, mas não puderam triunfar sobre a ignorância e sobre as crenças mantidas propositalmente por interesses particulares⁴⁷. Foi necessária a difusão dos conhecimentos nos

47. Os homens descreveram a vida futura pela imaginação e pelo senso comum dos fatos materiais, criando diversos sistemas e crenças. Em diversas épocas, a verdade foi

tempos modernos e o desenvolvimento geral da inteligência humana para refutá-las. Mas as ideias herdadas não foram substituídas por nenhuma verdade objetiva; ao longo período de crença cega sucedeu-se, como transição, o período de incredulidade, ao qual a nova revelação veio pôr um fim. Era necessário demolir antes de reconstruir, porquanto é mais fácil persuadir aqueles que em nada creem a aceitar ideias justas – porque estes sentem que lhes falta alguma coisa – do que aqueles que têm uma fé enraizada em algo absurdo⁴⁸.

As descobertas científicas desalojaram o Inferno do centro da Terra, assim como baniram o Céu do Empíreo, mas não destruíram a lei das penas e recompensas, porque esse princípio assenta-se na justiça de Deus. Com o progresso das ideias, a crença apenas se modificou, tomando um sentido mais racional acerca da natureza de tais penas e dessas recompensas. Perguntou-se então onde está o Inferno, como também onde está o Céu. Por um tempo, a crença oscilou, incerta, sobre um e outro ponto. A revelação moderna vem hoje firmar a opinião, mostrando-nos o estado daqueles que sofrem, assim como nos mostra o estado daqueles que são felizes.

Pelos exemplos que o Espiritismo coloca diante de nossos olhos, ensinam-nos que a alma no mundo invisível sofre por todo o mal que fez, assim como por todo o bem que poderia ter feito e não fez durante sua vida terrestre. Que a alma não é condenada a uma penalidade absoluta, uniforme e por um tempo determinado⁴⁹, mas que sofre as consequências naturais de todas as suas más ações, até que se tenha melhorado pelos esforços da sua própria vontade⁵⁰. Ela

entrevista por alguns homens, mas essas ideias ficaram em grupos fechados das elites. Mas, afirma Kardec, “a massa ignorante permaneceu sob o império dos preconceitos que geralmente lhe eram impostos” (Cap. VIII). Agora é tempo de levar a verdade a todos, por meio da fé racional e da liberdade de escolha. (N. do E.)

48. É mais fácil persuadir pela clareza lógica da teoria espírita um descrente munido da liberdade de pensamento do que um religioso cego pelo fanatismo. A convicção não se impõe, mas se adquire pelo livre exercício da razão. O estabelecimento da autonomia moral no mundo se dará pela voluntária adesão da vontade de cada um. (N. do E.)

49. Essa explicação corresponde ao item 16º do resumo da lei da justiça divina, no cap. 8, que afirma: “O Inferno é o mesmo para todos. Nele, o culpado de uma única falta sujeita-se ao mesmo suplício eterno de quem cometeu milhares”. (N. do E.)

50. Essa explicação corresponde ao item 9º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “Estando a duração do castigo subordinada ao arrependimento, re-

carrega em si seu próprio castigo, e isso onde quer se encontre, para o que não há necessidade de um lugar circunscrito. O Inferno, então, está onde quer que existam almas sofredoras, como o Céu está em toda parte onde existam almas felizes, o que não impede que umas e outras se agrupem, por afinidade de posição, ao redor de certos pontos.

A alma sofre a pena das suas imperfeições no estado de espírito e no estado de encarnação; mas aquelas que são imperfeitas, sendo excluídas dos mundos felizes dos quais perturbavam a harmonia, são relegadas a mundos menos avançados psíquica e moralmente, onde expiam suas faltas pelas tribulações da vida, até que mereçam encarnar em mundos superiores. Se podemos conceber um Inferno localizado, será nos mundos de expiação, porque é em torno desses mundos que pululam igualmente espíritos imperfeitos desencarnados, esperando uma nova existência que, permitindo-lhes reparar o mal que fizeram, ajudará no seu adiantamento.

Por conta da localização do Céu e do Inferno, as seitas cristãs foram levadas a admitir para as almas apenas duas situações extremas: a felicidade perfeita e o sofrimento absoluto. O purgatório é apenas uma posição intermediária, momentânea, ao sair da qual as almas passam, sem transição, à morada dos bem-aventurados. Não poderia ser de outro modo, dada a crença na fixação definitiva da sorte da alma após a morte. Se há somente duas moradas, a dos eleitos e a dos condenados, não se pode admitir a existência de vários níveis em cada uma delas sem admitir a possibilidade de que se os atravesse e, por consequência, admitir o progresso. Ora, se há progresso, não há sorte definitiva; se há sorte definitiva, não há progresso. Jesus resolveu a questão quando disse: “Há muitas moradas na casa de meu Pai”.⁵¹

A Igreja admite, é verdade, uma posição especial em certos casos particulares. As crianças mortas em tenra idade, não havendo praticado o mal, não podem ser condenadas ao fogo eterno; em contrapartida, não havendo feito

sulta daí que o espírito culpado que não se arrependesse e não se aperfeiçoasse jamais, sofreria sempre, e que, para ele, a pena seria eterna”. A ideia de uma pena eterna é a ilusão daquele que não enxerga o fim de seus sofrimentos, achando tratar-se de um castigo divino. Tudo muda com a realidade de que tudo depende dos esforços de sua vontade. (N. do E.)

51. V. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III. (N. do A.)

o bem, não têm direito algum à felicidade suprema. Elas encontram-se então, diz a Igreja, nos *limbos*, situação mista que jamais foi definida e na qual, se não sofrem, também não desfrutam da perfeita felicidade. Mas, já que sua sorte está irrevogavelmente fixada, elas estão privadas dessa felicidade pela eternidade. Essa privação, já que não dependeu dessas almas que fosse de outra forma, equivale a um suplício eterno imerecido. O mesmo ocorre com o selvagem que – não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião – peca por ignorância, abandonando-se aos instintos naturais, e não pode ter nem a culpa nem o mérito daqueles que puderam agir com conhecimento de causa para o próprio adiantamento. A simples lógica repele semelhante doutrina em nome da justiça de Deus, que se encontra inteira nestas palavras do Cristo: “A cada um segundo suas obras”. É preciso que se entenda por obras boas ou más as que se praticam livre e voluntariamente, as únicas em cuja responsabilidade se incorre, o que não é o caso nem da criança, nem do selvagem, nem daquele que involuntariamente não foi esclarecido⁵².

A Doutrina Espírita nos ensina isto: não há uma só imperfeição da alma que não traga consigo suas conseqüências lamentáveis e inevitáveis, tampouco uma só boa qualidade que não seja a fonte de alegria: assim, a soma das penas é proporcional à soma das imperfeições, da mesma forma que a soma da felicidade é proporcional à soma das qualidades⁵³.

Donde resulta que a alma que possui dez imperfeições, por exemplo, sofre mais que aquela que só tem três ou quatro; mas quando, dessas dez imperfeições, restar-lhe um quarto ou a metade, ela sofrerá menos, e, no momento em que não lhe restar nenhuma, ela não sofrerá de modo algum, e será perfeitamente feliz. Tal qual, na Terra, aquele que tem inúmeras doenças sofre mais do que o que tem apenas uma, ou que não tem nenhuma. Pela mesma razão, a alma que possui dez qualidades tem maior ventura que a que tem

52. Essa explicação corresponde ao item 25º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “O bem e o mal são voluntários e facultativos. O homem, sendo livre, não é fatalmente impelido nem a um nem a outro. Tal é a lei da justiça divina: a cada um segundo suas obras, no Céu como na terra”. (N. do E.)

53. Essa explicação corresponde ao item 7º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “(...) e não há uma única má ação, um único mau pensamento que não tenha suas conseqüências fatais, não há uma única boa ação, nem um único bom movimento da alma – em suma, o mais singelo mérito – que seja perdido (...)”. (N. do E.)

menos. A consequência dessa concepção é que há tantos graus de felicidade ou infelicidade das almas após a morte quantas forem as qualidades boas ou más que elas possuam⁵⁴. Sendo permitido a todas as almas adquirir o que lhes falta e desfazer-se daquilo que têm de mau, conforme seus esforços e sua vontade, resulta ainda daí que o futuro não está selado para ninguém. Deus não repudia nenhum dos seus filhos. Recebe-os em seu seio à medida que eles atingem a perfeição, deixando assim a cada um o mérito das próprias obras.

A natureza das penas é objeto de um capítulo especial e resulta, ademais, dos numerosos exemplos citados na segunda parte deste livro⁵⁵.

54. Conforme os dogmas religiosos, a condição após a morte é uma só, sendo a alma condenada ou bem-aventurada. O sofrimento do inferno, por exemplo, é igual tanto para quem cometeu um pecado, quanto para o pior facínora. O Espiritismo demonstra o conceito de *graduação* e *proporcionalidade* da sensação de felicidade ou infelicidade do espírito, relativamente às suas qualidades boas ou más. Mas sempre a infelicidade é temporária, e a felicidade suprema o destino para todos os seres. (N. do E.)

55. *O Céu e o Inferno* é uma notável tese elaborada por Kardec quanto à metodologia espírita (utilizada, neste livro, para o estudo da vida futura). O método é apresentado no prefácio e empregado na investigação. Já a teoria está definida na primeira parte, pelo estudo racional de milhares de diálogos com espíritos de toda a escala evolutiva e pelo ensinamento dos espíritos superiores. Kardec selecionou exemplos significativos, que confirmam a teoria, apresentados na segunda parte. As leis da justiça divina, referentes ao futuro da alma, foram resumidas em 25 conceitos (cap. VIII – *As penas futuras segundo o Espiritismo*) deduzidos da concordância entre inúmeras observações, em diversas partes do mundo, no diálogo com espíritos de todas as fases da escala espírita. Há uma correspondência entre os pontos sintetizados por Allan Kardec no cap. VIII e a doutrina desenvolvida por toda a primeira parte desta obra. Na segunda parte, uma seleção de exemplos dos espíritos nos diversos estados, de sofredores a felizes. (N. do E.)

CAPÍTULO V

Quadro comparativo do Inferno pagão e do Inferno cristão

1º) INFERNO PAGÃO

Conhecemos o Inferno pagão quase exclusivamente pela narrativa dos poetas. Conquanto Homero e Virgílio tenham-lhe dado descrição mais completa, é preciso levar em consideração as limitações que a poesia impõe à forma. A descrição de Fénelon em seu *Telêmaco*⁵⁶ – ainda que proveniente da mesma fonte quanto às crenças fundamentais – tem a simplicidade mais precisa da prosa. Descrevendo o aspecto lúgubre dos lugares, Fénelon dedica-se principalmente a salientar o gênero de sofrimentos que os culpados enfrentam, estendendo-se sobremaneira sobre a sorte dos maus reis, com o objetivo de instruir seu régio pupilo. Por mais popular que seja a sua obra, muitos não têm essa descrição muito presente na memória, ou não puderam sobre ela refletir o suficiente para estabelecer uma comparação, razão por que acreditamos ser útil dela citar os trechos que guardam uma relação mais direta com o assunto de que tratamos, isto é, aqueles que concernem mais especificamente às penas individuais.

56. O professor Rivail havia traduzido do alemão as três primeiras partes da obra prima do bispo Fénelon (1651-1715), *Telêmaco*, destinada a educar o duque de Borgonha, neto de Luís XIV, e que foi baseada no quarto livro da *Odisseia* de Homero. A tradução francesa, publicada em 1830, destinava-se ao uso nas escolas, com notas, etimologia das palavras e tabelas gramaticais, elaboradas pelo tradutor. (N. do E.)

Ao entrar, Telêmaco ouve os gemidos de uma sombra que não podia se consolar. – Qual é a vossa desdita? – perguntou-lhe. – Quem fostes vós na Terra? – Eu era Nabofarzan – respondeu-lhe a sombra –, o rei da soberba Babilônia. Todos os povos do Oriente tremiam só de ouvir meu nome. Fazia-me adorar pelos babilônios num templo de mármore onde me fazia representado por uma estátua de ouro, diante da qual se queimavam noite e dia os mais preciosos perfumes da Etiópia. Jamais pessoa alguma ousou contradizer-me sem que fosse imediatamente punido. Todos os dias inventavam-se prazeres novos para tornar-me a vida mais aprazível. Eu era então jovem e robusto. Oh! Quanta ventura restava-me ainda por usufruir no trono! Mas uma mulher a quem eu amava, sem que ela correspondesse, fez-me sentir que eu não era Deus: envenenou-me, e nada mais sou. Minhas cinzas foram ontem pomposamente colocadas numa urna de ouro. Chorou-se. Arrancaram-se os cabelos. Fingiram querer lançar-se à minha pira crematória para junto de mim morrer. Geração ainda aos pés do majestoso sepulcro em que depositaram minhas cinzas, mas ninguém sente minha falta. Minha memória causa asco até à minha família, e cá embaixo, neste mundo, já padeço de horríveis tratamentos.

Telêmaco, comovido com a cena, diz a ele: – Fostes verdadeiramente feliz durante o vosso reinado? Sentistes aquela doce paz sem a qual o coração sente-se sempre angustiado e abatido em meio aos prazeres? – Não, – respondeu o babilônio –, nem sequer sei o que quereis dizer. Os sábios exaltam essa paz como sendo o único bem... quanto a mim, jamais a experimentei. Meu coração era incessantemente agitado por novos desejos, receios e esperanças. Tratava de inebriar-me na agitação de minhas paixões, com o cuidado de manter essa embriaguez, tornando-a contínua: o menor intervalo de sobriedade ou tranquilidade tornava-se-me excessivamente amargo. Eis a paz de que desfrutei. Qualquer outra me figuraria uma fábula, um sonho. São esses os bens de que sinto falta.

Assim falando, o babilônio chorava qual homem covarde, estiolado pela comodidade e jamais treinado para suportar com firmeza uma desgraça. Havia junto dele alguns escravos que foram mortos para honrar seus funerais. Mercúrio os entregara a Caronte junto com seu rei, dando-lhes um poder absoluto sobre o monarca a quem haviam servido na Terra. *As sombras dos escravos não temiam a sombra de Nabofarzan; elas o mantinham*

acorrentado e infligindo-lhe as mais cruéis humilhações. Uma lhe dizia: – Não éramos homens tanto quanto tu? Como foste tão insensato para te creres um deus? Não te convinha lembrar que eras da raça dos outros homens? – Uma outra, para insultá-lo, falava: – Tinhas razão em não querer que te tomassem por um homem, porque tu eras um monstro sem humanidade. – Uma outra dizia-lhe: – Pois bem, onde estão agora os teus aduladores? Não tens nada mais a dar, infeliz! Não podes mais fazer mal algum. Aqui estás, transformado em escravo de teus próprios escravos: os deuses tardam a fazer justiça, mas enfim a fazem.

Diante de tais acerbas palavras, Nabofarzan prostrou-se de rosto ao chão, arrancando-se os cabelos num rompante de cólera e desespero. Mas Caronte ordenava aos escravos: – Arrastai-o por suas correntes, levantai-o contra a vontade. *Ele não há de ter sequer o lenitivo de ocultar sua vergonha. Que lhe sejam testemunhas todas as sombras do Estige,* como desforra dos deuses, que por tanto tempo toleraram que reinasse um ímpio como ele sobre a Terra. [...]

Bem perto de si, Telêmaco logo percebeu o negro Tártaro, do qual saía uma fumaça escura e espessa, de pútrido odor capaz de causar a morte caso se alastrasse pela morada dos vivos. Essa fumaça cobria um rio de labaredas e turbilhões flamejantes, a produzir um estrondo semelhante ao das cataratas mais caudalosas quando despencam dos altíssimos rochedos nas furnas abismais, fazendo que nada se pudesse ouvir claramente nesses tristes recantos.

Secretamente encorajado por Minerva, ele entra sem receio nesse abismo. Viu inicialmente um grande número de homens que viveram nas mais modestas condições, punidos que eram por haverem procurado a riqueza por meio de fraudes, traições e crueldades. Percebe muitos ímpios hipócritas que, simulando apreço pela religião, dela se utilizaram como conveniente pretexto para satisfazer sua ambição, explorando a credulidade dos homens. Tais homens, por terem abusado da própria Virtude – ainda que fosse esta a maior dádiva dos deuses –, eram punidos como os maiores criminosos entre todos os homens. Os filhos que degolaram seus pais e suas mães, as esposas que banharam as mãos no sangue de seus maridos, os traidores que, faltando aos juramentos, haviam vendido sua pátria, sofrem todos penas menos severas que os hipócritas. Os três juízes

dos Infernos assim estipularam, porquanto os hipócritas não se contentam em ser maus como o resto dos ímpios. Eles ainda querem se passar por bons e fazem, por sua falsa virtude, com que os homens não confiem mais na Virtude verdadeira. Os deuses – dos quais zombaram, fazendo que os homens os menosprezassem – têm prazer em empregar todo o seu poder vingando-se de tais afrontas.

Perto destes últimos apresentavam-se outros homens que o vulgo não vê como culposos, mas que a vingança divina persegue impiedosamente: são os ingratos, os mentirosos, os adutores que aclamaram o vício, os críticos maliciosos que trataram de ferir a virtude mais pura; enfim, aqueles que julgaram as coisas temerariamente, sem conhecê-las a fundo, assim maculando a reputação dos inocentes. [...]

Telêmaco, vendo os três juízes sentados a condenar um homem, ousou perguntar-lhes quais teriam sido seus crimes. De imediato, o condenado, tomando a palavra, exclama: – Eu nunca fiz mal algum. Punha todo o meu prazer em fazer o bem. Fui magnânimo, liberal, justo e compassivo. Do que se pode então me repreender? – Minos diz-lhe então: – Nenhuma censura te é feita com relação aos homens. Mas tu não devias menos aos homens do que aos deuses? Qual é, portanto, essa justiça de que te jactas? Para com os homens, que não são nada, tu não faltaste com nenhum dever. Foste virtuoso, mas atribuíste toda a virtude a ti mesmo, e não aos deuses, que a deram a ti, porquanto tu querias te aproveitar do fruto da tua própria virtude centrado em ti mesmo: *foste a tua divindade*. Mas os deuses, que tudo fizeram – e que nada fazem senão para si mesmos –, não podem renunciar aos seus direitos. Esqueceste-os, e eles esquecer-te-ão. *Entregar-te-ão a ti mesmo, porque quiseste pertencer-te a ti mesmo, e não a eles*. Busca agora, portanto, se puderes, tua consolação em teu próprio coração. Eis-te para sempre separado dos homens aos quais quiseste agradar, eis-te sozinho contigo, ídolo de ti mesmo. Aprende que não há verdadeira virtude sem o respeito e o amor dos deuses, a quem tudo é devido. Tua falsa virtude – que por muito tempo enganou os homens facilmente iludíveis – será eliminada. Os homens, que julgam os vícios e as virtudes apenas pelo que os choca ou lhes agrada, são cegos para o bem e o mal. Aqui uma luz divina reverte todos os seus julgamentos levianos: muitas vezes condena o que eles admiram, e absolve o que condenam.

Ouvindo essas palavras, o filósofo, como que atingido por um raio, não se podia suster. A satisfação que antes experimentava ao contemplar sua moderação, coragem e inclinações generosas, transformou-se em desespero. A visão do próprio coração, inimigo dos deuses, converteu-se no seu suplício. Enxerga-se sem que possa desviar o olhar; apreende a vaidade dos julgamentos dos homens, aos quais quis agradar em todas as suas ações. Uma completa revolução opera-se dentro dele, como se suas entranhas, como se lhe revoltessem as entranhas: reconhece-se outro. Não encontra apoio qualquer no coração. Sua consciência, cujo testemunho fora-lhe tão brando até então, levanta-se contra ele e lhe reprova amargamente o desvio e a ilusão de todas as suas virtudes, que não tiveram o culto à Divindade por princípio e fim: ei-lo perplexo e consternado, cheio de vergonha, de remorsos e de desespero. *As Fúrias não o atormentam, porque é suficiente tê-lo entregue a si mesmo*, e que seu próprio coração vingue os deuses desprezados a contento. Não podendo esconder-se de si mesmo, procura os lugares mais sombrios para ocultar-se dos outros mortos. *Busca as trevas sem jamais encontrá-las, já que uma luz importuna o segue por toda a parte*. Os raios penetrantes da verdade, de todos os lados, vingam a mesma verdade que olvidou. Tudo o que amou torna-se odioso para ele, convertendo-se em fonte de sofrimentos sem fim. – E diz para si mesmo: – Insensato que fui! Pois não conheci nem os deuses, nem os homens, nem a mim! Não, nada disso conheci, pois nunca amei o único e verdadeiro bem. Todos os meus passos foram insensatos; minha sabedoria, apenas delírio; minha virtude, somente orgulho impiedoso e cego: eu era, enfim, ídolo de mim mesmo.

Telêmaco notou por fim os reis condenados por terem abusado do poder. De um lado, uma Fúria vingadora *apresentava-lhes um espelho que lhes mostrava toda a deformidade dos seus vícios*. Sem que pudessem desviar o olhar, enxergavam a sua vaidade grosseira e ávida pelos mais ridículos aplausos; a sua dureza com os homens, cuja felicidade deveriam ter ensajado; sua insensibilidade à virtude; sua aversão a ouvir a verdade; sua inclinação para os homens covardes e adutores; sua negligência; sua apatia; sua indolência; sua desconfiança descabida; seu fausto e sua excessiva ostentação construídos sobre a ruína dos povos; sua ambição de obter glórias vãs à custa do sangue de seus cidadãos; enfim, sua crueldade, diariamente à procura de novos prazeres em meio às lágrimas e ao desespero de tan-

tos infelizes. Tais reis veem-se incessantemente nesse espelho; eles se acham mais horríveis e monstruosos do que a Químera, vencida por Belerofonte; do que a Hidra de Lerna, abatida por Hércules, do que o próprio Cérbero, ainda que este último vomite por suas três goelas abertas um sangue negro e deletério, capaz de envenenar toda a raça dos mortais que vivem sobre a Terra.

Ao mesmo tempo, de outro lado, uma outra Fúria lhes repetia afrontosamente todos os louvores que seus adutores dispensaram-lhes durante a vida, apresentando-lhes um segundo espelho, em que se viam tais como a lisonja os descrevera. *A oposição dessas duas imagens tão contrárias representava um tormento para sua vaidade.* Notava-se que os piores entre esses reis eram os que haviam recebido os mais esplêndidos louvores durante a vida, porque os maus são mais temidos que os bons, e porque despididamente exigem as infames adulações dos poetas e dos oradores de seu tempo.

Ouvem-se-lhes os gemidos nessas profundas trevas onde os antigos reis não enxergam senão os insultos e as zombarias que devem amargar. Nada há ao redor que não os repudie, os conteste, ou os desmascare, enquanto na Terra eles é que escarneciam da vida dos homens, exigindo que tudo fosse feito para servi-los. No Tártaro, estão entregues completamente aos caprichos de escravos que os fazem, por sua vez, experimentar a mais cruel servidão: os reis de outrora obedecem de maneira humilhante, não lhes restando nenhuma esperança que possa de algum modo abrandar-lhes o tormentoso jugo. Sob os golpes desses escravos, transformados em tiranos impiedosos, encontram-se os humilhados reis tal qual a bigorna sob a marreta dos Ciclopes, quando Vulcano compelia estes últimos a trabalhar aceleradamente nas fornalhas ardentes do Monte Etna.

Telêmaco percebeu então os semblantes pálidos, monstruosos, horrorizados. Sombria tristeza consome os criminosos: Sentem, de si mesmos, um horror de que se não podem livrar, como tampouco de sua própria natureza. *Para seus erros não há necessidade de outra punição que não suas próprias faltas, que se lhes descortinam incessantemente em toda a sua magnitude, sob a forma de abomináveis espectros em sanha persecutória.* Para escapar de tal perseguição, procuram uma morte inda mais poderosa do que aquela que os desprende de seus corpos. Desesperados, clamam por morte que lhes possa anular o sentimento e a consciência, suplicando para que os abismos os devorem, de modo a evadirem-se à verdade, que os persegue

com seus raios vingadores. Mas estes últimos estão destinados à vingança que sobre eles há de destilar, gota a gota, sem jamais se esgotar. *A verdade – cuja visão os atemoriza – constitui o seu suplício.* Mas veem-na, ainda assim, e tudo o que conseguem ver é a verdade que contra eles se levanta: visão que os lacera, os estilhaça, arrancando-os de si mesmos, visão que atua como um raio, penetrando até o fundo das entranhas sem nada destruir ao redor. Semelhante ao metal numa fornalha em brasas, a alma é derretida por esse fogo vingador, que anula toda rijeza sem nada consumir, dissolvendo a essência da própria vida, sem que se possa morrer. Arrancado o ser de si mesmo, não encontra ele por um instante sequer qualquer apoio ou repouso, vivendo apenas através da ira que sente de si mesmo, e da total falta de esperança que o ensandece.

Naquela cena que lhe eriçava os cabelos, Telêmaco viu muitos antigos reis da Lídia, punidos por terem escolhido uma vida de prazeres em vez de trabalhar pelo amparo do povo, ação que deve constituir a insígnia inseparável da realeza.

Esses reis condenavam-se mutuamente pela cegueira. Um dizia a outro, que fora seu filho: – Não te havia recomendado várias vezes, em minha velhice, antes de minha morte, que reparasses os males que eu negligentemente cometi? – Ah! Infeliz pai – dizia o filho –, fostes vós que me aruinastes! Vosso exemplo é que me inspirou o fausto, o orgulho, a volúpia e a dureza para com os homens! Vendo-vos reinar com tanta indolência e cercado por vis adutores foi que me acostumei a amar a lisonja e o prazer. Acreditei que o resto dos homens era, com relação aos reis, apenas o que cavalos e burros de carga são com relação aos homens, isto é, animais a que só se dá importância enquanto prestam serviços e são úteis. Nisso acreditei – e fostes vós que me fizestes nisso acreditar – e agora sofro tantos infortúnios por vos haver imitado. – A tais censuras acrescentavam as mais abomináveis maldições, parecendo encolerizados a ponto de se destruírem mutuamente.

Em volta dos reis rodopiavam igualmente, quais corujas da noite, as cruéis suspeitas, os receios inúteis e as desconfianças que vingam os povos da dureza de seus monarcas; a fome insaciável de riquezas, a falsa e sempre tirânica glória, assim como a lassidão displicente que amplifica todos os sofrimentos, sem jamais propiciar qualquer satisfação durável.

Viam-se inúmeros desses reis severamente punidos, não pelos males que haviam feito, mas *por haverem negligenciado o bem que deveriam fazer*. Todos os crimes do vulgo, advindos da negligência com que se observam as leis, eram imputados aos monarcas, cuja gestão deve sempre zelar pelo cumprimento da lei. Imputavam-se também aos reis todas as desordens nascidas do fausto, do luxo e dos demais excessos que incitam os homens à violência e à tentação de transgredir as leis para adquirir riquezas. Tratava-se com rigor sobretudo aos reis que, ao invés de representarem bons e atentos pastores do povo, tinham apenas cogitado em destruir o rebanho, quais lobos vorazes.

O que mais consternou Telêmaco, no entanto, foi ver nesse abismo de trevas e tormentos um grande número de reis que, tidos na Terra como bons reis, tinham sido condenados às penas do Tártaro por se deixarem governar por homens maus e ardilosos. *Eram punidos pelos males que permitiram ser cometidos sob sua autoridade*. Ademais, não chegaram a ser esses reis, em sua maior parte, nem bons nem maus, tamanha a sua frouxidão: nunca rezearam ignorar a verdade, não sentiram jamais o gosto da virtude, nem tampouco se interessaram pela prática do bem.

2º) INFERNO CRISTÃO

A opinião dos teólogos sobre o Inferno resume-se nas citações a seguir.⁵⁷ Esta descrição – colhida dos autores sagrados e da vida dos santos – pode ser tanto mais considerada como a expressão ortodoxa da fé nessa matéria, quanto é a todo instante repetida, com pouca variação, seja nos sermões dos púlpitos protestantes, seja nas pregações dos padres católicos.

Os demônios são puramente espíritos, e os condenados, que se encontram presentemente no Inferno, também podem ser considerados como espíritos puramente, uma vez que apenas as suas almas ali desceram; suas ossadas, restituídas ao pó, transformam-se continuamente em ervas, em plantas, em frutos, em minerais, em líquidos, sofrendo, sem o saber, as contínuas metamorfoses da matéria. Mas os condenados, assim como os

57. Citações extraídas da obra *O Inferno*, de Auguste Callet. (N. do A.)

santos, devem ressuscitar no último dia, e retomar, para não mais deixá-lo, um corpo de carne, o mesmo corpo pelo qual foram conhecidos quando vivos. O que distinguirá uns dos outros é que os eleitos ressuscitarão em corpos purificados e resplendentes, enquanto os condenados, num corpo disforme e enodado pelo pecado. Não haverá mais no Inferno, portanto, homens de natureza puramente espiritual – haverá homens tais como nós. O Inferno é, por conseguinte, um lugar físico, geográfico, material, uma vez que será povoado por criaturas terrestres, com pés, mãos, boca, língua, dentes, ouvidos, olhos em tudo semelhantes aos nossos, assim como sangue nas veias e nervos sensíveis à dor⁵⁸.

Onde está situado o Inferno? Alguns doutores da religião o colocaram no próprio interior da Terra, enquanto outros, em algum planeta desconhecido. A questão, no entanto, não foi resolvida em nenhum concílio. Dessa forma, estamos, com relação a esse assunto, limitados às conjecturas. O que se pode afirmar é que o Inferno, qualquer que seja o lugar em que se situe, é um mundo composto de elementos materiais, mas um mundo sem sol, lua ou estrelas, e mais triste, inóspito e destituído de qualquer rudimento ou aspecto salutar que – mesmo nas regiões mais adversas deste mundo em que pecamos – podemos encontrar.

Os teólogos mais cautelosos não se aventuram a descrever – à maneira dos egípcios, hindus e gregos – todos os horrores dessa morada, limitam-se a apresentar, à guisa de exemplo, o pouco que sobre esse assunto falam as Escrituras – o charco de fogo e enxofre do Apocalipse; os vermes de Isaías, vermes infestando eternamente os cadáveres do Tofel; os demônios a atormentar os homens cuja perdição causaram; e os homens a chorar e a ranger os dentes, conforme a expressão dos evangelistas.

58. O inferno, segundo os dogmas religiosos, pressupõe um local físico que impressione dolorosamente os condenados pelo corpo restituído, com órgãos sensíveis às impressões materiais (tato, visão, paladar, audição e olfato). A doutrina espírita demonstra a existência do perispírito constituído de matéria própria do mundo espiritual. Esse ambiente não causa impressões fisiológicas, nem no corpo espiritual há sensibilidade para tal. As sensações dos espíritos são de ordem intelecto-moral (pensamentos, sentimentos). As sensações agradáveis ou desagradáveis após a morte estão relacionadas à condição de aperfeiçoamento da alma, sendo de ordem interna, não tendo causa externa como no mundo corporal. (N. do E.)

Santo Agostinho não concorda que sejam essas penas físicas simples descrições simbólicas dos sofrimentos morais. Ele admite um verdadeiro lago de enxofre, com vermes e serpentes de verdade aguilhoando todas as partes dos corpos dos condenados, somando suas lacerações às do fogo. Ele julga, segundo um versículo de São Marcos, que esse fogo estranho – embora material como o nosso, agindo, portanto, sobre os corpos físicos – os conservaria como o sal conserva a carne das vítimas. Os condenados, todavia, vítimas incessantemente supliciadas, porém permanentemente vivas, sentiriam a dor desse fogo que queima sem destruir, *penetrando sob sua pele*. Ficariam as vítimas impregnadas, saturadas desse fogo em todos os seus membros, da medula dos ossos à pupila dos olhos, nas fibras mais recônditas e mais delicadas do seu ser. A cratera de um vulcão, se se pudessem aí lançar, ser-lhes-ia equivalente a um lugar de alívio e repouso.

Assim falam, com toda a segurança, os teólogos mais tímidos, discretos e comedidos. Não negam, aliás, que haja no Inferno outros suplícios corporais – apenas alegam que, para tratar do assunto, não têm um conhecimento ao menos tão suficiente e certo quanto o que lhes foi transmitido acerca do terrível suplício do fogo e do repugnante suplício dos vermes. Mas existem teólogos mais ousados ou informados que fazem descrições mais detalhadas, mais variadas e mais completas do Inferno, ademais – ainda que não se saiba em que lugar do Espaço está situado esse Inferno –, há santos que o viram. Não que tenham estes últimos aí estado com a lira na mão, como Orfeu, ou empunhando a espada, tal qual Ulisses: eles foram para lá transportados em espírito. Santa Teresa é um desses casos.

Ao que parece, segundo a descrição da santa, existem cidades no Inferno. Ela ali viu ao menos uma espécie de viela longa e estreita, como tantas que existem nas cidades antigas. Entrou nela, caminhando com horror por um charco pútrido, em que pululavam répteis monstruosos, tendo, porém, sua caminhada interrompida por uma muralha que bloqueava a rua. Havia nessa muralha um nicho onde Teresa se pôs de cócoras, sem se dar conta de como isso tenha se passado. Relata ela que aquele era o lugar que lhe estaria destinado caso ela abusasse em vida das graças que Deus derramava sobre seu claustro em Ávila. Ainda que tivesse adentrado com espantosa facilidade o nicho de pedra, ela ali não conseguia, no entanto, seja sentar-se, deitar-se, ou ficar de pé, e conseguia menos ainda sair daquele lugar. Essas

terríveis paredes, vergando-se sobre ela, envolviam-na e apertavam-na, como se estivessem vivas. Parecia-lhe que a asfixiavam, estrangulando-a, ao mesmo tempo que a esfolavam viva, cortando-a em pedaços. Sentindo-se queimar, experimentava, ao mesmo tempo, toda espécie de angústias. Sem esperança alguma de socorro, tudo ao redor dela eram apenas trevas, conquanto ainda pudesse perceber, espantada, através das trevas, a hedionda viela em que se encontrava, assim como toda a imunda vizinhança desta, espetáculo para ela tão intolerável quanto a constrição experimentada em sua prisão.

Ali era decerto apenas um pequeno recanto do Inferno. Outros viajantes espirituais tiveram maior privilégio, tendo visto no Inferno grandes cidades em chamas – Babilônia, Nínive e mesmo Roma –, com seus palácios e templos incendiados; todos os seus habitantes acorrentados e o traficante ao seu balcão; padres jungidos a cortesãs em salas de festins, gritando de assentos dos quais não se conseguiam desprender, levando aos lábios, na tentativa de mitigar a sede, taças que expeliam fogo; criados ajoelhados em latrinas ferventes a estender os braços; e príncipes cobertos por lava devoradora feita do ouro derretido que lhes escorria das mãos. Outros viram no Inferno planícies sem-fim, a destilar o suor de camponeses famélicos que – arando e semeando sem nada lograr extrair desses campos e de suas estérteis sementes – entredevoravam-se, dispersando-se em seguida pelo horizonte, tão numerosos, macérrimos e esfaimados quanto antes, indo em vão procurar terras mais ditosas adiante, substituídos de imediato, nos campos que desocupavam, por outros magotes de condenados errantes. Há os que viram no Inferno montanhas cheias de precipícios, florestas de gemidos, poços secos, fontes abastecidas de lágrimas, córregos de sangue, turbilhões de neve em desertos de gelo, naus de aflitos à matroca em mares infundáveis. Revia-se ali, enfim, tudo o que viam os pagãos: um reflexo macabro da Terra, uma reprodução imensamente ampliada de suas misérias, com seus sofrimentos característicos eternizados, incluindo até mesmo os calabouços, patíbulos e instrumentos de tortura por nossas próprias mãos forjados.

Há lá embaixo, de fato, demônios que, para mais efetivamente torturar os homens em seus corpos, fazem-se corpóreos também. Uns – com asas de morcego, chifres, couraças de escamas, patas com garras, dentes agudos – mostram-se empunhando gládios e forquilhas, alicates e tenazes ardentes, serras e grelhas, foles e clavas, utilizando-se da carne humana

para exercer, por toda a eternidade, o ofício de cozinheiros e de carniceiros. Outros transformam-se em leões, ou em enormes serpentes, arrastando suas vítimas até solitários covis. Estes transformam-se em corvos que arrancam os olhos dos culpados. Aqueles, em dragões voadores que atacam os réprobos pelas costas e os levam – aterrorizados, sangrando e gritando em meio às trevas – para depois lançá-los num lago de enxofre. Aqui, nuvens de gafanhotos e escorpiões gigantes, cuja visão dá calafrios e cujo odor causa náuseas, provocando convulsões ao menor contato. Acolá, monstros policéfalos abrindo por todos os lados suas vorazes bocarras, agitando sobre suas cabeças disformes as crinas de serpes, esmagando os condenados entre as mandíbulas rubras de sangue, para depois cuspi-los, macerados, porém sempre vivos, porquanto imortais.

Esses demônios de forma tangível – que lembram tão claramente os deuses do Amenti e do Tártaro, assim como os ídolos adorados pelos fenícios, pelos moabitas e por outros gentios vizinhos da Judeia – não fazem nada ao acaso; cada um tem a sua função, o seu encargo. O mal que praticam no Inferno guarda relação com o mal que inspiraram e causaram na Terra. Os condenados são punidos em todos os seus sentidos e órgãos, porque ofenderam a Deus também por todos os seus órgãos e sentidos. Os glutões são punidos de uma forma pelos demônios da gula, e os preguiçosos, de outra forma pelos demônios da preguiça, os fornicadores, ainda de outra forma pelos demônios da fornicação, e assim por diante, de maneiras tão variadas quão variadas são as maneiras que há de pecar. Sentirão frio ainda que queimem, e calor ainda que congelem. Ansiarão a um tempo por repouso e por movimento, sempre com fome e sede, e mil vezes mais cansados que um escravo ao fim do dia, mais doentes que os moribundos, mais alquebrados, mais inermes e ulcerados que os mártires, e isso para todo o sempre.

Nenhum demônio refuta ou jamais refutará a sua hedionda tarefa. Todos são, a esse respeito, bem disciplinados e fiéis na execução das ordens punitivas que receberam.⁵⁹ De outra forma, em que se transformaria o

59. Esses mesmos demônios, rebeldes a Deus quanto ao bem, são de uma docilidade exemplar quanto à prática do mal, na qual nenhum deles recua ou hesita por toda a eternidade. Que estranha metamorfose operou-se neles, que haviam sido criados puros e perfeitos como os anjos! (N. do A.)

Inferno? Os condenados repousariam se viessem os carrascos a discutir ou a se cansar. Mas nada de repouso entre uns, nem brigas entre os outros; ainda que perversos e numerosos, os demônios se conciliam de um canto ao outro do abismo, e jamais se viu sobre a Terra nações mais dóceis a seus príncipes, exércitos mais obedientes a seus generais, ou comunidades monásticas mais humildemente submissas a seus prelados.

Não se conhece quase nada do baixo escalão dos demônios, esses espíritos vis que compõem as legiões de vampiros, *ghouls*, sapos, escorpiões, corvos, hidras, salamandras e outras bestas sem nome, que constituem a fauna das regiões infernais. Mas são conhecidos e intitulados vários príncipes que comandam tais legiões, entre os quais contam-se: Belfegor, o demônio da luxúria; Abaddon ou Apolion, o do assassinato; Belzebu, o demônio dos desejos impuros ou o senhor das moscas que engendram a putrefação; Mammon, o da avareza; e ainda Moloc, Belial, Baalgad, Astarot e tantos outros, tendo acima deles seu chefe supremo, o sombrio arcanjo que no Céu era chamado pelo nome de Lúcifer, e no Inferno pelo nome de Satanás.

Eis aí, em resumo, a ideia que nos dão do Inferno, considerado do ponto de vista da sua natureza física e das penas físicas aí enfrentadas. Examinem-se os escritos dos padres e dos antigos doutores; interroguem-se nossas piedosas lendas; contemplem-se as esculturas e os quadros de nossas igrejas; preste-se atenção ao que é proclamado dos púlpitos e aprender-se-á ainda bem mais.

A essa descrição, o autor acresce as seguintes reflexões, cujo alcance cada um poderá compreender:

A ressurreição dos corpos é um milagre, mas é necessário um segundo milagre para dar a esses corpos mortais – já uma vez utilizados nas provas passageiras da vida, portanto já uma vez destruídos – a virtude de subsistir, sem que se desfaçam, numa fornalha na qual até mesmo os metais evaporariam. É possível aceitar que se diga que a alma é o carrasco de si mesma, que Deus não a persegue, apenas a deixa no estado de infelicidade que ela mesma escolheu – ainda que o abandono eterno de um ser perdido e sofredor pareça pouco de acordo com a bondade do Criador. Mas o que se diz acerca da alma e das penas espirituais, não se pode, de modo algum,

dizer dos corpos e das penas corporais. Para que se perpetuem essas penas corporais, não é suficiente que Deus se abstenha de agir, detendo a própria mão – é necessário, ao contrário, que Ele a mostre, que intervenha e aja, sem o que sucumbiriam os corpos.

Assim, os teólogos supõem que Deus opere, de fato, após a ressurreição, esse segundo milagre de que falamos. Primeiramente, Ele retira nossos corpos de barro do sepulcro que os havia devorado – retira-os da mesma forma como ali entraram, com suas enfermidades originais e com a degradação contínua da idade, da doença e do vício; Ele restitui-nos os corpos nesse estado, decrépitos, friorentos, enfermos, cheios de necessidades, sensíveis a uma picada de abelha, marcados pelas cicatrizes impressas pela vida e pela morte – é esse o primeiro milagre. Depois, a esses corpos estiolados, prontos para retornarem ao pó de onde provêm, Ele confere um atributo que nunca tiveram – eis aí o segundo milagre –, Ele lhes concede a imortalidade, o mesmo dom que, em sua cólera (ou antes, em sua misericórdia) tomara de Adão ao sair do Éden. Enquanto imortal, Adão era invulnerável, e quando deixou de ser invulnerável, tornou-se mortal: a morte segue a dor de perto. A ressurreição, portanto, não nos restabelece nem nas condições físicas do homem inocente, nem nas do homem culpado. Trata-se da ressurreição de nossas misérias somente, porém com a adição de misérias novas, infinitamente piores. É, em certa medida, uma verdadeira criação, e a mais maliciosa que a imaginação ousou conceber. Deus muda de ideia, e, para acrescer aos tormentos espirituais dos pecadores os tormentos carnis que possam durar eternamente, muda subitamente, através de seu poder, as leis e as propriedades por Ele mesmo estipuladas desde o princípio para os compostos da matéria. Ressuscita carnes enfermas e putrefatas e, agregando através de um laço indestrutível os elementos que tendem por si mesmos a se dispersar, Ele mantém e perpetua, contra a ordem natural, essa podridão viva, lançando-a ao fogo, não para purificá-la, mas para conservá-la tal como é: sensível, sofredora, ardente, horrível e – tal como a quer – imortal.

Faz-se de Deus, por esse milagre, um dos algozes do Inferno, porquanto, se os condenados só podem imputar a si mesmos os seus males espirituais, eles não podem, em contrapartida, atribuir os outros senão a Deus. Seria muito pouco, aparentemente, abandoná-los, após sua morte, à tristeza, ao arrependimento e a todas as angústias de uma alma que per-

cebe ter perdido o bem supremo. Deus irá nessa noite, segundo os teólogos, procurá-los no fundo desse abismo, trazendo-os por um instante à luz, não para os consolar, mas para revesti-los de um corpo hediondo, chamejante, imperecível, mais pestilento que a túnica de Dejanira, para somente então os abandonar para sempre.

Mas Deus não os abandonará de fato, uma vez que o Inferno não subsiste, assim como a Terra e o Céu, senão por ato permanente de sua vontade sempre ativa, e porque tudo se dissiparia caso Ele deixasse de tudo sustentar. Deus agirá, portanto, incessantemente sobre eles, para impedir que o fogo se apague, deixando de consumir-lhes os corpos, desejando assim que esses infelizes imortais contribuam, pelo exemplo de seus suplícios, para a instrução dos eleitos.

Dissemos, com razão, que o Inferno dos cristãos havia superado o dos pagãos. No Tártaro, realmente, veem-se os culpados torturados pelo remorso, sempre diante de seus crimes e de suas vítimas, humilhados por aqueles que haviam oprimido em vida. São vistos a fugir da luz que os penetra e a tentar, inutilmente, escapar dos olhares que os perseguem. O orgulho é aí rebaixado e humilhado, trazendo todos os estigmas de seu passado. Todos são punidos por suas próprias faltas, a tal ponto que, no caso de alguns, é suficiente que sejam entregues a si mesmos, porque é considerado inútil que se lhes acrescentem outros castigos. Mas são sombras, ou seja, almas com seus corpos fluídicos, imagem de sua existência terrestre. Não se veem ali os homens retomando seus corpos carnis para sofrer materialmente, nem o fogo penetrar-lhes a pele e saturando-os até a medula dos ossos, nem o requinte e o refinamento dos suplícios que constituem a base do Inferno moderno. Ali encontram-se juízes inflexíveis, mas justos, que aplicam as penas na proporção das faltas cometidas, ao passo que no império de Satanás são todos misturados nas mesmas torturas, sendo tudo nele fundamentado na materialidade, tendo sido dele banida a própria noção de equidade.

Não há dúvidas de que hoje, até dentro da Igreja, haja muitos homens sensatos que não admitem tais coisas ao pé da letra, nelas enxergando apenas alegorias cujo sentido é preciso interpretar. Mas são apenas opiniões individuais que não têm muito peso. A crença no Inferno material, com todas as suas consequências, ainda é um artigo de fé.

Podemos perguntar como há homens tenham conseguido ver essas coisas em êxtase, se elas não existem. Não cabe aqui explicar a origem das imagens fantásticas que por vezes se produzem com a aparência de realidade. Diremos apenas que é preciso ver nisso uma prova da regra de que o êxtase é a menos segura de todas as revelações,⁶⁰ porque esse estado de superexcitação nem sempre representa o fato de uma liberação tão completa da alma como poderíamos crer, e porque nele frequentemente se encontra o reflexo das preocupações da véspera⁶¹. As ideias com que se nutre o espírito e cujas impressões são guardadas pelo cérebro – ou melhor, pelo invólucro perispiritual correspondente ao cérebro – reproduzem-se ampliadas como numa miragem, sob formas vaporosas que se cruzam e se confundem, compondo quadros insólitos. Os extáticos de todos os cultos sempre viram coisas vinculadas à fé que possuem. Não surpreende, portanto, que aqueles que, como Santa Teresa, estão fortemente impregnados de ideias acerca do Inferno como as transmitidas pelas descrições verbais ou escritas, assim como pelas pinturas, tenham visões que são, propriamente falando, apenas o reflexo dessas ideias, produzindo o efeito de um pesadelo. Um pagão cheio de fé veria o Tártaro e as Fúrias, como veria, no Olimpo, Júpiter a empunhar um raio.

60. V. *O Livro dos Espíritos*, cap. VIII, questões 443-444. (N. do A.)

61. Os estados de sonambulismo e êxtase e o fenômeno de desdobramento representam a percepção do mundo espiritual pela alma que se afasta do corpo (emancipação). Todavia, estando encarnado, toda percepção passa pelo cérebro material para ser lembrada ou relatada. Também podem se misturar com a imaginação e as crenças do indivíduo. Desse modo, é menos segura que uma comunicação mediúcnica cuja descrição advenha de um espírito desencarnado, expressando-se por sua consciência espiritual. (N. do E.)

CAPÍTULO VI

O Purgatório

O Evangelho não faz nenhuma menção ao Purgatório, que foi admitido pela Igreja somente no ano 593. É seguramente um dogma mais racional e mais de acordo com a justiça de Deus que o dogma do Inferno, porquanto estabelece penas redimíveis e menos rigorosas para faltas de gravidade moderada.

O princípio do Purgatório está, portanto, fundamentado na equidade, uma vez que, comparado à justiça humana, representa a detenção temporária a par da condenação perpétua. Que se pensaria de um país que tivesse apenas a pena de morte tanto para crimes quanto para simples delitos? Sem o Purgatório, só há para as almas duas alternativas extremas: a felicidade absoluta ou o suplício eterno. Nessa hipótese, o que seria das almas culpadas somente de faltas mais leves? Ou elas compartilhariam da felicidade dos eleitos sem serem perfeitas, ou sofreriam o castigo dos maiores criminosos sem que tivessem cometido graves males, o que não seria justo nem racional.

Mas a noção do Purgatório devia forçosamente ser incompleta, dado que, conhecendo apenas a punição pelo fogo, fizeram dele uma miniatura do Inferno: as almas aí também ardem, mas em fogo menos intenso. Sendo o progresso incompatível com o dogma das penas eternas, as almas não saem do Purgatório por conta do seu desenvolvimento, mas em virtude das preces que se fazem ou que se mandam rezar por elas.

Se a ideia original era boa, o mesmo não se dá com suas consequências, pelo abuso a que deu origem. Com as preces pagas, o Purgatório tornou-se uma mina mais lucrativa que o Inferno⁶².

O lugar do Purgatório nunca foi estabelecido, nem a natureza das penas ali sofridas claramente definida. Estava reservado à Nova Revelação preencher essa lacuna, explicando-nos as causas das misérias da vida terrestre, cuja justiça somente a pluralidade das existências poder-nos-ia demonstrar.

Essas misérias resultam necessariamente das imperfeições da alma, pois, se esta fosse perfeita, não cometeria erros e não teria de sofrer-lhes as consequências. O homem que fosse sóbrio e moderado em tudo, por exemplo, não seria vítima das doenças que resultam dos excessos. Na maioria dos casos, ele é infeliz neste mundo por sua própria culpa, mas se é imperfeito, é porque já o era antes de vir para a Terra, onde expia não apenas as faltas atuais, mas as faltas anteriores que não foram reparadas, sofre numa vida de provas o sofrimento imposto a outros numa outra existência. As vicissitudes que o homem experimenta são simultaneamente um castigo temporário e uma advertência quanto às imperfeições de que se deve desfazer para evitar desditas futuras e progredir para o bem. São para a alma as lições da experiência, rudes lições por vezes, mas tanto mais proveitosas para o futuro quanto mais profundas as impressões que deixam. Essas vicissitudes ensinam lutas incessantes que desenvolvem as forças da alma, assim como suas faculdades morais e intelectuais, fortalecendo-a no bem, e de onde ela sai vitoriosa se tiver força para sustentá-las até o fim⁶³. O prêmio da vitória está na vida espiritual, onde a

62. Na Idade Média difundiu-se o medo das penitências longas e severas, pois, segundo o dogma, a confissão removia a culpa pelos pecados mortais, mas o mal causado deveria ser penitenciado. A indulgência é a remissão da pena temporal devida. Inicialmente, ela consistia em peregrinações, donativos e boas obras. No final, ocorria a venda abusiva do perdão, culminando com a contestação de Lutero na reforma protestante. (N. do E.)

63. A doutrina espírita dá um novo significado às vicissitudes da vida terrena. Enquanto nas religiões eram compreendidas como castigos divinos pelas faltas cometidas pela alma criada perfeita por Deus. O Espiritismo demonstra que os espíritos humanos iniciam simples e ignorantes, ou seja, sem o desenvolvimento da vontade (livre escolha) e razão (inteligência). Desse modo, os espíritos imperfeitos fazem uso das vicissitudes com oportunidades para desenvolverem suas faculdades, por meio de centenas de vidas. Primeiro a consciência de si, a inteligência racional, por meio dela

alma entra radiosa e triunfante, como o soldado que retorna da batalha para receber a palma gloriosa.

Cada existência é, para a alma, uma oportunidade de dar um passo adiante. De sua vontade depende que esse passo seja o mais largo possível, ascendendo vários graus, ou permanecendo no mesmo ponto. Nesta última hipótese, terá a alma sofrido sem proveito, e como é necessário, cedo ou tarde, quitar as dívidas, ser-lhe-á preciso recomeçar uma nova existência em condições ainda mais penosas, pois a uma mancha não removida ajuntou uma outra⁶⁴.

É, portanto, nas sucessivas encarnações que a alma se despoja pouco a pouco de suas imperfeições, em outras palavras, que ela se *purga*, até que esteja pura o bastante para merecer deixar os mundos de expiação e ir para mundos mais ditosos, de onde mais tarde partem para fruir da felicidade suprema⁶⁵. O *Purgatório* não é mais, por conseguinte, uma ideia vaga e incerta, é uma realidade material que nós vemos, que tocamos e que sofremos. Ele

o domínio da vontade, que, escolhendo com a referência das leis presentes na consciência, conquista o livre-arbítrio e o senso moral. Naturalmente, todos os espíritos e todos os planetas tornam-se felizes. Com a evolução, as vicissitudes abrandam-se. Todavia, um espírito superior pode reencarnar entre os mais simples, para, em missão, servir como exemplo e impulsionar o progresso. (N. do E.)

64. Nos dogmas das religiões ancestrais, o sofrimento físico pela dor e tristeza é um castigo pelos erros cometidos anteriormente (na relação de pecado, carma, causa e efeito ou ação e reação). Segundo as leis naturais apresentadas pelo Espiritismo, as vicissitudes são oportunidades para a evolução do espírito, por seu esforço. Mas se ele se demora, sem aproveitar as vidas, estaciona em seu progresso, sendo essa condição inerente ao sofrimento moral (sensação do espírito). Desse modo, a condição de imperfeição é inerente à condição de sofrimento moral, que cessa com o aperfeiçoamento sério e efetivo (com o arrependimento, expiação e reparação). Veja o item 8 do cap. VIII. (N. do E.)

65. No início de sua evolução, há imperfeições que são hábitos equivocados criados pelo apego, que resultam em orgulho e egoísmo. Essa responsabilidade pessoal, somente daqueles que escolherem esse caminho penoso, configura a condição de imperfeição e sofrimento morais que deverão ser superados pela expiação. Todavia, nos planetas primitivos, há as vicissitudes decorrentes da falta de inteligência para criar melhores condições de vida e conforto, quanto à alimentação, moradia, saúde. Também falta oportunidade para todos progredirem, como educação, trabalho, família. Por isso, todos enfrentam provas, que são oportunidades para o progresso, individual e coletivo. São os planetas de expiação e provas. (N. do E.)

está nos mundos de expiação, e a Terra é um desses mundos – nela os homens expiam o passado e o presente em proveito de seu futuro. Mas, ao contrário da ideia que se tem tradicionalmente do Purgatório, depende de cada um abreviar ou prolongar a sua permanência aí, segundo o grau de adiantamento e pureza a que se chega pelo trabalho sobre si mesmo. Saímos desses mundos não porque tenha chegado a termo nosso tempo, ou pelo mérito de outros, mas em razão do nosso próprio mérito, segundo as palavras do Cristo: – *A cada um, conforme suas obras* –, palavras que resumem toda a justiça de Deus.

Aquele que sofre nesta vida deve então dar-se conta de que isso acontece porque ele não se depurou suficientemente em sua existência anterior, e que, se não o fizer na atual, ainda sofrerá na próxima existência, o que é, a um só tempo, justo e lógico. Sendo o sofrimento inerente à imperfeição⁶⁶, sofre-se tanto tempo quanto se é imperfeito, assim como sofremos de uma doença enquanto não estejamos curados. Assim é que, enquanto for o homem orgulhoso, sofrerá as consequências do orgulho; enquanto for egoísta, sofrerá as consequências do egoísmo.

O espírito culpado sofre primeiramente na vida espiritual em razão do grau de suas imperfeições, sendo-lhe então concedida a vida corporal como meio de reparação⁶⁷. É por isso que o espírito nela reencontra, ou as pessoas que ofendeu, ou situações semelhantes àquelas em que praticou o mal, ou ainda situações opostas às que viveu, por exemplo enfrentando a miséria se foi um rico mau, ou uma condição humilhante se foi orgulhoso. Não se trata de um duplo castigo, mas o mesmo a que se dá sequência na Terra, como

66. O mal moral difere do mal físico. Trata-se aqui do sofrimento moral (sensação do espírito) e não do sofrimento físico próprio da vida corporal (causado pela dor e situações de tristeza), que são as vicissitudes ou oportunidades de progresso da alma. O sofrimento moral é inerente à imperfeição criada pelos atos livres e voluntários do espírito que está apegado à vida animal, criando assim o orgulho e o egoísmo. Unicamente quando há essa responsabilidade, ocorre a condição inerente de sofrimento moral. Por isso, o egoísta sofrerá em vidas sucessivas, não importa quantas, até que se arrependa e supere o egoísmo pelo próprio esforço, de forma autônoma. (N. do E.)

67. Essa explicação corresponde ao item 1º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “A alma ou espírito, sujeita-se, na vida espiritual, às consequências de todas as imperfeições das quais ela não se despojou durante a vida corporal (...)”. (N. do E.)

complemento, com vistas a facilitar seu adiantamento para um trabalho efetivo. Do próprio espírito depende fazê-lo proveitoso. Não lhe vale mais voltar à Terra, com a possibilidade de ganhar o Céu, do que ser condenado sem remissão ao deixá-la? Essa liberdade que lhe é concedida é uma prova da sabedoria, da bondade e da justiça de Deus, que deseja que o homem deva tudo aos próprios esforços, sendo assim o artífice de seu futuro. Se é infeliz, se o é por um tempo maior ou menor, que não se queixe senão a si mesmo – o caminho do progresso lhe está sempre aberto⁶⁸.

Se considerarmos quão grande é o sofrimento de certos espíritos culpados no mundo invisível, quão terrível é a situação de alguns e as ansiedades de que padecem, e o tanto que tal posição torna-se mais penosa pela impossibilidade em que se encontram de enxergar o fim desses sofrimentos, poder-se-ia dizer que, à vista deles, encontram-se no *Inferno*, se esse termo não implicasse a ideia de um castigo eterno e material. Graças à revelação dos espíritos e aos exemplos que eles nos oferecem, nós sabemos que a duração desse sofrimento está subordinada à melhora do culpado.

O Espiritismo não veio, portanto, negar a penalidade futura – veio, ao contrário, confirmá-la. O que ele destrói é o Inferno localizado, com suas fornalhas e suas penas irremissíveis. Não nega o Purgatório, porquanto prova que nele nos encontramos, definindo-o e detalhando-o, explicando a causa das misérias terrestres, conduzindo à crença, com isso, aqueles que o negavam⁶⁹.

Condena o Espiritismo as preces pelos mortos? Bem ao contrário, porque os espíritos sofredores as solicitam. O Espiritismo faz das preces um dever

68. A reencarnação é uma necessidade para todos os espíritos progredirem livremente, e as vicissitudes estimulam a conquista das faculdades e qualidades da alma. Mas, em sendo a evolução voluntária, autônoma, cada um a aproveita melhor ou pior. Quem estaciona ou, em virtude do apego, cria para si orgulho e egoísmo, amplia o número de vidas e vicissitudes. Para todos, mesmo os imperfeitos, a felicidade é a conquista pelas boas obras. (N. do E.)

69. Somente os espíritos que criaram para si mesmos, de forma livre e consciente, a condição de orgulho e egoísmo é que enfrentam a condição de sofrimento moral após a morte. Ela é proporcional ao grau de responsabilidade, e dura até que o espírito se arrependa, expie e repare suas faltas. A penalidade futura é uma sensação do espírito imperfeito, não importa onde se localize no mundo espiritual. Seu sofrimento moral é íntimo e não tem como causa o ambiente. Assim, Kardec ressignifica, segundo o Espiritismo, os termos inferno e purgatório. (N. do E.)

de caridade e demonstra-lhe a eficácia para os *reconduzir ao bem*, abreviando, por esse meio, seus tormentos.⁷⁰ Falando à inteligência, ele restituiu a fé aos incrédulos, e a prece àqueles que dela zombavam. Ele estabelece, porém, que a eficácia das preces está no pensamento, não nas palavras, que as melhores preces são as do coração, não as dos lábios. Quem, pois, ousaria censurá-lo?

Quer se passe na vida espiritual ou na Terra, e qualquer que seja a sua duração, o castigo sempre chega a seu termo, cedo ou tarde. Portanto, não há, na realidade, senão duas alternativas para o espírito: *punição temporária proporcional ao grau de culpa e recompensa proporcional ao mérito*⁷¹. O Espiritismo rejeita a terceira alternativa, a da condenação eterna. O Inferno restringe-se a uma figura simbólica dos grandes sofrimentos cujo término é desconhecido. O Purgatório é a realidade.

A palavra *purgatório* sugere a ideia de um lugar circunscrito, razão por que é aplicada mais naturalmente à Terra, considerada como lugar de expiação, do que ao espaço infinito, por onde vagueiam os espíritos sofredores, ainda mais que a natureza da expiação terrestre é uma verdadeira purificação⁷².

Por que então o Cristo não falou do Purgatório? É que, não existindo a ideia, não havia palavra para representá-la. Serviu-se ele da palavra *inferno*, a única em uso, como um termo genérico para designar as penas futuras, sem distinção. Se, ao lado da palavra *inferno* fosse colocada uma palavra equivalente a *purgatório*, ele não teria podido indicar com exatidão o seu verdadeiro

70. V. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III, itens 6-19. (N. do A.)

71. *Punição temporária proporcional ao grau de culpa*, pois quanto maior for a consciência do espírito culpado e a repetição dos atos equivocados, pior será a sua sensação de sofrimento moral. Temporário porque sempre cessará quando o espírito se arrepende e descondiciona seus hábitos equivocados. *Recompensa proporcional ao mérito*, pois a felicidade é inerente às boas obras e ao progresso gradual, consciente, voluntário, intencional e desinteressado. Essa é a base conceitual da teoria moral autônoma espírita. (N. do E.)

72. O termo purgatório, ressignificado por Kardec para dar-lhe coerência segundo a teoria espírita, tem relação com a evolução dos mundos. O planeta primitivo é destinado à conquista da consciência de si mesmo pelos espíritos simples e ignorantes que iniciam a vida humana nesse orbe. O purgatório estaria representado pelos mundos de expiação e provas, onde as vicissitudes servem para o progresso de todos, e a superação das imperfeições dos que as tenham adquirido. Por fim, todos os mundos serão felizes, após a revolução moral caracterizada pela regeneração. (N. do E.)

sentido sem abordar uma questão reservada para o futuro, e teria, além disso, o efeito de consagrar a existência de dois lugares especiais de castigo. O Inferno, em sua acepção geral, evocando a ideia de punição, continha implicitamente a ideia do *Purgatório*, que não é senão uma modalidade de punição. O futuro, devendo esclarecer os homens sobre a natureza das penas, deveria, por essa mesma razão, restringir o Inferno ao seu valor correto.

Dado que, passados seis séculos, a Igreja houve por bem suprir o silêncio de Jesus, decretando a existência do Purgatório, é porque ela julgou que ele não havia dito tudo. Por que não se daria com outras questões o que se deu com esta?

CAPÍTULO VII

Doutrina das penas eternas

I

A crença na eternidade das penas perde terreno diariamente, de tal forma que, sem ser profeta, cada um pode antever o seu fim próximo. Ela foi combatida por argumentos tão poderosos e peremptórios que parece quase supérfluo dela nos ocuparmos daqui para a frente, bastando deixá-la extinguir-se por si. No entanto, não se pode ignorar que, por mais caduca que seja, essa crença ainda é o cavalo de batalha dos adversários das ideias novas, o ponto que eles defendem com mais obstinação, porque é uma das frentes mais vulneráveis, e porque preveem as consequências de sua queda. Sob essa ótica, a questão merece um exame sério.

A doutrina das penas eternas, assim como a do Inferno material, teve a sua razão de ser enquanto essa crença representasse um freio para os homens, pouco avançados intelectual e moralmente⁷³. Da mesma forma como estes seriam pouco ou nada dissuadidos pela ideia das penas morais, não o teriam

73. Os dogmas foram criados no início da civilização, quando as massas eram constituídas por espíritos simples e ignorantes nativos da Terra. As elites que se formaram eram representadas pelos espíritos inteligentes, mas egoístas e orgulhosos, exilados de um planeta que passava por sua regeneração. A ideia das penas eternas causava medo, condicionando o povo para os hábitos sociais. (N. do E.)

sido tampouco pela das penas temporárias – não teriam nem mesmo compreendido a justiça das penas gradativas e proporcionais, porque não estavam aptos a compreender as nuances frequentemente delicadas do bem e do mal, nem o valor relativo das circunstâncias atenuantes ou agravantes⁷⁴.

Quanto mais próximos os homens estão do estado primitivo, mais materiais eles são; o senso moral é o que mais tardiamente neles se desenvolve. Por essa mesma razão, eles só podem ter uma ideia muito imperfeita de Deus e de seus atributos, assim como uma ideia não menos vaga acerca da vida futura⁷⁵. Os homens equipararam Deus à natureza de si mesmos: para eles, Deus é um soberano absoluto, tanto mais terrível porquanto invisível, como um monarca déspota que, trancado em seu palácio, não se mostra jamais a seus súditos. Deus é poderoso apenas pela força material, porque os homens não compreendem a força moral, vendo-O apenas armado com o raio, ou em meio a relâmpagos e tempestades, semeando por onde passa a ruína e a desolação, a exemplo dos guerreiros invencíveis. Um Deus de mansuetude e misericórdia não seria um Deus, mas um ser fraco que não saberia fazer-se obedecer. Na ideia da vingança implacável, nos castigos terríveis, eternos, nada havia contrário à ideia que os homens faziam de Deus, nada que a sua razão rejeitasse. Implacáveis que eram eles mesmos em seu rancor, cruéis com os inimigos e sem piedade pelos vencidos, Deus, sendo-lhes superior, haveria de ser ainda mais terrível.

74. Essa explicação corresponde ao item 5º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, no trecho que afirma: “(...) a mesma falta pode assim dar lugar a punições diferentes, segundo as circunstâncias atenuantes ou agravantes nas quais ela foi cometida (...)”. As penas, que correspondem ao sofrimento moral ou sensação de infelicidade do espírito imperfeito, são graduais e proporcionais ao entendimento do espírito, que erra por ato da vontade. Desse modo, a responsabilidade pelos atos está associada ao entendimento e intenção, sendo que as leis estão presentes na consciência de cada um. (N. do E.)

75. O espírito simples e ignorante vivencia uma transição entre a vida animal, regida pelo instinto e a vida espiritual, dirigida pelas faculdades da alma. O primeiro passo desse aperfeiçoamento é a conquista da inteligência racional (razão), que permite dominar a vontade (livre-arbítrio), por fim, desenvolve-se o senso moral e as virtudes. Kardec explica em *A Gênese*: “O instinto enfraquece, ao contrário, à medida que a inteligência se desenvolve, porque domina a matéria. Com a inteligência racional, nasce o livre-arbítrio que o homem usa à sua vontade: então somente, para ele, começa a responsabilidade de seus atos”. (cap. III, item 9). (N. do E.)

Para tais homens, eram necessárias crenças religiosas similares à sua natureza ainda rústica⁷⁶. Uma religião unicamente espiritual, toda de amor e de caridade, não poderia consorciar-se à brutalidade dos costumes e das paixões. Portanto, não censuremos a Moisés a sua legislação draconiana, que mal conseguia conter seu povo indócil, nem por haver feito de Deus um ser vingativo. Assim era necessário na época – a doce doutrina de Jesus não encontraria eco e quedaria impotente.

À medida que o espírito se desenvolveu, o véu material dissipou-se paulatinamente, e os homens tornaram-se mais aptos a compreender as coisas espirituais, mas isso não aconteceu senão de forma gradual. Quando veio Jesus, pôde este anunciar um Deus clemente, falar de seu reino que não é deste mundo, dizendo aos homens: “Amai-vos uns aos outros e fazei o bem aos que vos odeiam”, ao passo que os antigos diziam: “Olho por olho, dente por dente”.

Ora, quais eram os homens que viviam no tempo de Jesus? Eram almas criadas e encarnadas recentemente? Se assim fosse, Deus teria criado no tempo de Jesus almas mais avançadas do que no tempo de Moisés. Mas, então, o que teria acontecido com estas últimas? Deveriam definhir eternamente no embrutecimento? O bom senso rejeita tal suposição. Não, elas eram as mesmas almas que, após terem vivido sob o império da lei mosaica, haviam adquirido ao longo de várias existências um desenvolvimento suficiente para compreenderem uma doutrina mais elevada, encontrando-se avançadas o suficiente hoje para receber um ensinamento ainda mais completo.

Ainda assim, o Cristo não lhes podia revelar todos os mistérios do futuro, tendo ele mesmo dito: “Eu ainda teria muitas coisas para vos dizer, mas vós não as compreenderíeis, eis por que vos falo em parábolas”. Principalmente

76. Em *A Gênese*, Kardec define: “A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a de suas religiões (...) A religião era, nesse tempo, um freio poderoso para governar. (...) Para dar mais força à religião, era necessário apresentá-la como absoluta, infalível e imutável, sem os quais ela teria perdido a ascendência sobre esses seres quase primitivos, apenas iniciados para a racionalidade. Ela não poderia ser discutida, assim como as ordens de um soberano. Disso resultou o princípio da fé cega e da obediência passiva, que tinha, na origem, sua razão de ser e sua utilidade”. O Espiritismo surge no momento de libertação voluntária da submissão pela fé racional, que criará a fraternidade entre todos. (N. do E.)

no que concerne à moral, ou seja, aos deveres do homem para com o homem, ele foi muito explícito, pois, tocando na corda sensível da vida material, ele sabia fazer-se compreender. Sobre as outras questões, limitou-se a semear, de forma alegórica, as sementes do que deveria florescer mais tarde.

A doutrina das penas e das recompensas futuras pertence a esta última ordem de ideias. Sobretudo com relação às penas, ele não podia romper de repente com as ideias já recebidas. Vinha mostrar novos deveres aos homens: a caridade e o amor ao próximo, em substituição ao espírito de ódio e de vingança, a abnegação no lugar do egoísmo, o que já era muito. Ele não podia racionalmente enfraquecer o temor do castigo reservado aos prevaricadores sem enfraquecer ao mesmo tempo a ideia do dever. Ele prometia o reino dos Céus aos bons; esse reino era, pois, vedado aos maus, mas para onde iriam estes últimos? Seria necessário um contraponto adequado para impressionar aquelas inteligências ainda demasiado materiais para conseguir se identificar com a vida espiritual. Pois não convém esquecer que Jesus se dirigia ao povo, à parte menos esclarecida da sociedade, para a qual era necessário o uso de imagens mais concretas, e não ideias sutis. Eis por que Jesus não entrou, a esse respeito, em detalhes supérfluos; bastava-lhe opor uma punição à recompensa. Àquela época, não era necessário mais do que isso.

Se Jesus ameaçou os culpados com o fogo eterno, também os ameaçou de serem atirados na *Geena*. Ora, o que era a *Geena*? Era um lugar nos arredores de Jerusalém, um aterro onde eram lançados os detritos da cidade. Seria necessário também levar tais palavras ao pé da letra? Tratava-se de uma dessas figuras enérgicas com a ajuda das quais ele impressionava as massas. O mesmo se dá com o fogo eterno. Se não fosse esse o seu pensamento, Jesus estaria em contradição consigo mesmo ao louvar a clemência e a misericórdia de Deus, porquanto a clemência e a inflexibilidade são opostos que se anulam. Seria, portanto, um engano espantoso com relação ao sentido das palavras de Jesus se nelas enxergássemos a sanção do dogma das penas eternas, quando todo o seu ensinamento proclama a mansidão do Criador.

Na *Oração Dominical*, Jesus nos ensina a dizer: “Senhor, perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos àqueles que nos ofenderam”. Se o culpado não esperasse algum perdão, seria inútil pedi-lo. Mas seria esse perdão sem condições? Seria uma graça, uma remissão pura e simples da pena em que se incorre? Não. O alcance desse perdão subordina-se à maneira que se

haja perdoado, ou seja, se nós não perdoamos, não seremos perdoados. Deus, fazendo do esquecimento das ofensas uma condição absoluta, não podia exigir do homem fraco aquilo que Ele, onipotente, não faria. A *Oração Dominical* é um protesto diário contra a eterna vingança de Deus.

Para homens que não possuíam senão uma noção confusa da espiritualidade da alma, a ideia do fogo material não tinha nada de surpreendente, sobretudo porque ela fazia parte da crença vulgar oriunda da ideia do Inferno dos pagãos, quase universalmente disseminada. A eternidade das penas não tinha tampouco nada que espantasse pessoas submetidas por séculos à legislação do terrível Jeová. No pensamento de Jesus, o fogo eterno só podia, dessa forma, representar uma alegoria. Pouco lhe importava se essa alegoria fosse tomada ao pé da letra, se pudesse servir de freio. Ele sabia muito bem que o tempo e o progresso encarregar-se-iam de fazer compreender o seu sentido figurado, principalmente porque, segundo sua predição, *o Espírito da Verdade* viria esclarecer os homens sobre todas as coisas⁷⁷.

A característica essencial das penas irrevogáveis é a *inutilidade do arrependimento*. Ora, Jesus jamais disse que o arrependimento não encontraria a graça diante de Deus. Ao contrário, em todas as ocasiões Jesus mostra Deus clemente, misericordioso, pronto a receber o filho pródigo de volta ao teto paterno. Ele só o mostra inflexível para o pecador irredutível. Se Deus tem o castigo numa das mãos, tem sempre na outra, no entanto, o perdão pronto a se estender sobre o culpado, desde que este se volte sinceramente para Ele. Tal não é, certamente, a descrição de um Deus impiedoso. Convém observar também que Jesus jamais pronunciou uma condenação irremissível contra ninguém, mesmo contra os maiores criminosos.

Todas as religiões primitivas, de acordo com a índole dos povos, tiveram deuses guerreiros que combatiam à frente dos exércitos. O Jeová dos hebreus

77. A doutrina de Jesus, como anteriormente a de Sócrates e Platão, é a da autonomia intelecto-moral, superando a heteronomia (submissão à vontade alheia) das religiões ancestrais. Mas a mudança de paradigma pela humanidade é gradual e depende de condições progressivas de maturidade do entendimento para se completar. O Espiritismo, surgindo quando do advento da ciência moderna, faz uso do método científico para demonstrar a teoria moral autônoma enquanto lei universal. Ele cumpre, assim, a previsão feita por Jesus da vinda do paraclito ou Espírito da Verdade. (N. do E.)

fornecia-lhes mil maneiras de exterminar seus inimigos, recompensando-os pela vitória ou punindo-os pela derrota. Conforme a ideia que se fazia de Deus, acreditava-se honrá-Lo ou pacificá-Lo com o sangue dos animais ou dos homens; daí os sacrifícios de sangue que tiveram um papel tão importante em todas as religiões antigas. Os judeus haviam abolido os sacrifícios humanos; os cristãos, apesar dos ensinamentos do Cristo, por muito tempo acreditaram honrar o Criador entregando às chamas e às torturas milhares daqueles a quem denominavam hereges, o que representava, sob outra forma, verdadeiros sacrifícios humanos, uma vez que os promoviam para *a maior glória de Deus*, e com o acompanhamento de cerimônias religiosas. Mesmo hoje ainda invocam o *Deus dos exércitos* antes do combate, glorificando-O após a vitória, e frequentemente pelas causas mais injustas e anticristãs.

Como o homem é lento em se desfazer de seus preconceitos, de seus hábitos e de suas ideias primitivas! Quarenta séculos nos separam de Moisés, e nossa geração cristã ainda carrega consigo traços de antigos usos bárbaros, consagrados, ou ao menos aprovados, pela religião atual! Foi preciso o poder da opinião dos *não ortodoxos*, dos que são olhados como heréticos, para dar fim às fogueiras e fazer compreender a verdadeira grandeza de Deus. Mas, na falta das fogueiras, as perseguições materiais e morais estão ainda em pleno vigor, tão arraigada está no homem a ideia de um Deus cruel. Alimentado por sentimentos que lhe foram incutidos incessantemente desde a infância, pode o homem estranhar que o Deus que lhe é apresentado, honrado por atos bárbaros, condene a torturas eternas, e veja, sem piedade, os sofrimentos dos condenados?

Sim, são filósofos, ímpios como alegam alguns, que se scandalizaram ao ver o nome de Deus profanado por atos que não Lhe eram dignos. Foram eles que O mostraram aos homens em toda a sua grandeza, despojando-O das paixões e das baixezas humanas que as crenças atrasadas Lhe atribuíam. A religião aí ganhou em dignidade o que perdeu em prestígio exterior, uma vez que, se há menos homens agarrados à forma, há em maior número os que são mais sinceramente religiosos pelo coração e pelos sentimentos.

Mas, ao lado destes últimos, quantos existem que, detendo-se na superfície, foram levados à negação de toda a Providência! Por não saberem conciliar apropriadamente as crenças religiosas e o progresso da razão humana, surgiu entre uns o deísmo, entre outros a incredulidade absoluta, e entre outros, en-

fim, o panteísmo, em outras palavras, fez-se o homem a si mesmo Deus, por não conseguir enxergar um que fosse suficientemente perfeito⁷⁸.

II

Voltemos ao dogma das penas eternas. O principal argumento que se invoca a seu favor é o seguinte:

Admite-se, entre os homens, que a gravidade de uma ofensa é proporcional à qualidade do ofendido. A ofensa cometida contra um soberano, sendo considerada mais grave do que aquela contra um simples súdito, é punida mais severamente. Ora, Deus é mais que um soberano; por ser infinito, a ofensa contra Ele é, portanto, infinita, exigindo assim um castigo infinito, em outras palavras, eterno.

Toda refutação é um raciocínio que deve ter seu ponto de partida, uma base sobre a qual se apoie, uma premissa, enfim. Tomamos essa premissa nos próprios atributos de Deus:

*Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições.*⁷⁹

78. No início do século 19, surgiu o pensamento materialista (incredulidade), atribuindo ao sentido da vida somente o que fosse desejado, útil e necessário, impondo as leis humanas pelos castigos e recompensas sociais. Desse modo, repetia a heteronomia das religiões do mundo velho (fanatismo). A reação espiritualista (fé racional), representada na França pela psicologia espiritualista e depois pelas ciências filosóficas do espiritualismo racional, abriram caminho para o conhecimento da lei universal pelo Espiritismo, ao esclarecer a religiosidade natural, a perfectibilidade da alma e a providência divina. (N. do E.)

79. Para os leitores contemporâneos de Allan Kardec, o uso da razão para analisar as questões psicológicas e metafísicas estavam presentes no espiritualismo racional (presente desde 1830 nas universidades e no sistema oficial do ensino francês). As disciplinas das ciências filosóficas dividiam-se entre psicológicas e metafísicas. A Metafísica especial era dividida em três partes: Psicologia Racional (relações entre a alma e o corpo), Cosmologia Racional (natureza da matéria e da vida), e Teodiceia (estudo racional de Deus): “Deus, pois, que do nada cria cada coisa, porque é o

É impossível conceber Deus de outro modo senão com o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, uma vez que seria possível imaginar um ser possuidor daquilo que a Ele faltasse. Para que Ele seja o único acima de todos os seres, é preciso que nenhum ser possa ultrapassá-Lo nem O igualar em coisa alguma. Portanto, é necessário que seja Ele infinito em tudo.

Os atributos de Deus, sendo infinitos, não estão sujeitos a aumento ou diminuição, sem o que não seriam infinitos e Deus não seria perfeito, tampouco. Se fosse subtraída a menor fração de um só de seus atributos, não mais haveria Deus, porquanto poderia existir um ser mais perfeito.

O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade da existência de uma qualidade contrária que a diminuiria ou a anularia. Um ser *infinitamente bom* não pode ter a menor parcela de maldade, nem o ser *infinitamente mau* a menor parcela de bondade, da mesma forma que um objeto não pode ser de um preto absoluto com a mais leve nuance de branco, nem de um branco absoluto com a menor marca de preto.

Estabelecido esse ponto de partida, a esses argumentos oporemos os argumentos a seguir:

1º) Somente um ser infinito pode fazer algo infinito. O homem, sendo limitado em suas virtudes, conhecimentos, poder e aptidões em sua existência terrestre, pode produzir apenas coisas limitadas.

2º) Se o homem pudesse ser infinito no mal que faz, seria infinito também no que faz de bem, e seria, portanto, igual a Deus. Mas se o homem fosse infinito no bem, não praticaria nenhum mal, porque o bem absoluto é a exclusão de todo o mal.

3º) Admitindo que uma ofensa temporária contra a Divindade possa ser infinita, Deus, vingando-se através de um castigo infinito, seria infinitamente vingativo. Se é infinitamente vingativo, não pode ser infinitamente bom e misericordioso, porque um desses atributos é a negação do

próprio ser, e por consequência a causa primária, única e eficiente de todas as cousas” (JANET, Paul. *Tratado elementar de Filosofia*). Kardec segue a disposição de temas pertencentes à filosofia do espiritualismo racional, apresentando a existência de Deus, sua natureza e atributos como nos manuais de tal Ciência. Mas avança, por meio do conceito da evolução do espírito pelo próprio esforço, nas reencarnações, desde simples e ignorante. (N. do E.)

outro. Se Ele não é infinitamente bom, não é perfeito, e se não é perfeito, não é Deus.

4º) Se Deus é implacável com o culpado arrependido, não é misericordioso. Se não é misericordioso, não é infinitamente bom.

5º) Por que Deus estipularia para o homem a lei do perdão se Ele próprio não devesse perdoar? Daí resultaria que o homem que perdoa aos seus inimigos, retribuindo-lhes o mal com o bem, seria melhor do que Deus, que, surdo ao arrependimento daquele que O ofendeu, recusa-lhe, por *toda a eternidade*, o mais escasso alívio!

6º) Deus, que está por toda parte e tudo vê, pode também ver as torturas dos condenados. Se se mantém, por toda a eternidade, insensível aos gemidos destes últimos, Ele é eternamente impiedoso. Sem piedade, não é infinitamente bom.

7º) A esse último argumento responde-se que o pecador que se arrepende antes de morrer recebe a misericórdia divina, de forma que o maior culpado pode encontrar benevolência diante de Deus.

Isso não é posto em dúvida, e concebe-se que Deus só perdoe o arrependido, mantendo-se inflexível com os irreduzíveis. Mas, se Ele é todo misericordioso para com a alma que se arrepende antes de haver deixado seu corpo, por que deixaria de sê-lo com aquele que se arrepende após a morte? Por que o arrependimento só teria eficácia durante a vida, que é apenas um instante, e não durante a eternidade, que é infinita? Se a bondade e a misericórdia de Deus estão circunscritas *a um tempo limitado*, não são infinitas, e Deus não seria infinitamente bom.

8º) Deus é soberanamente justo. A soberana justiça não é a justiça mais implacável, nem aquela que deixa toda as faltas impunes, mas aquela que leva em conta, com todo o rigor, o bem e o mal, recompensando um e punindo o outro na dose mais equitativa, e não se enganando jamais.

Se, por conta de uma falta momentânea, que é sempre o resultado da natureza imperfeita do homem e muitas vezes do meio em que ele se encontra, a alma pode ser punida eternamente, sem esperança de alívio das penas ou de perdão, não há nenhuma proporcionalidade entre a falta e a punição, não havendo justiça, portanto.

Reconciliar-se o culpado com Deus – arrependendo-se e pedindo para reparar o mal que fez – constitui um retorno ao bem, aos bons sentimentos.

Se o castigo é irrevogável, esse retorno ao bem de nada valerá; se o bem não for levado em conta, não haverá justiça. Entre os homens, o condenado que se corrige vê sua pena atenuada e por vezes até mesmo perdoada; haveria assim, na justiça humana, mais equidade que na justiça divina!

Se a condenação é irrevogável, o arrependimento é inútil – o culpado, não tendo nada a esperar do seu retorno ao bem, persistirá no mal, de tal forma que Deus não somente o condena a sofrer perpetuamente, condena-o ainda a permanecer no mal por toda a eternidade. Isso não constituiria nem justiça nem bondade.

9^o) Sendo infinito em todas as coisas, Deus deve tudo conhecer, o passado e o futuro; deve saber, no momento da criação de uma alma, se ela fracassará muito gravemente a ponto de ser condenada por toda a eternidade. Se não o sabe, seu saber não é infinito, e então não é Deus. Se o sabe, terá criado voluntariamente um ser destinado, desde a sua formação, a torturas sem fim, e então Ele não é bom.

Se Deus, tocado pelo arrependimento de um condenado, pode sobre este estender a sua misericórdia, retirando-o do Inferno, não existirão penas eternas, e o julgamento emitido pelos homens estará revogado.

10^o) Portanto, a doutrina das penas eternas absolutas conduz forçosamente à negação ou ao enfraquecimento de alguns atributos de Deus. Ela é, assim, incompatível com a perfeição infinita, donde se conclui que, se Deus é perfeito, a condenação eterna não existe, ou, se ela existe, Deus não é perfeito.

Invoca-se ainda, a favor do dogma da eternidade das penas, o seguinte argumento: “A recompensa concedida aos bons, sendo eterna, deve ter como contrapartida uma punição eterna. É justo que se equipare a punição à recompensa”.

Ora, Deus criou a alma com o objetivo de fazê-la feliz ou infeliz? Evidentemente, a felicidade da criatura deve ser a finalidade da sua criação, se assim não fosse, Deus não seria bom. A alma alcança a felicidade por seu próprio mérito, cujo resultado, uma vez adquirido, ela não pode perder. A perenidade da felicidade é, portanto, a consequência da sua imortalidade.

Mas, antes de chegar à perfeição, a alma tem que sustentar lutas e a travar combates com as más paixões. Não a tendo Deus criado perfeita, mas suscetível de o ser, para que a alma tenha o mérito de suas obras, ela pode cair em faltas, consequência de sua fraqueza natural. Se, por conta de uma queda, ela devesse ser punida eternamente, poder-se-ia perguntar por que Deus não a

criou mais preparada⁸⁰. A punição que sofre é uma advertência sobre o mal praticado, que deve ter como resultado a sua recondução ao bom caminho. Se a pena fosse irremissível, seria supérflua qualquer intenção de melhor proceder e o desígnio providencial da criação não poderia ser alcançado, porquanto haveria seres predestinados à felicidade e outros à desdita. Se uma alma culpada se arrepende, ela pode endireitar-se; podendo fazê-lo, ela pode aspirar à felicidade. Seria Deus justo se lhe recusasse os meios para tal?⁸¹

Sendo o bem o objetivo final da Criação, a felicidade, que é seu prêmio, deve ser eterna. O castigo, que é um meio de alcançá-la, deve ser temporário. Mesmo entre os homens, a noção mais elementar de justiça, preconiza que não se pode castigar perpetuamente aquele que tem o desejo e a vontade de fazer o bem.

III

Um último argumento a favor das penas eternas é este: “O temor das penas eternas é um freio: se desaparecesse, o homem, nada mais temendo, entregar-se-ia a todos os excessos”.

80. A teoria espírita supera o dogma da queda da alma (pecado, carma), criado a partir da falsa ideia de que Deus teria criado os espíritos perfeitos em moral e sabedoria. E ressignifica racionalmente o termo castigo e pena, enquanto consequência natural da falta. Baseada em leis deduzidas pelos fatos, esclarece: “Não há queda senão na passagem de um estado relativamente bom a um estado pior; ora, o Espírito criado simples e ignorante está, em sua origem, num estado de nulidade moral e intelectual, como a criança que acaba de nascer; se não fez o mal, não fez, não mais, o bem; não é nem feliz nem infeliz; age sem consciência e sem responsabilidade; uma vez que nada tem, nada pode perder, e não pode, não mais, retrogradar; sua responsabilidade não começa senão do momento em que se desenvolve nele o livre-arbítrio; seu estado primitivo não é, pois, um estado de inocência inteligente e racional; por consequência, o mal que faz mais tarde infringindo as leis de Deus, abusando das faculdades que lhes foram dadas, não é um retorno do bem ao mal, mas a consequência do mau caminho em que se empenhou” (*Revista Espírita*, junho de 1863, artigo “Do princípio da não-retrogradação dos espíritos”). (N. do E.)

81. Essa explicação corresponde ao item 13º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “(...) para o espírito mau (...) sendo o artífice de sua própria infelicidade, termina por compreender que dele depende fazê-la cessar e que quanto mais tempo persistir no mal, por mais tempo ele será infeliz”. (N. do E.)

Esse raciocínio procederia se as penas temporárias implicassem a inexistência de qualquer sanção corretiva. O estado feliz ou infeliz na vida futura é uma rigorosa consequência da justiça de Deus, porquanto uma eventual igualdade de condições do homem bom e do mau constituiria a negação dessa justiça. Mas o castigo não é menos penoso por não ser eterno, e será tanto mais temível quanto maior for a certeza dele, assim como será tanto mais crível quanto mais racional for. Uma pena em que não se crê está longe de constituir um freio, figurando a doutrina das penas eternas nesse grupo.

A crença nas penas eternas, como já o dissemos, teve a sua utilidade e a sua razão de ser numa determinada época. Atualmente não somente não mais impressiona, como até produz incrédulos. Antes de colocá-la como uma necessidade, seria mister demonstrar a sua realidade. Seria preciso, principalmente, que se constatasse a sua eficácia sobre aqueles que a preconizam e se esforçam por prová-la. Infelizmente, entre esses, muitos demonstram, através de seus atos, não a temer minimamente. Se essa pena é impotente para reprimir o mal entre aqueles que dizem nela crer, que influência poderá exercer sobre os que nela não acreditam? Em contrapartida, todos admitirão como justa uma pena cuja duração seja proporcional à gravidade da falta e à obstinação com que se persista no mal⁸², mas deixando sempre aberta a porta para o arrependimento.

IV

Até este ponto não se tem combatido o dogma das penas eternas senão com o raciocínio. Vamos agora mostrá-lo em contradição com questões objetivas que temos diante dos olhos, provando a sua impossibilidade.

82. Essa explicação corresponde ao item 5 do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, no trecho que afirma: “A punição varia segundo a natureza e a gravidade da falta (...)”. A punição da falta (ocorrida em virtude da imperfeição) é a condição de sofrimento moral ou infelicidade. Assim, por sua natureza, essa sensação de infelicidade do espírito é gradual, variando de intensidade proporcionalmente ao grau de consciência, alcance, revolta, negação e outras condições agravantes e atenuantes. Tudo muda quando o espírito se arrepende por sua livre vontade e retorna ao bem, pois toda pena é temporária. (N. do E.)

De acordo com esse dogma, o destino da alma está irrevogavelmente fixado após a morte. É, portanto, um obstáculo intransponível que se opõe ao progresso. Ora, a alma progride ou não? Eis aí toda a questão. Se progride, a eternidade das penas é impossível.

Poderíamos duvidar desse progresso quando constatamos a imensa variedade de aptidões morais e intelectuais que existem sobre a Terra, do selvagem ao homem civilizado, ou quando constatamos a diferença que um mesmo povo apresenta de um século para o outro? Se admitirmos que não são mais as mesmas almas, será preciso então concluir que Deus as criou nos diversos graus de adiantamento, segundo as épocas e os lugares, favorecendo algumas almas e condenando outras a uma inferioridade perpétua, o que seria incompatível com a justiça, que deve ser a mesma para todas as criaturas.

É incontestável que a alma intelectual e moralmente incipiente, qual seja, a dos povos bárbaros, não pode ter os mesmos elementos de felicidade, a mesma aptidão para fruir dos esplendores do infinito como a alma em que todas as faculdades estão amplamente desenvolvidas. Portanto, se essas almas não progredirem, elas só podem, mesmo nas condições mais favoráveis, desfrutar perpetuamente de uma felicidade, por assim dizer, incompleta. Chegamos forçosamente, portanto, para estarmos de acordo com a justiça mais rigorosa, à conclusão de que as almas mais avançadas são as mesmas que eram atrasadas e depois progrediram. Contudo, aqui encontramos a importante questão da *pluralidade das existências*, único meio racional de resolver a dificuldade. Mas deixemos por ora essa questão, e consideremos que a alma tenha uma só existência.

Imaginemos um jovem de vinte anos como tantos que há, ignorante, de índole viciosa, a negar sua alma e Deus, a entregar-se à desordem e a praticar toda espécie de malvadez. Eis, no entanto, que ele se encontra num meio favorável: trabalha, instrui-se, corrige-se pouco a pouco e acaba por tornar-se um homem de bem. Não será esse um exemplo factível do progresso de uma alma durante a vida, e não se veem diariamente casos semelhantes? Por fim, numa idade avançada, esse homem morre santificadamente, tendo sua salvação naturalmente assegurada. Mas qual teria sido seu destino se, devido a um acidente, houvesse ele morrido quarenta ou cinquenta anos mais cedo? Estaria numa condição que resultaria em sua assegurada condenação. Ora, uma vez condenado, encerrar-se-ia qualquer possibilidade de progresso. Eis, pois, um homem salvo porque viveu muito tempo, e que, de acordo com a

doutrina das penas eternas, estaria condenado para sempre caso houvesse vivido menos. Ora, dado que sua alma pôde progredir num determinado espaço de tempo, por que não poderia progredir no mesmo intervalo após a morte se uma causa independente da sua vontade o tivesse impedido de fazê-lo em vida? Por que lhe negaria Deus os meios para tal? O arrependimento, ainda que tardio, não deixou de ocorrer. Mas, se lhe tivesse sido imposta uma condenação inapelável a partir do instante de sua morte, qualquer arrependimento ser-lhe-ia inútil por toda a eternidade, e sua possibilidade de progredir seria anulada para sempre.

O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, incompatível com o progresso da alma, porque lhe opõe um obstáculo intransponível. Esses dois princípios anulam-se, obrigatoriamente, um ao outro: se um é válido, o outro não o pode ser. Qual dos dois é verdadeiro? A lei do progresso é patente, não é uma teoria, é um fato constatado pela experiência, uma lei da natureza, lei divina e imprescritível⁸³. Portanto, se ela existe e não se pode compatibilizar com a outra, é porque a outra é falsa. Se o dogma da eternidade das penas fosse uma verdade, Santo Agostinho, São Paulo e muitos outros jamais teriam chegado a ver o Céu, caso tivessem morrido antes do progresso que lhes trouxe a conversão.

A essa última asserção respondem alguns que a conversão desses homens santos não foi um resultado do progresso de suas almas, mas da graça que lhes foi concedida e pela qual foram tocados.

Isso, porém, não passa de um jogo de palavras. Se praticaram o mal, e fizeram mais tarde o bem, é porque se tornaram melhores, progredindo, portanto. Ter-lhes-ia Deus, então, concedido, como um favor especial, a graça de se cor-

83. Desde a tradição da Antiguidade, predominava o fixismo, como a crença na posição fixa da Terra no centro do Universo, e nas essências imutáveis dos seres vivos. Desde meados do século 18, começa a surgir o pensamento evolucionista para explicar a origem e as transformações do mundo natural. No século 19, o progresso foi reconhecido como lei natural pela ciência, enquanto as seitas religiosas não acompanharam esse conhecimento, prendendo-se às ideias superadas do velho mundo. O Espiritismo amplia o alcance da lei do progresso para as questões psicológicas e metafísicas, definindo a evolução do princípio inteligente como fundamento da diversidade presente no Universo, combinado com a unidade representada por Deus e as leis naturais que regem tanto o mundo corporal quanto espiritual. (N. do E.)

rigirem? Por que a eles e não aos outros? Seria ainda a doutrina dos privilégios, incompatível com a justiça de Deus e com o seu igual amor por todas as criaturas.

Segundo a Doutrina Espírita, em consonância com as próprias palavras do Evangelho, com a lógica e com a mais rigorosa justiça, o homem é o filho das suas obras, durante esta vida assim como após a morte, nada devendo à ajuda de ninguém: Deus o recompensa por seus esforços, e o pune por sua negligência, por tanto tempo quanto nela persistir.

V

A crença na eternidade das penas materiais manteve-se como um salutar temor até que os homens pudessem compreender o poder moral. Assim é com as crianças, que se conseguem disciplinar por um tempo mediante a invocação de certos seres quiméricos com que as amedrontamos. Chega, porém, um momento em que a razão da criança ultrapassa os limites das histórias usadas para refreá-la, e seria absurdo imaginar governá-la ainda pelo mesmo método. Se aqueles que a guiam insistissem em afirmar que tais fábulas são verdades a serem tomadas ao pé da letra, dela perderiam a confiança.

Assim é hoje com a humanidade, que saiu da infância e abandonou as fraldas. O homem não é mais o instrumento passivo que cedia sob a injunção material, tampouco o ser crédulo que tudo aceitava de olhos fechados⁸⁴.

Eis por que, tendo o seu espírito atingido um certo grau de desenvolvimento, rejeita a crença nas penas eternas por ser esta incompatível com a ideia mais sublime que faz da Divindade e também com a noção mais exata que tem sobre o que é justo ou injusto. Todos os argumentos do mundo não se poderiam sobrepor à evidência, e persistir em tal abordagem seria um erro nesse caso, porquanto levaria ao comprometimento da própria autoridade.

A crença é um ato de compreensão, por isso ela não pode ser imposta. Se,

84. Educar não se dá por transferência de informação (heteronomia), mas criando condições para que o próprio indivíduo produza e compreenda o conhecimento livremente (autonomia), superando, assim, a obediência passiva e a fé cega do velho mundo. Assim o Espiritismo colabora para que a humanidade saia da ilusão para a realidade de um mundo novo. (N. do E.)

durante um certo período da humanidade, o dogma das penas eternas foi inofensivo e até mesmo salutar, a partir de um dado momento tornou-se temerário. De fato, se imposto como verdade absoluta, quando já o repele a razão, resultará logicamente uma de duas coisas: ou o homem que deseja crer adota uma crença mais racional, apartando-se dos que ainda se mantêm no dogma, ou então não mais crê em absolutamente nada. A quem quer que tenha estudado a questão com tranquilidade, fica evidente que, nos dias de hoje, o dogma das penas eternas tem produzido mais materialistas e ateus do que todos os filósofos.

As ideias seguem um curso evolutivo incessante, e somente seguindo este último é que se logra governar os homens. Querer estancá-lo ou fazê-lo retroceder, ou ainda simplesmente estacionar enquanto ele avança, equivale a perder-se. Seguir ou não tal movimento é uma questão de vida ou morte, tanto para as religiões como para os governos. Será isso um bem ou um mal? Certamente é um mal aos olhos daqueles que, ao viver no passado, veem-no desaparecer; para aqueles que vislumbram o futuro, no entanto, representa a lei do progresso, uma das leis de Deus, contra as quais toda resistência é inútil. Voltar-se contra a vontade de Deus é promover a ruína de si mesmo.

Por que, então, querer manter a todo custo uma crença que cai em desuso e que faz, afinal, mais mal do que bem à religião? É triste dizê-lo, mas uma questão material sobrepõe-se à questão religiosa neste ponto. Essa crença foi amplamente explorada com a ajuda da ideia de que com dinheiro podem ser abertas as portas do Céu, evitando-se assim o Inferno. A renda que tal ideia gerou e gera ainda é incalculável: é o imposto pago antecipadamente sobre o temor da eternidade. Sendo facultativo, o rendimento de tal imposto é proporcional à crença – se inexistente a crença, o rendimento é nulo. A criança cede de boa vontade o seu doce àquele que lhe promete espantar o lobisomem; se a criança, porém, não mais acredita em lobisomens, ela guarda o doce para si.

A nova revelação, ao proporcionar ideias mais criteriosas acerca da vida futura e ao provar que podemos alcançar a salvação pelas próprias obras, deve encontrar uma oposição ainda mais acirrada por fazer secar uma importante fonte de receita. Assim é toda vez que uma descoberta ou invenção vem promover uma mudança nos hábitos⁸⁵. Aqueles que vivem dos antigos e onerosos

85. “O Espiritismo não criou a renovação social, pois a maturidade da humanidade faz dessa renovação uma necessidade (...) Há, entretanto, os que são essencialmente

esquemas os defendem, desabonando os métodos novos, mais econômicos. Pode-se crer, por exemplo, que a imprensa, malgrado os benefícios que traria à humanidade, tenha sido aclamada pela classe numerosa dos copistas? Não, estes certamente a detestavam. Assim também deve ter sido com as máquinas, as estradas de ferro e inúmeras outras coisas.

Aos olhos dos incrédulos, o dogma das penas eternas é uma questão inútil da qual se riem. Aos olhos do filósofo, esse dogma possui uma relevância social pelos abusos que enseja. O homem verdadeiramente religioso percebe que interessa à dignidade da religião que se extingam tais abusos assim como suas causas.

refratários a essas ideias, mesmo entre os mais inteligentes, e que certamente não as aceitarão (...) em alguns casos, de boa-fé, por convicção; outros por interesse. (...) São inteligentes o suficiente para ver no Espiritismo um auxiliar das ideias progressistas e dos elementos da transformação que temem (...) “Quanto mais uma ideia é grandiosa, mais encontra adversários, e pode-se medir sua importância pela violência dos ataques dos quais seja objeto” (*A Gênese*, cap. XVIII, itens 23-24). (N. do E.)

CAPÍTULO VIII⁸⁶

As penas futuras segundo o Espiritismo

Estando a sorte das almas nas mãos de Deus, ninguém pode neste mundo, por sua própria autoridade, decretar o código penal divino. Qualquer teoria não é mais que uma hipótese que só tem o valor de uma opinião pessoal e, por isso mesmo, pode ser mais ou menos engenhosa, racional, bizarra ou ridícula. Somente a sanção dos fatos pode conferir-lhe autoridade, fazendo-a passar à condição de princípio⁸⁷.

Na ausência de fatos apropriados para definir sua concepção acerca da vida futura, os homens deram curso à sua imaginação e criaram essa diversidade de sistemas de que compartilharam, e compartilham ainda, as crenças. Se alguns homens de elite, em diversas épocas, entreviram um lado da verdade, a massa ignorante permaneceu sob o império dos preconceitos que geralmente lhe eram impostos⁸⁸. A doutrina das penas eternas está nesse número. Essa

86. Este Capítulo VIII da edição original foi renumerado na edição adulterada como Capítulo VII, sendo o mais importante da obra, por conter o resumo de todas as conclusões a que chegou Allan Kardec acerca das leis da justiça divina. (N. do E.)

87. Allan Kardec define os pressupostos da ciência espírita. Toda teoria, seja proposta por um homem ou um espírito, é uma opinião pessoal. As hipóteses vão do engenhoso ao ridículo. Por isso, o Espiritismo se fundamenta na observação dos fatos, em milhares de depoimentos, para extrair deles os princípios gerais, confirmando o ensinamento dos bons espíritos. É a universalidade do ensino dos espíritos. (N. do E.)

88. Alguns pensadores, desde o surgimento das ciências, entreviram a verdade, misturada a falsas ideias, em seus sistemas. Entretanto, as massas foram mantidas sob

doutrina teve sua época; hoje ela é repelida pela razão. Que colocar em seu lugar? Um sistema substituído por outro sistema, ainda que mais racional, sempre terá apenas maior probabilidade, mas não a certeza. É por isso que o homem, chegado a este período intelectual que lhe permite refletir e comparar, não encontrando nada que satisfaça completamente sua razão e responda às suas aspirações, vacila indeciso. Uns, apavorados pela responsabilidade do futuro e querendo gozar o presente sem constrangimento, procuram enganar-se e proclamam o nada após a morte, crendo assim manter a consciência tranquila; outros estão na perplexidade da dúvida; o maior número crê em algo, mas não sabe exatamente no que crê.

Um dos resultados do desenvolvimento das ideias e dos conhecimentos adquiridos é o método científico⁸⁹. O homem quer crer, mas quer saber por que crê. Ele não se deixa mais levar por palavras. Sua razão vigorosa quer algo mais substancial que teorias. Em uma palavra, ele necessita dos fatos.

Deus, então, julgando que a humanidade saiu da infância, e que o homem está hoje maduro para compreender verdades de uma ordem mais elevada, permite que a vida espiritual lhe seja revelada por fatos que põem um termo às suas incertezas, fazendo cair os andaimes das hipóteses⁹⁰. É a realidade após a ilusão.

A Doutrina Espírita, no que se refere às penas futuras, não é mais fundada sobre uma teoria preconcebida do que suas outras partes. Em tudo ela se apoia sobre observações, sendo isso o que lhe dá autoridade. Ninguém então imaginou que as almas, após a morte, devessem se encontrar nesta ou naquela situação. São os próprios seres que deixaram a Terra que vêm hoje – com a permissão de Deus e porque a humanidade entra numa nova fase – nos iniciar nos mistérios da vida futura, descrever sua posição feliz ou infeliz, suas

os dogmas das religiões ancestrais, pela fé cega. Essa foi a situação quando do surgimento do Espiritismo. Veja mais sobre esse cenário cultural no artigo “Reação das ideias espiritualistas”, *Revista Espírita*, outubro de 1863. (N. do E.)

89. Pensamento científico, progressivo, baseado na observação dos fatos. (N. do E.)

90. Quando a humanidade estava preparada, as ciências romperam com a autoridade imposta pela fé cega e pelo fanatismo, conquistando o conhecimento progressivo baseado nos métodos. O mesmo ocorre com o mundo espiritual por meio do Espiritismo, que faz da mediunidade o instrumento de observação para colher depoimentos de milhares de espíritos. Como afirma Kardec, é uma nova fase, que apenas inicia, a da regeneração da humanidade. (N. do E.)

impressões e sua transformação na morte do corpo. Os espíritos vêm hoje, em suma, completar nesse ponto o ensino do Cristo.

Não se trata aqui da relação de apenas um espírito que poderia ver as coisas somente de seu ponto de vista, sob um único aspecto, ou ainda estar dominado pelos preconceitos terrestres, nem de uma revelação feita a um único indivíduo que poderia se deixar enganar pelas aparências, nem de uma visão extática que se presta às ilusões e é com frequência apenas o reflexo de uma imaginação exaltada,⁹¹ mas de inúmeros intermediários disseminados sobre todos os pontos do globo, de tal sorte que a revelação não é privilégio de ninguém, que cada um pode ao mesmo tempo ver e observar, e que ninguém é obrigado a crer pela fé de outrem.

As leis que daí decorrem são deduzidas apenas da concordância dessa imensidade de observações; esse é o caráter essencial e especial da Doutrina Espírita⁹². Jamais um princípio geral é retirado de um fato isolado ou da afirmação de um único espírito, ou do ensinamento dado a um único indivíduo, ou de uma opinião pessoal. Qual seria o homem que poderia crer-se suficientemente justo para medir a justiça de Deus?

Os numerosos exemplos citados nesta obra para estabelecer a sorte futura da alma poderiam ser multiplicados ao infinito, mas, como cada um pode observar outros análogos, seria suficiente de certa forma dar os tipos das diversas situações. Dessas observações podem-se deduzir as condições de felicidade ou infelicidade na vida futura; elas provam que a penalidade não falta a nenhuma prevaricação e que, conquanto não seja eterno, o castigo não é menos terrível segundo as circunstâncias.

O Espiritismo não vem, portanto, por sua autoridade privada, formular um código de fantasia; sua lei⁹³, no que se refere ao futuro da alma, deduzida de observações feitas sobre o fato, pode ser resumida nos pontos seguintes:

91. V. parte I, cap. VI, e *O Livro dos Espíritos*, questões 443-444. (N. do A.)

92. Os dogmas têm origem em opiniões imaginadas por homens ou recebidas por médiuns isolados. Sistemas estáticos e superados, mantidos segundo seus interesses. A ciência espírita caracteriza-se pelo método da universalidade do ensino dos espíritos superiores, caracterizado pela diversidade de origem de comunicações concordantes, que podem ser confirmadas em qualquer parte do mundo, em qualquer tempo, sendo esse o caráter essencial e próprio da doutrina espírita. (N. do E.)

93. Após a apresentação de um resumo da doutrina em 25 conceitos fundamentais, Kardec define-os como representação da lei da justiça divina. (N. do E.)

1º) A alma ou espírito sujeita-se, na vida espiritual, às consequências de todas as imperfeições das quais ela não se despojou durante a vida corporal. Seu estado feliz ou infeliz é inerente ao grau de sua depuração ou de suas imperfeições.

2º) Sendo todos os espíritos perfectíveis, em virtude da lei do progresso, trazem em si os elementos de sua felicidade ou de sua infelicidade futura e os meios de adquirir uma e de evitar a outra trabalhando em seu próprio adiantamento⁹⁴.

3º) A felicidade perfeita está ligada à perfeição, ou seja, à depuração completa do espírito. Toda imperfeição é uma causa de sofrimento, da mesma forma que toda qualidade adquirida é uma causa de satisfação e de atenuação dos sofrimentos; donde resulta que a soma da felicidade e da infelicidade está na razão da soma das qualidades boas ou más que possui o espírito.

4º) A punição é sempre a consequência natural da falta cometida⁹⁵. O espírito sofre pelo próprio mal que fez, de maneira que, *estando sua atenção concentrada incessantemente sobre as consequências desse mal*⁹⁶, compreende-lhe melhor os inconvenientes e é motivado a corrigir-se.

94. Neste item 2º, fundamental, somente presente na versão legítima de 1865, Kardec, antes de tudo, demonstra a mais completa responsabilidade moral do espírito, proporcional ao seu desenvolvimento intelectual. Submetido às leis naturais que regem a alma, sua felicidade ou infelicidade resulta unicamente de sua livre vontade, qualquer mudança depende de seu esforço e conscientização. Essa teoria moral autônoma é oposta às ideias de intervenção divina, castigos e recompensas impostos por uma deliberação da vontade divina, queda, pecado e carma, presentes na visão heterônoma das religiões ancestrais. (N. do E.)

95. Enquanto consequência natural, a punição, ressignificada na doutrina espírita, é o sofrimento moral do espírito, que é inerente à imperfeição. Só é responsável moralmente aquele que tem conhecimento de que seu ato infringe as leis morais presentes em sua consciência em virtude de sua inteligência, praticando assim o mal ou as faltas. Quando repetidos, transformam-se em hábitos adquiridos ou imperfeições, condição de total responsabilidade do espírito que escolheu esse caminho em virtude do livre-arbítrio, e deve dele sair, retornando ao bem pelo arrependimento, expiação e reparação. (N. do E.)

96. A consequência do mal convertido em hábito adquirido está na sua inerência ao sofrimento moral, de modo que, enquanto permanecer o hábito, o sofrimento será contínuo e o espírito imperfeito terá sua “atenção concentrada incessantemente” como estímulo para que se arrependa e o supere. (N. do E.)

5º) A punição varia segundo a natureza e a gravidade da falta; a mesma falta pode, assim, dar lugar a punições diferentes, segundo as circunstâncias atenuantes ou agravantes nas quais ela foi cometida.

6º) Não há, em relação à natureza, a intensidade e a duração do castigo, nenhuma regra absoluta e uniforme; a única lei geral é que toda falta recebe sua punição e toda boa ação, sua recompensa segundo o seu valor⁹⁷.

7º) Sendo a justiça de Deus infinita, é mantida uma conta rigorosa do bem e do mal; se não há uma única má ação, um único mau pensamento que não tenha suas consequências fatais, não há uma única boa ação, nem um único bom movimento da alma – em suma, o mais singelo mérito – que seja perdido, *mesmo nos mais perversos, porque é um começo de progresso*⁹⁸.

8º) A duração do castigo está subordinada ao aperfeiçoamento do espírito culpado. Nenhuma condenação por um tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige para pôr fim aos sofrimentos é *o arrependimento, a expiação e a reparação* – em resumo: um aperfeiçoamento sério, efetivo, assim como um retorno sincero ao bem⁹⁹.

O espírito é, assim, sempre o árbitro de seu próprio destino; ele pode prolongar seus sofrimentos por seu endurecimento no mal, aliviá-los ou abreviá-los por seus esforços para fazer o bem.

Uma condenação por um tempo determinado qualquer teria o duplo inconveniente de ou continuar a atingir o espírito que se houvesse aperfeiçoado,

97. Há uma semelhança entre as leis naturais do mundo material e do mundo moral. Dois corpos se atraem mutuamente, com força proporcional às suas massas. Quando o espírito consciente comete uma falta, terá um sofrimento moral inerente a ela, e quando realiza uma boa ação, sentirá felicidade proporcional e crescente, segundo a lei da justiça divina. (N. do E.)

98. O espírito perverso está sob a lei do progresso, e, mesmo nessa condição, quando faz uma boa ação, sente uma felicidade proporcional ao gesto. Essa sensação íntima do espírito é um estímulo para o arrependimento e retomada ao caminho do bem. (N. do E.)

99. Didaticamente, podemos interpretar expiação como o aperfeiçoamento sério e efetivo, e reparação, um retorno sincero ao bem. No item 23, Kardec define arrependimento como “fato da livre vontade do homem”. Ou seja, o espírito imperfeito primeiro conscientiza-se e escolhe superar sua condição, faz então a escolha das provas como expiação, objetivando seu aperfeiçoamento, retornando assim ao bem, conquistando a felicidade ao desenvolver as faculdades de sua alma. (N. do E.)

ou cessar quando ele ainda estivesse no mal. Deus, que é justo, pune o mal *enquanto este existe*; e encerra a punição *quando o mal não existe mais*.

Assim se acha confirmada esta expressão: *Eu não quero a morte do pecador, mas que ele viva e eu o acusarei ATÉ QUE ELE SE ARREPENDA*.¹⁰⁰

9^o) Estando a duração do castigo subordinada ao arrependimento¹⁰¹, resulta daí que o espírito culpado que não se arrependesse e jamais se aperfeiçoasse sofreria sempre, e que, para ele, a pena seria eterna. A eternidade das penas deve então ser entendida no sentido relativo e não no sentido absoluto¹⁰².

10^o) Uma condição inerente à inferioridade dos espíritos é de não ver o fim de sua situação e de acreditar que sofrerão sempre. É para eles um castigo que lhes parece ser eterno.¹⁰³

100. Se o ímpio faz penitência de todos os pecados que cometeu, se ele guarda todos meus preceitos e age segundo a equidade e a justiça, ele certamente viverá e não morrerá – Eu não me lembrarei mais das iniquidades que ele tenha cometido; ele viverá nas obras de justiça que terá feito – Quero eu a morte do ímpio, diz o Senhor Deus? E não quero antes que ele se converta, retire-se do mau caminho e viva? (Ez, 18: 21-23; 23:11.) (N. do A.)

101. A teoria moral espírita ressignifica o termo *castigo*. Na moral heterônoma presente nos dogmas, ele é o ato do deus vingativo, que exige a submissão do ser que pecou, e sua penalização como instrumento opressivo. No Espiritismo, o castigo é a condição de sofrimento moral inerente à imperfeição. Portanto, a duração do castigo está condicionada à vontade daquele que sofre. Deus não castiga, nem precisa perdoar, Ele espera o inevitável arrependimento, pois todos os espíritos, sem exceção, serão felizes por seu esforço e escolha. Essa é a mais perfeita definição da justiça divina enquanto autonomia moral. (N. do E.)

102. Essa definição de Allan Kardec, presente na obra original, é de importância primordial. A expressão “penas eternas”, dogma da vingança divina, ressignificada, ganha no Espiritismo seu real sentido: a relatividade. Pois se refere a uma ilusão do espírito imperfeito que sofre por suas próprias escolhas. É uma ilusória fuga da responsabilidade, pela insistência no mau comportamento, que lhe dá a impressão de um sofrimento eterno que acabará também por um ato de sua vontade livre, pois é sempre temporário. (N. do E.)

103. *Perpétuo* é sinônimo de *eterno*. Dizemos “o limite das neves perpétuas”, “os gelos eternos dos polos”. Dizemos também “o secretário perpétuo da Academia”, o que não quer dizer que ele o será perpetuamente, mas apenas por um tempo ilimitado. Portanto, *eterno* e *perpétuo* são empregados no sentido de *indeterminado*. Nessa acepção, podemos dizer que as penas são eternas se entendermos que elas não têm uma duração limitada; as penas são eternas para o espírito que não lhes pode divisar o término. (N. do A.)

11^a) É possível que um espírito não se aperfeiçoe jamais? Não; de outro modo, ele seria fatalmente votado a uma inferioridade eterna e escaparia à lei do progresso que rege providencialmente todas as criaturas.

Tendo sempre o espírito seu livre-arbítrio, seu aperfeiçoamento é por vezes muito lento e sua obstinação no mal muito tenaz. Ele pode persistir anos e séculos, mas chega sempre um momento no qual sua teimosia em enfrentar a justiça de Deus se dobra diante do sofrimento e em que, apesar de sua soberba, ele reconhece o poder superior que o domina. Assim que se manifestam nele as primeiras luzes do arrependimento¹⁰⁴, Deus lhe faz entrever a esperança.

12^a) Quaisquer que sejam a inferioridade e a perversidade dos espíritos, Deus nunca os abandona. Todos têm seu anjo guardião que vela por eles, observa-lhes os movimentos da alma e se esforça para neles suscitar bons pensamentos, o desejo de progredir e de reparar numa nova existência o mal que fizeram. Porém, o guia protetor age quase sempre de maneira oculta, sem exercer nenhuma pressão. O espírito deve se aperfeiçoar por conta da sua própria vontade e não em decorrência de qualquer coerção. Ele age bem ou mal em virtude de seu livre-arbítrio, mas sem ser fatalmente impellido em um sentido ou outro. Se ele faz o mal, sujeita-se às consequências enquanto persista no mau caminho. Desde que dá um passo em direção ao bem, ele sente imediatamente os efeitos.

13^a) Seria um erro crer que, em virtude da lei do progresso, a certeza de chegar cedo ou tarde à perfeição e à felicidade pode ser, para o espírito mau, um encorajamento a perseverar no mal, a se arrepender mais tarde; primeiramente, porque o espírito inferior não vê o fim de sua situação; em segundo lugar, porque sendo o espírito o artífice de sua própria infelicidade, termina por compreender que dele depende fazê-la cessar e que quanto mais tempo persistir no mal, por mais tempo será infeliz; que seu sofrimento durará para sempre se ele próprio não lhe puser fim. Será então de sua parte um cálculo errado, pelo qual ele seria o primeiro enganado. Se, ao contrário, segundo o dogma das

104. O espírito errante, que sofre moralmente, em virtude de sua imperfeição, vive a ilusão de que essa condição lhe será eterna. O seu arrependimento, como ato consciente da vontade livre, por si só lhe dá nova perspectiva, ele vê agora a oportunidade de mudar, e experimenta um bem-estar o consola. Dessa forma, escolher uma encarnação penosa está na perspectiva do remédio amargo que cura, e ele escolhe livremente tomá-lo, pois o resultado definitivo importa-lhe mais que o transitório fel. (N. do E.)

penas irremissíveis, toda esperança lhe está para sempre interdita, ele persevera no mal porque não tem nenhum interesse em volver ao bem, que proveito algum lhe traz. A razão diz de que lado está a verdadeira justiça providencial, e onde melhor se mostra o amor de Deus por suas criaturas¹⁰⁵.

14^o) Diante dessa lei cai igualmente a objeção tirada da presciência divina. Deus, criando uma alma, sabe efetivamente se, em virtude de seu livre-arbítrio, ela tomará o bom ou o mau caminho; sabe que ela será punida se agir mal; mas sabe também que esse castigo temporário é um meio de fazê-la compreender seu erro e de fazê-la adentrar no bom caminho, a que chegará cedo ou tarde. Segundo a doutrina das penas eternas, Deus sabe que a alma falhará e está de antemão condenada a torturas sem fim. A razão diz também de qual lado está a verdadeira justiça de Deus.

15^o) Cada um é responsável apenas por suas faltas pessoais; ninguém carrega a pena das faltas de outrem,¹⁰⁶ a menos que tenha dado lugar a tal, seja provocando-as por seu exemplo, seja não as impedindo quando tinha esse poder.

Responde-se não somente pelo mal que se fez, mas também pelo bem que se poderia fazer e não se fez¹⁰⁷.

É assim, por exemplo, que o suicida é sempre punido; mas aquele que, por sua dureza, impele um indivíduo ao desespero e daí a destruir-se, sujeita-se a uma pena ainda maior.

16^o) Não ocorre o mesmo segundo a doutrina vulgar do Inferno. O Inferno é o mesmo para todos. Nele, o culpado de uma única falta sujeita-se ao mesmo suplício eterno de quem cometeu milhares. Se não fosse assim, o Inferno não seria mais o Inferno, pois haveria almas menos infelizes do que outras¹⁰⁸.

105. O Espiritismo estabelece a abordagem racional e experimental dos fatos da vida futura, superando a fé cega do pensamento dogmático. (N. do E.)

106. A alma que peca é a que morre; o filho não carregará a iniquidade do pai, e o pai não carregará a iniquidade do filho; a justiça do justo estará sobre ele e a impiedade do ímpio estará sobre ele. (Ez 18:20.) (N. do A.)

107. O mal está em estacionar de forma voluntária e consciente diante da condição natural da evolução do espírito. Assim, perde-se as oportunidades na encarnação tanto fazendo o mal quanto deixando de fazer o bem. (N. do E.)

108. O Espiritismo demonstra o conceito de graduação e proporcionalidade da sen-

17ª) Embora a diversidade das punições seja infinita, há aquelas que são inerentes à inferioridade dos espíritos e cujas consequências, exceto as nuances, são quase idênticas.

A punição mais imediata, sobretudo para os que se apegaram à vida material negligenciando o progresso espiritual, consiste na lentidão da separação da alma e do corpo, nas angústias que acompanham a morte e o despertar na outra vida, na duração da perturbação que pode durar meses e anos. Para aqueles, ao contrário, cuja consciência é pura, que durante a vida se identificaram com a vida espiritual e se desapegaram das coisas materiais, a separação é rápida, sem abalos, o despertar pacífico e a perturbação quase inexistente.

18ª) Um fenômeno, muito frequente nos espíritos de certa inferioridade moral, consiste em acreditar que ainda estão vivos, e essa ilusão pode prolongar-se durante anos ao longo dos quais experimentam todas as necessidades, todos os tormentos e todas as perplexidades da vida.

19ª) Para o criminoso, a visão incessante de suas vítimas e das circunstâncias do crime é um cruel suplício.

Certos espíritos estão mergulhados em espessas trevas; outros estão num isolamento absoluto no meio do Espaço, atormentados pela ignorância de sua posição e de seu destino. Os mais culpados sofrem torturas indescritíveis, tanto mais pungentes quanto não lhes veem o fim. Muitos são privados da visão dos seres que lhes são caros. Todos, geralmente, suportam com intensidade relativa os males, as dores e as necessidades que fizeram os outros suportar.

É um suplício para o orgulhoso ver-se relegado às últimas posições, enquanto acima dele, cobertos de glória e de festas, estão aqueles que ele desprezou na Terra. Para o hipócrita, ver-se penetrado pela luz que põe a nu seus mais secretos pensamentos que todos podem ler, sem nenhum meio para se esconder e dissimular. Para o sensual, ter todas as tentações, todos os desejos, sem poder satisfazê-los. Para o avaro, ver seu ouro dilapidado e não poder retê-lo. Para o egoísta, ser abandonado por todos e sofrer tudo o que outros sofreram por ele: terá sede e ninguém lhe dará de beber, terá fome e ninguém lhe dará de comer. Nenhuma mão amiga vem apertar a sua, nenhuma voz

sação de felicidade ou infelicidade do espírito, relativamente às suas qualidades boas ou más. Mas sempre a infelicidade é temporária, e a felicidade suprema é o destino de todos os seres. (N. do E.)

compassiva o vem consolar. Ele só pensou em si mesmo durante a vida, ninguém pensa nele nem o lamenta após a morte.

20^o) O meio de evitar ou atenuar as consequências de seus defeitos na vida futura é desfazer-se deles o máximo possível durante a vida presente, reparar o mal para não ter que fazê-lo mais tarde de forma mais terrível. Quanto mais demora a se desvencilhar de seus defeitos, mais penosas são as consequências e mais rigorosa será a reparação¹⁰⁹.

21^o) A situação do espírito, a partir de sua entrada na vida espiritual, é a que ele preparou para si durante a vida no corpo. Mais tarde, outra encarnação lhe é dada, e por vezes imposta¹¹⁰, para a expiação e reparação por meio de novas provas, mas ele a aproveita em maior ou menor proporção em virtude de seu livre-arbítrio. Se ele não a aproveitar, será uma tarefa para recomeçar cada vez em condições mais penosas, de modo que se pode dizer que aquele que sofre muito sobre a Terra tinha muito a expiar¹¹¹. Os que

109. Nas imperfeições morais do espírito, da mesma forma que nos vícios que causam dependência, o esforço exigido para retomar o estado de equilíbrio deve ser tanto maior quanto mais longo e intenso tenha sido o período de sua formação. (N. do E.)

110. O significado dessa *imposição* está no sentido da inevitabilidade da lei natural do progresso espiritual, que só ocorre de forma livre e consciente. Assim, uma nova encarnação é sempre decorrência natural e inevitável da lei do progresso, mas o melhorar-se é invariavelmente um ato da vontade livre. Uma encarnação é *dada* quando é escolhida livremente como prova ou expiação pelo espírito que deseja superar sua imperfeição e reparar o mal que fez. Já a situação de uma encarnação *imposta* somente ocorre quando o espírito ainda é ignorante para escolher por si mesmo (por ser necessária ao progresso), ou então muito endurecido (pois nessa condição não consegue escolher de forma consciente). Nesses casos, porém, o objetivo da encarnação é o de levá-lo à condição de escolher conscientemente, por seu próprio despertar, conforme afirma o item 8 do Capítulo V de *O Evangelho segundo o Espiritismo*: “As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Os Espíritos penitentes, porém, desejosos de reparar o mal que hajam feito e de proceder melhor, esses as escolhem livremente”. (N. do E.)

111. O sofrimento sobre a Terra, ou as vicissitudes e atribulações, no sentido aqui proposto, trata-se de um ato da vontade livre ou expiação. O espírito escolhe as provas quando está consciente e faz uso do livre-arbítrio para superar suas imperfeições. O exemplo seguinte, daquele que “goza da felicidade aparente, apesar de seus vícios e sua inutilidade”, refere-se àquele que vive despreocupado das suas necessidades es-

gozam de uma felicidade aparente, apesar de seus vícios e sua inutilidade, certamente pagarão caro numa próxima existência. É nesse sentido que Jesus disse: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V).

22^o) A misericórdia de Deus é infinita, sem dúvida, mas não é cega; ela coloca como condição o arrependimento, a expiação e a reparação. O culpado que ela perdoa não é exonerado e, enquanto não cumprir essas condições¹¹², ele sujeita-se às consequências de suas faltas. Por misericórdia infinita, deve-se entender que Deus não é implacável e deixa sempre aberta a porta para o retorno ao bem.

23^o) Sendo as penas temporárias e subordinadas ao arrependimento, que é o fato da livre vontade do homem¹¹³, são ao mesmo tempo os castigos e os *remédios* que devem ajudar a curar as feridas do mal. Os espíritos em punição são, portanto, não como condenados perpetuamente, mas como doentes no hospital, que sofrem da doença que quase sempre é culpa sua e dos meios curativos dolorosos de que ela necessita, mas que são a esperança da cura, e que curam tanto mais rápido quanto mais exatamente sigam as prescrições do médico que vela sobre eles com solicitude¹¹⁴. Se prolongam seus sofrimentos por sua própria culpa, o médico nada tem com isso.

pirituais até se arrepender, trabalhando para seu aperfeiçoamento, conforme descrito no item 8^o. (N. do E.)

112. Como a lei natural caracteriza-se pela regularidade dos fenômenos, a imperfeição e o sofrimento moral inerente a ela só podem ser superados pelo ato consciente da vontade, pelo esforço sincero e pelo retorno ao bem. Assim, o estado de imperfeição é temporário, enquanto o caminho para o bem, e a conquista da felicidade suprema é uma destinação absoluta. (N. do E.)

113. O fato da livre vontade do espírito é o objeto específico da moral espírita enquanto conhecimento científico obtido pela observação. Desse modo, o arrependimento, no âmbito da lei natural, caracteriza-se como retomada de consciência, permitindo a condição de livre escolha, imprescindível para o espírito reencontrar o caminho do bem, condição para a felicidade. (N. do E.)

114. A recuperação do estado de equilíbrio ou cura da doença está relacionada à força do organismo em se reorganizar, representada pelo sistema imunológico, combatendo o agente agressor, recuperação tecidual, restabelecimento funcional. Por efeito de comparação, a força de restabelecimento do equilíbrio do espírito é a sua vontade livre e consciente, superando a imperfeição e retomando o caminho do bem. (N. do E.)

24°) Deus – questiona-se – não demonstraria um amor maior por suas criaturas se as tivesse criado infalíveis e, por conseguinte, isentas das vicissitudes ligadas à imperfeição?

Para isso teria sido necessário que Ele criasse seres perfeitos, sem nada a adquirir nem em conhecimentos, nem em moralidade. Sem nenhuma dúvida, poderia tê-lo feito. Se não o fez, deve ter tido motivos que ainda escapam à nossa razão e cuja sabedoria compreenderemos mais tarde.

Os homens são imperfeitos e, como tais, sujeitos a vicissitudes mais ou menos penosas. É preciso aceitar o fato, já que existe. Inferir que Deus não seja bom nem justo seria revoltar-se contra Ele.

25°) Seria injustiça se Deus tivesse criado privilegiados, mais favorecidos que outros, gozando sem trabalho da felicidade que outros somente alcançam com dificuldade ou jamais podem alcançar. Mas onde sua justiça brilha é na igualdade absoluta que preside à criação de todos os espíritos. Todos têm um mesmo ponto de partida. Nenhum espírito, em sua formação, é mais bem dotado que outro. Nenhum que tenha sua marcha ascensional facilitada por exceção. Aqueles que chegaram ao fim passaram, como os outros, pela feira das provas e da inferioridade.

Admitido isto, o que há de mais justo que a liberdade de ação deixada a cada um? A estrada da felicidade está aberta a todos. O fim é o mesmo para todos. As condições para atingi-lo são as mesmas para todos. A lei gravada em todas as consciências é ensinada a todos. Deus fez da felicidade o *prêmio do trabalho e não o do favor*, a fim de que cada um pudesse dela ter o mérito. Cada um é livre para trabalhar ou nada fazer por seu próprio adiantamento. Aquele que trabalha muito e depressa é mais cedo recompensado. Aquele que se desvia no caminho ou perde tempo atrasa sua chegada e só pode culpar a si mesmo. O bem e o mal são voluntários e facultativos. O homem, sendo livre, não é fatalmente impelido nem a um nem a outro¹¹⁵.

Tal é a lei da justiça divina: a cada um segundo suas obras, no Céu como na Terra.

115. Sendo o bem e o mal voluntários e facultativos, e o homem livre para fazer suas escolhas, a teoria moral espírita define-se pela autonomia. Desde o início da civilização as massas estão submetidas à fé cega e à obediência passiva, tornando o indivíduo “simples máquina organizada, sem uma meta, sem responsabilidade, sem outro freio senão a lei civil, e *bom para ser explorado* como um animal inteligente” (*A Gênese*, cap. 1, item 37). O Espiritismo, participando das ideias progressistas, colabora para a emancipação intelectual e moral da humanidade, o que, permitindo a transformação dos hábitos e relações sociais, resultará numa revolução moral e na regeneração da humanidade. (N. do E.)

CAPÍTULO IX:

Os anjos

Todas as religiões assinalaram, sob diversos nomes, a existência dos anjos, ou seja, seres superiores à humanidade, intermediários entre Deus e os homens. O materialismo, ao negar qualquer existência espiritual fora da vida orgânica, colocou os anjos naturalmente na categoria da ficção e da alegoria. A crença nos anjos faz parte essencial dos dogmas da Igreja, que os define assim:¹¹⁶

Nós cremos firmemente, diz um concílio geral e ecumênico,¹¹⁷ que só há um verdadeiro Deus, eterno e infinito, que, *no começo dos tempos*, tirou do nada, *a um só tempo*, uma e outra criatura, a espiritual e a corporal, a angélica e a mundana, e em seguida formou, como intermediária entre as duas, a natureza humana, composta de corpo e espírito.

Tal é, segundo a fé, o plano divino na obra da criação, plano majestoso e completo, como convinha à sabedoria eterna. Assim concebido, ele oferece aos nossos pensamentos o ser em todos os graus e condições. Na esfera mais elevada aparecem a existência e a vida puramente espirituais;

116. Extraímos este resumo da pastoral do monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a Quaresma de 1864. Pode-se, pois, considerá-lo, assim como o dos demônios, tirado da mesma fonte e citado no capítulo a seguir, como a última expressão do dogma da Igreja sobre o assunto. (N. do A.)

117. Concílio de Latrão. (N. do A.)

no último nível, a existência e a vida puramente materiais; e no intervalo que os separa, uma maravilhosa união de duas substâncias, uma vida simultânea em comum do espírito inteligente e do corpo organizado.

Nossa alma é de uma natureza simples e indivisível, mas é limitada em suas faculdades. A ideia que temos da perfeição faz-nos compreender que pode haver outros seres simples como ela, e superiores por suas qualidades e privilégios. A alma é grande e nobre, mas está associada à matéria, servida por órgãos frágeis, limitada em sua ação e poder. Por que não haveria outras naturezas ainda mais nobres, libertas dessa escravidão e desses entraves, dotadas de uma força maior e de uma atividade incomparável? Antes de ter colocado o homem na Terra para conhecê-Lo, amá-Lo e servi-Lo, não deveria Deus já ter chamado outras criaturas para compor-Lhe a corte celeste e adorá-Lo na morada de sua glória? Deus recebe, enfim, das mãos do homem o tributo de honra e a homenagem deste Universo. É de admirar que Deus receba das mãos do anjo o incenso e a prece do homem? Logo, se os anjos não existissem, a grande obra do Criador não teria o coroamento e a perfeição de que era suscetível – este mundo, que atesta a divina onipotência, não seria mais a obra-prima da sabedoria de Deus, pois nossa própria razão, ainda que fraca e débil, poderia facilmente conceber um mundo mais completo e perfeito.

Cada página dos livros sagrados do Antigo e do Novo Testamento menciona essas sublimes inteligências, nas invocações piedosas e nos episódios históricos. Sua intervenção aparece manifestamente na vida dos patriarcas e dos profetas. Do ministério dos anjos serve-se Deus, ora para transmitir suas vontades, ora para anunciar os acontecimentos futuros. Deus faz quase sempre dos anjos os porta-vozes de sua justiça ou de sua misericórdia. A presença deles entrelaça-se às diversas circunstâncias do nascimento, da vida e da paixão do Salvador; sua lembrança é inseparável da dos grandes homens, assim como dos fatos mais importantes da antiguidade religiosa, encontrando-se a crença nos anjos até mesmo no seio do politeísmo e nas fábulas mitológicas, porque essa crença é tão antiga e universal quanto o mundo. O culto que os pagãos prestavam aos bons e maus gênios era apenas uma falsa aplicação da verdade, um resquício distorcido do dogma primitivo.

As palavras do Santo Concílio de Latrão contêm uma distinção fundamental entre os anjos e os homens, ao ensinar que os primeiros são espíritos

puros, enquanto os segundos são compostos de um corpo e de uma alma. Ou seja, a natureza angélica se mantém por si mesma, não somente sem se mesclar, mas de fato sem associação real possível com a matéria, por mais rarefeita e sutil que a imaginemos, ao passo que nossa alma, igualmente espiritual, está associada ao corpo de maneira a formar com ele apenas uma mesma e única pessoa, *sendo esse essencialmente o seu destino*.

Enquanto perdura tão íntima união entre alma e corpo, ambas as substâncias têm uma vida comum, exercendo influência recíproca uma sobre a outra. A alma não pode libertar-se inteiramente da condição de imperfeição que daí resulta – suas ideias chegam-lhe pelos sentidos, através da comparação dos objetos exteriores, e sempre sob imagens mais ou menos perceptíveis. Eis porque não pode a alma contemplar-se a si mesma, e tampouco conceber Deus e os anjos sem lhes atribuir uma forma visível e palpável. Também daí vem que os anjos, para se fazerem visíveis aos santos e aos profetas, precisaram valer-se de formas corpóreas, formas, no entanto, que não eram mais do que corpos rarefeitos que eles faziam mover sem com eles se identificar, ou que eram apenas atributos simbólicos relacionados à missão de que se encarregavam.

Seu ser e seus movimentos não estão localizados e circunscritos num ponto fixo e limitado do Espaço. Não estando ligados a corpo algum, não podem ser detidos ou circunscritos por outros corpos, tal como acontece a nós. Os anjos não ocupam espaço algum e tampouco preenchem qualquer vazio. Mas, da mesma forma como nossa alma está inteira em nosso corpo assim como em cada uma de suas partes, os anjos também estão inteira e quase simultaneamente em todos os pontos e em todas as partes do Universo; mais céleres que o pensamento, eles podem ir a toda parte num piscar de olhos, para aí atuarem por si mesmos, sem outros obstáculos a seus desígnios senão a vontade de Deus e a oposição do livre-arbítrio humano.

Enquanto estamos restritos a ver apenas gradualmente e de maneira limitada o que está fora de nós, e enquanto as verdades de ordem sobrenatural afiguram-se-nos quais enigmas num espelho, conforme as palavras do apóstolo Paulo, os anjos enxergam sem esforço o que lhes interessa saber, contactando de imediato o objeto de seu pensamento. *O conhecimento dos anjos não é o resultado da indução e do raciocínio*, mas da intuição clara e profunda que abrange de uma só vez o gênero e as espécies que derivam

do objeto seu pensamento, assim como os princípios e as consequências que deste último decorrem.

O distanciamento no tempo, a diferença de lugares e a multiplicidade dos objetos nenhuma confusão causam em seus espíritos.

A essência divina, por ser infinita, é incompreensível, possuindo mistérios e complexidades que os anjos não podem penetrar. São-lhes ocultos os desígnios particulares da Providência, que todavia os revela, em determinadas circunstâncias, quando os encarrega de anunciá-los aos homens.

As comunicações de Deus aos anjos e destes entre si não se fazem, como entre nós, através de sons articulados ou de outros sinais explícitos. Inteligências puras que são, não têm necessidade nem de olhos para ver, nem de ouvidos para ouvir, não tendo tampouco o aparelho vocal para expressar seus pensamentos, pois não lhes é necessário esse intermediário habitual de nossas conversas. Os anjos, entretanto, comunicam seus sentimentos de uma maneira que lhes é própria, e que é toda espiritual. Para se fazerem compreender basta que o desejem.

Somente Deus conhece o número de anjos. Por certo esse número não é infinito, nem poderia sê-lo. De acordo, porém, com os escritores sacros e os santos doutores, esse número é muito considerável, verdadeiramente prodigioso. Se é natural que o número de habitantes de uma cidade seja proporcional à sua grandeza e à sua extensão, e sendo a Terra apenas um átomo se comparado ao firmamento e às imensas regiões do Espaço, é preciso concluir que o número de habitantes do Céu e do ar é muito maior que o dos homens.

Visto que a majestade dos reis deve seu brilho ao número de seus súditos, oficiais e servidores, o que seria mais apropriado para nos dar a ideia da majestade do Rei dos reis do que essa multidão inumerável de anjos que povoam o Céu, a Terra, o mar e os abismos, assim como a dignidade daqueles que se mantêm *continuamente prosternados ou de pé ante o seu trono?*

Os Pais da Igreja e os teólogos geralmente ensinam que os anjos estão distribuídos em três grandes hierarquias ou principados, sendo cada hierarquia dividida em três companhias ou coros.

Os anjos da primeira e mais alta hierarquia são designados de acordo com as funções que exercem no Céu. Uns são chamados *Serafins*, porque estão como que abrasados diante de Deus pelos ardores da caridade.

Outros, *Querubins*, porque são um reflexo luminoso da divina sabedoria. Outros, enfim, de *Tronos*, por proclamar a grandeza de Deus, cujo brilho fazem resplandecer.

Os da segunda hierarquia recebem seus nomes das funções que lhes são atribuídas no governo geral do Universo. São eles: as *Dominações*, que determinam aos anjos de ordens inferiores suas missões e seus encargos; as *Virtudes*, que realizam os prodígios exigidos pelos grandes interesses da Igreja e do gênero humano; e as *Potências*, que protegem, por sua força e vigilância, as leis que regem o mundo físico e moral.

Os da terceira hierarquia têm como tarefa a direção das sociedades e pessoas. São ele: os *Principados*, encarregados dos reinos, províncias e dioceses; os *Arcanjos*, que transmitem as mensagens de suma importância; e os *Anjos Guardiães*, que acompanham cada um de nós, velando por nossa segurança e por nossa santificação.

O princípio geral que resulta dessa doutrina é que os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores à humanidade, *criaturas privilegiadas, consagradas à felicidade suprema e eterna desde a sua formação*, dotadas, por conta de sua própria natureza, de todas as virtudes e de todos os conhecimentos sem que nada tenham feito para adquiri-los. Eles estão em primeiro plano na obra da criação, ficando em último a vida puramente material; entre ambos está a humanidade, formada pelas almas – seres espirituais inferiores aos anjos – unidas a corpos materiais.

Desse sistema resultam várias dificuldades capitais. Em primeiro lugar, o que seria essa vida puramente material? Trata-se da matéria bruta? Mas a matéria bruta é inanimada e não tem vida por si mesma. Seriam as plantas e os animais? Isso representaria, então, uma quarta ordem na criação, porque não se pode negar que haja no animal inteligente algo mais do que há numa planta, e, nesta, mais do que há numa pedra. Quanto à alma humana, que é a transição, ela está unida diretamente a um corpo que é apenas matéria bruta, uma vez que, sem alma, ele não tem mais vida do que um torrão de terra.

Essa divisão peca, evidentemente, pela falta de clareza e não está de acordo com a observação, assemelhando-se à teoria dos quatro elementos, que ruíu diante dos progressos da Ciência. Admitamos, no entanto, estes três conceitos: a criatura espiritual, a criatura humana e a criatura corporal. Tal é, dizem,

o plano divino, plano majestoso e completo como convém à sabedoria eterna. Notemos primeiro que entre esses três conceitos não há nenhuma ligação necessária, tratando-se de três criações distintas, formadas sucessivamente, com descontinuidades entre si, enquanto na Natureza tudo se encadeia, tudo nos revela uma admirável lei de unidade, cujos elementos – sendo apenas transformações uns dos outros – mantêm seus vínculos de ligação. Essa teoria é verdadeira na medida em que esses três conceitos evidentemente existem, sendo apenas incompleta, porquanto lhe faltam os pontos de contato, como é fácil demonstrar.

Esses três pontos culminantes da criação são, segundo a Igreja, necessários à harmonia do conjunto. Se houvesse apenas um a menos, a obra estaria incompleta, e não mais em conformidade com a sabedoria eterna. No entanto, um dos dogmas fundamentais da religião diz que a Terra, os animais, as plantas, o Sol, as estrelas, a própria luz foram criados e tirados do *nada*, há seis mil anos. Antes dessa época, portanto, não havia nem criatura humana, nem criatura corpórea, pelo que, no decurso da eternidade até então, a obra divina jazia imperfeita. A criação do Universo há seis mil anos é um artigo de fé de tal forma fundamental que até poucos anos atrás a Ciência era ainda anatematizada por desmentir a cronologia bíblica ao provar a existência anterior da Terra e de seus habitantes.

O Concílio de Latrão, no entanto, concílio ecumênico que dita a lei em matéria de ortodoxia, proclama: “*Nós cremos firmemente* que só há um verdadeiro Deus, eterno e infinito, que, *no começo dos tempos*, tirou do nada, *a um só tempo*, uma e outra criatura, a espiritual e a corporal”. Por *começo dos tempos* pode-se entender apenas a eternidade decorrida, porquanto, assim como o Espaço, o tempo é infinito, não tendo começo ou fim. A expressão *começo dos tempos* é uma figura que implica a ideia de uma anterioridade *ilimitada*. O Concílio de Latrão, portanto, crê *firmemente* que as criaturas espirituais e as criaturas corporais foram formadas simultaneamente, tiradas *a um só tempo* do nada, numa época indeterminada no passado. Como interpretar, portanto, o texto bíblico, que estabelece essa criação há seis mil anos de nossos dias? Admitindo-se que esteja aí o começo do universo visível, tal não é, certamente, o do tempo. Devemos crer no concílio ou na Bíblia?

Ademais, o mesmo concílio formula uma estranha proposição ao proclamar que “nossa alma, igualmente espiritual, está associada ao corpo de

maneira a formar com ele apenas uma mesma e única pessoa, *sendo esse essencialmente o seu destino*". Se o destino *essencial* da alma é estar unida ao corpo, essa união constitui seu estado normal, seu objetivo, seu fim, pois é o seu *destino*. Entretanto, a alma é imortal e o corpo, mortal. A união da alma com o corpo ocorre apenas uma vez, segundo a Igreja, e ainda que durasse tal união um século, o que seria isso comparado à eternidade? Para um grande número, porém, essa união é de apenas algumas horas – que utilidade teria para a alma uma união tão efêmera? Seria correto dizer que *o destino da alma é estar essencialmente ligada ao corpo*, se essa ligação, por mais longa que seja, é um intervalo imperceptível quando comparado à eternidade? Tal união é de fato apenas um incidente, um segundo na vida da alma, e não o seu estado essencial.

Se o destino essencial da alma é estar unida a um corpo material, e se – por sua natureza e conforme o objetivo providencial da sua criação – essa união é necessária para a manifestação de suas faculdades, é preciso concluir que, *sem o corpo, a alma humana é um ser incompleto*. Ora, para que a alma continue a ser o que é, segundo sua destinação, ao deixar um corpo é preciso que tome um outro, o que nos conduz forçosamente à pluralidade das existências, em outras palavras, à reencarnação contínua. É de fato estranho que um concílio, considerado uma das luzes da Igreja, tenha equiparado o ser espiritual e o material a tal ponto que eles não possam de modo algum existir um sem o outro, visto que a condição essencial da sua criação é estarem unidos.

O Espiritismo professa a esse respeito uma doutrina infinitamente mais *espiritualista*, para não dizer *menos materialista*, tendo ainda a seu favor o fato de estar em maior conformidade com a observação e o destino da alma. Segundo o que nos ensina, a alma é independente do corpo, que é somente um envoltório temporário. *A essência da alma é a espiritualidade, sua vida normal é a vida espiritual*. O corpo é apenas um instrumento de que se utiliza a alma para o exercício de suas faculdades¹¹⁸ nas relações com o mundo material

118. Para os materialistas, as faculdades são produtos do organismo. A psicologia experimental espiritualista do século 19, base conceitual do Espiritismo, qualificava as faculdades da alma, que se serviam do corpo para se manifestar. Assim, dividem-se em duas classes faculdades animais (perceptivas e instintivas) e as próprias do ser humano, faculdades intelectuais e morais (razão, vontade, imaginação, consciência, livre-arbítrio e senso moral). (N. do E.)

– separada do corpo, entretanto, ela desfruta de suas faculdades com mais liberdade e alcance.

A união da alma com o corpo, necessária ao seu avanço inicial, acontece somente durante período que se pode considerar como sendo sua infância e adolescência; quando a alma atinge um certo grau de perfeição e de desmaterialização, essa união não é mais necessária, e ela progride apenas pela vida do espírito. Além disso, por mais numerosas que sejam as existências corpóreas, estas estão necessariamente limitadas pela vida do corpo, e sua soma não compreende, de qualquer modo, mais do que uma imperceptível fração da vida espiritual, que é ilimitada.

O quadro hierárquico dos anjos nos mostra que várias ordens têm, em suas atribuições, o governo do mundo físico e da humanidade, para cujo fim foram criados. Segundo o *Gênesis*, no entanto, o mundo físico e a humanidade não existem senão há seis mil anos. O que faziam então esses anjos antes desse tempo, por toda uma eternidade, uma vez que não existia o objeto de suas ocupações? Foram os anjos criados de toda a eternidade? Assim deve ser, já que servem à glorificação do Altíssimo. Se Deus os tivesse criado numa época determinada qualquer, teria ficado até então – ou seja, por uma eternidade – sem adoradores.

Mais adiante, diz o concílio: “*Enquanto perdura tão íntima união entre alma e corpo*”. Chega, então, um momento em que essa união não existe mais. Tal proposição contradiz aquela que faz dessa união a destinação essencial da alma.

O concílio diz ainda, com relação à alma, que “suas ideias chegam-lhe pelos sentidos, através da comparação dos objetos exteriores”. Essa concepção filosófica é parcialmente verdadeira, porém não no sentido absoluto. Segundo eminente teólogo, é uma condição inerente à natureza da alma a recepção das ideias apenas pelos sentidos – ele esquece as ideias inatas, as faculdades por vezes tão transcendentais, a intuição das coisas que a criança traz ao nascer e que não deve a nenhuma instrução. Por meio de que sentido certos jovens camponeses que fazem prodigiosos cálculos de maneira instintiva, maravilhando os sábios, adquiriram as habilidades necessárias para a solução quase instantânea dos mais complicados problemas? Pode-se dizer o mesmo a respeito de vários músicos, pintores e políglotas precoces.

“O conhecimento dos anjos não é o resultado da indução e do raciocínio”, eles sabem porque são anjos, sem precisar aprender: Deus os criou assim.

A alma, ao contrário, necessita aprender. Se a alma recebe as ideias apenas através dos órgãos físicos, quais ideias poderia ter a alma de uma criança que falece após poucos dias de vida, se admitirmos, como o faz a Igreja, que a alma não renasce?

Apresenta-se aqui uma questão vital: a alma adquire ideias e conhecimentos após a morte do corpo? Se, uma vez liberada do corpo, ela não pode mais nada adquirir, a alma da criança – assim como a do selvagem, a do idiota ou a do ignorante – permanecerá tal como era por ocasião da morte, estando, portanto, condenada à nulidade por todo o sempre.

Se a alma adquire novos conhecimentos após a vida atual, é porque ela pode progredir. Sem o progresso posterior da alma, chega-se a consequências absurdas. Já com o progresso posterior, chega-se à negação de todos os dogmas que se fundamentam em seu estado estacionário: o destino irrevogável, as penas eternas etc. Se a alma progride, até onde vai esse progresso? Não há razão alguma para que ela não atinja o nível dos anjos ou dos espíritos puros. Se ela pode aí chegar, nenhuma necessidade haveria de que se criassem seres especiais e privilegiados, dispensados de todo trabalho, fruindo a felicidade eterna sem nada terem feito para conquistá-la, ao passo que outros seres menos favorecidos não obtêm a felicidade suprema senão à custa de longos e cruéis sofrimentos e das mais rudes provas. Deus poderia ter assim estipulado, sem dúvida, mas se admitimos o infinito de suas perfeições – sem o que não seria Deus – também é preciso admitir que Ele nada faz de inútil, nada que desminta sua justiça e bondade soberanas.

“Visto que a majestade dos reis deve seu brilho ao número de seus súditos, oficiais e servidores, o que seria mais apropriado para nos dar a ideia da majestade do Rei dos reis do que essa multidão inumerável de anjos que povoam *o Céu, a Terra, o mar e os abismos*, assim como a dignidade daqueles que se mantêm *continuamente prosternados ou de pé* ante o seu trono?”

Equiparar a glória de Deus ao fausto dos soberanos da Terra não seria rebaixar a Divindade? Essa ideia, incutida no espírito das massas ignorantes, falseia a opinião que se faz da verdadeira grandeza de Deus, reduzindo-O ainda às mesquinhas proporções da humanidade. Supor que tenha necessidade de milhões de adoradores *continuamente prosternados ou de pé* diante de Si, é atribuir a Deus as fraquezas dos monarcas déspotas e orgulhosos do Oriente. O que torna verdadeiramente grande um soberano? É o número e

o brilho dos membros de sua corte? Não, mas a sua bondade e a sua justiça, o merecimento de ser chamado *pai* de seus súditos. Pode-se perguntar se há algo mais apropriado para nos dar uma ideia da majestade de Deus do que a multidão de anjos que compõem sua corte. Sim, certamente, há algo melhor do que isso: apresentar-se Deus a todas as suas criaturas soberanamente bom, justo e misericordioso, e não um Deus colérico, ciumento, vingativo, implacável, exterminador, parcial, criando para sua própria glória esses seres privilegiados, favorecidos com todos os dons e nascidos para a eterna felicidade, enquanto a outros impõe penosas condições para conquistá-la, e punindo um instante de erro com uma eternidade de suplícios.

Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, disso não se poderia duvidar. A revelação espírita confirma nesse ponto a crença de todos os povos, mas permitindo, ao mesmo tempo, que conheçamos a natureza e a origem desses seres.

As almas – ou espíritos – são criadas simples e ignorantes, ou seja, sem conhecimento ou consciência do bem e do mal, mas aptas a adquirir tudo o que lhes falta, o que fazem pelo trabalho¹¹⁹. O objetivo, que é o mesmo para todas, é a perfeição, que alcançam mais ou menos rapidamente em virtude de seu livre-arbítrio e em razão de seus esforços¹²⁰. Todas têm as mesmas etapas a percorrer, o mesmo trabalho a realizar. Deus não contempla uns com mais do que outros, porquanto todos são seus filhos e, sendo justo, não tem prefe-

119. Na teoria moral espírita, o livre-arbítrio surge após o desenvolvimento da inteligência racional, tendo como referência as leis divinas presentes em sua consciência, pelo ato livre da vontade. Desse modo, a responsabilidade moral só então se inicia e se amplia gradualmente, na proporção direta do desenvolvimento racional. Esses conceitos psicológicos afastam completamente os dogmas do pecado original, da queda e da encarnação como castigo. (N. do E.)

120. Essa explicação corresponde ao item 24º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “Deus – questiona-se – não demonstraria um amor maior por suas criaturas se as tivesse criado infalíveis e, por conseguinte, isentas das vicissitudes ligadas à imperfeição?”. No dogma das religiões ancestrais as almas teriam sido criadas perfeitas em conhecimento e moralidade, a vida humana seria um castigo divino em virtude do pecado e da queda. O Espiritismo demonstra que, segundo a lei natural, o espírito é criado simples e ignorante, desenvolvendo suas faculdades (razão, vontade, imaginação, livre-arbítrio, senso moral) pelos seus esforços no decorrer de milhares de encarnações. (N. do E.)

rência por ninguém, dizendo-lhes apenas: “Eis a lei que deve ser a vossa regra de conduta. Somente ela pode levar-vos ao objetivo; tudo o que lhe é conforme é o bem, tudo o que lhe é contrário é o mal. Sois livres para obedecê-la ou infringi-la, e sereis, portanto, árbitros de vosso próprio destino”¹²¹. Deus então não criou o mal, já que todas as suas leis visam ao bem. Foi o próprio homem que criou o mal ao desrespeitar as leis divinas. Se as observasse com rigor, jamais se desviaria do bom caminho.

Mas a alma, assim como a criança, não possui experiência nas primeiras fases da sua existência, razão por que é falível. Deus não lhe dá essa experiência, mas sim os meios de adquiri-la¹²². Cada passo em falso na senda do mal representa para a alma um atraso, cujas consequências ela sofre e à custa do qual ela aprende o que deve evitar. É assim que, pouco a pouco, ela se desenvolve, se aperfeiçoa e avança na hierarquia espiritual, até que chegue ao estado de *espírito puro* ou *anjo*. Os anjos são, portanto, as almas dos homens que chegaram ao grau de perfeição que a criatura comporta, fruindo em sua plenitude a felicidade prometida. Antes de atingirem o grau supremo, desfrutam de uma felicidade proporcional ao seu adiantamento, felicidade que não se encontra na ociosidade, entretanto, mas nas funções que apraz a Deus confiar-lhes, e que ficam felizes de desempenhar. (V. cap. III, “O Céu”.)

A humanidade não está circunscrita à Terra, ocupando os inumeráveis mundos que circulam no espaço. Ocupou aqueles que desapareceram, e ocupará aqueles que se formarão. Deus há criado desde toda a eternidade, jamais cessando de criar. Portanto, muito tempo antes de a Terra existir, e por mais remota que imaginemos sua criação, já havia, em outros mundos, espíritos encarnados a percorrer as mesmas etapas que nós – espíritos de formação mais

121. Essa explicação corresponde ao item 12º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “O espírito deve se aperfeiçoar por conta da sua própria vontade e não em decorrência de qualquer coerção”. Por isso somos senhores de nossos próprios destinos. (N. do E.)

122. Enquanto os animais se desenvolvem pelo condicionamento, submetidos aos instintos e emoções passivamente, pelos estímulos de castigos (dor, tristeza) e recompensas (prazer, alegria), a evolução do espírito humano ocorre pela autonomia, construindo conhecimentos, qualidades e valores pelo exercício e desenvolvimento das faculdades intelectuais e morais, vivenciando as experiências e vicissitudes da vida como estímulos para seu progresso, que, assim, é fruto de seu esforço. (N. do E.)

recente – ora percorremos, tendo eles atingido o objetivo antes mesmo que tivéssemos saído das mãos do Criador. Há, dessa forma, desde toda a eternidade, anjos ou espíritos puros, mas, como sua existência humana perde-se no infinito do passado, para nós é como se eles sempre tivessem sido anjos.

Realiza-se assim a grande lei da unidade da criação. Deus jamais esteve inativo, pelo que sempre houve espíritos puros, experimentados e esclarecidos, para a transmissão de suas ordens e direção de todos os aspectos do Universo, do governo dos orbes aos mais ínfimos detalhes. Nunca houve, portanto, necessidade de criar seres privilegiados, isentos de encargos; todos, antigos e novos, conquistaram suas posições na luta e por seu próprio mérito; todos, enfim, são filhos das suas obras. Assim se estabelece igualmente a soberana justiça de Deus¹²³.

123. Deus não age diretamente na matéria, são os espíritos evoluídos que atuam na organização da harmonia universal, dos planetas aos universos. Os animais servem pelo impulso do instinto, sem consciência de sua realidade. Os seres humanos reencarnam e, por meio de provas e expiações, libertam-se da vida animal, desenvolvendo suas faculdades, sendo a vida espiritual a sua principal. Progredindo na escala evolutiva, vão exercendo missões, progressivas em importância, até a condição de espíritos puros: “Primeiro, executam; mais tarde, quando sua inteligência estiver mais desenvolvida, comandarão e dirigirão as coisas do mundo material; mais tarde ainda, poderão dirigir as coisas do mundo moral. E assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo” (*O Livro dos Espíritos*, q. 540). (N. do E.)

CAPÍTULO X

Os demônios

Em todos os tempos, os demônios desempenharam um papel importante nas diversas teogonias. Embora consideravelmente desacreditados na opinião geral, a importância que se lhes atribui ainda em nossos dias dá à questão uma certa gravidade, porque ela toca exatamente no cerne das crenças religiosas. Eis por que é útil examiná-la, assim como os desdobramentos dela decorrentes.

A crença em um poder superior é instintiva nos homens, tanto que a encontramos, sob diferentes formas, em todas as épocas do mundo. Mas se hoje, com o grau de adiantamento intelectual a que chegaram os homens, eles ainda discutem sobre a natureza e os atributos desse poder, quanto mais imperfeitas deveriam ser suas noções a respeito do assunto no começo da humanidade! O quadro que para nós se apresenta da inocência dos povos primitivos em contemplação diante das belezas da Natureza, nela admirando a bondade do Criador, é sem dúvida muito poético, mas não corresponde à realidade.

Quanto mais o homem está próximo do estado natural, mais o instinto o domina, como se pode constatar ainda entre os povos selvagens e bárbaros dos nossos dias; o que mais o preocupa, ou melhor, o que preocupa exclusivamente, é a satisfação das necessidades materiais, uma vez que não tem outras. O único sentido que pode torná-lo acessível às satisfações puramente morais só se desenvolve com o tempo e de maneira gradual. A alma tem sua infância, sua adolescência e sua plenitude, assim como o corpo humano, mas, para atingir a plenitude que a torna apta a compreender as coisas abstratas, quanta evolução deve experimentar, e por quantas existências lhe é necessário

passar!¹²⁴ Sem precisar recuar às épocas primitivas, olhemos à volta nossos homens do campo, e investiguemos que sentimentos de admiração neles despertam o esplendor do sol nascente, o céu estrelado, o cantar dos pássaros, o murmúrio das ondas cristalinas, as pradarias cobertas de flores! Para eles, o Sol se ergue por uma questão de hábito; e, desde que forneça calor suficiente para maturar suas plantações – mas não em excesso a ponto de queimá-las – é tudo o que dele esperam. Se olham o céu, é para saber se fará bom ou mau tempo no dia seguinte. É a eles indiferente se os pássaros cantam ou não, desde que não lhes arrasem a lavoura. Ao canto dos rouxinóis preferem o cacarejar de suas galinhas e o grunhir de seus porcos. O que esperam dos regatos de águas claras ou lodosas é que não sequem ou inundem suas terras. Dos pastos, que deem bom capim, com ou sem flores. É tudo o que desejam; e dizemos mais: é tudo o que compreendem da Natureza, ainda que já estejam muito à frente dos homens primitivos.

Se nos reportarmos a estes últimos, aliás, constataremos que são ainda mais exclusivamente preocupados em atender às suas necessidades materiais. O que lhes facilita ou dificulta a satisfação dessas necessidades constitui para eles o bem e o mal neste mundo¹²⁵. Creem num poder extra-humano, do qual fazem, ademais, uma ideia muito vaga, e ao qual atribuem o que lhes causa prejuízo material, que é o que mais lhes importa. Nada podendo ainda conceber fora do mundo visível e tangível, afigura-se-lhes que resida tal poder nos seres e nas coisas que os prejudicam. Para eles, portanto, os animais nocivos são os representantes naturais e diretos desse poder. Veem, pela mesma razão, a personifi-

124. A evolução gradual da alma, desde simples e ignorante (infância da alma), conquistando por seu esforço suas faculdades (razão, vontade, imaginação), elabora, desde a consciência de si, o livre-arbítrio e o senso moral. Desse modo, passa a ter responsabilidade moral, e gradativamente, sua felicidade, que é inerente ao seu aperfeiçoamento; quando erra, porém, sua sensação é de infelicidade transitória. Assim, entre provas e expiações, progride sempre (adolescência da alma). Por fim, inevitavelmente, a alma caminha para a condição de espírito feliz (plenitude). (N. do E.)

125. Entre as coisas do mundo, recompensadas pela fisiologia e pelo instinto, com sensação física de prazer e o sentimento de alegria, em verdade o ser lida com o que é *bom ou ruim*, em relação à sua sobrevivência e à da espécie. Somente no âmbito da moral, própria do espírito humano que compreende as leis divinas em sua consciência, é que surgem os valores *do bem e do mal*. O homem primitivo, quando inicia a conquista da inteligência, ainda se prende às necessidades materiais. (N. do E.)

cação do bem nas coisas úteis: daí o culto dedicado a certos animais e plantas e mesmo a objetos inanimados. Mas o homem geralmente é mais sensível ao mal do que ao bem, pois este lhe parece natural, ao passo que o mal o afeta mais intensamente. Eis por que, em todos os cultos primitivos, as cerimônias em homenagem ao poder do mal são as mais numerosas – o medo prevalece sobre o reconhecimento.

Durante muito tempo, o homem compreendeu apenas o bem e o mal físicos. A concepção do bem e do mal de natureza moral marcou um progresso para a inteligência humana, pois somente a partir daí pode o homem entrever a espiritualidade, compreendendo que o poder sobre-humano está fora do mundo visível, e não nas coisas materiais¹²⁶. Esse foi o trabalho de algumas inteligências de elite, mas que não puderam, no entanto, ultrapassar certos limites¹²⁷.

Como se via, de um lado, uma luta incessante entre o bem e o mal, triunfando este frequentemente sobre aquele, e como, por outro lado, não se podia racionalmente admitir que o mal fosse a obra de um poder benfazejo, concluiu-se daí existirem dois poderes rivais governando o mundo. Nasceu assim a doutrina dos dois princípios, o do bem e o do mal, doutrina lógica para a época, porque o homem ainda era incapaz de conceber uma outra, e tampouco de penetrar a essência do Ser Supremo. Como poderia compreender que o mal é apenas um estado temporário de onde pode emergir o bem, e que os males que o afligem devem conduzi-lo à felicidade, auxiliando

126. Para o *bem e o mal físicos*, que podemos definir como o *bom e o ruim*, existem no mundo coisas agradáveis, como o alimento, e coisas prejudiciais, como o veneno. Elas são relativas, em cada espécie. A carne podre é nociva para a maioria dos animais, mas agradável e adequada para os abutres, por exemplo. O verdadeiro bem, de natureza moral, está no agir e pensar de acordo com as leis divinas. O mal está na ausência do bem. Assim define a autonomia moral espírita. Já as teorias heterônomas das religiões ancestrais e do materialismo, confundido o bem e o mal com as condições materiais de prazer e dor, criaram falsas ideias de um *poder do mal*, causando divisão, rivalidade e inimizade entre seitas, grupos e nações. (N. do E.)

127. Em todos os tempos, a verdadeira teoria moral ou autonomia foi antecipada por figuras como Sócrates e Platão (veja a introdução de *O Evangelho segundo o Espiritismo*), os estoicos (a virtude é o único bem), Buda e tantos outros. Jesus estabeleceu o mais completo entendimento. Todavia, essas ideias estavam limitadas pelo estado primitivo do conhecimento de suas épocas. (N. do E.)

do-lhe o progresso? Os limites de seu horizonte moral nada lhe permitiam ver fora da vida presente, fosse no passado ou no futuro; não podia o homem compreender que já havia progredido, tampouco que ainda progrediria individualmente, e menos ainda que as vicissitudes da vida são o resultado da imperfeição do ser espiritual que nele reside, que preexiste e sobrevive ao corpo, e se purifica através de uma série de existências, até que ele tenha atingido a perfeição. Para compreender o bem que pode surgir do mal, não se pode ter em conta apenas uma existência, é preciso abranger o conjunto, pois só então apresentam-se as verdadeiras causas e seus efeitos.

Durante longos séculos e sob diversos nomes, o princípio duplo do bem e do mal foi a base de todas as crenças religiosas, sendo personificado nas figuras de Aúra-Masda e Arimã entre os persas, e de *Jeová* e *Satã* entre os hebreus. Entretanto, como qualquer soberano deve ser auxiliado por ministros, todas as religiões admitiram agentes secundários, os gênios bons ou maus. Os pagãos os representavam através de uma inumerável multidão de individualidades, cada qual com atribuições especiais para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes, e às quais deram o nome genérico de *deuses*. Os cristãos e os muçulmanos receberam dos hebreus os *anjos* e os *demônios*.

A doutrina dos demônios tem sua origem, portanto, na antiga crença dos princípios do bem e do mal. Vamos examiná-la aqui apenas do ponto de vista cristão, verificando se está de acordo com o conhecimento mais exato que temos atualmente dos atributos da Divindade.

Esses atributos são o ponto de partida, a base de todas as doutrinas religiosas¹²⁸. Os dogmas, o culto, as cerimônias, os costumes, a moral, tudo está em harmonia com a ideia mais ou menos justa, mais ou menos elevada que se faz de Deus, desde o fetichismo até o Cristianismo. Se a essência íntima de Deus é ainda um mistério para a nossa inteligência, compreendemo-Lo hoje,

128. A confusão entre o princípio material de prazer e dor (*bom e ruim*) com o princípio da moral (*bem e mal*) é a base da heteronomia presente nas crenças das religiões ancestrais. O animal se submete aos instintos, agindo assim cegamente às necessidades das espécies. Mas o ser humano tem dupla natureza, participa da vida animal pelo corpo e da vida espiritual pela alma. Tratado servilmente, o ser humano torna-se máquina. Cabe ao espírito humano abandonar a condição heterônoma de sujeição à vontade de terceiros (fé cega e obediência passiva) pela conquista do livre-arbítrio e senso moral, como propõe o Espiritismo. (N. do E.)

no entanto, melhor do que jamais foi compreendido, graças aos ensinamentos do Cristo. Ensina-nos o Cristianismo, em linha com a razão, que *Deus* é único, *eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, e infinito em todas as suas perfeições*.

Assim, como foi dito antes (cap. VII, “Penas eternas”), “Se fosse subtraída a menor fração de um só de seus atributos, não mais haveria Deus, porquanto poderia existir um ser mais perfeito”. Tais atributos, em sua mais absoluta plenitude, são, portanto, o critério de todas as religiões, a medida da verdade de cada um dos princípios que ensinam. E para que qualquer desses princípios seja verdadeiro, é necessário que não atente contra nenhuma das perfeições de Deus. Vejamos se assim acontece na doutrina comum dos demônios.

Segundo a Igreja, *Satã*, o chefe ou rei dos demônios, não é uma personificação alegórica do mal, mas efetivamente um *ser real* a fazer exclusivamente o mal, enquanto Deus pratica exclusivamente o bem. Tomemo-lo, portanto, tal qual nos é apresentado.

Satã existe de toda a eternidade, como Deus, ou é posterior a Ele? Se existe de toda a eternidade, ele é *incriado*, e, portanto, igual a Deus, caso em que Deus não mais seria único, pois existiria um deus do bem e um deus do mal.

Satã é posterior a Deus? Então ele é uma criatura de Deus. Uma vez que somente faz o mal, sendo incapaz de fazer o bem e de se arrepender, Deus terá criado um ser consagrado eternamente ao mal. Se o mal não é obra de Deus, mas obra de uma de suas criaturas predestinada a fazê-lo, Deus será sempre o primeiro autor do mal, não sendo, portanto, infinitamente bom. O mesmo acontece com todos os seres maus chamados demônios.

Tal foi, por muito tempo, a crença com relação ao assunto. Nos dias de hoje, dizem assim:¹²⁹

Deus, que é a bondade e a santidade por essência, não os havia criado maus e malfazejos. Sua mão paterna, que se regozija em espalhar sobre toda a sua criação um reflexo de suas perfeições infinitas, cumulava-os com

129. As citações a seguir são extraídas da carta pastoral do monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a Quaresma de 1865. Considerando-se o mérito pessoal e a posição que ocupa o autor, podemos considerá-las como a última expressão da Igreja sobre a doutrina dos demônios. (N. do A.)

seus mais magníficos dons. Além de dotá-los de uma natureza repleta das mais elevadas qualidades, a estas Deus ajuntara ainda a generosidade de sua graça, fazendo-os em tudo semelhantes aos sublimes espíritos que se encontram na glória e na felicidade. Distribuídos por todas as ordens e disseminados por todas as classes, tinham eles o mesmo objetivo e destino, sendo seu chefe o mais belo dos arcanjos. Eles também poderiam ter merecido a confirmação na justiça para todo o sempre, e serem assim acolhidos para fruir eternamente a bem-aventurança dos Céus. Este último favor seria o ápice de todos os outros de que eram destinatários, e representaria assim o prêmio por sua docilidade. Mas desse prêmio tornaram-se indignos, perdendo-o em consequência de uma audaciosa e insensata revolta.

Qual foi o obstáculo à sua fidelidade? Que verdade negligenciaram? Que ato de fé e de adoração recusaram a Deus? *A Igreja e a crônica da história sagrada não o descrevem de maneira definitiva*, mas parece certo que eles não aceitaram que lhes servisse de intermediário o Filho de Deus, e tampouco aceitaram a consagração da natureza humana em Jesus Cristo.

O Verbo Divino, que todas as coisas fez, é também o único mediador e salvador, tanto no Céu como na Terra. O propósito transcendente não foi conferido aos anjos e aos homens senão mediante a previsão da encarnação e méritos do Verbo Divino, porque não há termo de comparação possível entre as obras dos espíritos mais elevados e tal recompensa, que não é senão o próprio Deus. Nenhuma criatura poderia ali chegar sem essa intervenção maravilhosa e sublime da caridade. Ora, para preencher a distância infinita que separa a essência divina da obra criada por suas mãos, era preciso que se reunissem em sua pessoa os dois extremos, associando à sua divindade ou a natureza do anjo, ou a do homem. Deus escolheu a natureza humana.

Tal desígnio, concebido de toda eternidade, foi revelado aos anjos muito tempo antes de sua execução: foi-lhes mostrado o Homem-Deus, no futuro, como aquele que deveria confirmá-los na graça e guiá-los à glória, sob a condição de o adorarem durante sua missão na Terra e no Céu por todo o sempre. Para os corações generosos e agradecidos, que revelação inesperada, que deslumbrante visão – mas que mistério profundo e devastador para os espíritos soberbos! Esse fim transcendente, supernatural, essa carga imensa de glória que lhes era proposta não seria então

unicamente a recompensa por seus méritos pessoais! O título e posse dessa glória não poderiam jamais atribuir a si mesmos! Um mediador entre eles e Deus – que injúria à sua dignidade! E a preferência descabida pela natureza humana – que injustiça, que afronta aos seus direitos! Essa humanidade, que lhes é tão inferior, hão de vê-la então, um dia, divinizada pela sua união com o Verbo, sentada à direita de Deus em resplendente trono? Consentirão em lhe render eternamente sua homenagem e sua adoração?

Lúcifer e um terço dos anjos sucumbiram a tais pensamentos de orgulho e inveja. São Miguel e a maior parte deles exclamaram: “Quem é semelhante a Deus? Ele é mestre de seus dons, soberano Senhor de todas as coisas. Glória a Deus e ao Cordeiro que será imolado para a salvação do mundo!”. Mas o chefe dos rebeldes – esquecendo que sua nobreza e suas prerrogativas eram devidas ao seu Criador – deu ouvidos apenas à sua temeridade e disse: “Sou eu mesmo quem subirá aos Céus, e fixarei minha morada acima dos astros. Sentar-me-ei sobre a montanha da aliança, nos flancos do Aquilão. Dominarei as nuvens mais elevadas, e serei semelhante ao Altíssimo”. Os que partilhavam de seus sentimentos acolheram suas palavras com um murmúrio de aprovação. Havia partidários seus em todas as ordens da hierarquia, mas o seu grande número não os colocou a salvo do castigo.

Essa doutrina suscita várias objeções:

1ª) Se Satã e os demônios eram anjos, eles eram perfeitos. Como, então, sendo perfeitos, puderam fracassar e ignorar a tal ponto a autoridade de Deus, em cuja presença se encontravam? Se houvessem chegado a esse elevadíssimo grau de forma gradual e após percorrer a feira da imperfeição, ainda poderíamos conceber a ocorrência de um lamentável retrocesso. Mas o que torna o relato mais incongruente é que se nos apresentam os demônios como tendo sido criados perfeitos.

2ª) Dado que nem a Igreja nem os anais da história sagrada explicam a causa da revolta dos anjos contra Deus, e que apenas *parece* certo que a causa consistiu em se negarem a reconhecer a missão futura do Cristo, que valor pode ter quadro tão preciso e detalhado da cena que ocorreu na ocasião? De que fonte vieram as palavras tão exatas que teriam sido ditas então, incluindo até mesmo simples murmúrios? De duas uma: ou a cena é verdadeira ou

não. Se é verdadeira, não há nenhuma incerteza – por que então a Igreja não resolveu a questão em definitivo? Se a Igreja e a história se calam, se a causa da revolta apenas *parece* determinada, o relato é apenas uma suposição, e a descrição da cena é fruto da imaginação.¹³⁰

3ª) As palavras atribuídas a Lúcifer demonstram uma ignorância surpreendente num arcanjo que, por sua natureza e pelo grau em que se encontra, não deveria comungar, com relação à estrutura do Universo, dos erros e preconceitos que os homens professaram até que a Ciência os tivesse corrigido. Como poderia Lúcifer cogitar de fixar sua “morada acima dos astros” e “dominar as nuvens mais elevadas”? Isso equivale a perpetuar a antiga crença na Terra como centro do mundo, assim como num céu de nuvens a se estender até as estrelas, que estariam limitadas numa região que formaria a abóbada, quando, de fato, a Astronomia nos mostra estarem as estrelas infinitamente disseminadas no espaço infinito. Como se sabe hoje em dia que as nuvens não se estendem além de duas léguas acima da superfície terrestre, a menção a montanhas ou à possibilidade de sobrepujarem-se as nuvens mais elevadas pressuporia uma cena que se passasse na superfície da Terra, fixando aí a morada dos anjos. Se a morada está nas regiões superiores, seria inútil dizer que se elevaria para além das nuvens. Atribuir aos anjos uma linguagem eivada de ignorância seria admitir que os homens sabem hoje mais sobre o

130. O seguinte texto encontra-se em Isaías 14: 11-17: “Teu orgulho foi precipitado nos infernos. Teu corpo morto caiu por terra. Tua cama verterá podridão, e os vermes serão tua vestimenta. Como caíste do Céu, Lúcifer, tu que parecias tão brilhante ao romper do dia? Como foste arrojado sobre a Terra, tu que ferias as nações com teus golpes; que dizias *no coração*: ‘Subirei aos céus, estabelecerei meu trono acima dos astros de Deus, sentar-me-ei acima das nuvens mais altas e serei igual ao Altíssimo!’. E, todavia, foste precipitado dessa glória no inferno, até o mais fundo dos abismos. Os que te virem, aproximando-se, encarar-te-ão a dizer: ‘Será *este o homem* que turbou a Terra e aterrorizou seus reinos, fazendo do mundo um deserto, que destruiu cidades e reteve acorrentados os que se lhe entregaram prisioneiros?’”. Essas palavras do profeta não se referem à revolta dos anjos, mas são uma alusão ao orgulho e à queda do rei da Babilônia, que mantinha os judeus cativos, como o comprovam os últimos versículos. O rei da Babilônia foi chamado de Lúcifer alegoricamente, não sendo feita aqui menção alguma da cena antes descrita. Essas palavras são do rei que as dizia *em seu coração*, colocando-se, por orgulho, acima de Deus, cujo povo aprisionara. A predição da libertação dos judeus, da ruína da Babilônia e da derrota dos assírios é, ademais, assunto exclusivo desse capítulo. (N. do A.)

assunto do que eles. A Igreja sempre cometeu o erro de não levar em conta os progressos da Ciência.

A resposta à primeira objeção encontra-se na seguinte passagem [da referida carta pastoral do monsenhor Gousset para a Quaresma de 1865]:

As Escrituras e a tradição dão o nome de *Céu* ao lugar em que foram colocados os anjos no momento de sua criação. Mas não seria esse o Céu dos céus, o Céu da visão beatífica, onde Deus se mostra face a face aos seus eleitos, e onde estes últimos O contemplam sem esforços ou preocupações, uma vez que aí não há perigo ou possibilidade de pecar. A tentação e a fraqueza são aí desconhecidas; a justiça, a alegria e a paz aí reinam com inabalável segurança, e a santidade e a glória são inalienáveis. Tratava-se, portanto, de outra região celeste, uma esfera luminosa e afortunada onde essas nobres criaturas eram amplamente favorecidas pelas instruções divinas que deveriam receber e abraçar pela humildade da fé, antes de terem permissão para ver claramente a realidade na essência do próprio Deus.

Resulta do que precede que os anjos decaídos pertenciam a uma categoria menos elevada, menos perfeita, não havendo ainda alcançado o patamar supremo em que o erro é impossível. Pois seja. Mas haveria aqui então uma contradição óbvia, porquanto é dito anteriormente que Deus os criou “fazendo-os *em tudo semelhantes aos sublimes espíritos* que, [...] distribuídos por todas as ordens e disseminados por todas as classes, tinham [...] o mesmo objetivo e destino, sendo seu chefe o mais belo dos arcanjos”. Se foram feitos em tudo semelhantes aos outros anjos, não eram, portanto, de uma natureza inferior. Se estavam disseminados por todas as classes, não estavam num lugar especial. A objeção mantém-se intacta então.

Mas há uma outra objeção – indubitavelmente a mais grave e mais séria – que está relacionada à mediação do Cristo, quando é dito que tal “desígnio, concebido *de toda eternidade*, foi revelado aos anjos muito tempo antes de sua execução”. Deus sabia desde sempre, portanto, que os anjos, assim como os homens, teriam necessidade dessa mediação. Não saberia Deus então que determinados anjos viriam a falir? Que tal queda haveria de lhes acarretar a condenação eterna, sem possibilidade de perdão? Que seriam destinados a tentar os homens, e que, entre estes últimos, os que se deixassem seduzir

sofreriam a mesma sorte? Se Deus de tudo isso sabia, criou então, predestinados à danação eterna – com conhecimento de causa–, uma parcela dos anjos, assim como a maior parte do gênero humano. Diga-se o que se disser, em tal cenário seria impossível conciliar a criação dos anjos e do gênero humano com a soberana bondade. Se Deus não o sabia, não era onipotente. Tanto numa como noutra hipótese, teríamos a negação de dois atributos sem cuja plenitude Deus não seria Deus.

Se admitirmos a falibilidade dos anjos, como também a dos homens, a punição passa a ser uma consequência natural e justa da falta¹³¹. Mas se admitirmos também a possibilidade do resgate através do retorno ao bem e da obtenção do perdão após o arrependimento e a expiação, não haveria nada a desmentir a bondade de Deus. Deus saberia que eles falhariam, que seriam punidos, mas saberia também que esse castigo temporário seria um meio de fazê-los compreender seu erro, revertendo-se em seu próprio benefício¹³². Cumprir-se-iam assim as palavras do profeta Ezequiel: “Deus não quer a morte do pecador, mas a sua salvação”.¹³³ O que representaria a negação dessa bondade seria a inutilidade do arrependimento e a impossibilidade do retorno ao bem. Nesse caso, seria rigorosamente exato dizer que os anjos decaídos, desde a sua criação – visto que Deus não poderia ignorá-lo – foram

131. Essa explicação corresponde ao item 4º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “A punição é sempre a consequência natural da falta cometida (...)”. A punição da falta isolada, ou a transformada em hábito que se torna uma imperfeição, é o sofrimento moral, sensação de infelicidade do espírito consciente da natureza má de seu ato. O estado de infelicidade sendo inerente ao de imperfeição, esse sofrimento cessa quando o espírito arrependido se aperfeiçoa, retornando ao bem. Todo esse processo ocorre de forma natural, em virtude das leis que regem o mundo moral, sem necessidade de uma intervenção divina. (N. do E.)

132. Essa explicação corresponde ao item 8º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “(...) O que Deus exige para pôr fim aos sofrimentos é o arrependimento, a expiação e a reparação – em resumo: um aperfeiçoamento sério, efetivo, assim como um retorno sincero ao bem (...)”. (N. do E.)

133. “Quererei a morte do ímpio? – disse o Senhor Deus. – Não quero antes que se converta, que se retire do mau caminho e que viva?” (Ez 18: 23). Dizei-lhes estas palavras: “Eu juro por mim mesmo, diz o Senhor Deus, que não quero a morte do ímpio, mas *que o ímpio se converta*, que deixe o mau caminho e que viva” (Ez 33:11). (N. do A.)

consagrados ao mal por toda a eternidade e predestinados a tornarem-se *demônios*, de modo a induzir o homem ao mal.

Vejamos agora qual é o seu destino e o que fazem.

Tão logo sua revolta se revelou na linguagem dos espíritos, ou seja, ao primeiro impulso de seus pensamentos, foram eles banidos em definitivo da cidade celeste e lançados no abismo.

Por essas palavras, entendemos que foram lançados num lugar de suplícios, onde sofrem a pena do fogo, conforme o texto do Evangelho, segundo as próprias palavras do Salvador: “Ide, malditos, para o fogo eterno que foi preparado pelo demônio e por seus anjos”.¹³⁴ São Pedro diz expressamente que “Deus os abandonou às cadeias e às torturas do Inferno”,¹³⁵ ainda que nem todos ali permaneçam eternamente, o que somente acontecerá no fim do mundo, quando serão ali presos com os réprobos para sempre. No presente Deus permite ainda que ocupem um lugar nesta criação a que pertencem, na ordem das coisas concernentes à sua existência, nas relações, enfim, que eles deveriam ter com o homem e de que abusam da maneira mais perniciosa. Enquanto uns permanecem em sua tenebrosa morada, aí servindo de instrumento à justiça divina *contra as almas infelizes que seduziram*, uma infinidade de outros formam legiões invisíveis sob o comando de seus chefes, residindo nas camadas inferiores de nossa atmosfera e percorrendo todas as partes do globo. Envolvem-se em tudo o que se passa aqui embaixo, muitas vezes tendo uma participação muito ativa.

No que concerne às palavras do Cristo sobre o suplício do fogo eterno, a questão é tratada no capítulo IV, “O Inferno”.

Segundo essa concepção, apenas uma parte dos demônios está no Inferno, pois a outra erra em liberdade, envolvendo-se em tudo o que se passa aqui embaixo, permitindo-se o prazer de praticar o mal, e isto até o fim do mundo, cuja data incerta provavelmente não deve ocorrer tão cedo. Por que essa diferença? Uns são menos culpados que outros? Decerto que não, a menos que não se revezem em suas saídas, ao contrário do que esta passagem parece su-

134. Mt, 25:41. (N. do T.)

135. 2 Pe, 2:4. (N. do T.)

gerir: “Enquanto uns permanecem em sua tenebrosa morada, aí servindo de instrumento à justiça divina contra as almas infelizes que seduziram”.

Suas funções, portanto, consistem em atormentar *as almas que seduziram*. Os demônios não são, portanto, encarregados de punir as almas culpadas por faltas livre e voluntariamente cometidas, mas pelas faltas que eles mesmos provocaram. São a um só tempo *a causa do erro e o instrumento do castigo*, algo que a justiça humana, por mais imperfeita que seja, jamais admitiria: a vítima sucumbe por fraqueza a um ardil preparado de maneira premeditada para tentá-la, após o que é punida tão severamente quanto o agente provocador que usou de malícia e astúcia, ou até mesmo mais severamente, porquanto, ao deixar a Terra, a vítima vai para o Inferno para não mais daí sair, sofrendo sem trégua ou compaixão por toda a eternidade, enquanto o causador de sua falta inicial desfruta da moratória e da liberdade até o fim dos tempos! Seria então a justiça de Deus menos perfeita que a justiça dos homens?

Isto, porém, não é tudo, pois “Deus permite ainda que ocupem um lugar nesta criação a que pertencem, [...] nas relações [...] que eles deveriam ter com o homem e de que abusam da maneira mais perniciosa”. Poderia Deus ignorar o abuso que fariam da liberdade que lhes concedeu? Por que então haveria Ele de lhes conferir essa liberdade? É, portanto, com conhecimento de causa que Deus entrega suas criaturas à mercê dos demônios, sabendo, em virtude de sua presciência infinita¹³⁶, que elas não resistirão e terão a sorte que estes últimos lhes traçarem. Não são essas criaturas fracas o bastante por si mesmas sem expô-las à incitação ao mal promovida por um inimigo tanto mais perigoso quanto invisível? Ainda se o castigo fosse apenas temporário e se o culpado pudesse redimir-se pela reparação! Mas não: ele estará condenado por toda a eternidade. Seu arrependimento, sua reforma íntima e seu clamor serão inúteis. Assim, os demônios são os agentes provocadores predestinados a recrutar almas para o Inferno, isto com a permissão de Deus, que podia antever, ao criar essas almas, a sorte que lhes estava reservada. O que se diria na Terra de um juiz que assim

136. Essa explicação corresponde ao item 14º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “(...) cai igualmente a objeção tirada da presciência divina. (...) esse castigo temporário é um meio de lhe fazer compreender seu erro e de fazê-la adentrar no bom caminho (...). A razão diz também de qual lado está a verdadeira justiça de Deus.” (N. do E.)

procedesse para povoar as prisões? Estranha ideia nos dão da Divindade, de um Deus cujos atributos são a justiça e a bondade soberanas! E é em nome de Jesus Cristo – daquele que só pregou o amor, a caridade e o perdão – que se ensinam semelhantes ideias! Houve um tempo em que tais anomalias passavam despercebidas, pois não eram compreendidas ou sentidas. O homem então, curvado ao jugo do despotismo, submetia sua razão cegamente, ou melhor, renunciava à sua razão. Mas hoje, tendo soado a hora da emancipação, compreende já o homem a justiça, pela qual anela tanto em vida quanto após a morte. Eis por que assevera: “Não é assim, não pode ser assim, ou Deus não é Deus!”.

O castigo persegue por toda a parte esses seres decaídos e malditos, por toda a parte carregam o próprio Inferno consigo, não têm mais paz nem repouso. Até mesmo as doçuras da esperança transformaram-se-lhes em amargura: a esperança lhes é odiosa. A mão de Deus os abateu no exato momento do ato pecaminoso, obstinando-lhes a vontade no mal – tornados perversos, teimam em sê-lo e o serão para sempre.

Após o pecado, os seres decaídos são o que é o homem após a morte. *A reabilitação deles torna-se, portanto, impossível*, sendo sua perda, a partir de então, irreversível, perseverando eles em seu orgulho perante Deus, em seu ódio contra o Cristo e em sua inveja da humanidade.

Não podendo alcançar a glória celeste por sua desmedida ambição, esforçam-se por estabelecer seu império na Terra, dela banindo o reino de Deus. Apesar disso, o Verbo encarnado cumpriu seus desígnios para a salvação e a glória da humanidade. Por todos os meios consagram-se a tomar ao Cristo as almas por ele resgatadas: a astúcia e a intromissão, a mentira e a sedução – de tudo se valem para arrastá-las ao mal e à completa ruína.

Com tais inimigos, a vida do homem, do berço ao túmulo, só pode ser – infelizmente! – uma luta sem tréguas, porquanto são eles poderosos e infatigáveis.

Esses inimigos são efetivamente os mesmos que, após haverem introduzido o mal no mundo, vieram para envolvê-lo nas densas trevas do erro e do vício; aqueles que, durante longos séculos, fizeram-se adorar como deuses, reinando, soberanos, sobre os povos da Antiguidade; aqueles, enfim, que ainda hoje exercem seu domínio tirânico sobre os meios idólatras, fomentando a desordem e o escândalo até no seio das sociedades cristãs.

Para avaliar todos os recursos de que dispõem a serviço de sua maldade, basta observar que *nada perderam das prodigiosas faculdades que são o apanágio da natureza angélica*. Sem dúvida, o futuro e sobretudo o sobrenatural possuem mistérios que Deus reservou para Si e que eles não podem descobrir. Sua inteligência, porém, é muito superior à nossa, porque depreendem, num piscar de olhos, dos efeitos as causas, e vice-versa. Tal argúcia lhes permite predizer acontecimentos que escapam a nossas conjecturas. A distância e a variedade de lugares desaparecem ante sua agilidade. Mais velozes que o relâmpago e o pensamento, eles acham-se quase instantaneamente sobre os diversos pontos do globo, sendo capazes de descrever eventos que testemunham remotamente, no momento exato em que ocorrem.

As leis gerais pelas quais Deus rege e governa o Universo estão além de seu alcance, não podendo, portanto, derogá-las e, conseqüentemente, predizer ou operar milagres verdadeiros. Possuem, no entanto, o dom de imitar e falsificar, até certo ponto, as obras divinas. Sabem quais fenômenos resultam da combinação dos elementos, podendo predizer com segurança aqueles que acontecem naturalmente, assim como os que eles mesmos podem produzir. Daí os numerosos oráculos e sortilégios extraordinários registrados nos livros sagrados e profanos, e que serviram de base e de alimento a todas as superstições.

A substância simples e imaterial de que são feitos impede que os vejamos. Estão ao nosso lado sem serem percebidos. Tocam nossa alma sem causar impressão a nossos ouvidos. Acreditamos obedecer aos nossos pensamentos quando, em verdade, cedemos às suas tentações e à sua funesta influência. Nossas intenções, em contrapartida, são de seu conhecimento pelas impressões despertadas em nós, atacando-nos, em geral, pelo nosso lado mais fraco. Para nos seduzir mais efetivamente, costumam preparar-nos ardis e sugestões em linha com nossas inclinações. Modificam sua ação conforme as circunstâncias e os traços característicos de cada temperamento. Suas armas favoritas, contudo, são a mentira e a hipocrisia.

Afirma-se que o castigo os segue por toda a parte, que não têm mais paz nem repouso. Isto, no entanto, não invalida a observação feita sobre a regalia de que desfrutam aqueles que não se encontram no Inferno, tanto menos justificável porquanto, estando fora do Inferno, praticam ainda o mal. Sem

dúvida, não são felizes como os anjos bons, mas não se deve levar em conta a liberdade de que desfrutam? Se não desfrutam da felicidade moral que a virtude confere, são indiscutivelmente menos infelizes que seus cúmplices nas chamas infernais. Ademais, para os maus, existe sempre um certo prazer na liberdade de praticar o mal. Pergunte-se a um criminoso se lhe é indiferente estar na prisão ou correr pelo mundo afora cometendo seus crimes à vontade. O caso é exatamente o mesmo.

Afirma-se igualmente que o remorso os persegue sem trégua ou piedade. Mas esquecem que o remorso é o precursor imediato do arrependimento, quando não o próprio arrependimento. Afirma-se igualmente que eles, “tornados perversos, *teimam em sê-lo e o serão para sempre*”. Uma vez que se obstinam na perversidade, é porque não têm remorso, e se o tivessem no menor grau, renunciariam ao mal e pediriam perdão. O remorso não constitui para eles, portanto, castigo algum.

“Após o pecado, os seres decaídos são o que é o homem após a morte. A reabilitação deles torna-se, *portanto*, impossível.” De onde vem essa impossibilidade? Não se compreende que seja consequência da sua semelhança com o homem após a morte, proposição que não é, aliás, muito clara. Essa impossibilidade viria de sua própria vontade ou da de Deus? Se da vontade dos demônios, tal fato denotaria uma perversidade extrema, um endurecimento absoluto no mal, não se compreendendo como seres tão profundamente perversos pudessem ter estado um dia entre os *anjos de virtude*, e que, durante o tempo *imensurável* que conviveram com estes últimos, não tenham demonstrado um indício sequer de sua natureza perversa. Se a impossibilidade do retorno ao bem for vontade de Deus, compreende-se ainda menos que Ele a imponha como castigo após uma primeira falta. O Evangelho nada diz de semelhante.

Acrescenta-se ainda que, “sendo sua perda, a partir de então, irreversível”, perseveram “eles em seu orgulho perante Deus”. De que lhes serviria não perseverarem no orgulho se todo arrependimento é inútil? Se tivessem ao menos uma esperança de reabilitação, qualquer que fosse o preço, o bem ter-lhes-ia uma utilidade. Mas assim não acontece. Se perseveram no mal é porque se lhes cerraram as portas da esperança. E por que Deus assim o faz? Para vingar-se da ofensa da insubmissão. Desse modo, a fim de aplacar seu ressentimento contra alguns culpados, prefere Deus não somente vê-los a sofrer,

mas a praticar o mal em vez do bem, e a induzir todas as criaturas do gênero humano ao mal, arrastando-as à perdição eterna, quando bastaria um simples ato de clemência para evitar tão grande desastre, previsto, aliás, de toda a eternidade! Representaria esse ato de clemência pura e simplesmente uma graça, um privilégio que pudesse servir de encorajamento ao mal? Não, seria apenas um perdão condicional, subordinado ao sincero retorno ao bem. Entretanto, em vez de uma palavra de esperança e misericórdia, descreve-se Deus a dizer: “Que pereça toda a raça humana antes que deixe de vingar-me!”. Admiram-se ainda que haja incrédulos e ateus diante de semelhante doutrina! É assim que Jesus nos apresenta seu Pai? Ele – que nos legou expressamente a lei do esquecimento e do perdão das ofensas, que nos diz para pagar o mal com o bem, que estabeleceu o amor aos inimigos como a primeira entre as virtudes que nos conduzem ao Céu – exigiria, então, que os homens fossem melhores, mais justos e mais misericordiosos que o próprio Deus?

Segundo o Espiritismo, nem os anjos nem os demônios são seres à parte, já que a criação dos seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, eles constituem a humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas. Libertos desses corpos, constituem o mundo espiritual ou dos espíritos que povoam os Espaços. Deus os criou perfectíveis, dando-lhes por meta a perfeição e a felicidade que desta advém, mas não lhes deu a perfeição. Quis Deus que a atingissem pelo esforço pessoal, a fim de ter o mérito de sua conquista. Os seres progredem desde o momento de sua criação, seja encarnados ou no estado espiritual¹³⁷. Chegados ao apogeu, tornam-se *espíritos puros*, ou *anjos*, segundo a expressão vulgar, de sorte que, do embrião do ser inteligente até o anjo, há uma cadeia ininterrupta em que cada elo assinala um passo na escala do progresso.

Daí resulta existirem espíritos em todos os graus de adiantamento moral e intelectual, conforme a posição que ocupam na escala. Há, portanto, espíritos

137. As crenças heterônomas das religiões ancestrais afirmam a falsa ideia de que as almas foram criadas por Deus perfeitas em sabedoria e virtude. O mal se daria pelo pecado e ocasionaria a queda no mundo, onde as vicissitudes seriam castigos divinos. Assim, a humanidade inteira estaria nessa condição. Tudo muda com a teoria moral autônoma do Espiritismo, onde todas as almas são criadas simples, ignorantes e perfectíveis, a felicidade é a meta, e o mal, quando existe, é temporário, sendo superado pelo esforço. (N. do E.)

em todos os graus de sabedoria e ignorância, de bondade e maldade. Nas classes inferiores há os que ainda são profundamente inclinados ao mal, comprazendo-se nele. Caso queiramos, podemos chamá-los de *demônios* porque são capazes de todas as transgressões atribuídas a estes últimos. Se o Espiritismo não os denomina assim, é porque tal nome se prende à ideia de seres distintos da humanidade, de uma natureza essencialmente perversa, consagrados ao mal por toda a eternidade, incapazes de progredir na direção do bem.

Segundo a doutrina da Igreja, os demônios foram criados bons e tornaram-se maus por sua desobediência: são os anjos decaídos. Foram colocados por Deus no alto da escala, e desceram. Segundo o Espiritismo, são espíritos imperfeitos, mas que progredirão. Ainda estão na parte inferior da escala, mas não de se elevar.

Nos primeiros estágios de sua existência, os espíritos estão sujeitos à encarnação material, que é necessária ao seu desenvolvimento, até que tenham chegado a um certo grau. O número das encarnações é indeterminado, e subordina-se à rapidez do progresso, que ocorre na razão direta do trabalho e da boa vontade do espírito, que age sempre em função de seu livre-arbítrio¹³⁸. Aqueles que, por sua incúria, negligência, obstinação ou má vontade permanecem mais tempo nas classes inferiores, sofrem disso as conseqüências, e o hábito do mal dificulta-lhes a saída desse estado. Um dia, porém, cansam-se dessa existência penosa e dos sofrimentos daí decorrentes. É então que, ao comparar sua situação à dos bons espíritos, compreendem que seu interesse está no bem, procurando então melhorar-se, mas o fazem por vontade própria, sem que a isso sejam forçados¹³⁹. *Estão submetidos à lei do progresso por*

138. Nas crenças reencarnacionistas heterônomas, a encarnação é sempre imposta para o espírito culpado que errou, a vida humana é em todo caso um castigo, e a reencarnação seria para os reincidentes no mal (carma). Na teoria espírita, por sua vez, a reencarnação é uma necessidade natural para o desenvolvimento do espírito, que é perfectível. Primeiro, as vicissitudes desenvolvem a inteligência racional para conquistar os valores materiais. Depois, surgem as necessidades morais. Por fim, paz e felicidade se estabelecerão no mundo, com a revolução moral da humanidade. (N. do E.)

139. Essa explicação corresponde ao item 11º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que neste trecho afirma: “Tendo sempre o espírito seu livre-arbítrio, seu aperfeiçoamento é por vezes muito lento e sua obstinação no mal muito tenaz. (...)”

conta de sua aptidão a progredir, mas não o fazem contra a própria vontade. Fornece-lhes Deus incessantemente os meios de progredir, mas são livres para se aproveitarem destes ou não. Se o progresso fosse obrigatório, nenhum mérito os espíritos teriam, e Deus quer que tenham todos o mérito de suas obras, não privilegiando ninguém com o primeiro lugar, posto franqueado a todos, mas que o alcançam somente através dos próprios esforços¹⁴⁰. Os anjos mais elevados conquistaram sua posição percorrendo, como os demais, a rota comum. Todos, do topo à base, pertenceram ou pertencem ainda à humanidade.

Os homens são, assim, espíritos encarnados mais ou menos adiantados, e os espíritos são as almas dos homens que deixaram seu invólucro material. A vida espiritual é a vida normal do espírito. O corpo não é senão uma vestimenta temporária, apropriada às funções que devem exercer na Terra, tal como o guerreiro veste a armadura e a cota de malha para o momento do combate, delas despindo-se após a batalha, para eventualmente vesti-las de novo quando chegada a hora de uma nova luta. A vida corporal é o combate que os espíritos devem enfrentar para avançar, para o que se revestem dessa armadura que é para eles ao mesmo tempo um instrumento de ação, mas também um embaraço¹⁴¹.

mas chega sempre um momento no qual sua teimosia em enfrentar a justiça de Deus se dobra diante do sofrimento”. A moral espírita define-se pela autonomia, assim o aperfeiçoamento do espírito é somente pelo esforço da sua vontade, nunca por coerção. (N. do E.)

140. Essa explicação corresponde ao item 21º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “Mais tarde, outra encarnação lhe é dada, e por vezes *imposta*, para a expiação e reparação por meio de novas provas”. Uma nova encarnação é sempre decorrência natural e inevitável da lei do progresso, mas o melhorar-se é invariavelmente um ato da vontade livre. Assim, define Kardec: “*estão submetidos à lei do progresso por conta de sua aptidão a progredir, mas não o fazem contra a própria vontade*”. Ou seja, ainda que a reencarnação seja *imposta* pela inevitabilidade da lei do progresso, o aperfeiçoamento é sempre voluntário. (N. do E.)

141. Sendo a vida espiritual a principal do espírito humano, a felicidade não está nos prazeres e alegrias terrenos, mas na conquista da sabedoria e virtude da alma. inverte-se a expectativa do mundo, que vê a infelicidade como privação dos bens terrenos: “Ora, tudo o que se chama infelicidade, segundo as acanhadas vistas humanas, cessa com a vida corporal e encontra a sua compensação na vida futura. Vou revelar-vos a infelicidade sob uma nova forma, sob a forma bela e florida que acolheis e desejais

Ao encarnarem, os espíritos trazem suas qualidades inerentes. Os espíritos imperfeitos constituem, portanto, os homens imperfeitos; aqueles mais adiantados, bons, inteligentes, instruídos, são os homens *instintivamente* bons, inteligentes e aptos a adquirir com facilidade novos conhecimentos. Da mesma forma, os homens, ao morrer, fornecem ao mundo espiritual espíritos bons ou maus, adiantados ou atrasados. O mundo corporal e o mundo espiritual suprem-se assim constantemente um ao outro.

Entre os maus espíritos há os que têm toda a perversidade dos demônios, aos quais pode-se aplicar perfeitamente a imagem que se faz desses últimos. Quando encarnados, constituem os homens perversos e astuciosos que se comprazem no mal, parecendo criados para a desgraça de todos os que são atraídos para sua intimidade, e dos quais pode-se dizer – sem que isso constitua ofensa – que são demônios encarnados.

Tendo alcançado um certo grau de purificação, os espíritos recebem missões compatíveis com seu adiantamento, desempenhando dessa forma todas as funções atribuídas aos anjos de diferentes ordens. Como Deus criou desde sempre, também desde sempre houve espíritos suficientes para atender a todas as necessidades do governo do Universo. Uma só espécie de seres inteligentes, submetidos à lei do progresso, é, portanto, suficiente para tudo. Essa unidade na criação, juntamente à ideia de que todos têm uma mesma origem comum, o mesmo caminho para percorrer, e que se elevam todos por seu mérito próprio, corresponde muito melhor à justiça de Deus do que à criação de espécies diferentes, mais ou menos favorecidas por dons naturais, equivalentes a privilégios.

A doutrina usual acerca da natureza dos anjos, dos demônios e das almas humanas, não admitindo a lei do progresso, mas constatando a existência de seres de diversos graus de evolução, chegou à conclusão de que seriam eles o produto de criações igualmente especiais. Fez-se de Deus, assim, um pai parcial, tudo concedendo a alguns de seus filhos, enquanto a outros impunha

com todas as veras de vossas almas iludidas. A infelicidade é a alegria, é o prazer, é o tumulto, é a vã agitação, é a satisfação louca da vaidade, que fazem calar a consciência, que comprimem a ação do pensamento, que atordoam o homem com relação ao seu futuro. A infelicidade é o ópio do esquecimento que ardentemente procurais conseguir” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, item 24). (N. do E.)

o trabalho mais rude. Não é de admirar que, durante muito tempo, os homens nada tenham visto de chocante em tais preferências, porquanto procediam também eles da mesma forma com relação aos seus próprios filhos, ao estipular o direito de primogenitura e outros privilégios do nascimento. *Podiam tais homens acreditar que estivessem mais errados que Deus?* Alargando-se hoje, porém, o círculo das ideias, pode o homem ver mais claramente e ter noções mais exatas da justiça. Almejando esta última para si mesmo e nem sempre a encontrando na Terra, espera, ao menos, encontrá-la mais perfeita no Céu. Eis por que lhe contraria a razão qualquer doutrina em que a justiça divina não lhe seja mostrada com pureza integral¹⁴².

142. Com a teoria moral autônoma espírita, deixam de ter qualquer sentido os prejulgamentos, privilégios, orgulho, egoísmo, fanatismo, incredulidade, próprios do mundo velho. A competição, que destaca os mais capazes, demonstra-se injusta, devendo ser substituída pela cooperação que integra solidariamente a todos. Os recursos da educação devem ser investidos mais amplamente entre as almas mais simples, para que participem ativamente da sociedade. Por esse caminho, a humanidade encontrará a felicidade: “O homem é solidário do homem. É em vão que procura o complemento do seu ser, quer dizer, a felicidade em si mesmo ou naquilo que o cerca isoladamente: ele não pode encontrá-lo senão no HOMEM ou na Humanidade. Não fazeis, pois, nada para ser pessoalmente felizes, enquanto a infelicidade de um membro da Humanidade, de uma parte de vós mesmos, possa vos affigir” (*Revista Espírita*, março de 1867, “A solidariedade”). Veja também em *A Gênese*, cap. XVIII, *Os tempos são chegados*.

CAPÍTULO XI

Intervenção dos demônios nas manifestações modernas

Os fenômenos espíritas modernos têm atraído a atenção para fatos análogos que ocorreram ao longo de todas as épocas, nunca tendo sido os registros históricos mais investigados com relação ao assunto do que nestes últimos tempos. Da similitude dos efeitos, inferiu-se a unicidade da causa. Como acontece com todos os fatos extraordinários cuja origem é desconhecida, a ignorância enxergou neles uma causa sobrenatural, e a superstição os amplificou, acrescentando-lhes credências absurdas. Daí o grande número de lendas que, em sua maioria, são uma mistura de um pouco de verdade e muito de fantasia.

Por terem predominado por tanto tempo, as doutrinas sobre o demônio exageraram de tal forma o poder deste último que levaram, por assim dizer, ao esquecimento de Deus. Por isso é que se atribuiu ao demônio tudo o que parece estar acima da capacidade humana. Por toda a parte surgia o dedo de Satanás: as melhores coisas, as descobertas mais úteis – principalmente todas aquelas que poderiam tirar o homem da ignorância, ampliando seu círculo de ideias – foram várias vezes consideradas obras diabólicas. Os fenômenos espíritas dos dias atuais – mais numerosos e bem observados, sobretudo com o apoio da razão e dos dados científicos – confirmaram, de fato, a intervenção de inteligências ocultas, mas que agem sempre dentro dos limites das leis naturais, revelando, por sua ação, uma nova força e leis até então desconhecidas. A questão reduz-se, assim, em saber de que ordem são tais inteligências.

Enquanto não havia acerca do mundo espiritual senão noções vagas e dogmáticas, os equívocos eram possíveis. Hoje, porém, que observações ri-

gorosas e estudos experimentais trouxeram esclarecimento sobre a natureza, origem e destino dos espíritos, assim como sobre seu papel no Universo e seu modo de ação, a questão se explica através dos fatos. Sabe-se agora que essas inteligências são as almas dos que viveram na Terra¹⁴³. Sabe-se também que as diversas categorias de espíritos bons e maus não constituem seres de espécies diferentes, mas que apenas constituem *diversos graus de adiantamento*. Conforme a posição que ocupam, em virtude de seu desenvolvimento intelectual e moral, os espíritos que se manifestam apresentam características muito discrepantes, o que não os impede de terem saído da grande família humana, assim como o selvagem, o bárbaro e o homem civilizado.

Sobre os demônios, assim como sobre muitas outras questões, a Igreja mantém suas velhas crenças, dizendo: “Temos princípios que não se modificam há dezoito séculos, porque são imutáveis”. Seu erro é precisamente o de não levar em conta o progresso das ideias, e de considerar Deus muito pouco sábio, a ponto de não promover a sua revelação de maneira proporcional ao desenvolvimento da inteligência, utilizando-se da mesma linguagem com os homens primitivos e com os homens adiantados. Se, a despeito do avanço da humanidade, persiste a religião em apegar-se aos velhos desacertos, tanto em matéria espiritual quanto nas questões científicas, cedo ou tarde ela será devastada pela incredulidade.

Eis como a Igreja explica a intervenção exclusiva dos demônios nas manifestações modernas:¹⁴⁴

Em suas intervenções exteriores, os demônios também procuram dissimular sua presença, de modo a afastar suspeitas. Sempre ardilosos e pérfidos,

143. Coerente com o cenário cultural de seu tempo, Allan Kardec aplicou os métodos e os estudos dos fatos do espírito humano segundo a psicologia experimental espiritualista e as ciências filosóficas vigentes, desde 1830, nas universidades e liceus da França. O ser humano era considerado pela psicologia da época como “alma encarnada”, expressão de Maine de Biran, e o Espiritismo demonstra-o, enquanto espírito, como “alma desencarnada”. Veja mais sobre o tema na obra *Tratado de Philosophia elementar*, volume 1 e 2, por Paul Janet. (N. do E.)

144. As citações deste capítulo foram extraídas da mesma carta pastoral citada no capítulo anterior, constituindo sua continuação e dispondo da mesma autoridade. (N. do A.)

atraem o homem para suas armadilhas, antes de impor-lhe os grilhões da opressão e da servidão. Aqui despertam-lhe a curiosidade para fenômenos e jogos pueris; ali suscitam-lhe a admiração e subjugam-no pelo encanto do maravilhoso. Se surge o sobrenatural e seu poder os desmascara, acalmam e apaziguam as apreensões, solicitando a confiança e estimulando a familiaridade. Ora apresentam-se como divindades e gênios benfazejos, ora apropriam-se dos nomes e mesmo das características de mortos cuja lembrança perdura entre os vivos. Graças a fraudes dignas da antiga serpente, falam e são ouvidos, proclamam dogmas que são aceitos, adicionam algumas verdades às suas mentiras, disseminando o erro sob todas as formas. É aí que aparecem as pretensas revelações de além-túmulo. Para chegar a esse resultado é que a madeira, a pedra, as florestas, as fontes, o santuário dos ídolos, o pé da mesa e a mão da criança convertem-se em oráculos. Assim é que a pitonisa profetiza em seu delírio, e que o ignorante, em misterioso sono, torna-se repentinamente um doutor da ciência. Enganar e perverter – tal é, em toda a parte e em todos os tempos, o objetivo final dessas estranhas manifestações.

Os resultados surpreendentes de tais práticas e atos, bizarros e ridículos em sua maioria, não podendo proceder de sua virtude intrínseca nem *da ordem estabelecida por Deus*, só se pode esperá-los do concurso de forças ocultas. Tais são, notadamente, os fenômenos extraordinários obtidos em nossos dias através dos procedimentos aparentemente inofensivos do magnetismo e do órgão inteligente das mesas falantes. Por meio desses trabalhos da magia moderna, vemos reproduzirem-se entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, as *curas* e as mágicas que ilustraram os templos dos ídolos e os antros das sibilas. Como outrora, ordena-se à madeira, e esta obedece; interrogada, responde ela em todas as línguas e sobre todas as questões. Encontramo-nos em presença de seres invisíveis que usurpam os nomes dos mortos, e cujas pretensas revelações são marcadas pela contradição e pela mentira; formas leves e sem consistência aparecem repentinamente, mostrando-se dotadas de uma força sobre-humana.

Quais são os agentes secretos desses fenômenos, os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam esses papéis indignos, e não se prestariam aos caprichos da curiosidade vã. As almas dos mortos, cuja evocação é proibida por Deus, permanecem no lugar que lhes designa

a sua justiça, não podendo, sem sua permissão, colocarem-se à disposição dos vivos. Os seres misteriosos que atendem ao primeiro chamado do herético e do ímpio assim como ao do crente, ao chamado do crime como ao da inocência, não são nem enviados de Deus, nem apóstolos da verdade e da salvação, mas os prepostos do erro e do Inferno. Apesar dos cuidados que tomam, escondendo-se sob os mais veneráveis nomes, traem-se tanto pelo vazio de suas doutrinas, quanto pela baixeza de seus atos e a incoerência de suas palavras. Empenham-se para apagar do símbolo religioso os dogmas do pecado original, da ressurreição dos corpos, *da eternidade das penas* e toda a revelação divina, a fim de subtrair às leis sua verdadeira sanção, abrindo todas as portas ao vício. Se suas sugestões pudessem prevalecer, formariam uma religião cômoda, para o uso do socialismo e de todos aqueles a quem incomoda a noção do dever e da consciência. A incredulidade do nosso século preparou-lhes os caminhos. Que as sociedades cristãs, através do retorno sincero à fé católica, possam escapar do perigo dessa nova e assustadora invasão!

Toda essa teoria baseia-se no princípio de que os anjos e os demônios são seres distintos das almas dos homens, e que estas são o produto de uma criação especial, até mesmo inferior aos demônios em inteligência, em conhecimentos e em faculdades de todos os tipos. A teoria conclui pela intervenção exclusiva dos anjos maus, tanto nas antigas quanto nas manifestações modernas atribuídas aos espíritos dos mortos. A possibilidade de as almas se comunicarem com os vivos é uma questão de fato, um resultado da experiência e da observação que não discutiremos aqui. Mas admitamos por hipótese a distinção acima, supondo que somente os seres de natureza angélica pudessem se manifestar, sem que o possam fazer as almas humanas, e vejamos se é racional conceder esse privilégio aos demônios, se esta última opinião concorda com os fatos, e se ela não é contestada pela própria doutrina relativa à natureza e às atribuições dos anjos.

Das três categorias de anjos, uma se ocupa exclusivamente do Céu, uma outra do governo do Universo, e a terceira está encarregada da Terra, encontrando-se nesta última os anjos guardiães, encarregados da proteção de cada indivíduo. Somente uma parte dos anjos desta última categoria participou da revolta e foi transformada nos demônios. Se Deus permitiu-lhes induzir

o homem à perdição através de todos os tipos de sugestão e de manifestação visível, por que Ele, que é soberanamente justo e bom, teria concedido a eles o imenso poder de que dispõem e a liberdade de que fazem um uso tão nocivo, sem também permitir aos anjos bons que lhes fizessem contraposição através de manifestações correspondentes, dirigidas ao bem? Admitamos que Deus tenha dado igual poder aos bons e aos maus, o que já seria um favor exorbitante em benefício destes últimos: o homem seria ao menos livre para escolher. Mas dar aos demônios o monopólio da tentação, com a capacidade de simular o bem a ponto de conseguir enganar, seduzindo, assim, com mais efetividade, seria preparar uma verdadeira cilada para a fraqueza dos homens, sua inexperiência e a sua boa-fé. Dizemos mais: seria como se Deus abusasse da confiança que se Lhe deposita. A razão se recusa a admitir uma tal parcialidade em proveito do mal. Vejamos os fatos.

Outorgam-se aos demônios as faculdades transcendentais. Eles nada perderam de sua natureza angélica: possuem o saber, a perspicácia, a previdência e a clarividência dos anjos, além de astúcia, sagacidade e manha no mais alto grau. Seu objetivo é desviar o homem do bem e, sobretudo, afastá-lo de Deus, arrastando-o ao Inferno, do qual são provedores e aliciadores. Compreende-se que os demônios se dirijam àquele que está na estrada da virtude, fora de alcance, portanto, se este se mantiver no bom caminho; compreende-se que usem da sedução e da simulação do bem para atraí-lo às suas feiras. O que é incompreensível, no entanto, é que eles se dirijam àquele que já lhes pertence, de corpo e alma, para reconduzi-lo a Deus e ao bem. Ora, quem estará mais nas garras dos anjos demoníacos do que aquele que blasfema contra Deus, que O renega, mergulhado no vício e na desordem das paixões? Já não estará este último no caminho do Inferno? Como explicar que o demônio, já exitoso na captura de sua presa, a exorte a orar a Deus, a submeter-se à sua vontade, a renunciar ao mal? Que ainda enalteça aos olhos de sua vítima a ventura da vida dos espíritos bons, descrevendo-lhes a apavorante posição dos maus? Acaso já se viu um comerciante tecer, para seus clientes, elogios da mercadoria de seu vizinho em prejuízo da sua, incentivando-os a comprar do concorrente? Ou então um encarregado do alistamento militar depreciar a vida na caserna enquanto louva a tranquilidade da vida doméstica? Dizer aos recrutas que terão uma vida de fadiga e privação e que, caso escapem da morte quase certa, terão, no mínimo, braços e pernas decepados? É este, no

entanto, o papel de parvo que se atribui ao demônio, pois é fato notório que, por conta das instruções emanadas do mundo invisível, veem-se diariamente incrédulos e ateus reconduzidos a Deus e orando com fervor – algo que jamais haviam feito – ou ainda as vítimas dos vícios trabalhando com afinco para se melhorarem. Imaginar que isso seja o resultado das artimanhas do demônio é fazer dele um completo tolo. Ora, como não se trata aqui de uma suposição, mas do resultado da experiência, e como contra um fato não há argumentação possível, é preciso concluir que o demônio é essencialmente um desastrado de primeira linha, que não é nem tão astucioso ou maligno como se imagina, e, por conseguinte, nem tão temível quanto se afirma, já que trabalha contra seus próprios interesses – ou ainda que nem todas as manifestações provêm dele.

Afirma-se ainda que, no âmbito das manifestações, os demônios trabalham “disseminando o erro sob todas as formas” e que para “chegar a esse resultado é que a madeira, a pedra, as florestas, as fontes, o santuário dos ídolos, o pé da mesa e a mão da criança convertem-se em oráculos”.

Assim sendo, seria preciso questionar o valor das seguintes palavras do Evangelho: “Derramarei meu espírito sobre toda a carne. Vossos filhos e filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. Nesses dias, derramarei meu espírito sobre meus servidores e servidoras, e eles profetizarão” (At, 2:17-18). Não temos aí a predição da mediunidade concedida a todos, mesmo às crianças, que se realiza em nossos dias? Teriam os apóstolos anatematizado essa faculdade? Ao contrário, proclamaram-na como uma graça de Deus, e não como obra do demônio. Terão os teólogos de hoje maior autoridade sobre a questão do que os apóstolos? Não deveriam ver o dedo de Deus no cumprimento de tais palavras?

Alega-se mais além que, “por meio desses trabalhos da *magia moderna*, vemos reproduzirem-se entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, as *curas* e as mágicas que ilustraram os templos dos ídolos e os antros das sibilas”.

Onde se encontram os trabalhos de magia nas evocações espíritas? Houve tempo em que se podia crer na eficácia de tais ações, mas elas são hoje ridículas. Ninguém mais nelas crê, e o Espiritismo as condena. Quando floresceu a magia, tinha-se apenas uma ideia muito imperfeita da natureza dos espíritos, que eram vistos como seres dotados de um poder sobre-humano. Ninguém os evocava senão para deles obter os favores da sorte e da fortuna, a descoberta de

tesouros, a revelação do futuro, ou a formulação de poções, ainda que à custa da própria alma. Presumia-se que a magia – por intermédio de seus símbolos, fórmulas e práticas cabalísticas – pudesse fornecer pretensos segredos para a realização de prodígios e constranger os espíritos a se submeterem às ordens dos homens, satisfazendo-lhes os desejos. Sabemos hoje que os espíritos nada mais são que as almas dos homens, evocando-se apenas para receber os conselhos dos bons, para corrigir os imperfeitos e para continuar as relações com os seres que nos são caros. Vejamos o que diz o Espiritismo a esse respeito.

– Não há meio algum de obrigardes um espírito a atender a uma evocação contra a sua vontade, se for ele, do ponto de vista moral, igual ou superior a vós, porquanto não tereis nenhuma autoridade sobre ele. Se for inferior, podereis fazê-lo, *se for para o seu bem*, porque então outros espíritos virão em vosso auxílio. (*O Livro dos Médiuns*, segunda parte, cap. XXV.)

– Quando desejamos tratar com espíritos sérios, a mais essencial de todas as disposições para as evocações é o recolhimento. Com *a fé e o desejo do bem*, mais aptos ficamos para evocar os espíritos superiores. Elevando nossa alma por alguns instantes de recolhimento no momento da evocação, identificamo-nos com os bons espíritos e os predispomos a vir. (*O Livro dos Médiuns*, segunda parte, cap. XXV.)

– Nenhum objeto, medalha ou talismã, tem a propriedade de atrair ou de repelir os espíritos, porquanto a matéria nenhuma ação exerce sobre eles. Jamais um bom espírito recomenda tais absurdos. O poder dos talismãs existe apenas na imaginação de pessoas crédulas. (*O Livro dos Médiuns*, segunda parte, cap. XXV.)

– Não há fórmulas sacramentais para a evocação dos espíritos. Quem ousa indicar tais fórmulas pode ser veementemente tachado de charlatanismo, uma vez que a forma nenhum valor tem para os espíritos. Todavia, deve-se fazer a evocação sempre em nome de Deus. (*O Livro dos Médiuns*, segunda parte, cap. XVII.)

– Os espíritos que estipulam lugares lúgubres e horas inconvenientes para encontros são espíritos que se divertem à custa dos que os escutam. É sempre inútil e frequentemente perigoso ceder a tais sugestões. Inútil porque não se consegue absolutamente nada com tal mistificação; perigoso, não pelo mal que os espíritos podem fazer, mas pela influência que isso pode exercer sobre cérebros fracos. (*O Livro dos Médiuns*, segunda parte, cap. XXV.)

– Não há dias ou horas particularmente mais propícios às evocações, sendo essa questão completamente indiferente aos espíritos, assim como tudo o que é material – crer em tal influência seria uma *superstição*. Os momentos mais favoráveis são aqueles em que o evocador pode estar menos distraído pelas suas ocupações habituais, em outras palavras, em que seu corpo e seu espírito encontram-se mais calmos. (*O Livro dos Médiuns*, segunda parte, cap. XXV.)

– A crítica mal-intencionada tem-se comprazido em descrever as comunicações espíritas como sendo cercadas das práticas caricatas e supersticiosas da magia e da necromancia. Se aqueles que falam do Espiritismo sem conhecimento de causa procurassem estudar o assunto sobre o qual pretendem emitir opinião, poupar-se-iam das elucubrações e alegações que servem apenas para atestar sua ignorância e má vontade. Para o esclarecimento das pessoas estranhas à ciência espírita, diremos que não há dia, hora ou lugar mais particularmente favorável para a comunicação com os espíritos; que para evocá-los não são necessárias fórmulas, palavras sacramentais ou cabalísticas; que não se requer tipo algum de preparo ou iniciação; que é inútil o emprego de qualquer sinal ou objeto material para atraí-los ou repeli-los, sendo o pensamento suficiente para tanto; e, finalmente, que os médiuns recebem suas comunicações, sem sair de seu estado normal, tão simplesmente e naturalmente como se fossem as comunicações ditadas por uma pessoa viva. Somente o charlatanismo poderia propor ritos excêntricos e incluir acessórios ridículos. (*O que é o Espiritismo*, cap. II, n° 49.)

– Em princípio, o futuro deve permanecer oculto ao homem, sendo apenas em casos raros e excepcionais que Deus permite-lhe a revelação. Se conhecesse o futuro, o homem negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade, porque seria então dominado pela ideia de que, se uma coisa deve acontecer, não há por que se ocupar dela, ou então trataria de obstá-la. Deus não quis que assim fosse, a fim de que cada um concorresse para a realização das coisas, mesmo daquelas a que se desejaria opor. Deus permite a revelação do futuro quando esse conhecimento prévio deve facilitar a realização de algum evento, em vez de impedi-lo, induzindo uma ação diversa da que se promoveria sem tal conhecimento. (*O Livro dos Espíritos*, terceira parte, cap. X.)

– É possível que um espírito preveja questões que julgue útil revelar, ou de cuja revelação esteja encarregado. Há, porém, razão maior para que se desconfie da possibilidade de se tratar de um espírito impostor, que se divirta em

fazer falsas predições. Somente o conjunto das circunstâncias é que nos pode fazer apreciar o grau de confiança que merecem tais previsões¹⁴⁵. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI.)

– Os espíritos não nos podem guiar nas pesquisas científicas e descobertas. A Ciência é obra do talento, adquirida somente pelo trabalho, porque é somente pelo trabalho que o homem avança em seu caminho. Que mérito teríamos se, para qualquer coisa saber, tivéssemos apenas que interrogar os espíritos? A esse preço, todo tolo poderia tornar-se um sábio. O mesmo se dá com as invenções e descobertas da indústria. Há ainda uma outra consideração a ser feita; cada coisa deve vir a seu tempo, e apenas quando as ideias estão maduras para a sua chegada; se tivesse o homem tal poder, subverteria a ordem de tudo fazendo crescer os frutos antes da estação. Deus disse ao homem: “Tirarás da terra o teu alimento com o suor de teu rosto”. Admirável figura, que pinta a condição em que se encontra o homem no mundo, precisando progredir em tudo pelo esforço do trabalho. Fossem-lhe dadas as coisas inteiramente prontas, de que lhe serviria a inteligência? Seria como um estudante, cujas tarefas fossem feitas por outro¹⁴⁶. Quando chega o momento de uma descoberta, os espíritos encarregados de conduzir o seu desenvolvimento procuram aquele capaz de levá-la a bom termo, inspirando-lhe as ideias necessárias, mas de maneira a deixar-lhe todo o mérito, porquanto é preciso

145. Na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, dirigida por Kardec, como em centenas de centros associados, a evocação de espíritos foi instrumento de pesquisa, sendo a universalidade do ensino dos espíritos superiores e o exame da razão as garantias de confiabilidade dos conceitos fundamentais. Todavia, quando grupos recebem revelações exclusivas, advindas de um só espírito ou médium deles, a maior probabilidade é a da impostura dos falsos profetas. (N. do E.)

146. Segundo esse princípio, é importante distinguir nas obras de Allan Kardec o que são ensinamentos dos espíritos e o que representa conceitos e paradigmas das ciências de seu tempo. Por exemplo, o conceito de fluidos especiais (calórico, fluidos elétrico, magnético e luminoso), atualmente ultrapassados, não pertence ao Espiritismo, mas ao paradigma científico aceito pela comunidade científica do século 19. Não cabia aos espíritos censurar ou corrigir os conceitos aceitos pela comunidade científica – pois essa tarefa cabe aos homens, mas ensinar o possível sobre o Espiritismo dentro dos limites da época. Por isso a doutrina espírita acompanha o avanço da Ciência, podendo novos conceitos surgirem em novos tempos, conforme a iniciativa dos espíritos superiores. (N. do E.)

que ele elabore essas ideias e as ponha em prática. O mesmo se dá com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os espíritos deixam que cada homem fique em seu próprio meio; daquele capaz apenas de amansar a terra não fazem depositário dos segredos de Deus, mas sabem *tirar da obscuridade* quem seja capaz de lhes secundar os desígnios. Não vos deixeis, pois, arrastar pela curiosidade ou pela ambição, uma via *que não corresponde ao objetivo do Espiritismo*, e que vos conduziria às mais ridículas mistificações. (*O Livro dos Médiuns*, segunda parte, cap. XXVI.)

– Os espíritos não concorrem para a descoberta de tesouros ocultos. Os espíritos superiores não se ocupam com tais coisas, mas os espíritos zombeteiros indicam muitas vezes tesouros que não existem, ou podem apontá-los num lugar, quando se acham no lugar oposto. Tem isto sua utilidade – mostrar que a verdadeira riqueza está no trabalho. Se a Providência destina tesouros ocultos a alguém, este as encontrará naturalmente, de outro modo não. (*O Livro dos Médiuns*, segunda parte, cap. XXVI.)

– O Espiritismo – ao nos esclarecer acerca das propriedades dos fluidos¹⁴⁷, que são agente e meio de ação do mundo invisível, representando uma das forças ou potências da Natureza – nos dá a chave de inumeráveis coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, coisas que passaram por prodígios nos tempos antigos. Assim como o magnetismo, revela-nos o Espiritismo uma lei que, se não desconhecida, é pelo menos mal compreendida, ou, melhor dizendo, conquanto se lhe conhecessem os efeitos – visto que estes se produziram desde sempre –, desconhecia-se a lei a reger tais efeitos, lei cuja ignorância engendrou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desaparece, e passam os fenômenos à ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritos, ao fazer que uma mesa gire ou que os mortos escrevam, não operam milagre maior do que o médico que restabelece a saúde ao moribundo, ou do cientista que provoca uma descarga elétrica. Aquele que pretendesse, com a ajuda dessa ciência, *fazer milagres*, seria ou um ignorante do assunto, ou um enganador. (*O Livro dos Médiuns*, primeira parte, cap. II.)

147. Trata-se aqui dos fluidos perispirituais ou matéria do mundo espiritual, conceito revelado pela doutrina ou teoria espírita. O perispírito é constituído dessa matéria, tendo como foco o espírito em si, formando um campo à sua volta, mais sublimado e amplo conforme a evolução espiritual de cada ser. (N. do E.)

– Certas pessoas fazem uma ideia muito equivocada das evocações. Há as que acreditam que as evocações consistem em fazer que os mortos voltem do túmulo com seus acessórios macabros. Somente nos romances, nos contos fantásticos de almas do outro mundo ou no teatro é que se veem os mortos a sair de seus sepulcros paramentados em mortalhas e a estalar os ossos. O Espiritismo, que nunca fez milagres, tampouco fez este mais que outros, porquanto jamais fez um corpo morto reviver. Quando baixa o corpo à sepultura, é em definitivo; entretanto, o ser espiritual, fluídico, inteligente, não foi aí posto junto a seu invólucro grosseiro, mas separou-se dele no momento da morte. Uma vez ocorrida essa separação, nada mais tem o ser espiritual em comum com o corpo. (*O que é o Espiritismo*, cap. II, nº 48.)

Alongamo-nos nessas citações para demonstrar que os princípios do Espiritismo não guardam nenhuma relação com os da magia, não deixando dúvida alguma a esse respeito. Assim sendo, nada de espíritos à disposição dos homens, nada de meios para os constranger, nada de sinais ou fórmulas cabalísticas, nada de descobertas de tesouros ou esquemas de enriquecimento, nada de milagres ou prodígios, nada de adivinhações nem de aparições fantásticas; nada, enfim, do que constitui o objetivo e os elementos essenciais da magia. O Espiritismo não só desaprova essas coisas como demonstra a impossibilidade e ineficácia delas. Não há, pois, nenhuma analogia entre os propósitos e métodos da magia e os do Espiritismo; querer equipará-los só pode derivar da ignorância ou da má-fé. Sendo assim, como os princípios do Espiritismo nada têm de secreto, e como são formulados em termos claros e inequívocos, tal erro não poderia jamais prevalecer.

Quanto aos casos de cura, reconhecidos como verdadeiros na pastoral supracitada, não é um exemplo bem escolhido para afastar as pessoas das relações com os espíritos. As curas representam um dos benefícios que mais a fundo tocam a todos os que as podem apreciar. Poucas pessoas estarão dispostas a renunciar a estas pelo simples receio de serem curadas pelo diabo, sobretudo após haverem esgotado todos os outros recursos – pelo contrário, mais de uma dirá que, se o diabo a curou, pratica de fato uma boa ação.

Objeta ainda, a carta pastoral citada: “Quais são os agentes secretos desses fenômenos, os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam esses papéis indignos, e não se prestariam aos caprichos da curiosidade vã”.

Os fenômenos a que se alude aqui são os das manifestações visíveis dos espíritos. Entre estas há, evidentemente, manifestações que seriam pouco dignas de espíritos superiores. E ainda mais, se substituirmos a palavra *anjos* por *espíritos puros* ou *espíritos superiores*, teremos exatamente o que diz o Espiritismo. Mas não poderiam ser consideradas indignas uma série de comunicações inteligentes – dadas por meio da escrita, pela palavra falada, pela audição e outros meios – que são tão dignas dos bons espíritos quanto o seriam dos homens mais eminentes da Terra. O mesmo vale para aparições, curas e uma infinidade de outros fatos mencionados em profusão pelos livros sagrados como sendo obra de anjos ou de santos. Então, se os anjos e os santos produziram outrora fenômenos semelhantes, por que não os produziram hoje? Por que os mesmos fatos hoje seriam obras do demônio quando realizados por uns, mas milagres sagrados quando feitos por outros?

O autor da pastoral incorre em erro quando alega que tais fenômenos são inexplicáveis. Ao contrário, esses fenômenos são hoje perfeitamente explicáveis, e por essa razão não são mais encarados como maravilhosos e sobrenaturais. E ainda que não fossem explicáveis, seria tão lógico atribuí-los ao diabo, quanto lógico seria honrar a este último com a autoria de todos os fenômenos naturais que não se pudessem compreender antigamente.

Por *papéis indignos* devemos entender as ações excêntricas e aquelas que visam ao mal. Mas não podemos assim qualificar a ação dos espíritos que promovem o bem, encaminhando os homens para Deus e para a virtude. Ora, o Espiritismo diz precisamente que os papéis indignos não cabem aos espíritos superiores, como provam os seguintes preceitos:

– Reconhece-se a qualidade dos espíritos por sua linguagem. A dos espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; ressuma sabedoria, bondade, modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Entre os espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, a vacuidade das ideias é quase sempre compensada pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à moral sã, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, quaisquer indícios de malevolência, presunção ou arrogância são sinais incontestáveis da inferioridade num espírito.

– Os espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes. Seu horizonte intelectual é limitado e sua perspicácia, restrita. Têm das coisas apenas uma

ideia frequentemente falsa e incompleta, sofrendo, além disso, a influência dos preconceitos terrestres que tomam por vezes como verdades. Por essa razão são incapazes de resolver determinadas questões. Podem nos induzir ao erro, voluntária ou involuntariamente, com relação aos assuntos que eles mesmos não compreendem.

– Os espíritos inferiores não são todos essencialmente maus¹⁴⁸. Há os ignorantes e levianos; outros são travessos, espirituosos e brincalhões, utilizando-se do gracejo fino e mordaz. Além disso, encontram-se no mundo dos espíritos, como na Terra, todos os tipos de perversidade e todos os graus de superioridade intelectual e moral.

– Os espíritos superiores ocupam-se somente de comunicações inteligentes, com vistas à nossa instrução. As manifestações físicas ou puramente materiais são mais particularmente atribuições dos espíritos inferiores, vulgarmente designados *espíritos batedores*, da mesma forma como, entre nós, as proezas que requerem grande força ou habilidade são apropriadas aos saltimbancos, e não aos acadêmicos. *Seria absurdo supor que um espírito, por pouco elevado que seja, compraza-se em se exhibir.* (*O que é o Espiritismo?*, cap. II, nº 37-40 e 60. V. também *O Livro dos Espíritos*, parte II, cap. I, “Diferentes ordens de espíritos; escala espiritual”; e *O Livro dos Médiuns*, parte II, cap. XXIV, “Identidade dos espíritos”, item “Distinção entre bons e maus espíritos”).

Qual homem de boa-fé poderia ver nesses preceitos um papel indigno atribuído aos espíritos elevados? Enquanto a doutrina da Igreja atribui aos demônios uma inteligência igual à dos anjos, o Espiritismo não só não equipara todos os espíritos, como constata, através da observação dos fatos, que os espíritos inferiores são ignorantes, em maior ou menor grau, tendo seu horizonte intelectual limitado e sua perspicácia restrita; que fazem uma ideia muitas vezes falsa e incompleta das coisas, sendo incapazes de resolver certas questões, o que os impossibilitaria de fazer tudo o que se atribui aos demônios.

148. Entre os espíritos inferiores estão aqueles em progresso desde sua primeira encarnação, quando iniciaram em condição de simplicidade e ignorância. As faltas cometidas, enquanto atos contrários à lei de Deus presente na consciência, causam a sensação de infelicidade, permitindo o aprendizado do bom caminho. Assim, por erro e acerto, tem início o progresso. Todavia, quando a falta torna-se hábito, trata-se propriamente de uma imperfeição, originando o mal, que será temporário, até que ocorra o arrependimento, expiação e reparação. (N. do E.)

Mais adiante, a carta pastoral argumenta que as “almas dos mortos, cuja evocação é proibida por Deus, permanecem no lugar que lhes designa a sua justiça, não podendo, *sem sua permissão*, colocarem-se à disposição dos vivos”.

O Espiritismo também diz que as almas dos mortos não podem manifestar-se sem a permissão de Deus, mas é ainda bem mais rigoroso, porquanto estabelece que nenhum espírito, bom ou mau, pode vir sem essa permissão, enquanto a Igreja atribui aos demônios o poder de dela prescindir. O Espiritismo vai mais longe ainda ao afirmar que os espíritos, mesmo com tal permissão, quando atendem ao chamado dos vivos, não se põem à mercê destes.

– O espírito evocado vem voluntariamente ou é constringido a fazê-lo? – *Ele obedece à vontade de Deus*, isto é, à lei geral que rege o Universo; julga-se será útil à sua manifestação, exercendo assim o seu livre-arbítrio. Um espírito superior vem sempre quando é chamado com um objetivo útil, não se recusando a responder, senão a pessoas pouco sérias ou que tratam a questão como uma brincadeira. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

– O espírito evocado pode negar-se a atender ao chamado que lhe é dirigido? – Perfeitamente; se assim não fosse, onde estaria o seu livre-arbítrio? Pensais que todos os seres do Universo estejam às vossas ordens? E vós mesmos considerai-vos obrigados a responder a todos aqueles que pronunciam vossos nomes? Quando digo que o espírito pode negar-se, refiro-me *ao pedido do evocador*, porquanto um espírito inferior pode ser constringido por um espírito superior a vir. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

Os espíritas estão de tal modo convencidos de que não têm poder direto nenhum sobre os espíritos e de que deles nada podem obter sem a permissão de Deus que, ao evocar um espírito qualquer, dizem: “Rogo a Deus todo-poderoso que permita a um bom espírito vir comunicar-se comigo; rogo também ao meu anjo guardião que me assista e de mim afaste os maus espíritos”. Ou então, quando se trata de evocar um espírito específico: “Rogamos a Deus todo-poderoso que permita ao espírito tal vir comunicar-se conosco”. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XVII, item 203.)

Portanto, quando um espírito atende ao chamado que lhe é feito, é com a permissão de Deus. Se, ao pedirmos a Deus que permita a um bom espírito responder a nosso chamado, e, segundo a Igreja, não se pode obter senão a vinda de maus espíritos, é Deus quem os envia; em outras palavras, Ele *oferece o mal quando se Lhe pede o bem*. Tal doutrina seria a negação das palavras do

Cristo: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque aquele que pede recebe; e o que busca encontra; e, ao que bate, se abre. E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se, vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos Céus, dará bens aos que Lhe pedirem” (Mat, 7: 7-11).

As acusações da Igreja contra a prática das evocações não atingem, portanto, o Espiritismo, mas dirigem-se principalmente às práticas da magia, com a qual o Espiritismo nada tem em comum, uma vez que este condena em tais práticas o que a própria Igreja condena. Tampouco faz o Espiritismo que os bons espíritos desempenhem um papel indigno deles, estabelecendo, por fim, que nada se pede ou se pode obter sem a permissão de Deus.

Certamente pode haver quem abuse das evocações, quem faça delas um divertimento, quem as desvie de sua finalidade providencial para atender a interesses pessoais, ou quem – por ignorância, leviandade, orgulho ou cupidez – se afaste dos verdadeiros princípios da doutrina. Mas o Espiritismo sério as condena, assim como a verdadeira religião condena os falsos devotos e os excessos do fanatismo. Não é, portanto, nem lógico nem justo imputar ao Espiritismo em geral sejam os abusos que este condena, sejam os erros daqueles que não o compreendem. Antes de formular uma acusação, é preciso ver se ela é justa. Diremos, então: a censura da Igreja recai sobre os charlatães, os exploradores, as práticas de magia e feitiçaria – nisso ela tem razão. Quando a crítica do religioso ou do cético censura os abusos e condena o charlatanismo, nada mais faz do que realçar a pureza da doutrina correta, dessa forma auxiliando-a a eliminar os traços indesejáveis, facilitando-nos a tarefa. O erro da crítica é confundir o bem e o mal, por ignorância na maior parte das vezes, mas por má-fé em alguns casos. A distinção que ela não faz, no entanto, outros a fazem. Seja como for, essa censura, com a qual todo espírita sincero se alinha quando aplicada ao mal, não prejudica a Doutrina Espírita.

Alega ainda a carta pastoral que os “seres misteriosos que atendem ao primeiro chamado do herético e do ímpio assim como ao do crente, ao chamado do crime como ao da inocência, não são nem enviados de Deus, nem apóstolos da verdade e da salvação, mas os prepostos do erro e do Inferno”.

Assim, Deus não permite que bons espíritos venham afastar do erro o herético, o ímpio, o criminoso, salvando-os da perdição eterna – envia-lhes

apenas os prepostos do Inferno, para afundá-los ainda mais no lamaçal! Inda pior: não envia ao inocente senão seres perversos para seduzi-lo! Não se encontraria então entre os anjos – essas criaturas privilegiadas de Deus – nenhum ser piedoso o bastante para vir em socorro dessas almas perdidas? Para que então as qualidades brilhantes de que são dotados se apenas servem à sua satisfação individual? Serão eles realmente bons quando, cercados pelas delícias da contemplação, veem essas almas no caminho do Inferno sem que tentem desviá-las dele? Não seria essa a imagem do rico egoísta que, tendo tudo em profusão, permite impiedosamente que o pobre morra de fome à sua porta? Não seria isso o egoísmo transformado em virtude e colocado aos pés do Pai Eterno?

Admirais-vos de que os bons espíritos socorram o herético e o ímpio, portanto esqueceste esta parábola do Cristo: “Não é o homem são que precisa de médico”. Não enxergais as coisas de um ponto mais elevado que os fariseus daquela época? E vós mesmos, será que vos recusaríeis a ir até o descrente e mostrar-lhe o bom caminho, se este vos chamasse? Pois bem, os bons espíritos fazem o que faríeis vós mesmos, vão até o ímpio para dar-lhe bons conselhos. Em vez de condenar as comunicações de além-túmulo, abençoai os caminhos do Senhor, admirando-Lhe a bondade e o poder infinitos.

Alegam que os anjos da guarda existem. No entanto, quando esses mesmos anjos guardiães não conseguem se fazer ouvir através da voz misteriosa da consciência ou da inspiração, por que não empregariam meios de ação mais diretos e mais materiais, de modo a impressionar os sentidos, uma vez que tais meios existem? Deus colocaria tais meios, portanto – meios que são obra sua, já que tudo provém de Deus e nada acontece sem a sua permissão –, apenas à disposição dos maus espíritos, enquanto proíbe os bons de deles se servirem? Daí seria preciso concluir que Deus dá aos demônios mais poderes para corromper o homem do que os dá aos anjos guardiães para salvá-lo.

Pois bem! O que os anjos da guarda não podem fazer, segundo a Igreja, os demônios o fazem por eles. Por meio dessas mesmas comunicações, ditas infernais, reconduzem a Deus aqueles que O renegam, e ao bem os que estão mergulhados no mal. Oferecem-nos o inusitado espetáculo de milhões de homens que passam a crer em Deus através da intercessão diabólica, conquanto tenha a Igreja sido incapaz de convertê-los. Quantos homens que nunca oraram, oram hoje com fervor, graças às instruções desses mesmos de-

mônios! Quantos orgulhosos, egoístas e depravados não vimos tornarem-se humildes, caridosos e mais castos! E dizer que tudo isso é obra dos demônios! Se assim for, é preciso convir que o demônio prestou a todos estes um grande favor, assistindo-os melhor que os anjos. É preciso ter uma opinião muito desfavorável do discernimento dos homens de hoje para crer que possam aceitar cegamente tais ideias. Uma religião que faça de semelhante doutrina sua pedra angular, que se declare minada em sua base se lhe tirarmos seus demônios, seu Inferno, suas penas eternas e seu Deus sem piedade, é uma religião que se suicida.

Terá Deus – ao enviar seu Cristo para a salvação da humanidade, como se afirma – provado seu amor por suas criaturas para depois deixá-las sem proteção? Sem dúvida alguma, Cristo é o divino Messias enviado para ensinar a verdade aos homens, mostrando-lhes o bom caminho. Mas sejam contados – e isto somente após a sua vinda – quantos puderam ouvir a verdade de sua palavra, quantos morreram e quantos morrerão sem conhecê-la, e finalmente, entre aqueles que a conhecem, quantos a põem em prática! Por que Deus, em seu desvelo pela salvação de seus filhos, não lhes enviaria outros mensageiros que chegassem a todos os cantos da Terra, penetrando os mais humildes re-dutos, entre grandes e pequenos, entre sábios e ignorantes, entre incrédulos e crentes, para ensinar a verdade àqueles que não a conhecem, tornando-a compreensível aos que não a compreendem, suprindo dessa forma, através do ensinamento *direto e múltiplo*, as limitações na propagação do Evangelho, e acelerando assim o advento do reino de Deus? E quando esses mensageiros, a exemplo de Jesus, chegam em falanges incontáveis, abrindo os olhos aos cegos, convertendo os ímpios, curando os enfermos e consolando os aflitos, vós os repelis e repudiais o bem que fazem, alegando tratarem-se de demônios! Tal era também a linguagem dos fariseus em relação a Jesus, porque eles também diziam que ele fazia o bem pelo poder do diabo. Que lhes respondeu Jesus? “Reconhecereis a árvore pelo seu fruto; uma árvore má não pode dar bons frutos”.

Mas, para os fariseus, os frutos produzidos por Jesus eram maus, porque ele vinha acabar com os abusos, proclamando a liberdade que lhes arruinaria a autoridade. Se tivesse vindo incensar-lhes o orgulho, aprovando-lhes as prevaricações e sustentando-lhes o poder, teria sido aos olhos deles o Messias esperado pelos judeus. Mas Jesus era só, pobre e fraco; fizeram-no perecer,

acreditando assim extinguir sua palavra. Mas esta sobreviveu-lhe, porque era divina. Propagou-se, entretanto, com lentidão, de modo que, passados dezoito séculos, apenas a décima parte da humanidade a conhece, para não falar dos numerosos cismas que eclodiram no seio de seus próprios discípulos. Foi então que Deus, em sua misericórdia, enviou seus espíritos para confirmar, completar e colocar a palavra do Cristo ao alcance de todos, difundindo-a por toda a Terra. Mas os espíritos não estão encarnados num só homem, cuja voz seria limitada: são inumeráveis, vão a toda parte, sem que se possa detê-los – eis por que seu ensino se espalha com a rapidez do raio; e falam ao coração e à razão – eis por que os mais humildes os entendem.

“Não é indigno dos mensageiros celestes”, argumentam por fim alguns, “transmitir suas instruções por meio tão vulgar quanto o das mesas falantes? Não seria ultrajá-los supor que se divirtam com frivolidades, deixando sua morada de luz para se colocarem à disposição do primeiro que vem?”

Jesus não deixou a morada do Pai para nascer num estábulo? Onde está dito, aliás, que o Espiritismo atribui práticas banais aos espíritos superiores? Afirmo, ao contrário, que as coisas vulgares são o produto de espíritos vulgares. Tais coisas, entretanto, por conta de sua própria vulgaridade, serviram não somente para impressionar as imaginações, mas também para provar a existência do mundo espiritual, mostrando-o bem diverso do que o figurávamos. Era o começo, simples como tudo o que principia, mas nem por despontar de uma pequena semente deixa a árvore de estender ao longe a sua copa. Quem acreditaria que da misérrima manjedoura de Belém sairia um dia a palavra que haveria de abalar o mundo?

Sim, Cristo é o Messias divino. Sim sua palavra é a da verdade. Sim, a religião fundada sobre essa palavra será inabalável, contanto que siga e pratique seus ensinamentos sublimes, e que não faça do Deus justo e bom que Jesus nos mostrou, um Deus parcial, vingativo e sem piedade¹⁴⁹.

149. O Espiritismo vem resgatar o verdadeiro sentido do ensino de Jesus, que foi mascarado pelas falsas ideias dogmáticas das seitas fundadas em seu nome. O Deus mostrado por Jesus é o que deu liberdade para os espíritos alcançarem a felicidade por seus esforços e vontade livre, ou autonomia. Já as crenças equivocadas heterônomas fundam seus dogmas a partir de um falso deus vingativo, quando castiga, e exclusivista, quando escolhe privilegiados para suas recompensas. (N. do E.)

CAPÍTULO XII

Da proibição de evocar os mortos

A Igreja de modo algum nega a realidade das manifestações. Ao contrário, ela as admite totalmente, como vimos nas citações precedentes, mas as atribui exclusivamente à intervenção dos demônios¹⁵⁰. É sem razão que alguns recorrem aos Evangelhos para justificar sua proibição, porquanto neles não há uma só palavra sobre o assunto. O supremo argumento que se invoca é a proibição de Moisés. A seguir podemos ver os termos em que se manifesta sobre o assunto a carta pastoral citada nos capítulos anteriores:

Não é permitido entreter relação com os espíritos, seja diretamente, seja por intermédio dos que os invocam e os interrogam. A lei mosaica punia com a morte essas práticas detestáveis em uso entre os gentios. Diz o *Levítico*: “Não procureis os mágicos, nem inquirais os adivinhos, para não vos contaminardes com eles” (Lv, 19:31). “Se um homem ou uma mulher tem um espírito de Píton ou de adivinhação, que sejam punidos com a morte; que sejam lapidados, recaindo seu sangue sobre suas cabeças” (Lv, 20:27). E no *Deuteronômio* é dito: “Que não haja entre vós qualquer um que consulte os adivinhos, ou

150. O Espiritismo demonstra a naturalidade da comunicação com a espiritualidade. A humanidade reveza-se entre as condições de encarnado e desencarnado, pois somos todos espíritos e perfectíveis. As igrejas usaram o medo para afastar os adeptos dessa realidade. Caça às bruxas, intervenção de demônios, punição. Atualmente, livros e filmes dão continuidade a essa tradição, que deve ser superada pelo esclarecimento. (N. do E.)

que leve em consideração sonhos e presságios, ou que use de maldições, de sortilégios e de encantamentos, ou que consulte aqueles que têm o espírito de Píton e que pratiquem a adivinhação, ou que interroguem os mortos para descobrir a verdade; pois o Senhor abomina todas essas coisas, e destruirá, à vossa chegada, as nações que cometem esses crimes” (Dt, 18:10-12).

É útil para o entendimento do verdadeiro sentido das palavras de Moisés que relembremos o texto original, que foi um tanto resumido na citação:

Não vos afasteis do vosso Deus para ir procurar os mágicos, nem inquirais os adivinhos, para não vos contaminardes com eles. Eu sou o Senhor vosso Deus. (Lv, 19:31.)

Se um homem ou uma mulher tem um espírito de Píton ou de adivinhação, que sejam punidos com a morte; que sejam lapidados, recaindo seu sangue sobre suas cabeças. (Lv, 20:27.)

Quando entrardes na terra que o Senhor vosso Deus há de vos dar, tomai muito cuidado para não imitar as abominações desses povos. E que não se encontre entre vós quem pretenda purificar seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo, ou que consulte os adivinhos, ou que leve em consideração sonhos e presságios, ou que use de maldições, de sortilégios e de encantamentos, ou que consulte aqueles que têm o espírito de Píton e que pratiquem a adivinhação, ou que interroguem os mortos para descobrir a verdade; pois o Senhor abomina todas essas coisas, e destruirá, à vossa chegada, as nações que cometem esses crimes. (Dt, 18:9-12.)

Se a lei de Moisés deve ser rigorosamente observada nesse ponto, deve sê-lo igualmente em todos os outros. Ora, por que seria a lei mosaica pertinente no que se refere às evocações, mas não em outros assuntos? É preciso ser consistente. Se reconhecemos que sua lei não está mais em harmonia com nossos costumes e nossa época em determinados casos, não há razão para que também não o esteja com relação à proibição em questão.

É preciso, aliás, que nos reportemos aos motivos que levaram a tal proibição, motivos que se justificavam à época, mas que seguramente não têm mais razão de ser. O legislador hebreu queria que seu povo abandonasse todos os costumes adquiridos no Egito, onde as evocações eram habituais, o que

ensejava abusos, como o provam as seguintes palavras de Isaías: “O Espírito do Egito se aniquilará em si mesmo, e eu perturbarei sua prudência; eles consultarão seus ídolos, seus adivinhos, seus pítons e seus mágicos” (Is, 19:3).

Além disso, os israelitas não deveriam estabelecer nenhuma aliança com as nações estrangeiras. Ora, eles encontrariam as mesmas práticas nos territórios em que estavam prestes a entrar e cujos povos haveriam de combater. Dessa forma, Moisés viu-se obrigado, por uma questão política, a inspirar entre os hebreus a aversão a todos os costumes desses povos que pudessem suscitar afinidade, caso fossem assimilados. Para justificar essa aversão era preciso apresentar tais práticas como reprovadas pelo próprio Deus, eis por que afirmou que “o Senhor abomina todas essas coisas, e destruirá, à *vossa chegada*, as nações que cometem esses crimes”.

A proibição de Moisés era tanto mais justificável porque a evocação dos mortos não se dava por respeito e afeição por eles, tampouco por um sentimento de devoção, mas apenas como um meio de adivinhação, tal como nos augúrios e presságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Por mais que tenha feito, Moisés não conseguiu extirpar o hábito que se havia transformado em objeto de comércio, como atestam as seguintes passagens do mesmo profeta:

E quando vos disserem: “Consultai os mágicos e os adivinhos que sussurram seus encantamentos”, respondi-lhes: “Cada povo não consulta seu Deus? Há de interrogarem-se os mortos no que diz respeito aos vivos?”. (Is, 8:19.)

Sou eu quem mostra a falsidade dos prodígios da magia, quem enlouquece os que se põem a adivinhar, quem transtorna o espírito dos sábios e confunde a sua vã Ciência. (Is, 44:25.)

Que esses adivinhos – que estudam o céu, contemplam os astros, e contam os meses para deles tirar as predições que vos pretendem dar sobre o futuro – que venham agora, e vos salvem. Acabaram como a palha, devorada pelo fogo. Não poderão livrar suas almas das chamas ardentes; não restará de suas chamas nem carvão com que se possam aquecer, nem fogo ao qual se possam sentar. Eis a que se reduzirão todas essas coisas às quais vos dedicastes com afinco. Esses *mercadores* que convosco negociaram desde a vossa infância desapareceram todos, cada qual para seu lado, sem que um só deles se ache para livrar-vos de vossos males. (Is, 47:13-15.)

No capítulo 47, Isaías dirige-se aos babilônios sob a figura alegórica da “virgem filha da Babilônia, filha dos caldeus” (v. 1), dizendo que os adivinhos não impedirão a ruína de seu reino. No capítulo seguinte, dirige-se diretamente aos israelitas.

Vinde aqui, vós outros, filhos da adivinha, raça nascida de um adúltero e de uma prostituta. De quem zombais? Contra quem abristes a boca para soltar vossas línguas ferinas? Não sois os filhos perversos de bastarda raça, a procurar consolo junto a vossos deuses, sob a copa das árvores, *sacrificando vossos tenros filhos* nas cascatas dos penhascos? Depositastes vossa confiança nos rochedos das quedas d’água, derramando licores em sua honra e oferecendo-lhes sacrifícios. Depois disso, como não haverá de inflamar minha indignação? (Is, 57:3-6.)

Essas palavras não dão margem a erro e provam claramente que, naquela época, as evocações tinham por objetivo a adivinhação, fazendo-se delas um comércio¹⁵¹. Estavam ligadas às práticas da magia e da feitiçaria, acompanhadas até mesmo de sacrifícios humanos. Moisés tinha razão, portanto, ao proibir tais coisas e ao afirmar que Deus as abominava. Essas práticas supersticiosas perpetuaram-se até a Idade Média, mas hoje a razão lhes faz justiça, e o Espiritismo veio mostrar o objetivo exclusivamente moral, consolador e religioso das relações de além-túmulo. Portanto, uma vez que os espíritas não “sacrificam os tenros filhos” e não “derramam licores em honra dos deuses”; que não interrogam nem os astros, nem os mortos, nem os adivinhos para conhecer o futuro que Deus sabiamente ocultou dos homens; que repudiam qualquer comércio da faculdade recebida por alguns de entrar em comunicação com os espíritos¹⁵²; que não são movidos nem pela curiosidade, nem pela

151. No Egito antigo, a evocação servia ao duplo equívoco da exploração econômica e de poder, pelos sacerdotes dos templos, e da dependência do povo, que fazia uso das adivinhações para decidir quase tudo em sua vida. (N. do E.)

152. No Espiritismo, ao médium não cabe obter qualquer proveito, mesmo indireto: “Certos médiuns exploradores creem salvar as aparências em se fazendo pagar apenas pelos ricos, ou deles aceitando uma retribuição voluntária. Isso não é menos um ofício, a exploração de uma coisa santa, e um lucro tirado daquilo que se recebe gratuitamente” (*Revista Espírita*, jan. de 1864). (N. do E.)

cobiça, mas apenas pelo sentimento de devoção e pelo desejo de se instruir, de se aprimorar e de consolar as almas sofredoras, a proibição de Moisés não se aplica de forma alguma aos espíritas. É o que teriam constatado os que invocam contra eles tal proibição, se se tivessem aprofundado mais no sentido das palavras bíblicas; eles teriam reconhecido que não existe analogia alguma entre o que se passava então entre os hebreus e os princípios do Espiritismo.

A lei civil de nossos dias pune todos os abusos que Moisés objetivava reprimir. Se ele estabeleceu a pena máxima contra os delinquentes é porque eram necessários meios rigorosos para governar aquele povo indisciplinado, sendo por essa razão que a pena de morte foi tão empregada em sua legislação. Não havia, ademais, muitas escolhas nos seus meios de repressão: não havendo prisões ou casas de correção no deserto e sendo seu povo refratário a penas puramente disciplinares, Moisés não conseguiria dosar a pena, como é feito hoje em dia. É, pois, sem razão que se invoca a severidade do castigo para provar o grau de culpabilidade da evocação dos mortos. Conviria, então, por respeito à lei de Moisés, manter a pena capital para todos os casos em que ele a aplicava? Aliás, por que se enfatiza com tanta insistência esse artigo ao mesmo tempo que se silencia sobre o começo do capítulo, que proíbe *aos sacerdotes de possuir bens terrenos e de partilhar de qualquer herança, porquanto o Senhor é, Ele próprio, sua herança?* (Dt, 18:1-2).

Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada no Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e às características do povo. A primeira é invariável, enquanto a segunda se modifica conforme a época, a ninguém ocorrendo que possamos ser governados pelos mesmos meios por que o eram os hebreus no deserto, tampouco que os decretos de Carlos Magno se adaptem à França do século XIX. Ninguém imaginaria hoje em dia, por exemplo, reviver o seguinte artigo da lei mosaica que se encontra em Êxodo: “Se um boi fere com seu chifre um homem ou uma mulher, fazendo-os perecer, seja o boi apedrejado, sem que se coma de sua carne; mas o dono do boi será julgado inocente” (Ex 21:28-32).

Esse artigo, que nos parece tão absurdo, não tinha, no entanto, o objetivo de punir o boi e absolver seu dono; esse dispositivo equivalia simplesmente ao confisco do animal, causa do acidente, para obrigar o proprietário a ser mais vigilante. A perda do boi era a punição do dono, punição muito significativa para um povo de pastores, não sendo necessário que fosse aplicada mais uma

outra. Mas, para que ninguém pudesse se aproveitar da pena, era proibido que se comesse a carne do animal. Outros artigos estipulavam o caso em que o dono era responsabilizado.

Tudo tinha a sua razão de ser na legislação de Moisés, porque tudo nela era previsto nos mínimos detalhes. Mas a forma, assim como o fundo, adaptava-se às circunstâncias em que se encontrava. Certamente, se Moisés voltasse hoje para oferecer uma legislação a uma nação civilizada da Europa, ele não lhe apresentaria um código igual ao dos hebreus.

Que diz Deus em seus mandamentos? “Não terás outro Deus além de mim; não tomarás o nome de Deus em vão; honrarás teu pai e tua mãe; não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não darás falso testemunho; não cobiçarás o bem do teu próximo.” Eis aí uma lei que é para todos os tempos e para todos os países, tendo, por essa razão mesma, um caráter divino. Ela não inclui, no entanto, a proibição da evocação dos mortos, de onde é preciso concluir que tal proibição era simples medida disciplinar e circunstancial.

A isso se objeta que todas as leis de Moisés foram ditadas em nome de Deus, assim como a do Sinai. Se as julgamos todas de fonte divina, por que os mandamentos limitam-se ao Decálogo? É então porque se lhe reconheceram as diferenças? Se todas emanam de Deus, seriam todas igualmente obrigatórias, por que então não se observam todas? Entre outras, por que não se manteve a circuncisão, à qual Jesus se sujeitou e não aboliu? Esquece-se que todos os legisladores antigos, para dar maior autoridade às suas leis, diziam tê-las recebido de uma divindade. Moisés, mais que qualquer outro, precisava desse recurso por conta do caráter de seu povo. Se, ainda com tudo isso, teve tanta dificuldade para se fazer obedecer, teria encontrado ainda mais resistência caso as tivesse promulgado em seu próprio nome.

Ao modificar a lei mosaica, não veio Jesus fazer de sua lei o código dos cristãos? Não disse ele: “Sabeis que foi dito aos antigos tal e tal coisa, mas eu vos digo tal outra?”. Mas teria Jesus questionado a lei do Sinai? De modo algum, antes a sancionou, e toda a sua doutrina moral dela não é senão um desdobramento. Ora, em nenhuma parte de seus ensinamentos Jesus se referiu à proibição de evocar os mortos, uma questão bastante grave, entretanto, para não a ter incluído em suas instruções, sobretudo tendo tratado de outras questões de menor importância.

Em suma, trata-se de saber se a Igreja põe a lei mosaica acima da lei evangélica, ou, em outras palavras, se ela é mais judaica que cristã. Convém mesmo observar que, de todas as religiões, a que tem feito menos oposição ao Espiritismo é a judaica, que inclusive não invoca a lei de Moisés – como o fazem as seitas cristãs – contra as relações com os mortos.

Há ainda outra contradição. Se Moisés proibiu evocar os espíritos dos mortos, é porque esses espíritos podiam vir; se isso não fosse possível, tal proibição teria sido inútil. Se eles podiam vir na época de Moisés, ainda podem fazê-lo hoje; se são os espíritos dos mortos, então não são exclusivamente demônios. Moisés, aliás, não menciona de modo algum estes últimos.

É evidente, portanto, que não seria lógico nos fundamentar na lei de Moisés nessa circunstância, pelo duplo motivo de que ela não rege o Cristianismo e tampouco é apropriada aos costumes de nossa época. Mesmo supondo que tenha toda a autoridade que alguns lhe atribuem, ela não poderia, como vimos, ser aplicada ao Espiritismo.

O que é que Moisés condena? Os mágicos, os adivinhos, os presságios, os sortilégios, as maldições, em suma, tudo o que é da competência da magia. Ora, tudo isso é precisamente o que o próprio Espiritismo condena, como está demonstrado no capítulo anterior, e o que é demonstrado ainda mais claramente com o estudo mais aprofundado do Espiritismo. Uma vez que este nada tem de comum com a magia, seja como objetivo, seja como meio, o próprio Moisés não haveria de encontrar causa alguma para que fosse aplicada ao Espiritismo a sua lei.

É verdade que Moisés inclui a interrogação dos mortos em sua proibição, mas o faz de maneira secundária, como acessório das práticas de feitiçaria. A própria palavra *interrogar* posta ao lado das palavras *adivinhos* e *presságios* prova que, entre os hebreus, as evocações eram um meio de adivinhação. Ora, os espíritos não evocam os mortos para deles obter revelações ilícitas, mas para receber conselhos de sabedoria e proporcionar alívio aos que sofrem. Decerto, se os hebreus não tivessem utilizado as comunicações de além-túmulo apenas como prática divinatória, Moisés, ao invés de proibi-las, tê-las-ia estimulado, porquanto haveriam de tornar seu povo mais dócil.

Se alguns críticos zombeteiros ou de má-fé descrevem as reuniões espíritas como assembleias de feiticeros e necromantes, e os médiuns como ledores de sorte; se alguns charlatães associam o nome do Espiritismo a práticas

ridículas que este mesmo condena, há muitos que sabem fixar-se no caráter essencialmente moral e elevado das reuniões do Espiritismo sério. Sua doutrina, escrita para todas as pessoas, protesta em alto e bom som contra os abusos de todos os gêneros, para que a calúnia recaia sobre quem merece.

A evocação, dizem, é falta de respeito com os mortos, cujas cinzas não devem ser importunadas. Mas quem disse isso? São os adversários dos dois campos opostos que se dão as mãos: os incrédulos, que não creem nas almas, e aqueles que, mesmo nelas crendo, alegam que estas não podem atender às evocações, e que somente o demônio manifesta-se.

Quando a evocação é feita com o sentimento de religiosidade e recolhimento, quando os espíritos são chamados, não por curiosidade, mas pelo sentimento de afeição e de simpatia, e com o desejo sincero de nos instruímos e nos tornarmos melhores, não vemos por que razão seria mais desrespeitoso solicitar os seres *depois de sua morte do que fazê-lo enquanto estavam vivos*. Mas há uma outra resposta categórica a essa objeção, que é o fato de que os espíritos se manifestam espontaneamente, sem serem constrangidos, vindo até mesmo sem serem chamados. Dão prova, assim, de sua satisfação por se comunicarem com os homens, queixando-se frequentemente do esquecimento a que são por vezes relegados. Se os espíritos ficassem incomodados pela perturbação de seu repouso, ou descontentes com o nosso chamado, eles o diriam ou nem se manifestariam. Uma vez que são livres, quando se manifestam é porque com isso concordam.

Alega-se uma outra razão ainda. Diz-se que as almas habitam a morada que a justiça de Deus lhes assinala, seja no Inferno ou no Paraíso. Dessa forma, as que estão no Inferno de lá não podem sair, conquanto seja concedida toda a liberdade aos demônios nesse sentido. As almas que se encontram no Paraíso, completamente entregues à sua beatitude, encontram-se muito acima dos mortais para deles se ocuparem, sendo felizes o bastante para querer voltar a esta terra de misérias e atarefarem-se com os parentes e amigos que aqui deixaram. Serão então como os ricos que desviam os olhos dos pobres, com receio de que estes lhes perturbem a digestão? Se assim fosse, provar-se-iam pouco dignas da felicidade suprema, que então representaria o prêmio do egoísmo. Restam aquelas que estão no Purgatório. Mas essas almas, sofredoras que são, precisam se ocupar da própria salvação antes de tudo. Dessa forma, não podendo atender a nosso chamado nem umas, nem outras

almas, apenas o diabo é que se apresenta em seu lugar. Mas se as almas não podem vir, não há motivo para recear que se lhes perturbe o repouso.

Deparamo-nos aqui, entretanto, com uma outra dificuldade. Se as almas que estão na beatitude não podem deixar sua afortunada morada para vir em socorro dos mortais, por que a Igreja invoca a assistência dos santos, que devem desfrutar da beatitude mais ampla possível? Por que recomenda ela aos fiéis que os invoquem nas doenças, nas aflições e para se preservarem dos flagelos? Por que, segundo ela, os santos e a própria Virgem vêm se mostrar aos homens e fazer milagres? Eles deixam, portanto, o Céu e baixam à Terra! Se aqueles que estão no mais alto dos Céus podem de lá sair, por que os que são menos elevados não o poderiam?

Compreende-se que os incrédulos neguem a manifestação das almas, porquanto nelas não acreditam. O que causa estranheza, no entanto, é ver aqueles cujas crenças assentam-se na existência e no futuro das almas enfurecerem-se com os meios de provar que elas existem, esforçando-se por demonstrar sua impossibilidade. Pelo contrário, pareceria mais natural que aqueles que mais interesse têm na existência da alma acolhessem com alegria – e como uma benesse da Providência – os meios de refutar, por meio de provas cabais, aqueles que renegam a religião. Deploram constantemente a invasão da incredulidade, a dizimar-lhe o rebanho de fiéis, mas, quando se lhes apresenta o mais possante meio de combatê-la, recusam-no com mais obstinação que os próprios incrédulos. Em seguida, quando as provas avolumam-se a ponto de não deixar dúvida alguma, recorrem, qual argumento supremo, à proibição da evocação das almas, buscando, para justificar tal interdição, um artigo da lei de Moisés de que ninguém mais se lembrava, querendo dele a todo custo enxergar uma aplicação inexistente. Julgam-se tão felizes com a descoberta que não se percebem que tal artigo é uma justificação da Doutrina Espírita, porquanto esta também condena o que Moisés proíbe.

Todos os motivos alegados contra as relações com os espíritos não resistem a um exame sério. No entanto, pela obstinação com que as combatem, pode-se inferir o grande interesse que se liga à questão, de outro modo não haveria nisso tanta insistência. Ao ver essa cruzada de todos os cultos contra as manifestações, poderíamos dizer que têm medo delas. O verdadeiro motivo poderia muito bem ser o receio de que os espíritos, argutos como são, viessem esclarecer os homens sobre pontos deixados insistentemente às escuras, fazendo-os

conhecer com exatidão como é o outro mundo, assim como *as verdadeiras condições que determinam nele ser feliz ou infeliz*. Assim, da mesma forma como diriam a uma criança: “Não vá lá, pois há um lobisomem”, dizem aos homens: “Não chameis os espíritos, pois são o diabo”. Todavia, por mais que façam, mesmo proibindo os homens de evocar os espíritos, jamais impedirão que estes venham até os homens, retirando-lhes a lâmpada de debaixo do alqueire.

O culto que estiver com a verdade absoluta nada terá que recear da luz, pois a luz faz brilhar a verdade, e o demônio não poderia prevalecer contra esta.

Rejeitar as comunicações de além-túmulo é rejeitar um poderoso meio de instrução que em si mesmo resulta da iniciação à vida futura e dos exemplos que as comunicações nos fornecem. A experiência nos ensina, ademais, o bem que pode ser feito desviando do mal os espíritos imperfeitos e ajudando os que sofrem a se desprender da matéria e a se aperfeiçoar. Proibir as comunicações é privar as almas infelizes da assistência que lhes podemos prestar. As seguintes palavras de um espírito resumem admiravelmente as consequências da evocação, quando praticada com um fim caridoso:

Cada espírito sofredor e queixoso há de vos contar a causa de sua queda, as seduções às quais sucumbiu. Falará de suas esperanças, de suas lutas, de seus medos. Narrará seus remorsos, suas dores, seus desesperos. Mostrar-vos-á Deus, justificadamente irritado, a punir o culpado com toda a severidade de sua justiça. Ao escutá-lo, sereis tomados de compaixão por ele e de temor por vós mesmos. Ao seguir-lhe as queixas, vereis que Deus não o perde jamais de vista, esperando o pecador arrependido e estendendo-lhe os braços tão logo tente avançar. Testemunhareis a recuperação do transgressor, para a qual tereis a felicidade e a glória de haver contribuído. Vós o seguireis com desvelo, como o cirurgião acompanha a cicatrização da ferida de que cuida diariamente. (Bordeaux, 1861.)

II

deuxième partie



Exemplos

— *segunda parte* —

CAPÍTULO I

O passamento

A confiança na vida futura não elimina a apreensão com a passagem desta para a outra vida. Muitos não temem a morte em si, mas o momento da transição. Sofre-se ou não nessa travessia? É isso o que os inquieta, e tal é tanto mais relevante porquanto dessa travessia ninguém pode escapar. Na Terra, podemos nos recusar a fazer uma viagem. No caso da morte, no entanto, ricos e pobres devem dar o salto; em sendo penoso este último, nem posição, nem fortuna lograrão mitigar-lhe o amargor.

Ao observarmos a placidez de algumas mortes, em contraste com as terríveis convulsões de agonia no caso de outras, podemos, de antemão, constatar que as sensações experimentadas não são sempre as mesmas. Mas quem nos poderá esclarecer a esse respeito? Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação entre a alma e o corpo? Quem nos contará as impressões desse instante supremo? Acerca desse ponto, calam-se tanto a Ciência quanto a Religião.

E por que se calam, então? Calam-se porque falta a ambas o conhecimento das leis que regem as relações entre espírito e matéria: uma detém-se no limiar da vida espiritual; outra, no da vida material. O Espiritismo é o elo entre as duas. Somente ele pode dizer como se opera a transição, seja pelas noções mais objetivas que fornece sobre a natureza da alma, seja pela descrição dos que deixaram esta vida. O conhecimento do laço fluídico que une a alma ao corpo é a chave desse fenômeno, assim como de muitos outros.

A matéria inerte é insensível: esse é um fato concreto. Somente a alma experimenta as sensações de prazer e de dor. Durante a vida, qualquer disfunção

material repercute na alma, que dela recebe uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma quem sofre, não o corpo; este é apenas o instrumento da dor, aquela é o paciente. Após a morte, estando separado da alma, o corpo pode ser mutilado sem maiores consequências, pois nada sentirá. A alma, por sua vez, estando separada do corpo, não receberá nenhuma impressão da desagregação deste último. A alma tem sensações próprias, cuja fonte não se encontra na matéria tangível¹⁵³.

O perispírito é o invólucro fluídico da alma, da qual não se separa nem antes, nem depois da morte, e com a qual forma um ente único, por assim dizer, porquanto não se pode conceber um sem o outro. Durante a vida, o fluido perispiritual penetra no corpo em todas as suas partes, servindo de veículo para as sensações físicas da alma. Também é por seu intermédio que a alma age sobre o corpo, dirigindo-lhe os movimentos.

A extinção da vida orgânica ocasiona a separação da alma e do corpo pela ruptura do laço fluídico que os une. Essa separação, entretanto, nunca é brusca. O fluido perispiritual desprende-se pouco a pouco de cada um dos órgãos, de modo que a separação só é completa e absoluta quando não mais restar um só elemento do perispírito unido a uma molécula do corpo¹⁵⁴. *A sensação dolorosa que a alma experimenta nesse momento é proporcional à soma dos pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, assim como da maior ou menor dificuldade e lentidão que a separação apresenta.*¹⁵⁵ Portanto, não se deve

153. A alma sente dor e prazer somente enquanto ligada ao corpo físico, que lhe remete essas sensações físicas pelas impressões de sua fisiologia, pelo sistema nervoso. Após a morte, o ambiente do mundo espiritual não mais lhe causa impressões físicas. Desse modo, o espírito imperfeito que relata sofrer fisicamente, vivencia, em verdade, uma ilusão, lembrança da sensação que tinha no mundo corporal. As sensações íntimas próprias do espírito humano são derivadas da felicidade, ou, quando tem imperfeições a superar, as do sofrimento moral ou infelicidade. (N. do E.)

154. Na época de Kardec, a célula era conhecida pela ciência como elemento estrutural dos tecidos, mas não ainda enquanto unidade básica da vida, ser vivo microscópico. Desse modo, refere-se aqui à molécula como menor parte da fisiologia, acompanhando o paradigma aceito na ciência do século 19. (N. do E.)

155. Essa explicação corresponde ao item 17º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “A punição mais imediata, sobretudo para os que se apegaram à vida material negligenciando o progresso espiritual, consiste na lentidão da separação da alma e do corpo” (N. do E.)

esconder que, de acordo com as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. São essas diferentes circunstâncias que examinaremos.

Estabeleçamos inicialmente, à guisa de princípio, os quatro seguintes casos, que podem ser considerados situações extremas, entre as quais há uma infinidade de gradações:

1º) Se no momento em que se extingue a vida orgânica o desprendimento do perispírito estiver completamente finalizado, a alma não sentirá absolutamente nada.

2º) Se no momento da extinção da vida orgânica a coesão dos dois elementos apresenta-se em pleno vigor, produz-se uma espécie de ruptura que imprime uma sensação dolorosa na alma.

3º) Se a coesão é fraca, a separação é fácil, transcorrendo sem choques.

4º) Tendo a vida orgânica cessado por completo, se ainda existirem numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá sentir os efeitos da decomposição do corpo até que o laço esteja inteiramente desfeito.

Disso resulta que o sofrimento que acompanha a morte está subordinado à força de aderência que une o corpo e o perispírito; que tudo o que pode ajudar a diminuir essa força e a acelerar o desprendimento torna a passagem menos penosa; e, por fim, que se o desprendimento ocorrer sem qualquer dificuldade, a alma não experimentará nenhuma sensação desagradável resultante do processo.

Na passagem da vida corporal para a vida espiritual, produz-se ainda um outro fenômeno de importância capital: o da perturbação. Nesse instante, a alma experimenta um entorpecimento que paralisa momentaneamente suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É como se a alma estivesse, por assim dizer, num estado de catalepsia¹⁵⁶, de forma que quase nunca testemunha de forma consciente seu derradeiro suspiro. Dizemos *quase nunca* porque há casos em que a alma pode dele ter consciência, como

156. Na ciência do magnetismo animal, o sonambulismo era provocado pelo magnetizador, resultando no desprendimento da alma do sonâmbulo de seu corpo, como num sono mais profundo. Neste estado, é possível, por um comando, provocar a paralisação ou estado de inércia e insensibilidade de partes do corpo, ou catalepsia. Esse fenômeno, que pode ser provocado, difere do somente natural estado de letargia, suspensão geral ou aparência de morte. (N. do E.)

logo veremos. A perturbação, portanto, pode ser considerada como o estado normal no instante da morte, sendo sua duração indeterminada, variando de algumas horas a alguns anos. À medida que a perturbação se dissipa, a alma encontra-se na situação de alguém que sai de um sono profundo: as ideias são confusas, vagas e incertas, vendo como se fora através de um nevoeiro. Pouco a pouco a visão se aclara, a memória retorna, e a alma se reconhece. Esse despertar, no entanto, é bem diverso, de acordo com cada indivíduo; para uns é calmo e proporciona uma sensação agradável; para outros é repleto de terror e de ansiedade, qual fora terrível pesadelo.

O momento do último suspiro não é, portanto, o mais penoso, porquanto, em geral, a alma não tem consciência de si mesma. Mas, antes dele, a alma sofre por conta do declínio orgânico durante as convulsões da agonia, e, depois, pelas angústias da perturbação. Destaquemos que tal situação não é geral. A intensidade e a duração do sofrimento, como dissemos antes, são proporcionais à afinidade existente entre o corpo e o perispírito: quanto maior for essa afinidade, mais longos e penosos são os esforços do espírito para se desprender de seus laços. Mas há pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se faz por si só e de maneira natural. O espírito separa-se do corpo como um fruto maduro desprende-se de seu caule; é o caso das mortes calmas e despertares pacíficos.

O estado moral da alma é o principal fator determinante da maior ou menor facilidade de desprendimento. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional à ligação do espírito à matéria, atingindo seu máximo no caso do homem cujas preocupações concentram-se todas na vida e nos prazeres materiais, sendo quase nula no caso daquele cuja alma depurada identificou-se antecipadamente com a vida espiritual. Dado que a lentidão e a dificuldade de desprendimento são proporcionais ao grau de depuração e desmaterialização da alma, depende de cada um de nós tornar tal passagem mais ou menos fácil ou penosa, agradável ou dolorosa¹⁵⁷.

157. A constituição do corpo físico é a mesma para todos. Difere o perispírito, que é mais denso e próximo do mundo corporal para os espíritos inferiores, mas que se torna menos denso, desmaterializado, sutil, proporcionalmente à evolução espiritual do ser. O aperfeiçoamento dá maior liberdade, mobilidade, leveza, expansibilidade ao perispírito. Assim, no mundo espiritual, o espírito elevado tem melhores recursos para interagir e atuar no bem. (N. do E.)

Isto posto, a um tempo como teoria e como resultado da observação, resta-nos examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma no derradeiro momento.

No caso da morte natural, a que resulta da extinção das forças vitais por conta da idade ou da doença, o desprendimento transcorre gradualmente. No caso do homem cuja alma é desmaterializada e cujos pensamentos estão desligados das coisas terrestres, o desprendimento processa-se quase por completo antes da morte real – o corpo ainda vive a vida orgânica, conquanto a alma já tenha adentrado a vida espiritual, estando presa ao corpo somente por um laço muito tênue, que se rompe facilmente ao último batimento do coração. Nessa situação, o espírito já pode ter recuperado sua lucidez, sendo testemunha consciente da extinção da vida do seu corpo, do qual se sente feliz de se libertar. Para tal espírito, a perturbação é quase inexistente, não sendo mais do que um momento de sono tranquilo, de que emerge com indizível impressão de felicidade e de esperança.

No caso do homem apegado à matéria e à sensualidade, aquele que viveu mais através do corpo do que do espírito, e para quem a vida espiritual nada representa, nem sequer uma realidade em seu pensamento, tudo contribuiu para *fortalecer* mais os laços que o ligam à matéria, nada os tendo atenuado durante a vida. Ao aproximar-se a morte, o desprendimento também transcorre gradualmente, porém mediante esforços contínuos. As convulsões da agonia representam o indício da luta que enfrenta o espírito, algumas vezes anelando romper os laços que lhe resistem, agarrando-se, outras vezes, ao corpo do qual irresistível força arrebatá-o violentamente, fragmento por fragmento.

O espírito apega-se tanto mais à vida corpórea quanto menos divisa além dela: sente que se lhe escapa a vida e deseja retê-la; em vez de se entregar ao movimento que o carrega, resiste com todas as forças, podendo assim prolongar a luta por dias, semanas ou meses inteiros. Nesse momento, decerto, o espírito não goza de toda a sua lucidez. Conquanto tenha a perturbação começado muito antes da morte, nem por isso sofre ele menos, e o vazio em que se encontra, assim como a incerteza sobre o que lhe advirá, somam-se às suas angústias. A morte chega, mas nem tudo se acaba – a perturbação continua. Ele sente que vive, mas não sabe se material ou espiritualmente, lutando ainda, até que se tenham rompido os últimos liames do perispírito. A morte pôs efetivamente fim à enfermidade, mas não lhe deteve as consequências:

enquanto existam pontos de contato entre o perispírito e o corpo, o espírito receberá as repercussões deste último, com elas sofrendo.

Bem diferente é a posição do espírito desapegado da matéria, mesmo nas doenças mais cruéis. Os laços fluídicos que o unem ao corpo, sendo muito tênues, rompem-se sem qualquer abalo, e, então, sua confiança no futuro – que ele já entrevê pelo pensamento e por vezes mesmo de fato – faz com que encare a morte como uma libertação e seus males como uma prova, advindo-lhe daí uma calma moral e uma resignação que lhe amenizam o sofrimento. Após a morte, rompem-se os laços de imediato e nenhuma reação dolorosa se produz – ao despertar, o espírito sente-se livre, disposto, aliviado de um grande peso e muito feliz por não mais sofrer.

Na morte violenta, as condições não são exatamente as mesmas. Nenhum declínio orgânico parcial pôde ensejar uma separação prévia entre o corpo e o perispírito. A vida orgânica, em sua plenitude, é subitamente interrompida; o desprendimento do perispírito começa apenas após a morte, e nesse, como nos outros casos, não pode transcorrer instantaneamente. O espírito, pego de surpresa, encontra-se atordoado; ao perceber que pensa, no entanto, acredita-se ainda vivo, perdurando tal ilusão até que se dê conta de sua situação¹⁵⁸. Esse estado intermediário entre a vida corporal e a vida espiritual é um dos mais interessantes para estudo, porque apresenta o singular espetáculo de um espírito que confunde seu corpo fluídico com seu corpo material, experimentando todas as sensações da vida orgânica. Tal estado oferece uma variedade infinita de nuances conforme o caráter, o conhecimento e o grau de adiantamento moral do espírito. É de curta duração para aqueles cuja alma está purificada, porque entre estes últimos já há um desprendimento antecipado cujo transcurso a morte, mesmo a mais súbita, nada mais faz que apressar. Em outros, pode prolongar-se por anos. Esse estado é muito frequente, mesmo nos casos de morte comum, e para alguns nada tem de penoso, segundo as qualidades do espírito; mas para outros é uma situação terrível. É no suicídio, principalmente, que essa situação é mais penosa. Estando o corpo ligado ao

158. Essa explicação corresponde ao item 18º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “Um fenômeno, muito frequente nos espíritos de certa inferioridade moral, consiste em acreditar que ainda estão vivos, e essa ilusão pode prolongar-se durante anos”. (N. do E.)

perispírito por todas as suas fibras, as convulsões orgânicas repercutem todas na alma, que experimenta atrozes sofrimentos delas provenientes.

O estado do espírito no momento da morte pode ser assim resumido: quanto mais lento é o desprendimento do perispírito, mais o espírito sofre. A rapidez do desprendimento é proporcional ao grau de adiantamento moral do espírito. Para o espírito desapegado da matéria, de consciência pura, a morte é um sono de alguns instantes, isento de todo sofrimento e cujo despertar é de plena tranquilidade.

Para que se trabalhe pela própria depuração, reprimindo as más tendências e superando as paixões, é *preciso ver as vantagens de tal ação no futuro*. Para identificar-se com a vida futura, dirigindo-lhe as aspirações e preferindo-a à vida terrestre, é preciso não apenas nela crer, mas compreendê-la. É preciso concebê-la de forma satisfatória para a razão, em completo acordo com a lógica, com o bom senso e com a ideia que se tem da grandeza, da bondade e da justiça de Deus. De todas as doutrinas filosóficas, o Espiritismo é aquela que exerce, sob esse aspecto, a mais poderosa influência por conta da fé inabalável que proporciona. O espírita *sério* não se limita a crer – *ele crê porque compreende*, e compreende porque se dialoga com sua razão. A vida futura é uma realidade que transcorre continuamente sob sua vista: ele a vê e a toca, por assim dizer, em cada uma de suas fases, não podendo a dúvida encontrar guarida em sua alma. A vida corporal para ele desaparece, de tão limitada diante da vida espiritual, que é a verdadeira vida. Daí a pouca relevância que dá aos incidentes do caminho, assim como a sua resignação diante das vicissitudes cuja causa e utilidade ele compreende. Sua alma se eleva pelas relações diretas que mantém com o mundo invisível. Enfraquecem-se os laços fluídicos que o ligam à matéria, ocorrendo assim um desprendimento parcial antecipado que facilita a passagem desta para a outra vida. A inevitável perturbação da transição é de curta duração, porquanto, tão logo seja transposto o limiar, o espírito se reconhece: nada lhe é estranho, dando-se conta de sua situação.

Seguramente, o Espiritismo não é indispensável para tal resultado. Tampouco tem a pretensão de ser o único a garantir a salvação da alma, mas a facilita, pelos conhecimentos que proporciona, pelos sentimentos que inspira e pela disposição em que coloca o espírito, fazendo-o compreender a necessidade de aperfeiçoamento. Além disso, o Espiritismo dá a cada um os meios de facilitar o desprendimento *dos outros espíritos*, no momento em que eles

deixam seu invólucro terrestre, e de abreviar a duração da perturbação através da prece e da evocação. Através da prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se uma dissolução mais célere do fluido perispiritual; através da evocação conduzida com sabedoria e prudência, juntamente com palavras de benevolência e de encorajamento, tira-se o espírito do torpor em que se encontra, ajudando-o a reconhecer-se mais rapidamente¹⁵⁹; se ele sofre, estimula-se-lhe o arrependimento, única maneira de abreviar os sofrimentos.¹⁶⁰

159. Na magnetização espiritual, a prece chega ao espírito que sofre como um estímulo para que, soerguido em sua vontade, ele possa reequilibrar-se, conquistando os benefícios da lucidez espiritual e do bem-estar no desprendimento. (N. do E.)

160. Os exemplos que citaremos mostram os espíritos nas diferentes fases de felicidade e de infelicidade da vida espiritual. Não fomos procurá-los nas personagens mais ou menos ilustres da Antiguidade, cuja situação pode ter mudado consideravelmente desde a existência pela qual os conhecemos, e que não ofereceriam, ademais, provas adequadas de sua autenticidade. Tomamos esses exemplos das circunstâncias mais ordinárias da vida contemporânea, porque são aquelas com que cada um pode melhor se identificar, e de onde, por comparação, podem-se tirar as instruções mais proveitosas. Quanto mais a existência terrestre dos espíritos se aproxima da nossa – pela posição social, pelas relações ou pelos laços de parentesco –, mais nos interessamos por eles, e mais fácil torna-se a confirmação de sua identidade. As situações comuns são as mais numerosas, e por isso cada um pode tomá-las mais facilmente como exemplo; as situações excepcionais nos comovem menos, porque saem da esfera dos nossos hábitos. Não foram tais casos, portanto, os que procuramos, e se há entre os exemplos escolhidos algumas individualidades de renome, a maior parte é completamente desconhecida. Nomes de repercussão nada teriam a acrescentar à instrução, podendo ainda ferir suscetibilidades. Não nos dirigimos nem aos curiosos, nem aos sedentos de escândalos, mas àqueles que buscam instruir-se seriamente.

Tais exemplos poderiam ter sido multiplicados ao infinito, mas, forçados a limitar seu número, escolhemos aqueles que ensejariam maior esclarecimento sobre a situação no mundo espiritual, seja pela posição do espírito, seja pelas explicações que este teria condições de dar. A maior parte é inédita, tendo sido publicados apenas alguns exemplos na *Revista Espírita*, sendo que destes suprimimos os detalhes desnecessários, preservando apenas os elementos essenciais para o fim a que nos propusemos aqui, a eles acrescentando instruções complementares que possam ter surgido depois. (N. do A.)

CAPÍTULO II

Espíritos felizes

SR. SANSON

O sr. Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, faleceu a 21 de abril de 1862, após um ano de cruéis sofrimentos. Prevendo a própria morte, havia dirigido ao presidente da Sociedade uma carta com o seguinte teor:

Caso seja surpreendido pela separação entre minha alma e meu corpo, gostaria de reiterar um pedido que vos fiz há cerca de um ano, que é o de evocardes meu espírito o mais rapidamente possível e tantas vezes quantas julgardes apropriado, a fim de que – membro assaz inútil de nossa Sociedade durante minha presença na Terra – possa eu, de além-túmulo, a ela servir de alguma forma, dando-lhe os meios de estudar fase por fase, através das evocações, as diversas particularidades que acompanham o que o vulgo chama de *morte*, mas que, para nós espíritas, é apenas uma transformação, conforme os insondáveis desígnios de Deus, mas sempre útil ao objetivo a que Ele se propõe.

Além desta autorização e pedido para me honrardes com uma espécie de autópsia espiritual – que meu pouco adiantamento como espírito tornará talvez estéril e que vossa sabedoria naturalmente saberá circunscrever a um número limitado de tentames – atrevo-me a rogar pessoalmente, a vós e a todos os meus colegas, que tenham a bondade de suplicar ao Todo-Pode-

roso que permita aos bons espíritos assistirem-me com seus bondosos conselhos— em particular São Luís, nosso presidente espiritual –, guiando-me na escolha e na época de uma reencarnação, assunto que desde já me preocupa muito. Receio enganar-me sobre minhas forças espirituais, pedindo a Deus, muito cedo e presunçosamente, um estado corporal no qual não possa justificar a bondade divina, o que, em vez de servir para meu avanço, prolongaria minha estada na Terra ou em outra parte, caso eu fracasse.

Para satisfazermos seu desejo de ser evocado o mais rápido possível após sua morte, dirigimo-nos para a câmara mortuária com alguns membros da Sociedade, onde, na presença de seu corpo, ocorreu a seguinte conversa, uma hora antes do sepultamento. Tínhamos nisso um duplo objetivo: cumprir uma última vontade do sr. Sanson e observar, uma vez ainda, a situação da alma em momento tão imediato à morte, mormente em um homem eminentemente inteligente, esclarecido e profundamente cômico das verdades espíritas. Haveríamos de constatar a influência de tais crenças sobre o estado do espírito, captando suas primeiras impressões. Nossa expectativa não foi em vão, porquanto o sr. Sanson descreveu com uma perfeita lucidez o instante da transição. Viu-se morrer e renascer, circunstância pouco comum, em virtude da elevação do seu espírito.

I

(Câmara mortuária, 23 de abril de 1862)

1. [Evocação.]

– Atendo a vosso chamado para cumprir minha promessa.

2. Caro sr. Sanson, com prazer cumprimos um dever: o de evocá-lo o mais rápido possível após a sua morte, como era de seu desejo.

– É uma graça especial que Deus concede a meu espírito, permitindo comunicar-me. Agradeço-vos a boa vontade, mas estou tão fraco que tremo.

3. Sofria tanto o senhor que imagino podermos perguntar como está passando agora. Sente ainda as dores? Que sensações experimenta ao comparar sua situação atual com a de dois dias atrás?

– Minha situação é ditosa, porquanto nada mais sinto de minhas antigas dores, encontro-me restabelecido e sinto-me como novo, como se diz entre vós. A passagem da vida terrestre para a vida dos espíritos foi inicialmente incompreensível para mim, porque fica-se algumas vezes vários dias sem lucidez. Antes de morrer, porém, fiz uma prece a Deus, pedindo-Lhe que eu pudesse falar àqueles que amo, e Deus atendeu-me.

4. Após quanto tempo recuperou a lucidez das ideias?

– Após oito horas. Deus, repito, deu-me prova de sua bondade, julgando-me digno o bastante, e eu jamais poderei agradecer-Lhe o suficiente.

5. Está bem seguro de não pertencer mais a este mundo? Como se certifica disso?

– Oh! Certamente não pertenço mais a vosso mundo, mas estarei sempre a vosso lado para vos proteger e sustentar, para pregar a caridade e a abnegação, que foram os guias de minha vida. Depois, ensinarei a verdadeira fé, a fé espírita, que deve enaltecer a crença do justo e do bom. Estou forte, muito forte, em uma palavra – transformado. Não reconheceríeis mais em mim o velho enfermo que tudo precisava esquecer, evitando todo prazer, toda alegria. Sou espírito – minha pátria é o Espaço, meu futuro é Deus, que resplandece na imensidade. Bem queria eu poder falar a meus filhos, para ensinar-lhes aquilo em que nunca creram por má vontade.

6. A visão de seu corpo aqui ao lado provoca-lhe que efeito?

– Meu corpo, pobre e ínfimo despojo! Tu debes voltar ao pó, enquanto eu guardo a boa recordação de todos aqueles que me estimaram. Vejo esta pobre carne deformada, morada de meu espírito, provação de tantos anos! Obrigado, meu pobre corpo! Purificaste meu espírito, e o sofrimento, dez vezes bendito, garantiu-me posição bem feliz, já que disponho de imediato da possibilidade de vos falar.

7. Conservou o senhor sua consciência até o último momento?

– Sim, meu espírito conservou suas faculdades. Mesmo sem ver, podia, no entanto, pressentir. Toda a minha existência desenrolou-se em minha memória, e meu último pensamento, minha última súplica foi a de poder vos falar, o que faço agora. Em seguida pedi a Deus que vos protegesse, para que o sonho de minha vida fosse realizado.

8. Teve consciência do momento em que seu corpo exalou o último suspiro? O que se passou com o senhor nesse momento, que sensação experimentou?

– Desfaz-se a vida. A vista – ou melhor, a visão do espírito – apaga-se; encontra-se o vazio, o desconhecido. Arrastados não sei por que encanto, achamo-nos num mundo em que tudo é alegria e grandeza. Eu não mais sentia, não compreendia; preenchia-me, contudo, inefável felicidade, e não mais sentia a constrição da dor.

9. Tem o senhor conhecimento... do que pretendo dizer diante de seu túmulo?

Logo que as primeiras palavras da pergunta foram ditas, o espírito respondeu, sem que fosse concluída a indagação. E respondeu ainda, sem que tivesse sido questionado, sobre a controvérsia levantada entre os assistentes quanto à conveniência de que fosse lida essa comunicação no cemitério, dado que alguns dos presentes poderiam não compartilhar de tais opiniões.

– Oh! Meu amigo, tenho ciência, porque o vi ontem, assim como o vejo hoje. Minha satisfação é muito grande!... Obrigado, obrigado! Fale para que me compreendam e o estimem. Nada há a temer, porque se respeita a morte. Fale, pois, para que os incrédulos tenham fé. Adeus! Fale! Coragem, confiança, e que possam meus filhos converter-se a essa crença veneranda!

J. Sanson

Durante a cerimônia no cemitério, ele ditou as seguintes palavras:

Que a morte não vos aterrorize, meus amigos. Ela é uma etapa para vós, se soubestes viver bem. É uma felicidade, se a houverdes merecido dignamente, cumprido bem as vossas provas. Eu vos repito: coragem e boa vontade! Não atribuais senão um mínimo valor aos bens da Terra, e sereis recompensados; *não se pode muito desfrutar sem tirar o bem-estar dos outros e sem fazer, do ponto de vista moral, um imenso mal*¹⁶¹. Que a terra me seja leve!

161. Os bens terrenos são limitados. Mas com a revolução moral que se inicia, está entre as transformações sociais levar os benefícios da modernidade a todos os seres humanos, sem distinção, pela igualdade efetiva de oportunidades quanto à educação, saúde, moradia, relação familiar, trabalho, lazer, liberdade de escolha, pensamento e consciência. Também a superação dos privilégios, abusos e preconceitos. O Espiritismo faz compreender que a caridade desinteressada e a fraternidade são necessárias para a renovação social. (N. do E.)

II

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de abril de 1862)

1. [Evocação.]

– Meus amigos, estou junto a vós.

2. Ficamos muito felizes com a conversa que com o senhor tivemos no dia de seu enterro e, já que o permite, ficaremos ainda mais contentes em estendê-la, para benefício de nossa instrução.

– Estou pronto, contente por haverdes pensado em mim.

3. Tudo o que puder nos esclarecer sobre o mundo invisível, fazendo-nos compreendê-lo, será grande ensinamento, porquanto a falsa ideia que se faz do mundo invisível é o que muitas vezes leva à incredulidade. Não fique surpreso, portanto, com as perguntas que lhe possamos endereçar.

– Aguardo vossas perguntas e com elas não me espantarei.

4. O senhor descreveu com luminosa clareza a passagem da vida para a morte. Disse que, no momento em que o corpo exala o último suspiro, a vida se desfaz, e a visão do espírito encarnado se extingue. Esse momento é acompanhado de uma sensação penosa ou de dor?

– Sem dúvida, porquanto a vida é uma sucessão de dores, sendo a morte o remate de todas elas. Daí advém uma violenta ruptura, como se o espírito tivesse que fazer um esforço sobre-humano para libertar-se de seu envoltório, esforço que absorve todo o ser, fazendo-o perder a noção do que lhe acontece.

Tal não é a regra geral. A experiência prova que muitos espíritos perdem a consciência antes de expirar, e que a separação ocorre sem esforço naqueles que chegaram a um certo grau de desmaterialização.

5. Sabe se existem espíritos para os quais esse momento é mais doloroso? É mais penoso, por exemplo, no caso do materialista, que acredita que para ele tudo se acaba nesse momento?

– Seguramente, uma vez que o espírito preparado já esqueceu o sofrimento, ou antes, com ele habitou-se, e a calma com que encara a morte o impede de sofrer duplamente, porquanto sabe o que o espera. O sofrimento moral é o mais forte, e sua ausência no momento da morte é um alívio muito grande. Aquele que não crê assemelha-se ao condenado à pena capital, cujo

pensamento vê o cutelo e o *desconhecido*. Há semelhança entre esta morte e a do ateu.

6. Haverá materialistas endurecidos o bastante para crer seriamente que, no momento supremo, mergulharão no nada?

– Sem dúvida, há os que acreditam no nada até o último momento. No momento da separação, no entanto, o espírito examina profundamente sua vida, apoderando-se dele a dúvida que o tortura, porque se pergunta em que se vai transformar. Deseja entrever algo, mas não consegue. A separação não se pode processar sem tal impressão.

Numa outra ocasião um espírito nos forneceu a seguinte descrição acerca da morte do incrédulo: “O incrédulo empedernido experimenta nos últimos momentos as angústias de alguém num terrível pesadelo, que se vê à beira do abismo, prestes a ali mergulhar; faz inúteis esforços para fugir, sem que consiga andar; esforça-se para agarrar qualquer coisa, ancorar-se num ponto de apoio, mas sente-se resvalar; quer pedir auxílio, mas sem algum consegue articular. Em tais casos é que se vê o moribundo a torcer-se, a crispar as mãos e a dar gritos abafados, sinais evidentes do pesadelo que o prende. No pesadelo comum, o despertar tira-vos da aflição, sentindo-vos felizes ao reconhecer que tivestes apenas um sonho. O pesadelo da morte, no entanto, prolonga-se muitas vezes por muito tempo – anos mesmo – após o decesso. Ademais, o que torna a sensação ainda mais penosa para o espírito são as trevas em que se vê algumas vezes mergulhado”.

7. O senhor disse que não mais enxergava no momento da morte, mas que pressentia. Compreende-se que não mais visse com o corpo. No entanto, antes que a vida se extinguísse, já podia entrever a claridade do mundo espiritual?

– É como vos disse anteriormente: o instante da morte dá clarividência ao espírito; os olhos não mais veem, mas o espírito, que possui uma visão bem mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido, e a verdade, despontando de súbito, proporciona-lhe momentaneamente, é certo – ou uma alegria profunda, ou uma aflição indescritível, conforme o estado de sua consciência e a recordação de sua vida passada¹⁶².

162. O espírito tem sensações morais, felizes ou infelizes, de acordo com o seu grau evolutivo. Quanto às percepções: “O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito. É por seu intermédio que o Espírito encarnado tem a percepção das coisas espirituais que

Trata-se do instante que precede aquele em que o espírito perde a consciência, o que explica o uso do termo *momentaneamente*, pois as mesmas impressões agradáveis ou dolorosas persistem após o despertar.

8. Poderia dizer-nos o que o impressionou e o que viu no instante em que seus olhos se abriram para a luz? Poderia também descrever-nos, se possível, o aspecto das coisas com que deparou?

– Quando pude voltar a mim e ver o que se encontrava diante de meus olhos, estava como que ofuscado, sem poder compreender bem, pois a lucidez não retorna de imediato. Mas Deus, dando-me uma prova memorável de sua bondade, permitiu que eu recuperasse minhas faculdades. Vi-me rodeado de numerosos e fiéis amigos. Todos os espíritos protetores que nos vêm assistir estavam a meu redor, sorrindo. Uma alegria sem par os animava, e eu mesmo, forte e bem disposto, podia sem esforço transportar-me através do Espaço. O que vi não tem nome na linguagem humana.

“Voltarei, no entanto, para falar-vos mais amplamente de todas as minhas alegrias, mas sem ultrapassar o limite estipulado por Deus. Sabei que a felicidade, tal como vós a compreendeis entre vós, é uma ficção. Vivei sabiamente, santamente, no espírito de caridade e de amor, e estareis preparados para impressões que vossos maiores poetas não saberiam descrever.”

Os contos de fadas estão seguramente cheios de coisas absurdas. Mas não representariam eles, em certos aspectos, a descrição do que se passa no mundo dos espíritos? O relato do sr. Sanson não se assemelha àquele de um homem que, adormecido em uma pobre e obscura choupana, despertasse em esplêndido palácio, no meio de uma corte brilhante?



9. Sob que forma os espíritos se lhe apresentam? É sob a forma humana?

– Sim, meu caro amigo, na Terra os espíritos nos ensinaram que conservam, no outro mundo, a forma transitória que haviam manifestado em vosso

escapam aos sentidos carnis. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e restritas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, eles estão generalizados. O Espírito vê, entende e sente por todo o seu ser o que está na esfera da irradiação de seu fluido perispiritual” (*A Gênese*, cap. XIV, item 22). (N. do E.)

mundo, o que é a verdade. No entanto, que diferença entre a máquina imperfeita a arrastar-se penosamente com seu cortejo de provas e a fluidez maravilhosa do corpo dos espíritos! Não mais existe a feiura, porquanto os traços fisionômicos perdem a dureza de expressão que representa o caráter distintivo da raça humana. Deus beatificou todos esses corpos graciosos, que se movem com toda a elegância da forma. A linguagem tem entonações intraduzíveis para vós, o olhar tem a profundidade de uma estrela. Tratei de conceber, pelo pensamento, o que Deus – o Arquiteto dos arquitetos – pode realizar em sua onipotência, e tereis uma tênue ideia da forma dos espíritos.

10. E quanto ao senhor, como se vê? Reconhece em si mesmo uma forma limitada, circunscrita, ainda que fluídica? Sente em si a presença de uma cabeça, um tronco, braços e pernas?

– O espírito, tendo conservado sua forma humana – conquanto sublimada, divinizada –, possui certamente todos os membros de que fala. Sinto perfeitamente as pernas, as mãos e os dedos, porque podemos, por nossa vontade, aparecer-vos e apertar-vos as mãos. Estou perto de vós e apertei a mão de todos os meus amigos, sem que percebessem. Nossa fluidez pode estar por toda a parte sem ocupar o espaço, sem dar nenhuma sensação, se esse for o nosso desejo. Nesse momento estão suas mãos cruzadas, e sobre elas estão as minhas, e digo-lhe que conta com minha estima [, sr. Allan Kardec]. Meu corpo, no entanto, não ocupa espaço algum, a luz o atravessa, e o que chamaríeis um milagre, se vos fosse visível, para os espíritos é a ação contínua de todos os instantes. A visão dos espíritos não guarda relação com a visão humana, da mesma forma como seus corpos não têm semelhança real, uma vez que tudo é transformado no conjunto e na essência¹⁶³. O espírito, repito, tem uma perspicácia divina que se estende a tudo, já que é capaz de adivinhar até o vosso pensamento. Pode também, conforme a conveniência, tomar a forma que mais facilite o reconhecimento de acordo com vossas lembranças. Mas,

163. O perispírito não possui órgãos de percepção, como ocorre no corpo físico. A percepção dos espíritos está no todo, podendo perceber o que desejam, inclusive, pelo campo que se forma ao seu entorno, e que se amplia com sua evolução: “Todos [os espíritos], porém, assim os inferiores como os superiores, não ouvem, nem sentem, senão o que queiram ouvir ou sentir. Não possuindo órgãos sensitivos, eles podem, livremente, tornar ativas ou nulas suas percepções.” (*O Livro dos Espíritos*, q. 257). (N. do E.)

de fato, um espírito superior que haja concluído suas provas prefere a forma que o conduziu para perto de Deus.

11. Os espíritos não têm sexo; entretanto, como há poucos dias ainda o senhor era um homem, em seu novo estado tem mais da natureza masculina que da feminina? Acontece o mesmo com um espírito que tenha deixado seu corpo há muito tempo?

– Nós não temos que pertencer à natureza masculina ou à feminina: os espíritos não se reproduzem. Criou-os Deus conforme sua vontade, e se, pelos seus desígnios maravilhosos, quis que os espíritos reencarnassem na Terra, teve de incluir a reprodução das espécies através do macho e da fêmea. Mas percebeis, sem que seja necessária qualquer explicação, que os espíritos não podem ter sexo.

Sempre foi dito que os espíritos não têm sexo. Os sexos são necessários apenas para a reprodução orgânica e seriam inúteis para os espíritos, uma vez que os estes não se reproduzem. Nossa pergunta não tinha por objetivo confirmar tal fato, mas – em vista do recente passamento do sr. Sanson – queríamos saber se ele ainda mantinha alguma impressão de seu estado terrestre. Os espíritos depurados compreendem perfeitamente a sua natureza, mas entre os espíritos inferiores, afeitos ainda à matéria, existem muitos que acreditam estar ainda na Terra, conservando as mesmas paixões e desejos, acreditando ainda ser homens ou mulheres, havendo assim aqueles que afirmam que os espíritos têm sexo. Por isso certas contradições são provenientes do estado mais ou menos adiantado dos espíritos que se comunicam. O erro não é dos espíritos, mas daqueles que os interrogam sem se dar ao trabalho de aprofundar as questões.

12. Entre os espíritos que estão aqui, o senhor vê nosso presidente espiritual, São Luís?

– Ele sempre está perto de vós, e quando está ausente procura deixar um espírito superior para substituí-lo.

13. Não vê outros espíritos?

– Perdão. Vejo o Espírito da Verdade, Santo Agostinho, Lamennais, Sonnet, São Paulo, São Luís e outros amigos que evocais estão sempre em vossas sessões.

14. Com que aspecto apresenta-se-lhe a sessão? Para sua nova visão, ela é o que lhe parecia quando estava vivo? As pessoas mantêm a mesma aparência? Tudo é igualmente distinto e claro?

– Bem mais claro, porque eu posso ler o pensamento de todos e fico muito feliz pela boa impressão que me deixa a boa vontade de todos os espíritos re-

unidos. Desejo que o mesmo entendimento possa ocorrer não só em Paris, na congregação de todos os grupos, mas também em toda a França, onde *grupos há que se dividem e enciúmam, instigados por espíritos perturbadores que gostam da desordem*, quando o Espiritismo deve infundir o esquecimento completo e absoluto do *eu*.

15. Afirmou poder ler nosso pensamento. Seria possível que nos explicasse como ocorre essa transmissão de pensamento?

– Isso não é fácil. Para vos descrever ou explicar esse prodígio singular da visão dos espíritos seria necessário abrir para vós todo um arsenal de agentes novos, e seríeis tão sábios quanto nós, o que não é possível porquanto vossas faculdades são limitadas pela matéria. Paciência! Tornai-vos bons, e chegareis a tanto. Tendes atualmente apenas o que Deus vos concede, mas, com a esperança de progredir continuamente, sereis mais tarde como nós. Esforçai-vos por bem morrer para muito saber. A curiosidade – que é o estímulo do homem que faz uso da razão – há de vos conduzir com tranquilidade até a morte, reservando-vos a satisfação de todas as vossas curiosidades passadas, presentes e futuras. Até lá, responderei, ainda que imperfeitamente, à vossa pergunta: o ar que vos cerca, impalpável qual nós outros, carrega a marca de vosso pensamento; o sopro que exalais é, a bem dizer, a página escrita de vossos pensamentos, páginas que são lidas e comentadas pelos espíritos que vos cercam continuamente. São estes últimos os mensageiros de uma telegrafia divina à qual nada escapa.

A MORTE DO JUSTO

Após a primeira evocação do sr. Sanson, feita na Sociedade de Paris, um espírito transmitiu, com o título acima, a comunicação a seguir:

A morte deste de que agora vos ocupais foi a de um homem justo, ou seja, acompanhada de calma e de esperança. Assim como o dia sucede naturalmente à aurora, a vida espiritual sucedeu para ele à vida terrestre sem abalos ou rupturas, sendo seu último suspiro exalado num hino de reconhecimento e de amor. Quão poucos os que assim atravessam essa difícil passagem! Quão poucos, após as euforias e desenganos da vida, percebem o ritmo harmonioso das esferas! Assim como um homem saudável

que sofre uma mutilação após ser baleado ainda sente a dor no membro que lhe foi amputado, a alma do homem que morre desprovido de fé ou esperança dilacera-se e estertora ao separar-se do corpo, precipitando-se, inconsciente de si mesma, no Espaço.

Rogai por essas almas perturbadas; rogai por todo aquele que sofre; a caridade não está restrita à humanidade visível: ela também socorre e consola os seres que povoam o Espaço. Tendes a prova tocante disso na tão inesperada conversão daquele espírito que se sensibilizou com preces espíritas feitas junto ao túmulo deste homem de bem, que fazeis bem em interrogar, pois que ele deseja fazer-vos progredir no caminho do bem.¹⁶⁴ O amor não tem limites; preenche o Espaço, dando e recebendo ininterruptamente suas divinas consolações. O mar se desenrola numa perspectiva infinita; seu limite parece confundir-se com o céu, e o espírito deslumbra-se com o magnífico espetáculo dessas duas vastidões. Assim é o amor, mais profundo que as ondas, mais infinito que o Espaço, ele deve reunir a todos – encarnados e desencarnados – na mesma comunhão de caridade, operando a admirável fusão do que é finito e do que é eterno.

Georges

SR. JOBARD

Diretor do Museu da Indústria de Bruxelas, nascido em Baissey (Haute-Marne) e falecido em Bruxelas de um ataque fulminante de apoplexia, no dia 27 de outubro de 1861, aos 69 anos de idade.

I

O sr. Jobard fora presidente honorário da Sociedade Espírita de Paris. Pretendíamos evocá-lo na sessão de 8 de novembro, quando ele, antecipando-se ao nosso desejo, deu espontaneamente a seguinte comunicação:

164. Alusão ao espírito Bernard, que se manifestou espontaneamente no dia do funeral do sr. Sanson (v. *Revue Spirite*, maio de 1862, p. 132). (N. do A.)

Aqui estou, eu que iríeis evocar, pois desejo manifestar-me primeiramente através deste médium, cuja assistência vinha pleiteando até agora sem sucesso.

Quero inicialmente vos falar acerca de minhas impressões no momento da separação de minha alma. Senti um abalo inaudito; lembrei-me subitamente de meu nascimento, de minha juventude e de minha idade madura. Minha vida inteira reproduziu-se nitidamente em minha lembrança. Sentia apenas um intenso desejo de encontrar-me nas regiões reveladas por nossa amada crença. Asserenou-se em seguida toda essa agitação. Eu estava livre e meu corpo jazia inerte. Ah! meus queridos amigos, quanta alegria ao livrar-me do peso do corpo! Que contentamento poder abranger o Espaço! Não imagineis, contudo, que me tenha transformado subitamente em um eleito do Senhor – não, estou entre os espíritos que, tendo aprendido um pouco, devem ainda muito aprender. Não tardou para que me lembrasse de vós, *meus irmãos de exílio*, e asseguro-vos toda a minha simpatia, envolvendo-vos com meus melhores votos.

Quereis saber quais espíritos receberam-me e quais foram minhas impressões? Meus amigos, foram todos aqueles que nós evocamos, todos os irmãos que partilharam nossos trabalhos. Vi o esplendor, mas não posso descrevê-lo. Dediquei-me a discernir o que era verdadeiro nas comunicações, pronto a rejeitar toda afirmação errônea, pronto, enfim, para ser o arauto da verdade no outro mundo, tal como o fui no vosso.

Jobard

1. Enquanto encarnado recomendou-nos o senhor que o evocássemos quando houvesse deixado a Terra. Nós o fazemos, não somente para atender a seu desejo, mas, principalmente, para renovar-lhe o testemunho de nossa bem grande e sincera simpatia, e também no interesse de nossa instrução, uma vez que o senhor, melhor que ninguém, está em condições de nos proporcionar os esclarecimentos exatos sobre o mundo em que se encontra. Ficaremos, dessa forma, felizes se anuir em responder a nossas perguntas.

– No momento, o que mais importa é a vossa instrução. Quanto à vossa simpatia, eu a vejo, não percebo sua expressão apenas através dos ouvidos, o que constitui um grande progresso.

2. Para fixarmos os conceitos sem divagarmos, perguntamos inicialmente em que lugar o senhor aqui se encontra, e como o veríamos, caso pudéssemos vê-lo?

– Estou próximo ao médium. Haveríeis de me ver sob a aparência do Jobard que se sentava à vossa mesa, uma vez que vossa visão enquanto mortais, ainda restrita, somente permite ver os espíritos sob sua apresentação mortal.

3. Teria o senhor a possibilidade de tornar-se visível para nós, e, caso não o puder, o que a isso se opõe?

– A aptidão que vos é de todo pessoal. Um médium vidente poderia ver-me, os outros não.

4. Esse lugar é o mesmo que o senhor ocupava quando vivo, quando assistia às nossas sessões, e que lhe reservamos? Portanto, aqueles que ali o viram podem imaginá-lo, vendo-o como é agora. Se não está ali com o seu corpo material, está com o seu corpo fluídico, que tem a mesma forma. Se não o vemos com os olhos do corpo, vemos-lo com os do pensamento. Se o senhor não pode comunicar-se pela palavra, pode fazê-lo pela escrita, com a ajuda de um intérprete. Nossas relações com o senhor não estão, portanto, de modo algum interrompidas por sua morte, e podemos conversar tão fácil e completamente quanto outrora. É assim mesmo que acontece?

– Sim, e já o sabeis há muito tempo. Ocuparei este lugar muitas vezes, mesmo sem o vosso conhecimento, porque meu espírito habitará entre vós.

Chamamos a atenção para esta última frase: “Meu espírito habitará entre vós”. Nas presentes circunstâncias, não se trata apenas de uma figura de linguagem, mas de uma realidade. Pelo conhecimento que o Espiritismo nos proporciona acerca da natureza dos espíritos, sabemos que um espírito pode estar entre nós não apenas pelo pensamento, mas *pessoalmente*, por meio de seu corpo etéreo, que o torna uma individualidade distinta. Dessa forma, um espírito pode habitar entre nós depois de morto tão bem como quando vivia ainda em seu corpo; ainda melhor, aliás, porquanto pode vir e ir como lhe aprouver. Temos assim uma multidão de acompanhantes invisíveis, indiferentes uns, e outros que se nos ligam pela afeição. A estes últimos sobretudo é que se aplica esta frase: “Eles habitam entre nós”, que podemos assim traduzir: “Eles nos assistem, inspiram e protegem”.

5. Não faz muito tempo que o senhor se sentava nesse mesmo lugar. As condições em que agora se encontra parecem-lhe estranhas? Que efeito lhe traz tal mudança?

– Essas condições não me parecem estranhas, porque meu espírito desencarnado desfruta de uma lucidez que não permite incerteza alguma acerca das questões sobre que pondere.

6. Lembra-se de haver estado nessa mesma situação antes de sua última existência? Teria alguma coisa mudado?

– Recordo-me de minhas existências anteriores e percebo que melhorei. Vejo e compreendo aquilo que vejo; em minhas precedentes encarnações, com o espírito perturbado, somente atentava para as faltas terrestres.

7. Lembra-se de sua penúltima encarnação, a que precedeu a existência do sr. Jobard?

– Em minha penúltima existência fui um operário mecânico, atormentado pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar-me em meu ofício. *Realizei, como Jobard, os sonhos do pobre operário*, e louvo a Deus, cuja bondade infinita fez germinar a semente da planta por Ele depositada em minha mente.

8. O senhor já se comunicou em outro lugar?

– Comuniquei-me um pouco apenas. Em vários lugares um espírito tomou o meu nome; algumas vezes eu estava perto dele sem poder comunicar-me diretamente. Minha morte é tão recente que sou ainda vulnerável a certas influências terrestres. É preciso que haja uma perfeita afinidade para que eu possa exprimir meu pensamento. Em breve poderei agir indistintamente, mas não posso fazê-lo agora ainda, repito. Quando um homem um pouco conhecido morre, ele é chamado de todos os lados, e muitos espíritos apressam-se a assumir-lhe a individualidade: foi o que aconteceu comigo em várias circunstâncias. Asseguro-vos que logo após a libertação, poucos espíritos podem comunicar-se, mesmo por um médium de sua preferência.

9. Pode ver os espíritos que aqui conosco estão?

– Vejo sobretudo *Lázaro e Erasto*; depois, mais afastado, o *Espírito da Verdade* planando no Espaço; a seguir, uma multidão de espíritos amigos que vos cercam, pressurosos e cordiais. Sede felizes, amigos, porque boas influências vos resguardam das calamidades do erro.

10. Quando vivo, o senhor partilhava a opinião que foi emitida sobre a formação da Terra pela incrustação de quatro planetas que teriam sido agregados em conjunto. Tem ainda essa convicção?

– É um erro. As novas descobertas geológicas provam as convulsões da Terra e sua gradual formação. A Terra, como os outros planetas, teve sua vida própria, e Deus não necessitou dessa grande desordem, ou de tal agregação de planetas. A água e o fogo são os únicos elementos orgânicos da Terra.

11. Pensava o senhor também que os homens podiam entrar em catalepsia durante um tempo ilimitado, e que o gênero humano foi trazido dessa maneira para a Terra?

– Ilusão de minha imaginação, que sempre excedia o alvo. A catalepsia pode ser longa, mas não indeterminada. Tradições, lendas exageradas pela imaginação oriental. Meus amigos, já sofri muito reexaminando as ilusões com as quais alimentei meu espírito, não vos iludais a esse respeito. Aprendi muito, e hoje posso dizer que minha inteligência, pronta para assimilar vastos e diversos estudos, havia guardado, de minha última encarnação, o gosto pelo maravilhoso e pelo misterioso, haurido na imaginação popular.

“Ocupo-me pouco ainda de questões puramente intelectuais, tal como as compreendeis. Como poderia fazê-lo, deslumbrado, arrebatado como estou pelo maravilhoso espetáculo que me cerca? Somente o vínculo do Espiritismo, mais poderoso do que vós homens podeis conceber, pode atrair meu ser em direção a esta Terra de que me desligo, não com alegria, pois seria uma crueldade, mas com o profundo reconhecimento da libertação.”

Quando da subscrição aberta pela Sociedade em prol dos operários de Lyon, em fevereiro de 1862, um membro contribuiu com 50 francos, 25 dos quais em próprio nome e outro tanto em nome do sr. Jobard, que deu a seguinte comunicação a respeito do assunto:

Fico lisonjeado e agradecido por não ter sido esquecido entre meus irmãos espíritas. Agradeço ao coração generoso que vos fez a oferta que vos teria feito eu, caso estivesse ainda habitando vosso mundo. Neste em que agora estou, não há necessidade de dinheiro. Foi necessário, portanto, recorrer à bolsa da amizade para dar prova concreta de que me comovi com o infortúnio de meus irmãos de Lyon. Corajosos trabalhadores que ardentemente cultivais a vinha do Senhor, quanto deveis crer que a caridade não é uma palavra em vão, porque pequenos e grandes vos mostraram simpatia e fraternidade. Estais na grande estrada humanitária do progresso; que Deus possa nela vos conservar, e que possais ser mais ditosos. Sustentar-vos-ão os espíritos amigos, e haveis de triunfar!

Começo a viver espiritualmente, mais sereno e menos perturbado pelas evocações que sobre mim deságuam de toda a parte. A moda reina também entre os espíritos. Quando a moda Jobard der lugar a uma outra, e eu houver caído no humano, pedirei aos meus amigos verdadeiros – assim

considerados aqueles cuja inteligência não esquece – que me evoquem. Aprofundaremos então as questões tratadas de forma superficial, e vosso Jobard, completamente transfigurado, poder-vos-á ser útil, como deseja de todo o coração.

Jobard

Após os primeiros tempos dedicados a tranquilizar seus amigos, o sr. Jobard colocou-se entre os espíritos que trabalham ativamente pela renovação social, aguardando seu próximo retorno entre os encarnados, quando nela participará mais diretamente. Tem frequentemente transmitido desde então à Sociedade de Paris, de que permanece membro, comunicações de incontestável superioridade, sem se afastar da originalidade e dos espirituosos gracejos que constituíam a marca de seu caráter, permitindo que seja reconhecido mesmo antes de assinar o nome.

SAMUEL PHILIPPE

Samuel Philippe era um homem de bem na verdadeira acepção da palavra. Ninguém se lembrava de tê-lo visto cometer uma má ação ou de haver voluntariamente cometido um mal a quem quer que seja. De um devotamento sem limites por seus amigos, todos sabiam poder sempre contar com ele para prestar qualquer auxílio, ainda que à custa dos próprios interesses. Trabalhos, fadigas, sacrifícios, nenhum esforço media no intuito de ser útil, algo que fazia naturalmente, sem afetação, admirando-se de que se pudesse atribuir-lhe mérito por isso. Jamais ressentiu-se daqueles que lhe haviam feito mal, pondo-se-lhes à disposição com tanto desvelo como se lhe tivessem feito bem. Quando tinha de lidar com ingratos, dizia: “Não é a mim, mas a eles que se deve lastimar”. Conquanto muito inteligente e dotado de um talento natural, sua vida, de todo laboriosa, havia sido obscura e carregada de rudes provações. Era dessas naturezas de elite que florescem na sombra, da qual o mundo nada fala, e cujo brilho não se reflete sobre a Terra. Adquirira, no conhecimento do Espiritismo, uma fé ardente na vida futura e uma grande resignação perante os males da existência terrestre. Faleceu em dezembro de 1862, com 50 anos de idade, em consequência de uma dolorosa moléstia,

comovendo sinceramente sua família e alguns amigos. Evocamo-lo alguns meses após seu passamento.

1. Tem o senhor uma lembrança clara de seus últimos instantes na Terra?

– Perfeitamente. Tal lembrança voltou-me pouco a pouco, porquanto na ocasião minhas ideias estavam ainda confusas.

2. Para nossa instrução e pelo interesse que nos inspira sua vida exemplar, poderia descrever-nos como se deu, em seu caso, a passagem da vida corporal para a vida espiritual, assim como sua situação no mundo dos espíritos?

– De bom grado. Tal descrição será útil não apenas para vós, mas também para mim. Dirigindo novamente meus pensamentos à Terra, a comparação faz-me apreciar ainda melhor a bondade do Criador.

“Sabeis de quantas tribulações minha vida foi semeada. Jamais faltou-me coragem na adversidade, graças a Deus! Rejubilou-me hoje com isso. Quantas coisas teria perdido se tivesse cedido ao desânimo! Tremo só ao pensar que, caso tivesse fraquejado, tudo quanto suportei teria sido sem proveito, tendo que recomeçar. Ah, meus amigos! Que possais entender bem esta verdade, pois nela repousa a vossa felicidade futura. Não é, por certo, um preço caro a ser pago por essa felicidade com alguns anos de sofrimento. Se soubésseis como alguns anos representam pouca coisa diante do infinito!

“Se minha última existência teve algum mérito aos vossos olhos, não falaríeis de modo igual sobre aquelas que a precederam. Foi somente através do esforço do autoaprimoramento que me transformei no que sou agora¹⁶⁵. Para apagar os últimos traços de minhas faltas anteriores, era preciso ainda sofrer as últimas provas que aceitei voluntariamente, haurindo na firmeza de minhas resoluções a força para suportá-las sem me queixar. Hoje bendigo essas provações, pois por meio delas rompi com o passado, que a meus olhos hoje não passa de uma recordação, podendo agora contemplar, com legítima satisfação, o caminho que percorri.

165. A evolução do espírito ocorre pelo autoaprimoramento ou autonomia intelectual-moral, que é esforço voluntário pelo desenvolvimento das faculdades, qualidades e capacidades da alma. As vicissitudes e vivências das encarnações são oportunidades para essas conquistas, que proporcionam a felicidade ao espírito que progride. (N. do E.)

“Oh, vós que me fizestes sofrer sobre a Terra, que fostes duros e maldosos comigo, que me humilhastes e enchestes de amargura, vós cuja má-fé muitas vezes submeteu-me às mais difíceis provações, não somente vos perdoo, mas vos agradeço. Ao querer fazer-me o mal, não suspeitastes que me faríeis tanto bem. Mas é verdade, de fato, que a vós eu devo, em grande parte, a felicidade de que desfruto, porque me fornecestes a oportunidade de perdoar e de pagar o mal com o bem. Colocou-vos Deus em meu caminho para testar minha paciência, exercitando-me na prática da mais difícil das caridades: a de amar os inimigos.

“Não vos impacientes com tais digressões, chegarei ao ponto de vossa indagação.

“Ainda que sofrendo cruelmente durante minha última enfermidade, eu passei pela agonia. A morte veio para mim como o sono, sem luta, sem abalos. Não tendo apreensão com relação ao futuro, não me sentia agarrado à vida, não tendo, por conseguinte, que me debater contra os últimos laços. A separação aconteceu sem esforço ou dor, e sem que me apercebesse disso.

“Não sei quanto durou esse último sono – foi curto, no entanto. O despertar foi de uma calma que contrastava com meu estado anterior: não mais sentia dores, ficando feliz com isso. Queria levantar-me, andar, detinha-me, no entanto, um torpor nem um pouco desagradável, que tinha até mesmo um certo encanto, ao qual entregava-me com uma espécie de prazer, sem me dar conta de minha situação, mas sem duvidar que houvesse deixado a Terra. O que me cercava parecia-me um sonho. Vi minha esposa e alguns amigos chorando de joelhos no quarto, e disse para mim que certamente julgavam-me morto. Quis esclarecê-los, mas não pude articular palavra alguma, pelo que concluí que sonhava. Fortalecendo essa ideia havia o fato de que me via cercado por várias pessoas amadas, falecidas de há muito, e por outras, que à primeira vista não reconheci, e que pareciam velar por mim, aguardando que despertasse.

“Tal estado foi entremeadado de instantes de lucidez e de sonolência, durante os quais eu alternadamente recobrava e perdia a consciência de meu *eu*. Pouco a pouco minhas ideias adquiriram mais clareza. A luz que eu apenas entrevia através de um nevoeiro, fez-se mais brilhante. Comecei então a reconhecer-me e compreendi que não pertencia mais ao mundo terreno. Se não houvesse conhecido o Espiritismo, a ilusão, sem dúvida, teria se prolongado por muito mais tempo.

“Meus despojos mortais não haviam sido ainda enterrados. Observava meu corpo com piedade, alegre por ter, finalmente, dele me libertado. Sentia-me tão feliz por estar livre! Respirava com tranquilidade, como alguém que escapa de uma atmosfera nauseante, e indizível sensação de alegria penetrava todo o meu ser. A presença daqueles que eu amara enchia-me de alegria. Não estava, de modo algum, surpreso ao vê-los, parecia-me muito natural, mas era como revê-los após uma longa viagem. De início um fato me espantou, que é o de nos compreendermos sem articular palavra alguma – nossos pensamentos eram transmitidos apenas pelo olhar, como por uma penetração fluídica.

“No entanto, eu ainda não me despira completamente das ideias terrestres. A lembrança do que havia sofrido, retornava de tempos em tempos à memória, como para me fazer melhor apreciar minha nova situação. Eu sofrera fisicamente, mas sobretudo moralmente. Fora exposto à malevolência, a esses mil embaraços mais penosos talvez que as desgraças reais, porque elas causam uma ansiedade permanente. A impressão desses desassossegos não havia sido completamente desfeita, perguntando-me por vezes se realmente deles havia-me livrado. Parecia ainda ouvir certas vozes desagradáveis; temia as dificuldades que tantas vezes me haviam atormentado, estremecendo, contra a minha vontade. De modo a assegurar-me de que não era vítima de uma ilusão, apalpava-me, por assim dizer, e quando adquiri a certeza de que tudo isso acabara, pareceu-me que um peso enorme fora retirado de mim. ‘É, pois, verdade que estou finalmente livre de todos esses cuidados que fazem o tormento da vida’, dizia para mim mesmo, dando graças a Deus. Sentia-me como o pobre que herdasse repentinamente uma grande fortuna – durante algum tempo, ele duvida da realidade e sente as preocupações da privação. Oh! Se compreendessem os homens a vida futura, que força, que coragem tal convicção não haveria de lhes proporcionar na adversidade! O que não fariam, enquanto estão sobre a Terra, para garantir a felicidade que Deus reserva aos filhos obedientes às suas leis! Eles veriam quão pouco representam os prazeres que cobiçam, em comparação àqueles que menosprezam!”

3. Nesse mundo tão novo para o senhor, perto do qual o nosso tão pouco representa, os vários amigos que aí tem reencontrado fizeram-no perder de vista sua família e seus amigos na Terra?

– Se eu os tivesse esquecido seria indigno da felicidade de que desfruto. Deus não recompensa o egoísmo, Ele o pune. O mundo em que me encontro

poderia levar-me a desprezar a Terra, mas não os espíritos que aí estão encarnados. Somente entre os homens é que se vê a prosperidade fazer com que se esqueçam os companheiros de infortúnio. Vou muitas vezes rever os meus. Fico feliz pelas boas lembranças que guardam de mim, seus pensamentos me atraem para junto deles. Assisto a seus diálogos, alegro-me com suas alegrias e seus sofrimentos me entristecem, mas não com a tristeza cheia de ansiedade da vida humana, porquanto compreendo que tais sofrimentos são apenas passageiros, e para o bem deles. Fico feliz ao pensar que um dia também eles virão para esta morada em que se desconhece a dor. Para que se tornem dignos dessa morada é que eu me dedico, esforçando-me em sugerir-lhes bons pensamentos e, principalmente, a mesma resignação que tive diante dos desígnios de Deus. Minha maior aflição é quando os vejo retardar esse momento pela falta de coragem, pelas suas queixas, pela dúvida sobre o futuro, ou por qualquer ato repreensível. Trato, então, de afastá-los do mau caminho; se sou bem-sucedido, é uma grande alegria para mim, e com isso rejubilamo-nos todos aqui. Se não logro êxito, exclamo com pesar: “Mais um atraso para eles”. Consola-me, no entanto, saber que nada está perdido para sempre.

SR. VAN DURST

Antigo funcionário público falecido em 1863 na Antuérpia, aos 80 anos de idade.

Pouco tempo após o seu passamento, tendo um médium perguntado a seu guia espiritual se poderia evocá-lo, foi-lhe dada a seguinte resposta: “Esse espírito sai lentamente de sua perturbação. Já vos poderia responder, mas a comunicação haveria de lhe causar muitas dificuldades. Peço-vos, portanto, que espereis ainda quatro dias, e ele há de vos responder. Até lá, ele já estará ciente das boas intenções que haveis manifestado a seu respeito e virá até vós cordialmente reconhecido”.

Quatro dias mais tarde o espírito do sr. Van Durst ditou a seguinte comunicação:

Meu amigo, minha vida teve um peso mínimo na balança da eternidade, estou longe, no entanto, de sentir-me infeliz. Encontro-me na condição humilde, mas relativamente ditosa, daquele que pouco mal fez, sem que

com isso atingisse a perfeição. Se há pessoas felizes dentro de um círculo restrito, pois bem, sou uma dessas pessoas. Lamento somente não ter tido conhecimento do que sabeis agora, pois minha perturbação teria sido mais curta e menos penosa. Ela foi de fato grande: viver e não viver; ver meu próprio corpo, estando a ele fortemente ligado, e dele, no entanto, não me poder servir mais; ver aqueles a quem amamos sentindo extinguir-se o pensamento que nos une a eles – como é terrível! Oh, que momento cruel! Que momento, quando a perturbação se apodera de nós, estrangulando-nos, para virem, em seguida, as trevas! Sentir e, um momento depois, estar anulado! Desejar ter a consciência do *eu* mas não poder retomá-la; não mais existir, e sentir que existimos entretanto – em que perturbação profunda nos encontramos! Depois disso, após transcorrido um tempo incalculável de angústias refreadas – porquanto não se tem mais forças para senti-las –, após esse tempo que parece interminável, renascer lentamente para a existência, despertando em um novo mundo! Não mais o corpo material, não mais a vida terrestre, mas a vida imortal! Não mais homens carnis, mas formas leves, espíritos que se deslocam suavemente de todos os lados, movendo-se ao redor sem que se possa ver a todos com um só olhar, porque é no infinito que flutuam! Ter diante de si o Espaço e poder transpô-lo pela vontade apenas, comunicando-se através do pensamento com tudo o que nos cerca! Amigo, que vida nova! Que vida brilhante! Que vida de venturas!... Salve, salve, eternidade que me contém em teu seio!... Adeus, Terra que me detiveste tanto tempo longe do elemento natural da minha alma! Não, eu nada mais quero de ti, porque és a Terra do exílio e a maior felicidade que podes proporcionar ainda nada vale!

Se eu soubesse o que sabeis, porém, como a iniciação nesta outra vida teria sido mais fácil e mais agradável para mim! Teria conhecimento, antes de morrer, do que tive que aprender mais tarde, no momento da separação, e minha alma haveria de desligar-se mais facilmente. Vós estais no caminho, mas jamais, jamais ireis muito longe! Dizei isso a meu filho seguidas vezes, até que ele creia e para que se instrua – para assim não nos encontrarmos apartados, uma vez que chegue aqui.

Adeus a todos, amigos, adeus. Aguardo-vos. Enquanto estiverdes na Terra, virei muitas vezes instruir-me convosco, porquanto ainda não sei tanto como vários de vós. Mas aprenderei depressa aqui, pois não tenho

mais entaves que me atralhem, nem velhice que me diminua as forças. Vivemos rapidamente aqui e progredimos, vendo diante de nós tão belos horizontes que anelamos, sôfregos, poder alcançá-los.

Deixo-vos agora, adeus.

Van Durst

SIXDENIERS

Homem de bem, morto em um acidente, e conhecido do médium quando encarnado (Bordeaux, 11 de fevereiro de 1861).

1. Poderia o senhor fornecer alguns detalhes sobre sua morte?

– Depois de afogado, sim.

2. Por que não antes?

– Você já os conhece.

(De fato o médium conhecia os detalhes.)

3. Poderia então descrever as suas sensações após a morte?

– Fiquei muito tempo sem me reconhecer, mas com a graça de Deus e a ajuda dos que me cercam, quando a luz se fez, ela inundou-me. Acreditei: encontrareis sempre mais do que podeis esperar. Nada de material, tudo impressiona os sentidos ocultos – o que nem os olhos, nem as mãos podem alcançar. Podeis compreender-me? É um assombro espiritual que ultrapassa o vosso entendimento, porque não existem palavras que o explique, visto que só se sente isso através da alma.

“Meu despertar foi bem feliz. A vida é um desses sonhos que, apesar da ideia caricata que se associa a tal palavra, só posso qualificar de medonho pesadelo. Imaginai que estais encerrados em um infecto calabouço, onde vosso corpo, roído pelos vermes que se intrometem até a medula dos ossos, encontra-se suspenso sobre uma fornalha ardente; que vossa boca ressecada não encontra nem o ar para refrescá-la; que vosso espírito, tomado de terror, ao redor enxerga somente monstros prontos para devorar-vos. Imaginai, enfim, tudo o que um sonho fantástico possa engendrar de mais hediondo e terrível, e que, subitamente, encontrai-vos transportados a delicioso Éden, despertando cercados por todos aqueles que amastes e por quem chorastes. Ao redor podeis

então ver seus rostos adorados a sorrir-vos com alegria. Podeis ainda respirar os perfumes mais suaves, refrescar vossa garganta ressequida em fonte de água viva, e sentir o corpo alçando o espaço infinito, que o leva e embala como a brisa carrega uma flor desprendida do alto de uma árvore, sentindo-vos envolvidos pelo amor de Deus como a criança que nasce é envolvida pelo amor de sua mãe. Imaginai isso tudo, e ainda assim não tereis mais que uma pálida ideia de tal transição. Intentei explicar a felicidade da vida que espera o homem após a morte de seu corpo, mas não pude. Seria possível explicar o infinito àqueles que têm os olhos fechados para a luz e cujos membros nunca puderam sair do estreito círculo em que se encerram? Para explicar-vos a felicidade eterna, dir-vos-ei: amai, porque somente o amor permite pressenti-la, e ao dizermos *amor*, queremos dizer *ausência de egoísmo*.¹⁶⁶

4. Desfruta o senhor de uma situação de felicidade desde a sua chegada ao mundo dos espíritos?

– Não, pois tive que pagar a dívida do homem. Meu coração fez-me pressentir o futuro do espírito, mas eu não tinha fé. Tive que expiar minha indiferença para com o Criador, mas sua misericórdia levou em consideração o bem exíguo que pude fazer, as dores que suporci com resignação, malgrado os sofrimentos, e sua justiça, cuja balança os homens jamais compreenderão, pesou o bem com tanta bondade e amor, que o mal depressa se apagou.

5. Poderia dar notícias de sua filha [falecida quatro ou cinco anos antes do pai]?

– Ela está em missão na Terra.

6. Ela está feliz enquanto criatura encarnada? Receamos fazer-lhe uma pergunta indiscreta.

– Sei bem disso, pois então não enxergo vosso pensamento como um quadro diante de meus olhos? Não; como criatura ela não é feliz, pelo contrário. Há de sofrer as misérias de vosso mundo, para que pregue pelo exemplo as grandes virtudes que alardeais com belas palavras. Terá minha ajuda, porquanto devo por ela velar. Mas não terá grandes dificuldades para superar os

166. Allan Kardec conceituou as sensações próprias do espírito como felicidade e infelicidade. Mas as nuances e amplitudes do que eles verdadeiramente sentem são indescritíveis, pois seria como se quiséssemos explicar a um cego de nascença de que se tratam as cores, formas e luminosidades que vemos na natureza. (N. do E.)

obstáculos, pois *ela não se encontra em expiação, mas em missão*. Tranquilizai-vos, portanto, com relação a ela, e fico agradecido pela lembrança.

Nesse momento o médium experimentou uma dificuldade para escrever, dizendo:

7. Se se trata de um espírito sofredor que me impede, peço que escreva seu nome.

– Uma infeliz.

8. Poderia declinar seu nome?

– Valérie.

9. Poderia dizer qual o motivo de seu sofrimento?

– Não.

10. Encontra-se arrependida das suas faltas?

– Podeis bem ver que sim.

11. Quem a trouxe aqui?

– Sixdeniers.

12. Com que objetivo o fez?

– Para que me ajudeis.

13. Foi por sua ação que há pouco o médium sentiu-se impedido de escrever?

– Sixdeniers colocou-me no lugar dele.

14. Que relação existe entre vós?

– Ele me guia.

15. Peça-lhe que se junte a nós para a prece. [Após a prece, Sixdeniers retoma a palavra:]

– Agradeço em nome dela. Bem compreendestes, não vos esquecerei. Pensa nela.

16. [A Sixdeniers] Como espírito, tem o senhor muitos espíritos sofredores para guiar?

– Não. Entretanto, assim que encaminhamos um deles para o bem, dedicamo-nos a outro, sem que com isso abandonemos os anteriores.

17. Como pode dar conta de uma guarda que se deve estender ao infinito com o tempo?

– Compreendei que aqueles que encaminhamos purificam-se e progredem, requerendo assim menos atenção, ao passo que nós outros nos elevamos também, progredindo nossas faculdades nesse processo, e dilatando-se nosso poder na proporção de nossa pureza.

Nota: Os espíritos menos evoluídos são, portanto, assistidos por espíritos bons que têm por missão guiá-los¹⁶⁷. Essa tarefa não é dirigida exclusivamente aos encarnados, mas estes devem com ela contribuir, porque isso constitui para eles uma oportunidade de progredir. Quando um espírito inferior interrompe uma boa comunicação, como no caso presente, certamente nem sempre o faz com uma boa intenção, mas os bons espíritos o permitem, seja como prova, seja para que aquele a quem o espírito se dirige trabalhe para o seu aperfeiçoamento. É verdade que a persistência pode às vezes degenerar numa obsessão – quanto mais obstinado for, mais demonstra quão grande é a necessidade de assistência. Seria, pois, um erro repelir um espírito assim. É preciso enxergá-lo como um pobre a pedir esmola, pensando antes tratar-se de um espírito sofredor que os bons espíritos nos enviam para que o eduquemos; se exitosos nessa tarefa, teremos a alegria de haver conduzido uma alma ao bem, tendo abreviado seus sofrimentos. Essa tarefa é muitas vezes penosa; seria decerto mais agradável receber apenas belas comunicações e conversar somente com espíritos de nossa escolha, mas não é buscando apenas a nossa própria satisfação e recusando as ocasiões de fazer o bem que nos são oferecidas que havemos de merecer a proteção dos bons espíritos.

DR. DEMEURE

Morto em Albi (Tarn), em 25 de janeiro de 1865.

O dr. Demeure era um médico homeopata muito distinto em Albi. Seu caráter e saber haviam-lhe granjeado a estima e a veneração de seus concidadãos. Sua bondade e caridade eram inesgotáveis, e, apesar da idade avançada, não sentia nenhuma fadiga quando se tratava de socorrer os pobres doentes. O preço de suas visitas era o que menos o preocupava. Pesava-lhe menos deslocar-se para atender uma pessoa carente do que alguém que ele sabia poder

167. Uma efetiva solidariedade une a todos no mundo espiritual. Nenhum espírito fica abandonado, pois todos são acompanhados por um espírito bom que tem a missão de guiá-lo, até que se oriente pelo caminho do bem. Também esse, por sua vez, alcançará um dia a capacidade de orientar os mais simples. (N. do E.)

pagar pela consulta, porquanto, dizia ele, este último sempre poderia, em sua falta, procurar outro médico. Ao primeiro não apenas fornecia gratuitamente os remédios, mas também frequentemente provia-lhe as necessidades materiais – o que por vezes é o mais útil dos medicamentos. Pode-se dizer que fora o Cura d’Ars da medicina.

O dr. Demeure abraçara com ardor a Doutrina Espírita, onde encontrou a chave para os mais graves problemas cuja solução procurara em vão na Ciência e em todas as filosofias. Seu espírito profundo e investigador fez com que compreendesse de imediato todo o alcance do Espiritismo, tornando-se um de seus mais zelosos divulgadores. Relações de viva e mútua simpatia estabeleceram-se entre ele e nós outros, por correspondência.

Soubemos de seu passamento no dia 30 de janeiro, e nosso primeiro pensamento foi o de conversar com ele. Eis a comunicação que nos deu no mesmo dia:

Aqui estou. Ainda vivo eu havia prometido que, ao morrer, se me fosse possível, viria apertar a mão de meu querido mestre e amigo, o sr. Allan Kardec.

A morte dera à minha alma esse pesado sono a que chamamos de *letargia*; mas meu pensamento estava vigilante. Sacudi esse torpor funesto que prolonga a perturbação que se segue à morte, acordei e, de um salto, fiz a viagem.

Como sou feliz! Não me encontro mais velho ou enfermo – meu corpo era apenas um disfarce que me fora imposto. Estou jovem e belo, belo dessa eterna juventude dos espíritos, cujas rugas não mais vincam o rosto, dos quais os cabelos não encanecem sob a ação do tempo. Sou leve como o pássaro que atravessa num voo rápido o horizonte de vosso céu nebuloso. Admiro, contemplo, bendigo e amo, inclinando-me, átomo que sou, ante a grandeza, a sabedoria e inteligência de nosso Criador, ante as maravilhas que me cercam.

Eu sou feliz – estou em glória! Oh! Quem poderia jamais descrever as esplêndidas belezas da terra dos eleitos – os céus, os planetas, os sóis, assim como o papel que desempenham na grande confluência da harmonia universal? Pois bem, tentarei eu, meu mestre! Estudarei para poder vir depositar junto a vós a homenagem de meus trabalhos como espírito, que vos dedico antecipadamente. Até breve!

Demeure

As duas comunicações seguintes, dadas nos dias 1º e 2 de fevereiro, são relativas à doença que nos acometia na ocasião. Embora pessoais, reproduzimo-las porque dão provas de que o sr. Demeure é tão bom como espírito como o era enquanto homem.

Meu bom amigo, tenha confiança em nós, além de muita coragem. Esta crise, conquanto fatigante e dolorosa, não será longa e, com os cuidados prescritos, poderá, conforme seus desejos, completar a obra que constitui o objetivo principal de sua existência. Sou eu, no entanto, que estou sempre aí, ao seu lado, com o Espírito da *Verdade*, em cujo nome tenho a permissão de tomar a palavra na posição de último de seus amigos terrestres a chegar ao mundo dos espíritos. Estes honraram-me com as boas-vindas. Caro mestre, como estou feliz por ter desencarnado a tempo de estar com eles neste momento! Se tivesse morrido mais cedo, talvez eu pudesse ter-lhe evitado essa crise que eu não previra. Havia muito pouco tempo que eu estava desencarnado para poder ocupar-me de outro assunto que não o espiritual. Mas agora hei de velar pelo senhor, caro mestre, como seu irmão e amigo, feliz como espírito e ao seu lado para prestar-lhe cuidados durante a enfermidade. Mas conhece já o provérbio: “Ajuda-te, que o Céu te ajudará”. Ajude, assim, os bons espíritos nos cuidados que lhe dispensam, submetendo-se disciplinadamente às suas prescrições.

Faz muito calor aqui. Esse carvão é insalubre. Enquanto esteja doente, não o queime, pois causaria mais problemas, já que os gases que se desprendem dele são nocivos.

Seu amigo, Demeure

Sou eu, Demeure, o amigo do sr. Kardec. Venho dizer-lhe que estava ao seu lado quando lhe aconteceu o acidente, que poderia ter sido fatal sem uma intervenção eficaz, para a qual tive a felicidade de contribuir¹⁶⁸. Con-

168. No dia 31 de janeiro de 1865, Kardec ficou seriamente doente em consequência da fadiga e do sedentarismo provocados pelo excesso de trabalho. Numa carta manuscrita ao senhor Malibrán, em 10 de fevereiro, afirmava estar melhor, acreditando-se em convalescença, mas ainda bastante fraco: “A violenta sacudida que sofri deixou-me

forme minhas próprias observações e ensinamentos que obtive de boa fonte, é evidente para mim que, quanto mais cedo ocorrer sua desencarnação, mais cedo há de se dar sua reencarnação, na qual virá para acabar a sua obra. Contudo, precisa ele fazer, ainda antes de partir, uma última revisão nas obras que devem completar a teoria doutrinária, da qual é o iniciador. Seria ele culpado de uma morte voluntária ao contribuir, por conta do excesso de trabalho, para a própria falência orgânica, que o ameaça de uma súbita partida para os nossos mundos. Não receiem contar-lhe toda a verdade, para que se previna e siga rigorosamente nossas prescrições.

Demeure

A comunicação seguinte foi obtida em Montauban, no dia 26 de janeiro, no dia seguinte à sua morte, num círculo de amigos espíritas que ele tinha na cidade:

Sou Antoine Demeure. Não estou morto para vós, meus bons amigos, mas para aqueles que não conhecem como vós esta santa doutrina que reúne aqueles que se amaram na Terra, e que tiveram os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos de amor e de caridade.

Estou feliz, mais feliz do que podia esperar, porque desfruto de uma lucidez rara entre os espíritos desligados da matéria há tão pouco tempo. Tende coragem, meus bons amigos, estarei frequentemente junto a vós e não deixarei de vos instruir sobre muitas coisas que ignoramos quando estamos ligados à nossa pobre matéria, que esconde de nós tanta magnificência e tanta ventura. Orai pelos que estão privados dessa felicidade, pois não sabem o mal que a si mesmos fazem.

Não me prolongarei muito hoje, direi somente que não me sinto de todo estranho neste mundo dos invisíveis, pois parece-me que sempre o habitei. Aqui estou feliz, porque vejo meus amigos e posso comunicar-me com eles quando assim desejar.

Não choreis, meus amigos, faríeis lamentar-me por vos haver conhecido. Deixai o tempo passar e Deus há de conduzir-vos a esta morada onde

um abalo que exige ainda grandes precauções e não quero recair de novo. Por ordem expressa do médico e dos espíritos, devo abster-me, pelo menos durante um mês, de toda preocupação e de todo trabalho assíduo.” (*Nem céu nem inferno*, p. 269). (N. do E.)

todos devemos nos reunir. Boa noite, meus amigos, que Deus vos console. Estou ao vosso lado.

Demeure

Uma outra carta de Montauban contém o seguinte relato:

Havíamos ocultado à sra. G., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do sr. Demeure, por conta de sua extrema sensibilidade, e o bom doutor, sem dúvida compartilhando dos nossos desejos, evitou manifestar-se a ela. Dia 10 de fevereiro último, estávamos reunidos a convite de nossos guias que, diziam eles, queriam aliviar a sra. G. de uma entorse da qual ela sofria terrivelmente desde a véspera. Não sabíamos de mais nada, estando longe de imaginar a surpresa que eles nos preparavam. Logo que essa senhora entrou em estado sonambúlico, começou a dar gritos lancinantes, mostrando o pé. Eis o que se passava:

A sra. G. via um espírito curvado sobre sua perna, espírito cujas feições permaneciam-lhe ocultas. Ele fazia fricções e massagens, exercendo de vez em quando uma tração longitudinal sobre a região acometida, tal qual um médico teria feito. A ação era tão dolorosa que a paciente às vezes gritava, movendo-se desordenadamente. Mas a crise não durou muito, pois ao fim de dez minutos todos os sinais da entorse haviam desaparecido, inclusive o edema, tendo o pé retomado sua aparência normal. A sra. G. estava curada¹⁶⁹.

Entretanto, o espírito ainda permanecia incógnito para a médium, e persistia em não mostrar suas feições. Dava mesmo a impressão de querer fugir, quando, num salto, nossa doente, que minutos antes não podia dar um passo, atira-se ao centro da sala para apertar a mão de seu médico espiritual. Ainda aqui o espírito escondeu o rosto, deixando sua mão na mão da médium. Nesse momento, a sra. G. dá um grito e cai desmaiada

169. Esta cura está relatada no artigo “Poder curativo do magnetismo espiritual”, *Revista Espírita*, abril de 1865. Em nota, Kardec comenta: “A cura narrada acima é um exemplo da ação do magnetismo espiritual puro, sem nenhuma mistura de magnetismo humano. Por vezes os Espíritos se servem de médiuns especiais como condutores de seu fluido; estão aí os médiuns curadores propriamente ditos”. Veja também em “Cura de uma fratura”, *Revista Espírita*, setembro, mesmo ano. (N. do E.)

no chão: ela acabara de reconhecer o dr. Demeure no espírito curador. Enquanto desmaiada, ela recebeu os cuidados solícitos de vários espíritos. Enfim, tendo retomado sua lucidez sonambúlica, ela conversou com os espíritos, trocando com eles calorosos apertos de mão, notadamente com o espírito do médico, que respondia a seus testemunhos de afeição envolvendo-a com um fluido reparador.

Não se trata de uma cena impressionante e dramática, e não nos parece ver todos esses personagens desempenharem seu papel na vida humana? Não é uma prova entre outras mil de que os espíritos são seres bem reais, tendo um corpo e agindo como o faziam na Terra? Estávamos felizes por reencontrar nosso amigo agora em espírito, com seu excelente coração e sua delicada solicitude. O doutor fora, durante a vida, o médico da médium; conhecia sua extrema sensibilidade, tratando-a como sua própria filha. Essa prova de identidade dada àqueles que o espírito amava não é impressionante e capaz de fazer encarar a vida futura sob uma luz consoladora?

Nota: A situação do sr. Demeure, como espírito, é exatamente a que se podia pressentir diante da sua existência tão digna e utilmente vivida. Mas um outro fato, não menos instrutivo, resulta dessas comunicações: é o empenho que ele demonstra, quase imediatamente após a morte, para ser útil. Por sua grande inteligência e qualidades morais, ele pertence à classe dos espíritos muito adiantados. Ele é feliz, mas sua felicidade não se encontra na inação. Ele tratava, apenas alguns dias antes, dos doentes como médico; tão logo desligado da matéria, esforça-se para cuidar deles como espírito. O que se ganha, portanto, em estar no outro mundo, dirão certas pessoas, se nele não se desfruta de repouso? Redarguimos, inicialmente, se nada significa não ter mais nem as preocupações, nem as necessidades, nem as enfermidades da vida; ser livre e poder, sem afadigar-se, percorrer o Espaço com a rapidez do pensamento, ir ter com os amigos a qualquer hora, seja qual for distância em que se encontrem? Diremos ainda: quando estiverdes no outro mundo, nada vos forçará a fazer seja o que for; sereis perfeitamente livres para ficar numa beatitudinosa ociosidade tanto tempo quiserdes; mas logo abandonareis esse repouso egoísta – sereis os primeiros a pedir uma ocupação. Ser-vos-á então dito: se ficais entediados por nada fazer, procurai vós mesmos fazer qualquer coisa;

as ocasiões para serdes úteis não faltam no mundo dos espíritos, como não faltam entre os homens. É assim que a atividade espiritual não representa um constrangimento, mas uma necessidade, uma satisfação para os espíritos, que procuram ocupações em consonância com seus gostos e aptidões, escolhendo preferivelmente as que podem contribuir para o próprio adiantamento¹⁷⁰.

SRA. VIÚVA FOULON (nascida WOLLIS)

A sra. Foulon, falecida em Antibes no dia 3 de fevereiro de 1865, durante muito tempo morou no Havre, onde conquistou a reputação de hábil pintora miniaturista. Seu talento notável foi-lhe inicialmente apenas uma distração de amadora, mas, mais tarde, quando dias difíceis sobrevieram, soube fazer de tal talento um recurso precioso. O que a fazia ser amada e estimada, tornando sua lembrança querida a todos os que a conheceram, é sobretudo a sua grandeza de caráter, suas qualidades pessoais que somente os que comungaram de sua vida íntima podem apreciar em toda a sua extensão. Isso porque, como todos aqueles em que o sentimento do bem é inato, ela jamais fez alarde de seus predicados, dos quais não parecia sequer se dar conta. Se houve uma pessoa sobre quem o egoísmo não teve influência alguma, foi ela, sem dúvida. Jamais, talvez, o sentimento da abnegação pessoal tenha sido aplicado mais intensamente, pois estava sempre pronta a sacrificar seu repouso, sua saúde e seus interesses por aqueles a quem ela podia ser útil. Sua vida não foi senão uma longa sequência de atos de dedicação, assim como foi, desde sua juventude, apenas uma longa série de difíceis provas, diante das quais sua coragem, resignação e perseverança jamais falharam. Infelizmente, no entanto, sua visão, desgastada pelo trabalho minucioso, apagava-se um pouco a cada dia, de forma que, após um certo tempo, a cegueira, já muito avançada, tornou-se completa.

170. O ponto fundamental da evolução espiritual, comenta Kardec, está no esforço voluntário, pois se trata necessariamente de uma escolha autônoma da vontade. É um processo de conscientização e não de constrangimento. O espírito que estaciona, sem se preocupar com o futuro, causa o próprio tédio, entre outros sofrimentos morais. (N. do E.)

Quando a senhora Foulon tomou conhecimento da Doutrina Espírita, foi para ela como um raio de luz. Pareceu-lhe que um véu se levantava de sobre algo que não lhe era desconhecido, mas de que tinha apenas uma vaga intuição. Estudou então com ardor, mas também com uma lucidez de espírito e exatidão de entendimento que eram próprias da sua elevada inteligência. É preciso conhecer todas as inquietações de sua vida – inquietações cujo objeto de atenção não era ela mesma, mas os seres que lhe eram queridos – para compreender todas as consolações que hauriu nessa sublime revelação, que lhe dava uma fé inabalável no futuro, mostrando-lhe a insignificância das coisas terrestres.

Sua morte foi digna de sua vida. Viu a sua aproximação sem nenhuma apreensão dolorosa: para ela era a libertação dos laços terrestres, que lhe haveria de abrir as portas da vida espiritual bem-aventurada com que se havia identificado através do estudo do Espiritismo. Morreu placidamente, pois tinha a consciência de haver realizado a missão que aceitara ao vir à Terra, cumprindo escrupulosamente seus deveres de esposa e de mãe de família, assim como, durante a vida, havia se negado a nutrir qualquer ressentimento contra aqueles de quem pudera se queixar, e que lhe demonstraram ingratidão – havia-lhes sempre pago o mal com o bem, perdando-os ao deixar a vida terrestre, confiando-os, de si mesma, à bondade e à justiça de Deus. Morreu, enfim, com a serenidade proporcionada por uma consciência limpa e com a certeza de estar menos separada de seus filhos do que durante a vida corpórea, porquanto poderá, dali em diante, estar com eles em espírito, em qualquer ponto da Terra em que se encontrem, ajudando-os com seus conselhos e cobrindo-os com sua proteção.

Logo que soubemos da morte da senhora Foulon, nosso primeiro desejo foi o de evocá-la. As relações de amizade e de simpatia que a Doutrina Espírita estabelecera entre nós explicam algumas de suas palavras e a familiaridade da sua linguagem.



(Paris, 6 de fevereiro de 1865, três dias após sua morte.)

Estava certa de que pensaria em evocar-me logo após a minha libertação, mantendo-me pronta para atendê-lo, porquanto não passei pela perturbação. Só os que têm medo são envolvidos por suas densas trevas.

Pois bem, meu amigo, agora estou feliz! Estes pobres olhos que se haviam enfraquecido – deixando-me apenas a lembrança de prismas que haviam colorido minha juventude com o seu brilho cintilante – abriram-se aqui e reencontraram os grandiosos horizontes que alguns de seus grandes artistas idealizam em suas imprecisas reproduções, mas cuja realidade majestosa e severa, todavia cheia de encantos, está moldada pela mais completa realidade.

Há apenas três dias que estou morta, e sinto que sou artista. Minhas aspirações com relação ao ideal da beleza na arte eram apenas a intuição de faculdades que eu havia estudado e adquirido em outras existências e que se desenvolveram na última. Quanto é preciso que eu faça, porém, para reproduzir uma obra-prima digna da grandiosa cena que impressiona vivamente o espírito que chega à região da luz! Pincéis, pincéis! E provarei ao mundo que a arte espírita é o coroamento da arte pagã, da arte cristã que ora corre riscos, e que somente ao Espiritismo está reservada a glória de fazê-la reviver com todo o seu brilho neste deserdado mundo.

Não falemos mais da artista. Falemos agora da amiga.

Por que, boa amiga [sra. Allan Kardec], afetou-a assim a minha morte? Sobretudo porque a amiga bem conhecia as decepções e as amarguras de minha vida, devendo então, ao contrário, estar alegre ao ver que não tenho mais que beber na taça amarga das dores terrestres, que esvaziei até o fim. Acredite, os mortos são mais felizes que os vivos, e chorar por eles é duvidar da verdade do Espiritismo. Esteja certa de que me verá novamente. Parti primeiro porque minha tarefa estava terminada cá na Terra, onde cada um tem uma tarefa a cumprir. Quando a sua houver acabado, virá repousar por um tempo junto a mim, para recomeçar em seguida, se assim

for preciso, pois nada permanece inativo na Natureza. Cada um tem as tendências próprias, às quais obedece, lei suprema que demonstra o poder do livre-arbítrio. Assim, boa amiga, indulgência e caridade, que delas todos nós necessitamos mutuamente, seja no mundo visível ou no invisível. Sob essa divisa tudo há de transcorrer bem.

Ainda que não fosse pedir que me interrompesse, saiba que é a primeira vez que falo tão longamente há muito tempo! Assim sendo, deixo-a agora para falar com meu distinto amigo, o sr. Kardec. Quero agradecer-lhe as afetuosas palavras que dirigiu à amiga que o precedeu no túmulo – porque estivemos a ponto de partirmos juntos para o mundo onde me encontro, meu bom amigo! [Alusão à enfermidade de que falara o dr. De-meure.] Que teria dito ela, a companheira bem-amada de seus dias, caso os bons espíritos não tivessem posto a situação em ordem? Aí então é que ela teria chorado e gemido, e eu a teria compreendido. Mas também é preciso que ela esteja atenta para que não fique o amigo novamente exposto ao perigo antes de haver terminado seu trabalho de iniciação espírita, sem o que corre o risco de chegar muito cedo entre nós e de ver, qual Moisés, apenas de longe a Terra Prometida. Tenha então cuidado – é uma amiga que o previne.

Devo ir agora e retornar para perto dos meus queridos filhos. Verei depois, além-mar, se minha ovelha viajante finalmente chegou ao porto, ou se é juguete da tempestade [refere-se a uma de suas filhas que vivia na América]. Que os bons espíritos a protejam, vou juntar-me a eles para tal fim. Voltaremos a conversar, já que sou uma faladora incansável, como podem lembrar. Adeus então, bons e caros amigos, até breve!

Viúva Foulon

II

1. Querida sra. Foulon, estou muito feliz pela comunicação que transmitiu outro dia e com a promessa de continuarmos nossas conversas. Pude reconhecê-la perfeitamente na comunicação, pois falou sobre coisas que o médium ignorava, e que só da senhora poderiam vir, pois sua linguagem afetuosa conosco é bem aquela de sua alma bondosa. Há em suas palavras, porém, uma segurança, um equilíbrio, uma firmeza que não lhe conhecia quando viva,

sendo de seu conhecimento que a este respeito tomei a liberdade de adverti-la mais de uma vez, em certas circunstâncias.

– É verdade. Mas, desde que me vi gravemente doente, recuperei a firmeza de espírito, perdida pelas mágoas e vicissitudes que por vezes me haviam tornado temerosa durante a vida. Disse para mim mesma: tu és espírita, esquece a Terra; prepara-te para a transformação do teu ser, e vê, pelo pensamento, a senda luminosa que tua alma deve seguir ao deixar teu corpo, e que a conduzirá, feliz e livre, para as esferas celestes onde tu deves doravante viver. Dirá o senhor que era um tanto presunçoso de minha parte contar com a felicidade perfeita ao deixar a Terra, mas eu tinha sofrido tanto que deveria ter expiado minhas faltas desta existência e das precedentes. Essa intuição não me enganara, e foi ela quem me deu a coragem, a calma e a firmeza nos últimos instantes. Tal firmeza naturalmente ampliou-se quando, após a minha libertação, vi minhas esperanças realizadas.

2. Poderia descrever-nos agora o seu passamento, o seu despertar, assim com as suas primeiras impressões?

– Eu sofri, mas meu espírito foi mais forte que o sofrimento material que lhe impunha o desligamento. Encontrei-me, *após o último suspiro*, como em síncope, não tendo nenhuma consciência de meu estado, sem pensar em nada e em uma vaga sonolência que não era nem o sono do corpo, nem o despertar da alma. Fiquei assim durante muito tempo. Depois, como se saísse de um longo desmaio, acordei lentamente entre irmãos que não conhecia. Estenderam-me generosamente seu cuidado e apreço, e mostraram-me um ponto no Espaço que parecia uma estrela brilhante, dizendo: “É para lá que tu vais conosco; não pertences mais à Terra”. Recobrei então a memória. Apoiei-me neles e, como um grupo gracioso que se lança na direção de esferas desconhecidas, mas com a certeza de lá encontrar a felicidade, subimos e subimos, enquanto a estrela agigantava-se... Era um mundo feliz, um mundo superior, onde sua boa amiga vai enfim encontrar o repouso. Digo repouso com relação às fadigas corporais que sofri, às vicissitudes da vida terrestre, e não à indolência do espírito, porque a atividade é uma satisfação para o espírito.

3. A senhora deixou então em definitivo a Terra?

– Deixo ainda na Terra muitos seres que me são queridos para retirar-me dela definitivamente. Portanto à Terra voltarei em espírito, porque tenho uma missão a cumprir junto aos meus filhinhos. Sabe muito bem, aliás, que

nenhum obstáculo se opõe a que os espíritos que estacionam nos mundos superiores à Terra venham visitá-la.

4. A posição em que se encontra não deveria enfraquecer suas relações com aqueles que deixou na Terra?

– Não, meu amigo, o amor aproxima as almas. Creia-me, na Terra pode-se estar mais perto dos que atingiram a perfeição do que daqueles cuja inferioridade e egoísmo fazem com que gravitem ao redor da esfera terrestre. A caridade e o amor são dois motores de poderosa atração. Constituem o laço que cimenta a união das almas ligadas entre si, fazendo-a persistir apesar das distâncias e dos lugares. A distância só existe para os corpos materiais – não existe para os espíritos¹⁷¹.

5. Que ideia tem agora de meus trabalhos referentes ao Espiritismo?

– Vejo que tem sob seu encargo muitas almas, fardo difícil de carregar. Mas enxergo o objetivo, e sei que vai alcançá-lo. Vou ajudá-lo, no que for possível, com meus conselhos de espírito para que possa transpor as dificuldades que lhe aparecerão, induzindo-o, oportunamente, a tomar certas medidas apropriadas para ativar, durante a vida, o movimento renovador impulsionado pelo Espiritismo. Seu amigo Demeure, unido ao Espírito da Verdade, ser-lhe-á ainda mais útil – ele é mais sábio e mais ponderado do que eu. Mas como sei que a assistência dos bons espíritos o fortalece, sustentando-o no trabalho, creia que minha ajuda há de lhe estar assegurada por toda a parte e para sempre.

6. Pode-se deduzir de algumas de suas palavras que não dará uma cooperação pessoal muito ativa à obra do Espiritismo?

– Engana-se. É que vejo tantos outros espíritos mais capazes do que eu para tratar dessa importante questão que um sentimento invencível de timidez impede-me, por ora, de responder-lhe conforme seus desejos. Isto talvez

171. As propriedades do fluido perispiritual se ampliam pela elevação do espírito. Os imperfeitos, apegados à matéria, vivem a ilusão de que a vida espiritual é semelhante à vida corpórea, ficando limitados em seu raio de ação. Os mais evoluídos, pela expansão do campo perispiritual, percebem e agem à distância, simultaneamente em diversos pontos do Universo. Por esse meio, manifestam seus pensamentos e sentimentos, sendo o amor a força de união que os une em numerosos grupos, para cumprir suas missões, compartilhando a condição de felicidade conquistada por seus esforços. (N. do E.)

aconteça – hei de ter mais coragem e arrojo. Mas antes é necessário que eu amplie meus conhecimentos. Há somente quatro dias morri; ainda estou sob o encanto do deslumbramento que me cerca, compreende isso, meu amigo? Não me é possível demonstrar as novas sensações que experimento. Tive que me esforçar para subtrair-me da fascinação que exercem sobre o meu ser as maravilhas que admiro. Não posso senão adorar e bendizer a Deus em suas obras. Mas isso passará: asseguram-me os espíritos que logo estarei acostuada a todas essas magnificências e poderei então, com a minha lucidez de espírito¹⁷², tratar de todas as questões relativas à renovação terrestre. Ademais, em paralelo a tudo isso, lembre-se sobretudo que tenho, neste momento, uma família a consolar. Adeus e até breve. Sua boa amiga que o estima e há de estimá-lo sempre, meu mestre, porque devo-lhe a única consolação durável e verdadeira que experimentei na Terra.

Viúva Foulon

III

A comunicação a seguir foi destinada a seus filhos, sendo recebida no dia 9 de fevereiro [de 1865].

Meus filhos muito amados, retirou-me Deus de perto de vós, mas a recompensa que Ele bondosamente concedeu-me é bem maior que o pouco que fiz sobre a Terra. Resignai-vos, queridos filhos, às vontades do Altíssimo. Tirai de tudo o que Ele permitiu vos fosse dado a força para suportar as

172. Enquanto encarnados, pensamos por meio da atividade consciente do cérebro, que representa a *personalidade*. Quando a alma se emancipa, como durante o sono, passa a pensar pela consciência do espírito liberto, ou *individualidade*. Todavia, por estar encarnado, essa lucidez limita-se segundo o desprendimento e grau evolutivo do ser. Após a perturbação da morte, “A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar, e à medida que se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos” (*O Livro dos Espíritos*, q. 165). A lucidez do espírito reside em todo o seu ser, “abrange simultaneamente o espaço, os tempos e as coisas, lucidez para a qual não há trevas, nem obstáculos materiais (...). No espírito, como a faculdade de ver constitui um atributo seu, abstração feita de qualquer agente exterior, a visão independe da luz.” (idem, q. 247). (N. do E.)

provações da vida. Deveis manter sempre firme no coração esta crença que tanto facilitou a minha passagem da vida terrena para a vida que nos espera quando deixamos este mundo. Após a minha morte, Deus estendeu sobre mim sua infinita bondade, como o fez quando eu estava sobre a Terra. Agradecei a Deus por todas as benesses que vos concede. Bendizei-O, meus filhos, bendizei-O sempre, em todos os instantes. Não percais jamais de vista o objetivo que vos foi indicado, nem o caminho que tendes de seguir. Meditai sobre a utilização que deveis dar ao tempo que Deus vos concede sobre a Terra. Sereis então felizes, meus bem-amados, felizes uns pelos outros, se a união reinar entre vós; felizes por vossos filhos, se vós os guiardes ao bom caminho, aquele que Deus permitiu que vos fosse revelado.

Oh! Ainda que não possais enxergar-me, sabeis que o laço que aí nos unia não se desfêz com a morte do corpo, uma vez que não era esse invólucro que nos ligava, mas o espírito. Por meio dele, meus bem-amados, é que poderei, pela bondade do Todo-Poderoso, guiar-vos ainda e encorajar-vos em vossa jornada, para tornarmos a nos unir mais tarde.

Cultivai amorosamente, pois, meus filhos, esta crença sublime. Belos dias estão reservados a vós que credes. Já vos foi dito isso, mas eu não havia de ver esses dias sobre a Terra – é do alto que julgarei os tempos ditosos prometidos pelo Deus de bondade, justiça e misericórdia.

Não choreis, meus filhos. Que estas comunicações fortaleçam vossa fé e vosso amor a Deus, que tantos dons tem derramado sobre vós e que tantas vezes socorreu vossa mãe. Oraí sempre a Deus – a prece fortalece. A vida que Deus vos concede, adequai-a às instruções que eu seguia com ardor.

Voltarei, meus filhos, mas é preciso que eu auxilie minha pobre filha que tanto de mim precisa agora. Adeus, até breve. Crede na bondade do Todo-Poderoso: rogo a Ele por vós. Adeus.

Viúva Foulon

Nota: Todo espírita sério e esclarecido facilmente tirará dessas comunicações os ensinamentos que se destacam nelas. Chamaremos a atenção apenas para dois pontos, portanto. O primeiro é que esse exemplo nos mostra a possibilidade de não mais encarnarmos na Terra, passando deste mundo para um outro superior, sem por isso ficarmos separados dos seres a quem temos afeição e que aqui deixamos. Assim, aqueles que temem a reencarnação por

causa das misérias da vida, podem delas livrar-se fazendo o que é preciso, ou seja, trabalhando para o próprio aperfeiçoamento. Assim como aquele que não quer estacionar nas classes inferiores deve buscar instruir-se e trabalhar para subir de grau.

O segundo ponto é a confirmação da verdade de que após a morte estamos menos separados dos seres que nos são caros do que durante a vida. A sra. Foulon, confinada pela idade e pela doença a uma pequena cidade no Sul, tinha junto dela apenas uma parte da sua família. Estando a maioria de seus filhos e de seus amigos espalhados por lugares distantes, obstáculos materiais impediam-na de vê-los tão frequentemente quanto uns e outros desejavam. A grande distância tornava a correspondência infrequente e difícil para alguns. Logo que se libertou do seu invólucro terrestre, pode rapidamente dirigir-se a cada um deles, transpondo as distâncias sem afadigar-se e com a rapidez da eletricidade. Ela os vê, assiste às suas reuniões íntimas, envolve-os em sua proteção e pode, por intermédio da mediunidade, conversar com eles a qualquer instante, como quando viva. E dizer que a esse pensamento consolador há quem prefira a ideia de uma separação eterna!

UM MÉDICO RUSSO

O sr. P. era um médico de Moscou, tão ilustre por suas eminentes qualidades morais quanto por seu saber. O médium que o evocou apenas pela reputação o conhecia, tendo mantido com ele relações indiretas somente. A comunicação original foi em russo.

1. [Após a evocação] O senhor se encontra aqui?

– Sim. No dia de minha morte eu o acompanhei de maneira ininterrupta, mas o senhor resistiu a todas as tentativas que fiz para fazê-lo escrever. Havia escutado suas palavras a meu respeito, e isso fez com que viesse conhecê-lo; desejei então que conversássemos, de modo a ser-lhe útil.

2. Por que o senhor, que foi tão bom, sofreu tanto assim?

– Foi uma graça do Senhor, que desejou por esse meio fazer-me apreciar duplamente o valor de minha libertação, e fazer também com que eu me adiantasse o mais possível aqui na Terra.

3. A ideia da morte causou-lhe terror?

– Não, eu tinha fé em Deus o bastante para que tal não pudesse acontecer.

4. O desprendimento foi doloroso?

– Não. O que se chama de últimos *momentos* não é nada; experimentei apenas um abalo muito curto, e logo depois senti-me muito feliz por estar livre de minha miserável carcaça.

5. Que aconteceu então?

– Tive a alegria de ver muitos amigos virem ao meu encontro, dando-me as boas-vindas, especialmente aqueles a quem eu tive a satisfação de ajudar.

6. Que região habita? Estaria em algum planeta?

– Tudo o que não é um planeta constitui o que chamais o Espaço, e é nele que estou. Mas quantas gradações nessa imensidade de que o homem não pode fazer ideia! Quantos degraus nessa escada de Jacó que vai da Terra ao Céu, ou seja, da encarnação aviltante em um mundo inferior, como o vosso, até a depuração completa da alma! Lá onde estou, só se chega depois de muitas provas, em outras palavras, após muitas encarnações.

7. Sendo assim, o senhor teve então muitas existências?

– Como poderia ser de outro modo? Não há exceções na ordem imutável estabelecida por Deus. A recompensa só pode vir após a vitória obtida na luta; e quando a recompensa é grande, é preciso, necessariamente, que a luta também o tenha sido. Mas a vida humana é tão curta que a luta é travada apenas em certos intervalos, que são as diferentes existências sucessivas. Ora, como estou num dos graus elevados, é certo que atingi esta felicidade por uma continuidade de lutas nas quais Deus permitiu que me saísse vitorioso algumas vezes.

8. Em que consiste sua felicidade?

– Isso é mais difícil de fazê-lo compreender. A felicidade de que desfruto é um contentamento extremo de mim mesmo, não pelos meus méritos, porque isto seria orgulho, e o orgulho é próprio dos espíritos atrasados, mas um contentamento, por assim dizer, imerso no amor de Deus, no reconhecimento da sua bondade infinita. É a alegria profunda de contemplar o bem, de poder dizer: “Talvez eu tenha contribuído para o aperfeiçoamento de alguns daqueles que se elevaram em direção ao Senhor”. Fica-se como que identificado com o bem-estar, numa espécie de fusão do espírito com a bondade divina. Tem-se o dom de ver os espíritos mais elevados, de compreendê-los em suas missões e de saber que também os alcançaremos. No infinito imensurável podemos

entrever as regiões resplendentes do fogo divino a ponto de sermos ofuscados, mesmo contemplando-as através do véu que ainda as envolve. Mas o que digo? Compreende minhas palavras? Acredita que esse fogo de que lhe falo seja semelhante ao Sol, por exemplo? Não, não. É algo indescritível ao homem, porque as palavras descrevem apenas os objetos, as coisas físicas ou metafísicas de que ele tem conhecimento através da memória ou pela intuição de sua alma, ao passo que, não podendo ter a memória do que lhe é absolutamente desconhecido, não existem termos que lhe permitam compreender. Mas saiba que já é uma imensa alegria pensar que se pode progredir infinitamente.

9. Disse gentilmente que quer ser útil a mim pessoalmente. Pergunto-lhe, em quê?

– Posso ajudá-lo em seus desfalecimentos, sustentá-lo nos momentos de desânimo, consolá-lo em suas aflições. Se a sua fé vier a vacilar, enfraquecida por alguma comoção, chame por mim – Deus há de dar-me palavras que o façam lembrar-se d’Ele, a Ele reconduzindo-o. Se se sentir prestes a sucumbir sob o peso das más tendências, chame por mim – eu o ajudarei a carregar sua cruz, assim como outrora Jesus foi auxiliado a levar a dele, aquela que nos devia proclamar tão solenemente a verdade e a caridade. Se se sentir vacilar sob o peso das aflições, sentindo-se tomado pelo desespero, chame por mim ainda – eu virei tirá-lo desse abismo, falando-lhe de espírito para espírito, chamando-o aos deveres assumidos, não por considerações sociais e materiais, mas pelo amor que perceberás em mim, amor que Deus pôs em meu ser para ser transmitido àqueles que dele podem fazer uso para a própria salvação.

“Sem dúvida o senhor conta com amigos na Terra, os quais, compartilhando de suas dores, talvez já o tenham socorrido. Nos momentos de aflição, não vai procurá-los, levando-lhes seus lamentos e lágrimas, e deles recebendo, em troca de sua afeição, conselhos, apoio e afeto? Pois bem, acredite que um amigo daqui também pode ser benéfico. É, portanto, uma consolação poder dizer: ‘Quando eu morrer, meus amigos da Terra estarão junto a mim, orando e chorando por mim, mas meus amigos do Espaço estarão aguardando no limiar da vida, para vir, sorridentes, conduzir-me ao lugar que eu houver merecido por minhas virtudes’.”

10. Por que mereceria a proteção que me deseja dispensar?

– Estou aqui porque me afeiçoei ao senhor desde o dia de minha morte: eu o identifiquei como espírita, bom médium e adepto sincero. E, como entre

aqueles que deixei no mundo, inicialmente consegui ver apenas o senhor, logo resolvi contribuir para o seu progresso, o que é de seu interesse sem dúvida, mas ainda mais do interesse daqueles a quem deve instruir no conhecimento da verdade. Como vê, Deus o ama a ponto de torná-lo um missionário. Pouco a pouco, todos os que estão à sua volta partilham de suas crenças. Dos mais aos menos rebeldes, todos o escutam, e um dia há de vê-los crer em suas palavras. Caminhe sempre, incansável, apesar das pedras na estrada. Conte comigo como o bastão de apoio nas horas de fraqueza.

11. Não ousou acreditar que mereça tão grande favor.

– Certamente está ainda longe da perfeição. Mas seu entusiasmo na propagação da benfazeja doutrina; o cuidado em sustentar a fé daqueles que o escutam, pregando a caridade, a bondade e a benevolência, mesmo quando lhe fazem mal; sua resistência aos próprios instintos de cólera – a que poderia facilmente dar azo contra aqueles que o atormentam ou desconhecem suas intenções –, todos esses fatores vêm, felizmente, servir de atenuante do que tem ainda de mau em si. Fique sabendo, aliás, que o perdão é um poderoso atenuante. Deus o cumula de graças através da faculdade que lhe foi concedida, cabendo-lhe ampliá-la pelo esforço próprio, a fim de cooperar mais eficazmente na salvação do próximo. Vou deixá-lo agora, mas saiba que pode contar comigo. Trate de moderar suas ideias terrestres e venha a ter mais frequentemente com seus amigos daqui.

P.

BERNARDIN

Bordeaux, abril de 1862.

– Sou um espírito de há muitos séculos esquecido. Vivi sobre a Terra na miséria e na humilhação, trabalhando sem descanso dia a dia para dar à minha família um escasso pedaço de pão. Amava, porém, o meu verdadeiro mestre, e quando o suserano que me oprimia na Terra avolumava o fardo de minhas dores, eu dizia: “Meu Deus, dai-me forças para suportar este peso sem que me lamente”. Eu expiava o passado, meus amigos, mas, ao sair da rigorosa prova, o Senhor recebeu-me em sua paz, e o meu desejo mais caro foi o de vos reunir todos à minha volta, meus filhos, meus irmãos, e dizer-vos: Por mais valiosa

que a imagineis, a felicidade que vos espera ainda está bem acima. Eu não tinha um ofício específico. Filho de família numerosa, servi a quem melhor podia auxiliar-me a enfrentar a existência. Nascido em época de cruel servidão, suportei todas as injustiças, todos os trabalhos impostos, todas as obrigações que os vassallos do suserano compraziam-se em me impor. Vi minha mulher ultrajada, minhas filhas sequestradas e em seguida abandonadas, sem que me pudesse lamentar. Vi meus filhos serem levados para as guerras de pilhagem e crime, enforcados depois por delitos que não haviam cometido. Ah! se soubésseis, pobres amigos, o que sofri em minha longa existência! Eu aguardava, entretanto, a felicidade que não está sobre a Terra, felicidade que me concedeu o Senhor! Portanto, a todos vós, meus irmãos, coragem, paciência e resignação! E tu, meu filho, guarda este ensinamento que te transmito, que é de natureza prática. Aquele que instrui é muito mais bem aceito quando pode dizer: “Eu suportei mais que vós, e suportei sem me queixar”¹⁷³.

1. Em que época o senhor viveu?

– De 1400 a 1460.

2. Teve outra existência depois?

– Sim, vivi depois entre vós como missionário. Sim, missionário da fé, porém da fé verdadeira e pura, vinda da mão divina, e não da fé artificial dos homens.

3. Agora, como espírito, ainda tem outras ocupações?

– Poderíeis acreditar que os espíritos ficam inativos? A falta de ação e a falta de utilidade representariam um suplício para os espíritos. Minha missão é guiar os centros que laboram para a causa espírita, neles inspirando bons pensamentos e esforçando-me por neutralizar os pensamentos negativos que lhes tentam sugerir os maus espíritos.

Bernardin

173. Aos olhos do mundo, uma vida como essa é banal e sem valor. Bernardin viveu na Idade Média, sofrendo a servidão, injustiça, fome, pobreza, no anonimato das massas submissas. No entanto, seu espírito viveu essa experiência diminuindo a importância das coisas materiais, lutando como pôde para manter a dignidade e a harmonia de sua família. Investiu nos valores do espírito. Por seu esforço, conquistou a felicidade e a capacidade para cumprir missões, cada vez mais complexas. (N. do E.)

A CONDESSA PAULA

Mulher jovem, bela, rica, de família ilustre aos olhos do mundo, era, além disso, o perfeito modelo de todas as qualidades do coração e do espírito. Morreu aos 36 anos, em 1851. Era uma dessas pessoas cujo obituário poderia ser resumido nas seguintes palavras, que ecoariam na boca de todos: “Por que Deus retira tão cedo da Terra pessoas assim?”. Felizes os que fazem assim abençoada a própria memória! Era boa, meiga e indulgente com todos, sempre pronta a desculpar ou atenuar o mal, em vez de agravá-lo. Jamais a maledicência maculou-lhe os lábios. Sem altivez ou arrogância, tratava seus subalternos com uma benevolência em que nada havia de vulgar, e sem qualquer aparência de superioridade ou condescendência. Compreendendo que as pessoas que vivem do trabalho não são como as que vivem de rendimentos, e que, portanto, precisam do dinheiro que se lhes deve, seja pela condição ou para o próprio sustento, ela jamais atrasou um salário. A mera ideia de que, por sua causa, alguém pudesse sofrer com a falta de um pagamento, haveria de causar-lhe remorsos na consciência. Ela não era dessas pessoas que sempre têm dinheiro para satisfazer caprichos, mas nunca o têm para pagar as próprias dívidas. Não compreendia que alguém rico tivesse prazer em contrair dívidas, e haveria de sentir-se humilhada se alguém pudesse alegar que seus fornecedores eram constrangidos a conceder-lhe adiantamentos. Assim, por ocasião de sua morte, houve apenas muito pesar, e nenhuma reclamação.

Sua beneficência era inesgotável, mas não se tratava dessa beneficência convencional que se ostenta diante do mundo. A caridade nela vinha do coração e não da busca do aplauso. Só Deus sabe as lágrimas que secou, os desesperos que tranquilizou, porque suas boas ações somente tinham por testemunhas os infelizes a quem socorria. Sabia sobretudo descobrir os infortúnios ocultos, que são os mais dolorosos, socorrendo-os com a delicadeza que eleva o moral, em vez de o rebaixar.

A posição social e o cargo de relevo do marido obrigavam-na a gerir a vida doméstica que se lhe impunha. Satisfazendo inteiramente às exigências de sua posição, fazia-o sem mesquinhez, mas infundindo uma ordem que evitava desperdícios ruinosos e despesas supérfluas, o que lhe permitia a tudo prover pela metade do que a outros custaria, sem que fizessem melhor.

Desse modo conseguia destinar maior quinhão de sua fortuna aos necessitados. Separara uma soma importante cujo rendimento era exclusivamente destinado a tal propósito – sagrado para ela –, considerando tal valor desnecessário às despesas domésticas. Encontrava assim uma maneira de conciliar seus deveres com a sociedade e com o infortúnio.¹⁷⁴

Evocada doze anos após sua morte por um dos seus parentes iniciado no Espiritismo, a condessa Paula transmitiu a seguinte comunicação em resposta a diversas perguntas que lhe foram dirigidas:¹⁷⁵

Tem razão, meu amigo, ao imaginar que eu esteja feliz, pois de fato estou, muito mais do que a linguagem permitiria expressar, embora ainda esteja longe do escalão mais alto. Contava-me, no entanto, entre os felizes na Terra, porquanto não me lembro de haver experimentado sequer um desgosto real. Juventude, saúde, fortuna, homenagens – tive tudo o que constitui a felicidade entre vós, mas o que é essa felicidade comparada àquela que se desfruta aqui? Que são as vossas festas mais requintadas, em que se exibem os mais ricos adereços, comparadas a estas assembleias de espíritos resplandecentes, cujo brilho vossas vistas não suportariam, atributo que é da pureza? Que são vossos palácios e salões dourados comparados às moradas aéreas, aos vastos campos do Espaço matizados de cores que fariam o arco-íris empalidecer? Que são vossos passeios de exíguos passos pelos parques em vista dos percursos pela imensidade, mais rápidos que o relâmpago? Que são vossos horizontes limitados e nebulosos perto do espetáculo grandioso de orbes movendo-se no Universo sem limites, regidos pela poderosa mão do Altíssimo? Como vossos concertos, mesmo os mais harmoniosos, são tristes e dissonantes perto desta suave harmonia que faz vibrar os fluidos do éter e todas as fibras da alma? Como vossas maiores alegrias são opacas e insípidas perto da inefável sensação de felicidade que penetra incessantemente todo o nosso ser como um eflúvio benfazejo, sem qualquer laivo de inquietação, apreensão ou sofrimento? Aqui tudo exsuda

174. Pode-se dizer que essa senhora era o retrato vivo da mulher caridosa, descrita em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XIII. (N. do A.)

175. Extraímos dessa comunicação, cujo original é em alemão, as partes instrutivas para nosso estudo, só suprimindo os pontos de natureza puramente familiar. (N. do A.)

amor, confiança e sinceridade. Por toda parte corações amáveis, por toda parte amigos, e em lugar algum há inveja ou ciúme. É assim o mundo em que me encontro, meu amigo, e ao qual seguramente chegará, se trilhar o caminho reto.

Entretanto, logo haveríamos de nos entediar com uma felicidade monocórdia. Não creia então que a nossa seja isenta de diversidade: ela não é nem uma sinfonia perene, nem uma festa sem fim, nem uma beatífica contemplação por toda a eternidade – não, ela é movimento, é vida, é atividade! As ocupações, ainda que isentas de fadiga, apresentam uma incessante variedade de aspectos e emoções, por conta dos mil contornos que tomam. Cada um tem uma missão a cumprir, tutelados para ajudar, amigos da Terra a visitar, processos da natureza a conduzir, almas sofredoras a consolar, num vaivém que não é de uma rua à outra, mas de um mundo ao outro! Congregamo-nos e separamo-nos para nos juntarmos novamente em seguida. Reunimo-nos em algum ponto para relatar o que foi feito, rejubilando-nos com os sucessos obtidos. Organizamo-nos e ajudamo-nos mutuamente nos casos difíceis. Asseguro-lhe, enfim, que ninguém tem tempo para enfadar-se, nem por um segundo sequer.

Neste momento, a Terra é a nossa grande preocupação. Quanto movimento entre os espíritos! Quão numerosas as falanges que afluem à Terra para ajudar em sua transformação! Dir-se-ia tratar-se de uma multidão de trabalhadores concentrados em pôr abaixo uma floresta, sob as ordens de chefes experientes: uns abatem vetustas árvores a golpes de machado e arrancam-lhes as profundas raízes, enquanto outros limpam o terreno; estes aram e semeiam a terra, aqueles edificam a cidade nova sobre as ruínas apodrecidas do velho mundo. Durante esse tempo, os chefes reúnem-se em conselho, enviando mensageiros em todas as direções para que transmitam suas ordens. A Terra deve regenerar-se em um dado período de tempo, pois é preciso que se cumpram os desígnios da Providência, e é com esse fito que cada um labora. Não creia que eu seja simples espectadora dessa grande obra, pois eu teria vergonha de ficar inativa enquanto todos labutam: uma importante missão foi a mim confiada, e me esforço por cumpri-la da melhor forma possível.

Não foi sem lutas que alcancei a posição que ocupo na vida espiritual. E esteja certo de que minha última existência, por mais meritória que

lhe pareça, não teria sido suficiente para tanto. Durante várias existências passei pelas provas do trabalho e da miséria, que eu havia voluntariamente escolhido para fortalecer e purificar a minha alma. Tive a felicidade de sair vitoriosa dessas provas, mas restava-me ainda uma prova a enfrentar, a mais perigosa de todas: a da fortuna e do bem-estar material, *um bem-estar sem qualquer mácula de amargor*. Aí estava o perigo. Antes de submeter-me a tal prova, quis sentir-me forte o bastante para não sucumbir. Deus levou-me em conta as boas intenções e concedeu-me a graça de sustentar-me. Muitos outros espíritos, seduzidos pelas aparências, precipitam-se ao escolhê-la – infelizmente, no entanto, muito fracos para resistirem-lhe aos perigos, acabam permitindo que as seduções triunfem sobre sua inexperiência.

Trabalhadores, eu passei pelas mesmas feiras que vós! Eu, a nobre dama, como vós ganhei o pão com o suor de meu rosto, suporrei privações e atravessei intempéries; foi aí que se acisolaram as forças de minha alma, sem o que eu teria provavelmente falido em minha última prova, arrojando-me de volta à retaguarda. Como eu, tereis também, por vossa vez, a prova da riqueza, mas não vos apresseis em pedi-la demasiado cedo. E vós, que sois ricos, tende sempre em mente que a verdadeira fortuna, a fortuna indefectível, não se encontra sobre a Terra, e sabeis antes a que preço podeis fazer jus aos benefícios do Todo-Poderoso¹⁷⁶.

Paula, na Terra condessa de...

JEAN REYNAUD

Sociedade Espírita de Paris; comunicação espontânea.

Meus amigos, como esta nova vida é magnífica! Semelhante a uma torrente luminosa, ela arrasta em seu imenso curso as almas extasiadas com o infinito! Após a ruptura dos laços carnis, meus olhos abarcaram os novos horizontes

176. Para vivenciar a condição de riqueza no mundo, fazendo bom uso dessa encarnação, é preciso antes ter conquistado o desapego e a virtude, para agir com caridade desinteressada e solidariedade, sem sucumbir aos apelos do prazer e das alegrias ilusórias dos palácios. Todo valor moral ou intelectual é sempre uma conquista anterior do espírito. (N. do E.)

que me cercam, permitindo-me fruir das esplêndidas maravilhas do infinito. Passei das sombras da matéria à aurora radiante que anuncia o Todo-Poderoso. Fui salvo, não pelo mérito das minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno, que me fez evitar as nódoas impressas pela ignorância por sobre a pobre humanidade. Minha morte foi abençoada; meus biógrafos a julgarão prematura – os cegos! Lamentarão alguns escritos nascidos do pó e não compreenderão como o ruído que se faz ao redor do meu túmulo recém-cerrado é útil para a causa santificada do Espiritismo. Minha obra estava terminada, mas meus precursores prosseguiram na lida. Eu havia atingido esse ponto culminante em que o homem, após dar o que de melhor possuía, não faria mais que recommençar. Minha morte reaviva a atenção dos letrados, direcionando-os para minha obra principal, que diz respeito à grande questão espírita que eles fingem desconhecer, mas que em breve os encantarão. Glória a Deus! Ajudado pelos espíritos superiores que protegem a nova doutrina, serei um dos exploradores que balizam vosso roteiro.

Jean Reynaud

Outra comunicação espontânea recebida em Paris, dessa vez em uma reunião familiar. O espírito responde a uma reflexão feita sobre sua morte inesperada, numa idade pouco avançada, que a muita gente surpreendeu.

Quem lhe disse, meu amigo, que minha morte não representa um benefício para o Espiritismo, para o seu futuro e por suas conseqüências? Tem observado a marcha que segue o progresso, o caminho que toma a fé espírita? Primeiramente Deus deu as provas materiais: o movimento das mesas, as batidas e toda a espécie de fenômenos, tudo para chamar a atenção, um prelúdio recreativo. Para que os homens cressem, eram necessárias provas palpáveis. Agora a realidade é bem outra! Após os fatos materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso e à frieza da razão. Não mais os fenômenos físicos, mas coisas racionais que devem convencer e atrair até os incrédulos mais teimosos. E isto é apenas o começo. Note bem isto que lhe digo: toda uma série de fatos inteligentes, irrefutáveis virão a seguir, e o número de adeptos da fé espírita, já tão grande, vai aumentar mais ainda. Deus há de servir-se das inteligências de escol, das sumidades do espírito, do talento e do saber. Será um raio luminoso que se espalhará

sobre a Terra, como um fluido magnético irresistível, e impelindo os mais recalcitrantes à procura do infinito, ao estudo dessa admirável ciência que nos proporciona ensinamentos tão sublimes. Todos hão de agrupar-se em torno de vós, e, independentemente das credenciais acadêmicas que lhes tenham sido outorgadas, hão de fazer-se humildes e pequenos, para que aprendam e se convençam. Depois, mais tarde, quando estiverem bem instruídos e bem convencidos, vão servir-se de sua autoridade e da notoriedade de seu nome para levar ainda mais longe e alcançar os últimos limites do objetivo a que vós todos vos propusestes: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento raciocinado e profundo das existências passadas e futuras. Eis a minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo.

A comunicação a seguir foi recebida em Bordeaux.

[Evocação.]

– Acolho com prazer o seu chamado, senhora, pois tem razão; de fato, a perturbação espiritual, por assim dizer, não existiu para mim [isso respondia ao pensamento da médium]. exilado voluntariamente sobre vossa Terra, onde devia lançar a primeira semente séria das grandes verdades que envolvem o mundo no momento, sempre tive a consciência da pátria, e logo me reconheci em meio a meus irmãos.

1. Agradeço-lhe por ter concordado em vir. Mas não acreditava que meu desejo de entrevistá-lo pudesse ter influência sobre o senhor. Certamente há entre nós uma diferença tão grande que pensar nisso infunde-me grande respeito.

– Agradeço-lhe o bondoso pensamento, minha filha, mas saiba também que – seja qual for a distância que entre nós se coloca por conta de provas por que eu tenha passado com rapidez e sucesso relativos – existirá sempre um poderoso laço a nos unir: a simpatia. E esse laço, por sua vez, estreitou-se por conta de seu perseverante pensamento.

2. Ainda que muitos espíritos já tenham explicado suas primeiras sensações ao despertar, teria a bondade de dizer o que experimentou ao dar-se por si, e como ocorreu a separação entre seu espírito e o corpo?

R. Como ocorre com todos. Senti aproximar-se o momento da separação. Mais feliz que muitos outros, no entanto, a separação não me causou angústia, pois já lhe conhecia as suas consequências, conquanto tenham estas sido

ainda maiores do que eu imaginava. O corpo é um entrave às faculdades espirituais, e, sejam quais forem as luzes que se tenham conservado, sempre são mais ou menos atenuadas pelo contato da matéria. Adormeci esperando um despertar feliz. O sono foi curto, mas a admiração, imensa! Os esplendores celestes, revelados diante de meus olhos, fulguravam com todo o seu brilho. Meu olhar, maravilhado, mergulhava na imensidade desses mundos cuja existência e habitabilidade eu proclamara. Era uma miragem que me revelava e confirmava a veracidade de meus sentimentos. Por mais que se julgue seguro ao falar, o homem tem frequentemente momentos de dúvida, de incerteza no fundo do seu coração. Ele desconfia, se não da verdade que proclama, ao menos dos meios imperfeitos que emprega para a demonstrar. Convencido da verdade que eu queria que outros admitissem, muitas vezes tive que combater em mim mesmo o desalento de ver e tocar, por assim dizer, a verdade, mas não poder torná-la palpável àqueles que tinham tanta necessidade de nela acreditar para marchar com segurança na estrada a seguir.

P. Professou o Espiritismo quando em vida?

R. Entre professar e praticar há uma grande diferença. Muita gente professa uma doutrina que não pratica – eu praticava e não professava. Assim como todo homem que segue as leis do Cristo é cristão, mesmo sem conhecê-las, também pode ser espírita todo homem que crê na imortalidade da alma, na reencarnação, na marcha incessante do progresso, nas provas terrestres – abluções necessárias ao aprimoramento. Em tudo isso eu acreditava, era espírita, portanto. Compreendi a erraticidade, elo intermediário entre encarnações, purgatório onde o espírito culpado despe-se de suas vestimentas sujas para revestir-se de uma nova, e onde o espírito que está progredindo *tece* com cuidado a nova túnica que deve trajar e que deseja conservar pura. Como lhe disse, eu já compreendia e, sem professar, continuei a praticar.

Nota: Essas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes, completamente estranhos entre si. A semelhança dos pensamentos e o estilo de linguagem, permitem-nos, ao menos, presumir a identidade. A expressão *tece com cuidado a nova túnica que deve trajar* é uma encantadora alegoria que mostra o esmero com que o espírito que está progredindo prepara a nova existência que deve fazer com que progrida ainda mais. Os espíritos atrasados são menos cautelosos e por vezes fazem escolhas infelizes que os forçam a recomeçar.

ANTOINE COSTEAU

Membro da Sociedade Espírita de Paris, sepultado no dia 12 de setembro de 1863, no cemitério de Montmartre, em vala comum. Era um homem de coração bom que o Espiritismo reconduziu a Deus. Sua fé no futuro era completa, sincera e profunda. Simples operário que trabalhava no calçamento de ruas, praticava a caridade por pensamentos, palavras e ações, no limite de seus poucos recursos, pois sempre encontrava meios de ajudar os ainda menos afortunados. Se a Sociedade de Paris não lhe obteve uma sepultura particular, foi porque pareceu-lhe haver emprego mais útil para dar ao dinheiro do que empregá-lo sem proveito para os vivos, nas vãs satisfações do amor-próprio, e os espíritos sobretudo sabem que a vala comum é uma porta que conduz ao Céu tão bem quanto o mais suntuoso mausoléu.

O senhor Canu, secretário da Sociedade, outrora profundo materialista, pronunciou junto ao túmulo a seguinte alocução:

Caro irmão Costeau, há alguns anos somente, muitos dentre nós, e confesso que eu em primeiro lugar, teríamos visto diante deste túmulo aberto apenas o fim das misérias humanas, e depois o nada, o terrível nada. Em outras palavras, nada de alma para merecer ou reparar, e assim, conseqüentemente, nada de Deus para recompensar, castigar ou perdoar. Hoje, graças à nossa divina doutrina, vemos aqui o fim das provas, e para o caro irmão, cujos despojos mortais restituímos à Terra, vemos o triunfo dos seus esforços e o começo das recompensas que lhe conquistaram a sua coragem, resignação e caridade – suas virtudes, em uma palavra. E vemos, acima de tudo, a glorificação de um Deus sábio, todo-poderoso, justo e bom. Deponha, pois, querido irmão, nossas ações de graças aos pés do Eterno, que quis dissipar as trevas do erro e da incredulidade que estavam ao redor de nós, porque ainda há pouco tempo sabemos que lhe teríamos dito, neste momento, com a frente abatida e desânimo no coração: ‘Adeus para sempre, amigo’. Hoje dizemo-lhe, frente erguida, radiante de esperança e com o coração pleno de amor: “Caro irmão, até breve, e ore por nós”.¹⁷⁷

177. V. *Revue Spirite*, outubro de 1863, p. 297, para mais detalhes, assim como para as outras alocuções proferidas. (N. do A.)

Um dos médiuns da Sociedade obteve ali mesmo, aos pés da sepultura ainda meio aberta, a comunicação a seguir, cuja leitura foi ouvida por todos os presentes, inclusive os coveiros, todos *chapéus em mãos* e com profunda emoção. Era, efetivamente, um espetáculo novo e impressionante, ouvir as palavras de um morto recolhidas no seio do próprio túmulo:

Obrigado, amigos, obrigado. Meu túmulo ainda não está fechado, mas basta um segundo a mais que a terra recobrirá meus restos mortais. Sabeis, entretanto, que minha alma não será enterrada sob este pó, mas vai planar no Espaço para elevar-se até Deus!

Ademais, como é consolador poder constatar, malgrado a morte do corpo: “Oh! Não estou morto, mas vivo a verdadeira vida, a vida eterna!”.

O enterro do pobre não atrai grandes cortejos, tampouco altaneiras manifestações são vistas junto a seu túmulo. No entanto, amigos, crede-me, *imensa multidão cá deste lado não falta*, e espíritos bondosos seguiram convosco e com essas mulheres piedosas, acompanhando o corpo que agora aí jaz deitado. Ao menos todos vós acreditais e amais o bom Deus!

É certo que não morremos apenas porque nosso corpo se acaba, oh, esposa bem-amada! A partir de agora estarei sempre perto de ti para consolar-te, ajudando-te a suportar as provações. A vida será rude para ti, mas com o conhecimento acerca da eternidade e teu coração pleno do amor de Deus, como te serão leves os sofrimentos!

Parentes que rodeais minha bem-amada companheira, amai-a, respeitai-a, sendo para ela como irmãos e irmãs. Não olvideis que deveis assistência uns aos outros sobre a Terra, se quiserdes entrar na morada do Senhor.

E vós, espíritas, irmãos e amigos, obrigado por terdes vindo até esta morada de pó e lama para dizer-me adeus. Sabeis muito bem, porém, que minha alma imortal vive, e que algumas vezes ela há de pedir-vos preces, que não me serão negadas, para auxiliar-me a caminhar nesta estrada magnífica que me abristes durante a vida.

Adeus a todos que estais aqui. É possível que nos vejamos novamente em algum lugar que não seja este túmulo. Chamam-me as almas agora a seu encontro. Adeus, orai pelas almas que sofrem. Até a vista!

Costeau

Três dias mais tarde, o espírito do sr. Costeau foi evocado em um grupo particular, tendo ditado a seguinte mensagem, através de um outro médium:

A morte é a vida. Não faço mais que repetir o que já foi dito. Mas para vós não existe outra expressão senão esta, a despeito do que dizem os materialistas, preferindo permanecer cegos. Oh, meus amigos! Que bela visão, as bandeiras do Espiritismo tremulando sobre a Terra! Ciência imensa de que tendes apenas as noções básicas! Quantos conhecimentos traz para os homens de boa vontade, para aqueles que quebraram os terríveis grilhões do orgulho, para bem alto proclamar a crença em Deus! Oraí, homens, e dai graças a Deus por tantas benesses. Pobre humanidade, se pudesses compreender!... Mas não, ainda não é chegado o tempo em que a misericórdia do Senhor deve estender-se sobre todos os homens, a fim de que reconheçam a vontade divina, submetendo-se a ela.

É por teus raios luminosos, ciência bendita, que os homens lá chegarão e compreenderão. É ao teu calor benfazejo que eles virão aquecer seus corações junto ao fogo divino, que infunde fé e consolação. Aos teus raios vivificantes *mestre e operário* hão de integrar-se em união, porque compreenderão a caridade fraternal pregada pelo divino Messias.

Oh, meus irmãos, pensai na felicidade imensa que possuíis por terdes sido os primeiros iniciados na obra da regeneração. Honra vos seja feita, amigos! Prossegui, para um dia, como eu, ao chegar à pátria espiritual, exclaimar: *A morte é a vida*, ou antes, um sonho, espécie de pesadelo que tem a duração de um minuto, e do qual despertamos para nos vermos rodeados de amigos que nos felicitam, felizes por nos abraçarem. Minha alegria foi tão grande que eu não podia compreender que Deus me concedesse tantas graças pelo pouco que havia feito. Parecia-me um sonho, e como outrora acontecia de sonhar que estivesse morto, tive, por um instante, medo de ser obrigado a voltar para o infeliz corpo. Não tardou, no entanto, que me desse conta da realidade, e agradei a Deus. Bendizia igualmente o mestre que tão bem soubera despertar em mim os deveres do homem que anela pela vida futura. Sim, rogava-lhe bênçãos e agradecimentos, porque *O Livro dos Espíritos* havia despertado em minha alma o arroubo amoroso pelo meu Criador.

Obrigado, meus bons amigos, por terem me trazido a vós. Dizei aos nossos irmãos que muitas vezes estou com nosso amigo Sanson. Até mais!

Coragem, pois o triunfo vos espera. Felizes os que houverem tomado parte no combate!

Desde então, o sr. Costeau manifestou-se frequentemente, tanto na Sociedade de Paris como em outras reuniões, dando sempre provas, em tais ocasiões, da elevação de pensamentos que caracteriza os espíritos adiantados.

SENHORITA EMMA

Jovem falecida em consequência de um acidente com fogo, após sofrimentos cruéis. Alguém propusera que ela fosse evocada na Sociedade Espírita de Paris, quando espontaneamente se apresentou, no dia 31 de julho de 1863, pouco após a sua morte:

Eis-me, pois, aqui, ainda no palco do mundo, eu que me acreditava para sempre sepultada em meu véu de inocência e juventude. O fogo da Terra haveria de salvar-me do fogo do Inferno: assim pensava em minha fé católica, e, se não ousava entrever os esplendores do paraíso, minha alma trêmula refugiava-se na expiação do Purgatório, e eu orava, sofria e chorava. Mas quem proporcionava, ao meu combalido ânimo, a força para suportar as angústias? Quem se inclinava, nas longas noites de insônia e de febre dolorosa, sobre meu leito de martírios? Quem refrescava meus lábios sedentos? Eras tu, meu anjo guardião, que me cercavas com tua branca auréola. Éreis vós também, queridos espíritos amigos, que vínheis murmurar ao meu ouvido palavras de esperança e de amor.

O fogo que me consumiu o frágil corpo despojou-me do apego ao que acontecia ao redor. Assim, *morri vivendo já a verdadeira vida*. Não passei pela perturbação, entrando concentrada e serena no dia radioso que envolve os que, depois de muito terem sofrido, guardam alguma esperança. Minha mãe, minha querida mãe, foi a última vibração terrestre que me repercutiu na alma. Como gostaria que se tivesse tornado espírita!

Separei-me da árvore terrestre qual fruto maduro antes do tempo. Ainda não havia sido tangida pelo demônio do orgulho, que instiga as almas infelizes, arrastadas pelo brilho triunfal e inebriante da juventude.

Bendigo as chamas e o sofrimento, que representavam prova, uma expiação. Semelhante a esses leves fios brancos do outono, flutuo levada pela corrente luminosa. Não são mais as estrelas de diamantes que brilham sobre minha fronte, mas as estrelas douradas do bom Deus.

Emma

Em outro centro, no Havre, também espontaneamente, o mesmo espírito deu a seguinte mensagem, no dia 30 de julho de 1863:

Aqueles que sofrem na Terra são recompensados na outra vida. Deus é todo justiça e misericórdia para com os que sofrem no mundo, concedendo-lhes prazer tão puro e felicidade tão perfeita, que não receariam nem os sofrimentos nem a morte, se pudessem as pobres criaturas humanas sondar os misteriosos desígnios de nosso Criador. A Terra, porém, é um lugar de provas muitas vezes imensas, eivadas de dores atrozes. Resignai-vos se elas vos alcançarem. Inclinaí-vos diante da bondade suprema do Deus todo-poderoso se Ele vos der um fardo pesado para carregar. Quando Ele vos chamar a Si, após terdes passado por grandes sofrimentos, vereis na outra vida – a vida de venturas – quão ínfimas eram essas dores e aflições terrestres, ao avaliardes a recompensa que Deus vos reserva, caso a queixa e a lamentação não vos tenham penetrado o coração. Bem jovem ainda deixei a Terra. Deus houve por bem perdoar-me, agraciando-me com a vida dos que respeitaram suas vontades. Adorai sempre a Deus. Amai-o de todo o coração. Orai sempre, rogando firmemente a Deus, que é o vosso amparo na Terra, a vossa esperança, a vossa salvação.

Emma

DR. VIGNAL

Antigo membro da Sociedade de Paris, falecido no dia 27 de março de 1865. Na véspera do enterro, um médium sonambúlico de grande lucidez e ótimo vidente, ao ser solicitado a transportar-se para junto dele e narrar o que visse, relatou o seguinte:

Vejo um cadáver em que se realiza um trabalho extraordinário. Dir-se-ia uma massa que se agita, como algo que se esforçasse para desprender-se dela, mas que tem dificuldade em vencer a resistência. Não distingo uma forma de espírito bem determinada.

No dia 31 de março, o dr. Vignal foi evocado na Sociedade de Paris.

1. Caro dr. Vignal, todos os seus antigos colegas da Sociedade de Paris guardam excelentes lembranças do senhor, e eu, em particular, guardo a lembrança de nossas ótimas relações, que nunca se interromperam, aliás. Ao chamá-lo ao nosso meio, quiséramos inicialmente dar-lhe prova de nossa simpatia. Ficaremos muito contentes caso queira e possa vir conversar conosco.

– Caro amigo e distinto mestre, sua amável lembrança e seus votos de simpatia sensibilizam-me. Se hoje consigo vir até vós e assistir livre e desimpedido à reunião de nossos bons amigos e irmãos espíritas, é graças ao vosso bom pensamento e à assistência que vossas preces me proporcionaram. Como dizia com justeza meu jovem secretário, eu estava impaciente para me comunicar. Desde o começo desta noite, empreguei todas as minhas forças espirituais para domar tal desejo. Vossas conversas e as importantes questões que foram discutidas interessaram-me muito, tornando minha espera menos penosa. Perdoa, caro amigo, mas era necessário que expressasse o meu reconhecimento.

2. Em primeiro lugar, diga-nos como se sentiu no mundo dos espíritos. Depois, descreva-nos o trabalho de desprendimento, as suas sensações nesse momento, bem como o tempo necessário até reconhecer a sua nova situação.

– Estou tão feliz quanto é possível ser, quando se vê confirmar plenamente todos os anseios íntimos que se pode ter tido sobre uma doutrina consoladora e reparadora. Sou feliz! Sim, eu o sou, porque agora, sem obstáculo algum, vejo desdobrar-se à minha frente o futuro da ciência e da filosofia espíritas.

“Mas descartemos, hoje, tais digressões inoportunas. Virei novamente conversar convosco a esse respeito, sabendo que minha presença há de vos proporcionar o mesmo prazer que tenho ao vos visitar.

“O desprendimento foi muito rápido, mais rápido do que o meu escasso mérito permitia-me esperar. Fui poderosamente ajudado por vossa assistência, e o médium sonâmbulo vos deu uma ideia bastante clara da separação, para que eu não insista nesse ponto. Era uma espécie de oscilação descontí-

nua, um arrastamento em direções opostas. O espírito triunfou, já que estou aqui. Deixei completamente o corpo somente quando ele baixou à Terra. Voltei então convosco.”

3. O que o senhor achou de seu funeral? Senti-me no dever de comparecer. Nesse momento, o senhor estava livre o bastante para acompanhá-lo? E as preces que fiz por vós – discretamente, por razões evidentes – alcançaram-no?

– Sim. Como lhe disse, a assistência de todos vós foi de suma importância, e eu regressei convosco, abandonando de uma vez minha velha crisálida. Além disso, como o amigo sabe, as coisas materiais pouco me tocam. Eu só pensava na alma e em Deus.

4. Lembra-se de que, a seu pedido, há cinco anos, no mês de fevereiro de 1860, fizemos um experimento com o senhor, estando o caro irmão ainda vivo?¹⁷⁸ Nessa ocasião, seu espírito desligou-se e veio conversar conosco. Poderia descrever-nos, tanto quanto lhe seja possível, a diferença que existe entre o seu desligamento atual e o daquela ocasião?

– Sim, lembro-me disso certamente. Mas que diferença entre o meu estado então e o de hoje! Naquele tempo, a matéria ainda me constrangia com sua teia inflexível: queria separar-me de uma maneira mais absoluta, mas não podia fazê-lo. Hoje estou livre. Um imenso campo, o do desconhecido, abre-se diante de mim, e eu espero avançar, com a vossa ajuda e a dos bondosos espíritos a que me submeto, alcançando o mais rapidamente possível os sentimentos que preciso desenvolver e as ações que preciso promover para escalar a trilha das provações, de forma a merecer as recompensas. Quanta majestade, quanta grandeza! É quase um sentimento de pavor que nos domina quando, fracos como somos, intentamos fixar as sublimes claridades.

5. Teremos muito prazer em continuar esta conversa, quando o senhor desejar novamente ter conosco.

– Respondi sucintamente e sem muito método às suas diversas perguntas. Não interrogues ainda mais seu fiel discípulo, pois não estou de todo livre. Conversar mais e mais seria um grande prazer, mas meu guia modera meu entusiasmo¹⁷⁹; e já pude apreciar bem sua bondade e justiça, de modo que me

178. V. *Revue Spirite*, março de 1860. (N. do A.)

179. O apoio, orientação e conselhos dos espíritos familiares ou guias ocorrem durante a encarnação mas também na vida espiritual, até que a força do espírito assis-

submeto inteiramente à sua decisão, ainda que com certo pesar de interromper nossa conversa. Consolo-me pensando que poderei vir com frequência assistir incógnito às vossas reuniões. Falarei convosco algumas vezes, pois vos estimo muito e quero prová-lo. Mas outros espíritos, mais adiantados que eu, desfrutam de prioridade, e devo anuir com aqueles que permitiram a meu espírito dar livre curso à torrente de ideias acumuladas.

“Deixo-vos agora, amigos, e devo agradecer duplamente, não apenas a vós, espíritos, que me haveis chamado, mas também a este espírito que me permitiu tomar o seu lugar, e que, em vida, usava o ilustre nome de Pascal.

“Aquele que foi e que será sempre o mais devoto de vossos adeptos.

Dr. Vignal”

VICTOR LEBUFLE

Prático do porto do Havre, morreu ainda moço, aos vinte anos de idade. Morava com a mãe, pobre e humilde comerciante, de quem cuidava terna e afetuosamente, sustentando-a com os ganhos de seu árduo trabalho. Nunca foi visto frequentando cabarés ou entregando-se aos excessos tão frequentes em sua profissão, pois não queria desviar o mínimo que fosse de seus ganhos do piedoso uso que lhe dava. Todo o tempo em que não estava trabalhando, dedicava-o à mãe, para poupá-la da fadiga. Atacado de há muito pela doença de que pressentia fosse morrer, escondia seus sofrimentos de sua mãe, com medo de causar-lhe preocupação e de que ela quisesse ocupar-se da parte que a ele cabia nas tarefas domésticas. Era necessário a esse jovem grande cabedal de qualidades morais e uma grande força de vontade para resistir, na idade das paixões, às perniciosas seduções do meio em que vivia. Era de uma piedade sincera, e sua morte foi edificante.

Na véspera de sua morte exigiu de sua mãe que fosse repousar um pouco, alegando-lhe ter ele mesmo necessidade de dormir. Sua mãe teve, então, uma visão. Disse ela que se achava em plena *escuridão* quando viu um ponto luminoso que se ampliava pouco a pouco até que o quarto ficou iluminado por uma brilhante claridade, da qual se destacou, radiante, a figura do seu filho, elevando-se no espaço infinito. Ela compreendeu que o fim do seu filho es-

tido seja forte o suficiente para conduzir-se sem dúvidas na senda do bem. Depois, servirá também, ele próprio, como guia de outros, mais simples. (N. do E.)

tava próximo, e, efetivamente, no dia seguinte, aquela nobre alma deixava a Terra, enquanto seus lábios murmuravam uma prece.

Uma família espírita, conhecedora de sua bela conduta e interessando-se por sua mãe, que ficara assim sozinha, teve a ideia de evocá-lo pouco tempo após a sua morte, que se manifestou antes espontaneamente através da seguinte comunicação:

Desejais saber como estou agora. Bem feliz, oh! felicíssimo! Não desprezeis sofrimentos e angústias, porque são fonte de bênçãos e de felicidade no além-túmulo. A felicidade! Não compreendeis o que significa essa palavra. As venturas da Terra estão tão longe do que experimentamos quando retornamos ao Senhor com uma consciência pura, com a confiança do servidor que bem cumpriu o seu dever e que aguarda, cheio de alegria, a aprovação d'Aquele que é tudo!

Ah, meus amigos! A vida é penosa e difícil se não enxergardes o seu objetivo. Mas eu vos digo, em verdade, que quando vierdes para junto de nós, tendo vivido conforme a lei de Deus, sereis recompensados bem além da conta dos sofrimentos e dos méritos que julgardes haver auferido para o Céu. Sede bons, sede caridosos, dessa caridade desconhecida por muitos aí, e que se chama benevolência. Socorrei vossos semelhantes, fazendo por eles até mesmo mais do que gostaríeis que se fizesse por vós, porque conheceis a vossa miséria, mas ignorais a silenciosa miséria alheia. Ajudai minha mãe, minha pobre mãe, único pesar que deixo na Terra. Ela deve passar por outras provas para que chegue ao Céu. Adeus, vou vê-la.

Victor

O guia do médium transmitiu então a seguinte mensagem:

Os sofrimentos suportados durante uma encarnação terrestre nem sempre representam uma punição. Os espíritos que, pela vontade de Deus, vêm cumprir uma missão sobre a Terra, como este que se comunicou convosco, são felizes ao passar por males que para outros seriam uma expiação¹⁸⁰. O

180. As vicissitudes e dificuldades da vida em nosso planeta, cuja condição é de expiações e provas, são oportunidades para todos evoluírem. Os simples as enfrentam

sono os revigora junto ao Altíssimo, dando-lhes força para tudo suportar em nome de sua maior glória. A missão desse espírito, em sua última existência, não era uma missão de relevo, mas, por mais obscura fosse, nem por isso teve menos mérito, porque ele não podia ser estimulado pelo orgulho. Antes de tudo, tinha um dever de gratidão a cumprir junto àquela que foi sua mãe. A seguir, devia mostrar que, nos piores ambientes, podemos encontrar almas puras, com sentimentos nobres e elevados, e que, através da vontade, podemos resistir a todas as tentações. É uma prova de que as qualidades morais têm uma causa anterior, e seu exemplo não terá sido infrutífero.

SRA. ANAÏS GOURDON

Senhora muito jovem, notável pela doçura de caráter e pelas qualidades morais mais elevadas, morreu em novembro de 1860. Pertencia a uma família de operários das minas de carvão nos arredores de Saint-Étienne, circunstância importante para apreciar sua posição espiritual.

[Evocação.]

– Estou aqui.

P. Seu marido e seu pai pediram-me que evocasse a senhora, e ficarão muito felizes se lhes pudesse enviar uma comunicação.

– Também fico muito feliz de enviar-lhes uma comunicação.

P. Por que foi retirada tão jovem do convívio familiar?

– Porque findaram-se minhas provas terrestres.

P. Vai vê-los algumas vezes?

– Oh! Frequentemente estou perto deles.

P. Está feliz como espírito?

para adquirir as faculdades da alma (razão, vontade, imaginação). Depois, buscam valores, capacidades e qualidades (senso moral, livre-arbítrio, conhecimento, virtudes, habilidades); são as provas que escolhem para alcançarem suas metas. Para os espíritos imperfeitos, quando arrependidos, as provas escolhidas servem como expiação, para superar a imperfeição, progredindo e retornando ao bem. Para os espíritos superiores, como Victor Lebuffe, servem-se delas como missões, para atuar como exemplo e auxiliar os demais. (N. do E.)

– Estou feliz. Eu confio, espero e amo. Os Céus não mais me aterrorizam, espero com confiança e amor que asas brancas me transportem.

P. Que quer dizer com *asas brancas*?

– Quero dizer tornar-me espírito puro e resplandecer como os mensageiros celestes que me deslumbram.

As asas dos anjos, arcanjos e serafins, que são espíritos puros, são apenas, evidentemente, um atributo imaginado pelos homens para representar a rapidez com que eles se transportam, porquanto sua natureza etérea faz com que não precisem de nenhum instrumento para percorrer os Espaços. Eles podem, no entanto, aparecer aos homens com esse acessório para corresponder ao seu pensamento, como outros espíritos tomam a aparência que tinham na Terra para que possam ser reconhecidos.

P. Seus pais podem fazer alguma coisa que lhe apraza?

– Esses entes queridos não devem mais me entristecer com a visão de seus lamentos, já que sabem que não estou perdida para eles. Que lhes seja suave, leve e perfumada a minha lembrança em suas memórias. Fui como uma flor. De minha rápida passagem, nada de triste deve subsistir.

P. Como explicar sua linguagem tão poética e tão contrastante com a posição que teve na Terra?

– É que quem fala é a minha alma. Sim, eu tinha conhecimentos adquiridos, e muitas vezes *Deus permite que espíritos delicados encarnem entre os homens mais rudes para fazer com que estes possam pressentir as delicadezas que um dia alcançarão e que mais tarde compreenderão.*

Sem esta explicação tão lógica e tão de acordo com a solicitude de Deus para com as suas criaturas, dificilmente entenderíamos a causa do que, à primeira vista, poderia parecer uma anomalia. Realmente, que há de mais gracioso e poético que a linguagem do espírito dessa jovem, educada entre os mais duros labores? Dá-se o contrário no mais das vezes – espíritos inferiores encarnados entre os homens mais adiantados – mas com o objetivo oposto. É em vista de seu próprio adiantamento que Deus os coloca em contato com um mundo esclarecido, e, algumas vezes, também para que sirvam de prova a esse mesmo mundo. Que outra filosofia pode resolver tais problemas?

MAURICE GONTRAN

Era filho único, tendo falecido aos dezoito anos de uma doença do pulmão. Caracterizavam-no a rara inteligência, o discernimento precoce, um grande amor ao estudo e um caráter suave, afetuoso e simpático, todas as qualidades, enfim, que ensejam as mais legítimas esperanças de um futuro brilhante. Terminara os primeiros estudos muito cedo e com grande sucesso, matriculando-se em seguida na Escola Politécnica. Sua morte foi para os pais a causa de uma dessas dores que deixam marcas profundas, tanto mais penosas porque, tendo tido sempre uma saúde delicada, eles atribuíam a morte prematura do filho à carreira para a qual o haviam direcionado, culpando-se. “Para que”, diziam, “há de lhe servir agora tudo o que aprendeu? Teria sido melhor que permanecesse ignorante, porque não tinha necessidade disso para viver, e por certo estaria ainda entre nós. Seria então a consolação em nossos dias de velhice.” Se tivessem conhecido o Espiritismo, sem dúvida teriam raciocinado de outra forma. Mais tarde, porém, nele encontraram a verdadeira consolação. O filho transmitiu a comunicação que citamos a seguir a um amigo do casal, alguns meses após a sua morte.

1. Meu caro Maurice, a terna afeição que você tinha por seus pais faz-me crer que desejaria reconfortar-lhes o ânimo, se tanto estiver a seu alcance. O pesar, para não dizer o desespero, em que a sua morte os lançou, perturba-lhes visivelmente a saúde, fazendo com que encarem a vida com desgosto. Algumas palavras de consolo vindas de você poderão certamente fazer-lhes renascer a esperança.

– Meu velho amigo, esperava com impaciência a ocasião que ora me oferece para poder comunicar-me. A dor dos meus pais aflige também a mim, mas essa dor passará quando tiverem a certeza de que minha existência não cessou. É preciso que se dedique, o amigo, a convencê-los desta verdade, o que certamente conseguirá. Era preciso esse acontecimento para conduzi-los a uma crença que lhes trará felicidade, impedindo-os de murmurar contra os decretos da Providência. Meu pai, como bem sabe, era muito cético acerca da vida futura. *Deus permitiu-lhe esta aflição para tirá-lo de seu erro.*

“É certo que nos reencontraremos aqui, neste mundo onde não se conhecem mais os desgostos da vida, em cuja entrada os precedi. Mas diga-lhes

claramente que a satisfação de tornarem a ver-me há de lhes ser negada, como castigo pela falta de confiança na bondade de Deus. Poderei até mesmo ser proibido, daqui até lá, de comunicar-me com eles enquanto ainda estão na Terra. O desespero é uma revolta contra a vontade do Todo-Poderoso, sempre punido *com o prolongamento da causa que o produziu*, até que, finalmente, até que haja resignação¹⁸¹. O desespero é verdadeiro suicídio, por consumir as forças do corpo, e aquele que abrevia seus dias com a ideia de escapar mais cedo da constrição da dor, prepara para si as mais cruéis decepções. É preciso, ao contrário, trabalhar para preservar as forças do corpo a fim de suportar mais facilmente o peso das provações.

“Meus bons pais, é a vós que me dirijo agora. Desde que para trás deixei meus despojos mortais, estive ininterruptamente ao vosso lado, e aí estou mais vezes do que quando vivia na Terra. Consolai-vos, portanto, porque eu não estou morto, estou mais vivo do que vós. Só meu corpo morreu, mas meu espírito vive ainda, livre, feliz e doravante livre de moléstias, de enfermidades e de dor. Em vez de aflitos, ficai felizes por saber que onde vivo agora não há inquietações ou desespero, e onde o coração é impregnado de uma alegria pura, imaculada.

“Oh, meus amigos! Não choreis por aqueles que morrem prematuramente: é uma graça que Deus lhes concede, poupando-os das tribulações da vida. Minha existência, desta vez, não deveria prolongar-se por mais tempo sobre a Terra. Eu havia já adquirido o que nela deveria adquirir, assim preparando-me para cumprir, mais tarde, uma missão mais importante. Se aí tivesse vivido muitos anos, sabeis a que perigos, a que seduções eu teria sido exposto? Sabeis que, não estando ainda forte o bastante para resistir-lhes, se a tais tentações eu tivesse cedido, poderia isso para mim constituir um atraso de muitos séculos? Por que, então, lamentais o que me é vantajoso? Uma dor inconsolável, neste caso, demonstraria uma falta de fé que só poderia ser justificada pela crença no nada. Oh, sim! Merecem compaixão aqueles que têm

181. O espírito que adquire orgulho e egoísmo confere a si mesmo a condição de infelicidade. Sua meta está em arrepende-se. Mas se persiste no mal, amplia sua condição desditosa. Pode, então, iludir-se, imaginando-se castigado por Deus. Revoltado, torna-se inconsciente de sua responsabilidade. Pode reencarnar, desse modo, diversas vezes sem progresso, prolongando seu sofrimento moral. Todavia, essa condição é sempre temporária, pois cedo ou tarde retornará ao bem por sua livre escolha. (N. do E.)

essa crença que produz desespero, porque para eles não há consolação possível. Os seres que lhes são queridos perdem-se para sempre, pois é o túmulo que lhes toma a última esperança!”

P. Foi dolorosa a sua morte?

R. Não, meu amigo, sofri apenas antes de morrer com a enfermidade que me tirou da Terra, *mas esse sofrimento diminuía à medida que se aproximava o último instante*. Certo dia, adormeci sem pensar na morte. Sonhei. Oh, sonho maravilhoso! Eu sonhei que estava curado, que não mais sofria, respirava a longos haustos e com grande prazer um ar balsâmico e fortalecedor. Fui transportado através do Espaço por uma força desconhecida, e uma luz brilhante refulgiu ao meu redor, mas sem cansar-me a vista. Vi meu avô, que não tinha mais a fisionomia magra, mas um ar de frescor e juventude. Estendeu-me os braços, apertando-me com muito carinho, junto de seu coração. Acompanhavam-no inúmeras pessoas, a sorrir, bondosos e benevolentes. Parecia reconhecê-los, estando feliz por revê-los, e juntos trocávamos todas as palavras e testemunhos de amizade. Pois bem! O que eu acreditava ser um sonho era a realidade, porquanto eu não mais deveria despertar na Terra: eu despertara no mundo dos espíritos.

P. Teria sido o excesso de estudo a causa de sua enfermidade?

– Não, não, esteja certo quanto a isso! O tempo que eu devia viver na Terra estava determinado, e nada poderia nela reter-me. Meu espírito, em seus momentos de desligamento, já o sabia, ficando feliz no aguardo da libertação já próxima. Mas o tempo que aí passei foi-me útil, e rejubilo-me hoje por não o haver gasto em vão. A aplicação aos estudos fortaleceu-me a alma, aumentando meus conhecimentos. E se não pude aplicar o aprendizado durante minha curta estada entre vós, vou aplicá-lo mais tarde com maior proveito¹⁸². Adeus, caro amigo. Vou para junto de meus pais, prepará-los para receber esta comunicação.

Maurice

182. O descrente materialista não vê proveito numa vida de estudos que se interrompe pela morte sem concluir-se pela aplicação do conhecimento adquirido. Parece-lhe inútil e sem sentido. Mas tudo o que se aprende até o último minuto será útil ao espírito futuramente. A compreensão da doutrina espírita estabelece uma ampla renovação social, pois todo investimento na educação torna cada indivíduo mais capaz quando retornar pela reencarnação nas futuras gerações. (N. do E.)

CAPÍTULO III

Espíritos em condição mediana

JOSEPH BRÉ

Morreu em 1840, sendo evocado em Bordeaux, em 1862, por sua neta.

O homem honesto segundo Deus ou segundo os homens

1. Querido avô, poderia o senhor narrar como se encontra entre os espíritos, dando alguns detalhes instrutivos para o nosso adiantamento?

– Tudo o que quiseres, minha querida filha. Expio a minha falta de fé. Mas a bondade de Deus é grande, e Ele leva em conta as circunstâncias. Sofro, mas não como poderias supor, mas de desgosto por não haver empregado bem o meu tempo na Terra.

2. Como não o empregou bem? O senhor sempre foi um homem honesto.

– Sim, do ponto de vista dos homens, mas existe um abismo entre *o homem honesto diante dos homens e o homem honesto diante de Deus*. Já que desejas instruir-te, querida filha, vou esforçar-me por mostrar-te a diferença.

“Entre vós, os homens são considerados honestos quando respeitam as leis de seu país, respeito elástico para muitos, quando não fazem mal ao próximo, dele tirando algo de forma intencional. Mas do próximo tomam – de forma

frequente e inescrupulosa – a honra e a felicidade, desde que a lei ou a opinião pública não lhes alcancem a conduta hipócrita e culpada. Em podendo fazer gravar em suas lápides uma longa lista de virtudes que lhes são atribuídas, eles acreditam haver pago suas dívidas para com a humanidade. Que erro! Para ser honesto diante de Deus não basta não haver desobedecido às leis dos homens, é preciso antes de tudo não ter transgredido as leis divinas¹⁸³.

“O homem honesto diante de Deus é aquele que, cheio de abnegação e de amor, dedica sua vida ao bem, ao adiantamento de seus semelhantes. Aquele que, movido pelo zelo que lhe inspira a sua meta, é ativo na vida: ativo no cumprimento dos deveres materiais que lhe são dados, porque deve ensinar aos seus irmãos o amor pelo trabalho; ativo nas boas obras, porque não se esquece de que é apenas um servidor, e que o Senhor pedirá contas um dia do uso que faz do tempo; ativo no objetivo, porque ele deve praticar o amor ao Senhor e ao próximo. O homem honesto diante de Deus deve evitar cuidadosamente as palavras mordazes, veneno escondido em meio às flores, que destroem reputações e muitas vezes matam moralmente o homem, cobrindo-o de ridículo. O homem honesto diante de Deus deve ter o coração sempre impermeável ao menor germe de orgulho, de inveja e de ambição. Deve ser paciente e indulgente para com os que o atacam. Deve perdoar do fundo do coração, sem esforços e sobretudo sem ostentação, a quem quer que o ofenda. Deve amar seu Criador em todas as suas criaturas. Deve, enfim, pôr em prática esse postulado tão conciso e tão profundo dos deveres do homem: amar a Deus acima de todas as coisas e ao seu próximo como a si mesmo.

“Eis aí aproximadamente, minha querida filha, como deve proceder o homem honesto diante de Deus. Pois bem: eu fiz tudo isso? Não, eu falhei em muitos desses deveres e o confesso sem corar: olvidando-me de Deus fui levado a esquecimentos outros que, se não representam infrações segundo as leis dos homens, não deixam de constituir transgressões à lei de Deus. Sofri muito quando compreendi isso, pelo que hoje aguardo, com a esperança con-

183. A sociedade submete os indivíduos a uma condição heterônoma, de obediência à vontade alheia, pela submissão às leis dos homens, nem sempre justas, e podendo ser castigado pela desobediência. A verdadeira moral (autonomia) está em progredir pelo ato livre da vontade, usando a razão para criar hábitos em acordo com as leis divinas presentes na consciência. (N. do E.)

soladora na bondade de Deus, que enxerga o meu arrependimento. Repete então, querida filha, estas palavras a todos aqueles que têm a consciência culpada, que reparem suas faltas através das boas obras, para que se cubram com as lentes da misericórdia os paternais olhos de Deus, que levarão em conta suas expiações, e então a poderosa mão divina há de lhes apagar as faltas.”

SRA. HÉLÈNE MICHEL

Jovem de 25 anos, morta subitamente em sua casa, sem sofrimentos e sem causa anterior conhecida. Rica, um tanto frívola e, por conta disso, ocupava-se mais com as futilidades da vida do que com coisas sérias. Não obstante, tinha bons sentimentos: era afetuosa, benevolente e caridosa.

Evocada três dias após a morte por pessoas que a haviam conhecido, ela manifestou-se assim:

Não sei onde estou, que perturbação me cerca... Chamaste-me e eu vim. Não compreendo por que não estou em minha casa... Lamentam a minha ausência, mas eu estou lá, sem que consiga fazer com que me reconheçam... Meu corpo não me pertence mais, no entanto eu o sinto frio, gelado... Quero deixá-lo, mas a ele estou presa, e a ele sempre retorno... Eu sou duas pessoas... Oh! quando compreenderei o que acontece comigo?... Preciso lá voltar... meu outro *eu*, o que seria dele em minha ausência? Adeus.

O sentimento de dualidade¹⁸⁴ – que só se desfaz depois de completa a separação – fica aqui evidente. Seu caráter pouco sério e sua condição de riqueza, ao permitir que satisfizesse os caprichos, alimentavam a tendência à futilidade. Não é surpreendente, portanto, que seu desligamento tenha sido lento, e que, três dias após sua morte, ela se sentisse ainda ligada ao corpo. Mas, como Hélène não possuía nenhum vício sé-

184. A dualidade está representada pela consciência da *personalidade*, quando se usa o cérebro para pensar, e a condição de emancipação da alma, quando ela, despreendida pelo sono ou sonambulismo, pensa pela consciência da *individualidade* ou espírito. Após a morte, superando o período de perturbação, o espírito recupera gradualmente sua consciência espiritual. A demora depende de seu grau evolutivo. (N. do E.)

rio, sendo boa no íntimo, essa situação não lhe foi muito penosa, e tampouco durou muito tempo. Evocada de novo alguns dias depois, suas ideias já haviam mudado muito. Eis o que ela disse:

– Obrigada por terdes orado por mim. Reconheço a bondade de Deus que me poupou dos sofrimentos e apreensões no momento de separação entre meu corpo e meu espírito. Minha pobre mãe terá muita dificuldade em resignar-se. Mas ela será amparada, e o que aos seus olhos representa terrível desgraça, era indispensável para que as coisas do Céu se lhe tornassem aquilo que devem ser: tudo. Estarei ao lado dela até o fim de sua prova terrestre, ajudando-a a suportá-la. Não sou infeliz, mas tenho muito ainda a fazer para alcançar a morada dos bem-aventurados. Pedirei a Deus que me permita voltar a essa Terra, porque tenho que reparar o tempo que perdi na última existência. Que a fé vos sustente, meus amigos, confiai na sua eficácia, quando ela provém verdadeiramente do coração. Deus é bom.

– Levou muito tempo para dar conta de si?

– Compreendi a morte no mesmo dia em que orastes por mim.

– Era-lhe penoso esse estado de perturbação?

– Não, eu não sofria. Eu acreditava estar sonhando e esperava acordar. Minha vida não foi isenta de dores, mas todo ser encarnado no mundo deve sofrer. Resignei-me à vontade de Deus, e isso foi-me levado em conta. Sou-lhes muito grata pelas preces, que me ajudaram a dar-me por mim. Obrigada, voltarei sempre com prazer. Adeus.

Hélène

O MARQUÊS DE SAINT-PAUL

Faleceu em 1860, sendo evocado a pedido de sua irmã, membro da Sociedade de Paris, em 16 de maio de 1861.

1. [Evocação.]

– Eis-me aqui.

2. A senhora sua irmã pediu que o evocássemos. Embora seja ela médium, ainda não se desenvolveu o bastante para que se sentisse segura para tal.

– Tentarei responder da melhor forma possível.

3. Primeiramente ela deseja saber se o senhor está feliz.

– Sou um espírito errante no momento, estado transitório que não proporciona nem felicidade, nem castigo absolutos.

4. Demorou muito tempo até que se desse por si?

– Fiquei muito tempo na perturbação, tendo dela saído somente para benzer a piedade daqueles que não me esqueceram e que oravam por mim.

4a. Poderia calcular quanto tempo durou essa perturbação?

– Não.

5. Entre seus parentes, quais os que pôde reconhecer primeiro?

– Reconheci minha mãe e meu pai, os dois me receberam quando desperdei. Foram eles que me iniciaram na nova vida.

6. Por que, ao fim da sua enfermidade, parecia o senhor conversar com aqueles que amou na Terra?

– Antes de morrer tive a revelação do mundo em que eu iria habitar. Possuía vidência antes de morrer, tendo meus olhos ficado turvos durante a separação definitiva do corpo, pois os laços carnis eram ainda muito fortes.

7. Por que as lembranças da infância pareciam ser as que lhe retornavam preferencialmente?

– Porque o começo da vida aproxima-se mais do fim do que do meio da vida.

7a. O que quer dizer com isso?

– Quer dizer que os moribundos se lembram e veem, *como em uma miragem consoladora*, os anos puros e juvenis.

Provavelmente, por um motivo providencial semelhante é que os velhos, à medida que se aproximam do fim da vida, têm, por vezes, uma nítida lembrança dos menores detalhes da infância.

8. Por que se referia a seu corpo sempre na terceira pessoa?

– Porque, como já vos disse, eu era vidente e via nitidamente as diferenças que existem entre o físico e o espiritual. Essas diferenças, vinculadas entre si pelo fluido vital¹⁸⁵, tornam-se bem distintas aos olhos dos moribundos clarividentes.

185. O espírito refere-se aqui a uma teoria aceita por parte dos fisiólogos e magnetizadores do século 19, que considerava a existência de uma substância (átomos duros e indivisíveis, sem peso e invisíveis, que constituíam a chamada matéria imponderável) responsável por dar à vida movimento, o *fluido vital*. Imaginada por semelhança aos fluidos especiais da Física daquele tempo (calórico, fluido elétrico, magnético, luminoso). Desde o início do século 20, essa teoria foi superada pela compreensão do conceito de energia, que pode se propagar independente da matéria, por meio das

Eis aí uma particularidade que a morte desse senhor apresenta. Em seus últimos momentos, ele dizia sempre: “Ele tem sede, é preciso dar-lhe de beber; ele tem frio, é preciso aquecê-lo; ele sente dores em tal região etc.” e quando se lhe dizia: “Mas é o senhor que tem sede”, ele respondia: “Não, é ele”. Podemos distinguir aqui perfeitamente as duas existências: o *eu* pensante está no espírito e não no corpo; o espírito, já parcialmente desligado, considerava seu corpo como outra individualidade que, a bem dizer, não era mais *ele*; ao seu corpo então é que era preciso dar de beber, e não ao seu espírito. Esse fenômeno também pode ser observado em alguns sonâmbulos¹⁸⁶.

9. O que disse sobre seu estado errante e do tempo que durou a sua perturbação leva a crer que não esteja muito feliz, no entanto suas qualidades fariam com que supuséssemos o contrário. Além do que, há espíritos errantes felizes e infelizes.

– Estou num estado transitório; as virtudes humanas aqui adquirem o seu verdadeiro valor. Certamente meu estado é mil vezes preferível ao da encarnação terrestre, mas carrego ainda comigo as aspirações do verdadeiro bem e do verdadeiro belo, e minha alma não estará satisfeita a menos que se eleve até os pés do seu criador¹⁸⁷.

SR. CARDON, MÉDICO

O sr. Cardon passara parte de sua vida na marinha mercante, na função de médico de um navio baleeiro, tendo ali adquirido hábitos e ideias um tanto materialistas. Indo viver na aldeia de J..., exercia a modesta profissão de

ondas eletromagnéticas. Em sua obra posterior, *A Gênese*, Kardec abandonou a ideia de *fluido vital* substituindo-o pelo termo *princípio vital*, que se refere ao fenômeno da vida sem recorrer a qualquer teoria específica. (N. do E.)

186. Somente o corpo físico confere ao ser necessidades materiais, como fome, sede; e sensações físicas como frio, calor, pressão. O espírito não recebe impressões físicas no mundo espiritual. Quando lúcido, compreende essa diferença. (N. do E.)

187. O espírito em condição mediana não é infeliz, pois não tem imperfeições que resultam do apego à matéria, mas, observando a felicidade dos bons, almeja alcançar essa condição, dedicando-se a alcançá-la pelos esforços do aperfeiçoamento. Está no caminho da felicidade futura. (N. do E.)

médico rural. Desde algum tempo, identificara em si mesmo uma hipertrofia do coração. Sabendo ser tal doença incurável, a ideia da morte o lançou numa sombria melancolia, de que nada conseguia afastá-lo. Dois meses antes, aproximadamente, predisse o dia exato de sua morte. Vendo-se perto de morrer, reuniu a família ao redor para dizer o último adeus. Sua mulher, sua mãe, seus três filhos e outros parentes estavam juntos à volta de seu leito. No momento em que sua mulher tentou erguê-lo, prostrou-se, tomado de uma lividez azulada e olhos cerrados, pelo que pensaram que estivesse morto. Sua mulher, para ocultar tal cena dos filhos, colocou-se à sua frente. Após alguns minutos, ele reabriu os olhos e, com a fisionomia, por assim dizer, iluminada, tomou uma expressão de radiosa beatitude, exclamando:

Oh, meus filhos! Como é belo, como é sublime! Oh! A morte... Que benefício! Que coisa suave! Eu estava morto e senti minha alma elevar-se bem, bem alto. Mas Deus permitiu-me voltar para vos dizer: não temais a morte, ela é a libertação... Não posso descrever a grandiosidade do que vi, nem as impressões que experimentei. Mas vós não o compreenderíeis... Oh, meus filhos! Conduzi-vos sempre de maneira a merecer essa inefável felicidade que é reservada aos homens de bem. Vivei segundo a caridade. Se tiverdes alguma coisa, dai uma parte àqueles a quem falta o necessário. Minha querida mulher, deixo-te numa situação ingrata. Devem-nos dinheiro, mas te suplico, não atormentes os que nos devem. Se estiverem em dificuldades, espera que possam pagar, e àqueles que não puderem fazê-lo, perdoa-lhes a dívida. Deus há de te recompensar por isso. E tu, meu filho, trabalha para sustentar tua mãe, sendo sempre um homem honesto e nada fazendo que possa desonrar a nossa família. Toma esta cruz que era de minha mãe, não a deixes nunca, e que ela te lembre sempre de meus últimos conselhos... Meus filhos, ajudai-vos e sustentai-vos mutuamente. Que reine entre vós a harmonia. Não sejais vaidosos ou orgulhosos. Perdoai aos vossos inimigos, se quiserdes que Deus vos perdoe...

Depois, fazendo seus filhos aproximarem-se, estendeu suas mãos sobre eles e os abençoou. E seus olhos se fecharam, dessa vez para sempre, mas sua fisionomia conservou uma expressão tão imponente que, até o momento em que foi enterrado, uma multidão veio contemplá-lo com admiração.

Esses interessantes detalhes nos foram transmitidos por um amigo da família, o que nos levou a supor que uma evocação pudesse ser instrutiva para todos, e também útil para o espírito.

1. [Evocação.]

– Estou perto de vós.

2. Contaram-nos sobre seus últimos instantes, que nos encheram de admiração. Teria a bondade de descrever, tanto quanto possível, o que viu no intervalo do que se poderia chamar suas duas mortes¹⁸⁸?

– Poderíeis vós compreender o que vi? Não sei, porque eu não encontro expressões capazes de tornar compreensível o que eu pude ver durante alguns instantes em que me foi possível abandonar o corpo.

3. Sabe onde esteve? É longe da Terra, num outro planeta ou no Espaço?

– O espírito não entende as distâncias da mesma forma que as considerais. Levado não sei por que agente maravilhoso, eu vi o esplendor de um céu como apenas em sonhos poderia haver. Esse passeio através do infinito ocorreu tão rapidamente que não posso dizer com precisão o tempo nele gasto por meu espírito.

4. Desfruta atualmente da felicidade que entreviu?

– Não. Bem que eu queria poder dela desfrutar, mas Deus não me pode recompensar assim. Revoltei-me muitas vezes contra os pensamentos abençoados que meu coração ditava, e a morte parecia-me uma injustiça. Médico incrédulo, eu havia adquirido na arte de curar uma aversão contra a segunda natureza, que é nosso impulso inteligente, divino. Para mim, a imortalidade da alma era uma ficção apropriada para seduzir as naturezas pouco elevadas. Temia o vazio, no entanto, porquanto amaldiçoei muitas vezes esse agente misterioso que fere sempre e sempre. A filosofia confundira-me os sentidos sem me fazer compreender toda a grandeza do Eterno, que sabe compartilhar a dor e a alegria para o aprendizado humano.

188. O sr. Carson descreve o que hoje chama-se EQM (experiência de quase morte), expressão criada pelo médico Raymond Moody Jr., ocorridas próximas da morte, em situações de intenso perigo ou após a ressuscitação de morte clínica. Depois de 1950, com a utilização de técnicas modernas de reanimação, cresceu o número de relatos. Atualmente, diversos estudos científicos estão em curso para a compreensão do fenômeno. O diálogo de Kardec com este espírito demonstra como o Espiritismo será uma contribuição inestimável para o progresso da ciência. (N. do E.)

5. Por ocasião da sua verdadeira morte, pôde logo reconhecer o estado em que se encontrava?

– Não; só me reconheci durante a transição que meu espírito sofreu ao percorrer os ambientes etéreos. Logo após a morte real, não: foram necessários alguns dias para que despertasse. Deus concedera-me uma graça, pela razão que vos explico agora. Minha incredulidade inicial não mais existia. Antes de minha morte eu já passara a acreditar uma vez que, depois de haver investigado cientificamente a matéria pesada que me fazia definhar, eu encontrara, esgotadas as razões terrestres, apenas a razão divina, que me inspirava e consolava, tornando minha coragem mais forte que a dor. Passei a bendizer o que antes amaldiçoara – o fim parecia-me uma libertação. A ideia de Deus é grande como o mundo! Oh! Que suprema consolação na prece, que proporciona emoções indescritíveis; ela é o elemento mais seguro da nossa natureza imaterial; por ela compreendi, acreditei firmemente, soberanamente, e é por isso que Deus, considerando minhas boas ações, houve por bem recompensar-me antes que terminasse a minha encarnação.

6. Poderíamos dizer que se encontrava morto na primeira vez?

– Sim e não. Tendo o espírito deixado o corpo, naturalmente este último feneceria. Retomando a posse da minha morada terrestre, no entanto, a vida retornou ao corpo, que passara por uma transição, um sono.

7. Nesse momento sentíeis os laços que o prendiam ao corpo?

– Sem dúvida; o espírito tem um laço difícil de desatar, é preciso o último estremecimento da carne para que ele retorne à sua vida natural¹⁸⁹.

8. Como explicar que, por ocasião da sua morte aparente e durante alguns minutos, seu espírito tenha podido libertar-se instantaneamente e sem perturbação, ao passo que a morte real foi seguida de uma perturbação de vários dias? Parece-nos que no primeiro caso, com os laços entre a alma e o corpo sendo mais vigorosos do que no segundo, o desligamento devesse ser mais lento, mas o que se deu foi o oposto.

189. Assim se explica a possibilidade do fenômeno de EQM (experiência de quase morte), pois, quando da morte clínica, ainda não ocorreu o rompimento do laço fluido entre o perispírito e o corpo, o que caracterizaria a morte em definitivo. O procedimento de ressuscitação faz o espírito retomar a consciência física, podendo relatar sua experiência. (N. do E.)

– Muitas vezes evocais um espírito encarnado, e dele recebeis respostas reais. Encontrava-me na condição desses espíritos. Chamava-me Deus, e também seus servidores diziam: “Vinde...”. Eu obedeci, e agradeço a Deus pela graça especial que me concedeu. Pude ver o infinito de sua grandeza e compreendê-la. Agradeço a vós que me permitistes, antes da morte real, ensinar aos meus, a fim de que tenham boas e justas encarnações.

9. De onde vinham as belas e boas palavras que o senhor dirigiu à sua família após o seu retorno à vida?

– Eram o reflexo do que eu tinha visto e entendido. E os bons espíritos inspiravam-me a fala e revigoravam meu semblante.

10. Que impressão acredita ter causado sua revelação nos assistentes e, em particular, em seus filhos?

– Marcante e profunda. A morte não mente. Os filhos, por mais ingratos que possam ser, inclinam-se diante da encarnação que se finda. Se pudéssemos perscrutar o coração dos filhos, junto a um túmulo entreaberto, veríamos apenas sentimentos verdadeiros, tocados profundamente pela ação secreta dos espíritos que a todos sugerem os pensamentos: “Tremei, se tendes dúvida. A morte é a reparação, a justiça de Deus”. Asseguro-vos ainda que, apesar dos incrédulos, meus amigos e minha família acreditaram nas palavras que pronunciei antes de morrer. Eu era o intérprete de um outro mundo.

11. O senhor disse que não desfruta da felicidade entrevista. Está infeliz, então?

– Não, pois do fundo de minha alma e de minha consciência eu já acreditava antes de morrer. A dor, que nos constrange cá embaixo, fortalece-nos para o futuro espiritual. Observai que Deus soube levar em conta as minhas preces e a minha crença absoluta n’Ele. Estou no caminho da perfeição e chegarei ao objetivo que me foi permitido entrever. Oraí, meus amigos, por este mundo invisível que preside vossos destinos. Esse intercâmbio fraterno representa a caridade; é uma alavanca poderosa que põe em comunicação os espíritos de todos os mundos.

12. Gostaria de dirigir algumas palavras à sua mulher e aos seus filhos?

– Rogo a todos os meus que creiam em Deus, poderoso, justo e imutável; na prece que consola e alivia; na caridade, que é o ato mais puro da encarnação humana. Peço também que se lembrem de que se pode dar, mesmo que pouco: o óbolo do pobre é o mais meritório diante de Deus, que sabe

que um pobre dá muito, mesmo que dê pouco. Ao rico é preciso dar muito, e frequentemente, para merecer tanto quanto o pobre. O futuro é a caridade, a benevolência em todas as ações; é crer que todos os espíritos são irmãos, olvidando todas as vaidades pueris. Família bem-amada, haverá rudes provas a enfrentar, mas todos devem aceitá-las corajosamente, sabendo que Deus a todos vê. Dizei sempre esta prece:

Deus de amor e de bondade, que nos dais tudo e sempre, concedei-nos a força que não recua diante de aflição alguma; tornai-nos bons, mansos e caridosos, pequenos na fortuna e grandes no coração. Que nosso espírito seja espírita na Terra, para melhor compreender-vos e amar-vos.

Que vosso nome, ó meu Deus, emblema de liberdade, seja o objetivo consolador de todos os oprimidos, de todos os que têm necessidade de amar, de perdoar e de crer.

Cardon

ÉRIC STANISLAS

Comunicação espontânea; Sociedade de Paris, agosto de 1863.

Quanta felicidade nos dão as emoções vivamente sentidas pelos corações calorosos! Ó doces pensamentos, que vindes abrir o caminho da salvação a tudo que vive, a tudo que respira material e espiritualmente, que o vosso bálsamo derrame-se profusamente sobre vós e sobre nós! Que expressões escolher para traduzir a felicidade que experimentam os vossos irmãos de além-túmulo na contemplação do amor puro que une a todos vós?

Ah, irmãos! Como o bem está por toda parte! Quantos sentimentos afetuosos – elevados e simples como vós, como a vossa doutrina – sois chamados a semear sobre a longa estrada que ainda tendes a percorrer. Mas, igualmente, quanto vos será concedido antes mesmo de terdes adquirido direito a tais bênçãos!

Assisti a tudo esta noite. Ouvei, percebi e aprendi, e também poderei, por minha vez, cumprir o meu dever, instruindo a classe dos espíritos imperfeitos.

Escutai: eu estava longe de ser feliz. Mergulhado na imensidão, no infinito, meus sofrimentos eram tão mais intensos que eu não podia corretamente dimensioná-los. Bendito seja Deus, que me permitiu vir a um santuário que os maus não podem adentrar *impunemente*. Amigos, como vos sou reconhecido, quantas forças pude haurir de vosso meio!

Oh, homens de bem, reuni-vos constantemente, aprendei, porquanto não poderíeis imaginar quantos frutos produzem as reuniões sérias de que participais. Os espíritos que ainda têm muito a aprender, aqueles que ficam voluntariamente inativos, preguiçosos e esquecidos de seus deveres podem estar entre vós, seja por uma circunstância fortuita ou por outra razão. Impressionados vivamente por um choque terrível, eles podem, e é o que muitas vezes acontece, voltarem-se para dentro de si, reconhecendo-se, enxergando finalmente a meta a atingir¹⁹⁰. Fortalecidos pelos exemplos que lhes dais, vão então procurar os meios de sair do estado doloroso em que se encontram. Com uma imensa satisfação é que me faço intérprete das almas sofredoras, porque é a homens de coração que me dirijo, certo de ser ouvido.

Aceitai, portanto, ainda uma vez, oh, homens generosos, a manifestação de meu agradecimento particular e o de todos os nossos amigos a quem fizestes, talvez sem o suspeitar, tanto bem.

Éric Stanislas

O guia do médium transmitiu a seguinte mensagem:

Meus filhos, trata-se de um espírito que foi muito infeliz, porque esteve muito tempo desencaminhado. Agora ele compreendeu seus erros, arrependeu-se e finalmente voltou os olhos para Deus, que ele havia desprezado. Não é a sua uma posição de felicidade, mas ele por ela aspira, não sofrendo mais. Deus permitiu vir escutar-vos, para depois ir a uma esfera

190. O espírito Éric descreve a vivência do arrependimento enquanto conscientização da alma de sua responsabilidade pelo sofrimento que enfrenta. Ele volta para si mesmo e se reconhece, divisando a meta, que é o aperfeiçoamento e o retorno ao bem. Este caso exemplifica o item 11° do cap. VIII: “Assim que se manifestam nele as primeiras luzes do arrependimento, Deus lhe faz entrever a esperança”. (N. do E.)

inferior para ensinar, fazendo com que progridam os espíritos que, como ele, deixaram de cumprir as leis divinas. É a reparação que lhe é pedida. Poderá agora conquistar a felicidade, porque essa é a sua vontade.

SRA. ANNA BELLEVILLE

Jovem senhora falecida aos 35 anos, após uma doença longa e cruel. Vivaz, espirituosa, dotada de uma rara inteligência, de uma grande retidão de julgamento e de eminentes qualidades morais. Esposa e mãe de família devotada, possuía, além disso, uma força de caráter pouco comum e um espírito fecundo em recursos, que jamais a deixava desprevenida nas circunstâncias mais críticas da vida. Sem rancor por aqueles dos quais tinha muito a se queixar, estava sempre pronta a prestar-lhes ajuda quando preciso. Intimamente ligados a ela por muitos anos, pudemos seguir todas as fases de sua existência, assim como todos os seus episódios finais.

Um acidente provocou a terrível doença que a levaria à morte, depois de mantê-la de cama por três anos, presa aos mais cruéis sofrimentos, que ela suportou até o último momento com uma coragem heroica e sem que sua alegria espontânea a abandonasse. Acreditava firmemente na alma e na vida futura, mas preocupava-se muito pouco com isso. Todos os seus pensamentos se dirigiam à vida presente, a que se prendia, sem que tivesse medo da morte, no entanto, e sem buscar os prazeres materiais, mesmo porque sua vida era muito simples. Com tranquilidade privava-se do que não podia obter, mas possuía um sentimento inato do bem e do belo, que estampava até nas mais pequenas coisas. Queria viver, mais por seus filhos que por si mesma, por sentir que lhes era necessária a sua presença – eis por que se agarrava à vida. Conhecia o Espiritismo sem o haver estudado profundamente; interessava-se por ele, mas não chegou a fixar suas noções acerca do futuro; para ela era uma verdade, mas que não lhe deixava nenhuma impressão profunda no espírito. O bem que fazia era o resultado de um impulso natural, espontâneo, e não motivado pela ideia de recompensas ou penas futuras.

Já de muito antes seu estado era desesperador, de modo que se esperava vê-la partir a qualquer momento – ela mesma não tinha mais ilusões. Um dia em que se lhe encontrava ausente o marido, sentiu-se desfalecer, compreendendo que

sua hora havia chegado. Sua visão nublou-se e a perturbação a tomou: sofria toda a angústia da separação. No entanto, não admitia morrer antes da volta de seu marido. Fazendo sobre si mesma um supremo esforço, ela disse: “Não, eu não quero morrer!”. Sentiu, então, a vida renascer em si mesma, recuperando o pleno uso de suas faculdades. Quando seu marido voltou, disse-lhe: “Eu ia morrer, mas quis esperar que estivesse perto de mim, porque ainda tinha que te passar várias recomendações”. A luta entre a vida e a morte prolongou-se assim por mais três meses, que não foram senão uma longa e dolorosa agonia.

1. [Evocação, no dia seguinte ao de sua morte.]

– Queridos amigos, obrigada por vossa preocupação comigo. Fostes para mim, ademais, como bons pais. Pois bem, alegrai-vos, eu estou feliz. Confortai meu pobre marido e velai por meus filhos. Fui para junto deles assim que deixei o corpo.

2. Parece-nos que sua perturbação não foi longa, pois nos responde com lucidez.

– Meus amigos, sofri tanto, e sabeis que sofri com resignação. Pois bem, minha prova acabou. Não posso dizer que esteja libertada por completo, mas ao menos não sofro mais, e isto é para mim um grande alívio. Neste momento estou radicalmente curada, asseguro-vos isso, mas preciso do auxílio da prece para poder depois vir colaborar convosco.

3. Qual foi a causa de seus longos sofrimentos?

– Um passado terrível, meu amigo.

4. Poderia descrever como foi esse passado?

– Oh! Deixai que o esqueça por um tempo, pois tão caro paguei por ele!

Um mês após sua morte.

5. Agora que já deve estar completamente desprendida e que se reconhece melhor, gostaríamos de ter com a senhora uma conversa mais detalhada. Poderia dizer-nos qual foi a causa de sua longa agonia, visto que permaneceu durante três meses entre a vida e a morte?

– Obrigada, meus bons amigos, por vossa lembrança e pelas preces bondosas! Como me foram salutares e quanto contribuíram para o meu desprendimento! Tenho ainda necessidade de amparo, continuai a orar por mim. Compreendeis o que é a prece, não as fórmulas mecânicas repetidas por tantos que não se dão conta do efeito produzido por uma boa prece.

“Sofri muito, mas meus sofrimentos foram amplamente compensados, sendo-me permitido estar muitas vezes perto dos meus queridos filhos, que com tanto pesar deixei!

“Prolonguei eu mesma meus sofrimentos. O desejo ardente de viver para meus filhos fazia com que me agarrasse de certa forma à matéria, e, ao contrário dos outros, teimei em não abandonar o pobre corpo, com o qual era forçoso romper, ainda que me fosse o instrumento de tantas dores. Eis aí a verdadeira causa da minha longa agonia. Quanto à minha enfermidade e às dores que sofri, eram uma expiação do passado, uma dívida a mais que paguei.

“Ai de mim, meus bons amigos, se vos tivesse ouvido, que imensa mudança haveria em minha vida atualmente! Quanto alívio eu teria experimentado em meus últimos instantes, e como esta separação teria sido mais fácil se, em vez de a ela opor-me, tivesse deixado-me levar, confiando na vontade de Deus, pela corrente que me arrastava! Porém, em vez de dirigir meu olhar para o futuro que me aguardava, eu via somente o presente que abandonaria!

“Quando retornar à Terra, asseguro-vos que serei espírita. Que vasta ciência! Assisto às vossas reuniões com frequência, assim como às instruções que vos são dadas. Se eu a tudo isso tivesse compreendido quando estava na Terra, meus sofrimentos teriam sido bem menores. Mas a hora não era chegada. Hoje compreendo a bondade de Deus e sua justiça, embora não esteja adiantada o bastante para não me preocupar mais com as coisas da vida. Meus filhos principalmente ainda me prendem a ela, não mais para mimá-los, mas para velar por eles, inspirando-lhes a seguir a estrada que lhes indica agora o Espiritismo. Sim, meus bons amigos, tenho ainda grandes preocupações, uma, sobretudo, porque o futuro de meus filhos dela depende.”

6. Poderia dar-nos algumas explicações sobre o passado que tanto deplora?

– Ah, meus bons amigos, estou pronta para vos fazer a confissão. Desprezei o sofrimento alheio. Vi minha mãe sofrer sem dela apiedar-me, chamando-a de doente imaginária. Por não a ver acamada, supunha que ela não sofresse, e ria de seus lamentos. Eis como Deus castiga.

Seis meses após sua morte.

7. Agora que um tempo bastante longo se passou desde que deixou o seu invólucro terrestre, poderia descrever-nos a sua situação e as suas ocupações no mundo dos espíritos?

– Durante minha vida na Terra, fui o que geralmente se denomina uma boa pessoa, porém, antes de tudo, eu prezava meu bem-estar. Compassiva por natureza, não teria sido capaz de um sacrifício penoso para aliviar um infortúnio. Hoje tudo mudou; sendo embora a mesma, o *eu* de antes modificou-se. Adquiri novas qualidades, e hoje vejo que não há categorias ou outras condições além do mérito pessoal aqui no mundo dos invisíveis, onde um pobre caridoso e bom está acima do rico orgulhoso que o humilhava com sua esmola. Cuido especialmente dos que se afligem com os dramas familiares, a perda de parentes ou da fortuna. Tenho por missão consolá-los e encorajá-los, tarefa que me deixa feliz.

Anna

Uma importante questão que resulta dos fatos supracitados, a saber: uma pessoa poderia, por um esforço da própria vontade, retardar o momento da separação entre a alma e o corpo?

Resposta do espírito São Luís:

Se a resposta a essa questão fosse irrestritamente afirmativa, daria ensejo a falsas consequências. Evidentemente, em certas condições, um espírito encarnado pode prolongar a existência corporal para concluir instruções indispensáveis, ou, ao menos, que o acredite ser. É possível que se lhe permita isso, como no caso de que tratamos, assim como em muitos outros exemplos. Essa prorrogação da vida, de qualquer, não pode ser senão de curta duração, porquanto não é permitido ao homem interferir na ordem das leis naturais, tampouco provocar um retorno real à vida quando esta já tenha chegado a seu termo. Trata-se apenas de uma suspensão momentânea. No entanto, a despeito da possibilidade desse evento, não convém concluir que possa ocorrer de forma corriqueira, nem crer que esteja no poder do indivíduo assim prolongar a sua existência. Como *prova para o espírito*, ou para viabilizar a conclusão de uma missão, os órgãos comprometidos podem receber um suplemento de fluido vital que lhes permita prolongar por algum tempo a manifestação material do pensamento. Tais casos constituem antes a exceção, e não a regra. Tampouco convém ver em tal fenômeno uma derrogação das leis de Deus, que são imutáveis, mas apenas uma consequência do livre-arbítrio da alma humana que, no úl-

timo instante, tem consciência da missão de que foi encarregada e deseja, apesar da morte, concluir o que não pôde até então finalizar. Por vezes, pode também ser uma espécie de punição imposta ao espírito que duvida do futuro, ao conceder-lhe um prolongamento de vitalidade com o qual ele sofre inevitavelmente.

São Luís

Poderia também causar espanto a rapidez do desligamento desse espírito, levando-se em conta seu apego à vida corporal. É preciso considerar, no entanto, que esse apego não tinha nada de sensual nem de material – tinha até mesmo o seu lado moral, já que era motivado pela preocupação com os filhos de pouca idade. Era, além disso, um espírito avançado em inteligência e moralidade; um grau a mais e estaria entre os espíritos felizes. Portanto, não havia, nos laços perispirituais, a tenacidade que resulta da identificação com a matéria. Pode-se dizer que a vida, enfraquecida por uma longa enfermidade, prendia-se apenas por poucos fios, que ela queria impedir que se rompessem. Entretanto, pela sua resistência, ela foi punida com o prolongamento dos seus sofrimentos inerentes à própria doença, e não com a dificuldade do desligamento. Eis por que, após o desprendimento, a perturbação durou pouco.

Um fato igualmente importante decorre dessa evocação, assim como da maioria das evocações feitas em épocas diversas, ou mais ou menos distanciadas da morte: a transformação que gradualmente ocorre nos pensamentos do espírito, cujo progresso é possível acompanhar. No caso desse espírito, essa mudança traduz-se, não por melhores sentimentos, mas por uma apreciação mais correta das coisas. O progresso da alma na vida espiritual é, assim, um fato comprovado pela experiência. E esse progresso é posto em prática na vida corporal, que constitui o teste de suas resoluções, o cadinho em que se depura.

Uma vez que a alma progride após a morte, sua sorte não pode ser irrevogavelmente fixada, porque a fixação definitiva de seu destino constituiria, como já dissemos antes, a negação do progresso. Não podendo coexistir as duas coisas simultaneamente, resta aquela que conta com a sanção dos fatos e da razão.

CAPÍTULO IV

Espíritos sofredores

O CASTIGO

Exposição geral do estado dos culpados no momento de sua entrada no mundo dos espíritos, ditada à Sociedade Espírita de Paris em outubro de 1860.

“Logo após a morte, os espíritos maus, egoístas e endurecidos¹⁹¹ ficam entregues a uma dúvida cruel quanto ao seu destino presente e futuro. Olham ao redor de si e não veem inicialmente ninguém sobre quem possam exercer sua maldade, e então apodera-se deles o desespero, porquanto o isolamento e a inércia são intoleráveis para os espíritos maus. Eles não elevam o olhar aos lugares habitados pelos espíritos puros. Observam o ambiente ao redor e,

191. É importante destacar que a condição de espírito *imperfeito*, utilizada por Kardec, é uma generalização que inclui os simples e ignorantes, que, em sendo perfectíveis, elevam-se gradativamente pelas provas da vida até a condição de pureza. Os imperfeitos compreendem também os *sofredores*, classe daqueles que criaram imperfeições para si mesmos pelo apego, o qual, transformado em hábito, configura-se em orgulho, egoísmo e demais imperfeições que daqueles derivam. A estes caberá a trajetória do arrependimento, expiação e reparação, como condição de superação do sofrimento, que é sempre transitório. Enfim, são os sofredores que se revoltam e insistem no erro que se tornam espíritos *maus* e *endurecidos*. (N. do E.)

rapidamente percebendo o abatimento dos espíritos fracos e punidos, agarram-se a eles como a uma presa, servindo-se da lembrança das faltas preteritas destes, faltas incessantemente recapituladas pelos maus espíritos por meio de gestos zombeteiros. Não lhes sendo suficiente esse tipo de escárnio, lançam-se à Terra, quais famélicos abutres, e procuram, entre os homens, uma alma que dê acesso fácil às suas tentações, agarrando-se a ela, exaltando-lhe a ambição e tratando de minar-lhe a fé em Deus. Quando finalmente tornam-se senhores de uma consciência, vendo a presa assegurada, estendem a tudo o que se aproxima de sua vítima seu fatal contágio.

“O espírito mau, ao pôr em prática seu ódio, é quase feliz, sofrendo apenas nos momentos em que deixa de agir, ou quando o bem triunfa sobre o mal.

“Os séculos, no entanto, vão passando e o espírito mau, de súbito, sente as trevas a envolvê-lo, com seu círculo de ação restringindo-se – sua consciência, que se manteve muda até então, faz com que sinta os aguçados espinhos do arrependimento. Inerte, levado pelo turbilhão, o espírito mau vagueia, sentindo, como dizem as Escrituras, arrepiarem-se-lhe os pelos de terror.¹⁹² Não tarda, então, a fazer-se um grande vazio nele e ao seu redor: é chegado o momento em que ele deve expiar. Apresenta-se a reencarnação, ameaçadora, que ele enxerga, qual fora uma miragem, com as provas terríveis que o esperam. Gostaria de recuar, mas avança e, precipitando-se no imenso abismo da vida, ele rola, assustado, até que lhe recaia sobre os olhos o véu da ignorância. Vive, age, é de novo culpado; sentindo em si não sei qual lembrança inquietante, quais pressentimentos que o fazem tremer, sem, contudo, fazer com que recue do caminho do mal. Exânime, após uma carreira de crimes, ele vai morrer. Estendido sobre um grabato – ou sobre um leito, que importa? –, o homem culpado sente agitar-se, sob a aparente imobilidade, vivendo um mundo de sensações esquecidas. Sob a pálpebras cerradas vê surgir uma claridade, ouve estranhos sons. A alma prestes a deixar seu corpo agita-se impaciente, enquanto suas mãos crispadas tentam agarrar-se às cobertas – quer falar, gritar àqueles que o cercam: ‘Não deixeis que me vá, eu vejo o castigo!’. Em vão, pois a morte estampa-se-lhe nos lábios exangues, dizendo, aqueles que o auxiliam: ‘Agora ele descansa em paz!’.

“No entanto, ele tudo ouve, flutuando ao redor do corpo que teimava em não abandonar. Uma força desconhecida o atrai. Ele vê e reconhece o que já

192. Salmos,119:120. (N. do T)

antes vira. Desvairado, lança-se no Espaço onde desejaria esconder-se, mas não há refúgio, não há repouso¹⁹³! Outros espíritos retribuem-lhe o mal que lhes fizera. Castigado, escarnecido e confuso, vagueia por sua vez, e há de vagar até que a divina luz penetre-lhe o coração insensato, mostrando-lhe o Deus vingador, o Deus triunfante de todo o mal, e que ele só poderá apaziguar à força de gemidos e de expiações.”

Georges

Nunca foi traçado quadro mais eloquente, mais terrível e mais verdadeiro acerca da sorte que aguarda mau. Seria então necessário recorrer à fantasmagoria das chamas e das torturas físicas?

NOVEL

O espírito dirige-se ao médium, que o conhecera em vida:

Falarei de meu sofrimento ao morrer. Meu espírito, preso ao corpo por laços materiais, teve grande dificuldade para dele desligar-se, algo que foi uma primeira e penosa angústia. A vida que eu havia deixado com 24 anos era ainda tão forte em mim que eu não acreditava tê-la perdido. Procurava meu corpo, espantado e horrorizado ao reconhecer-me perdido em meio a uma multidão de sombras. Por fim, o reconhecimento de minha situação e a revelação das faltas que cometera ao longo de minhas encarnações alcançaram-me, de súbito. Uma luz implacável iluminou os escaninhos mais secretos de minha alma, que se sentiu *desnudada*, sendo então tomada por uma vergonha devastadora. Procurei escapar à situação, interessando-me pelos objetos novos, e, *no entanto, conhecidos*, que me cercavam. Os espíritos

193. O espírito mau, que reencarna em virtude da inevitabilidade da lei do progresso, sem se arrepender, e em vida comete novos atos equivocados em virtude da imperfeição ainda presente, quando volta ao mundo espiritual, estará de volta aos mesmos suplícios entre os quais anteriormente se encontrava. Não se trata de um ato deliberado de castigo, mas da consequência natural de sua inatividade, falta de reconhecimento de suas responsabilidades, e insistência no mal. Tudo mudará quando de seu arrependimento, enquanto ato livre da vontade. (N. do E.)

radiosos, flutuando no éter, mostravam-me uma felicidade a que eu não podia aspirar. Formas sombrias e desoladas, umas mergulhadas em indefeso desespero, outras irônicas ou furiosas, deslizavam ao meu redor e sobre a Terra à qual eu continuava ligado. Eu via, a agitarem-se, os humanos cuja ignorância eu invejava. Toda uma gama de sensações desconhecidas, ou, antes, *redescobertas*, invadiram-me simultaneamente. Como que arrastado por uma força irresistível, buscando fugir a essa acerba dor, eu vencias as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas da natureza nem os esplendores celestes pudessem aliviar-me, por um instante sequer, a consciência dilacerada ou o pavor que me causava a revelação da eternidade. Um mortal pode pressentir as torturas materiais pelos arrepios da carne, porém vossas frágeis dores, amenizadas pela esperança, atenuadas pelas distrações, mortas pelo esquecimento, não vos permitirão jamais compreender as angústias de uma alma que sofre sem tréguas, esperança ou arrependimento. Passado um tempo cuja duração não posso avaliar, invejando os eleitos cujo esplendor entrevia, abominando os maus espíritos que me perseguiam com suas zombarias e desprezando os humanos cujas torpezas eu testemunhava, passei de um profundo abatimento a uma revolta insensata¹⁹⁴.

Evocou-me você, por fim. E pela primeira vez um sentimento suave e terno fez com que me acalmasse. Ouvei os ensinamentos que lhe dão os guias. Penetrou-me a verdade e eu orei. Ouvei-me Deus, revelando-se a mim por sua clemência, como já se revelara por sua justiça.

Novel

AUGUSTE MICHEL

Havre, março de 1863.

Era um jovem rico, boêmio, tendo ampla e exclusivamente desfrutado da vida material. Conquanto fosse inteligente, seu desinteresse pelas coisas sérias

194. A revolta impede o espírito culpado de enxergar a saída de sua situação infeliz, prolongando o seu sofrimento, que lhe parece infundável, até que se arrependa. (N. do E.)

era seu traço marcante. Sem malícia, antes bom do que mau, era estimado por seus companheiros de diversão e disputado nos círculos da alta sociedade por suas qualidades de homem do mundo. Sem haver praticado o mal, não fizera o bem. Morreu por causa de uma queda da carruagem em que passeava. Evocado alguns dias após sua morte por um médium que o conhecia indiretamente, deu as sucessivas comunicações as seguir:

Mensagem de 8 de março de 1863.

Mal estou desligado de meu corpo, de maneira que vos falo com dificuldade. A terrível queda que me aniquilou o corpo deixou-me o espírito em grande perturbação. Preocupa-me o que será de mim, e essa incerteza é cruel. O doloroso sofrimento que meu corpo experimentou não é nada comparado à perturbação em que me encontro. Orai para que Deus me perdoe. Oh! quanta dor! Misericórdia, meu Deus! Quanta dor! Adeus.

Mensagem de 18 de março.

Já estive convosco, mas só pude falar com muita dificuldade. Mesmo agora, é preciso grande esforço para que me comunique convosco. Sois o único médium a quem posso pedir preces, para que a bondade de Deus me arranque da perturbação em que me encontro. Por que sofro ainda quando meu corpo não sofre mais? Por que esta dor atroz, esta terrível angústia ainda permanece? Orai, oh! Orai, para que Deus me conceda o repouso... Oh! Que cruel incerteza! Ainda estou ligado ao meu corpo. É com dificuldade que vejo onde me encontro – meu corpo está lá, e por que permaneço lá sempre? Vinde orar *sobre ele* para que me liberte deste grilhão cruel. Deus há de querer, assim espero, perdoar-me. Vejo os espíritos que estão perto de vós, e por eles é que vos posso falar. Orai por mim.

Mensagem de 6 de abril.

Sou eu que vos venho pedir que oreis por mim. É preciso ir *ao lugar em que jaz meu corpo* rogar ao Todo-Poderoso para abrandar meus sofrimentos.

Sofro! Oh! Como soffro! Ide a esse lugar, é preciso, e dirigi ao Senhor uma prece para que me conceda o perdão. Vejo que poderia estar mais tranquilo, porém volto incessantemente ao lugar em que depositaram aquilo que eu era.

O médium, não se dando conta da insistência do espírito que lhe solici-tava ir orar sobre seu túmulo, não o atendeu. No entanto, ele foi mais tarde àquele local, lá recebendo a comunicação a seguir:

Mensagem de 11 de maio.

Eu vos aguardava. Esperava o momento em que, aqui no lugar em que meu espírito parece preso ao seu invólucro, viríeis rogar ao Deus de misericórdia para que sua bondade aliviasse-me os sofrimentos. Podeis ajudar-me com vossas preces, suplico-vos para que não deixeis de fazê-las! Vejo o quanto minha vida foi contrária ao que devia ter sido, vejo os erros que cometi. Fui um ser inútil no mundo, não fiz uso algum proveitoso de minhas faculdades. Minha fortuna serviu apenas à satisfação de minhas paixões, de meus caprichos luxuosos e de minha vaidade. Pensei apenas nos prazeres do corpo, olvidando os da alma. Descerá a misericórdia de Deus até mim, pobre espírito que ainda sofre as consequências das faltas terrestres? Orai para que Deus me perdoe, libertando-me das dores que sinto ainda. Agradeço-vos por terdes vindo orar por mim.

Mensagem de 8 de junho.

Posso vos falar, e agradeço a Deus por permitir-me fazê-lo. Vi minhas faltas e espero que Deus me perdoe. Conduzi sempre vossa vida de acordo com a crença que vos anima, porque ela vos reserva no futuro um repouso que não tenho ainda. Obrigado pelas vossas preces. Adeus.

Mensagem de 30 de julho.

Encontro-me menos infeliz atualmente, porquanto não mais sinto mais as correntes que me prendiam ao corpo. Estou livre finalmente, mas não

resgatei minhas faltas¹⁹⁵. É preciso recuperar o tempo perdido para que meus sofrimentos não se prolonguem. Deus – assim espero – verá meu arrependimento sincero e terá a bondade de conceder-me o perdão. Orai ainda por mim, eu vos suplico.

A insistência do espírito para que se fosse orar junto ao seu túmulo é uma particularidade notável, mas que tinha a sua razão de ser, se considerarmos como eram persistentes os laços que o prendiam ao corpo, e como seu desprendimento foi longo e difícil, em consequência da materialidade de sua existência. Compreende-se que, ao estarmos próximos do corpo, nossa prece pudesse exercer uma espécie de ação magnética mais poderosa, assim auxiliando no processo de desligamento. O costume quase universal de orar junto morto não viria da intuição inconsciente desse efeito? A eficácia da prece, em tal caso, teria, ao mesmo tempo, um resultado moral e material.

LAMENTOS DE UM BOÊMIO

Bordeaux, 19 de fevereiro de 1862.

Homens, meus irmãos, vivi apenas para mim e por isso hoje expio e sofro! Que Deus vos conceda a graça de evitar os espinhos que me laceram. Caminhei pela ampla estrada do Senhor e orai por mim, porque abusei dos bens que Deus *empresta* às suas criaturas.

Aquele que submete aos instintos brutos a inteligência e os bons sentimentos que Deus nele implantou assemelha-se ao animal que ele maltrata. O homem deve usar com sobriedade os bens de que é depositário, habituando-se a viver com vistas à eternidade que o espera, distanciando-se, por consequência, dos prazeres materiais. Sua alimentação deve ter como objetivo somente sua vitalidade. Seu luxo deve estar subordinado às necessidades exatas da sua posição. Seus gostos, e mesmo seus pendores

195. Este espírito sofreu após a morte por ter desperdiçado sua vida dedicando-se somente aos prazeres e alegrias do mundo, mas não insistiu no mal nem caiu em revolta. Sofre, mas está consciente de que dele depende a superação, pois se arrependeu. (N. do E.)

naturais, devem ser regidos pela mais fria razão, do contrário materializa seu espírito, em vez de depurá-lo. As paixões humanas formam um nó muito justo que vos comprime o ser, não o aperteis ainda mais. Vivei, mas não vos entregueis às dissipações. Não podeis imaginar o quanto isso custa quando se retorna à pátria! As paixões terrestres vos despem antes de vos deixarem, de modo a chegardes nus, completamente nus diante do Senhor. Ah! Cobri-vos de boas obras, pois elas hão de ajudar-vos a franquear o espaço entre vós e a eternidade. Manto brilhante, elas esconderão vossas torpezas humanas. Envolvei-vos de caridade e de amor, vestes divinas que ninguém vos pode tirar.

Esclarecimento do guia do médium:

Esse espírito está no bom caminho, porquanto ao arrependimento ele acrescenta conselhos para nos prevenirmos contra os perigos da estrada que trilhou. Reconhecer os erros já é um mérito, e um passo efetivo na direção do bem. Eis por que sua situação, sem ser feliz, não é mais aquela de um espírito sofredor. Está arrependido, mas resta-lhe ainda a reparação que deverá fazer em uma nova existência de provas. Mas, antes de lá chegar, sabeis qual é a situação desses homens com a vida sensual que não deram ao espírito outra atividade senão a incessante invenção de novos prazeres? A influência da matéria os acompanha além do túmulo, sem que a morte lhes ponha fim aos apetites que sua visão, tão limitada como quando na Terra, procura em vão meios de saciar. Não tendo jamais procurado o alimento espiritual, suas almas vagam no vazio, sem direção, sem esperança, presas à ansiedade do homem que tem diante dele apenas a perspectiva de um deserto sem limites. A nulidade das suas ocupações intelectuais durante a vida do corpo provoca naturalmente a nulidade do trabalho do espírito após a morte. Não podendo mais satisfazer o corpo, não lhes resta nada para satisfazer-lhes espírito. Daí um tédio mortal cujo fim não podem entrever e a que prefeririam o nada – mas o nada não existe¹⁹⁶. Puderam matar o corpo, mas não podem matar o espírito: é pre-

196. O mundo materialista ilude a todos quando confunde prazer e alegria como se fossem felicidade, sem considerar a meta do espírito. Este espírito boêmio, tendo se

ciso, portanto, que vivam nessas torturas morais até que, vencidos pelo cansaço, decidam voltar os olhos para Deus.

LISBETH

Bordeaux, 13 de fevereiro de 1862.

Um espírito sofredor que se identifica como Lisbeth.

1. Poderia transmitir alguns detalhes sobre a sua posição e a causa de seus sofrimentos?

– Sede humildes de coração, submetei-vos à vontade de Deus, sendo pacientes nas provas, caridosos com o pobre, encorajadores para com o fraco, sensíveis a todos os sofrimentos, e não sofrereis as torturas que eu suporto.

2. Se faltas opostas às qualidades que acaba de exaltar assinalaram-lhe a existência, parece-nos que lamenta o fato. O arrependimento poderia trazer-lhe alívio?

– Não. O arrependimento é inútil quando é apenas consequência do sofrimento. O arrependimento proveitoso é aquele que tem por base o desgosto de haver ofendido a Deus, e o ardente desejo de reparação¹⁹⁷. Não cheguei a esse ponto ainda, infelizmente. Recomendai-me às preces de todos aqueles que se dedicam aos sofredores, porque delas tenho necessidade.

Trata-se de uma grande verdade, pois o sofrimento arranca, por vezes, um grito de arrependimento, mas que não é a expressão sincera do remorso por haver prati-

apegado em vida aos prazeres materiais, continuou esse impulso após a morte, mantendo-se denso, mas sem ter como satisfazê-los no mundo espiritual. Poderia ter sido produtivo com o conhecimento, mas, sem essa conquista, tornou-se inútil, caindo no tédio, o seu sofrimento moral. Com o reconhecimento de seus erros, poderá mudar sua conduta nas vidas futuras e, quando progredir, será feliz por seu esforço. (N. do E.)

197. O arrependimento da alma não é o medo de continuar sofrendo, que o constrange, submetendo-o a uma vontade externa (heteronomia). Em verdade, ele representa a conscientização das leis divinas, que o faz compreender a capacidade própria de conquistar a felicidade pelo aprimoramento (autonomia). Essa condição o faz reconhecer a força de sua vontade e desperta sua autoestima, reconduzindo-o ao caminho do bem. (N. do E.)

cado o mal, pois se o espírito não sofresse mais, estaria pronto para reincidir nas mesmas faltas. Eis por que o arrependimento não ocasiona sempre a liberdade imediata do espírito, servindo-lhe de predisposição, apenas. É necessário ao espírito provar a sinceridade e a solidez de suas resoluções por novas provas que constituem a reparação do mal que ele fez¹⁹⁸. Se meditarmos cuidadosamente sobre todos os exemplos que citamos, encontraremos nas palavras, mesmo nas dos espíritos mais inferiores, importantes ensinamentos, porque nos iniciam nos detalhes mais íntimos da vida espiritual. Enquanto o homem superficial veria nesses exemplos apenas narrativas mais ou menos pitorescas, o homem sério e ponderado neles encontrará um abundante manancial de estudos.

3. Farei como deseja. Gostaria de transmitir mais alguns detalhes sobre sua última existência? Daí pode resultar um ensinamento útil para nós, assim tornando o seu arrependimento de alguma forma proveitoso.

(O espírito demonstrou grande indecisão para responder a esta pergunta e a algumas das que se seguem.)

– Nasci em um meio elevado. Tive tudo o que os homens acreditam ser a fonte da felicidade. Rica, fui egoísta; bela, fui vaidosa, insensível e hipócrita; nobre, fui ambiciosa. Espezinhei com o meu poder os que não se dobravam o bastante diante de mim, e ainda humilhei aqueles que se achavam sob os meus pés, sem pensar que a cólera do Senhor também esmaga, cedo ou tarde, as mais altivas frentes.

4. Em que época viveu?

– Há cento e cinquenta anos, na Prússia.

5. Durante esse tempo em nada progrediu como espírito?

– Não. A matéria revoltava-se sempre. Não podeis compreender a influência que ela ainda exerce, apesar da separação entre corpo e espírito. O orgulho, vede bem, aprisiona-nos em correntes de bronze cujos elos apertam-se mais e mais ao redor do infeliz que lhe penhora o coração. O orgulho!... hidra de

198. Na vida espiritual, o espírito arrependido está em contínua exposição e observação de si mesmo. É quando estuda, escolhe e programa as provas que pretende enfrentar. Na encarnação, com o esquecimento das resoluções, a vivência consciente das circunstâncias e as escolhas feitas atestarão a sinceridade e a concretude de seu aprendizado. Escolhendo os bons atos, o seu retorno ao bem será naturalmente a reparação da imperfeição, que então supera. Enfim, encontrará a felicidade como resposta natural de seus esforços. (N. do E.)

cem cabeças que sempre renascem, que sabe modular seus silvos venenosos de forma que os tomemos por música celeste! O orgulho, demônio múltiplo que se nos amolda a todas as aberrações do espírito, escondendo-se nas dobras do coração, penetrando-nos as veias, envolvendo-nos, absorvendo-nos e arrastando-nos para as trevas da geena eterna!... Sim, eterna!

Esse espírito diz que não fez nenhum progresso, certamente porque sua situação é ainda de sofrimento. Mas a maneira como descreve o orgulho e lastima suas conseqüências representa, incontestavelmente, um progresso, porque, quando vivia, ou pouco depois de sua morte, certamente não raciocinava assim. Compreende o mal, o que já é alguma coisa. A coragem e a vontade de evitá-lo virão em seguida.

6. Deus, cuja bondade é infinita, não condenaria suas criaturas a penas eternas. Confiai em sua misericórdia.

– Dizem que pode existir um fim para meus sofrimentos, mas onde? Eu o procuro há muito e enxergo apenas mais sofrimento, para sempre, sempre!

7. Como chegou hoje aqui?

– Um espírito que me acompanha frequentemente trouxe-me até aqui.

7a. E desde quando é que vê esse espírito?

– Não faz muito tempo.

7b. E quando passou a ter consciência das faltas que cometeu?

– (Após longa reflexão.) Sim... Tem razão, foi quando o vi.

8. Pode compreender agora a relação que existe entre o seu arrependimento e a ajuda evidente que lhe presta o espírito protetor? Atribua esse apoio ao amor de Deus, que tem como objetivo seu perdão e sua misericórdia infinita.

– Oh! Como desejaria que fosse assim! Creio poder prometé-lo, no sagrado nome daquele que nunca foi surdo à voz dos aflitos.

8a. Peça de coração, do fundo de seu arrependimento, Deus ouvirá.

– Não posso, tenho medo.

12. Peçamos juntos, Ele há de nos ouvir.

(Depois da prece.)

13. Ainda está aí?

– Sim, obrigada! Não se esqueça de mim.

14. Venha inscrever-se aqui todos os dias.

– Sim, sim, voltarei sempre.

O guia da médium:

Não esqueçais jamais os ensinamentos que colheis nos sofrimentos de vossos protegidos e principalmente nas causas desses sofrimentos. Que sirvam a todos vós de exemplo para vos preservar desses mesmos perigos e punições. Purificai vossos corações, sede humildes, amai-vos, ajudai-vos, e que vosso coração agradecido não esqueça jamais a fonte de todas as graças, fonte inesgotável em que cada um de nós pode saciar-se à vontade, fonte de água viva que a um tempo tira a sede e alimenta; fonte de vida e de felicidade eternas. Ide até ela, meus bem-amados, e bebei com fé, nela lançai vossas redes, de onde sairão carregadas de bênçãos. Dizei-o a vossos irmãos, alertando-os para os perigos que podem encontrar. Espalhai as bênçãos do Senhor, que se multiplicam incessantemente; quanto mais as derramardes ao vosso redor, tanto mais numerosas serão. Tendes as bênçãos divinas em vossas mãos. Dizei aos vossos irmãos: “Lá estão os perigos, os obstáculos, acompanhai-nos de modo a evitá-los. *Imitai-nos, pois vos damos o exemplo*”. Assim fazendo, espalhareis as bênçãos do Senhor sobre os que vos escutam. Benditos sejam vossos esforços, meus bem-amados. O Senhor ama os corações puros. Fazei por merecer o seu amor.

São Paulino

PRÍNCIPE OURAN

Bordeaux, 1862.

Espírito sofredor que se apresenta com o nome de Ouran, outrora príncipe russo.

P. Gostaria de dar alguns detalhes sobre a sua situação?

R. Oh! Bem-aventurados os humildes de coração, porque é deles o reino dos Céus! Orai por mim! Bem-aventurados são aqueles que, humildes de coração, escolhem uma posição modesta para enfrentar suas provas. Não sabeis, todos vós a quem a inveja consome, a que estado está reduzido um daqueles a quem considerais como os felizes da Terra. Não conheceis as brasas ardentes que se lhes amontoam sobre as cabeças. Não avaliais os sacrifícios que a

riqueza impõe quando queremos dela obter a salvação eterna! Que o Senhor me permita, a mim, o orgulhoso déspota, expiar, entre aqueles que oprimi com minha tirania, os crimes que me levou o orgulho a cometer. Orgulho!... Repeti esta palavra incessantemente para jamais esquecerdes que ela é a fonte de todos os sofrimentos que nos abatem. Sim, abusei do poder e do respeito de que dispunha. Fui duro e cruel com os meus inferiores, que tinham de curvar-se a todos os meus caprichos, satisfazer a todas as minhas depravações. Tinha desejado para mim a nobreza, as honras, a fortuna, e sucumbi sob o peso que assumi, superior a minhas forças.

Os espíritos que fracassam, geralmente são levados a dizer que assumiram uma carga superior às próprias forças. É um meio de se desculparem diante de si mesmos, e ainda um resto de orgulho. Não aceitam ter fracassado por sua própria culpa. Deus, porém, não dá a ninguém além do que se pode suportar; não pede a ninguém mais do que pode dar; não exige que a árvore jovem carregue os frutos da árvore adulta. Deus dá aos espíritos a liberdade, o que lhes falta é vontade, e esta depende somente deles. Com força de vontade não há tendências viciosas que não se possam vencer. No entanto, *quando um vício apraz a um espírito, é natural que este não faça esforços para domá-lo*. Deve, portanto, atribuir apenas a si mesmo as consequências que dele resultem.

1. Tendes consciência de suas faltas, o que já é um primeiro passo para sua regeneração.

– Tal consciência representa ainda um sofrimento. Para muitos espíritos, o sofrimento é um efeito quase material, porque, apegados ainda à humanidade da última existência, não percebem as sensações morais. Meu espírito desligou-se da matéria, e o sentimento moral foi acrescido de tudo o que as cruéis sensações físicas tinham de horrível¹⁹⁹.

2. Consegue entrever um fim para os seus sofrimentos?

– Sei que não serão eternos, mas ainda não lhes avisto fim; é preciso antes que eu recomece a prova.

3. Espera recomeçar logo?

– Ainda não sei.

199. Na teoria moral espírita, o livre-arbítrio surge gradualmente após o desenvolvimento da inteligência racional. “Por isso, o mal é relativo, e a responsabilidade é proporcional ao grau de adiantamento.” (*A Gênese*, cap. III, item 10). (N. do E.)

4. Tem lembrança de seus antecedentes? Eu o pergunto com vistas à nossa instrução.

– Sim, vossos guias, que sabem o que vos convém, estão aí. Vivi no tempo de Marco Aurélio. Lá, então poderoso, logo sucumbi ao orgulho, causa de todas as quedas. Após errar por séculos, quis experimentar uma existência obscura. Estudante pobre, mendiguei meu pão, mas o orgulho estava sempre presente; o espírito ganhara em ciência, mas não em virtude. Sábio e ambicioso, vendi a alma a quem mais oferecesse, servindo a todas as vinganças, a todos os ódios. Sentia-me culpado, mas a sede de honras e de riquezas sufocava os gritos da minha consciência. A expiação então foi longa e cruel. Enfim, eu quis, na minha última encarnação, recomeçar uma vida de luxo e de poder, imaginando conseguir transpor os obstáculos, não dando atenção aos alertas. Era ainda o orgulho levando-me a confiar mais em meu próprio julgamento do que no conselho dos amigos protetores que não cessam de velar por nós. Conheceis o resultado desta última tentativa.

“Finalmente hoje compreendo, confiando na misericórdia do Senhor. Deponho aos seus pés meu orgulho vencido e peço-lhe carregar meus ombros com o seu mais pesado fardo de humildade, pois, com o auxílio de sua graça, seu peso há de parecer mais leve. Oraí comigo e por mim; oraí também para que esse demônio de fogo não devore em vós os instintos que vos levam a Deus. Irmãos em sofrimento, que vos sirva meu exemplo, e não esqueçais jamais de que o orgulho é o maior inimigo da felicidade, porque dele derivam todos os males que atacam a humanidade e a perseguem até nas regiões celestes.”

O guia do médium:

Tivestes dúvidas com relação à identidade deste espírito porque sua linguagem não vos pareceu de acordo com seu sofrimento, que atesta a sua inferioridade. Não tendes receio, pois recebestes uma instrução séria. Por mais sofredor que este espírito seja, ele é bastante elevado em inteligência, permitindo assim expressar-se. Falta-lhe apenas humildade, sem o que nenhum espírito pode chegar até Deus. Essa humildade, ele a está adquirindo agora, e esperamos que, com perseverança, saia triunfante da nova prova.

Nosso Pai celestial é justo em sua sabedoria, e considera os esforços que o homem faz para domar os maus instintos. Cada vitória alcançada

sobre si mesmo é um degrau vencido nessa escada que tem uma extremidade na Terra e a outra aos pés do juiz supremo. Escalai, resolutos, esses degraus, o que vos será fácil, se tiverdes uma vontade firme. Olhai sempre para o alto para vos encorajardes, porque ai daquele que se detém, olhando para trás! Atordoa-se, e o vazio ao redor o espanta. Sem forças, ele diz: “Para que desejar prosseguir ainda, quando tão pouco consegui avançar?”. Não, meus amigos, não olheis para trás. O orgulho está arraigado no homem. Pois bem, usai-o para vos dar força e coragem em vossa ascensão, dominando vossas fraquezas e galgando ao topo da montanha eterna.

PASCAL LAVIC

Havre, 9 de agosto de 1863.

Esse espírito comunicou-se espontaneamente com o médium, sem que este o tivesse conhecido em vida, mesmo de nome.

Creio na bondade de Deus que aceitará, por misericórdia, o meu pobre espírito. Eu sofri, sofri muito, e meu corpo pereceu no mar. Meu espírito permaneceu ainda ligado ao corpo e durante muito tempo vaguei por sobre as ondas. Deus...

(A comunicação foi interrompida. No dia seguinte, o espírito continuou:)

... houve por bem permitir que as preces daqueles que eu deixei na Terra tirassem-me do estado de perturbação e incerteza em que meu espírito estava mergulhado. Procuraram-me por muito tempo e puderam enfim encontrar meu corpo. Agora ele repousa, mas meu espírito, dificultosamente desligado, vê agora as faltas cometidas. Consumada a provação, Deus julga com justiça e a sua bondade se estende sobre os arrependidos.

Se por muito tempo meu espírito vagou errante junto ao corpo é porque eu tinha que sofrer as consequências de meus desvios. Trilhaí o caminho reto, se desejais que Deus retire rapidamente vosso espírito de seu

envoltório. Vivei no amor de Deus. Orai, e a morte, horrível para tantos, será suave para vós, pois sabeis a vida que vos espera. Eu morri no mar, e por muito tempo me esperaram. Não poder desligar-me do corpo era para mim uma prova terrível, eis por que tenho necessidade das vossas preces, de vós que entrastes na crença que salva, de vós que podeis rogar por mim ao Deus justo. Arrependo-me e espero obter o perdão divino. Foi no dia 6 de agosto que meu corpo foi encontrado. Eu fui um pobre marinheiro e morri há muito tempo. Orai por mim.

Pascal Lavic

1. Onde foi encontrado o seu corpo?

– Perto de vós.

O *Journal du Havre* de 11 de agosto de 1863, continha o seguinte artigo, do qual o médium não podia ter conhecimento:

Anunciamos que, no dia 6 deste mês, foram encontrados os restos mortais de um homem num encalhe entre Bléville e La Hève. Mesmo sem cabeça, braços e tórax, o cadáver pode ser identificado pelos sapatos ainda presos aos pés como sendo do pescador Lavic, que morreu no dia 11 de dezembro, quando, a bordo do pesqueiro *l'Alerte*, foi lançado ao mar por violenta onda, ao largo da costa de Trouville. Lavic tinha 49 anos e era natural de Calais. A viúva fez o reconhecimento do corpo.

No dia 12 de agosto, como se falasse desse acontecimento no centro onde o espírito manifestara-se primeiramente, comunicou-se ele de novo, também de forma espontânea:

Sou realmente Pascal Lavic e tenho necessidade das vossas preces. Podeis ajudar-me, porquanto a prova por que passei foi terrível. Meu espírito somente desligou-se do corpo quando reconheci minhas faltas, e ainda assim incompletamente, pois seguí ainda o corpo sobre o mar que o havia engolido. Rogai, pois, a Deus para que me perdoe e que me conceda repouso. Orai, eu vos suplico. Que vos sirva de grande ensinamento este terrível fim de uma existência infeliz na Terra. Deveis pensar na vida futura, não deixando jamais de rogar pela misericórdia de Deus. Orai por mim, pois preciso da piedade divina.

Pascal Lavic

FERDINAND BERTIN

Um médium habitante do Havre evocou o espírito de uma pessoa que lhe era conhecida. Esse espírito respondeu: “Quero comunicar-me, mas não consigo vencer o obstáculo que existe entre nós. Sou forçado a deixar que se aproximem estes infelizes que sofrem”. O médium recebeu então a seguinte comunicação de forma espontânea:

Estou em um terrível abismo! Ajudai-me... Ó meu Deus! Quem me tirará deste precipício?... Quem estenderá uma mão prestimosa a este infeliz tragado pelo mar? A noite é tão escura que tenho medo... Por toda a parte o estrondo das ondas, e nem uma palavra amiga que me console e ajude neste momento supremo. Pois que esta noite profunda é a morte em todos os seus Terrores – e eu não quero morrer!... Ó meu Deus! Não é isto a morte futura, é a morte passada!... Estou separado para sempre dos que amo... Vejo o meu corpo, e o que há pouco eu sofria era apenas a lembrança da terrível angústia da separação... Tende piedade de mim, vós que conheceis meus sofrimentos. Orai por mim, porque não quero voltar a sentir – como tem ocorrido desde aquela noite fatal – todos os sofrimentos da agonia! Essa, porém, é minha punição, eu a pressinto... Orai... vos suplico!... Oh! O mar... o frio... vou ser tragado... Socorro!... Tende piedade! não me empurreis! Conseguiremos salvarmo-nos os dois seguros aos destroços!... Oh! Afogo-me!... Serei tragado pelas ondas, e os meus não terão nem mesmo o triste consolo de tornarem a ver-me. Mas, não!... Meu corpo não é mais sacudido pelas ondas... As preces de minha mãe serão ouvidas... Minha pobre mãe, se ela pudesse imaginar seu filho tão miserável quanto de fato o é, haveria de rogar mais, ela crê, porém, que a causa de minha morte santificou o passado. Ela chora por mim como se eu fora um mártir e não como o infeliz e castigado que sou. Oh! vós que sabeis, sereis impiedosos? Não... vós rogareis por mim.

*François Bertin*²⁰⁰

200. Tanto na 1ª (1865) quanto na 4ª (1869) edições francesas, o espírito aparece no início da comunicação com o nome de Ferdinand Bertin e no final com o de François Bertin. (N. do T)

Esse nome, completamente desconhecido do médium, não trazendo a este último lembrança alguma, que imaginou tratar-se certamente do espírito de algum naufrago infeliz a manifestar-se espontaneamente, como já lhe ocorrera diversas vezes. Um pouco mais tarde, o médium soube tratar-se do nome de uma das vítimas de um grande naufrágio ocorrido naquela localidade, no dia 2 de dezembro de 1863. A comunicação se dera no dia 8 do mesmo mês, seis dias após a catástrofe. O indivíduo perecera fazendo tentativas inauditas de salvar a tripulação, quando acreditava já estar a salvo.

Esse homem não tinha com o médium nenhum laço de parentesco e nem mesmo o conhecia. Por que, então, manifestou-se a ele em vez de a algum membro de sua família? É que os espíritos não acham em todas as pessoas as condições fluídicas necessárias para tal. Aliás, na perturbação em que se encontrava, não tinha liberdade de escolha; foi conduzido por instinto e atração para esse médium, dotado, ao que parece, de uma aptidão especial para as comunicações espontâneas desse gênero. Certamente ele pressentia que ali também encontraria uma atenção particular, como outros haviam encontrado em situações similares. Sua família, estranha ao Espiritismo, quiçá até mesmo hostil à esta crença, não teria acolhido sua manifestação como esse médium pôde fazê-lo.

Conquanto a morte houvesse ocorrido alguns dias antes, o espírito ainda sofria todas as suas angústias. É evidente que, de forma alguma, dava-se ele conta de sua situação: acreditava-se vivo, lutando contra as ondas, mas fala de seu corpo como se estivesse separado dele. Grita por socorro, dizendo que não quer morrer, e, um instante depois, fala da causa de sua morte, que reconhece ser um castigo. Tudo isso demonstra a confusão de ideias que se segue quase sempre após as mortes violentas.

Dois meses mais tarde, no dia 2 de fevereiro de 1864, o espírito comunicou-se, também espontaneamente, ao mesmo médium, ditando-lhe o seguinte:

A piedade que tivestes de meus tão horríveis sofrimentos aliviou-me. Compreendo agora a palavra *esperança*, pois entrevejo o perdão, mas senão após a reparação pela falta cometida. Sofro ainda, e se Deus permite que por alguns momentos eu entreveja o fim de meu infortúnio, é apenas às preces das almas caridosas, que se apiedam de minha situação, é que devo tal alívio. Oh, esperança, raio celeste, como és bendita, quando te sinto

brotar em minha alma!... Mas, pobre de mim! O abismo se abre, o terror e o sofrimento fazem desaparecer essa lembrança da misericórdia... A noite, sempre a noite!... A água, o marulhar das ondas que engoliram meu corpo são apenas uma fraca imagem do horror que cerca meu pobre espírito... Sinto-me mais calmo quando posso estar perto de vós, pois, assim como a confiança de um terrível segredo depositado no peito de um amigo alivia o que se sente oprimido, também vossa piedade, motivada pela confiança que fiz de minha miséria, acalma-me o sofrimento e permite-me repousar o espírito... Vossas preces me fazem bem, não mas recuseis. Não quero recair nesse terrível sonho que se torna realidade quando o vejo... Tomai o lápis mais frequentemente, pois comunicar-me convosco faz-me tanto bem!

Alguns dias depois, tendo sido esse mesmo espírito evocado em uma reunião espírita em Paris, foram-lhe feitas as seguintes perguntas, às quais respondeu através de uma só comunicação, mas por outro médium:

1. O que o levou a manifestar-se espontaneamente através do primeiro médium por quem se comunicou? Havia quanto tempo encontrava-se morto na ocasião daquela manifestação? Quando se comunicou, parecia não saber ainda ao certo se estava vivo ou morto, sofrendo todas as angústias de uma morte terrível; compreende agora melhor a sua situação? Disse categoricamente que sua morte fora uma expiação – poderia dizer-nos a razão disso? Há de ser-lhe um alívio, e, para nós, um ensinamento Com essa confissão sincera há de atrair a misericórdia de Deus, que solicitaremos em nossas preces.

– Parece impossível, à primeira vista, que uma criatura possa sofrer tão cruelmente. Deus! Quanto é doloroso vermo-nos constantemente envolvidos nas vagas em fúria, a provar continuamente esta amargura, este frio glacial que aumenta, apertando o estômago!

“Mas, de que serve ocupar-vos com tais episódios? Não devo começar por obedecer à lei da gratidão, agradecendo a todos vós que tivestes tanto interesse por meus sofrimentos? Perguntastes se me comuniquei muito tempo após a minha morte. Não posso responder facilmente. Pensai e avaliái em que horrível situação ainda me encontro! Mas creio ter sido conduzido para junto do médium por uma vontade independente da minha e – algo que julgo impossível de compreender – *servia-me do braço do médium com a mesma*

facilidade com que me sirvo agora do braço deste de hoje, convicto de que ele me pertence. Sinto mesmo, neste momento, que é uma satisfação bem grande, assim como um auxílio particular que – pobre de mim! – logo cessará. Mas, meu Deus, tenho uma confissão a fazer – terei forças para tanto?”

Após muitos encorajamentos, o espírito acrescentou:

– Fui muito culpado! O que me faz sofrer, sobretudo, é que se acredita tenha eu sido um mártir, quando não é nada assim... Em uma existência anterior, mandei que fossem colocadas numa saca várias vítimas, para que fossem jogadas ao mar... Rogai por mim!

Esclarecimento de São Luís sobre esta comunicação:

Esta confissão será motivo de grande alívio para esse espírito. Sim, ele foi muito culpado. Mas a existência que acabou de deixar foi honrosa, tendo sido amado e estimado por seus chefes, conquista que foi fruto de seu arrependimento e das boas resoluções que havia tomado antes de retornar à Terra, onde desejara ser bom, tanto quanto antes havia sido cruel. O devotamento de que deu provas era uma reparação, mas faltava-lhe ainda resgatar as faltas passadas por uma última expiação: a da morte cruel que agora sofreu. Ele mesmo quis purificar-se, sofrendo as dores que infligira a outros²⁰¹, e observai que uma ideia o persegue: o sofrimento de ser considerado um mártir. Ficai certos de que esse sentimento de humildade será levado em consideração. Doravante ele deixa a estrada da expiação para entrar na da reabilitação. Através de vossas preces podeis sustentá-lo, fazendo com que nela marche com passo mais firme e decidido.

201. Repetir as circunstâncias que antes fez a outros sofrerem, em sendo uma escolha do próprio espírito, não se trata de castigo enquanto imposição deliberada, como ensinam equivocadamente os dogmas. É um exercício consciente da liberdade, pela vontade autônoma de superar a imperfeição que o aflige e reabilitar-se para o bem. (N. do E.)

FRANÇOIS RIQUIER

François Riquier, homem muito comum não fosse pelo fato de ser um velho solteirão e avaro, morreu em C., em 1857, deixando fortuna bastante considerável a seus parentes colaterais. Em outros tempos alugou um imóvel a uma senhora que mais tarde o esquecera por completo, ignorando mesmo se ele vivia ainda. Em 1862, a filha dessa senhora – que manifestava o fenômeno da catalepsia seguida de sono magnético espontâneo, sendo também uma boa médium psicógrafa – viu, num desses sons, o senhor Riquier a dizer-lhe que gostaria de falar com sua mãe. Alguns dias depois, uma vez que se manifestara espontaneamente demonstrando o desejo de falar àquela senhora, tiveram com ele a seguinte comunicação:

1. O que deseja de nós?

– Meu dinheiro, de que se apossaram por completo os miseráveis, para reparti-lo entre si! Venderam minhas fazendas e minhas casas, dividindo o dinheiro. Dilapidaram meus bens, como se não me pertencessem mais. Fiz com que me seja feita justiça porque a mim não escutam, e não posso testemunhar tais infâmias. Se dizem que eu era avaro, por que guardam meu dinheiro! Por que não o devolvem a mim, já que alegam ter sido mal adquirido?

2. Mas o caro senhor está morto, não tem mais necessidade de dinheiro. Rogue a Deus por uma nova existência, como pobre, de modo a expiar a avareza desta última.

R– Não, eu não poderia viver pobre. Necessito de meu dinheiro para viver. Aliás, não tenho necessidade de outra vida, pois estou vivo presentemente.

A pergunta seguinte foi feita com o objetivo de trazê-lo à realidade:

3. O senhor sofre?

– Oh! Sim! Sofro torturas piores do que a doença mais cruel, porque é minha alma que as sofre. Tenho sempre presente em meu pensamento a iniquidade de minha vida, que, para muitos, foi motivo de escândalo. Sei perfeitamente que sou um miserável indigno de piedade, mas sofro tanto que preciso que me ajudeis a sair desta situação deplorável.

4. Oraremos pelo senhor.

– Obrigado. Oraí para que eu esqueça meus bens terrenos, sem o que jamais poderei arrepender-me. Adeus e obrigado.

François Riquier
Rue de la Charité, 14

É muito curioso ver o espírito indicar o endereço, como se ainda estivesse vivo. A senhora, que o ignorava, apressou-se em verificá-lo, ficando muito surpresa ao constatar que a casa indicada era justamente a última em que ele morara. Assim, já passados cinco anos, ele não se considerava morto e ainda passando pela ansiedade – terrível para um avarento – de ver os bens divididos entre seus herdeiros. A evocação, sem dúvida provocada por um espírito bom, teve como resultado fazê-lo compreender sua situação, predispondo-o ao arrependimento.

CLAIRE

Sociedade de Paris, 1861.

As comunicações seguintes foram ditadas pelo espírito de uma senhora que o médium conhecera em vida, cuja conduta e caráter justificam plenamente os tormentos que lhe sobrevieram. Dominavam-na sobretudo seu exacerbado sentimento de egoísmo e seu personalismo, que transparecem claramente na terceira comunicação, pela pretensão de que o médium se ocupasse apenas dela. Essas comunicações foram obtidas em épocas diversas, sendo que as três últimas demonstram um evidente progresso nas disposições do espírito, graças aos cuidados que o médium dedicou à sua reforma moral.

I. Eis-me aqui, a infeliz Claire. Que desejas que te diga? A resignação e a esperança são apenas palavras para os que sabem que, inumeráveis como os seixos da praia, seus sofrimentos hão de se prolongar por séculos intermináveis. Dizes que posso suavizá-los? Que palavras vagas! Onde encontrar a coragem e a esperança para tanto? Esforça-te, pois, com teu cérebro limitado, por compreender o que é um dia que nunca termina... um dia, um ano, um século? Que sei eu? As horas não o dividem; as estações não variam; eterno e

lento como a água que aflora do rochedo, esse dia execrável, esse dia maldito, pesa sobre mim como um cofre de chumbo... Eu sofro!... Nada vejo em torno de mim a não ser sombras silenciosas e indiferentes... Eu sofro!

“Sei, entretanto, que acima desta miséria reina Deus, o Pai, o Mestre, para o qual tudo se encaminha. Quero pensar n’Ele; quero suplicar-Lhe misericórdia.

“Debato-me e arrasto-me como um estropiado que rasteja ao longo do caminho. Não sei que poder atraí-me na tua direção –tu talvez sejas a salvação. Ao deixar-te encontro-me um pouco mais calma, um pouco reanimada, qual anciã enregelada que se aquece sob um raio de sol: minha gélida alma haure nova vida quando de ti se aproxima.

II. Minha infelicidade cresce a cada dia; cresce à medida que se desenvolve em mim o conhecimento sobre a eternidade. Ó miséria! Malditas as horas culpadas, horas de egoísmo e de esquecimento, em que, olvidando qualquer sentimento de caridade ou dedicação, eu pensava apenas em meu bem-estar. Malditos interesses humanos e preocupações ilusórias com interesses materiais! Malditos todos vós que me haveis obscurecido a razão, fazendo com que me perdesse! Rói-me por dentro o incessante remorso pelo tempo perdido. Que te direi, a ti que me escutas? Vigia a ti incessantemente, amando aos outros mais que a ti mesmo e não te retardando nos braços da comodidade e não engordando o corpo à custa da tua alma. Vigia, pois, como dizia o Salvador aos seus discípulos. Não me agradeças estes conselhos, *que é meu espírito que os concebe, meu coração nunca os ouviu*. Como um cão escorraçado, o medo faz-me rastejar, mas eu ainda não conheço o amor desinteressado. Sua divina aurora demora muito a aparecer. Ora por minha alma ressequida e tão miserável!

III. Venho procurar-te aqui, porque me esqueceste. Acreditas que preces isoladas a enunciar meu nome bastam para a atenuação de minha pena? Não, cem vezes não! Eu grito de dor e vago, errante, sem descanso, sem abrigo, sem esperança, sentindo o eterno agulhão do castigo enterrando-se na minha alma revoltada. Rio-me quando de vós, humanos, escuto as queixas, vendo-vos abatidos. Que são estas vossas ínfimas misérias, vossas lágrimas e tormentos que vos tiram o sono? Acaso consigo dormir aqui? Entende bem, preciso que te ocupes de mim, deixando de lado tuas elucubrações filosóficas, e que convenças os outros a fazerem-no também. Não encontro expressões para descrever a angústia desse tempo que passa sem que as horas sinalizem-

-lhe o transcurso. Se foste tu que me deste este tênue raio de esperança – que mal enxergo –, que não me abandones então.

IV. [O espírito São Luís:] Esse quadro é absolutamente verdadeiro e de forma alguma foi exagerado. Talvez se pergunte o que fez essa mulher para ser tão miserável. Terá cometido algum crime hediondo? Roubou ou matou? Não, ela nada fez que violasse a justiça dos homens. Ao contrário, divertia-se com o que chamais de felicidade terrena. Beleza, fortuna, prazeres, adulações – tudo lhe sorria, nada lhe faltava. E diziam ao vê-la: “Que mulher feliz!” – invejando-lhe a sorte. Mas o que fez? Foi egoísta; tinha tudo, menos um bom coração. Se não infringiu a lei dos homens, infringiu a lei de Deus, porque olvidou a caridade, a primeira das virtudes. Amou apenas a si mesma, agora não é amada por ninguém. Nada deu, e nada lhe dão. Está isolada, desprezada, abandonada, perdida num vazio em que ninguém pensa ou se preocupa com ela: este é o seu suplício. Como procurou apenas os prazeres mundanos, e como hoje esses prazeres não existem mais, fez-se o vazio à sua volta; ela só vê o nada, e o nada lhe parece eterno²⁰². Não sofre torturas físicas: os demônios não a atormentam, o que não é necessário: atormenta-se ela mesma, e sofre muito mais, porque, se a atormentassem os demônios, estariam a pensar nela. O egoísmo fez sua alegria na Terra e a persegue ainda – é o verme que lhe corrói o coração, seu verdadeiro demônio²⁰³.

São Luís

V. Hei de vos falar agora da importante diferença existente entre a moral divina e a moral humana. A primeira dá assistência à mulher adúltera em

202. Essa explicação corresponde ao item 10º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “Uma condição inerente à inferioridade dos espíritos é de não ver o fim de sua situação (...). É para eles um castigo que lhes parece ser eterno”. São Luís demonstra, neste caso, que o sofrimento do espírito imperfeito não é corpóreo, mas moral. Sem perspectiva, pois se ilude, acredita, até que se arrependa, que sofrerá sempre. (N. do E.).

203. A importância que a sociedade contemporânea dá aos bens e prazeres terrenos, fazendo-os parecerem normais, pode levar os incautos a pensar: – Que me importa, vou viver a vida, usufruir do que tenho, pois nem sei o que haverá depois! O Espiritismo demonstra que não vale a pena conduzir-se pelas ilusões por algum curto período, para depois arrepender-se do tempo perdido. Já é hora de usar a razão para fortalecer a fé, a agir já para sair da infância do espírito, para ser útil, forte e feliz no mundo espiritual, que é a verdadeira vida de todos nós. (N. do E.).

seu abandono, dizendo aos pecadores: “Arrependei-vos, que vos será aberto o reino dos Céus”. A moral divina aceita, enfim, todo arrependimento, toda falta confessada, ao passo que a moral humana os rejeita e, sorrindo, aceita os pecados ocultos que, diz ela, estão em parte perdoados. Uma caracteriza-se pela graça do perdão, a outra, pela hipocrisia. Escolhei, espíritos sedentos de verdade! Escolhei entre os céus abertos ao arrependimento e a tolerância que admite o mal, desde que este não perturbe o seu egoísmo e seus falsos acordos, ao mesmo tempo que repele a paixão e o pranto das faltas confessadas diante de todos. Arrependei-vos, todos vós que pecais. Renunciai ao mal, mas, principalmente, renunciai à hipocrisia que oculta a deformidade da máscara sorridente e traiçoeira das conveniências mútuas.

VI. Agora estou calma e resignada com a expiação das faltas que cometi. O mal está em mim e não fora de mim, portanto sou eu que devo mudar e não as coisas exteriores. Trazemos em nós o nosso Céu e o nosso Inferno. Gravadas na consciência, nossas faltas são lidas facilmente no dia da ressurreição, sendo então nós mesmos os nossos próprios juízes, visto que a situação de nossa alma é que nos eleva ou derruba. Explico-me: um espírito impuro e *sobrecarregado* por suas faltas não pode conceber nem desejar uma elevação que não suportasse. Crede-me: assim como cada espécie de ser vive conforme a esfera que lhe é própria, assim os espíritos, de acordo com seu grau de adiantamento, movem-se no meio adequado às suas faculdades. Só concebem outro meio quando o progresso – instrumento da lenta transformação das almas – retirá-los de suas inclinações inferiores²⁰⁴ e fazem com que se desprendam da crisálida do pecado a fim de que possam voar, antes que se possam lançar, rápidos como flechas, na direção de Deus, que se transforma, assim, no objetivo único e almejado. Pobre de mim! Arrasto-me, ainda, mas não odeio mais, e posso conceber a inefável felicidade do amor divino. Portanto, orai sempre por mim, pois que anseio e aguardo.

Na comunicação seguinte, Claire fala de seu marido, que a fizera sofrer muito quando vivo, e da situação em que se encontra hoje no mundo espiritual. Essa descrição, que ela por si não conseguiu terminar, foi concluída pelo guia espiritual do médium.

204. Essa explicação corresponde ao item 22º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “O culpado que ela perdoa não é exonerado e, enquanto não cumprir essas condições, ele sujeita-se às consequências de suas faltas”. (N. do E.)

VII. Venho a ti, que te esqueces de mim há tanto. Eu, porém, adquiri paciência, e não estou mais desesperada. Queres saber qual é a situação do pobre Félix: ele vagueia pelas trevas, vítima da profunda carência de sua alma. Seu ser superficial e leviano, aviltado pelo prazer, sempre ignorou o amor e a amizade. Nem mesmo a paixão o iluminou com sua luz mortíçã. Comparo seu estado presente ao de uma criança inapta para as demandas da vida, e sem o amparo dos que a assistem. Félix vagueia aterrorizado neste mundo estranho onde tudo resplende ao brilho de Deus, que ele negou...

VIII. [O guia do médium:] Claire não consegue prosseguir a análise dos sofrimentos do marido *sem deles compartilhar também*. Falarei por ela.

“Félix foi superficial nas ideias e nos sentimentos, violento por ser fraco e devasso por ser insensível, regressou ao mundo dos espíritos moralmente nu, da mesma forma como regressara ao mundo físico. *Em sua vida terrestre nada adquiriu, precisando, por conseguinte, recomeçar tudo do zero*. Como um homem que acorda de prolongado sonho, reconhecendo quão inútil era a sua agitação nervosa, esse pobre ser, ao sair da perturbação, reconhecerá que viveu de quimeras que lhe corromperam a existência. Amaldiçoará o materialismo que o fez abraçar o nada quando acreditava reconhecer a realidade; amaldiçoará o positivismo que o fez tomar por sonhos as ideias de uma vida futura; por loucuras as aspirações, e por fraqueza toda a crença em Deus. O infeliz, ao despertar, verá que esses nomes por ele ridicularizados representam a fórmula da verdade, e que, ao contrário da fábula, a caça da presa [que ele imaginava representar a realidade] foi menos proveitosa que a da sombra [que tomava por ficção].”²⁰⁵

Georges

Estudos sobre as comunicações de Claire

Essas comunicações são instrutivas sobretudo por nos mostrarem uma das feições mais corriqueiras da vida: o egoísmo. Não se encontram nessas comunicações os grandes crimes que chocam até os homens perversos, mas a condição de numerosas pessoas do mundo, honradas e veneradas, porque

205. Referência à fabula de La Fontaine “O cão que trocou sua presa pela sombra”. (N. do T.)

apresentam um certo verniz e porque não contrariam os ditames das leis sociais. Não sofrem, no mundo dos espíritos, castigos excepcionais cuja natureza faça estremecer, mas uma situação simples, natural, consequência da sua maneira de viver e do estado da sua alma. O isolamento, o desprezo, o abandono, eis a punição daquele que viveu apenas para si. Claire, como se viu, era um espírito muito inteligente, mas um coração insensível. Quando, na Terra, sua posição social, fortuna e predicados físicos granjeavam-lhe as homenagens que lhe alimentavam a vaidade, e isso lhe bastava. Desencarnada, ela encontra apenas indiferença, fazendo-se o vazio à sua volta, punição mais fulminante que a dor, porque aflige o espírito a fundo, ao passo que a dor ainda inspira piedade e compaixão, o que representa ao menos uma maneira de atrair os olhares, inspirando preocupação e interesse pela sorte do espírito sofredor.

As perguntas seguintes foram feitas na Sociedade de Paris, com respeito à última comunicação de Claire:

1. O espírito de Claire fala das trevas em que se encontra o espírito de seu marido. Muitos espíritos já falaram de tais trevas que cercam certas almas sofredoras. Seriam essas as trevas das quais tão frequentemente se fala nas Escrituras, quando é dito: “Os maus serão lançados nas trevas, no negro abismo”?

2. Como se produzem essas trevas, já que no mundo dos espíritos não existem as mesmas fontes possíveis de luz e de claridade que existem na Terra?

3. Esse castigo é destinado a certas faltas mais particularmente do que a outras? Quais seriam essas faltas?

– As trevas a que se referem são de fato as apontadas por Jesus e pelos profetas, ao falar do castigo dos maus. Mas isso ainda é apenas uma alegoria, destinada a impressionar os sentidos materializados de seus contemporâneos, que não poderiam compreender a punição de uma forma espiritual. Certos espíritos são lançados nas trevas, mas deve-se entender isso como sendo uma verdadeira noite da alma, comparável à obscuridade intelectual de quem sofre de idiotia. Não é uma loucura da alma, mas uma inconsciência de si mesma e do que a cerca, que se produz tanto na presença quanto na ausência da luz material. É principalmente a punição daqueles que duvidaram do destino do seu ser. Acreditaram no nada, e a aparência desse nada constitui o seu suplício,

até que essa alma, enxergando-se a si mesma, destrua energicamente a rede de tensão moral que a prendia, tal como um homem, oprimido por um sonho penoso, luta em dado momento, com todo o vigor de que dispõe, contra os terrores que inicialmente o dominavam. Essa momentânea redução da alma a um nada fictício – mas consciente de sua existência – é um sofrimento mais cruel do que se pode imaginar, em razão dessa aparência de repouso que a acomete; é esse repouso forçado, essa nulidade do ser e essa incerteza que lhe constituem o suplício. O tédio que a invade é o mais terrível dos castigos, porque então a alma não percebe nada em torno de si, nem coisas, nem seres, representando para ela verdadeiras trevas²⁰⁶.

São Luís

[Claire:] Eis-me aqui. Também posso responder à pergunta sobre as trevas, porquanto vaguei e sofri muito tempo nesses limbos onde tudo é solução e misérias. Sim, as trevas visíveis de que falam as Escrituras existem, e os infelizes que deixam a vida ao término de suas provas terrestres, ignorantes ou culpados, são lançados em gélida região, alheios de si mesmos e de seus destinos. Acreditando na eternidade de sua situação, balbuciam ainda as palavras que os seduziram durante a vida, e admiram-se, assustados, de sua grande solidão. São assim as trevas, lugar a um tempo vazio e povoado, Espaço em que espíritos pálidos, coléricos e gemebundos vagueiam sem consolação, ou afeição, ou qualquer socorro. A quem acorrer?... Sentem a eternidade a pesar-lhes. Tremem e lamentam os mesquinhos interesses que lhes pontuavam as horas. Sentem falta da noite que, sucedendo ao dia, frequentemente levava-lhes embora as preocupações com um sonho feliz. Para o espírito, as trevas fazem-se pela ignorância, pelo vazio e pelo horror do desconhecido... Não posso continuar...

Claire

A sexta comunicação encerra um conceito perfeitamente verdadeiro, ao explicar a obstinação de certos espíritos no mal. Admiramo-nos ao ver que tais espíritos são

206. O espírito não precisa de luz para ver, mas o orgulho e o egoísmo tornam-no denso e fechado em si mesmo, dando-lhe a ilusão de estar mergulhado na escuridão, e assim sofre, enquanto não se arrepende. Jesus afirmava: “que brilhe a vossa luz”, pois está em nós mesmo a força para a superação, que é a vontade. (N. do E.)

insensíveis à noção e ao próprio espetáculo da felicidade de que desfrutam os bons espíritos. Eles estão exatamente na posição de homens degradados que se comprazem na degradação e nos prazeres grosseiros e sensuais. Aí esses homens encontram-se, por assim dizer, em seu ambiente. Não concebem os prazeres delicados, preferindo seus farrapos enxovalhados às vestimentas limpas e brilhantes porque se sentem mais à vontade, assim como preferem suas bacanais aos prazeres da boa companhia. Estão de tal forma identificados com esse gênero de vida que se torna para eles uma segunda natureza. Acreditam-se mesmo incapazes de se elevarem acima da esfera que lhes é própria, razão por que aí permanecem, até que uma transformação de seu ser lhes expanda a inteligência, neles desenvolvendo o senso moral e os tornando acessíveis a sensações mais sutis.

Esses espíritos, quando desencarnados, não podem adquirir de forma instantânea a delicadeza do sentimento e, durante um tempo mais ou menos longo, ocuparão as zonas mais inferiores do mundo espiritual, tal como ocuparam as do mundo corporal. Eles ali ficarão enquanto se mostrarem rebeldes ao progresso. No entanto, com o passar do tempo, com a experiência, as tribulações e as misérias das encarnações sucessivas, chegará o momento de idealizar algo melhor do que o que têm; suas aspirações se elevam, começam a compreender o que lhes falta, e passam então a fazer esforços para obtê-lo, elevando-se. Tomando essa estrada, percorrem-na com rapidez, porque experimentam uma satisfação que lhes parece bem superior, perto da qual as outras eram somente grosseiras sensações, acabando por inspirar-lhes repugnância.

As relações estabelecidas pelo Espiritismo entre os homens e os espíritos permitiram observar que os espíritos desencarnados se corrigem mais rapidamente sob a influência dos conselhos salutareos daqueles que estão encarnados, como se vê nas curas das obsessões. Essa diferença leva naturalmente à seguinte questão:

P. Por que a educação moral dos espíritos desencarnados é mais fácil que a dos encarnados?

– (Sociedade de Paris) O encarnado, em virtude de sua própria natureza, está em numa luta incessante em razão dos elementos contrários que o compõem e que devem conduzi-lo a seu fim providencial, agindo um sobre o outro. A matéria sofre facilmente a sujeição a um fluido exterior. Se a alma não reagir com todo o poder moral de que é capaz, deixa-se dominar através do corpo, seguindo o impulso das influências perversas que a cercam, e isso com

uma facilidade tanto maior quanto os invisíveis que a estão constringendo ataquem-lhe de preferência os pontos mais vulneráveis, as tendências para a paixão predominante.

“Já no espírito desencarnado tudo é de outro modo. Ele ainda está, é verdade, sob uma influência semimaterial, mas esse estado nada tem de comparável ao do encarnado. As convenções sociais, tão preponderantes no homem, não existem para o espírito, nem poderiam obrigá-lo a resistir muito às razões indicadas por seu próprio interesse como sendo benéficas. Ele pode lutar, e geralmente o faz, e até com mais violência do que o encarnado, por ser mais livre, mas nenhuma cogitação mesquinha de interesse material ou de posição social vem antepor-se a seu julgamento. Ele luta por amor ao mal, mas logo toma consciência de sua impotência diante da superioridade moral que o domina. A visão de um futuro melhor parece-lhe mais acessível, porque se encontra no mesmo caminho onde esse futuro há de se manifestar, e porque essa perspectiva não se apaga no turbilhão dos prazeres humanos – em suma, não estando mais sob a influência da carne, sua conversão torna-se mais fácil, principalmente ao adquirir um certo desenvolvimento por conta das provas por que passou. Um espírito inteiramente primitivo seria pouco suscetível à argumentação, o que não ocorre com aquele que já tem experiência de vida. Aliás, no encarnado como no desencarnado, é sobre a alma, é sobre o sentimento que se deve agir. Uma ação material pode sustar momentaneamente os sofrimentos do homem vicioso, mas é incapaz de destruir o princípio mórbido que na alma existe. *Todo ato que não se destine ao melhoramento da alma não pode desviá-la do mal*²⁰⁷.”

São Luís

207. Como o melhoramento ocorre somente por meio do ato livre da vontade, somente pela moral autônoma é possível afastar-se do mal. Nenhuma ação impositiva poderá ter esse efeito. Assim, será pela educação moral, dando condições para que o próprio ser faça suas escolhas e forme seus hábitos, que ocorrerá o aperfeiçoamento espiritual. (N. do E.)

CAPÍTULO V

Suicidas

O SUICIDA DA SAMARITANA

No dia 7 de abril de 1858, pelas sete horas da noite, um homem de cerca de cinquenta anos e bem vestido apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, em Paris, e pediu que lhe preparassem um banho. O funcionário que o atendeu, estranhando que após duas horas o cliente não o chamasse, resolveu entrar em sua cabine para ver se ele estava indisposto. Deparou-se então com um horrível espetáculo: o infeliz degolara-se com uma navalha e todo o seu sangue misturava-se à água da banheira. Não podendo ser apurada a sua identidade, o cadáver foi levado para o necrotério.

O espírito desse homem, evocado na Sociedade de Paris seis dias após sua morte, deu as seguintes respostas:

[Evocação.]

1. [Resposta do guia do médium] Aguardai... ele está aqui.

2. Onde se encontra o senhor agora?

R. Eu não sei... Dizei-me vós onde estou.

3. O senhor está em uma reunião de pessoas que se ocupam de estudos espíritas e que são benevolentes convosco.

R. Dizei-me se vivo... Eu sufoco no caixão.

4. Quem o fez vir até nós?

R. Senti-me aliviado.

5. Que motivo o levou ao suicídio?

R. Eu estou morto?... Não... pois habito meu corpo... Não imaginais como soffro... Eu sufoco... Que uma mão piedosa dê cabo à minha vida de uma vez!

Sua alma, embora separada do corpo, ainda se encontra inteiramente mergulhada no que se poderia chamar turbilhão da matéria corporal. As ideias terrenas permanecem ainda vivas, a ponto não se considerar morto.

6. Por que não deixou indício algum que permitisse ser reconhecido?

R. Estou abandonado. *Fugi do sofrimento para encontrar a tortura.*

7. Tem ainda os mesmos motivos para permanecer incógnito?

R. Sim, não enterreis um ferro em brasa na ferida que sangra.

8. Poderia nos dizer seu nome e idade, sua profissão ou domicílio?

R. Não... de modo algum.

9. Tinha o senhor uma família, esposa ou filhos?

R. Estava abandonado, ser algum me amava.

10. Que fizestes para não ser amado por pessoa alguma?

R. Quantos existem como eu... Um homem pode viver abandonado no meio da sua família, quando nenhum coração o ama.

11. No momento que cometeu o suicídio, não sentiu qualquer hesitação?

R. Eu desejava ardentemente a morte... Esperava repousar.

12. Como a ideia do futuro não fez com que renunciasses ao projeto?

R. Não acreditava mais no futuro, não tinha mais esperança. O futuro é a esperança.

13. Que reflexões fez ao sentir que se lhe extinguia a vida?

R. Não refleti, senti... Mas minha vida não se extinguiu... minha alma está ligada ao corpo... *Eu sinto os vermes roendo-me.*

14. Que sentimento experimentou no momento em que se completou a morte?

R. Completou-se a minha morte?

15. Foi doloroso o momento em que se lhe extinguia a vida?

R. Menos doloroso do que depois. Apenas o corpo soffreu.

16. [Pergunta ao espírito São Luís:] Que quer o espírito dizer que o momento da morte foi menos doloroso que depois?

R. O espírito se descarregava de um fardo que o oprimia; ele experimentava a volúpia da dor.

17. Tal estado é sempre consequência do suicídio?

R. Sim, o espírito do suicida fica ligado ao corpo até o termo da sua vida. A morte natural é a libertação da vida. O suicídio a rompe por completo.

18. Dar-se-á o mesmo nas mortes acidentais, ainda que involuntárias, mas que abreviam a duração natural da existência?

R. Não. O que entendeis por suicídio? O espírito só responde por seus atos.

Essa dúvida com relação à realidade da própria morte é muito comum entre as pessoas falecidas há pouco tempo, e principalmente entre aquelas que, durante sua vida, não elevaram a alma acima da matéria. É um fenômeno estranho à primeira vista, mas que se explica muito naturalmente. Se a uma pessoa colocada em estado de sonambulismo pela primeira vez perguntarmos se dorme, ela quase sempre responde que *não*, e sua resposta faz sentido: a pessoa que interroga é que não fez a pergunta correta, servindo-se de um termo impróprio²⁰⁸. A ideia do sono, na nossa língua usual, está ligada à suspensão de todas as nossas faculdades sensoriais – ora, o sonâmbulo que pensa, que vê e que sente, que tem a consciência da liberdade de seu intelecto, não se crê adormecido e, efetivamente, não dorme, na acepção comum do termo. É por isso que responde *não*, até que esteja familiarizado com essa nova maneira de apreender o fato. O mesmo ocorre com o homem que acaba de morrer: para ele a morte seria o aniquilamento do ser, e, tal como o sonâmbulo, ele vê, sente e fala – portanto, não se considera morto, assim alegando até que tenha adquirido a compreensão de seu novo estado. Essa ilusão é sempre mais ou menos penosa, pois jamais é completa e porque gera no espírito uma certa ansiedade. No exemplo apresentado, constitui para o espírito um verdadeiro suplício pela sensação dos vermes a roer-lhe o corpo, assim como por sua duração, que equivale ao tempo de vida que foi abreviado. Esse estado é frequente entre os suicidas, mas não se apresenta sempre em condições idênticas, variando sobretudo em duração e em intensidade, conforme as circunstâncias agravantes ou atenuantes da falta²⁰⁹. A sensação dos vermes e da

208. Quando o indivíduo é colocado em estado de sonambulismo, enquanto o seu corpo parece dormir, com os olhos fechados, a alma desprendida está ao lado, tudo vendo, por meio de seu perispírito. Por isso, quando o magnetizador pergunta se ele dorme, vendo os olhos de seu corpo fechados, o sonâmbulo responde que não. Kardec refere-se a um fenômeno clássico do magnetismo animal, em seu tempo. (N. do E.)

209. Essa explicação corresponde ao item 6º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “Não há, em relação à natureza, a intensidade e a duração do castigo nenhuma regra absoluta e uniforme (...)”. O castigo, segundo a lei moral, não é, como

decomposição do corpo não é exclusiva dos suicidas, também é comum entre aqueles que viveram mais da vida material que da vida espiritual. Em princípio, não há falta que não seja punida, mas não há, contudo, uma regra uniforme e absoluta com relação aos meios de punição.

O PAI DO ALISTADO

No início da guerra da Itália, em 1859, um comerciante de Paris e pai de família, desfrutando da estima geral de seus vizinhos, tinha um filho único que havia sido sorteado para o serviço militar. Impedido de dispensá-lo daquele serviço, por sua posição, o comerciante teve a ideia de suicidar-se, a fim de assim isentá-lo, uma vez que se tornaria ele o filho único de mãe viúva. Um ano após sua morte, foi evocado na Sociedade de Paris, a pedido de uma pessoa que o conhecera e desejava saber de sua sorte no mundo espiritual.

[Ao Espírito São Luís:] Poderia dizer-nos se podemos fazer a evocação do homem de quem acabamos de falar?

– Sim, ele ficará na verdade muito alegre, porque se sentirá um pouco consolado.

1. [Evocação.]

R. Oh! Obrigado! Sofro muito, mas... é justo. Ele há de me perdoar, contudo.

O espírito escreve com grande dificuldade. As letras são irregulares e mal desenhadas. Após a palavra *mas*, ele para, tentando em vão escrever e fazendo apenas alguns traços indecifráveis e pontos. É evidente que é a palavra *Deus* que ele não conseguiu escrever.

2. Poderia preencher a lacuna deixada?

R. Sou indigno disso.

3. O senhor diz que sofre. Sem dúvida compreende que errou ao cometer suicídio, mas o motivo que o levou a tal ato não mereceu qualquer indulgência?

afirma o dogma da heteronomia, uma circunstância de sofrimento físico ou vicissitude (que causam dor ou tristeza), mas sim uma sensação de infelicidade do espírito, que varia de intensidade segundo o seu grau de responsabilidade e consciência. (N. do E.)

R. Minha punição será menos longa, mas a ação não deixa por isso de ser má.

4. Poderia descrever-nos a punição que ora sofre?

R. Sofro duplamente, em minha alma e em meu corpo. Sofro neste último, ainda que não mais o possua, como sofre o amputado no membro que lhe falta.

5. Sua ação teve como único motivo o seu filho, não teve então nenhuma outra causa?

R. Guiou-me somente o amor paternal; guiou-me mal, no entanto. Por esse motivo, minha pena será abreviada.

6. Pode prever o fim de seus sofrimentos?

R. Não sei quando terão um fim, mas tenho certeza de que um dia chegará, o que é um alívio para mim.

7. Há pouco o senhor não conseguiu escrever a palavra *Deus*. No entanto, temos visto espíritos muito sofredores escrevê-la. Faz isso parte de sua punição?

R. Poderia fazê-lo à custa de muita dor de arrependimento.

8. Pois bem, faça esses grandes esforços para que consiga escrever. Estamos certos de que lhe será um grande consolo se assim fizer.

O espírito acabou por escrever em letras irregulares, tremidas e muito grossas: “Deus é muito bom.”

9. Estamos muito gratos que o senhor tenha atendido ao nosso chamado. Vamos pedir a Deus que lhe conceda a sua misericórdia.

R. Sim, por favor.

10. [Ao espírito São Luís:] Poderia dar-nos sua apreciação pessoal sobre o ato praticado pelo espírito que acabamos de evocar?

R. Esse espírito sofre justamente, pois lhe faltou confiança em Deus, o que é uma falta sempre merecedora de punição, que seria terrível e muito longa se ele não tivesse como atenuante um motivo louvável, que era o de impedir que seu filho ficasse diante da morte. Deus, que é justo e que vê a fundo os corações, não o pune senão de acordo com suas obras.

Observações: Esse suicídio, à primeira vista, pareceria desculpável, pois poderia ser considerado como um ato de devotamento. De fato, ele o é, mas não completamente. Como disse o espírito São Luís, a esse homem faltou confiança em Deus. Com sua ação, ele talvez tenha impedido que se cumprisse o destino de seu filho. Primeiramente, o pai não tinha a certeza de que o filho morreria na guerra, e talvez a carreira pudesse proporcionar a este último a

oportunidade de fazer algo útil ao próprio adiantamento. A intenção paterna era boa, sem dúvida, e isso foi levado em conta. A intenção atenua o mal e merece indulgência, mas o mal é sempre o mal. Sem isso, com base em tal pensamento, seriam desculpáveis todas as más ações, até mesmo matar sob o pretexto de prestar serviço. Uma mãe que mata seu filho acreditando que o envia direto ao Céu é menos culpada porque o fez com boa intenção? Com esse argumento justificar-se-iam todos os crimes cometidos pelo fanatismo cego nas guerras religiosas.

Em princípio, o homem não tem o direito de dispor de sua vida, pois esta lhe foi dada com vistas *aos deveres que ele deve cumprir na Terra*, razão por que não a deve abreviar voluntariamente, sob pretexto algum. Como o homem dispõe de livre-arbítrio, ninguém pode impedi-lo de praticar tal ato, mas ele sempre há de lhe sofrer as consequências. O suicídio mais severamente punido é aquele que ocorre por desespero, para livrar-se o homem das misérias da vida. Fugir delas, que são ao mesmo tempo provas e expiações, é recuar diante da tarefa que se aceitara e, por vezes, até mesmo recuar diante de uma missão que se deveria cumprir.

O suicídio não consiste apenas no ato voluntário que produz a morte instantânea, mas também em tudo aquilo que se faz, com conhecimento de causa, e que leve prematuramente à extinção das forças vitais.

Não se pode classificar como suicídio o devotamento daquele que se expõe a uma morte iminente para salvar seu semelhante. Primeiramente porque não há, nesse caso, nenhuma intenção premeditada de fugir da vida. Em segundo lugar, porque não há perigos dos quais a Providência não nos possa livrar se a hora de deixarmos a Terra não houver chegado. A morte em tais circunstâncias é um sacrifício meritório, representando um ato de abnegação em proveito de outrem. (*V. O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, 53, 65-67.)

FRANÇOIS-SIMON LOUVET

(Do Havre)

A comunicação seguinte foi dada espontaneamente em uma reunião espírita no Havre, no dia 12 de fevereiro de 1863.

Tende piedade de um pobre miserável que sofre há muito tempo de cruéis torturas! Oh! O vazio... o Espaço... estou caindo, socorro!... Meu Deus, tive uma existência tão miserável!... Era um pobre coitado. Muitas vezes tive fome em meus dias de velhice, foi por isso que comecei a beber, ter vergonha e desgostar de tudo... Quis morrer e atirei-me... Oh! Meu Deus, que momento!... Por que querer acabar com a vida quando já estava tão próximo do fim? Oraí, para que eu não veja mais *este vazio debaixo de mim*... Eu vou despedaçar-me sobre as pedras... Peço-vos, a vós que conheceis as misérias dos que não pertencem mais a esse mundo. Dirijome a vós, ainda que não me conheçais, porque eu sofro tanto... Por que querer provas? Sofro, não será o bastante? Se eu tivesse fome em vez deste sofrimento mais terrível, ainda que invisível para vós, não hesitariais em ajudar-me dando-me um pedaço de pão. Peço que oreis por mim... Não posso ficar por mais tempo... Perguntai a qualquer um dos felizardos que estão aqui, e sabereis quem eu fui. Oraí por mim.

François-Simon Louvet

O guia do médium transmitiu a seguinte mensagem:

Aquele que acabou de se dirigir a ti, meu filho, é um pobre infeliz que tinha uma prova de miséria na Terra, mas que foi vencido pelo desgosto. Faltou-lhe coragem, e o infeliz, em vez de olhar para o alto, como deveria ter feito, entregou-se à embriaguez, descendo aos últimos limites do desespero e pondo fim à sua triste prova ao jogar-se da Torre François I, no dia 22 de julho de 1857. Tende piedade dessa pobre alma, que não é adiantada, mas que tem, no entanto, conhecimento suficiente sobre vida futura para sofrer e desejar uma nova prova. Pedi a Deus que lhe conceda essa graça e tereis feito uma boa ação.

Nas pesquisas realizadas, encontrou-se o seguinte artigo no *Journal du Havre* de 23 de julho de 1857:

Ontem, às quatro horas, os que passeavam pelo cais ficaram dolorosamente comovidos com um horrível acontecimento: um homem atirou-se da torre, vindo a despedaçar-se nas pedras. Era um velho rebocador

de barcos conduzido ao suicídio pela embriaguez frequente. Chamava-se François-Victor-Simon Louvet. Seu corpo foi transportado para a casa de uma de suas filhas, na rua da Corderie. Tinha 67 anos de idade.

Após quase seis anos de sua morte, esse homem enxerga-se ainda caindo da torre, despedaçando-se sobre as pedras. Aterroriza-se com o vazio que tem diante de si e teme a queda... e isso há seis anos! Quanto tempo ainda vai durar tal situação? Ele não o sabe, e essa incerteza aumenta-lhe as angústias. Isso não equivale ao Inferno e suas chamas? Quem revelou tais castigos? Foram inventados? Não, pois são os mesmos que os sofrem que os descrevem, como outros descrevem suas alegrias. Muitas vezes fazem-no espontaneamente, sem que se pense neles, o que exclui a hipótese de sermos juguete da própria imaginação.

UMA MÃE E SEU FILHO

No mês de março de 1865, o sr. C., comerciante de uma pequena vila perto de Paris, tinha gravemente enfermo em casa o seu filho primogênito, de 21 anos. Esse jovem, sentindo aproximar-se o momento da morte, chamou sua mãe e teve ainda forças para abraçá-la. Esta, vertendo copiosas lágrimas, disse: “Vai meu filho, antes de mim, não tardarei seguir-te”. Retirou-se, então, imediatamente, escondendo o rosto entre as mãos.

As pessoas presentes à dolorosa cena consideraram as palavras da sra. C. como uma simples explosão de dor que o tempo e a razão haveriam de acalmar. Entretanto, tendo o doente falecido, procuraram-na por toda a casa, encontrando-a enforcada no celeiro. O enterro da mãe foi realizado com o do filho.

Evocação do filho vários dias após o evento:

P. Tem conhecimento da morte de sua mãe, que se suicidou por não suportar o desespero que lhe causou a sua perda?

– Sim, não fosse o desgosto que me causou o cumprimento da sua fatal decisão, eu seria perfeitamente feliz. Pobre e excelente mãe! Não pôde suportar a prova da separação momentânea, tomando, para juntar-se ao filho que

tanto amava, o caminho que dele mais iria afastá-la! Oh, Deus! E por muito tempo. Retardou, assim, indefinidamente o reencontro *que ocorreria bem rápido*, se a submissão à vontade do Senhor houvesse preenchido sua alma, e se se tivesse resignado, humilde e arrependida, diante da prova que sofreria, da expiação que haveria de purificá-la.

“Orai, oh, orai por ela! E sobretudo não a imiteis, mães que vos comoveis com a triste narrativa de sua morte! Não acrediteis que ela amasse mais que as outras mães a esse filho que era sua alegria e seu orgulho. Não, ela não o amava mais, apenas faltou-lhe coragem e resignação. Mães que me escutais, quando virdes a agonia encobrir os olhos apagados de vossos filhos, lembrai-vos de que, como o Cristo, eles sobem ao alto do Calvário, de onde hão de elevar-se à glória eterna.

Benjamin C.”

[Evocação da mãe.]

R. Quero ver meu filho! Tendes o poder de restituí-lo a mim? Aqueles impiedosos!... Tomaram-me o filho para o conduzir à luz, deixando-me na escuridão! Quero-o... é a mim que ele pertence!... Então o amor materno não servirá para nada? Pois quê? Tê-lo carregado nove meses, amamentado a carne de minha própria carne, o sangue do meu sangue; ter guiado seus primeiros passos; tê-lo ensinado a balbuciar o sagrado nome de Deus e o doce nome de mãe; dele ter feito um homem ativo, inteligente, honesto, justo e com grande amor filial, para então perdê-lo quando estava prestes a realizar as esperanças nele depositadas, abrindo-se-lhe um futuro brilhante! Não, Deus não é justo. Esse não é o Deus das mães, pois não compreende o desespero ou a dor maternal... E quando à morte entrego-me para não abandonar meu filho, arrancam-no de mim novamente!... Meu filho, meu filho! Onde estás?

[O evocador] – Pobre mãe, partilhamos a dor da senhora, que buscou um triste caminho para ficar junto de seu filho. O suicídio é um crime aos olhos de Deus, e saiba que Ele pune toda infração de suas leis. A impossibilidade de estar com seu filho é a sua punição.

[A mãe] – Não. Eu imaginava Deus melhor que os homens. Não acreditava em seu Inferno, mas na reunião das almas que se amaram como nós nos amávamos. Enganei-me... Não é um Deus justo e bom, porquanto não com-

preendeu a imensidade de minha dor e de meu amor!... Oh! Quem há de restituir-me o filho? Será que o perdi para sempre? Piedade, piedade, meu Deus!

[O evocador] – Vamos, acalme seu desespero. Pense que, se há um meio de rever seu filho, não será blasfemando contra Deus, como está fazendo. Em vez de atrair a misericórdia divina, apenas agrava a própria situação.

[A mãe] – Disseram-me que eu não voltaria jamais a vê-lo. Compreendi que foi ao Paraíso que o levaram. E eu, estarei então no Inferno?... No Inferno das mães?... Ele existe, pois o vejo sem parar.

[O evocador] – Seu filho não está perdido para sempre, acredite. Voltará a vê-lo, certamente, mas é preciso merecê-lo pela submissão à vontade de Deus, ao passo que, com sua revolta, poderia retardar esse momento indefinidamente. Escute-me: Deus é infinitamente bom, mas é infinitamente justo. Ele jamais pune sem razão, e se lhe impôs grandes dores na Terra, é porque as mereceu. A morte de seu filho era uma prova para a própria resignação. Infelizmente não resistiu a ela quando viva, e a ela tampouco resiste após a morte. Como querer que Deus recompense seus filhos rebeldes? Ele não é implacável, entretanto, pois o arrependimento daquele que tem culpa é sempre acolhido. Se tivesse aceitado com humildade e sem reclamações a prova que lhe enviava Deus com essa separação momentânea, esperando pacientemente que Ele decidisse retirá-la da Terra, a senhora teria – à entrada no mundo em que se encontra agora – reencontrado seu filho imediatamente, que teria vindo, aliás, recebê-la de braços abertos. Teria a alegria de vê-lo radiante após esse tempo de ausência. O que a senhora fez e faz neste momento coloca entre ambos um obstáculo. Não acredite que ele esteja perdido nas profundezas do Espaço. Não, ele está mais perto do que poderia supor, mas um véu impenetrável esconde-o de sua visão. Ele consegue vê-la, amando-a como sempre, e sofre pela triste posição em que a colocou a sua falta de confiança em Deus. Ele roga, com todas as forças, pelo momento feliz em que lhe será permitido mostrar-se à senhora, de quem depende exclusivamente abreviar ou retardar tal momento. Ore a Deus, dizendo comigo:

“Meu Deus, perdoai-me por haver duvidado de vossa justiça e de vossa bondade. Se Vós me punistes, reconheço que o mereci. Dignai-Vos aceitar meu arrependimento e minha submissão à vossa santa vontade.”

[A mãe] – Que clarão de esperança fizestes despontar agora em minha alma! É qual relâmpago na noite que me cerca. Obrigada, vou orar. Adeus.

C.

A morte, mesmo pelo suicídio, não produziu no espírito dessa mulher a ilusão de julgar-se ainda viva. Ela tem plena consciência de seu estado. Para outros espíritos, a punição consiste justamente nessa ilusão, nos laços que os unem ao corpo. Essa mulher quis deixar a Terra para seguir seu filho no mundo em que ele havia entrado. Era preciso que ela soubesse estar precisamente nesse mundo para ser punida, não o reencontrar aí. Sua punição está exatamente em saber que não vive mais fisicamente, tendo ao mesmo tempo o conhecimento de sua situação. É assim que cada falta é punida pelas circunstâncias que a determinam, pois não existem punições uniformes e fixas para faltas do mesmo gênero.

SUICÍDIO DUPLO, POR AMOR E DEVER

Um jornal de 13 de junho de 1862 contava a seguinte história:

A srta. Palmyre, modista, residia com os pais. De aparência encantadora aliada a um caráter muito amável, era, por isso, com frequência pedida em casamento. Entre os que lhe aspiravam a mão, sua predileção era pelo sr. B., que nutria por ela uma viva paixão. Conquanto também o amasse muito, ela acreditou que devia, por respeito filial, submeter-se ao desejo dos pais, casando-se com o sr. D., cuja posição social parecia-lhes mais vantajosa que a do rival.

Os srs. B. e D. eram amigos íntimos. Ainda que não tivessem entre si qualquer relação de negócios, viam-se sempre. O amor mútuo de B. e de Palmyre, transformada agora em sra. D., de forma alguma diminuía, no entanto. Apesar de esforçarem-se por reprimi-lo, o amor recíproco aumentava na razão direta da própria violência que lhe era imposta. Para tentar extinguir tal sentimento, B. decidiu casar-se, desposando uma jovem de eminentes qualidades, fazendo tudo que lhe foi possível para amá-la. Mas não demorou muito para que B. percebesse que esse gesto heroico era-lhe inútil para o curar. Apesar de tudo, durante quatro anos, nem B. nem a sra. D. faltaram aos seus respectivos deveres. Impossível descrever o que sofreram, porque o sr. D., que estimava verdadeiramente seu amigo, chamava-o sempre que fosse visitá-lo, e quando B. queria retirar-se, era sempre constrangido a ficar.

Certo dia, os dois amantes frustrados encontraram-se por uma circunstância fortuita e inesperada, confidenciando um ao outro o sentimento que lhes animava a alma e concordando que a morte era o único remédio para os males que sofriam. Resolveram morrer juntos, levando a cabo o projeto na manhã seguinte, pois o sr. D. estaria ausente de sua casa por grande parte do dia. Após terem feito os últimos preparativos, escreveram longa e comovente carta, explicando que a razão da opção pela morte foi a de não faltar aos seus deveres conjugais. A carta terminava com um pedido de perdão e a rogativa para ficarem juntos no mesmo túmulo.

Quando o sr. D. retornou, encontrou-os asfixiados. Respeitou-lhes último pedido, permitindo que no cemitério não fossem separados.

Tendo o acontecimento sido sugerido à Sociedade de Paris como tema de estudo, um espírito respondeu:

Os dois amantes que se suicidaram ainda não vos podem responder. Posso vê-los, estão mergulhados na perturbação e aterrorizados pelo sopro da eternidade. A consequência moral da falta cometida os castigará durante *encarnações sucessivas* em que suas almas separadas hão de buscar-se incessantemente, sofrendo assim o suplício duplo de pressentirem-se e desejarem-se em vão. Cumprida a expiação, eles serão reunidos para sempre no âmago do amor eterno. Daqui a oito dias, durante a vossa próxima reunião, podereis evocá-los. Atenderão ao vosso chamado, mas sem se avistarem: uma noite profunda, vai escondê-los, um do outro, por muito tempo.

[Evocação da mulher.]

P. Pode ver o seu amado, com quem cometeu suicídio?

R. Não vejo nada, nem mesmo os espíritos que vagueiam comigo no lugar em que estou. Que noite, que noite! E que véu espesso sobre meu rosto!

P. Que sensação experimentou ao despertar após a morte?

R. Estranha sensação. Tinha frio e queimava; o gelo percorria-me as veias e o fogo queimava-me o rosto! Uma coisa estranha, uma combinação desconhecida! O gelo e o fogo pareciam consumir-me! Pensei que morreria uma segunda vez.

P. Experimenta qualquer dor física?

R. Todo o meu sofrimento está *aqui e aqui*.

P. Que quer dizer com *aqui e aqui*?

R. Aqui, em meu cérebro, e aqui, em meu coração.

É provável que, se pudéssemos ver o espírito, o teríamos visto levar a mão à cabeça e ao coração.

P. Acredita que permanecerá para sempre nesta situação?

R. Oh! sempre, sempre! Às vezes ouço risos infernais, vozes assustadoras que me gritam estas palavras: “Será sempre assim!”.

P. Pois bem, podemos assegurar-lhe que não será sempre assim. Pelo arrependimento obterás o perdão.

R. Que dissestes? Eu não consigo ouvir.

P. Repito-lhe que seus sofrimentos terão um fim, que poderá apressá-lo com seu arrependimento, e que nós a ajudaremos através da prece.

R. Entendi apenas uma palavra e outros sons indecifráveis; essa palavra é *graça*! É sobre *graça* que quisestes falar? Haveis falado sobre a *graça*, sem dúvida para a alma que passa ao meu lado, pobre criança que chora e que espera.

Uma senhora da Sociedade disse que acabara de dirigir a Deus uma prece pela infeliz, e que, sem dúvida, foi isso que a sensibilizou. Informou que, de fato, havia mentalmente implorado para ela a *graça* de Deus.

P. Disse a senhora que se encontra nas trevas. Acaso não nos pode ver?

R. É a mim permitido ouvir algumas palavras que pronunciais, mas posso enxergar apenas um crepe negro sobre o qual se desenha, em certos momentos, um rosto que chora.

P. Se não vê o seu amado, não lhe sente ao menos a presença por perto, já que ele está aqui?

R. Ah! Não me faleis dele, devo esquecê-lo por enquanto, se eu quiser que do crepe se apague a imagem que ali vejo projetada.

P. Que imagem é esta?

R. A de um homem que sofre, cuja existência moral sobre a Terra destruí por muito tempo.

Lendo esta narrativa, de início fica-se disposto a encontrar circunstâncias atenuantes para esse caso de suicídio, a considerá-lo mesmo como um ato heroico, porquanto foi provocado pelo sentimento do dever. Vê-se, no entanto, que ele foi julgado

de forma diversa, e que a pena dos culpados será longa e terrível, por se refugiarem voluntariamente na morte, fugindo da luta. A intenção de não faltar ao dever era nobre, sem dúvida, e será levada em conta mais tarde, mas o verdadeiro mérito teria consistido em resistir ao arrastamento, ao passo que se comportaram como o desertor, que foge no momento do perigo.

A pena dos dois culpados consistirá, como se vê, em se procurarem durante muito tempo, sem que jamais se encontrem, *seja no mundo dos espíritos, seja em outras encarnações terrestres*. Momentaneamente, essa pena está agravada pela ideia de que seu estado atual durará para sempre. Fazendo tal pensamento parte do castigo, não lhes foi permitido ouvir as palavras de esperança que lhes foram dirigidas. Àqueles que possam achar essa pena muito terrível e longa, sobretudo se ela deve acabar somente após muitas encarnações, diremos que sua duração não é absoluta, e que dependerá da forma que enfrentarão suas provas futuras, algo em que podem ser ajudados através da prece. Eles serão, como todos os espíritos culpados, os árbitros de seu próprio destino. Não será tal situação, no entanto, ainda melhor que a danação eterna, sem esperança, à qual eles estariam irrevogavelmente condenados segundo a doutrina da Igreja, que os vê de tal modo merecedores do Inferno eterno, a ponto de recusar-lhes as últimas preces, sem dúvida por considerá-las inúteis?

LOUIS E A COSTUREIRA DE CALÇADOS

Há sete ou oito meses, um sapateiro chamado Louis G. estava noivo da jovem Victorine R., costureira de calçados, com a qual deveria casar-se muito em breve, tendo inclusive já sido requerida a publicação do proclama de casamento. Estando a situação nesse pé, os jovens consideravam-se quase já definitivamente unidos, e, por economia, o sapateiro vinha diariamente à casa de sua futura esposa fazer suas refeições.

Um dia, tendo Louis vindo à casa da costureira para jantar, como costumiramente fazia, ocorreu uma discussão acerca de uma questão banal, ficando ambos irredutíveis em suas opiniões divergentes, a tal ponto que Louis decidiu abandonar a mesa e sair, jurando não mais retornar.

Na manhã seguinte, no entanto, o sapateiro veio pedir perdão – como se sabe, a noite é boa conselheira. Mas a operária, prevendo talvez, após a cena da véspera, o que poderia acontecer quando não houvesse mais tempo

de voltar atrás, recusou reconciliar-se, sem que protestos, lágrimas ou desespero pudessem convencê-la do contrário. Vários dias passaram-se desde o desentendimento. Louis, esperando que sua amada estivesse mais acessível, decidiu fazer uma última tentativa. Ele chegou e bateu à porta, anunciando a sua presença, mas ela recusou-se a abrir-lhe a porta. O rechaçado infeliz fez-lhe novas súplicas, novos protestos através da porta, porém nada comoveu a implacável mulher que ele pretendia desposar. “Adeus, então, malvada!”, exclamou o pobre moço. “Adeus para sempre! Trata de achar um marido que te ame tanto quanto eu!” Ao mesmo tempo, a jovem ouviu uma espécie de gemido abafado, depois um baque como o de um corpo deslizando pela porta; depois tudo voltou ao silêncio. Ela imaginou então que Louis se pusera à entrada, esperando-a sair, porém ela prometeu a si mesma não colocar o pé do lado de fora enquanto ele ali estivesse.

Decorrido apenas um quarto de hora, um outro locatário que passava pelo corredor do prédio conduzindo uma lamparina, soltou um grito e pediu socorro. Logo acorreram os vizinhos, e Victorine, tendo também aberto sua porta, deu um grito de horror ao reconhecer, estendido no chão, pálido e inanimado, o seu noivo. Apressaram-se todos em socorrê-lo, mas logo perceberam ser um esforço inútil, pois ele já deixara de existir. O infeliz jovem havia cravado seu canivete na altura do coração, permanecendo-lhe o instrumento enterrado na ferida do peito.

(Sociedade Espírita de Paris, agosto de 1858.)

1. [Ao espírito São Luís] – A jovem, causadora involuntária da morte do seu noivo, tem responsabilidade pelo ocorrido?

– Sim, porque ela não o amava mais.

2. Para evitar a desgraça, deveria desposá-lo tendo-lhe aversão?

R. Ela procurava uma ocasião que justificasse separar-se dele; fez no começo do relacionamento o que teria feito cedo ou tarde.

3. Assim, sua culpa consiste em ter-lhe permitido nutrir sentimentos de que ela não partilhava, e que resultaram na morte do jovem?

R. Sim, é isso.

4. Sua responsabilidade, nesse caso, deve ser proporcional à falta. Não deve, então, ser tão grande como se ela tivesse provocado voluntariamente a morte?

R. Evidentemente.

5. O suicídio de Louis encontraria um atenuante na loucura em que a posição inflexível de Victorine o lançou?

R. Sim, porque o seu suicídio, que provém do amor, é menos criminoso aos olhos de Deus do que o daquele que intenta fugir à vida por covardia.

O espírito de Louis G. foi evocado em uma outra ocasião, sendo-lhe dirigidas as seguintes perguntas:

1. O que pensa da ação que cometeu?

– Victorine é uma ingrata, errei ao matar-me por ela, pois ela não o merecia.

2. Ela não o amava, então?

– Não. No começo até imaginou que sim; iludia-se, no entanto. A cena que lhe fiz abriu-lhe os olhos. Ficou então contente com esse pretexto para livrar-se de mim.

3. E o senhor, a amava sinceramente?

– Eu tinha por ela paixão apenas, eu creio. Se a tivesse amado com um amor puro, não teria desejado causar-lhe um desgosto.

4. Se ela soubesse que o senhor iria realmente se matar, teria persistido na recusa?

– Não sei. Não acredito, porque ela não é má, mas teria sido infeliz. Melhor para ela que tudo tenha acontecido assim.

5. Chegando à porta de sua noiva, tinha a intenção de matar-se, em caso de recusa?

– Não, não pensava nisso. Não acreditava que ela seria tão inflexível. Foi somente ao deparar-me com sua obstinação que uma vertigem apoderou-se de mim.

6. Parece que lamenta seu suicídio apenas porque Victorine não o merecia. É o único sentimento que experimenta?

– Neste momento, sim. Encontro-me ainda em grande perturbação. Parece que estou junto à porta, mas tenho outra sensação que não posso definir.

7. Poderá compreendê-la mais tarde?

– Sim, quando estiver menos perturbado... Cometi um erro – deveria tê-la deixado em paz. Fui fraco e sofro as consequências disso... A paixão cega o homem, fazendo com que cometa muitas loucuras. E quando já é tarde demais é que se dá conta disso.

8. Quais são as consequências que experimenta, advindas do erro cometido?

– Errei ao abreviar minha vida, não devia tê-lo feito. Devia ter tudo suportado, em vez de morrer antes do tempo, por isso sou infeliz. Sofro, é ainda ela que me faz sofrer. Parece-me estar ainda lá, à porta, a ingrata! Não quero falar dela, não quero mais pensar no assunto, faz-me muito mal. Adeus.

Podemos ver neste caso mais uma prova da justiça que governa a distribuição da culpa, conforme o grau de responsabilidade. Na circunstância presente, a primeira falta pertence à jovem, que alimentou em Louis um amor de que não comungava e ao qual não dava valor algum. Cabe a ela a maior parte da responsabilidade. Quanto ao rapaz, já é punido pelo sofrimento que suporta, mas sua pena é leve, porque ele nada mais fez que ceder a um impulso irrefletido e a um momento de exaltação, em lugar da fria premeditação daqueles que se suicidam para subtraírem-se às provas da vida.

UM ATEU

O sr. J.-B. D. era um homem instruído, mas impregnado ao máximo de ideias materialistas, não acreditando em Deus nem em sua alma. A pedido de um de seus parentes, ele foi evocado na Sociedade Espírita de Paris, dois anos após a sua morte.

1. [Evocação.]

R. Eu sofro! Sou um réprobo!

2. Fomos levados a evocá-lo a pedido de parentes seus que desejam conhecer-lhe a sorte. O senhor poderia dizer-nos se a nossa evocação lhe é agradável ou penosa?

R. Penosa.

3. Sua morte foi voluntária?

R. Sim.

O espírito escreve com extrema dificuldade. A escrita é muito grossa, irregular, tremida e quase ilegível. No início demonstra grande irritação, quebra o lápis e rasga o papel.

4. Acalme-se, pois todos pediremos a Deus pelo senhor.

R. Sou forçado a crer em Deus.

5. Que motivo pode tê-lo levado ao suicídio?

R. O tédio de uma vida *sem esperança*.

Concebe-se o suicídio quando a vida é *sem esperança*, procurando-se então escapar do sofrimento a qualquer preço. Com o Espiritismo, em contrapartida, o futuro descortina-se à nossa frente, justificando-se a esperança e fazendo, portanto, com que o suicídio não tenha mais razão de ser. Mais ainda, reconhece-se que, pelo suicídio, escapa-se de um mal para cair num outro que é cem vezes pior. Eis por que o Espiritismo já afastou tantas vítimas de uma morte voluntária. São muito culpados aqueles que se esforçam em acreditar *através de sofismas científicos e supostamente em nome da razão*, nessa ideia desesperadora, fonte de tantos males e crimes, de que tudo acaba com a vida! Serão responsáveis, não só pelos seus próprios erros, mas por todos os males que tenham causado.

6. Quis o senhor escapar às vicissitudes da vida. Adiantou-lhe alguma coisa sua decisão? Encontra-se mais feliz agora?

R. Por que o nada não existe?

7. Poderia descrever-nos sua situação atual da melhor forma possível?

R. Sofro por ser obrigado a acreditar em tudo o que eu negava. Minha alma está como num braseiro, terrivelmente atormentada.

8. De onde vinham as ideias materialistas que tinha em vida?

R. Em uma outra existência eu havia sido mau, então meu espírito foi condenado a sofrer o tormento da incerteza em minha última existência. Acabei suicidando-me.

Temos aqui vários ensinamentos. Muitas vezes perguntamo-nos como pode haver materialistas, uma vez que, já tendo passado pelo mundo espiritual, todos deveriam ter a intuição deste último. Ora, é precisamente tal intuição que é vedada a certos espíritos que se mantiveram orgulhosos, não se sentindo arrependidos pelas faltas. Sua prova consiste em adquirir, durante a vida terrestre, *e por meio da própria razão*, a certeza da existência de Deus e da vida futura, que eles têm incessantemente sob os olhos. Muitas vezes, porém, a presunção de nada admitir acima de si mesmos ainda os domina, e disso sofrem a punição, até que, domando o próprio orgulho, rendem-se enfim à evidência.

9. Quando se afogou, o que imaginava que lhe fosse acontecer? Que reflexões fez o senhor naquele momento?

R. Nenhuma. Imaginava que me sobreviesse o nada. Vi depois que, por não ter aceitado toda a minha punição, ainda sofreria muito.

10. Agora já está convencido da existência de Deus, da alma e da vida futura?

R. Pobre de mim, isso apenas atormenta-me mais!

11. Voltou a ver seu irmão?

R. Oh, não!

12. Por quê?

R. Para que misturar nossos sofrimentos? Oh! Separamo-nos na desgraça e reunimo-nos na felicidade!

13. Ficaria feliz de tornar a ver seu irmão, cuja presença ao seu lado poderíamos solicitar?

R. Não, não sou digno disso.

14. Por que não quer que o chamemos?

R. Também ele não é feliz.

15. Tem medo de vê-lo, mas não faria isso um bem ao senhor?

R. Não, mais tarde.

16. Deseja que falemos algo a seus parentes?

R. Que orem por mim.

17. Parece-nos que, nos meios que frequentava, algumas pessoas partilham das mesmas opiniões que o senhor esposava quando vivo. Teria algo a dizer-lhes a esse respeito?

R. Ah, infelizes! Pudessem eles crer na vida além-túmulo! É o que lhes posso desejar de melhor. Se soubessem de minha triste situação, haveriam de refletir muito.

(Evocação do irmão do suicida que, mesmo possuindo as mesmas ideias, não cometera suicídio. Ainda que infeliz, está calmo e sua escrita é clara e legível.)

18. [Evocação.]

R. Possa o quadro de nossos sofrimentos ser uma útil lição para todos vós, convencendo-vos de que uma outra vida existe, em que se expiam as faltas e a incredulidade.

19. O senhor e seu irmão, que acabamos de evocar, veem um ao outro?

R. Não, pois ele foge de mim.

Poderíamos perguntar como os espíritos podem fugir uns dos outros no mundo espiritual, onde não há obstáculos materiais ou refúgios ocultos à visão. Nesse mundo tudo é relativo, conforme a natureza fluídica dos seres que o habitam. Apenas os espíritos superiores têm percepção ilimitada, ao passo que ela é restrita no caso dos espí-

ritos inferiores, para os quais obstáculos fluídicos têm o mesmo efeito que obstáculos materiais. Os espíritos ocultam-se à visão uns dos outros pela própria vontade, que atua sobre o perispírito e sobre os fluidos ambientes. Mas a Providência, cuidando de cada indivíduo como a um filho, faculta-lhes ou nega-lhes tal capacidade conforme as disposições morais de cada um, o que representa, de acordo com as circunstâncias, uma punição ou uma recompensa.

20. Encontra-se o senhor mais calmo que seu irmão. Poderia dar-nos uma descrição mais precisa de seus sofrimentos?

– Não sofreis na Terra com vosso amor-próprio, com vosso orgulho, quando sois obrigados a reconhecer os próprios erros? Vosso espírito não se revolta ante o pensamento de vos humilhades diante daquele que vos demonstra que estais errados? Pois bem! Podeis conceber o quanto sofre um espírito que, durante toda uma existência, convenceu-se de que após a sua existência viria o nada e que ele estava certo e todos ao redor, errados. Subitamente, então, depara-se com a esmagadora verdade, sentindo-se aniquilado, humilhado. A isso vem juntar-se o remorso de haver olvidado, por tanto tempo, a existência de um Deus tão bom e indulgente. Sua situação é insuportável, não encontra calma ou repouso, pois somente encontrará um pouco de tranquilidade no momento em que a Santa Graça – ou seja, o amor de Deus – vier a tocá-lo, porque o orgulho apodera-se de tal forma de nosso pobre espírito a ponto de envolvê-lo integralmente, sendo necessário muito tempo para nos livrarmos desse manto fatal. Somente a prece de nossos irmãos pode ajudar-nos a dele libertarmo-nos.

21. Refere-se o senhor a seus irmãos vivos ou espíritos?

R. De ambos.

22. Enquanto falávamos com seu irmão, uma pessoa aqui presente orou por ele. Foi útil a ele essa oração?

R. Ela não se perderá. Se agora recusa a graça, há de ser-lhe útil quando estiver em condições de recorrer a essa divina *panaceia*.

Vemos aqui um outro gênero de castigo, mas que não é o mesmo para todos os incrédulos. Este espírito, independente do sofrimento, tem sua punição na necessidade de reconhecer as verdades que havia rejeitado em vida. Suas ideias atuais denotam um certo progresso em comparação às de outros espíritos que persistem na negação de Deus. Já é alguma coisa admitir o próprio erro, uma semente de humildade. É provável que, em sua próxima encarnação, a incredulidade dê lugar ao sentimento *inato* da fé.

Tendo sido transmitido o resultado dessas duas evocações à pessoa que as havia solicitado, dela recebemos a seguinte resposta:

Não pode o senhor imaginar o grande bem produzido pela evocação de meu sogro e de meu tio. Pudemos reconhecê-los perfeitamente. A grafia do primeiro, principalmente, é de uma semelhança evidente com a que ele tinha quando vivo, tanto mais que, durante os últimos meses que passou conosco, ela era tremida e indecifrável. Nela encontra-se a mesma forma das hastes, da assinatura e de certas letras. Quanto às palavras, às expressões e ao estilo, é ainda mais impressionante – para nós, a analogia é perfeita, com a diferença de que agora ele está mais esclarecido sobre Deus, a existência da alma e a eternidade que antes negava de forma categórica. Estamos, portanto, perfeitamente convencidos de sua identidade. Deus será glorificado com a nossa crença ainda mais firme no Espiritismo, e nossos irmãos, espíritos e encarnados, hão de tornar-se melhores. A identidade de meu tio não é menos evidente – com a diferença significativa do ateu para o crente, nós reconhecemos seu caráter, seu estilo, seu fraseado. Uma palavra principalmente chamou-nos a atenção: *panaceia* era sua palavra habitual, pois que a repetia a todos e a todo instante.

Apresentei as duas evocações a várias pessoas, que também ficaram impressionadas com sua veracidade, mas os incrédulos, aqueles que partilham as opiniões de meus dois parentes, queriam respostas ainda mais categóricas. Exigiam, por exemplo, que o sr. D. dissesse com precisão o local onde foi enterrado, onde se afogou, como foi tirado dali etc. Para que se satisfaçam e convençam, o senhor poderia evocá-lo novamente e, em caso afirmativo, se possível, perguntar-lhe onde e como cometeu o suicídio, quanto tempo permaneceu submerso, onde seu corpo foi encontrado, onde foi enterrado e se as exéquias tiveram um caráter civil ou religioso?

Peço-lhe a bondade, caro senhor, de que faça com que dê respostas categóricas a essas perguntas, pois são essenciais para aqueles que ainda duvidam. Estou convencido do bem imenso que isso produzirá. Farei com que lhe chegue esta carta às mãos amanhã, sexta-feira, a fim de que seja possível fazer a evocação na sessão da Sociedade que acontecerá nesse dia. [...]

Reproduzimos essa carta pela confirmação das identidades que traz. Abaixo incluímos nossa resposta, para conhecimento das pessoas que não estão familiarizadas com as comunicações de além-túmulo.

As perguntas que nos solicitou fazer em nova evocação do espírito de seu sogro são, sem dúvida, movidas por uma louvável intenção, qual seja a de convencer os incrédulos, porquanto ao senhor não acorre sentimento algum de dúvida ou curiosidade. Mas um conhecimento mais perfeito da ciência espírita faria entender que tais perguntas seriam supérfluas. Primeiramente, ao pedir-me que faça seu parente fornecer respostas categóricas, certamente o faz por não saber que não se governam os espíritos pela nossa vontade, pois eles respondem quando querem, como querem e, muitas vezes, como podem. Sua liberdade de ação ainda é maior do que quando estão encarnados, e têm mais meios de escapar ao constrangimento moral que se queira exercer sobre eles. As melhores provas de identidade são as que dão espontaneamente, de própria vontade, ou as que surgem das circunstâncias. É, na maior parte das vezes, em vão que se busca obtê-las. Seu parente provou-lhe a identidade, conforme disse, de uma forma inegável. Portanto, é mais provável que ele se recuse a responder a perguntas que, com justiça, poderia encarar como supérfluas e feitas para satisfazer a curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. Ele poderia responder, como muitas vezes o têm feito outros espíritos em casos semelhantes: “Por que me perguntar sobre coisas que já conhece?”. Eu até acrescentaria que o estado de perturbação e de sofrimento em que ele se encontra deve fazer com que lhe sejam mais dolorosas as indagações desse gênero, pois seria exatamente como se quiséssemos obrigar um doente, que com dificuldade pode pensar e falar, a contar-nos detalhes de sua vida. Certamente isso seria faltar com o respeito devido à sua situação.

Quanto ao resultado que almeja, ele seria nulo, tenha certeza. As provas de identidade que foram fornecidas são mais valiosas por serem espontâneas, sem que se pudesse delas saber algo de antemão. Se os incrédulos não estão satisfeitos com isso, eles não o ficarão mais – talvez fiquem de fato menos ainda – com perguntas definidas de antemão, que suscitariam a suspeita de conivência. Há pessoas a quem nada pode convencer – se vissem com os próprios olhos o seu parente em pessoa, diriam que eram vítimas de uma alucinação.

Duas palavras ainda, senhor, sobre o pedido que me fez para realizar a evocação no mesmo dia em que recebesse sua carta. As evocações não se fazem assim, a nosso bel-prazer. Os espíritos nem sempre respondem ao nosso apelo – para isso é preciso que eles possam ou queiram fazê-lo. É necessário, além disso, um médium que lhes seja apropriado, e que tenha a aptidão especial necessária, que esse médium esteja disponível em um determinado momento; que o meio seja simpático ao espírito etc. São circunstâncias que não estão sempre presentes, sendo importante conhecê-las quando se quer fazer a coisa com seriedade.

SR. FÉLICIEN

Era um homem rico, instruído, muito honrado, poeta espirituoso, de um caráter bom, obsequioso e cortês. Investimentos especulativos desastrosos comprometeram-lhe a fortuna; muito idoso para restabelecê-la, sentiu-se desencorajado e suicidou-se, em dezembro de 1864, enforcando-se em seu quarto. Não era nem materialista nem ateu, mas um homem de humor um tanto leviano, pouco importando-se com a vida futura. Tendo-o conhecido intimamente, resolvemos evocá-lo quatro meses após a sua morte, inspirados pela simpatia por sua pessoa.

[Evocação.]

R. Sinto falta da Terra. Nela tive algumas decepções, mas menores que as daqui. Imaginava maravilhas aqui, e encontro uma realidade muito aquém do ideal que tinha. O mundo dos espíritos é muito heterogêneo, para torná-lo suportável seria preciso uma boa faxina. Custa-me a crer! A descrição dos hábitos dos espíritos seria uma iniciativa instigante! Balzac deveria dedicar-se a tal tarefa, que seria aliás trabalhosa. Mas eu não o vi por aqui... Onde estarão, então, esses grandes espíritos que têm tão fortemente castigado os costumes da humanidade? Eles deveriam, como eu, permanecer aqui algum tempo, antes de partir para regiões mais elevadas. Vejo este pandemônio curioso que me agrada observar, e por aqui então eu fico.

Ainda que o espírito declare encontrar-se em uma sociedade muito heterogênea, o que inclui, por conseguinte, a presença de espíritos inferiores, sua linguagem surpreendeu-nos um tanto, considerando a natureza de sua morte, a que ele não fez

alusão alguma; a não ser por isso, refletia bem o seu caráter. Ficamos assim com certa dúvida acerca de sua identidade.

P. Teria o senhor a bondade de nos dizer como morreu?

R. Como morri? Pela morte que escolhi; ela foi de meu agrado. Por muito tempo meditei sobre a morte que deveria escolher para dar cabo da vida. E, honestamente, confesso que não me valeu de grande coisa, exceto por estar livre de minhas tribulações materiais, mas para encontrar outras piores e mais penosas em minha posição de espírito, cujo fim não posso divisar.

P. [Ao guia do médium:] Foi mesmo o espírito do sr. Félicien que nos respondeu? Sua linguagem quase descontraída causa-nos surpresa num suicida.

R. Sim, mas levado por um sentimento justificável em sua situação – pode-se bem compreender –, ele não queria revelar o gênero da própria morte ao médium. Por isso tergiversou, mas acabou por confessá-lo quando perguntado diretamente, não sem ficar deveras angustiado, no entanto. Sofre muito por ter cometido suicídio e evita, na medida do possível, tudo o que lhe faça lembrar de seu fim funesto.

P. [Ao espírito] – Sua morte comoveu-nos muito, já que lhe antevíamos as tristes consequências e, principalmente, em razão da estima e dedicação que lhe devotávamos. Pessoalmente, nunca esquecerei de como foi bom e cortês comigo. Ficaria feliz se pudesse dar mostras de meu reconhecimento, fazendo algo que lhe seja útil.

R. E, no entanto, eu não poderia escapar de outra forma aos constrangimentos de minha situação material. Agora preciso apenas de preces. Oraí sobretudo para que eu fique livre das horríveis companhias que estão perto de mim, perseguindo-me com seus risos, gritos e zombarias infernais. Chamam-me de covarde – e têm razão, pois é covardia renunciar à vida. *Pois já várias vezes sucumbi a esta prova.* E eu que havia prometido a mim mesmo não mais fracassar... Fatalidade!... Ah, oraí! Que suplício o meu! Sou muito infeliz! Ao orar, fazeis mais por mim do que fiz por vós na Terra. Mas a prova em que fracassei tantas vezes levanta-se diante de mim indelével. *É preciso que me submeto a ela novamente dentro de algum tempo.* Terei forças para tanto? Ah, recomeçar a vida tantas vezes! Lutar por tanto tempo para sucumbir aos acontecimentos, a despeito de si, é desesperador, mesmo aqui! *É por isso que preciso de força.* Dizem que se pode consegui-la pela prece! Oraí por mim, pois eu quero orar também!

Este caso particular de suicídio, conquanto ocorrido em circunstâncias corriqueiras, apresenta um aspecto especial, ao mostrar-nos um espírito que sucumbiu várias vezes a uma prova que se renova a cada existência – *prova que há de renovar-se enquanto ele não houver conseguido superá-la*. É a confirmação do princípio que estabelece que, quando o objetivo de aperfeiçoamento para o qual encarnamos não é atingido, nosso sofrimento é em vão, obrigando-nos a recomeçar até que saíamos vitoriosos da luta.

[Ao espírito do sr. Félicien:] – Escute o que lhe vou dizer, peço ao senhor, e reflita sobre estas palavras. O que denomina *fatalidade* não é outra coisa senão a sua própria fraqueza, porquanto não existe fatalidade – se assim fosse o homem não seria responsável pelos próprios atos. O homem é sempre livre, e essa liberdade constitui o seu mais belo privilégio. Deus não quis fazer do homem uma máquina que age e obedece cegamente. Se o torna falível essa liberdade, torna-o também perfectível, e somente pela perfeição é que ele chega à suprema felicidade. Só o seu orgulho o leva a acusar o destino pelas suas desventuras na Terra, quando na maior parte das vezes resultam da própria negligência. Disso o senhor representa um exemplo claro em sua última existência. Teve tudo o que era preciso para ser feliz segundo o mundo: inteligência, talento, fortuna e merecida consideração; não tinha vícios ruins, mas, ao contrário, qualidades consideráveis – como sua situação pôde ser tão comprometida? Unicamente por sua imprevidência. Há de convir que se tivesse agido com mais prudência, se tivesse sabido contentar-se com seu quinhão, em vez de tratar de aumentá-lo sem necessidade, não teria chegado à ruína. Portanto, não havia nisso fatalidade alguma, já que bem poderia ter evitado o que lhe aconteceu.

“Sua prova consistia num encadeamento de circunstâncias que deviam ensinar, *não a necessidade, mas a tentação do suicídio*. Infelizmente para o senhor, apesar de sua inteligência e conhecimento, não soube ter o domínio da situação, e carrega agora o ônus da própria fraqueza. Essa prova, como pode apresentar com razão, deve ser repetida ainda. Em sua próxima existência, estará exposto a acontecimentos que lhe inspirarão novamente a ideia do suicídio, e assim será até conseguir triunfar.

“Antes de atribuir à sorte o que é obra própria sua, admira a bondade de Deus que, em vez de condená-lo de forma inexorável por uma primeira falta, oferece-lhe continuamente os meios de repará-la. Sofrerá, assim, não eternamente, mas pelo tempo necessário para que se dê a reparação. Dependerá de

si mesmo tomar, no mundo espiritual, a resolução de tal forma enérgica, de mostrar a Deus um arrependimento tão sincero, de pedir com tanta insistência o apoio dos bons espíritos, que chegará à Terra blindado contra todas as tentações. Uma vez alcançada essa vitória, caminhará na estrada da felicidade com muito mais rapidez, uma vez que, em outros aspectos, seu adiantamento já é muito grande. Existe, portanto, ainda um degrau a transpor. Para isso vamos ajudá-lo com nossas preces. Mas elas serão impotentes se não nos auxiliar também com os próprios esforços.

R. Oh, obrigado! Obrigado pelas palavras de encorajamento. Delas tenho muita necessidade, porque sou mais infeliz *do que queria fazer crer*. Vou aproveitá-las, garanto, no preparo de minha próxima encarnação, dessa vez agindo de modo a não falhar. Estou ansioso para sair do repugnante ambiente a que aqui fui relegado.

Félicien

ANTOINE BELL

Contador de um banco no Canadá, suicidou-se no dia 28 de fevereiro de 1856. Um de nossos correspondentes, médico e farmacêutico residente na mesma cidade, forneceu-nos o seguinte relato sobre ele:

Eu conhecia Bell há mais de vinte anos. Era um homem pacato e chefe de numerosa família. Há algum tempo ele passou a imaginar ter comprado uma substância venenosa em minha farmácia, e que a havia usado para envenenar alguém. Muitas vezes veio suplicar-me para lhe dizer em que época ele havia comprado o veneno, entregando-se então a alucinações terríveis. Perdia o sono, acusava-se de assassinato, batia no peito. Sua família vivia numa ansiedade constante, em especial das quatro horas da tarde às nove horas da manhã, período em que dava expediente no banco, cuja contabilidade mantinha diligentemente, sem jamais cometer um erro sequer. Costumava dizer que um ser que tinha dentro de si o fazia manter a contabilidade com ordem e regularidade. Nos momentos em que se convencia de suas absurdas alucinações, exclamava: “Não, não, querem enganar-me... *lembro-me bem...* é a verdade”.

Antoine Bell foi evocado em Paris, no dia 17 de abril de 1865, a pedido de seu amigo.

1. [Evocação.]

R. Que desejais? Submeter-me a um interrogatório? É inútil, pois confessarei tudo.

2. Bem longe do nós querer atormentá-lo com perguntas indiscretas. Desejamos apenas saber qual é sua situação no mundo em que se encontra, e se podemos ser-lhe úteis.

R. Ah, sim, podeis. Serei muito grato a todos vós por isso. Tenho horror do meu crime e sou muito infeliz!

3. Temos a esperança de que nossas preces aliviarão seu sofrimento. Além do mais, parece-nos estar em boas condições. O arrependimento que demonstra já é um sinal de reabilitação. Deus, que é infinitamente misericordioso, tem sempre piedade do pecador arrependido. Ore, portanto, conosco. [Neste momento foi feita a prece pelos suicidas que se encontra em *O Evangelho segundo o Espiritismo*.] Poderia agora dizer-nos de que crime é culpado? Tal confissão, feita com humildade, há de lhe ser levada em conta.

R. Permiti-me primeiro agradecer a esperança que acabais de fazer brotar em meu coração. Oh! Há muito tempo eu vivia em uma cidade cujas muralhas eram banhadas pelas águas do Mediterrâneo. Eu amava, então, uma bela jovem que me correspondia o afeto. Mas, pobre como era, fui rechaçado por sua família. Um dia ela veio contar-me que desposaria o filho de um mercador cujos negócios estendiam-se além-mar, e fui assim desprezado. Louco de dor, resolvi acabar com a própria vida, não sem antes saciar minha sede de vingança, assassinando meu odiado rival. Os métodos violentos repugnavam-me, no entanto. Eu tremia ante a ideia de praticar esse crime, mas o meu ciúme foi mais forte. Na véspera do casamento, ele morreu envenenado num plano por mim elaborado, método que me pareceu mais fácil. Explicam-se assim as reminiscências do passado. Sim, já vivi, e é preciso que viva ainda... Oh! meu Deus, tende piedade da minha fraqueza e de minhas lágrimas!

4. Deploramos essa infelicidade que retardou seu avanço, e sinceramente lamentamos pelo senhor. Já que se arrepende, no entanto, Deus há de ter-lhe piedade. Diga-nos agora, peço-lhe, se executou o plano de cometer suicídio.

R. Não. Confesso, para minha vergonha, que a esperança voltou ao meu coração, almejando aproveitar-me de meu crime. Fui traído por meus remorsos, porém, e expiei, pela pena de morte, aquele momento de delírio: fui enforcado.

5. Tinha consciência do mal praticado em sua última existência?

R. Apenas nos últimos anos de minha vida, e eis como: eu era bom por natureza, e após ser submetido, como todos os espíritos homicidas, ao tormento da visão contínua de minha vítima, que me perseguia como um remorso vivo, dela libertei-me muitos anos depois, através de minhas preces e de meu arrependimento. Recomecei outra existência – a última – e a atravessava calmo e tímido. Trazia dentro de mim uma vaga intuição de minha inata fraqueza e da minha falta anterior, cuja lembrança mantinha latente. Mas um espírito obsessivo e vingativo, nada menos que o pai de minha vítima, não teve grande dificuldade de apossar-se de mim, fazendo reviver em meu coração, qual num espelho mágico, as lembranças do passado.

“Influenciado ora por ele, ora pelo guia que me protegia, eu oscilava entre o envenenador e o pai de família que ganhava o pão de seus filhos por seu trabalho. Fascinado por esse demônio obsessivo, fui impelido por ele ao suicídio. Sou bem culpado, é verdade, no entanto menos do que se eu o tivesse decidido por mim mesmo. Os suicidas de minha categoria, fracos demais para resistir aos espíritos obsessores, são menos culpados e punidos mais levemente do que os que tiram a própria vida por ação única de seu livre-arbítrio²¹⁰. Oraí comigo pelo espírito que me influenciou tão fatalmente, a fim de que abandone seus sentimentos de vingança, e oraí também por mim, para que eu consiga a força e a energia necessárias para não falhar na prova do suicídio voluntário *a que, dizem-me, serei submetido em minha próxima encarnação*.”

6. [Ao guia do médium] – Um espírito obsessivo pode realmente induzir ao suicídio?

R. Certamente, visto que a obsessão, que é por si mesma um gênero de prova, pode tomar todas as formas. Isso, porém, não é uma desculpa. O ho-

210. Essa explicação corresponde ao item 15º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “o suicida é sempre punido; mas aquele que, por sua dureza, impele um indivíduo ao desespero e daí a destruir-se, sujeita-se a uma pena ainda maior”. (N. do E.)

mem dispõe sempre de seu livre-arbítrio e, por conseguinte, é livre para ceder ou resistir às sugestões às quais está exposto. Quando sucumbe é sempre por ação da própria vontade. O espírito, no entanto, tem razão, quando diz que aquele que faz o mal instigado por um outro é menos culpado e punido em menor grau do que quando o comete por sua própria vontade. Mas ele não é inocentado, pois, uma vez que se permite afastar do bom caminho, o bem não está de todo arraigado nele.

7. Como pôde acontecer que, apesar da prece e do arrependimento que haviam livrado o espírito do tormento em que vivia pela visão da sua vítima, ele ainda tenha sido perseguido pela vingança do espírito obsessivo em sua última encarnação?

R. Sabeis que o arrependimento é apenas *a preliminar indispensável para a reabilitação*, mas não basta para livrar o culpado de toda a pena. Deus não se contenta com promessas; é preciso provar, por atos, a solidez do retorno ao bem. É por isso que o espírito é submetido a novas provas que o fortalecem, ao mesmo tempo que o fazem adquirir um mérito maior quando sai delas vitorioso. Ele está exposto às perseguições dos maus espíritos, *até que estes o sintam bastante forte para lhes resistir*. Aí então o deixam em paz, porque sabem que suas tentativas serão inúteis.

Estes dois últimos exemplos nos mostram a mesma prova repetindo-se em sucessivas encarnações, e pelo tempo em que se persiste a ela sucumbir. Antoine Bell nos mostrou, além disso, o fato não menos instrutivo do homem perseguido pela lembrança de um crime cometido numa existência anterior, como um remorso e uma advertência. Vemos por aí que se conectam todas as existências umas às outras. A justiça e a bondade de Deus ficam evidentes ao permitir ao homem melhorar-se gradualmente, sem jamais fechar-lhe a porta para o resgate de suas faltas. O culpado é punido por sua própria falta, e a punição, em vez de ser uma vingança de Deus, é o meio empregado para fazê-lo progredir.

CAPÍTULO VI

Criminosos arrependidos

VERGER

Assassino do arcebispo de Paris.

Em 3 de janeiro de 1857, monsenhor Sibour, arcebispo de Paris, saindo da Igreja de Saint-Étienne du Mont, foi ferido mortalmente por um jovem padre chamado Verger. O culpado foi condenado à morte e executado no dia 30 de janeiro. Até o último momento permaneceu insensível, sem dar mostra alguma de remorso ou pesar.

Evocado no mesmo dia da sua execução, ele deu as seguintes respostas:

1. [Evocação.]

R. Ainda estou preso a meu corpo.

2. Sua alma então ainda não se desligou inteiramente do corpo?

R. Não... tenho medo... Não sei... É preciso aguardar até que me dê por mim... Não estou morto, não é mesmo?

3. Arrependeu-se do que fez?

R. Fiz mal em matar, mas a isso fui levado pelo meu caráter que não tolerava humilhações... Evocai-me depois outra vez.

4. Por que já quer partir?

R. Ficaria aterrorizado se o visse, por receio de que me fizesse o mesmo.

5. Mas não tem nada a temer, pois sua alma está separada do corpo. Afaste seu desassossego, pois não tem razão de ser.

R. Que fazer? Nem sempre somos senhores de nossa própria razão!... Não sei onde estou... Estarei louco?...

6. Trate de acalmar-se.

R. Não consigo, porque estou louco... Um momento!... Vou recobrar minha lucidez.

7. A oração poderá ajudá-lo a voltar a si.

R. Tenho medo... Não me atrevo a orar.

8. Ore, pois a misericórdia de Deus é grande! Oremos juntos.

R. Sim, a misericórdia de Deus é infinita, sempre acreditei nela.

9. Agora, compreende melhor a sua situação?

R. É tão extraordinária que ainda não posso perceber a causa.

10. Consegue ver sua vítima?

R. Parece que ouço uma voz que se assemelha à dele, e que me diz: “Não te quero mais...”. Mas é um efeito da minha imaginação!... Estou louco, certamente, pois vejo meu corpo de um lado e minha cabeça de outro... e, contudo, parece-me que vivo, mas no espaço entre a Terra e o que chamais de céu... Sinto até a lâmina fria da guilhotina caindo-me sobre o pescoço – mas isso vem do pavor que tenho de morrer... Parece-me ver numerosos espíritos à minha volta, olhando-me com compaixão... *Falam* comigo, mas não os entendo.

11. Entre esses espíritos há algum cuja presença o humilhe por conta de seu crime?

R. Diria que existe apenas um que me causa temor, o que feri.

12. Lembra-se de suas existências anteriores?

R. Não, é tudo vago... Creio sonhar... Uma outra vez, pois é preciso que me dê por mim.

Três dias mais tarde.

13. Reconhece-se melhor agora?

R. Sei agora que não pertenço mais a esse mundo, e não o lamento. Lamento o que fiz, mas meu espírito está mais livre. Compreendo também que há uma série de existências que nos dão os conhecimentos úteis para nos tornar perfeitos tanto quanto possível à criatura humana.

14. Foi punido pelo crime que cometeu?

R. Sim. Lamento o que fiz e sofro por isso.

15. De que maneira foi punido?

R. Sou punido, porque reconheço minha falta e por ela peço perdão a Deus. Sou punido pela consciência da minha falta de fé em Deus, e porque sei agora que não devemos abreviar os dias de vida de nossos irmãos. Sou punido pelo remorso de haver retardado meu progresso, agindo de modo errado e não ouvindo a voz de minha consciência, que me alertava que não seria com um assassinato que alcançaria o meu objetivo. Mas deixei-me dominar pelo orgulho e pelo ciúme. Enganei-me e arrependo-me por isso, pois o homem deve sempre esforçar-se para domar suas más paixões, o que não fiz.

16. Que sentimento experimentou quando o evocamos?

R. Um misto de prazer e receio, pois não sou mau.

17. Em que consistem esse prazer e esse receio?

R. O prazer de conversar com os homens, e em poder, em parte, reparar minha falta ao confessá-la. Um receio que eu não saberia definir, uma espécie de vergonha por ter sido um assassino.

18. Deseja reencarnar na Terra?

R. Sim, eu peço que isso aconteça, e desejo encontrar-me constantemente exposto ao assassinio, experimentando-lhe o temor.

Monsenhor Sibour, ao ser evocado, disse que perdoava seu assassino e orava pelo seu retorno ao bem. Acrescentou que, apesar de estar presente, não se mostrou a Verger para não lhe aumentar o sofrimento. O medo que o assassino tinha de vê-lo – um sinal de remorso – já era um castigo.

P. O homem que comete um assassinato sabe, ao escolher a sua existência, que se tornará assassino?

R. Não. Ele sabe que, ao escolher uma vida de luta, para ele existe a *possibilidade* de matar um semelhante, mas não sabe se cometerá o crime, pois quase sempre está em luta consigo mesmo.

A situação de Verger, no momento de sua morte, é a de quase todos aqueles que sofrem uma morte violenta. Como a separação da alma não se opera de forma brusca, eles ficam como que aturdidos, sem saber se estão vivos ou mortos. A visão do arcebispo foi-lhe poupada porque não era necessária para despertar o remorso em Verger, ao passo que outros, ao contrário, são incessantemente perseguidos pelo olhar de suas vítimas²¹¹.

211. Essa explicação corresponde ao item 19º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “Para o criminoso, a visão incessante de suas vítimas e das circunstâncias do crime é um cruel suplício.” (N. do E.)

À enormidade do seu crime, Verger havia acrescentado o fato de não se ter arrependido antes de morrer. Reunia, portanto, todas os pré-requisitos necessários para merecer a condenação eterna. No entanto, logo que deixou a Terra, o arrependimento invadiu-lhe a alma. Repudiou o passado e deseja sinceramente repará-lo. Não foi o excesso de sofrimentos que o impeliu ao arrependimento, já que não teve tempo para sofrer, foi apenas o grito de sua consciência, que ele não ouviu durante sua vida e que escuta agora. Então, por que isso não seria levado em conta? Por que, com alguns dias de diferença, o arrependimento que o teria salvo do Inferno não o poderia mais salvar? Por que Deus, que é misericordioso antes da morte, seria impiedoso algumas horas mais tarde?

Poderia causar admiração a rápida mudança que ocorre, às vezes, nas ideias de um criminoso, endurecido até o último momento, a quem basta a passagem para a outra vida para fazê-lo compreender a iniquidade da própria conduta²¹². Esse evento está longe de ser uma regra geral – se assim fosse não haveria maus espíritos. O arrependimento frequentemente é tardio, e conseqüentemente a pena também é prolongada.

A obstinação no mal durante a vida muitas vezes é proveniente do orgulho que impede o homem de curvar-se, confessando suas faltas. Além disso, ele está sob a influência da matéria que coloca um véu sobre suas percepções espirituais, fascinando-o. Caído esse véu, uma súbita luz o ilumina, sendo-lhe desfeitas as ilusões. O rápido retorno a sentimentos mais nobres é sempre o indício de um certo progresso moral realizado, que não necessita mais do que uma circunstância favorável para que se revele, ao passo que aquele que persiste no mal por um tempo mais ou menos longo após a morte é, incontestavelmente, um espírito mais atrasado, em que o instinto material sufoca a semente do bem, e para quem ainda são necessárias novas provas para que se corrija.

LEMAIRE

Condenado à morte pelo Tribunal Penal de Aisne e executado no dia 31 de dezembro de 1857. Foi evocado no dia 29 de janeiro de 1858.

212. O caso Verger confirma a lei moral. Estando a duração do castigo ou infelicidade do espírito subordinada ao arrependimento, aqueles que rapidamente se conscientizam de sua responsabilidade moral já veem que há uma saída. (N. do E.)

1. [Evocação.]

– Aqui estou.

2. Que sentimento experimenta ao nos ver?

– Vergonha.

3. Manteve-se consciente até o último momento?

– Sim.

4. Imediatamente após a sua execução, teve conhecimento da sua nova realidade?

– Fui mergulhado numa perturbação imensa, de que ainda não saí. Senti uma grande dor, e pareceu-me ser o coração que a sentia. Vi algo rolar até os pés do patíbulo. Vi o sangue correndo, e com isso minha dor tornou-se muito mais profunda.

4a. Era uma dor puramente física, semelhante àquela causada por um grave ferimento, a amputação de um membro, por exemplo?

– Não. Imaginai antes um remorso, uma grande dor moral.

4b. Quando começou a sentir essa dor?

– Desde que fiquei livre.

5. A dor física causada pela morte na guilhotina era sentida pelo corpo ou pelo espírito?

– A dor moral estava em meu espírito, enquanto o corpo sentia a dor física – *mas o espírito separado ainda se ressentia da dor física.*

6. Viu o próprio corpo mutilado?

– Vi algo disforme, que me parecia não haver abandonado. Mas ainda me sentia inteiro: era eu mesmo.

P. Que impressão causou-lhe essa cena?

– Sentia profundamente a minha dor, *estava completamente mergulhado nela.*

7. É verdade que o corpo ainda sobrevive alguns instantes após a decapitação, e que o supliciado tem consciência de suas ideias?

– O espírito retira-se pouco a pouco. Quanto mais os laços da matéria o prendem, mais demorada é a separação.

8. Dizem ter sido observada no rosto de certas vítimas da guilhotina a expressão de cólera e movimentos, como se quisessem falar. Seria o efeito da contração nervosa ou de uma ação da vontade?

– Da vontade, porque o espírito ainda não se havia retirado.

9. Qual foi o primeiro sentimento que experimentou ao entrar em sua nova existência?

– Um sofrimento insuportável, uma espécie de remorso penetrante cuja causa eu ignorava.

10. Reuniu-se aos seus cúmplices que foram ao mesmo tempo executados?

– Sim, para nossa desgraça. A visão que temos é um suplício contínuo, continuamente censurando-nos uns aos outros os crimes cometidos.

11. Reencontrou as suas vítimas?

– Posso vê-las. Elas são felizes... Perseguem-me com o olhar, que me penetra até o fundo do ser... Tento em vão fugir de seu olhar.

11a. Que sentimento experimenta ao vê-las?

– Vergonha e remorso. *Engendrei-as com minhas próprias mãos*, mas ainda as odeio.

11b. Que sentimento elas manifestam ao vê-lo?

– Piedade.

12. Têm elas ódio e desejo de vingança?

– Não. Rogam por minha expiação. *Não podeis imaginar que horrível suplício é dever tudo àqueles que odiamos.*

13. Lamenta sua vida na Terra?

– Lamento apenas os meus crimes. Se ainda estivesse em minhas mãos, eu não cometeria mais esse erro.

14. A tendência para o mal estava em sua natureza ou para ele foi arrastado pelo meio em que vivia?

– A tendência para o crime estava em minha natureza, por eu ser um espírito inferior. Quis elevar-me rapidamente, e pedi mais do que minhas forças suportavam, no entanto. Acreditando-me forte, escolhi uma prova muito difícil e cedi às tentações do mal²¹³.

15. Se tivesse recebido uma boa educação, teria podido afastar-se da vida criminosa?

213. Toda prova escolhida para se enfrentar na encarnação é possível de se cumprir; essa condição está na lei divina. O espírito que não reconhece sua inteira responsabilidade quando falha age assim em função de seu orgulho. Nasce daí a crença em um Deus vingativo, no qual Lemaire afirmou ter acreditado (q. 16a.). (N. do E.)

– Sim, mas escolhi a condição em que nasci.

15a. Teria podido tornar-se um homem de bem?

– Um homem fraco, incapaz de fazer o bem assim como o mal. Talvez conseguisse corrigir-me o pendor para o mal durante a existência, mas não teria conseguido elevar-me à prática do bem.

16. Durante a vida, acreditava em Deus?

– Não.

16a. Dizem, no entanto, que se arrependeu no momento da morte. É verdade?

– Eu acreditei em um Deus vingativo... Tive medo de sua justiça.

16b. Seu arrependimento agora é mais sincero?

– Oh! Posso ver o que fiz.

16c. Que pensa de Deus agora?

– Posso senti-Lo, mas não O compreendo.

17. Acha justo o castigo que lhe foi imposto na Terra?

– Sim.

18. Espera obter o perdão de seus crimes?

– Eu não sei.

18a. Como espera resgatá-los?

– Por novas provas. Mas parece-me existir uma eternidade entre elas e mim.

19. Onde se encontra agora?

– Mergulhado em meu sofrimento.

19a. Queremos saber em que lugar está.

– Perto do médium.

20. Já que está aqui, se pudéssemos vê-lo, sob qual forma nos apareceria?

– Com a minha forma corporal, a cabeça separada do tronco.

P. Poderia fazer-se visível?

– Não, deixai-me em paz!

21. Poderia dizer-nos como fugiu da prisão de Montdidier?

– Não me lembro mais... Meu sofrimento é tão grande que tenho apenas a lembrança do crime... Deixai-me em paz.

22. Poderíamos trazer algum alívio a seus sofrimentos?

– Roguei para que me chegue logo a expiação.

BENOIST

Bordeaux, março de 1862.

Em manifestação espontânea ao médium, apresenta-se um espírito com o nome de Benoist, que informa ter morrido em 1704 e alega padecer terríveis sofrimentos:

1. O que foi na Terra?

– Um monge sem fé.

2. A falta de fé foi seu único erro?

– Foi suficiente para produzir os outros.

3. Poderia dar-nos alguns detalhes sobre sua vida? A sinceridade das suas confissões será levada em consideração.

– Pobre e indolente, ordenei-me monge, não por vocação, mas para ter uma posição. Inteligente, consegui estabelecer-me. Influente, abusei do poder. Vicioso, corrompi aqueles a quem eu tinha por missão salvar. Implacável, persegui aqueles que quiseram limitar-me os excessos: calabouços encheram-se por conta de minhas decisões e a fome torturou muitas de minhas vítimas, sendo seus gritos frequentemente calados pela violência. Agora expio e sofro todas as torturas do Inferno. Minhas vítimas ateam o fogo que me consome. Luxúria e fome insaciáveis perseguem-me. A sede queima-me os lábios ardentes, sem que jamais sobre eles caia uma gota que os refresque. Todos os elementos da natureza voltam-se contra mim. Rogai por mim²¹⁴.

4. As preces que se fazem pelos mortos não o alcançam, como a outros?

– Acreditais que sejam edificantes? *Elas têm para mim o valor daquelas que eu afetava fazer.* Não executei meu trabalho, portanto não recebo o salário.

5. Jamais se arrependeu?

214. As leis morais são únicas para todos. A punição é sempre a consequência natural da falta, seja praticada por um sacerdote, materialista, rico, pobre, homem ou mulher. O sofrimento diferencia-se segundo o grau de responsabilidade, a natureza e a gravidade da falta. (N. do E.)

– Há muito tempo. *Mas o arrependimento veio-me apenas após o sofrimento.* E como fui surdo aos gritos de vítimas inocentes, também o Mestre é surdo a meus gemidos. Justiça!

6. Reconhece a justiça do Senhor. Confiai, então, em sua bondade, pedindo-Lhe que o ajude.

– Os demônios berram mais forte que eu. Seus gritos sufocam-me a garganta. Eles enchem minha boca de piche fervente! Eu o fiz, grande... (O espírito não consegue escrever a palavra Deus.)

7. O senhor então ainda não se encontra suficientemente desprendido das ideias terrenas para compreender que as torturas que sofre são todas morais?

– É que as sofro e sinto. Vejo meus carrascos, que têm todos um rosto conhecido e um nome que ecoa em meu cérebro.

8. O que poderia tê-lo induzido a praticar tantas infâmias?

– Os vícios que eu carregava; a brutalidade das paixões.

9. Nunca implorou a ajuda dos bons espíritos para que o auxiliassem a sair dessa situação?

– Vejo apenas os demônios do Inferno.

10. Quando vivo, tinha medo deles?

– Não, nenhum. O nada era o meu credo. O prazer a qualquer preço era o meu culto. Divindades do Inferno não me abandonaram, e, visto que lhes consagrei minha vida, elas não me deixarão nunca!

11. Não consegue entrever um fim para os seus sofrimentos?

– O infinito não tem fim.

12. Deus é infinito em sua misericórdia, tudo pode ter um fim se Ele assim o quiser.

– Oh, se Ele o quisesse!...

13. Por que veio ter conosco?

– Não sei como vim. Mas eu queria falar, queria gritar para sentir algum alívio.

14. Os demônios que o perseguem não o impedem de escrever?

– Não, mas estão diante de mim e ouvem-me. Por essa razão eu não desejaria terminar.

15. É a primeira vez que escreve assim?

– Sim.

15a. Sabia que os espíritos podiam aproximar-se dos homens desta forma?

– Não.

15b. Então, como soube como fazê-lo?

– Eu não sei.

16. Que sensações experimentou ao vir ter comigo?

– Um adormecimento de meus terrores.

17. Como percebeu que estava aqui?

– Como quando se acorda.

18. Como fez para entrar em comunicação comigo?

– Não entendo, mas tu também não o sentiste?

19. Não se trata de minhas sensações, mas as do senhor. Tente entender o que faz neste momento, enquanto eu escrevo.

– Tu és o meu pensamento, só isso.

20. Então não teve a vontade de fazer-me escrever?

– Não, sou eu quem escreve, e tu pensas por mim.

21. Tente compreender. Os bons espíritos que nos cercam o ajudarão nisso.

– Não, os anjos não vêm ao Inferno. Tu não estás só?

21a. Veja ao seu redor.

– Sinto que me ajudam a pensar através de ti... Tua mão me obedece... Eu não toco em ti, mas sei que te seguro... Eu não entendo.

22. Peça ajuda aos seus protetores. Vamos orar juntos?

– Queres abandonar-me? Fica comigo. Vão capturar-me novamente. Eu suplico, fica, fica!

23. Eu não posso demorar-me mais tempo. Retorne todos os dias. Oraremos juntos e os bons espíritos o ajudarão.

– Sim, eu desejo o perdão. Pede por mim. Porque eu, eu não consigo.

[O guia do médium:]

Coragem, meu filho. O que tu pedes será concedido a ele, mas sua expiação ainda está longe de terminar. As atrocidades que esse espírito cometeu são sem nome e sem número. Sua culpa é tanto maior porquanto tinha inteligência, instrução e luzes para guiar-se. Assim, ele falhou com conhecimento de causa, razão por que lhe são terríveis os sofrimentos, mas, com o auxílio e o exemplo da prece, suas dores serão amenizadas, porque conseguirá enxergar a possibilidade de que acabem um dia, e a

esperança há de sustentá-lo. Deus vê que se encontra no caminho do arrependimento e concedeu a ele a graça de *poder comunicar-se a fim de ser encorajado e incentivado*. Pensa sempre, portanto, nesse espírito, que o deixamos contigo para que o encoraje a tomar boas decisões, secundando-o com teus conselhos. Nele, o desejo de reparação sucederá ao arrependimento. Pedirá ele mesmo, então, uma nova existência na Terra para praticar o bem como compensação do mal que fez. Quando Deus estiver satisfeito com ele, vendo-o bem firme, permitirá que vislumbre as divinas claridades que o conduzirão ao porto seguro, recebendo-o em seu seio como o filho pródigo. Tem confiança, terás nossa ajuda para concluir tua tarefa.

Paulin

Classificamos esse espírito entre os criminosos, ainda que ele não tenha sido punido pela justiça humana, porque o crime caracteriza-se pelos atos, e não pelo castigo imposto pelos homens. O mesmo acontece com o espírito a seguir.

UM ESPÍRITO CONFINADO

Em uma pequena casa perto de Castelnaudary ouviam-se barulhos estranhos e ocorriam diversas manifestações que a levaram a ser considerada como assombrada por maus espíritos. Em razão disso, a casa foi exorcizada em 1848, sem resultado. O proprietário, sr. D., tendo vindo nela morar, aí morreu subitamente alguns anos depois. Seu filho, querendo mudar-se para lá em seguida, ao entrar num dos quartos num determinado dia, recebeu uma violenta bofetada dada por mão desconhecida. Como se encontrava completamente só, não teve dúvidas de que o golpe tivesse vindo de uma fonte oculta, razão pela qual decidiu deixar a casa em definitivo. Na região, reza a tradição que um grande crime foi cometido naquela casa.

O espírito que dera a bofetada foi evocado na Sociedade de Paris, em 1859, e manifestou-se por meio de violentos sinais, sendo inútil qualquer esforço para acalmá-lo. São Luís, interrogado a esse respeito, respondeu:

– É um espírito da pior espécie, um verdadeiro monstro. Fizemos com que aqui viesse, mas não pudemos forçá-lo a escrever, apesar de tudo o que lhe foi

dito. Ele tem o seu livre-arbítrio, do qual o desafortunado tem feito triste uso.

P. Este espírito é suscetível de melhora?

– E por que não seria? *Todos não o são?* Este como os outros? Mas é natural que se encontrem dificuldades no caminho. Por mais perverso que seja o espírito, no entanto, a retribuição do mal com o bem acabará por sensibilizá-lo. Oraí por ele, primeiramente, e voltai a evocá-lo dentro de um mês, e podereis verificar a mudança que nele terá ocorrido.

Novamente evocado mais tarde, o espírito mostrou-se mais acessível, e, aos poucos, submisso e arrependido. Das explicações fornecidas por ele e por outros espíritos concluiu-se que em 1608, quando morava naquela casa, havia assassinado seu irmão por ciúmes e rivalidade, cortando-lhe a garganta enquanto dormia, fazendo o mesmo, alguns anos depois, com a mulher que desposou após a morte do irmão. Morreu em 1659, aos oitenta anos de idade, sem que houvesse respondido pelas mortes, que pouca atenção receberam naqueles tempos confusos. Depois de sua morte, não deixou de praticar o mal, tendo provocado vários acidentes na casa. Um médium vidente, que assistiu à primeira evocação, pôde vê-lo, no momento em que se quis fazê-lo escrever, com aspecto assustador, sacudindo fortemente o braço do médium, vestindo uma camisa cheia de sangue e segurando um punhal.

1. [A São Luís:] Poderia descrever-nos o tipo de sofrimento a que este espírito está submetido?

– É um sofrimento atroz, pois foi condenado a permanecer na casa em que cometeu o crime, sem poder dirigir seu pensamento a outra coisa que não seja a sua transgressão, sempre projetada diante de seus olhos, sendo que ele acredita que está condenado a tal tortura por toda a eternidade. Vê-se constantemente no momento em que cometeu o crime, tendo-lhe sido suprimidas quaisquer outras recordações, e proibida toda a comunicação com outros espíritos. Na Terra, ele está confinado a essa casa; se está no Espaço, vagueia pelas trevas e pela solidão.

2. Haveria um meio de fazê-lo sair da casa? Qual seria?

– Se desejamos nos livrar de obsessões de semelhantes espíritos, isto é possível, facilmente: orando-se por eles. Mas isso é o que se deixa de fa-

zer quase sempre, preferindo-se assustá-los com fórmulas de exorcismo que muito os divertem²¹⁵.

3. Incentivando as pessoas interessadas a orar por ele, e nós mesmos o fazendo, conseguiríamos que saísse da casa?

– Sim, mas notai bem que eu disse *orar*, e não *mandar orar*.

4. Há dois séculos já que se encontra o espírito em tal situação. Ele percebe o passar desse tempo como se estivesse vivo? Ou seja, parece-lhe este tempo tão longo como quando estava vivo?

– Parece-lhe ainda mais longo, pois *o sono não existe para ele*.

5. Foi-nos dito que, para os espíritos, o tempo não existe, e que, para eles, um século é apenas um ponto na eternidade. Não se dá então o mesmo com todos os espíritos?

– Não, certamente não. Tal se dá apenas com os espíritos que atingiram um grau muito elevado de adiantamento. Para os espíritos inferiores, no entanto, o tempo é por vezes bem longo, sobretudo quando eles sofrem.

6. De onde veio esse espírito, antes de sua encarnação?

– Viveu entre os povos mais ferozes e selvagens. Veio, antes disso, de um planeta inferior à Terra.

7. Esse espírito foi punido de forma muito severa pelos crimes que cometeu. Se viveu antes entre povos selvagens, deve ter cometido atos não menos atrozos que os da última existência. Foi punido então com o mesmo rigor por causa deles?

– Foi punido em menor grau, pois, mais ignorante que era, compreendia menos a extensão de seus erros.

8. O estado em que se encontra esse espírito é o dos seres vulgarmente chamados *réprobos*?

– Certamente, e há outros em condições ainda mais tristes. Os sofrimentos estão longe de ser os mesmos para todos, mesmo para crimes semelhantes, pois variam conforme o culpado seja mais ou menos *acessível* ao arrependimento. Para este espírito, a casa em que cometeu o crime é o seu Inferno. Ou-

215. Nenhum efeito causam aos espíritos maus as fórmulas mágicas, exorcismos, tentativas de expulsá-los impositivamente. Essas atitudes têm efeito contrário, pois incitam ainda mais sua resistência. Somente a prece, o magnetismo espiritual, ou o convencimento pela razão e pela mansuetude podem levar a um bom resultado. (N. do E.)

tros espíritos o trazem dentro de si, através das paixões que os atormentam e que não têm meios de satisfazer.

De fato, já observamos espíritos avaros a sofrerem com a visão do ouro, transformado para eles em verdadeira quimera. Orgulhosos atormentados pelo ciúme de honrarias que viam concedidas a outros, mas não a eles. Homens que, tendo comandado na Terra, veem-se humilhados pelo poder invisível que os obriga a obedecer e pela visão de subordinados que não se curvam mais diante deles. Ateus angustiados pela incerteza e em isolamento absoluto, perdidos na imensidão, sem que encontrem ser algum que os esclareça. No mundo dos espíritos, se há prêmio para todas as virtudes, há penas para todas as faltas, e mesmo as faltas que a lei humana não alcance, sobre elas a lei divina sempre incidirá.

Além disso, deve-se observar que as mesmas faltas, ainda que cometidas em circunstâncias idênticas, são punidas por castigos algumas vezes muito diferentes, conforme o grau de adiantamento intelectual do espírito. Aos espíritos mais atrasados, de natureza mais primitiva como aquele de que tratamos aqui, são aplicadas penas um tanto mais materiais do que morais, ao passo que se dá o contrário com aqueles cuja inteligência e sensibilidade são mais desenvolvidas. Aos primeiros é necessária a aplicação de castigos apropriados à sua natureza primitiva, para que compreendam a própria situação adversa, assim inspirando-lhes o desejo de sair dela. Dessa forma é que a vergonha puramente, por exemplo, que no caso desse espírito teria pouco ou nenhum efeito, seria intolerável para outros.

Nesse código penal divino, a sabedoria, a bondade e a providência de Deus para com as suas criaturas revelam-se até nas menores coisas. Tudo é ajustado e aliado a uma admirável solicitude, de modo a facilitar aos culpados os meios de reabilitarem-se, sendo qualquer aspiração bem-intencionada de suas almas, mínima que seja, levada em consideração. Segundo o dogma das penas eternas, ao contrário, no Inferno estariam juntos grandes e pequenos culpados, os transgressores de um momento e os cem vezes reincidentes; os endurecidos e os arrependidos. Tudo é calculado para mantê-los no fundo do abismo, não se lhes oferece nunca uma tábua de salvação. Um só erro pode lançá-los no Inferno para sempre, sem que seja levado em conta o bem que porventura tenham feito. De que lado estará a verdadeira justiça, a verdadeira bondade?

9. Este espírito, apesar de sua inferioridade, é sensível aos bons efeitos da prece. Temos visto o mesmo ocorrer com outros espíritos igualmente perversos e de natureza muito bruta. Como pode ser, então, que espíritos mais esclarecidos e de inteligência mais desenvolvida demonstrem uma ausência

completa de bons sentimentos, rindo de tudo o que há de mais sagrado – em suma, que nada os comova e que nada lhes diminua o cinismo?

– A prece só é eficaz para o espírito que se arrepende. Aquele que, levado pelo orgulho, revolta-se contra Deus, persistindo em seus desregramentos, até mesmo exagerando-os, como procedem os espíritos infelizes, para estes de nada adianta a prece, e de nada adiantará, senão quando uma centelha de arrependimento neles vier a manifestar-se²¹⁶. A ineficácia da prece, para eles, é ainda um castigo, pois alivia somente os que não são completamente endurecidos.

10. Quando se vê um espírito insensível aos bons efeitos da prece, teríamos aí uma razão para não orar por ele?

– Certamente que não, pois cedo ou tarde a prece poderá triunfar sobre o seu caráter duro, fazendo que nele germinem bons pensamentos.

O mesmo acontece com certas doenças sobre as quais os remédios só agem com o passar do tempo, pois o efeito não é apreciável num primeiro momento. Em outras, ao contrário, os remédios agem de imediato. Se nos persuadirmos desta verdade – que todos os espíritos são suscetíveis de perfeição, e nenhum está eterna e fatalmente dedicado ao mal – compreenderemos que a prece terá efeito, cedo ou tarde, e que aquela prece que em princípio parece ser ineficaz não deixou de depositar, no espírito, sementes salutares que o predisõem ao bem, se não o sensibilizar imediatamente. Seria um erro, portanto, desanimarmo-nos quando não pudermos dela colher, de imediato, o resultado.

11. Se esse espírito reencarnasse, em que categoria de indivíduos se encontraria?

– Isso dependerá dele e do arrependimento que demonstrar.

Várias conversas que tivemos com esse espírito produziram nele uma notável transformação moral. Eis algumas de suas respostas:

216. Ninguém em sã consciência, culparia a Deus por se machucar ao cair de uma altura, por ter sido Ele o criador da lei da gravidade. A universalidade que caracteriza a natureza garante a igualdade diante de sua aplicação. O Espiritismo, demonstrando as leis naturais que regem o mundo moral, afirma que “a punição é sempre consequência natural da falta” (cap. VIII, item 4º). Quando o espírito culpado é orgulhoso, imagina um deus vingativo, diminuindo sua total responsabilidade pelos sofrimentos morais que enfrenta. Por isso, somente o arrependimento sincero, pelo reconhecimento da naturalidade da lei, poderá tirá-lo de sua condição infeliz. (N. do E.)

12. Por que não pôde escrever quando o chamamos da primeira vez?

– Eu não o queria.

12a. Por que não?

– Ignorância e embrutecimento.

13. Agora já pode deixar a casa de Castelnaudary quando quer?

– Tenho a permissão porque aproveito vossos bons conselhos.

13a. Sente algum alívio?

– Começo a ter esperança.

14. Se pudéssemos vê-lo, sob que aparência seria?

– De camisa, sem o punhal.

14a. Por que não estaria mais com seu punhal? O que fez dele?

– Eu o maldigo; *Deus poupa-me de vê-lo*.

15. Se o filho do sr. D. (o que recebeu a bofetada) retornasse à casa, haveria de fazer-lhe mal?

– Não, porque estou arrependido.

15a. E se ele ainda quisesse desafiá-lo?

– Oh! Não me pergunteis isso! Eu não saberia dominar-me, isso está acima de minhas forças... pois sou apenas um miserável.

16. Consegue entrever o término das suas penas?

– Oh, ainda não! Já é muito mais do que mereço o fato de saber, graças à vossa intercessão, que não durarão para sempre.

17. Poderia descrever-nos a situação em que se encontrava antes que o chamássemos pela primeira vez? Compreenda que lhe fazemos tal pergunta para que lhe possamos ser úteis, e não movidos por curiosidade.

– Já vos disse, não tinha consciência de nada do mundo, apenas de meu crime, e não podia deixar a casa em que o cometera, a não ser para vagar pelo Espaço, onde tudo era solidão e trevas ao meu redor. Eu não saberia descrever o que era isso, pois nunca compreendi nada. Elevando-me acima da atmosfera, tudo o que via era a escuridão, o vazio... não sei do que se tratava. Hoje sinto muito mais remorsos, e não sou mais obrigado a ficar naquela casa fatal, pois tenho a permissão de andar pela Terra, procurando esclarecer-me através das observações que faço, o que me leva, no entanto, apenas a compreender melhor a enormidade de meus erros. Se, por um lado, sofro menos, por outro minhas torturas aumentam por conta do remorso. Alimenta-me, ao menos, a esperança.

18. Se tivesse que reencarnar, que tipo de existência escolheria?

– Ainda não vi, nem refleti o bastante para sabê-lo.

19. Durante seu longo isolamento – diríamos até mesmo *cativeiro* – sentiu algum remorso?

– Não senti o menor remorso, por isso sofri tanto tempo. Somente quando comecei a senti-lo é que se fizeram, sem que eu suspeitasse, as circunstâncias que levaram à minha evocação, a que devo o começo de minha libertação. Obrigado, portanto, a vós que tivestes piedade de mim e me haveis esclarecido.

Essa evocação não foi resultado do acaso. Como deveria ser útil a esse sofredor, os espíritos que por ele velavam, vendo que começava a compreender a enormidade de seus crimes, julgaram chegado o momento de auxiliarem-no de forma eficaz, facultando-lhe então as circunstâncias propícias²¹⁷. É um fato que temos visto acontecer muitas vezes.

Poderíamos perguntar qual seria a sorte desse espírito caso não tivesse sido evocado, bem como a de todos os espíritos sofredores que não podem sê-lo, ou daqueles nos quais não se pensa. A resposta a tal questão é que os caminhos de Deus, para a salvação das suas criaturas, são inumeráveis. A evocação é um dos meios de assisti-los, mas não é, certamente, o único, e Deus não deixa nenhum deles no esquecimento. Aliás, as preces coletivas também devem exercer sua cota de influência sobre os espíritos receptivos ao arrependimento.

Deus não poderia subordinar a sorte dos espíritos sofredores aos conhecimentos e à boa vontade dos homens. Desde que estes puderam estabelecer relações regulares com o mundo invisível, uma das primeiras consequências do Espiritismo foi ensinar aos homens o auxílio que, por intermédio dessas relações, podiam prestar a seus irmãos desencarnados. Deus quis, por esse meio, provar-lhes a solidariedade que existe entre todos os seres do Universo, estabelecendo uma lei da Natureza como base do princípio da fraternidade. Abrindo esse campo novo ao exercício da caridade, Deus mostra o lado verdadeiramente útil e sério das evocações, desviadas do seu objetivo providencial pela ignorância e a superstição. Assim, aos espíritos sofredores jamais

217. Os espíritos sofredores, diante da escuridão, imaginam-se sozinhos frente ao castigo que lhes parece eterno. Todavia, os bons espíritos que os assistem, estão constantemente examinando seus pensamentos, aguardando um lampejo de remorso, o despertar do arrependimento. Só então podem agir efetivamente, tendo respeitado o livre-arbítrio, auxiliando-o no retorno ao bem. Nunca, ninguém está efetivamente só. A solidariedade é a lei universal do mundo espiritual. (N. do E.)

faltou auxílio em época alguma, e se as evocações lhes abrem uma nova rota de salvação, os encarnados com isso ganham talvez ainda mais, porquanto as evocações representam para estes últimos uma nova oportunidade de fazer o bem, permitindo, ao mesmo tempo, que se instruem sobre as verdadeiras condições da vida futura.

JACQUES LATOUR

Assassino condenado pelo Tribunal Penal de Foix e executado em setembro de 1864.

Numa reunião espírita íntima a que estivemos presentes em Bruxelas, ocorrida no dia 13 de setembro de 1864 com a participação de sete ou oito pessoas, uma senhora que era médium psicógrafa foi convidada a escrever. Não tendo sido feita nenhuma evocação específica, a médium foi tomada por uma agitação extraordinária, escrevendo com letras muito grossas – não sem antes rabiscar violentamente o papel – as seguintes palavras: “Arrependo-me! Arrependo-me! Latour”.

Surpresos com a comunicação inesperada, sem nada que a houvesse provocado, porque ninguém pensava nesse espírito sofredor, cuja morte até então era de fato desconhecida pela maioria dos presentes, dirigimos ao espírito algumas palavras de conforto e de estímulo, fazendo-lhe depois esta pergunta:

– Que motivo teve para vir até nós, em vez de a outro lugar, já que não o chamamos?

A médium, que também é médium falante, respondeu de viva voz:

– Vi que sois almas piedosas e que teríeis compaixão de mim, enquanto outros evocam-me mais por curiosidade do que por verdadeira caridade, ou então afastam-se de mim horrorizados.

Então começou uma cena indescritível que durou ao menos meia hora. A médium – ao juntar à palavra os gestos e a expressão fisionômica – dava mostras de que o espírito havia se identificado consigo. As marcas de desespero eram por vezes tão comoventes, suas angústias e sofrimentos descritos com um tom tão doloroso, e suas súplicas tão veementes, que todos os assistentes ficaram profundamente comovidos.

Alguns ficaram até assustados com a superexcitação da médium, mas nós sabíamos que um espírito que se arrepende e que implora a piedade não ofereceria perigo algum. Se se utilizou ele de seus órgãos, foi para melhor descrever sua situação, despertando assim a nossa preocupação com sua sorte, e não como os espíritos obsessores e possessores, que têm em vista apossarem-se do médium para dominá-lo. Foi-lhe permitido isso, sem dúvida, para o benefício do espírito, mas talvez, também, para a instrução dos presentes.

Ansioso, ele prosseguiu:

Oh! Sim, piedade! Necessito muito dela, pois não sabeis como soffro... Não, vós não o sabeis, não podeis compreender... É horrível!... A guilhotina... o que é a guilhotina perto do que soffro agora? Um nada, um instante! Mas este fogo que me devora é pior, é uma morte contínua, um soffrimento sem trégua ou repouso... sem fim!

E minhas vítimas que estão aqui à minha volta... que me mostram as feridas... que me perseguem com seus olhares!... Elas estão aqui, diante de mim... Vejo-as todas... Sim, todas, vejo-as todas e não posso evitá-las... E esse mar de sangue?! Esse ouro manchado de sangue?! Tudo está aqui, sempre diante de mim... Sentis o cheiro de sangue? De sangue, sempre de sangue!... E as pobres vítimas, ei-las a implorar-me, e eu, impiedoso, que as golpeio, firo e mato! Inebria-me o sangue!

Eu acreditava que, após a morte, tudo estaria terminado, e assim é que a desafiei, desafiando a Deus, renegando-O!... Quando então julguei que estivesse aniquilado para sempre, um despertar terrível ocorre... Oh, sim, terrível!... Vejo-me cercado por cadáveres e imagens ameaçadoras... Chafurdo no sangue!... Acreditava estar morto, mas vivo!... Eu vivo para rever tudo isso! Para tudo rever, incessantemente! É pavoroso, horrível!... Pior que todos os suplícios da Terra!

Oh! Se todos os homens pudessem saber o que existe além da vida, conheceriam o alto preço a ser pago pelo mal que se faz! Não haveria mais assassinos, criminosos ou malfeitores! Quisera que todos os assassinos pudessem ver o que vejo, o que soffro... Oh! Não existiria mais nenhum... É horrível demais o que soffro!

Bem sei que mereci este soffrimento, oh, meu Deus, pois não tive piedade das minhas vítimas! Repeli suas mãos suplicantes pedindo-me que

as poupasse. Sim, fui mesmo cruel, matando-as covardemente para tomar-lhes o ouro!... Fui impiedoso. Blasfemei, meu Deus, reneguei vosso sagrado nome... *Quis enganar-me, por isso quis persuadir-me de que não existíeis...* Oh, meu Deus! Sou um grande criminoso! Compreendo agora. Mas... não tereis piedade de mim?... Sois Deus, sois a bondade, a misericórdia! Sois o Todo-Poderoso!

Piedade, Senhor! Oh, piedade, piedade! Suplico que não sejais implacável! Livrai-me desta visão odiosa, destas imagens horríveis... deste sangue... de minhas vítimas, *cujo olhar perfura-me até o coração, como um golpe de punhal.*

Vós que estais aqui e que me ouvis, sois almas boas, caridosas. Sim, posso vê-lo, tendes piedade de mim, não é? Vós rogareis por mim... Oh, suplico-vos, não me rejeiteis. Vós pedireis a Deus que retire esse horrível espetáculo de ante meus olhos. Ele há de escutar-vos, porque sois bons... Peço que não me rejeiteis como outrora rejeitei os outros... Orai por mim!²¹⁸

Os assistentes, sensibilizados com os lamentos, dirigiram-lhe palavras de encorajamento e de consolação:

Deus não é inflexível, mas exige do culpado o arrependimento sincero e o desejo de reparar o mal que fez. Como o seu coração não está insensível, e pede a Deus o perdão de seus crimes, Ele há de estender-lhe a sua misericórdia, desde que tenha firmeza em suas resoluções para reparar o mal praticado²¹⁹. Não poderá, sem dúvida, devolver a suas vítimas a vida que lhes tirou, mas, pedindo com fervor, Deus permitirá que torne a encontrá-las em uma nova existência, quando poderá então demonstrar-lhes tanto

218. Esse quadro terrível no qual o espírito culpado se encontra, longe de ser uma vingança em resposta aos seus crimes, trata-se de oportunidade adequada para propiciar o seu arrependimento, como Kardec afirma no item 4º do cap. VIII: “*estando sua atenção concentrada incessantemente sobre as consequências desse mal, compreende-lhe melhor os inconvenientes e é motivado a corrigir-se*”. (N. do E.)

219. Essa explicação corresponde ao item 20º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “O meio de evitar ou atenuar as consequências de seus defeitos na vida futura é desfazer-se deles o máximo possível durante a vida presente, reparar o mal”. (N. do E.)

devotamento quanto crueldade teve com elas anteriormente. E quando Deus julgar a reparação suficiente, conquistará sua graça. A duração de seu castigo está, desta forma, em suas próprias mãos, dependendo apenas de sua própria ação para abreviá-lo. Prometemos ajudá-lo com nossas preces, rogando-lhe a assistência dos bons espíritos. Para auxiliá-lo, faremos a prece que se encontra em *O Evangelho segundo o Espiritismo* para os espíritos sofredores e arrependidos. Não leremos a prece para os maus espíritos, pois, como se arrepende, rogando a Deus e renunciando ao mal, torna-se, aos nossos olhos, apenas um espírito infeliz, e não mau.

Feita a prece, e após alguns instantes de calma, o espírito tornou a falar:

Obrigado, meu Deus!... Oh! Obrigado, tivestes piedade de mim! As horríveis imagens se afastam... Não me abandoneis, enviai-me bons espíritos para me sustentarem... Obrigado.

Após essa cena, a médium permaneceu por algum tempo cansada, abatida e com os membros doloridos. Ela teve a lembrança, inicialmente confusa, do que acabara de acontecer. Depois, aos poucos, lembrou-se de algumas palavras que pronunciou contra a própria vontade, percebendo que não era ela quem falara.

No dia seguinte, em uma nova reunião, o espírito voltou a manifestar-se, recomeçando, dessa vez por apenas alguns minutos, a cena da véspera, com a mesma gesticulação expressiva, mas menos violenta. Depois escreveu as seguintes palavras, através da mesma médium, com agitação febril:

Obrigado por vossas preces. Sensível melhora já se produziu em mim. Orei a Deus com tal fervor que Ele permitiu que se abrandassem meus sofrimentos momentaneamente. Mas hei de vê-las ainda, as minhas vítimas... Ei-las! Podeis ver este sangue?...

A prece da véspera foi então repetida. O espírito continuou depois disso, dirigindo-se à médium:

Perdão por apossar-me de seu corpo. Obrigado pelo alívio que assim proporcionou a meus sofrimentos. Perdão por todo o desconforto que lhe

ocasionei, mas tenho necessidade de manifestar-me, e somente consigo fazê-lo por seu intermédio...

Obrigado, obrigado! Recebi algum alívio já, mas estou longe do fim de minhas provas. Em breve minhas vítimas retornarão: eis a minha punição. Eu a mereci, meu Deus, mas sede indulgente!

Orai vós todos por mim, por piedade!

Latour

Não se pode deixar de ressaltar a profundidade e a grande importância de algumas palavras que essa comunicação encerra. Ela oferece, além disso, um dos aspectos das regiões dos espíritos que passam por castigos, acima das quais, no entanto, paira sempre a misericórdia de Deus. A alegoria mitológica das Eumênides não é tão ridícula quanto se supõe, e os demônios – carrascos oficiais do mundo invisível, que as substituem nas crenças modernas – são menos verossímeis, com seus chifres e tridentes, do que as vítimas que servem, elas mesmas, de algozes dos culpados.

Admitindo-se a identidade desse espírito, talvez surpreenda a mudança tão rápida em seu estado moral. É que, muitas vezes, como já ponderamos anteriormente, existem mais recursos em um espírito brutalmente mau do que naquele que é dominado pelo orgulho, ou que esconde seus vícios sob o manto da hipocrisia²²⁰. A rápida mudança rumo a melhores sentimentos indica uma natureza mais selvagem que perversa, à qual faltava apenas um bom direcionamento. Comparando sua linguagem com a de um outro criminoso – cujo caso, denominado “Castigo pela luz”, veremos mais adiante –, é fácil verificar qual dos dois é mais avançado moralmente, apesar da diferença de instrução e de posição social. Um obedecia a um instinto natural de ferocidade, uma espécie de superexcitação, ao passo que o outro empregava, na realização de seus crimes, a calma e o sangue-frio em mesurada e perseverante combinação, desafiando, por orgulho, mesmo depois de morto, o castigo imposto. Este último sofre, mas não o confessa, enquanto aquele de pronto oferece a própria submissão. Pode-se daí prever qual dos dois sofrerá por mais tempo.

220. Para o espírito culpado, que sabe de sua responsabilidade, o arrependimento está sempre próximo. Aquele que nega sua culpa, ou revolta-se pelo orgulho, vive a ilusão de que Deus estaria lhe castigando por vingança, e então fica ainda mais endurecido, prolongando seus sofrimentos. (N. do E.)

Um membro da Sociedade Espírita de Paris, que havia orado por esse espírito sofredor, evocando-o posteriormente, dele obteve as seguintes comunicações em diferentes ocasiões:

I

Fui evocado pouco após a minha morte e não pude comunicar-me de imediato, conquanto muitos espíritos levianos tenham-me tomado o nome e o lugar. Aproveitei a presença do presidente da Sociedade de Paris em Bruxelas e, com a permissão dos espíritos superiores, pude então comunicar-me.

Voltarei a comunicar-me na Sociedade e farei revelações que representarão um começo de reparação de minhas faltas, além de servir de ensinamento para todos os criminosos que lerão minhas palavras, refletindo com a narrativa de meus sofrimentos.

Os discursos sobre as penas do Inferno têm pouco efeito sobre os espíritos culpados, pois estes não creem em tais imagens, que amedrontam apenas crianças e homens fracos. Ora, um grande malfeitor não é um espírito pusilânime, e o medo de um agente policial tem maior eficácia sobre ele do que a descrição dos tormentos do Inferno. Eis por que todos aqueles que me lerem serão impressionados por minhas palavras e por meus sofrimentos, pois não são suposições. Não há um só padre que possa dizer que viu o que eu vi, que tenha assistido como eu à tortura dos condenados. Mas eu posso dizer: “Eis o que se passou após a morte de meu corpo, e esta foi a minha desilusão ao reconhecer que não estava morto como esperava, e que o que eu imaginava ser o fim de meus sofrimentos era o começo de torturas indescritíveis”. Com isso, mais de um deles há de deter-se à beira do precipício onde cairia. Cada infeliz que eu fizer desistir da senda do crime servirá para resgatar uma de minhas faltas. É assim que o bem sai do mal, e que a bondade de Deus se manifesta por toda parte, na Terra como no Espaço.

Para comunicar-me convosco foi-me permitido ser libertado da visão de minhas vítimas – transformadas em meus carrascos. Ao deixar-vos, po-

rém, voltarei a vê-las, e só esse pensamento causa-me tal sofrimento que não o conseguiria descrever. Sou feliz quando me evocam, porque assim posso deixar meu Inferno por alguns instantes. Orai sempre por mim, rogando ao Senhor que me liberte da visão de minhas vítimas.

Sim, oremos juntos, a prece faz tanto bem! Estou mais aliviado, não sinto ser mais tão pesado o fardo que me martiriza. Vejo um clarão de esperança a luzir-me nos olhos e, arrependido, eu exclamo: Bendita seja a mão de Deus! Que seja feita a sua vontade!

II

O médium:

Em vez de pedir a Deus para livrá-lo da visão de suas vítimas, convoco-o a orar comigo, pedindo a Deus que lhe dê forças para suportar essa tortura expiatória.

Latour:

Eu preferiria antes ser libertado de tal visão. Se soubesse como soffro! O homem mais insensível ficaria emocionado se pudesse ver, marcados em meu rosto, como que a fogo, os sofrimentos de minha alma. Mas farei o que me aconselha. Compreendo que seja um meio de expiar mais rapidamente as minhas faltas, qual operação dolorosa que me restituirá a saúde ao corpo gravemente enfermo.

Ah, se me pudessem ver os culpados da Terra! Como ficariam apavorados com as conseqüências de seus crimes que, invisíveis aos homens, são vistos pelos espíritos! Como a ignorância é fatal para tantos coitados!

Quanta responsabilidade assumem aqueles que negam a instrução às classes mais pobres da sociedade! Creem que com guardas e a polícia podem prevenir os crimes. Como se enganam!...

III

Os sofrimentos de que padeço são terríveis, mas, depois de suas preces, sinto-me assistido por bons espíritos que me estimulam a ter esperança. Compreendo a eficácia do remédio heroico que me recomendou e peço ao Senhor que me conceda forças para suportar esta difícil expiação. Ela é igual, posso assegurar, ao mal que fiz. Não pretendo encontrar desculpas para as minhas perversidades, mas ao menos, exceto por alguns instantes de terror que precederam o momento da morte, uma vez cometido o crime, a dor cessou para cada uma de minhas vítimas, e aquelas que haviam terminado suas provas na Terra foram receber a recompensa que as aguardava. Quanto a mim, no entanto, desde o meu regresso ao mundo dos espíritos, não deixei de sofrer as dores do Inferno, exceto nos curtos momentos em que me comuniquei.

Os padres, apesar da descrição terrível das penas que os condenados sofrem, têm apenas uma vaga ideia dos verdadeiros sofrimentos que a justiça de Deus inflige aos filhos que violaram sua lei de amor e de caridade. Como convencer as pessoas racionais de que uma alma – ou seja, algo imaterial – possa sofrer ao contato do fogo material? É um absurdo, razão por que tantos criminosos riem dos quadros fantásticos do Inferno. Porém, o mesmo não se dá com a dor moral do condenado após a morte física. Ore por mim, para que não me tome o desespero.

IV

Agradeço-lhe por fazer-me entrever este objetivo glorioso, o qual sei que alcançarei quando houver me purificado.

Sofro muito, mas parece-me que meus sofrimentos diminuem. Eu não posso crer que no mundo dos espíritos a dor diminua porque nos habituamos a ela aos poucos. Não. O que percebo é que as suas bondosas preces aumentaram-me as forças, e, *conquanto minhas dores sejam as mesmas, em sendo minha força maior, eu sofro menos.*

Meu pensamento volta-se para minha última existência, para as faltas que eu poderia ter evitado se soubesse orar. Hoje compreendo a eficácia da prece. Compreendo a força dessas mulheres honestas e piedosas, frágeis pela carne, mas fortes pela sua fé. Compreendo esse mistério que os pretensos sábios da Terra ignoram. Prece! Palavra que por si só provoca o riso dos intelectos orgulhosos. Ouço-os aqui, do mundo dos espíritos, e quando o véu que lhes encobre a verdade rasgar-se diante de seus olhos, hão de prostrar-se, por sua vez, aos pés do Eterno, a quem desprezaram, e ficarão felizes humilhando-se, para reabilitarem-se de seus pecados e crimes! Eles compreenderão então a virtude da prece.

Orar é amar, e amar é orar! Eles então amarão o Senhor, e hão de dirigir-Lhe suas preces de amor e de reconhecimento, regenerados pelo sofrimento – pois sofrerão; e rogarão, como eu, para ter a força de expiar e sofrer. E quando deixarem de sofrer, hão de orar para agradecer ao Senhor pelo perdão merecido por sua submissão e resignação. Oremos, irmão, para que me fortaleça mais...

Oh! Obrigado, irmão, por sua caridade, pois fui perdoado. Deus livrou-me da visão de minhas vítimas. Oh, meu Deus! Bendito sejais por toda a eternidade, pela graça que me concedeis! Oh, meu Deus! Sinto a enormidade de meus crimes e encho-me de assombro perante vossa onipotência. Senhor! Dedico-Vos meu amor, de todo o meu coração, pedindo-Vos a graça de permitir, quando for de Vossa vontade, enviar-me de volta à Terra para enfrentar novas provas, como missionário da paz e da caridade, ensinando as crianças a pronunciar com respeito o Vosso nome. Que eu possa – eu peço a Vós – ensiná-las a amar-Vos, o Pai de todas as criaturas. Oh! Obrigado, meu Deus! Sou um espírito arrependido e meu arrependimento é sincero. Amo-Vos, Senhor, tanto quanto o meu impuro coração, consegue compreender tal sentimento, pura emanção da Vossa Divindade. Irmão, oremos, porque meu coração transborda de gratidão. Estou livre, meus grilhões partiram-se, não sou mais um réprobo, sou um espírito sofredor, mas arrependido, e quero que meu exemplo possa deter – antes que hajam transposto a fronteira do crime – todas estas mãos transgressoras que vejo prestes a levantarem-se. Oh! Detende-vos, irmãos, recuai, porque as torturas que preparais para vós mesmos são terríveis! Não acrediteis que o Senhor possa escutar de imediato a prece de seus filhos. São séculos e séculos de tortura que vos aguardam!

O guia do médium:

Alegas não compreender as palavras do espírito. Tente imaginar a emoção que dele toma conta e sua gratidão pelo Senhor. Ele não acredita que as possa exprimir e testemunhar de melhor forma do que tentando deter todos os criminosos que pode ele ver, mas não tu. Ele deseja que suas palavras possam chegar até eles. Mas o que ele não te disse, porque ainda o ignora, é que lhe será permitido começar missões reparadoras. Ele irá para junto de seus cúmplices, procurando inspirar-lhes o arrependimento e plantando em seus corações a semente do remorso. Por vezes vemos na Terra pessoas que acreditamos ser honestas, que vão aos pés de um padre acusarem-se de um crime. É o remorso que as obriga a fazer a confissão de sua falta. E se o véu que te separa do mundo invisível se levantasse, frequentemente verias um espírito, cúmplice ou mentor de um crime, vir, tal como o fará Jacques Latour, procurar a reparação da própria falta, inspirando o remorso ao espírito encarnado.

Teu guia protetor

A médium de Bruxelas, que havia recebido a primeira manifestação de Latour, dele mais tarde obteve a mensagem a seguir:

Nada mais receie de mim. Estou mais tranquilo, conquanto ainda sofra. Deus teve piedade de mim, pois viu o meu arrependimento. *Agora sofro por conta desse arrependimento, que revelou a enormidade de minhas faltas.*

Se tivesse sido bem aconselhado na vida, jamais teria praticado todo esse mal. Não me foram, entretanto, reprimidos meus instintos, aos quais então obedeci, sem conhecer freio algum. Se todos os homens pensassem mais em Deus, ou ao menos se n'Ele acreditassem, semelhantes crimes jamais seriam cometidos.

A justiça dos homens é falha, no entanto. Por uma falta às vezes muito leve, um homem pode ser levado à prisão, que é sempre um lugar de perdição e perversão. Dali ele sai completamente corrompido pelos maus conselhos e exemplos que recebeu. Porém, se a sua índole é boa e forte o bastante para resistir ao mau exemplo, ele vê, ao sair da prisão, que se lhe fecham todas as portas, que se lhe retraem todas as mãos, que o repelem

todos os corações honestos. O que lhe resta então? O desprezo, a miséria, o abandono e o desespero, se é que ele abriga em si a resolução salutar de corrigir-se. A miséria então o leva a fazer qualquer coisa, e passa, também ele, a desprezar o seu semelhante, a odiá-lo, perdendo assim toda a noção do bem e do mal ao ver-se desprezado – ele que, no entanto, havia decidido tornar-se um homem honesto. Para obter o necessário, ele rouba; às vezes mata – depois condenam-no à guilhotina!

Meu Deus! No momento em que minhas alucinações ameaçam retornar, sinto vossa mão que se estende sobre mim, sinto vossa bondade que me envolve e protege. Obrigado, meu Deus! Em minha próxima existência usarei minha inteligência e meus recursos para socorrer os infelizes que sucumbiram e para preservá-los da queda.

Obrigado, a vós que não vos negais a entrar em comunicação comigo. Não tendes receio, podeis ver que não sou mau. Quando pensardes em mim, não me imagineis pelo que de mim vistes, mas como um pobre espírito angustiado a agradecer-vos a compaixão.

Adeus. Evocai-me ainda e orai a Deus por mim.

Latour

Estudo sobre o espírito Jacques Latour

“Sofro por conta desse arrependimento, que revelou a enormidade de minhas faltas.” Tais palavras encerram um pensamento profundo. O espírito só compreende realmente a gravidade de suas más ações ao arrepender-se. O arrependimento provoca o pesar, o remorso. É um sentimento doloroso que representa a transição do mal para o bem, da enfermidade moral para a saúde moral. É para fugir disso que os espíritos perversos tornam-se surdos à voz da consciência, como os doentes que recusam o remédio que os deve curar. Tentam iludir-se, confundir-se, assim persistindo no mal²²¹. Latour chegou a

221. Essa explicação corresponde ao item 23º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “Sendo as penas temporárias e subordinadas ao arrependimento, que é o fato da livre vontade do homem, são ao mesmo tempo os castigos e os remédios que devem ajudar a curar as feridas do mal (...)”. O espírito persistente no mal, interpretando sua infelicidade (que é de sua responsabilidade) como castigo divino, revolta-se e fica inconsciente da sua real situação. Essa é a origem da ilusão da

essa fase em que a dureza acaba por ceder. O remorso penetrou-lhe o coração, vindo em seguida o arrependimento. Ele compreende a extensão do mal que fez, a própria torpeza, e com isso sofre, razão por que afirmou: “Sofro por conta desse arrependimento.” Em sua existência precedente ele deve ter sido ainda pior do que na última, uma vez que, se se tivesse arrependido como o fez agora, a vida subsequente teria sido melhor. As resoluções que tomou agora influirão em sua existência terrestre futura. A que ele acabou de deixar, por mais criminosa que tenha sido, marcou para ele uma etapa de progresso. É mais que provável que antes de iniciá-la ele fosse, na erraticidade, um desses espíritos rebeldes, obstinados no mal, como vemos frequentemente.

Muitas pessoas perguntam qual seria o proveito dessas existências passadas, já que não se pode lembrar o que se foi nem o que se fez.

Essa questão fica completamente resolvida ao constatararmos que, se o mal que cometemos foi apagado da memória, e se dele não nos resta nenhum traço no coração, lembrarmo-nos dele seria inútil, porquanto com ele não temos mais que nos preocupar. Quanto ao mal de que não nos despojamos ainda por completo, nós o conhecemos através de nossas tendências atuais, e é para estas que devemos voltar toda a nossa atenção. É suficiente saber o que somos, sem que seja necessário saber o que fomos.

Quando consideramos a dificuldade que há durante a vida para a reabilitação do culpado, por mais arrependido que esteja, assim como a reprovação de que se torna objeto, devemos abençoar a sábia decisão divina de lançar um véu sobre o passado. Se Latour tivesse sido condenado à prisão por um tempo limitado, ou até mesmo absolvido, seus antecedentes fariam com que fosse rejeitado pela sociedade. Quem haveria de acolhê-lo na intimidade, apesar de seu arrependimento? Os sentimentos que manifesta hoje como espírito dão-nos a esperança de que, em sua próxima existência terrestre, ele será um homem honesto, estimado e respeitado. Porém, supondo-se que se saiba que ele foi Latour, a reprovação continuaria a persegui-lo ainda. O véu lançado sobre o seu passado abre-lhe a porta da reabilitação. Ele poderá sentar-se sem receio ou vergonha entre as pessoas mais honradas. Quantas pessoas não desejariam, a qualquer custo, poder apagar da memória dos homens certos anos de sua existência!

heteronomia. Quando ele se arrepende, torna-se consciente das leis da justiça divina, cuja natureza é a autonomia moral, retomando seu aperfeiçoamento.

Encontre-se, então, doutrina que esteja mais em harmonia com a justiça e a bondade de Deus do que esta! Ademais, esta doutrina não é uma teoria, mas o resultado da observação. Não foram os espíritas que a imaginaram – eles viram e observaram as diferentes situações em que se apresentam os espíritos; procuraram explicá-las, e dessa explicação surgiu a doutrina. Se foi aceita, é porque resulta de fatos, e ainda por lhes parecer mais racional que todas as outras formuladas até hoje acerca do futuro da alma.

Não se pode negar que essas comunicações encerrem um importante ensinamento moral. O espírito pode ter sido – e provavelmente o foi – ajudado em suas reflexões e sobretudo na escolha de suas expressões por espíritos mais avançados. No entanto, em casos semelhantes, estes últimos só auxiliam na forma, e não na essência, e jamais colocam o espírito inferior em contradição consigo mesmo. Eles podem, no caso de Latour, ter dado contornos poéticos a seu arrependimento, mas não o teriam feito exprimir o arrependimento contra a sua vontade, pois o espírito conta com o próprio livre-arbítrio. Eles perceberam em Latour a semente dos bons sentimentos, razão por que o ajudaram a expressar-se, assim contribuindo para a expansão de tais sentimentos, ao mesmo tempo que pediram compaixão para ele.

Existe algo mais notável, mais elevado e capaz de impressionar mais vivamente do que a cena desse grande criminoso arrependido, externalizando seu desespero e remorso? Desse criminoso que, torturado e perseguido pelo olhar incessante de suas vítimas, eleva seu pensamento a Deus para implorar-Lhe a misericórdia? Não é um salutar exemplo para os culpados? Compreende-se a natureza de suas angústias, elas são críveis e terríveis, ainda que simples e desprovidas de encenações fantasmagóricas.

Poderíamos, talvez, estranhar uma mudança tão grande em um homem como Latour. Mas por que ele não se arrependeria? Por que não haveria nele um ponto sensível, transformador? O culpado deve então estar para sempre votado ao mal? Não chega um momento em que se produza a luz em sua alma? Esse momento havia chegado para Latour. Está aí precisamente o lado moral de suas comunicações: o entendimento que ele tem de sua situação, seus lamentos, seus planos de reparação que são eminentemente instrutivos. Haveria algo de extraordinário se tivesse demonstrado um arrependimento sincero antes de morrer – se tivesse dito antes o que veio a dizer depois? Não temos disso numerosos exemplos?

Um ato de contrição antes da morte teria passado por fraqueza aos olhos da maior parte dos seus semelhantes. Sua voz do além-túmulo é a revelação do futuro que os espera. Ele enuncia uma verdade absoluta quando diz que seu exemplo é mais apropriado para conduzir os culpados ao caminho do bem do que a perspectiva das chamas do Inferno e até mesmo da guilhotina. Por que, então, não divulgar seu exemplo nas prisões? Isso faria mais de um culpado refletir, do que já temos aliás vários exemplos. Porém, como crer na eficácia das palavras de um morto, se se acredita que tudo termina com a morte? Dia virá, no entanto, em que se reconhecerá esta verdade: os mortos podem vir instruir os vivos.

Há muitos outros ensinamentos importantes que se podem tirar dessas comunicações. Primeiramente, temos a confirmação do princípio de eterna Justiça, segundo o qual o arrependimento não é suficiente para elevar o culpado à categoria dos eleitos. O arrependimento é o primeiro passo na direção da reabilitação, atraindo a misericórdia de Deus. É o prelúdio do perdão e do alívio dos sofrimentos. Mas Deus não absolve incondicionalmente: compete ao culpado expiar e, sobretudo, reparar as faltas. É o que Latour compreende e para o que se prepara.

Em segundo lugar, se compararmos esse criminoso ao de Castelnaudary, perceberemos uma grande diferença no castigo aplicado. No caso deste último, o arrependimento foi mais tardio e, portanto, mais longa a pena. Além disso, sua punição foi quase material, ao passo que, no caso de Latour, o sofrimento é moral. Como dissemos antes, o intelecto do espírito de Castelnaudary era bem menos desenvolvido que o de Latour, sendo necessário algo que pudesse impressionar os sentidos mais limitados daquele. As penas morais, porém, não são menos contundentes para aquele que chegou ao grau necessário para compreendê-las, algo que se pode constatar no pesar de Latour, que não expressa cólera, mas remorso, seguido prontamente do arrependimento e do desejo de reparação, com vistas ao próprio progresso.

CAPÍTULO VII

Espíritos endurecidos

O CASTIGO PELA LUZ

Em uma das sessões da Sociedade Espírita de Paris, em que se havia discutido a questão da perturbação que geralmente ocorre após a morte, um espírito ao qual ninguém havia feito alusão e que não se pretendia evocar, manifestou-se espontaneamente pela seguinte comunicação, que, conquanto não viesse assinada, nela pudemos reconhecer sem dificuldades um grande criminoso que a justiça humana havia acabado de punir:

Que dizeis da perturbação? Por que tais palavras vãs? Sois sonhadores e amantes de utopias. Ignorais completamente o assunto do qual vos ocupais. Não, senhores, a perturbação não existe, salvo, talvez, em vossos cérebros. Estou terminantemente morto, tanto quanto possível – e vejo claro em mim, ao meu redor, por toda a parte!... A vida é uma triste comédia. São ineptos os que se retiram de cena antes que caia o pano! A morte é terror, castigo ou desejo, conforme a fraqueza ou a força daqueles que a temem, a desafiam ou por ela imploram. Para todos ela é um amargo escárnio!... *E esta luz que me ofusca e que me perfura a sutileza do ser, qual aguçada flecha!*... Castigaram-me com as trevas da prisão, e acreditaram castigar-me ainda com as trevas do túmulo, ou com aquelas sonhadas pelas superstições católicas. Pois bem, sois vós, senhores, que sofreis a escuridão, e eu, o degradado social, paio acima de vós... Eu quero permanecer o que

sou!... Sou forte pelo pensamento e desdenho as advertências que ecoam ao meu redor... Vejo com clareza: Um crime... é uma palavra! O crime existe por toda a parte. Quando é cometido pela multidão, glorificam-no; praticado por um indivíduo é uma torpeza. Absurdo!

Não quero que se compadeçam de mim... Nada peço... Não preciso do auxílio de ninguém e saberei lutar contra *esta odiosa luz*.

Aquele que ontem era um homem

Essa comunicação foi analisada na sessão seguinte, e, no cinismo mesmo da linguagem, reconheceu-se um ensinamento importante. Vemos na situação desse espírito infeliz uma nova modalidade de castigo que os culpados enfrentam. De fato, enquanto uns são lançados nas trevas ou num isolamento absoluto, outros sofrem durante longos anos as angústias de seu último momento, ou julgam-se ainda vivendo na Terra. Aqui, a luz brilha para o espírito. Ele goza da plenitude de suas faculdades, sabe perfeitamente que está morto e não se lamenta de nada, não pede nenhuma ajuda e ainda desafia as leis divinas e humanas. Quer isto então dizer que ele escapou do castigo? Não. O que acontece é que a justiça de Deus é manifestada de muitas formas, e o que faz a alegria de uns representa um tormento para outros. A luz constitui um suplício para esse espírito, obstinando-se contra ela, mas reconhecendo a perturbação que lhe causa, quando diz, malgrado o próprio orgulho: “Não preciso do auxílio de ninguém e saberei lutar contra esta odiosa luz”. Reconhece-o igualmente na frase: “E esta luz que me ofusca e que me perfura a sutileza do ser, qual aguçada flecha!”. A expressão *sutileza do ser* é marcante, pois nela o espírito reconhece que seu corpo é fluídico e penetrável pela luz de que não pode escapar, luz que o penetra como uma aguçada flecha.

Nossos guias espirituais, instados a dar sua apreciação sobre o assunto, ditaram as três comunicações a seguir, dignas da mais séria atenção:

I

Evidentemente, do ponto de vista das existências, os espíritos na errática encontram-se na inatividade e espera. Mas, ainda assim, podem ex-

piar, desde que, por conta do orgulho e da teimosia irredutível e caprichosa de seus erros, não se detenham no processo de gradual ascensão, como mostra o terrível exemplo desse espírito recalcitrante no crime, a debater-se contra a justiça divina, que o apanha depois da dos homens. Neste caso, então, a expiação, ou antes o sofrimento inexorável que os atormenta, em vez de ser-lhes proveitoso e de fazê-los entender a profunda razão de sua punição, exacerba-lhes a revolta, arrancando-lhes os murmúrios que as Escrituras, em sua poética eloquência, chama de *ranger de dents* – expressiva figura de linguagem! –, a mostrar o sofrimento alquebrado, mas ainda insubmisso, perdido na própria dor, mas cuja revolta ainda é grande o bastante para recusar-se a reconhecer a legitimidade do castigo e da recompensa!

Os grandes erros perduram com frequência, se não quase sempre, no mundo dos espíritos, assim como se mantêm as grandes consciências criminosas. A determinação de ser quem são, apesar de tudo, exibindo a pretensa independência diante do infinito, lembra a fatuidade do homem que contempla as estrelas, tomando-as por ilustrações pintadas num teto, tal como acreditavam os gauleses no tempo de Alexandre.

O infinito moral existe! Miserável e ínfimo é quem, a pretexto de perpetuar a luta e a arrogância abjetas da Terra, não enxerga mais longe no outro mundo do que enxergava neste. A este último restam apenas a cegueira, o desprezo alheio, o personalismo egoísta e mesquinho e o adiamento do progresso! É incontestável, oh, homens, que há uma invisível concordância entre a imortalidade de um nome puro deixado na Terra e a imortalidade que os espíritos realmente preservam em suas provas sucessivas.

Lamenais

II

Precipitar um homem nas trevas ou num oceano de luz não resultará no mesmo? Tanto num como noutro caso, ele não verá nada do que o cerca, e certamente haveria de acostumar-se mais rapidamente com a sombra do que com a enfadonha claridade elétrica em que possa estar imerso.

Assim é que o espírito que se comunicou na última sessão expressa bem a verdade de sua situação quando exclama: ‘saberei lutar contra esta odiosa luz’. De fato, essa luz é tanto mais terrível, tanto mais medonha, quanto mais completamente atravessa-lhe o ser, tornando visíveis e evidentes seus pensamentos mais secretos. Aí está um dos lados mais duros de seu castigo espiritual. O espírito está, por assim dizer, internado na casa de vidro pedida por Sócrates, e aí vemos ainda um outro ensinamento, porquanto, o que seria a alegria e consolação do sábio, torna-se a punição infamante e contínua do perverso, do criminoso, do parricida, alarmado ao ver desnudar-se a própria personalidade.

Podeis compreender, meus filhos, a dor e o terror que devem recair sobre aquele que, durante uma existência sinistra, comprazia-se em combinar, em maquirar as mais deploráveis atrocidades em seu foro íntimo, onde se refugiava qual fera em sua caverna, e que se vê agora expulso do covil íntimo em que se esquivava ao olhar e à investigação de seus pares? Foi-lhe agora arrancada a máscara da indiferença e estampa-se sucessivamente agora na face cada um de seus pensamentos!

Sim, doravante não haverá repouso ou refúgio para esse formidável criminoso. Cada mau pensamento – e Deus sabe quando um deles manifesta-se em sua alma – revela-se por fora e por dentro dele, como sob a ação de um choque elétrico superior. Ele procura ocultar-se em meio à multidão, mas a odiosa luz penetra-lhe o ser continuamente. Ele quer fugir, e dispara, ofegante, em desenfreada corrida pelo espaço imensurável... Mas, por toda parte a luz! Por toda parte os olhares que se fixam nele! Corre novamente, então, em busca da sombra, da noite, mas a sombra e a noite não mais existem para ele. Chama a morte em seu socorro, mas a morte é apenas uma palavra sem sentido. O infeliz foge ainda! *Ele caminha para a loucura espiritual* – castigo terrível, dor medonha – em que se vai debater consigo mesmo, a fim de libertar-se de si mesmo. Porque tal é a lei suprema além da Terra: o culpado é que torna a si próprio, por si mesmo, seu inevitável castigo.

Quanto tempo isso vai durar? Até o momento em que sua vontade, enfim vencida, curvar-se sob o golpe dilacerante do remorso, em que se humilhará a altivez de seu semblante diante das vítimas apaziguadas e dos espíritos de justiça. Observai ainda a elevada lógica das leis imutáveis, por-

quanto ele um dia adotará a postura que descreveu na desdenhosa mensagem que transmitiu na última sexta-feira – mensagem tão clara, lúcida e tristemente cheia de si mesmo – quando ele decidir libertar-se por um ato da própria vontade.

Erasto

III

A justiça humana não faz distinção da individualidade dos seres que castiga. Julgando o crime pelo próprio crime, ela atinge indistintamente aqueles que o cometeram, aplicando a mesma pena ao culpado sem distinção de sexo, e qualquer que seja a sua educação. A justiça divina procede de forma diferente: *as punições correspondem ao grau de adiantamento dos seres a que elas são aplicadas*. A igualdade do crime não implica igualdade entre os indivíduos: dois homens que tenham cometido idênticas faltas podem estar distanciados pelas circunstâncias das provações de cada um, posicionando um deles nos graus iniciais pela limitação de seu intelecto, enquanto o outro, tendo-os há muito transcendido, possui a lucidez que liberta o espírito da confusão. No caso deste último, não são mais as trevas que castigam, mas o caráter penetrante da luz espiritual, que, ao trespassar a inteligência terrestre, faz com que esta sinta a dor de uma chaga em carne viva.

Os seres desencarnados perseguidos pelas imagens de seus crimes enfrentam o choque da eletricidade física, sofrendo pelos sentidos. Os que já estão desmaterializados pelo espírito sentem uma dor muito superior que lhes aniquila, com suas ondas de amargura, a recordação dos fatos, deixando subsistir apenas a consciência de suas causas.

O homem pode, portanto, apesar do caráter criminoso de suas ações, possuir um adiantamento interior, e, conquanto as paixões o façam agir como um bruto, suas apuradas faculdades o elevam acima da espessa atmosfera das camadas inferiores. A ausência de ponderação ou equilíbrio entre o progresso moral e o intelectual é que produz as anomalias tão frequentes em épocas de materialismo e de transição.

A luz que tortura o espírito culpado é, portanto, exatamente o raio espiritual a inundar de claridade os escaninhos recônditos de seu orgulho,

mostrando-lhe a futilidade de seu ser fragmentário. São esses os primeiros sintomas, as primeiras angústias da agonia espiritual, que prenunciam a separação ou dissolução dos elementos intelectuais e materiais que compõem a primitiva dualidade humana, e que devem desaparecer na unidade grandiosa do ser pleno.

Jean Reynaud

Essas três comunicações, obtidas simultaneamente, completam-se mutuamente, apresentando o castigo sob um novo aspecto, eminentemente filosófico e racional. É provável que os espíritos, ao querer tratar da questão baseados em um exemplo, tenham provocado, com tal propósito, a comunicação espontânea do espírito culpado.

A par deste quadro, que foi baseado em um fato, vejamos, para estabelecermos um paralelo, um outro quadro, apresentado por um padre em sua prédica sobre o Inferno, por ocasião da Quaresma de 1864, em Montreuil-sur-Mer:

O fogo do Inferno é milhões de vezes mais intenso que o da Terra, e se um dos corpos que se queimam por lá, sem se consumirem, viesse a ser lançado sobre o nosso planeta, ele haveria de empestear-lo de um extremo ao outro! O Inferno é vasta e sombria caverna, crivada de pregos pontiagudos, de lâminas de espadas muito aceradas, de lâminas de navalhas afiadíssimas, em que são lançadas as almas dos réprobos. (*V. Revue Spirite*, julho de 1864, p. 199.)

ANGÈLE, NULIDADE SOBRE A TERRA

Bordeaux, 1862.

Um espírito apresentou-se espontaneamente ao médium pelo nome de Angèle.

1. Arrepende-se de suas faltas?

R. Não.

1a. Então, por que veio até mim?

R. Para experimentar.

1b. Então não é feliz?

R. Não.

1c. E sofre?

R. Não.

1d. O que é que lhe falta?

R. A paz.

Certos espíritos classificam como sofrimentos apenas o que lhes lembra as dores físicas, admitindo, no entanto, que seu estado moral é intolerável.

2. Como pode ser que lhe falte a paz na vida espiritual?

R. Um pesar do passado.

2a. O pesar do passado é um remorso, arrepende-se então?

R. Não, é por medo do futuro.

2b. O que teme?

R. O desconhecido.

3. Poderia dizer-me o que fez em sua última existência? Isso talvez possa ajudar em seu esclarecimento.

R. Nada.

4. Qual era a sua posição social?

R. Mediana.

4a. Foi casada?

R. Casada e mãe.

4b. Cumpriu com zelo os deveres dessa dupla posição?

R. Não, entediava-me o meu marido, meus filhos também.

5. Como passou a vida?

R. A divertir-me na juventude, entediando-me como esposa.

5a. Quais eram as suas ocupações?

R. Nenhuma.

5b. Quem, então, cuidava de sua casa?

R. A empregada doméstica.

6. Não é nessa inutilidade que é preciso procurar a causa de seus pesares e medos?

R. Talvez tu tenhas razão.

6a. Não basta admitir o fato. Quer, para reparar a existência inútil, ajudar os espíritos culpados que sofrem à nossa volta?

R. Como?

6b. Ajudando-os a melhorarem-se através de seus conselhos e preces.

R. Eu não sei orar.

6c. Nós vamos orar juntos; poderá assim aprender. Gostaria de fazer isso?

R. Não.

6d. Por quê?

R. É cansativo.

Instrução do guia do médium:

As instruções que vos damos colocam-vos sob os olhos os diversos graus de sofrimento e as diversas posições dos espíritos condenados à expiação em consequência de suas faltas.

Angèle era uma dessas criaturas sem iniciativa, cuja vida é tão inútil aos outros quanto a si mesmas. Amando somente o prazer, incapaz de procurar no estudo ou no cumprimento dos deveres domésticos e sociais as satisfações do coração – únicas que podem dar encanto à vida, pois aplicam-se a todas as idades –, Angèle empregou seus anos de juventude apenas com distrações frívolas. Mais tarde, quando os deveres mais sérios impuseram-se, *o mundo havia se tornado vazio para ela, pois ela mesma fizera o vazio em seu coração*. Sem defeitos sérios, mas sem qualidades, ela fez a infelicidade de seu marido, comprometeu o futuro dos filhos, arruinando-lhes o bem-estar, por seu desleixo e indolência. Deturpou-lhes o discernimento, assim como o coração, primeiro por seu exemplo, e depois abandonando-os aos cuidados de empregados domésticos que nem mesmo tinha o trabalho de escolher. Sua vida foi inútil ao bem e, por isso mesmo, culposa, *porque o mal nasce do bem negligenciado*. Compreendi que não basta não cometer erros: é necessário praticar as virtudes que lhe são opostas. Estudai os mandamentos do Senhor, meditai sobre eles. Ficai certos de que, se colocam uma barreira que vos detém à beira da senda do mal, eles impõem, ao mesmo tempo, que volteis atrás e tomeis a rota oposta, que conduz ao bem. O mal é a antítese do bem; logo, quem quiser evitar o primeiro deve voltar-se para o segundo, sem o que a sua vida torna-se nula e suas obras tornam-se mortas – e Deus, nosso Pai, não é o Deus dos mortos, mas dos vivos.”

[O médium] – Podemos saber qual teria sido a penúltima existência deste espírito? Esta última deve ter sido a consequência dela.

R. Ela havia vivido na indolência devota e na inutilidade da vida monástica. Preguiçosa e egoísta por opção, quis experimentar a vida em família, mas seu espírito muito pouco progrediu. Sempre repeliu a voz íntima que lhe mostrava o perigo, mas como a propensão para nele resvalar era tênue, preferiu deixar-se por ela levar a fazer um esforço para sustá-la no início. Ainda hoje compreende o perigo que representa manter-se nessa neutralidade, mas não consegue empreender o menor esforço para sair da situação. Rogai por ela, fazendo com que desperte e abra os olhos para a luz: é vosso dever e dever algum deve ser desprezado.

O homem foi criado para a atividade: a atividade do espírito é a sua essência, a atividade do corpo é uma necessidade. Satisfazei, pois, as necessidades de vossa existência, como espírito destinado à paz eterna. Vosso corpo, destinado ao serviço do espírito, é apenas uma máquina que obedece à vossa inteligência – portanto, trabalhai, cultivai a inteligência a fim de que ela dê um impulso salutar ao instrumento que a deve assistir no cumprimento de sua tarefa; não lhe concedais repouso ou trégua, lembrando que a paz a que aspirais só vos será concedida após realizado o trabalho. Quanto mais protelardes o trabalho, tanto mais durará para vós a ansiedade da espera.

Trabalhai, trabalhai incessantemente. Cumpri todos os vossos deveres sem exceção, realizando-os com zelo, coragem e perseverança. Sereis sustentados pela vossa fé. Todo aquele que executa com consciência a tarefa mais ingrata e desprezível de vossa sociedade é cem vezes mais elevado aos olhos do Altíssimo que aquele que, impondo tal tarefa a outros, negligencia a própria. Tudo é degrau de ascensão aos Céus: não quebreis, pois, os degraus que tendes sob os pés, e sabeis que estais cercados de amigos que vos estendem a mão e que sustentam todos aqueles que depositam sua força no Senhor.

Monod

UM ESPÍRITO ENTEDIADO

Bordeaux, 1862.

Este espírito apresentou-se espontaneamente ao médium, pedindo preces.

1. O que o levou a pedir preces?

R. Estou cansado de vagar sem rumo.

1a. Encontra-se há muito tempo nesta situação?

R. Há mais ou menos cento e oitenta anos.

1b. O que fez na Terra?

R. Nada de bom.

2. Qual é a sua posição entre os espíritos?

R. Estou entre os entediados.

2a. Isso não constitui uma categoria.

R. Tudo constitui uma categoria entre nós. Cada sensação permite que um espírito encontre seus semelhantes ou simpáticos, que então se reúnem.

3. Por que ficou tanto tempo estacionário, se não foi condenado ao sofrimento?

R. Fui condenado ao tédio, que é um sofrimento entre nós: tudo o que não é alegria é dor.

3a. Então foi forçado a permanecer vagando contra a própria vontade?

R. São causas muito sutis para a sua inteligência material.

3b. Tente fazer-me compreendê-las, poderia ser-lhe um começo útil.

R. Eu não conseguiria, por faltarem-me termos de comparação. Ao espírito que dela não tirou proveito na Terra, a vida, ao extinguir-se, deixa o mesmo que o fogo deixa ao papel que consumiu: fagulhas, que relembram às cinzas, ainda unidas entre si, o que foram e a causa de seu nascimento ou, se preferir, da destruição do papel. Essas fagulhas são a lembrança dos laços terrestres, rasgando o espírito até que ele haja dispersado as cinzas de seu corpo. Somente então, como essência etérea, ele se reconhece, desejando progredir.

4. O que poderia ter ocasionado o tédio de que se queixa?

R. É a consequência da existência. O tédio é o filho do ócio. Não soube utilizar os longos anos que passei na Terra, e a consequência disso reflete-se neste nosso mundo.

5. Os espíritos que, à sua semelhança, vagam sem destino, atormentados pelo tédio, não conseguiriam libertar-se de tal estado se o desejassem?

R. Não, nem sempre o podem, porque o tédio paralisa-lhes a vontade: sofrem as conseqüências da vida que levaram. Como foram inúteis e não tiveram nenhuma iniciativa, não encontram assistência alguma entre si. Ficam entregues a si mesmos, até que o cansaço deste estado neutro faça com que queiram modificá-lo: se neles despertar uma semente de vontade, por menor que seja, encontrarão apoio e bons conselhos para sustentar-lhes os esforços e perseverarem.

6. Poderia dizer algo sobre sua vida na Terra?

R. Oh! Bem pouca coisa, podes compreender. O tédio, a inutilidade e a ociosidade são provenientes da preguiça; e a preguiça é mãe da ignorância.

7. Suas existências anteriores não lhe permitiram progredir?

R. Sim, todas, mas muito pouco, pois todas foram o reflexo umas das outras. Sempre há progresso, mas tão ínfimo que não chegamos a apreciá-lo.

8. Enquanto espera para recomeçar uma outra existência, gostaria de vir mais vezes comunicar-se conosco?

R. Chama por mim para que me obrigues a vir. Será um favor que me prestarás.

9. Poderia explicar por que sua grafia muda tanto?

R. Porque questionas muito, o que me cansa, e eu preciso então de ajuda.

O guia do médium:

É o trabalho intelectual que cansa esse espírito, obrigando-nos a prestar-lhe nossa ajuda para que consiga responder às perguntas. É um desocupado do mundo dos espíritos, como o foi na Terra. Aqui o trouxemos para que seja tirado dessa apatia, desse tédio que constitui um verdadeiro sofrimento, muitas vezes mais penoso que os sofrimentos agudos, por poder prolongar-se indefinidamente. Podes imaginar a tortura que representa a perspectiva do tédio sem fim? A maior parte dos espíritos dessa categoria são os que *procuram uma existência terrestre apenas como distração*, para quebrar a insuportável monotonia de sua vida espiritual. Frequentemente chegam sem uma decisão tomada no sentido do bem, razão por que têm que recomeçar até que neles surja o progresso real finalmente.

UMA EX-RAINHA DA ÍNDIA

Morta na França em 1858.

1. Que sensação experimentou ao deixar a vida terrestre?

R. Não saberia dizê-lo, ainda sinto a perturbação.

1a. É feliz?

R. Não.

1b. Por que não é feliz?

R. Estou saudosa da vida... Eu não sei... Sinto uma dor aguda, a vida haveria de livrar-me dela... Quisera que meu corpo pudesse levantar-se do sepulcro.

2. Lamenta não ter sido sepultada em seu país, mas entre os cristãos?

R. Sim, a terra indiana pesaria menos sobre o meu corpo.

2a. O que pensa das honras fúnebres que lhe foram prestadas?

R. Foram pouquíssima coisa, pois eu era rainha e nem todos dobraram os joelhos diante de mim. Deixai-me... Forçam-me a falar... Eu não quero que saibais o que sou agora... Eu fui rainha, tende disso certeza.

3. Respeitamos sua condição, pedimos que nos responda apenas para nossa instrução. Acredita que seu filho um dia recuperará o antigo reino de seu pai?

R. Certamente, o meu sangue reinará, pois é digno disso.

3a. Atribui à reintegração de seu filho a mesma importância que lhe dava em vida?

R. Meu sangue não pode ser misturado com o do povo.

4. Não se pôde incluir em sua certidão de óbito o seu lugar de nascimento. Poderia informá-lo agora?

R. Nasci do mais nobre sangue da Índia. Creio ter nascido em Delhi.

5. Tendo vivido no esplendor do luxo e cercada de honras, o que disso tudo pensa agora?

R. Que tudo era a mim devido.

5a. A posição que ocupou na Terra proporciona-lhe uma posição elevada no mundo em que se encontra hoje?

R. Eu sou ainda rainha... Mandem-me escravos para que me sirvam!... Não sei, parece-me que não se importam comigo aqui... Mas sou ainda a mesma.

6. Seguia a religião muçulmana ou hindu?

R. Muçulmana, mas eu era muito importante para ocupar-me de Deus.

6a. Que diferença encontra entre a sua religião e a religião cristã para a felicidade da humanidade?

R. A religião cristã é absurda, ela diz que todos são irmãos.

6b. Qual é a sua opinião sobre Maomé?

R. Ele não era filho de rei.

6c. Acredita que ele tenha tido uma missão divina?

R. Que me importa?

6d. Qual é a sua opinião sobre o Cristo?

R. O filho de um carpinteiro não é digno de ocupar o meu pensamento.

7. O que pensa da prática de ocultar as mulheres muçulmanas dos olhares dos homens?

R. Penso que as mulheres são feitas para dominar: eu era mulher.

7a. Alguma vez invejou a liberdade que as mulheres da Europa desfrutam?

R. Não, que me importaria tal liberdade? Servem-nas de joelhos?

8. Lembra-se de haver tido outras existências na Terra antes daquela que acabou de deixar?

R. Eu devo ter sido sempre rainha.

9. Por que atendeu tão rapidamente ao nosso chamado?

R. Eu não queria vir, mas fui forçada a tanto... Pensas, então, que me dignaria responder? O que sois todos vós comparados a mim?

9a. Quem a forçou a vir?

R. Eu não sei... Mas não há de ser mais importante do que eu.

10. Sob que forma apresenta-se aqui?

R. Ainda sou rainha... pensas, então, que não o seja mais?... Vós todos sois pouco respeitosos... sabeis que não é assim que deveis dirigir-vos às rainhas.

11. Se pudessemos vê-la, estaria com seus adornos e joias?

R. Certamente!

11a. Como se explica que, tendo deixado tudo isso na Terra, seu espírito tenha preservado tal aparência, sobretudo seus adornos?

R. Eles não me foram tirados... Sou ainda tão bela quanto antes... Não sei que ideia fazeis de mim! Se bem que nunca me vistes.

12. Que impressão sente ao estar entre nós?

R. Se pudesse, não estaria aqui, tratam-me com tão pouco respeito!

[São Luís:] Deixai-a, pobre perturbada. Tende compaixão de sua cegueira, e que ela vos sirva de exemplo. Não podeis imaginar como sofre o seu orgulho.

Evocando essa majestade decaída, agora no túmulo, não esperávamos respostas de grande profundidade, considerando-se o tipo de educação que recebem as mulheres em seu país, porém imaginávamos encontrar nesse espírito, não diremos filosofia, mas ao menos uma noção mais próxima da realidade e ideias mais judiciosas sobre as vaidades e as grandezas da Terra. Longe disso, nela as ideias terrestres conservam toda a força. O orgulho nada perdeu de suas ilusões e debate-se contra a própria fraqueza, gerando muito sofrimento.

XUMÈNE

Bordeaux, 1862.

Com esse nome, um espírito apresentou-se espontaneamente à médium, habituada a esse tipo de manifestação, porquanto sua missão parece ser a de ajudar os espíritos inferiores encaminhados pelo seu guia espiritual com o objetivo duplo de instruir a si mesma e ajudar no progresso deles.

P. Este nome é de um homem ou de uma mulher?

R. Homem, e tão infeliz quanto possível. Sofro todos os tormentos do Inferno.

P. Se o Inferno não existe, como pode sofrer-lhe os tormentos?

R. Pergunta inútil.

P. Compreendo, mas outros podem precisar de explicações.

R. Não me importa.

P. O egoísmo não está entre as causas dos seus sofrimentos?

R. Talvez.

P. Se quer algum alívio, comece repudiando as más tendências.

R. Não te preocupes com isso, não é da tua conta. Começa orando por mim, como pelos outros, depois veremos.

P. Se não me ajudar com o seu arrependimento, a prece será pouco eficaz.

R. Se tu falas em vez de orar, de pouco me adiantas.

P. Deseja então adiantar-se?

R. Talvez, não sei. Vejamos se a prece alivia os sofrimentos; é o que importa.

P. Então, junte-se a mim desejando firmemente obter alívio.

R. Pode começar.

P. [Após uma prece da médium.] Está satisfeito?

R. Não como desejava.

P. Um remédio aplicado pela primeira vez não consegue curar de imediato uma doença antiga.

R. É possível.

P. Gostaria de retornar?

R. Sim, se tu me chamares.

O guia da médium:

Minha filha, terás trabalho com este espírito endurecido, mas não haveria nenhum mérito em salvar aqueles que não estão perdidos. Coragem! Persevera e terás êxito. Não há espíritos tão culpados que não se possam recuperar pela persuasão e pelo exemplo, pois mesmo os espíritos mais perversos, com o tempo, acabam corrigindo-se. Mesmo que não se consiga conduzi-los imediatamente para os bons sentimentos, o que muitas vezes é impossível, o trabalho não se perde. As ideias neles plantadas os comovem, fazendo com que reflitam, mesmo contra a vontade. São como sementes que cedo ou tarde darão frutos. Não se quebra uma rocha com o primeiro golpe de marreta.

O que te digo, minha filha, aplica-se também aos encarnados, e tu debes compreender por que o Espiritismo, mesmo entre os adeptos mais fervorosos, não faz homens perfeitos. A crença é um primeiro passo, a fé vem a seguir e a transformação virá por sua vez. Muitos, porém, ainda terão que voltar e buscar nova têmpera no mundo dos espíritos.

Entre os endurecidos não há apenas espíritos perversos e maus. É grande o número daqueles que, sem buscar fazer o mal, retardam-se por orgulho, indiferença ou apatia. Eles não são menos infelizes por isso, pois sofrem tanto mais pela inércia quanto menos acesso têm, como compensação, às distrações do mundo. A perspectiva do infinito torna-lhes a situação intolerável, mas eles não têm força ou vontade para

dela sair. Esses espíritos são aqueles que, quando encarnados, levam uma existência improdutiva, inútil a si mesmos e aos outros, culminando frequentemente no suicídio fútil, por puro desgosto da vida.

De um modo geral, tais espíritos são mais difíceis de serem conduzidos ao bem do que os francamente maus, porque estes últimos dispõem de energia e, uma vez esclarecidos, têm um entusiasmo tão grande pelo bem quanto o tiveram pelo mal. Aos outros certamente serão necessárias muitas existências para progredirem de forma apreciável. Pouco a pouco, porém, vencidos pelo tédio, como os outros pelo sofrimento, buscarão uma distração numa ocupação qualquer, que há de transformar-se, mais tarde, numa necessidade para eles.

CAPÍTULO VIII

Expiacões terrestres

MARCEL, O MENINO DO Nº 4

Em um hospital do interior havia um menino de oito a dez anos, cujo estado era difícil descrever. Ele era chamado apenas de *o número 4*. Tinha o corpo completamente deformado, fosse pela má-formação congênita ou por outra doença. As pernas tortas tocavam-lhe o pescoço. Sua magreza era tal que se percebia o contorno dos ossos sob a pele. O corpo era uma chaga só, e atrozes os seus sofrimentos. Ele pertencia a uma pobre família israelita, e sua triste situação já durava quatro anos. Sua inteligência era notável para a idade. Sua doçura, paciência e resignação eram edificantes. O médico da ala em que o menino estava, cheio de compaixão pelo pobre ser quase abandonado, pois os parentes pouco vinham vê-lo, interessou-se por ele, com quem gostava de conversar, encantado com sua inteligência precoce. Não só o tratava com bondade, como também, quando suas ocupações permitiam, vinha ler para ele, admirando-se de sua capacidade de discernimento para coisas que pareciam acima de sua idade.

Disse-lhe o menino um dia: “Por favor, doutor, o senhor poderia dar-me mais daquelas últimas pílulas que me receitou?”. “É por que isso, meu menino?”, disse o médico. “Já te dei o bastante, uma quantidade maior pode fazer mal.” “É que sofro de tal forma que”, respondeu o menino, “por mais que me esforce para não gritar de dor, pedindo a Deus forças para não me lamentar, de modo a não incomodar os outros doentes ao meu lado, por vezes é muito

difícil que me consiga controlar. Essas pílulas fazem-me dormir e, ao menos enquanto durmo, não perturbo ninguém.”

Bastam tais palavras para evidenciar a elevação da alma que aquele corpo disforme encerrava. Onde o menino teria apreendido sentimentos assim? Certamente não do meio em fora educado e, além disso, na idade em que lhe começaram os sofrimentos, não teria como compreender raciocínio algum: eram-lhe tais sentimentos inatos. Mas então, com tão nobres instintos, por que Deus o condenava a uma vida tão miserável e dolorosa – admitindo-se que Deus houvesse criado essa alma ao mesmo tempo que o corpo, instrumento de sofrimentos tão cruéis? É preciso negar a bondade de Deus ou então admitir uma causa anterior, ou seja, a preexistência da alma e a pluralidade das existências. Ao morrer, os últimos pensamentos do menino foram em Deus e no médico caridoso que dele tivera compaixão.

Algum tempo depois, ele foi evocado em 1863 na Sociedade Espírita de Paris, onde deu a seguinte comunicação:

– Vós me chamastes. Vim fazer com que minha voz se estenda além deste recinto para atingir a todos os corações, cuja solidão ouvirá o eco que ela fará ressoar. Minha voz há de lembrá-los que a agonia na Terra prepara as alegrias no Céu, e que o sofrimento não é nada mais que a casca amarga de um fruto saboroso que proporciona coragem e resignação. Dirá também que, sobre o catre onde jaz a miséria, estão os enviados de Deus, cuja missão é ensinar à humanidade que não existe dor que não se possa suportar com a ajuda do Todo-Poderoso e dos bons espíritos. Minha voz dirá ainda que escutem as lamentações misturando-se às preces, para assim compreender-lhes a harmonia piedosa, tão diferente das inflexões culposas do lamento jungido à blasfêmia.

“Um de vossos bons espíritos, grande apóstolo do Espiritismo, concordou em ceder-me o lugar esta noite.²²² Devo dizer-vos também, por minha vez, algumas palavras sobre o progresso de vossa doutrina. Ela deve auxiliar a missão daqueles que encarnam entre vós para aprender a sofrer. O Espiritismo há de servir-lhes de farol, fornecendo-lhes o exemplo e a voz e transformando-lhes os lamentos em coros de alegria e lágrimas de contentamento.”

222. Santo Agostinho, pelo médium com que se comunica habitualmente na Sociedade Espírita de Paris. (N. do A.)

P. Pelo que acaba de dizer, parece-nos que seus sofrimentos não constituíam uma expiação de faltas anteriores.

– Eles não eram uma expiação direta, mas asseguro-vos que toda dor tem uma causa justa. Aquele que conhecestes tão miserável fora anteriormente belo, importante, rico e adulado, contando com lacaios e cortesãos: fui fútil e orgulhoso. Fui, assim, muito culpado outrora, renegando a Deus e fazendo o mal ao meu próximo. Expiei cruelmente, no entanto, primeiramente no mundo espiritual e a seguir na Terra. Os sofrimentos de apenas alguns anos nesta última e curtíssima existência, já os padecera por uma vida inteira até o final de uma longa velhice. Por meu arrependimento, obtive o perdão do Senhor, que teve a bondade de confiar-me várias missões, incluída aí a última, que conheceis. Solicitei-a para finalizar o meu aperfeiçoamento.

“Adeus, meus amigos, voltarei algumas vezes para ter convosco. Minha missão é a de consolar e não a de instruir. Mas há tantos aqui cujas feridas estão ocultas que ficarão contentes com a minha vinda.

Marcel”

Instrução do guia do médium

Pobre pequeno ser sofredor, frágil, ulceroso e disforme! Quantos de seus gemidos foram ouvidos nesse asilo de miséria e lágrimas! E, apesar da pouca idade, como era resignado e como sua alma já compreendia o objetivo dos sofrimentos! Ele percebia que, além do túmulo, esperava-o a recompensa por tantos gemidos contidos! E como ele orava por aqueles que, ao contrário dele, não tinham a coragem de suportar o próprio sofrimento, sobretudo por aqueles que lançavam blasfêmias ao Céu, em vez de preces!

Se foi longa a sua agonia, seu passamento não foi terrível. Os membros convulsionavam, sem dúvida, contorcendo-se e mostrando aos assistentes um corpo deformado a rebelar-se contra a morte: é a lei da carne, que se agarra à vida a todo o custo. Mas um anjo pairava acima do leito do moribundo, cicatrizando-lhe o coração. Em seguida – acolhendo com suas asas brancas a alma tão bela que se desprendia do corpo disforme –, pronunciou as palavras: ‘Glória a Vós, meu Deus!’. E a alma elevou-se feliz

ao Todo-Poderoso, exclamando: ‘Eis-me aqui, Senhor! Vós me destes por missão ensinar a sofrer. Terei suportado dignamente a prova?’.

Hoje o espírito do pobre menino retomou as proporções. Voeja pelo Espaço, indo do fraco ao pequeno, a todos dizendo: “Esperança! Coragem!”. Liberto de toda a matéria e de toda a mácula, ele está perto de vós. Não mais com uma voz sofredora e lastimosa, mas com vigorosa inflexão é que vos diz: “Os que me viam, deparavam-se com um menino que não se queixava, nele haurindo a calma para enfrentar os próprios males. Seus corações revigoravam-se assim na doce confiança em Deus: Eis o objetivo de minha curta passagem pela Terra”.

Santo Agostinho

SZYMEL SLIZGOL

Era um pobre israelita falecido em maio de 1865, em Vilna, capital da Lituânia, onde mendigou por trinta anos com uma caneca na mão. Por toda a cidade conhecia-se a sua voz a pedir: “Lembraí-vos dos pobres, das viúvas e dos órfãos!”. Durante esse tempo, Slizgol juntara noventa mil rublos, não tendo guardado um só centavo para si. Aliviava os doentes que ele mesmo tratava. Pagava o estudo das crianças pobres e distribuía aos necessitados os alimentos que lhe davam. A noite era dedicada ao preparo do rapé, que vendia para prover às próprias necessidades. O que lhe sobrava era dado aos pobres. Szymel viveu só no mundo, mas seu enterro foi acompanhado por uma grande parte da população da cidade, cujas lojas foram fechadas nesse dia.

Sociedade Espírita de Paris, 15 de junho de 1865.

[Evocação.]

R. Exultante, e tendo finalmente alcançado integralmente o meu anseio – pelo qual paguei arduamente – estou aqui entre vós, desde o início da noite. Agradeço-vos pela atenção dada ao espírito de um pobre mendigo que, com satisfação, vai procurar responder às vossas perguntas.

P. Uma carta de Vilna colocou-nos a par dos detalhes mais notáveis da sua existência. É pela simpatia que nos inspira a sua história que quisemos conversar com o senhor. Agradecemos ter atendido ao nosso chamado, e já que concorda em responder a nossas perguntas, ficaremos felizes se puder inicialmente narrar sua situação como espírito, e as causas que motivaram o tipo da sua última existência.

R. Primeiramente concedei ao meu espírito, cômico de sua verdadeira posição, o favor de relatar-vos a própria posição sobre uma consideração que vos foi transmitida a meu respeito. Rogo de antemão vosso parecer, caso esta opinião esteja errada.

“Alguns estranham que a manifestação pública tenha tomado tal proporção na homenagem a um homem sem importância que soube, por seu espírito de caridade, atrair para si tamanha simpatia. Não me refiro a vós, o caro mestre e o prezado médium, nem tampouco a vós outros, espíritos verdadeiros e sinceros; refiro-me, porém, a todos os indiferentes à crença. Não existe nesse fato nada de espantoso. A força da pressão moral que a prática do bem exerce sobre a humanidade é tal que, por mais material que a humanidade seja, ela há sempre de inclinar-se e aplaudir o bem, malgrado sua tendência para o mal.

“Vamos agora às perguntas que, de vossa parte, não são motivadas pela curiosidade, mas formuladas visando apenas à instrução geral. E já que tenho liberdade para tanto, digo-vos então quais são as causas que motivaram minha última existência, com a maior concisão possível.

“Há muitos séculos, agraciava-me o título de rei, ou, ao menos, o de príncipe soberano. Dentro de minha esfera de poder, relativamente limitada quando comparada aos estados-nações de hoje, eu era o senhor absoluto do destino dos meus súditos, agindo como tirano, ou pior, como carrasco. De caráter autoritário, violento, avaro e sensual, podeis bem imaginar qual deveria ser a sorte dos pobres seres que viviam sob o meu jugo. Eu abusava de meu poder para oprimir o fraco e para subordinar qualquer profissão, trabalho, paixão ou dor a serviço de minhas paixões. Assim, eu impunha um tributo sobre o fruto da mendicância: ninguém podia pedir esmolas sem que eu tomasse antecipadamente uma grande fração do que a piedade humana permitia destinar-se ao alforje da miséria. Além disso, a fim de que não diminuísse o número de mendigos entre meus súditos, proibi aos infelizes de fazer doações a seus amigos, parentes e a outros necessitados qualquer escassa

parcela que pudesse ainda sobrar para esses pobres seres. Em suma, fiz tudo o que possa existir de mais impiedoso com o sofrimento e a miséria.

“Perdi, enfim, o que chamais de *vida* cercado por tormentos e sofrimentos horríveis. Minha morte foi uma aterrorizante lição para todos aqueles que, como eu, ainda que em menor escala, comungassem a minha maneira de pensar. Permaneci no estado de espírito errante por três séculos e meio. Quando, ao final desse tempo, compreendi que o objetivo da encarnação era totalmente diverso daqueles que meus sentidos grosseiros e obtusos fizeram-me buscar, consegui, por meio de preces, resignação e lamentos, a permissão para passar pela prova material dos mesmos sofrimentos, ou maiores até, que os que eu impusera a outros. Obtida essa permissão, Deus concedeu-me o direito de aumentar, por meu livre-arbítrio, meus sofrimentos morais e físicos. Graças à ajuda dos bons espíritos que me socorriam, persisti em minha decisão de praticar o bem, sendo-lhes agradecido porque me impediram de sucumbir à tarefa que tomei para mim²²³.

“Pude enfim, concluir uma existência que me permitiu resgatar, por ter sido plena de abnegação e caridade, as faltas da outra, caracterizada pela crueldade e injustiça. Nasci de pais pobres e fui órfão muito cedo, aprendendo a sustentar-me sozinho numa idade em que ainda não se é considerado intelectualmente capaz. Vivi só, sem amor, sem afeições, e até suportei, já no início de minha vida, a brutalidade com que tratara outros. Dizem que o dinheiro que arrecadei foi totalmente usado no auxílio de meus semelhantes – o que é verídico. E posso acrescentar, sem orgulho ou afetação, que frequentemente, à custa de privações relativamente penosas, muito penosas, acresci ao bem que a caridade pública permitia-me fazer.

“Morri calmamente, confiante no prêmio que a reparação feita em minha última existência havia merecido, e fui recompensado muito além do que pudera cogitar secretamente. Hoje sou feliz, muito feliz por poder afirmar-vos que aquele que se eleva será humilhado, e que aquele que se humilha será elevado.”

223. Essa explicação corresponde ao item 21º do resumo da lei da justiça divina, no cap. VIII, que afirma: “A situação do espírito, a partir de sua entrada na vida espiritual, é a que ele preparou para si durante a vida no corpo. Mais tarde, outra encarnação lhe é dada, (...) mas ele as aproveita em maior ou menor proporção em virtude de seu livre-arbítrio”. (N. do E.)

P. Poderia por gentileza dizer-nos em que consistiu a sua expiação no mundo espiritual e quanto tempo durou, desde a sua morte até o momento em que a sua situação foi atenuada como consequência do arrependimento e das boas resoluções que tomou? Conte-nos também o que lhe provocou, como espírito, a mudança de ideias.

R. Trazeis à minha memória lembranças bem dolorosas! Como sofri! Mas eu não me queixo, apenas recordo! Quereis saber o caráter de minha expiação? Ei-lo em todo o seu horror.

“Carrasco que fui, como disse, de todos os bons sentimentos, permaneci por muito, muito tempo, ligado pelo perispírito ao meu corpo em decomposição. Até que se completasse a decomposição, senti-me roído pelos vermes, o que me fazia sofrer muito! Quando fui liberto dos laços que me prendiam ao instrumento do meu suplício, veio castigo ainda mais cruel. Após o sofrimento físico, passei ao sofrimento moral, e este durou muito mais tempo que o primeiro. Fui posto na presença de todas as vítimas que eu torturara. Periodicamente, e por uma força maior que a minha, eu era colocado novamente diante de minhas ações culposas e via, física e moralmente, todas as dores que havia imposto aos outros. Oh, meus amigos! Como é horrível a visão constante daqueles a quem se fez mal! Disso tivestes um pequeno exemplo entre vós na confrontação do acusado com sua vítima.

“Tendes aí, resumidamente, o que sofri durante dois séculos e meio até que Deus, apiedado de minha dor e tocado pelo meu arrependimento, assim como solicitado pelos guias que me assistiam, permitiu que eu tomasse a estrada da expiação que conheceis.”

P. Houve motivo particular que o induziu a escolher a sua última existência no seio da religião israelita?

R. Não a escolhi por mim, apenas aceitei o conselho de meus guias. A religião israelita acrescentava uma dose de humilhação a mais à minha vida de expiação, pois, sobretudo em certos países, a maioria dos encarnados menospreza os israelitas, particularmente os judeus que se veem obrigados a viver de esmolas.

P. Em sua última existência, com que idade começou a pôr em execução as resoluções que havia tomado? Como lhe ocorreu esse pensamento? Enquanto praticava a caridade tão abnegadamente, teve alguma intuição da causa que o impelia a agir assim?

R. Nasci de pais pobres, mas inteligentes e avaros. Criança ainda, fui privado da afeição e dos carinhos de minha mãe, cuja morte causou-me imenso pesar, tanto mais porque meu pai, dominado pela ganância, abandonou-me por completo. Meus irmãos e irmãs, todos mais velhos, não percebiam meu sofrimento. Um outro judeu, movido mais por egoísmo que por caridade, abrigou-me em sua casa, ensinando-me um ofício. Ele depois recuperou amplamente – pelo resultado de meu trabalho, de ordinário acima de minhas forças – tudo o que eu lhe custara. Mais tarde, liberto dessa submissão, trabalhei por própria conta. Mas por toda parte, trabalhando ou em repouso, perseguia-me a lembrança dos carinhos de minha mãe. E quanto mais velho ficava, maior era sua lembrança na memória e mais falta sentia de seus cuidados e do seu amor.

“Em pouco tempo tornei-me o último a carregar o nome da família. Ao cabo de alguns meses, a morte ceifou-me pai e irmãos. A forma como eu deveria passar o resto de minha existência começou então a revelar-se. Dois de meus irmãos haviam deixado órfãos. Comovido pela lembrança do que havia sofrido, quis poupar os pobres pequeninos de uma juventude igual à minha, e, não sendo o meu trabalho suficiente para sustentar a todos, comecei a pedir esmolas, não por mim, mas por eles. Mas Deus houve por bem que eu não me consolasse com o resultado de meus esforços: as pobres crianças foram-se também para sempre. Eu bem via o que lhes faltara: a mãe. Resolvi, então, recorrer à caridade pelas viúvas infelizes que, não podendo trabalhar pelo sustento próprio e dos filhos, impunham-se privações fatais, deixando no mundo pobres órfãos abandonados, à mercê dos sofrimentos que eu mesmo experimentara.

“Foi com a idade de trinta anos, cheio de vigor e saúde, que me viram pedir esmolas para a viúva e seu órfão. O começo foi penoso, pois tive que ouvir palavras humilhantes mais de vez. Quando, porém, viram que eu realmente distribuía aos pobres tudo o que recebia em seu nome, e quando me viram ainda crescer as sobras do meu trabalho ao que me era dado, granjeei uma espécie de apreço que, para mim, não era sem encanto.

“Vivi sessenta e alguns anos sem jamais faltar à tarefa que me havia imposto. Também jamais a consciência fez-me supor que causas anteriores à minha existência constituíssem a razão do meu proceder. Somente um dia, antes de começar a pedir, ouvi estas palavras: ‘Não façais aos outros o que não quereis que vos façam’. Atônito com a moral universal contida em tão pou-

cas palavras, com frequência, depois, surpreendia-me acrescentando-lhe mais estas: ‘Mas fazei-lhes, pelo contrário, o que quereríeis que vos fosse feito’. Amparado pela lembrança de minha mãe e de meus sofrimentos, continuei a trilhar a senda que minha consciência indicava ser boa.

“Terminarei esta longa comunicação dizendo-vos *obrigado!* Todavia imperfeito, mas cômico de que o mal conduz apenas ao mal, hei de dedicar-me mais uma vez ao bem, como já o fiz antes, para alcançar a felicidade.

Szymel Slizgol”

JULIENNE-MARIE, A MENDIGA

Na comuna de Villatte, perto de Nozay (Loire-Atlântico), havia uma pobre mulher, velha e enferma, chamada Julienne-Marie, que vivia da caridade pública. Caiu, um dia, num lago, sendo resgatada por um dos moradores do local, sr. A., que a ajudava habitualmente. Levada à sua casa, ela morreu pouco tempo depois em consequência do acidente. A opinião geral era que ela quisera suicidar-se. No mesmo dia de seu falecimento, aquele que a salvara, que era espírita e médium, sentiu, em todo o seu corpo, como que o toque leve de alguém que estivesse perto dele sem, entretanto, buscar explicar o fato. Quando soube da morte de Julienne-Marie, ocorreu-lhe o pensamento de que talvez o seu espírito tivesse vindo visitá-lo.

Seguindo o conselho de um de seus amigos, membro da Sociedade Espírita de Paris, a quem havia contado o que se passara, ele fez a evocação da senhora, com o intuito de ser-lhe útil. Antes de evocá-la, porém, pediu orientação aos seus guias protetores, dos quais recebeu a seguinte resposta:

Podes evocá-la, será uma alegria para ela, embora o favor que te propões a fazer-lhe seja desnecessário. Ela está feliz e completamente dedicada àqueles que se compadeceram dela. Tu és um desses bons amigos. Ela quase não te deixa e, sem que o percebas, muitas vezes fala contigo. Cedo ou tarde a ajuda prestada é recompensada, quando não pelo próprio favorecido, ao menos pelos que se interessaram por ele antes, bem como depois da morte. Quando o espírito não teve tempo de dar-se conta da própria situação, são outros espíritos simpáticos que oferecem, em seu nome, o

testemunho de reconhecimento. Eis a razão do que sentiste no dia de seu falecimento. Agora é ela a ajudar-te no bem que intencionas fazer. Lembra-te do que Jesus disse: ‘O que se humilhar será exaltado’. Terás noção da ajuda que ela pode dar, desde que lhe peças assistência somente para ser útil a teu próximo.

[Evocação.]

Bondosa Julienne-Marie, que a senhora esteja feliz é tudo o que queria ouvir. Mas isso não me impedirá de dirigir-lhe meu pensamento com frequência, e jamais vou esquecê-la em minhas preces.

R. Tem confiança em Deus e inspira a teus doentes uma fé sincera e triunfarás quase sempre. Não penses nunca na recompensa que disso virá, pois ela superará a tua expectativa. Deus sabe sempre recompensar como o merece aquele que se dedica ao alívio dos semelhantes e que *imprime às suas ações um completo desinteresse*. Sem isto, tudo é apenas ilusão e quimera. Antes de tudo, é preciso ter fé, de outra forma, nada conseguirás. Lembra-te desta máxima e ficarás admirado dos resultados que hás de obter. Os dois doentes que curaste são a prova do que digo. Nas circunstâncias em que se encontravam, simplesmente com os remédios terias fracassado.

“Quando pedires a Deus que permita aos bons espíritos lançarem sobre ti seus fluidos benfazejos, se o pedido não te fizer sentir um arrepio involuntário, é porque tua prece não foi fervorosa o bastante para ser ouvida; ela somente o será nas condições que te assinalo. Foi o que sentiste quando disteste do fundo do coração: ‘Deus todo-poderoso, Deus misericordioso, Deus de bondade infinita, acolhei a minha prece e permiti que os bons espíritos me assistam na cura de ..., tende piedade dele, meu Deus, e restitui-lhe a saúde; sem Vós eu nada posso. Seja feita a vossa vontade’.

“Fizeste bem em não desprezar os humildes. A voz daquele que sofreu e suportou com resignação as misérias desse mundo sempre é ouvida. E, como vês, uma ajuda prestada recebe sempre a sua recompensa.

“Agora, algumas palavras a meu respeito, que confirmarão o que foi dito acima.

“O Espiritismo explica-te minha linguagem como espírito: não tenho necessidade de entrar em detalhes com relação a isso. Creio também ser inútil dar-te informações sobre a minha existência anterior. A situação em que tu

me conheceste na Terra permite que compreendas e julgues minhas outras existências, nem sempre irrepreensíveis. Entregue a uma vida de miséria, enferma e sem poder trabalhar, mendiguei durante toda a minha vida. Não acumulei tesouros. Em minha velhice, minhas pequenas economias limitavam-se a uma centena de francos que eu reservava para quando minhas pernas não me pudessem sustentar mais. Deus julgou minha prova e minha expiação suficientes, ao pôr-lhes um fim, liberando-me, sem sofrimentos, da vida terrestre. Porquanto não me suicidei, como a princípio acreditaram. Morri subitamente à beira do lago, no momento em que dirigia minha última prece a Deus. O declive do terreno foi a causa de meu corpo dentro d'água.

“Não sofri. Estou feliz por ter podido concluir minha missão sem entraves e com resignação. Tornei-me útil, no limite de minhas forças e de minhas posses, e evitei fazer o mal ao meu semelhante. Hoje recebo a recompensa disso, e dou graças a Deus, nosso divino Mestre, que suaviza a amargura das provas fazendo-nos esquecer, durante a vida, nossas antigas existências, e colocando almas caridosas em nosso caminho para que nos ajudem a suportar o fardo de nossas faltas passadas.

“Persevera tu também e, como eu, serás recompensado. Agradeço tuas bondosas preces e favores que me prestaste, não o esquecerei jamais. Um dia voltaremos a nos ver, e muitas coisas te serão explicadas. Por enquanto seria supérfluo. Basta saberes que te sou muito devotada e que estarei sempre perto de ti quando tiveres necessidade de mim no auxílio dos que sofrem.

A pobre velha Julienne-Marie”

O espírito de Julienne-Marie foi evocado na Sociedade Espírita de Paris, em 10 de junho de 1864, tendo ditado a seguinte comunicação:

Obrigada pela gentileza de admitir-me em vosso meio, caro presidente. O senhor pode imaginar que minhas existências anteriores tiveram uma posição social mais elevada. Se voltei à Terra para enfrentar o teste da pobreza, foi como punição pelo vão orgulho que me fizera repelir quem fosse pobre e miserável. Alcançou-me então a justa lei de talião, que me tornou a mais horrenda mendiga da região. Como que para provar a bondade de Deus, entretanto, eu não era repelida por todos: o que era todo o meu receio. Assim, suportei minha prova sem reclamar, pressentindo

uma vida melhor, da qual não precisaria mais voltar a esta Terra de exílio e calamidade.

Que felicidade, o dia em que nossa alma, jovem novamente, pôde reentrar na vida espiritual para rever os seres amados! Porque eu também amei e sou feliz por haver reencontrado aqueles que me precederam. Agradeço o bondoso sr. A. que me permitiu expressar meu reconhecimento. Sem a sua mediunidade, não lhe poderia agradecer e provar que minha alma não esquece as felizes influências de seu bom coração, recomendando-lhe que difunda a sua divina crença. Ele foi chamado a trazer à senda do bem as almas transviadas. Que ele esteja certo de contar com meu apoio. Sim, posso restituir-lhe o cêntuplo do que me fez, instruindo-o no caminho que seguis. Agradecei ao Senhor haver permitido que vos deem os espíritos instruções para encorajar o pobre em suas dores e deter o rico em seu orgulho. Tratei de compreender a vergonha que há em repelir um infeliz. Que vos sirva o meu caso de exemplo, a fim de evitardes expiar vossas faltas, como eu, nas dolorosas posições sociais que tanto vos rebaixam, tornando-vos a escória da sociedade.

Julienne-Marie

Tendo essa comunicação sido transmitida ao sr. A., este, por sua vez, obteve a mensagem a seguir, que confirma a anterior:

P. Bondosa Julienne-Marie, já que se dispõe a senhora a auxiliar-me com seus bons conselhos, a fim de que eu progrida na estrada da nossa divina doutrina, tenha a bondade de vir comunicar-se comigo. Farei todos os esforços para tirar proveito de seus ensinamentos.

R. Lembra-te da recomendação que te farei e jamais te afastes dela. Sê sempre caridoso na medida de tuas possibilidades. Já compreendes bem a caridade tal como deve ser praticada em todas as situações da vida na Terra. Portanto, não tenho necessidade de vir aconselhar-te a esse respeito. Tu mesmo serás teu melhor juiz, desde que sigas a voz da tua consciência, que não te enganará jamais, se a escutares sinceramente.

“Não te iludas sobre as missões que tens para cumprir: pequenos e grandes têm a sua. A minha foi penosa, mas eu merecia semelhante punição por conta de minhas existências precedentes, como confessei ao bom presidente da So-

cidade-Mãe de Paris, à qual todos vos juntareis um dia. Esse dia não está tão longe como pensas. O Espiritismo caminha a passos de gigante, apesar de tudo o que se faz para impedi-lo. Caminhai, pois, sem receio, fervorosos adeptos da doutrina, e vossos esforços serão coroados de sucesso. Que vos importa o que possam dizer de vós! Colocai-vos acima da crítica mordaz, que recairá sobre os adversários do Espiritismo.

“Ah, os orgulhosos! Julgam-se fortes e creem poder abater-vos facilmente. Ficai tranquilos, meus bons amigos, e não receeis confrontar-vos com eles: são mais fáceis de vencer do que imaginais. Muitos deles têm medo, receando que a verdade ofusque-lhes os olhos. Esperai, pois virão, a seu turno, ajudar no coroamento da obra.

Julienne-Marie”

Esse caso está cheio de ensinamentos para quem quiser refletir nas palavras desse espírito em suas três comunicações. Nelas encontram-se reunidos todos os grandes princípios do Espiritismo. Desde a primeira, o espírito demonstra sua superioridade por sua linguagem. Qual fada benfazeja, essa mulher, resplendente agora, como que metamorfoseada, vem proteger aquele que não a repeliu quando envolvida nos farrapos da miséria. É uma aplicação destas máximas do Evangelho: “Os grandes serão humilhados, e os pequenos serão exaltados. Bem-aventurados os humildes. Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados. Não desprezeis os pequenos, pois quem é pequeno neste mundo talvez seja maior do que julgais”.

MAX, O MENDIGO

Num vilarejo da Baviera, por volta do ano de 1850, morreu um velho quase centenário conhecido pelo nome de pai Max. Ninguém conhecia ao certo a sua origem, pois não tinha família. Por quase meio século enfrentou enfermidades que o deixavam sem condições de ganhar sua vida pelo trabalho, não contando com outros meios além da caridade pública, que ele disfarçava indo vender, nas fazendas e castelos, almanaques e pequenos objetos. Apelidaram-no de conde Max e as crianças só o chamavam de senhor conde, ao que ele sorria sem se mostrar ofendido. Por que tal título? Ninguém poderia responder – tornara-se um hábito. Talvez fosse devido à sua fisionomia

e aos seus modos, cuja distinção contrastava com seus andrajos. Muitos anos após a sua morte, ele apareceu em sonho à filha do proprietário de um dos castelos, em cuja estrebaria deixavam-no hospedar-se, pois ele não tinha uma casa. Disse-lhe, então, no sonho: “Obrigado por lembrar-se do pobre Max em suas preces, pois foram ouvidas pelo Senhor. Quer saber quem sou, alma caridosa, que se interessou por este infeliz mendigo? Contarei, e que isto sirva de ensinamento a todos”.

Contou-lhe, então, a seguinte história, mais ou menos nestes termos:

Há um século e meio, aproximadamente, eu era um rico e poderoso senhor desta região; era, entretanto, fútil, orgulhoso e envaidecido com minha nobreza. Empregava minha imensa fortuna apenas em meus prazeres, para os quais quase não bastava, porquanto eu era um jogador compulsivo, além de devasso, passando a vida em orgias. Meus serviçais, que eu acreditava feitos para meu uso quais animais de carga, eram extorquidos e maltratados para atender a meus excessos. Mantinha-me surdo às suas lamentações, assim como às de todos os infelizes, os quais, em minha opinião, deviam sentir-se muito honrados de servir a meus caprichos. Morri numa idade pouco avançada, esgotado pelos excessos, mas sem ter passado por nenhum infortúnio verdadeiro. Pelo contrário, tudo parecia sorrir-me, de sorte que, aos olhos de todos, eu era um dos felizardos do mundo. Minha posição valeu-me funerais cheios de pompa. Os boêmios lamentaram a perda do rico senhor, mas nenhuma lágrima foi derramada sobre o meu túmulo, nem uma prece foi feita a Deus por mim, de coração, e minha memória foi amaldiçoada por todos aqueles cuja miséria agravei. Ah, como é terrível a maldição daqueles que tornamos infelizes! Ela não parou de reverberar em meus ouvidos durante longos anos, que me pareceram uma eternidade! E, ao morrer, cada uma de minhas vítimas era um novo semblante ameaçador ou irônico que surgia diante de mim, perseguindo-me sem trégua e sem que eu pudesse encontrar um esconderijo para fugir de seu olhar! Nem um semblante amigo! Meus antigos companheiros de devassidão, infelizes como eu, fugiam de mim, parecendo dizer com desdém: ‘Não podes mais pagar por nossos prazeres’. Oh! Como, então, eu teria pago regamente por um momento de repouso, por um copo de água para saciar a sede ardente que me queimava! Eu, porém, mais nada possuía, e

todo o ouro que distribuía a mancheias na Terra não produzira uma só bênção, nem uma só, compreende, minha filha?

Enfim, vencido pela fadiga, esgotado como um viajante exausto que não enxerga o fim de sua jornada, exclamei: ‘Meu Deus, tende piedade de mim! Quando há de terminar esta terrível situação?’. Uma voz, então, a primeira que eu ouvia depois de haver deixado a Terra, me disse: “Quando tu quiseres”. “Que é preciso fazer, grande Deus?”, respondi. “Dizei-me e eu hei de a tudo submeter-me.” “É preciso que te arrependas e *que te humilhes diante daqueles que tu humilhaste*, pedindo a eles que intercedam por ti, *porque a prece do ofendido que perdoa sempre é agradável ao Senhor.*” Humilhei-me, então, roguei a meus serviçais, que estavam ali, diante de mim, e cujos semblantes tornavam-se mais e mais afáveis, acabando por desaparecer. Foi, então, para mim, como uma nova vida que despontasse. A esperança substituiu o desespero, e agradei a Deus com todas as forças de minha alma. Em seguida, disse-me a voz: “Príncipe!”. A que eu respondi: “Não há aqui outro príncipe, senão o Deus Todo-Poderoso que humilha os orgulhosos. Perdoai-me, Senhor, porque eu pequei. Fazei de mim o servo de meus servos, se for essa a vossa vontade”.

Alguns anos mais tarde, nasci novamente, mas, dessa vez, numa família de pobres aldeões. Meus pais morreram quando eu ainda era criança, ficando eu só e sem amparo no mundo. Ganhava a vida como podia, ora como operário, ora como lavrador, mas sempre honestamente, porque agora eu acreditava em Deus. Com a idade de quarenta anos, uma doença paralisou-me todos os membros, vendo-me então forçado a mendigar por mais de cinquenta anos, por estas mesmas terras onde eu fora senhor absoluto, para receber um pedaço de pão nas fazendas que possuía – onde, por uma amarga ironia, alcunharam-me de *senhor conde* –, feliz, muitas vezes, por encontrar abrigo na estrebaria do castelo que fora meu. Quando dormia, deleitava-me percorrendo esse mesmo castelo onde reinara qual déspota. Em meus sonhos, quantas vezes voltei a ver-me ali, em meio a minha antiga fortuna! Ao despertar, essas visões deixavam-me um indefinível sentimento de amargor e pesar, mas nunca uma queixa escapou-me da boca. E quando Deus houve por bem chamar-me de volta, dei glórias a Ele, por me ter dado a coragem de sofrer, sem queixas, essa longa prova cuja recompensa chega-me hoje. Receba, minha filha, a minha bênção por ter orado por mim.

Recomendamos este caso àqueles que alegam que não haveria mais nada a deter os homens se estes não tivessem diante de si o espantinho das penas eternas. E perguntamos se a perspectiva de um castigo como o do pai Max é menos eficaz para desviá-los da senda do mal que a imagem das torturas sem fim, em que ninguém mais acredita.

HISTÓRIA DE UM CRIADO

Para uma família de alta estirpe trabalhava um jovem criado cuja figura, inteligente e fina, surpreendeu-nos por sua distinção. Em suas maneiras nada transparecia inferioridade. Sua dedicação ao serviço dos seus senhores não tinha a obsequiosidade servil típica de pessoas nessa condição. No ano seguinte, voltando à casa dessa família, não vimos mais o jovem criado e perguntamos se o teriam despedido. “Não”, responderam, “ele foi passar alguns dias em sua terra natal e lá faleceu. Lamentamos muito a sua perda, porque era uma pessoa excelente e tinha sentimentos *verdadeiramente acima de sua posição*. Era muito ligado a nós, tendo nos dado prova de grande dedicação.”

Mais tarde, veio-nos a ideia de evocar esse jovem. Eis o que ele nos contou:

– Em minha penúltima encarnação, eu era, como se diz na Terra, de uma boa família, que foi, porém, à ruína devido à prodigalidade de meu pai. Fiquei órfão e sem recursos muito jovem. Um amigo de meu pai recebeu-me em sua casa, tratou-me como seu filho e fez com que eu recebesse uma ótima educação, o que me despertou a vaidade. Esse amigo é hoje em dia o sr. de G., a serviço de quem me conheceu. Eu quis, em minha última existência, expiar o meu orgulho, nascendo em uma condição servil, e assim encontrei a oportunidade de provar meu devotamento a meu benfeitor. Cheguei mesmo a salvar a sua vida, sem que ele tenha jamais sabido. Foi, ao mesmo tempo, uma prova de que saí com êxito, já que tive forças para não me deixar corromper pelo contato com um meio quase sempre vicioso. Apesar dos maus exemplos, conservei-me puro, pelo que dou graças a Deus, porquanto fui recompensado com a felicidade de que desfruto.

P. Em que circunstâncias salvou a vida do sr. de G.?

– Em um passeio a cavalo, no qual eu o seguia sozinho, percebi uma grande árvore que caía em sua direção, que ele não podia ver. Chamei-o com

um grito assustador, voltando-se ele bruscamente, enquanto a árvore caía a seus pés. Sem o movimento que provoquei, ele teria sido esmagado.

O sr. de G., a quem o fato foi narrado, recordou-se de tudo perfeitamente.

P. Por que morreu tão jovem?

– Deus julgou minha prova suficiente.

P. Como pôde tirar proveito dessa prova, já que não tinha lembrança da causa que a motivara?

– Em minha humilde posição, restava um orgulho instintivo, que consegui felizmente dominar, tornando-me a prova proveitosa, sem o que eu teria de recomeçá-la ainda. Meu espírito lembrava-se do que fora, em seus momentos de liberdade; ao despertar, ficava-me um desejo intuitivo de resistir a minhas tendências, que eu percebia serem más. Foi maior o meu mérito por lutar dessa forma do que se eu lembrasse claramente do passado. A lembrança de minha antiga situação teria estimulado meu orgulho, perturbando-me, enquanto assim eu tive que combater apenas as influências da minha nova posição.

P. Havia anteriormente recebido uma brilhante educação. De que lhe serviu isso em sua última existência, já que não se lembrava dos conhecimentos adquiridos?

– Esses conhecimentos teriam sido inúteis, um contrassenso até, em minha nova posição. Eles permaneceram latentes e hoje eu posso retomá-los. Entretanto, eles não me foram inúteis, porque me desenvolveram a inteligência. Eu tinha instintivamente o gosto pelas coisas elevadas, o que me inspirava repulsa pelos exemplos baixos e infames que tinha sob os olhos. *Sem essa educação, eu não passaria de um criado.*

P. Teriam os exemplos de servidores que têm a seus senhores uma dedicação que chega às raias da abnegação como causa as relações anteriores?

R. Não há dúvidas. Ao menos, é o caso mais comum. Esses servidores são, algumas vezes, membros da mesma família, ou, como no meu caso, devedores pagando uma dívida de gratidão, cuja dedicação facilita-lhes o progresso. É difícil dimensionar todos os efeitos que as simpatias e antipatias de relações anteriores produzem no mundo. Não, a morte não interrompe tais relações, as quais, frequentemente, perpetuam-se através dos séculos.

P. Por que tais exemplos de dedicação dos servidores são tão raros atualmente?

R. Deve-se creditar isso ao espírito de egoísmo e orgulho do vosso século, oriundo da incredulidade e das ideias materialistas. A verdadeira fé desapa-

rece diante da cupidez e do desejo do ganho, e com ela os exemplos de dedicação. O Espiritismo, ao reconduzir os homens ao sentimento da verdade, fará renascer as virtudes esquecidas.

Nada melhor do que esse exemplo para demonstrar a utilidade do esquecimento das existências anteriores. Se o sr. de G. lembrasse quem fora o seu jovem criado, ficaria constrangido, a ponto de não o manter naquela condição, comprometendo assim uma provação que foi proveitosa a ambos.

A PENA DE TALIÃO

O sr. Antonio B. era um escritor de mérito e estimado por seus compatriotas, tendo exercido com distinção e integridade cargos públicas na Lombardia, quando, por volta de 1850, após um ataque de apoplexia, entrou em um estado de morte aparente que foi diagnosticado, infelizmente, como morte verdadeira, como sói acontecer em tais casos. Contribuiu para o equívoco a percepção de que haveria no corpo sinais de decomposição. Quinze dias após o enterro, uma circunstância fortuita fez com que a família pedisse a exumação: um medalhão esquecido por engano dentro do caixão. Qual não foi o assombro dos assistentes quando, ao abrir o esquife, observaram que o corpo havia mudado de posição, estando agora virado de bruços, e – coisa horrível! – que uma das mãos fora em parte comida pelo defunto. Tornou-se evidente que o infeliz Antonio B. havia sido enterrado vivo, vindo a sucumbir atormentado pelo desespero e pela fome.

Ao ser evocado na Sociedade Espírita de Paris em agosto de 1861, a pedido de um de seus parentes, o sr. Antonio B. deu as seguintes explicações:

1. [Evocação.]

R. Que desejais de mim?

2. Um de seus parentes pediu-nos que evocássemos o senhor, o que fazemos com prazer. Ficaremos felizes se quiser responder-nos.

R. Sim, com prazer.

3. Lembra-se das circunstâncias da sua morte?

R. Oh! Lembro-me, certamente! Mas por que despertar a lembrança do castigo?

4. É verdade que foi enterrado vivo por engano?

R. Não havia como ser de outra forma, porque a morte aparente teve todas as características de uma morte real – eu estava quase exangue.²²⁴ Não se deve imputar a ninguém algo programado desde antes do meu nascimento.

5. Se tais perguntas incomodam-no, devemos interrompê-las?

R. Não, podeis continuar.

6. Gostaríamos de saber se está feliz, pois deixou uma reputação de homem de bem.

R. Agradeço-vos muito e sei que orareis por mim. Vou esforçar-me para responder. Mas, se não me for possível, um de vossos guias habituais há de substituir-me.

7. Poderia descrever as sensações que experimentou naqueles terríveis momentos?

R. Oh! Que prova dolorosa! Sentir-me trancado num caixão sem poder virar-me ou mudar de lugar; não conseguir gritar por ter a voz embargada num ambiente sem ar. Oh! Que tortura a de um infeliz que se esforça inutilmente para respirar num espaço reduzido e sem oxigênio! Ai de mim! Eu era qual um condenado à boca de um forno, exceto pelo calor. Oh! Não desejo a ninguém semelhante tortura! Não, não desejo a ninguém um fim como o meu! Foi uma cruel punição por uma existência cruel e feroz! Não saberia dizer exatamente no que pensava então, apenas que mergulhava no passado, entrevedo vagamente o futuro.

8. O senhor mencionou a expressão *cruel punição por uma feroz existência*, mas a sua ilibada reputação não nos permitiria supor nada parecido. Poderia explicar-nos isso?

R. O que é a duração de uma existência comparada à eternidade?! Decerto procurei agir corretamente em minha última encarnação. Mas esse final, eu o aceitara antes de retornar à humanidade. Oh! Por que me interrogar sobre um passado doloroso, que apenas eu e os espíritos, ministros do Todo-Poderoso, conhecíamos? Mas, como é preciso que vos conte, sabeis que, numa existência anterior, eu havia emparedado uma mulher viva – a minha esposa – em uma adega subterrânea! Foi a pena de talião, que a mim deveria ser aplicada. Olho por olho, dente por dente.

224. Privado de sangue. Descoloração da pele devido à privação de sangue. (N. do A.)

9. Agradecemos-lhe por ter concordado em responder às nossas perguntas e rogamos a Deus que lhe perdoe o passado em atenção ao mérito da sua última existência.

R. Voltarei mais tarde. Agora o espírito Erasto gostaria de dar alguns esclarecimentos complementares.

Instrução do guia do médium

O que deveis aqui tirar de ensinamento é que todas as vossas existências são solidárias, que nenhuma é independente das outras. As tribulações, as confusões e as grandes dores que atingem os homens são sempre consequência de uma vida anterior criminosa ou mal empregada. Entretanto, é preciso que vos diga que desfechos como este de Antonio B. são raros, e se este homem – cuja última existência foi isenta de crítica – morreu dessa forma, foi porque ele mesmo havia solicitado uma morte semelhante²²⁵, a fim de abreviar seu tempo na erraticidade e atingir mais rapidamente as esferas superiores. De fato, após um período de perturbação e sofrimento moral para a expiação de seu crime hediondo, este há de ser-lhe perdoado, quando então ele poderá elevar-se a um mundo melhor, onde reencontrará sua vítima, que espera por ele e que já o perdeu há muito tempo. Sabei, portanto, tirar proveito deste exemplo cruel, para suportar com paciência – oh, meus queridos espíritos! – os sofrimentos físicos e morais, bem como todas as pequenas misérias da vida!”

P. Que proveito a humanidade pode tirar de semelhantes punições?

R. Os castigos não são aplicados para o desenvolvimento da humanidade, mas para punir o indivíduo culpado. Realmente, a humanidade não

225. As vidas sucessivas são sempre solidárias entre si. O erro dos dogmas está em interpretar as vicissitudes de uma vida como castigo para pagar as faltas de vidas passadas. Por esse raciocínio, Deus exigiria o sofrimento para pôr fim à culpa. Essa falsa ideia surge pela distorção do orgulho do culpado interessado em diminuir a sua responsabilidade. Sendo o sofrimento uma consequência natural, somente o sincero arrependimento poderá revertê-lo. Assim, as tribulações são, ou oportunidades para o desperta do entendimento, ou escolhas de provas com vistas a superar a imperfeição. Essa é a real relação entre as vidas anteriores e a presente. (N. do E.)

tem nenhum interesse em ver sofrer um dos seus. Neste caso, a punição foi apropriada à falta cometida. Por que há loucos, cretinos e paralíticos? Por que alguns morrem queimados? E outros que vivem durante anos a tortura de uma longa agonia, entre a vida e a morte? Oh! Crede-me! Respeitai a soberana vontade e não sondeis o propósito dos desígnios da Providência! Aprendei isto: Deus é justo e faz bem o que faz.

Erasto

Não existe neste caso um grande e grave ensinamento? Vemos que a justiça divina alcança sempre o culpado e, ainda que tarde algumas vezes, nunca deixa de seguir o seu curso. Não é altamente edificante saber que, mesmo que grandes culpados acabem sua existência de forma tranquila e muitas vezes na abundância dos bens terrestres, a hora da expiação cedo ou tarde a eles chegará? Compreendem-se penas de tal natureza não só porque estão ao alcance de nossos olhos, mas por serem lógicas. Acreditamos nelas porque a razão as sanciona.

Uma existência honrosa, portanto, não nos exime das provas da vida, porque as escolhemos ou aceitamos como complemento de expiação. É o saldo de uma dívida que devemos pagar antes de receber o prêmio pelo progresso realizado²²⁶.

Se considerarmos como eram frequentes nos séculos passados – mesmo nas classes mais elevadas e mais esclarecidas – os atos de barbárie que hoje tanto nos revoltam; se nos dermos conta de quantos assassinios eram cometidos nesses tempos de menosprezo pela vida do semelhante, tempos em que o forte esmagava o fraco inescrupulosamente; se levarmos tudo isso em consideração, compreenderemos quantos devem existir, entre os homens de nossos dias, que têm algo do passado a purificar. Assim, não nos espantará mais o número considerável de pessoas a morrer em acidentes isolados ou em catástrofes coletivas. O despotismo, o fanatismo, a ignorância e os preconceitos da Idade Média e dos séculos que se seguiram legaram às gerações

226. A expiação é sempre um processo de conscientização e superação dos hábitos equivocados pelo esforço da vontade. Está nas faculdades da alma a chave do aperfeiçoamento espiritual. Sempre Deus age por meio de leis naturais. Faz parte das fantasias do homem orgulhoso do velho mundo os dogmas de castigo divino, queda, penas eternas. O Espiritismo surge para segundar a revolução moral, complemento da conquista do pensamento científico pela humanidade. Os tempos estão chegados! (N. do E.)

futuras uma dívida imensa que ainda não foi liquidada. Muitas desgraças não nos parecem merecidas porque enxergamos apenas o momento atual²²⁷.

SR. LETIL

O sr. Letil, industrial dos arredores de Paris, morreu de forma horrível em abril de 1864. Uma caldeira fervente de verniz pegou fogo e tombou sobre ele. Num piscar de olhos, o sr. Letil foi coberto pelo verniz ardente e compreendeu de imediato que estava perdido. Achando-se, naquele momento, na oficina apenas com um jovem aprendiz, ele teve ainda ânimo de dirigir-se à sua casa, distante mais de duzentos metros. Quando recebeu os primeiros socorros, certas áreas queimadas soltavam-se, deixando a descoberto os ossos de uma parte do corpo e da face. Ele viveu assim ainda por doze horas, padecendo os mais duros sofrimentos, conservando, apesar de tudo, a presença de espírito até o último momento, aproveitando para pôr seus negócios em ordem com perfeita lucidez. Durante sua cruel agonia, ele não se lamentou, não fez queixa alguma e morreu orando a Deus. Era um homem muito honrado, de caráter afável e benevolente, amado e estimado por todos os que o conheciam. Ele havia abraçado as ideias espíritas com entusiasmo, mas não de maneira sempre refletida, razão por que, mesmo sendo médium, foi vítima de numerosas mistificações, que, entretanto, não lhe abalaram a fé. A confiança no que os espíritos lhe diziam beirava por vezes a ingenuidade.

Evocado na Sociedade Espírita de Paris em 29 de abril de 1864, poucos dias depois de sua morte, e ainda sob a impressão do terrível acidente de que fora vítima, deu a seguinte comunicação:

Toma-me uma profunda tristeza! Ainda aterrorizado com minha morte trágica, imagino-me sob a lâmina de um carrasco. Oh! Como sofri, como sofri! Estou trêmulo e parece que ainda sinto o cheiro nauseante que mi-

227. Essa explicação de Allan Kardec apresenta a figura de que as desgraças do nosso tempo representam a oportunidade de reflexão coletiva sobre as leis naturais que regem a moral. O nosso planeta está em transição de fase entre a de expiações e provas e a de regeneração, quando o bem tenderá ao predomínio, e a humanidade já poderá entrever o futuro de paz, harmonia e felicidade que lhe está reservado. (N. do E.)

nhas carnes queimadas espalhavam, envolvendo-me. Uma agonia de doze horas que padeceste, meu espírito culpado! Mas que suportaste sem queixas, e assim receberás o perdão de Deus.

Oh, minha bem-amada! Não chores mais por mim, minhas dores logo diminuirão. Eu não sofro mais, de fato, mas a lembrança equivale à realidade. Meu conhecimento sobre o Espiritismo ajuda-me muito. Vejo agora que, sem esta amável crença, teria permanecido no delírio em que fui lançado por esta morte horrível.

Tenho, porém, um consolador que não me deixa desde o meu último suspiro. Eu ainda conseguia falar quando já o via perto de mim. Imaginei fosse um reflexo de minhas dores, causando-me vertigens e mostrando-me fantasmas. Mas não, era meu anjo da guarda que, silencioso e mudo, consolava-me pelo coração. Assim que dei adeus à Terra, disse-me: “Vem, meu filho, vem rever o dia”. Respirei mais livremente, acreditando sair de um sonho aterrorizante. Perguntei por minha bem-amada esposa e por meu corajoso filho, que a mim se dedicara. “Todos estão na Terra”, disse-me ele, “e tu, meu filho, tu estás entre nós!”. Busquei minha casa. O anjo ali deixou-me entrar, sempre a acompanhar-me. Vi todos chorando, tudo triste e enlutado naquela casa outrora tranquila. Não agüentei por muito tempo a visão do doloroso espetáculo. Muito emocionado, disse a meu guia: “Oh, meu bom anjo, saíamos daqui!”, ao que o anjo respondeu: “Sim, saíamos e procuremos o repouso”.

Desde então, sofro menos. Se não visse minha esposa inconsolável e meus amigos tão tristes, eu seria quase feliz.

Meu bom guia, meu querido anjo, fez-me ver a causa de uma morte tão dolorosa, e para vosso ensinamento, meus filhos, vou confessá-la.

Há dois séculos, fiz queimar na fogueira uma jovem, que tinha entre doze e catorze anos, inocente como se é em tal idade. De que era acusada? Oh! De haver sido cúmplice de uma intriga contra a política da Igreja. Eu era um juiz inquisidor italiano. Como os carrascos não ousassem tocar o corpo da pobre criança, fui eu mesmo juiz e carrasco. Oh, justiça, justiça de Deus, como és grande! Submetendo-me a ti, prometi a mim mesmo não vacilar no dia da prova, e tive forças para manter a palavra. Não me queixei, e Vós me perdoastes, oh, meu Deus! Quando, porém, a lembrança de minha pobre e inocente vítima poderá apagar-se de minha memória? Essa lembrança é que me faz sofrer! É preciso que também ela me perdoe.

Oh, vós, filhos da nova doutrina, às vezes dizeis: ‘Nós não nos lembramos do que fizemos anteriormente, razão por que não podemos evitar os erros a que nos expomos pelo esquecimento do passado’. Oh, meus irmãos! Dai graças a Deus. Se Ele mantivesse em vós a lembrança do passado, não teríeis tranquilidade alguma na Terra. Perseguidos incessantemente pela vergonha e pelo remorso, poderíeis ter um momento de paz sequer?

O esquecimento é uma bênção. A lembrança, neste caso, é uma tortura. Em mais alguns dias, como recompensa pela paciência com que suportei minhas dores, Deus há de conceder-me o esquecimento da falta. Eis a promessa que o meu bom anjo acaba de fazer.

O caráter do senhor Letil, em sua última existência, comprova o quanto seu espírito evoluiu. Sua conduta foi o resultado do arrependimento e das boas decisões que tomara. Mas isto não era suficiente. Faltava coroar suas resoluções com uma grande expiação: era preciso que ele sofresse como homem encarnado o que fizera sofrer a outrem. A resignação diante do terrível evento era para ele a maior prova, e felizmente ele não falhou. O conhecimento do Espiritismo certamente muito contribuiu para sustentar-lhe a coragem, por conta da fé sincera que lhe proporcionou na vida futura. Ele sabia que as dores da vida são provas e expiações, e a elas submeteu-se sem murmurar, dizendo: “Deus é justo. Por certo eu o mereci”.

UM MÉDICO AMBICIOSO

A sra. B., de Bordeaux, não passou pelas comoventes angústias da miséria, mas foi, por toda a vida, vítima de dores físicas em consequência das numerosas doenças graves que a acometeram desde os cinco meses de idade. Por setenta anos, e quase anualmente, alguma moléstia a levava à beira da morte. Tendo sido por três vezes envenenada em experiências que uma ciência inconsequente fez com ela, seu organismo, debilitado tanto pelos remédios quanto pelas doenças, deixou-a até o fim de seus dias entregue a sofrimentos intoleráveis, que nada conseguia atenuar. Sua filha, espírita-cristã e médium, pedia a Deus, em suas preces, que aliviasse suas provas cruéis, mas seu guia espiritual disse-lhe que simplesmente pedisse forças para sua mãe suportá-las com paciência e resignação, ditando-lhe as seguintes instruções:

Tudo tem a sua razão de ser na existência humana. *Dos sofrimentos que causastes não há um só que não encontre eco nos sofrimentos por que passais; nenhum de vossos excessos que não encontre contrapartida em uma de vossas privações; uma lágrima que caia de vossos olhos sem que seja para abluir uma falta, por vezes um crime. Enfrentai, portanto, com paciência e resignação as vossas dores físicas e morais, por mais cruéis que vos pareçam, e lembrai do lavrador, de membros alquebrados pela fadiga, mas que prossegue na lida sem parar, por sempre imaginar diante de si as espigas douradas que serão o resultado de sua perseverança. Tal é o destino do infeliz que sofre na Terra. O desejo ardoroso da felicidade – que constituirá o fruto de sua paciência – torna-o forte diante das dores passageiras da humanidade.*

Assim acontece com tua mãe. Cada dor que ela aceita como expiação é uma nódoa de seu passado que se apaga, e quanto mais cedo todas as manchas apagarem-se, mais cedo ela será feliz. *A falta de resignação torna o sofrimento inútil*, porque faz com que as provas precisem ser retomadas. Portanto, o mais útil para ela é coragem e submissão, é isso que se deve pedir a Deus e aos bons espíritos para ela.

Tua mãe foi outrora um médico inteligente, que vivia em meio ao conforto, cobrindo-se de dádivas e de honras. Esse médico ambicionava glórias e riquezas e almejava alcançar o apogeu da Ciência – não com a intenção de aliviar seus irmãos, pois não era filantropo, mas apenas de aumentar a sua reputação, e, por conseguinte, sua clientela –, de forma que a nada se furtava com o objetivo de levar adiante as suas investigações. Com o intuito de estudar o processo das convulsões, provocou-as na própria mãe, martirizando-a em seu leito de dor. Aqui, a criança era submetida a experiências que lhe dariam a chave de determinados fenômenos; ali, o velho via o seu fim precipitado; acolá, era o homem vigoroso que se sentia enfraquecer pelo estudo dos efeitos de tal ou qual substância; experimentos todos levados a cabo sem que as infelizes vítimas sequer desconfiassem. A satisfação da cupidez e do orgulho, assim como a sede de ouro e fama foram as causas de sua conduta. Foram necessários séculos e terríveis provações para domar esse espírito orgulhoso e ambicioso, até que o arrependimento desse início a seu programa de regeneração. A reparação ruma ao fim, porque as provas desta última existência são suaves se comparadas àquelas por que já passou. Coragem, portanto, pois se a pena

foi longa e cruel, a recompensa concedida pela paciência, pela resignação e pela humildade será grande.

Coragem, todos vós que sofreis! Considerai quão breve é vossa existência material. Pensai nas alegrias da eternidade. Invocai a esperança, essa amiga dedicada de todo coração sofredor. Invocai a fé, irmã da esperança, a fé que vos mostra o Céu onde a esperança permite que entreis antes do tempo. Invocai igualmente esses amigos enviados pelo Senhor, amigos que vos cercam, sustentam e amam, e cuja solicitude constante encaminha-vos na direção daqueles que haveis ofendido, ao transgredir as leis divinas.

Após a sua morte, a sra. B. transmitiu, tanto à sua filha como à Sociedade Espírita de Paris, várias comunicações que refletem as mais elevadas qualidades e que confirmam os fatos narrados.

UM DEFICIENTE MENTAL

Sociedade Espírita de Paris, 1860.

Charles de Saint-G., era um menino deficiente mental de treze anos de idade, ainda encarnado, cujas faculdades intelectuais eram limitadíssimas, a ponto de nem mesmo reconhecer os pais e mal conseguir alimentar-se sozinho. Nele ocorrera a completa paralisia do desenvolvimento orgânico.

1. [A São Luís] Poderia dizer-nos se é possível evocar o espírito dessa criança?

R. Sim, podeis evocá-lo como se evocásseis o espírito de um morto.

2. A resposta do senhor leva-nos a supor que a evocação pode ser feita a qualquer momento, é verdade?

R. Sim, sua alma prende-se ao corpo por laços materiais, não por laços espirituais. Ela pode sempre desligar-se.

3. [Evocação de Charles de Saint-G.]

R. Sou um pobre espírito preso à Terra, qual ave presa pelo pé.

4. Em seu estado atual, como espírito, tem consciência de seu estado de invalidez na Terra?

R. Sim, sinto claramente o meu cativoiro.

5. Quando seu corpo dorme, desligando-se o seu espírito, tem as ideias tão lúcidas como se estivesse em estado normal?

R. Quando o meu infeliz corpo repousa, sou um pouco mais livre para elevar-me em direção ao céu, onde respiro.

6. Experimenta, como espírito, uma sensação penosa por conta de seu estado físico?

R. Sim, já que é uma punição.

7. Recordar-se de sua existência anterior?

R. Oh, sim! Ela é a causa do meu exílio no presente.

8. Que existência foi essa?

R. A de um jovem libertino durante o reinado de Henrique III.

9. Disse que sua condição atual é uma punição. Ela não foi então sua própria escolha?

R. Não.

10. Como pode sua existência atual servir ao seu progresso no estado limitadíssimo em que se encontra?

R. Ela não é nula para mim diante de Deus, que a impôs.

11. Pode prever a duração de sua existência atual?

R. Não, mais alguns anos e voltarei à minha pátria.

12. Desde sua existência anterior até a encarnação atual, o que fez como espírito?

R. Como eu era um espírito leviano, Deus aprisionou-me.

13. Tem consciência, no estado de vigília, do que se passa ao redor, apesar da imperfeição de seus órgãos?

R. Eu vejo e ouço, mas o meu corpo não compreende nem vê nada.

14. Podemos fazer algo que lhe seja útil?

R. Nada.

15. [A São Luís] As preces por um espírito que está encarnado podem ter a mesma eficácia que por um espírito errante?

R. As preces sempre são boas e agradáveis a Deus. Nas condições em que se encontra este pobre espírito, elas não lhe podem servir para nada no momento, mas servirão mais tarde, porque Deus vai tê-las em conta.

Esta evocação confirma o que sempre foi dito sobre os deficientes mentais. Sua incapacidade intelectual não está ligada à incapacidade do espírito, que – se não le-

varmos em consideração os órgãos físicos – desfruta de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos é apenas um obstáculo à livre manifestação dos pensamentos, ela não os elimina. É como um homem vigoroso cujos membros estivessem limitados por algemas.

Instrução de um espírito sobre a deficiência mental e sobre o cretinismo, dada na Sociedade Espírita de Paris:

Os deficientes mentais são seres punidos na Terra pelo mau uso que fizeram de faculdades poderosas. Eles têm a alma encarcerada num corpo cujos órgãos são incapazes de expressar seus pensamentos. Esse mutismo intelectual e físico é uma das mais cruéis punições na Terra. Muitas vezes ela é escolhida pelos espíritos arrependidos que querem expiar suas faltas. Essa provação não é improdutiva, porque o espírito não permanece estacionário em sua prisão de carne: seus olhos aparvalhados veem, seu cérebro atrofiado compreende, sem que nada, porém, possa se traduzir, seja pela palavra, seja pelo olhar. Exceto pelo movimento, encontram-se intelectualmente na situação dos letárgicos e dos catalépticos, que veem e entendem o que se passa à volta sem poder nada exprimir. Quando tendes esses terríveis pesadelos em que sonhais que quereis fugir de um perigo, em que soltais gritos para pedir socorro, enquanto vossa língua fica presa ao céu da boca e vossos pés ao chão, experimentais por um instante o que o cretino experimenta todo o tempo: *a paralisia do corpo conexas à vida do espírito.*

Quase todas as enfermidades têm, assim, a sua razão de ser. Nada ocorre sem causa, e o que considerais como uma injustiça do destino é a aplicação da mais alta justiça. A loucura também é uma punição pelo abuso de elevadas faculdades. O louco tem duas personalidades: a que delira e a que tem consciência de seus atos, sem poder governá-los. Quanto aos cretinos, a vida contemplativa e isolada de suas almas, sem as distrações do corpo, pode também ser agitada por eventos, como no caso das existên-

cias mais complicadas. Alguns revoltam-se contra seu suplício voluntário, lamentando tê-lo escolhido e sentindo um desejo furioso de voltar a uma outra vida, desejo que os faz esquecer a resignação com a vida presente e o remorso da vida passada que guardam na consciência. Pois os cretinos e os loucos sabem mais que vós, escondendo-se sob sua incapacidade física um poder intelectual do qual não fazeis ideia alguma. Os atos de furor ou de imbecilidade a que se entrega o corpo são julgados pelo ser interior, que com eles sofre e deles se envergonha. Assim, ridicularizá-los, injuriá-los, ou mesmo maltratá-los, como algumas vezes acontece, é aumentar-lhes o sofrimento, porque os faz sentir mais duramente a própria fraqueza e degradação. Se pudessem, acusariam de covardia os que agem dessa forma, por saberem que suas vítimas são indefesas.

O cretinismo não é uma das leis de Deus e a Ciência pode fazê-lo desaparecer, pois é o resultado material da ignorância, da miséria e da falta de higiene. Os novos processos de saneamento básico e higiene que a Ciência, tornada mais prática, pôs ao alcance de todos, tendem a erradicá-lo. Sendo o progresso a condição expressa da humanidade, as provas impostas serão modificadas e seguirão a marcha dos séculos. Passarão a ser todas morais, e, logo que a vossa Terra, jovem ainda, houver passado por todas as fases de sua existência, virá a ser uma morada de felicidade, como outros planetas mais adiantados.

Pierre Jouty, pai do médium.

Houve um tempo em que se punha em discussão a alma dos cretinos. Perguntava-se, então, se eles realmente pertenciam à espécie humana. O modo que são vistos hoje dentro da perspectiva do Espiritismo não é moralmente elevado, constituindo um grande ensinamento? Não temos aqui um assunto para sérias reflexões ao pensarmos que esses corpos limitados encerram almas que talvez tenham brilhado no mundo? Que suas almas são tão lúcidas e pensam tanto quanto as nossas, sob o espesso invólucro que lhes sufoca as manifestações, e que um dia o mesmo pode acontecer conosco, se abusarmos das faculdades que nos concedeu a Providência?

Além disso, como explicar o cretinismo de modo que esteja de acordo com a justiça e a bondade de Deus sem admitir a pluralidade das existências? Se a alma não viveu antes, é porque ela é criada ao mesmo tempo que o corpo – nessa hipó-

tese, como justificar a criação de almas tão desfavorecidas, como as dos cretinos, por um Deus justo e bom? Pois, nesse caso, não se trata de um desses acidentes, como a loucura, que se pode prevenir ou curar: esses seres nascem e morrem na mesma situação. Não tendo eles nenhuma noção do bem e do mal, qual é o seu destino na eternidade? Serão felizes do mesmo modo que os homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que tal favorecimento, já que tampouco fizeram bem algum? Ficarão no que se chama *limbo*, ou seja, em um estado misto, que não é nem a felicidade nem o infortúnio? Mas por que essa inferioridade eterna? É culpa deles se Deus os criou cretinos? Desafiamos todos aqueles que se recusam a aceitar a doutrina da reencarnação a saírem de tal impasse. Com a reencarnação, ao contrário, o que parece uma iniquidade transforma-se em admirável justiça. O que é inexplicável explica-se da maneira mais racional.

Ademais, jamais vimos aqueles que combatem a ideia da reencarnação utilizarem-se de outro argumento que não fosse o da objeção pessoal a retornar à Terra. Ao que lhes respondemos: “Para mandar-vos de volta à Terra, Deus não pede a vossa permissão, assim como o juiz não indaga a opinião do condenado para enviá-lo à prisão”. Cada qual tem a possibilidade de não precisar retornar à Terra, bastando para isso aperfeiçoar-se o bastante para merecer ascender a um mundo mais elevado. Nesses mundos felizes, porém, o egoísmo e o orgulho não são admitidos. Portanto, é para que nos livremos dessas enfermidades morais que precisamos trabalhar, se quisermos avançar.

Sabe-se que, em certos lugares, os cretinos, longe de serem alvo de desdém, são cercados de generosa atenção. Tal sentimento não resultaria de uma intuição do verdadeiro estado desses desafortunados, tanto mais dignos de atenção quanto – uma vez que tais espíritos compreendem a situação em que se encontram – muito devem sofrer ao serem rejeitados pela sociedade?

Considera-se até, nesses lugares, como um favor e uma bênção ter um desses seres em uma família. Superstição? É possível, porque entre os ignorantes a superstição mistura-se às ideias mais santas, de que não se dão conta. De qualquer forma, porém, para os pais é uma ocasião de exercer uma caridade tanto mais meritória, pois, sendo em geral pobres, ela constitui um encargo sem retorno material. Há mais mérito em cobrir de cuidados afetuosos uma criança desfavorecida do que aquela cujas qualidades possam oferecer algum tipo de compensação. Ora, a caridade do coração, sendo uma das virtudes mais agradáveis a Deus, sempre atrai a sua bênção para os que a praticam. Tal sentimento inato entre essa gente equivale à

prece: “Obrigado, meu Deus, por nos ter dado como prova um ser fraco a sustentar, um aflito a consolar”²²⁸.

ADÉLAÏDE-MARGUERITE GOSSE

Era uma humilde e pobre criada que vivia perto de Harfleur, na Normandia. Aos onze anos de idade, começou a trabalhar para ricos pecuaristas da região. Poucos anos depois, uma inundação do rio Sena carregou todo o gado, afogando-o. Outras adversidades sobrevieram, lançando seus senhores na miséria. Adélaïde atrelou sua sorte à deles: silenciando o egoísmo e ouvindo apenas o seu bondoso coração, convenceu-os a aceitar quinhentos francos que ela economizara, continuando a servi-los, sem salário. Depois que seus patrões morreram, ela dedicou-se a uma filha que deixaram, viúva e sem recursos. Adélaïde trabalhava no campo, levava para casa o soldo. Casou-se e, juntando o salário do marido ao dela, passaram ambos a sustentar a pobre mulher, a quem sempre chamou de *sua senhora!* Esse sublime sacrifício durou cerca de meio século.

A Sociedade Beneficente de Rouen não deixou no esquecimento essa mulher digna de tanto respeito e de admiração, outorgando-lhe uma medalha de honra e uma recompensa em dinheiro. As lojas maçônicas do Havre associaram-se igualmente ao testemunho de estima, oferecendo-lhe uma pequena importância para auxiliá-la. Por fim, também a administração local ofereceu discreta assistência, de modo a não lhe ferir a suscetibilidade.

Um ataque de paralisia levou essa alma benfazeja de forma célere e sem sofrimento. As últimas homenagens foram-lhe prestadas de maneira sim-

228. A autonomia moral, segundo o Espiritismo, expõe o fato de que a humanidade se constitui de espíritos em diversas fases evolutivas, todas lutando por seu aperfeiçoamento. Cada vida tem um objetivo em si, cada tribulação é um recurso para o entendimento. A vida humana, em nosso planeta, é uma escola. Não há lugar para qualquer tipo de preconceito, todos devem ter oportunidade. O portador de deficiência mental, pode ser um espírito de elevada inteligência, vivenciando uma prova ou expiação para seu aperfeiçoamento. Que dedica sua vida a cuidar de um ser, deve se honrar pela oportunidade, pois por sua dedicação será solidariamente feliz, após esta vida. A inclusão, o respeito pela diversidade, o respeito pelos menos evoluídos, a proteção aos mais fracos e simples, tudo isso faz parte do mundo novo, e será a conquista da educação moral que o Espiritismo propõe. (N. do E.)

ples, mas digna, colocando-se o secretário da administração municipal à frente do séquito.

(Sociedade de Paris, 27 de dezembro de 1861)

[Evocação:] Pedimos a Deus Todo-Poderoso que permita ao espírito Marguerite Gosse comunicar-se conosco.

R. Sim, Deus houve por bem conceder-me esta graça.

P. Estamos felizes em poder dar testemunho de nossa admiração pela conduta que a senhora teve durante sua vida na Terra e esperamos que tal abnegação tenha recebido a recompensa.

R. Sim, Deus teve muito amor e misericórdia para com esta sua serva. O que fiz, e que achais admirável, era muito natural.

P. Para nossa instrução, poderia dizer qual o motivo da humilde posição que ocupou na Terra?

R. Eu havia ocupado, em duas existências sucessivas, uma posição bastante elevada. A prática do bem era fácil para mim, que o fazia sem sacrifícios, pois era rica. Percebi, entretanto, que avançava lentamente, razão por que pedi para voltar à Terra em condições bem humildes, nas quais eu mesma teria que lutar contra as privações. Para isso preparei-me durante muito tempo. Deus alimentou-me coragem e pude alcançar o objetivo a que me propusera, graças à ajuda espiritual que me foi concedida por Deus.

P. Voltou a ver seus antigos patrões? Diga-nos, por favor, qual é a sua posição com relação a eles. Considera-se ainda subordinada a eles?

R. Sim, eu os revi. Quando cheguei, eles aqui estavam. Digo-vos humildemente que me consideram muito superior a eles.

P. Tinha a senhora um motivo particular para ligar-se a eles e não a outras pessoas?

R. Nenhum motivo específico obrigava-me. Eu teria atingido o meu objetivo em outro ambiente. Para retribuir-lhes uma dívida de reconhecimento foi que os escolhi. Outrora haviam sido bons para mim, ajudando-me.

P. Que futuro pressente para si?

R. Espero reencarnar num mundo em que se desconheça a dor. É possível que me julgueis muito presunçosa, mas respondo-vos com todo o vigor do meu coração. De qualquer forma, remeto a questão a Deus.

P. Agradecemos por atender ao nosso chamado e estamos certos de que Deus a cumulará de bênçãos.

R. Obrigada. Que Deus vos abençoe, permitindo a todos, ao desencarnar, experimentar as alegrias tão puras quanto as que me foram concedidas.

CLARA RIVIER

Clara Rivier era uma menina de dez anos de idade que pertencia a uma família de camponeses numa aldeia do sul da França. Encontrava-se completamente doente havia quatro anos. Durante sua vida nunca se lamentou ou deu sinal de impaciência. Embora sem instrução, ela consolava a família aflita, falando sobre a vida futura e sobre a felicidade que ali deveria encontrar. Veio a morrer em setembro de 1862, após quatro dias de torturas e de convulsões, durante os quais não deixou de orar a Deus. Dizia: “Eu não tenho medo da morte, pois depois dela uma vida de felicidade está reservada para mim”. A seu pai, que chorava, falava: “Console-se, eu voltarei para visitá-lo. Sinto que minha hora está próxima, mas, quando chegar, eu saberei antes e avisarei”. De fato, quando o momento fatal era iminente, ela convocou os familiares e disse: “Não tenho mais que cinco minutos de vida. Deem-me todos as mãos”. E morreu como havia anunciado.

Desde então, um espírito batador tem vindo visitar a casa do casal Rivier, causando grande transtorno. Bate na mesa como se usasse uma marreta, agita cortinas, revira a louça. Esse espírito se apresenta com a aparência de Clara à sua irmãzinha, que tem apenas cinco anos. De acordo com a menina, Clara, sua irmã, falou-lhe diversas vezes, aparições que a fazem dar com frequência gritos de alegria e dizer: “Mas vejam como Clara está linda!”.

1. [Evocação de Clara Rivier.]

R. Estou junto de vós, disposta a responder.

2. De onde é que lhe vinham, sendo tão jovem ainda e sem instrução, os pensamentos elevados que demonstrava sobre a vida futura, antes de morrer?

R. Do pouco tempo que teria a passar no vosso mundo, assim como de minha encarnação anterior. Eu era médium quando deixei a Terra antes e médium novamente ao retornar entre vós. Era uma predestinação. Eu sentia e via o que falava.

3. Como se explica que uma criança com a sua idade não tenha feito nenhuma queixa durante quatro anos de sofrimentos?

R. Não me queixava porque o sofrimento físico era domado por uma força maior, a do meu anjo guardião, que eu podia ver continuamente perto de mim. Ele sabia aliviar tudo o que eu sentia, tornando a minha vontade mais forte que a dor.

4. Como soube com antecedência do momento de sua morte?

R. Meu anjo guardião avisou-me, ele jamais me enganou.

5. Disse a seu pai: “Console-se, eu voltarei para visitá-lo”. Como se explica que, com sentimentos tão bons por seus pais, venha atormentá-los depois da morte, causando desordem em sua casa?

R. Eu tenho uma prova, sem dúvida, ou, antes, uma missão a cumprir. Se venho rever meus pais acreditais que seja isso por nada? O barulho, a perturbação e o transtorno provocados por minha presença são uma advertência. Sou ajudada por outros espíritos cuja agitação tem um certo papel, como eu tenho o meu ao aparecer à minha irmã. Graças a nós, muitas convicções surgirão. Meus pais tinham que passar por uma provação. Em breve ela cessará, mas somente após terem levado a convicção a uma multidão de espíritos.

6. Não causa, portanto, pessoalmente, a perturbação?

R. Sou ajudada por outros espíritos que são úteis à prova reservada aos meus queridos pais.

7. Se não produziu essas manifestações, como pôde vossa irmã reconhecê-la?

R. Minha irmã viu somente a mim. Ela agora adquiriu uma segunda vista, e não será a última vez que minha presença virá consolá-la e encorajá-la.

8. Por que, ainda tão jovem, tantas enfermidades a afligiram?

R. Tinha faltas anteriores a expiar. Abusei da saúde e da brilhante posição que usufruíra em minha encarnação anterior. Deus disse-me, então: “Tu desfrutaste muito, desmedidamente, e sofrerás na mesma medida. Eras orgulhosa, serás agora humilde. Envaidecias-te de tua beleza, serás agora disforme; em vez da vaidade, lutará por adquirir a caridade e a bondade”. Agi conforme a vontade de Deus, contando com a ajuda de meu anjo guardião.

9. Deseja que se diga algo a seus pais?

R. A pedido de um médium, meus pais fizeram muita caridade. Eles estavam certos ao não orar apenas com os lábios. É preciso fazê-lo com a mão e com o coração. Dar aos que sofrem é orar, é ser espírita.

“Deus deu a todas as almas o livre-arbítrio, isto é, a faculdade de progredir. Deu a todas a mesma aspiração e é por isso que *o andrajo de retalhos está mais próximo do manto dourado de seda do que se crê geralmente*. Por isso diminuí as distâncias através da caridade. Franqueai ao pobre a entrada em vossa casa, encorajai-o e reerguei-o. Não o humilheis. Se se soubesse, por toda parte, praticar a grande lei da consciência, não haveria, em certas épocas, as grandes misérias que desonram os povos civilizados e que Deus envia para castigá-los e abrir-lhes os olhos.

“Queridos pais, orai a Deus. Amai-vos e praticai a lei do Cristo: não fazer aos outros o que não quereis que vos façam. Suplicai a Deus que vos submeta a provas, mostrando-vos que sua vontade é santa e grande como Ele. Preparai-vos para o futuro, armando-vos de coragem e perseverança, porquanto ainda sois chamados a sofrer. É preciso saber merecer uma boa posição num mundo melhor, onde a compreensão da justiça divina torna-se a punição dos espíritos maus.

“Estarei sempre ao vosso lado, queridos pais. Adeus, ou melhor, até breve. Tende resignação, caridade, amor aos vossos semelhantes e um dia sereis felizes.

Clara”

É um belo pensamento este: “o andrajo de retalhos está mais próximo do manto dourado de seda do que se crê geralmente”. É uma alusão aos espíritos que, de uma existência para outra, passam de uma posição brilhante para uma posição humilde ou miserável, pois muitas vezes expiam em um meio inferior o abuso que fizeram dos dons que Deus lhes concedera. É uma justiça que todos compreendem.

Um outro pensamento, não menos profundo, é o que atribui as calamidades dos povos ao desrespeito à lei de Deus, porque Deus castiga os povos assim como castiga os indivíduos. É certo que, se praticassem a lei de caridade, não haveria guerras ou grandes misérias. É à prática dessa lei que o Espiritismo conduz. Será, então, por isso que encontra inimigos tão ferozes? As palavras dessa menina a seus pais seriam aquelas de um demônio?

FRANÇOISE VERNHES

Cega de nascença, filha de um lavrador das proximidades de Toulouse, morreu em 1855 com a idade de 45 anos. Dedicava-se com afinco ao ensino

do catecismo às crianças, preparando-as para a primeira comunhão. Tendo sido mudado o catecismo, ela não teve dificuldade alguma para ensinar-lhes o novo, por conhecer ambos de cor. Numa noite de inverno, voltando de uma longa excursão em companhia de sua tia, tiveram as duas que atravessar uma floresta por caminhos íngremes e escorregadios. As duas mulheres precisaram andar com cautela à beira de escarpas. Sua tia queria conduzi-la pela mão, ao que ela redarguiu: “Não se preocupe comigo, não corro o risco de cair. Vejo sobre o ombro uma luz que me guia. Siga-me, sou eu quem nos conduzirá”. E assim elas terminaram a jornada sem incidentes, a cega conduzindo aquela que via.

Evocação em Paris, em maio de 1865.

P. Teria a bondade de explicar-nos essa luz que a guiava na noite escura e que era visível apenas à senhora?

R. Como assim? Pessoas como vós, que estão em contínuo contato com os espíritos precisariam de uma explicação para tal fato? Era meu anjo guardião que me guiava.

P. Também era essa a nossa opinião, mas desejávamos apenas confirmá-la. Tinha, naquela ocasião, consciência de que era o seu anjo guardião que lhe servia de guia?

R. Admito que não, conquanto acreditasse na proteção celeste. Durante tanto tempo roguei ao nosso Deus, bom e clemente, que tivesse piedade de mim. É tão cruel ser cego!... Sim, é muito cruel, mas reconheço também que é justo. Aqueles que pecam pelos olhos devem ser punidos pelos olhos, e assim com todas as faculdades de que os homens são dotados e das quais abusem. Portanto, não busqueis para os numerosos sofrimentos que afligem a humanidade outra causa que não aquela que lhes é natural: a expiação – expiação que só é meritória quando é suportada com submissão, podendo ser atenuada se atrairmos, através da prece, as influências espirituais que protegem os culpados da *penitenciária humana*, infundindo esperança e consolação nos corações aflitos e sofredores.

P. Tão dedicada que foi ao ensino religioso das crianças pobres, teve dificuldade para adquirir os conhecimentos necessários ao ensino do catecismo, que conhecia de cor, apesar da cegueira e ainda que o catecismo tivesse mudado?

R. Os cegos têm em geral os outros sentidos duplicados, se posso assim dizer, sendo a capacidade de observação uma de suas maiores faculdades por natureza. A memória é como um armário onde são colocados, ordenadamente e para sempre, os ensinamentos para os quais eles possuam as tendências e as aptidões. Nada do exterior sendo capaz de atrapalhar essa faculdade, daí resulta que ela pode ser desenvolvida de forma notável pela educação. Tal não era o meu caso, todavia, porquanto eu não havia recebido educação. Por conta disso, agradeço mais intensamente a Deus por haver consentido que tal faculdade tenha sido suficiente para que eu cumprisse a missão de dedicação às crianças, que constituía ao mesmo tempo uma reparação pelo mau exemplo que eu lhes dera em minha existência anterior. Tudo é assunto sério para os espíritas, que têm apenas que olhar ao redor para tal busca, mais útil, inclusive, do que se deixar mistificar pelas sutilezas filosóficas de certos espíritos, que se divertem lisonjeando-lhes o orgulho com frases de grande efeito, mas vazias de sentido.

P. Pela sua linguagem podemos constatar seu adiantamento moral, assim como sua conduta na Terra prova o seu adiantamento moral.

R. Ainda tenho muito a adquirir. Mas há inúmeras pessoas na Terra que passam por ignorantes porque lhes cobre a inteligência o véu da expiação. Mas, com a morte, caem todos os véus, e esses pobres ignorantes muitas vezes revelam-se mais instruídos do que aqueles a quem inspiravam desprezo. Acreditai, o orgulho é a pedra de toque pela qual se reconhecem os homens. Todos aqueles que tiverem o coração acessível à lisonja, ou que têm demasiada confiança no próprio conhecimento, estão no mau caminho. Geralmente não são sinceros, desconfiai deles. Sede humildes como o Cristo, e, como ele, carregai vossa cruz com amor, para que vos seja franqueada a entrada no reino dos Céus.

Françoise Vernhes

ANNA BITTER

Sofrer a perda de um filho adorado é uma dor cruel²²⁹. Mas ver seu único rebento – motivo das mais belas esperanças e em quem foram depositadas *todas* as afeições – a definhar sob seus olhos, apagando-se sem sofrimentos, por uma razão desconhecida, uma dessas impertinências da Natureza que zombam da Ciência, assim como haver esgotado inutilmente todas as alternativas possíveis e adquirido a certeza de que não há mais esperança alguma, e depois ainda sofrer essa angústia diária durante anos a fio, sem lhe entrever o fim, tudo isso constitui um suplício desumano que a riqueza agrava em vez de suavizar, ao desmoronar-se a esperança de vê-la ser desfrutada pelo ser querido.

Tal era a situação do pai de Anna Bitter, cuja alma fora tomada por um sombrio desespero, exasperando-se cada vez mais diante do espetáculo aflitivo, cujo desfecho só viria com o luto, ainda que em época indeterminada. Um amigo da família, adepto do Espiritismo, julgou que deveria interrogar seu espírito protetor a esse respeito, recebendo a seguinte resposta:

Muito desejo explicar-te o estranho fenômeno que tens diante dos olhos, porque sei que não me fizeste este pedido movido por uma curiosidade indiscreta, mas pela preocupação que tens por essa pobre criança e porque desta explicação extrairás para ti, que acreditas na justiça de Deus, um ensinamento útil. Aqueles que são alcançados pela justiça do Senhor devem curvar-se sem revolta, e menos ainda maldizer a justiça divina, que jamais castiga sem motivo. A pobre criança, cuja sentença de morte foi suspensa pelo Todo-Poderoso, regressará em breve ao nosso mundo, porque Deus apiedou-se dela. Quanto ao pai, homem infeliz, será punido na única afeição de sua vida, por ter escarnecido do coração e da confiança daqueles que o rodeiam. Houve um momento em que o seu arrependimento tocara

229. Vale lembrar aqui que o professor Rivail, como sua esposa Amélie Boudet, antes da pesquisa espírita, criaram uma menina, a pequena Louise. Depois de uma educação dedicada, moldada pela autonomia intelecto-moral, ela morreu em virtude de uma doença, ainda criança. Esse casal dedicou suas vidas integralmente à educação, “Da mais ampla tarefa – a educação de seu povo –, para a mais importante – a formação de uma criança” (*Nem Céu nem inferno – as leis da alma segundo o Espiritismo*, p. 222).

o Todo-Poderoso, e a morte deteve sua lâmina sobre a cabeça de seu ente amado. Mas o pai permitiu que lhe retornasse a revolta, e o castigo sempre acompanha a revolta. Felizes os que são punidos sobre a Terra! Orai, meus amigos, por essa pobre criança, cuja juventude dificultará o desenlace. A seiva é tão abundante nessa pobre criatura, apesar do seu estado de fraqueza, que a alma terá dificuldade para desprender-se. Oh, orai! Mais tarde ela há de assistir-vos, e consolar-vos, porque seu espírito é mais elevado que o dos que a cercam.

Por uma permissão especial do Senhor é que pude responder ao que tu me perguntaste, pois é preciso que esse espírito seja ajudado para que lhe seja mais fácil o desligamento.

O pai morreu após haver sofrido o vazio do isolamento com a perda da sua filha. Seguem-se as primeiras comunicações que deram após as suas mortes.

A filha:

Obrigada, meu amigo, por se interessar pela pobre criança e por seguir os conselhos de seu bom guia. Sim, graças às suas preces, pude deixar mais facilmente o meu invólucro terrestre, porque meu pai, infelizmente, não orava – maldizia! Entretanto, não lhe quero mal por isso, pois era a consequência de sua grande ternura por mim. Rogo a Deus conceda-lhe a graça de ser esclarecido antes de morrer. Eu o incentivo e encorajo. Minha missão é amenizar seus últimos instantes. Por vezes, um raio de luz divina parece penetrá-lo, mas é apenas um clarão passageiro, e logo ele retorna às suas ideias iniciais. Nele existe apenas uma semente de fé, abafada pelos interesses do mundo e que somente novas provas ainda mais terríveis poderão fazer germinar – ao menos é o que penso. Quanto a mim, tinha apenas um resto de expiação que deveria enfrentar, razão por que ela não foi muito dolorosa, nem muito difícil. Durante minha estranha doença, eu não sofria; eu era, antes de tudo, um instrumento de prova para meu pai, que sofria mais do que eu mesma, ao contemplar-me naquele estado. Eu estava resignada e ele não. Hoje sou recompensada por isso. Deus fez-me o favor de abreviar-me a estada na Terra, pelo que Lhe rendo graças. Sou feliz em meio aos bons espíritos que me cercam. Todos ocupamo-nos de nossas tarefas com alegria, porque a inatividade seria um suplício cruel.

O pai, cerca de um mês após a sua morte:

P. Nosso propósito, ao evocá-lo é o de nos informarmos sobre sua situação no mundo dos espíritos e para ser-lhe úteis, naquilo que estiver ao nosso alcance.

R. O mundo dos espíritos? Eu não o vejo. Vejo apenas os homens que conhecia, nenhum dos quais pensa em mim ou lamenta-me a morte. Pelo contrário, parecem estar contentes por terem se livrado de mim.

P. Tem consciência de sua situação atual?

R. Perfeitamente. Durante algum tempo pensei que ainda estivesse no vosso mundo, mas agora sei bem que não estou mais.

P. Como explicar, então, que não veja outros espíritos ao redor?

R. Não sei, embora esteja tudo claro ao meu redor.

P. Não voltou a ver a sua filha?

R. Não, ela está morta. É inutilmente que a procuro e chamo. Que vazio terrível sua morte deixou-me na Terra! Ao morrer, pensei que fosse certamente reencontrá-la, mas nada! Sempre a solidão à minha volta. Ninguém me dirige uma palavra de consolação ou de esperança. Adeus, vou procurar minha filha.

O guia do médium:

Este homem não era ateu ou materialista, mas daqueles que acreditam vagamente, sem se preocupar com Deus ou com o futuro, completamente absorvidos pelos interesses terrenos. Profundamente egoísta, sem dúvida ele teria sacrificado tudo para salvar a filha, mas igualmente teria sacrificado, sem escrúpulos, os interesses de terceiros em proveito próprio. Exceto pela filha, não nutria afeição por ninguém. Deus o puniu por isso, como o sabeis, tirando-lhe a única consolação na Terra. E, como não se arrependeu, sua filha também foi afastada dele no mundo dos espíritos. Ele não se interessava por pessoa alguma na Terra e aqui também ninguém se interessa por ele. Está só, abandonado: esta é a sua punição. Sua filha, entretanto, está ao seu lado, mas ele não a vê. Se a visse, não seria punido. Mas o que faz ele? Dirige-se a Deus? Arrepende-se? Não; reclama sempre, até blasfema, em suma, age como agia na Terra. Ajudai-o, pois, pela prece e através de bons conselhos, a libertar-se da própria cegueira.

UM ESPÍRITO CEGO

Joseph Maître pertencia à classe média e contava com meios suficientes para não ter preocupações com suas necessidades materiais. Seus pais deram-lhe uma boa educação e imaginavam que pudesse seguir carreira na indústria. Aos vinte anos de idade, no entanto, ele perdeu a visão. Morreu em 1845, perto dos cinquenta anos. Cerca de dez anos antes de sua morte, foi acometido por uma segunda enfermidade que o tornou completamente surdo, limitando sua interação com outras pessoas apenas ao tato. Não ver já era bem penoso, mas não mais poder ouvir era um cruel suplício adicional, pois, tendo desfrutado de todas as faculdades, sentia mais ainda os efeitos da dupla privação. O que teria feito para merecer essa triste sorte? Não foi por certo em sua última existência, porquanto nela sua conduta sempre havia sido exemplar: era bom filho, de temperamento meigo e benevolente; quando se viu também privado da audição, aceitou a nova prova com resignação e sem jamais lamentar-se. Suas palavras demonstravam uma perfeita lucidez de espírito e uma rara inteligência.

Uma pessoa que o havia conhecido, presumindo que se poderia extrair algum ensinamento útil de uma conversa com o seu espírito, decidiu então evocá-lo, recebendo dele a seguinte comunicação, em resposta às perguntas que lhe foram dirigidas.

(Paris, 1863.)

Meus amigos, agradeço-vos por terdes lembrado de mim, ainda que, possivelmente, nem sequer pensásseis em evocar-me, se não esperásseis tirar algum proveito de minha comunicação. Sei, no entanto, que um motivo mais sério vos anima, razão pela qual atendo com prazer ao vosso chamado, já que me é permitido fazê-lo, feliz por poder servir à vossa instrução. Que o meu exemplo possa juntar-se às provas tão numerosas da justiça de Deus que vos têm dado os espíritos.

Vós me conhecestes cego e surdo e perguntastes o que eu havia feito para merecer tal destino. Contarei. Sabei inicialmente que é a segunda vez que sou privado da visão. Em minha existência anterior, ocorrida no início

do século XVIII, fiquei cego aos trinta anos de idade, como resultado de excessos de todos os tipos que haviam arruinado minha saúde e enfraquecido meus órgãos. Já se tratava aí de uma punição por haver abusado dos abundantes dons que recebera da Providência. Mas, em vez de reconhecer-me causador da própria enfermidade, resolvi acusar a Providência, na qual, aliás, pouco acreditava. Blasfemei contra Deus, reneguei-O, acusei-O, alegando que, se Ele existisse, haveria de ser injusto e mau, por deixar sofrer assim as suas criaturas. Eu devia considerar-me feliz, no entanto, por não precisar mendigar o pão, como tantos outros cegos miseráveis. Não, eu pensava apenas em mim e na privação dos prazeres que me era imposta. Sob o domínio de tais ideias e de minha falta de fé, tornei-me ranzinza, exigente, insuportável com aqueles que me cercavam. Dali em diante, a vida não teve objetivos para mim. Não mais pensava no futuro, que considerava uma quimera. Após esgotar sem sucesso todos os recursos da Ciência e assegurar-me de que a cura era impossível, resolvi abreviar a vida e cometi suicídio.

Oh, Deus! Ao despertar encontrei-me mergulhado nas mesmas trevas que me marcaram a vida. Mas não demorei a reconhecer que não pertencia mais ao mundo físico, que eu era um espírito, porém cego²³⁰. O que significava, então, que a vida de além-túmulo era uma realidade! Em vão tentava sair de onde estava para lançar-me no nada, pois ia de encontro ao vazio! Se essa vida fosse eterna, como ouvira dizer, eu ficaria então por toda a eternidade em tal situação? Esse pensamento era amedrontador. Eu não sofria, mas é impossível descrever os tormentos e as angústias de meu espírito então. Quanto tempo isso durou? Não sei, mas como esse tempo pareceu-me longo!

Esgotado, exausto, voltei-me, por fim, para dentro de mim mesmo, analisando-me. Compreendi que uma força superior agia sobre mim, e

230. O espírito viveu a ilusão de estar cego após a morte em virtude da condição de revolta, sendo esse castigo proporcional à natureza e gravidade de sua condição. O objetivo está em compreender sua total responsabilidade, motivando-o a corrigir-se. O ocorrido com o espírito Joseph Maître é uma exceção. Um indivíduo cego, que vive essa experiência para seu aprendizado por ser simples, por uma prova escolhida, ou em sendo uma missão, em todos esses casos o espírito retoma a visão espiritual após a morte. (N. do E.)

pensei que, se essa força podia abater-me, podia também conceder-me alívio, e então implorei-lhe a piedade. À medida que eu orava, e que meu fervor aumentava, alguma coisa me dizia que aquela cruel situação teria um fim. E a luz, enfim, surgiu. Meu deslumbramento foi imenso quando entrevi as claridades celestes e divisei os espíritos que me cercavam, sorrindo com benevolência, e aqueles que flutuavam, radiosos, no Espaço. Quis seguir-lhes os passos, mas uma força invisível deteve-me. Então, um daqueles espíritos disse: ‘O Deus que negavas levou em conta o teu arrependimento, permitindo-nos restituir-te a luz; mas cedeste somente sob o guante do sofrimento e do cansaço. Se queres participar, de agora em diante, da felicidade que aqui existe, é preciso provar a sinceridade do teu arrependimento e dos teus bons sentimentos, recomeçando tua prova terrestre, *sob condições em que correrás o risco de reincidir nas mesmas faltas*, porquanto esta nova prova será ainda mais dura que a primeira’. Aceitei com entusiasmo, prometendo a mim mesmo não mais falhar.

Voltei, então, à Terra na existência que conheceis. Não foi difícil ser bom, pois eu não era mau por natureza. Revoltara-me contra Deus, e Deus puniu-me. Voltei à Terra *trazendo uma fé inata*, razão por que não me queixei contra Ele, aceitando minha dupla enfermidade com resignação e como uma expiação determinada pela soberana justiça. O isolamento em que fiquei durante meus últimos anos nada possuía de desesperador, porque eu tinha fé no futuro e na misericórdia de Deus. Esse isolamento foi aliás muito proveitoso, pois, durante essa longa noite em que tudo era silêncio, minha alma, mais livre, lançava-se ao Eterno, entrevendo o infinito pelo pensamento. Quando o meu exílio chegou ao fim, o mundo dos espíritos concedeu-me apenas esplendores e inefáveis venturas.

A comparação com o passado leva-me a considerar minha situação atual como relativamente muito feliz, pelo que dou graças a Deus. Mas, quando olho para o futuro, vejo como ainda estou longe da felicidade completa. Eu expiei, *falta-me ainda reparar. Minha última existência foi proveitosa unicamente para mim*. Espero recomeçar em breve uma nova existência em que possa ser útil aos outros. Será a reparação pela inutilidade de minha vida anterior. Somente assim avançarei na estrada bendita, aberta a todos os espíritos de boa vontade.

Eis aí a minha história, meus amigos. Se o meu exemplo puder esclarecer alguns dos meus irmãos encarnados, afastando-os do pântano em que caí, terei começado a pagar a minha dívida.

Joseph

FIM

